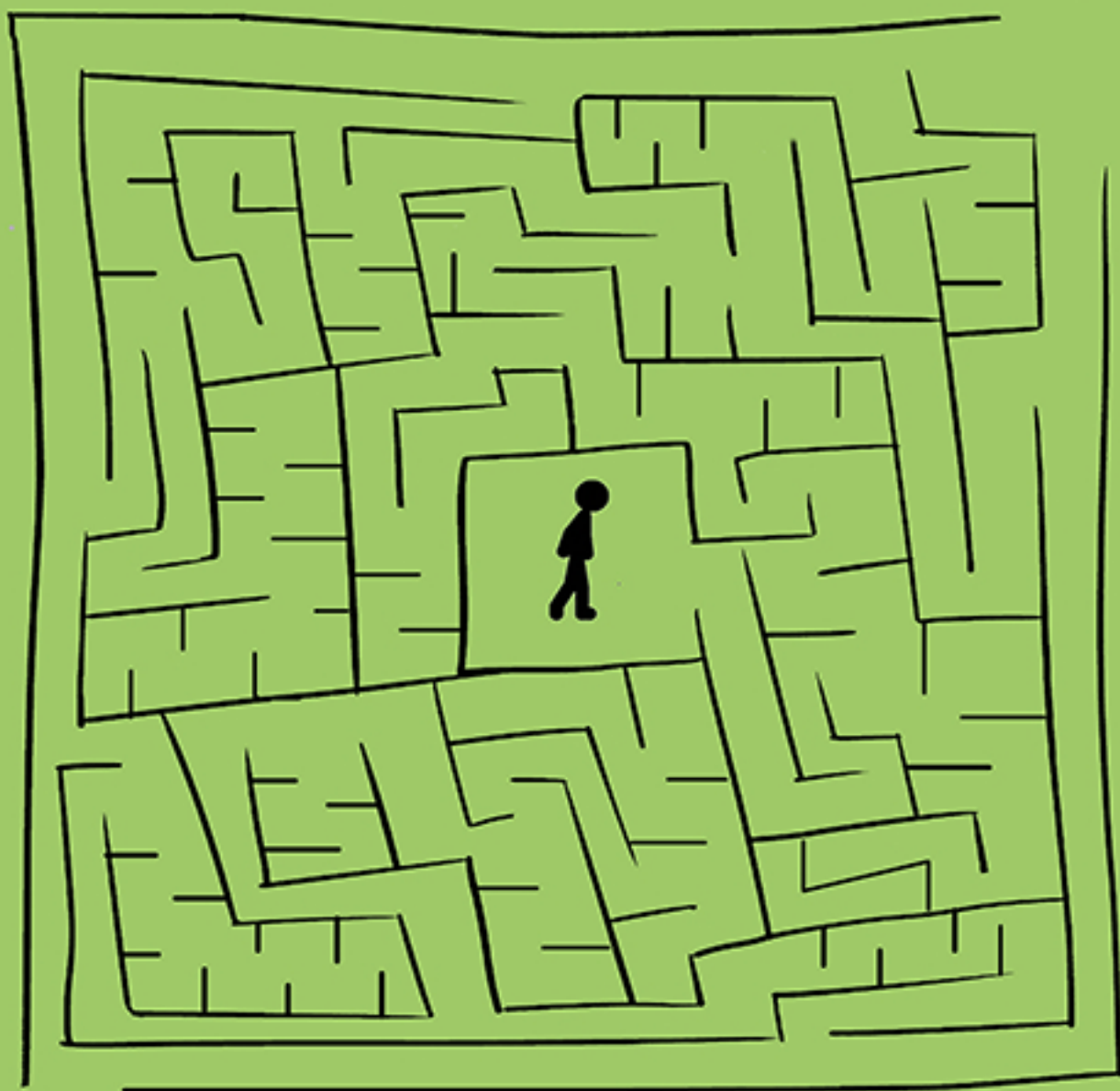


4ª edição



Ganchos, tachos e biscates

Jovens, trabalho e futuro

José Machado Pais

Prémio Gulbenkian de Ciência 2003



Edições Machado

Ganchos, tachos e biscates

Jovens, trabalho
e futuro

José Machado Pais

4ª edição

FICHA TÉCNICA

Ganchos, tachos e biscates: Jovens, trabalho e futuro

José Machado Pais

© 2016 / José Machado Pais/ Edições Machado

Todos os direitos reservados.

Autor: José Machado Pais

Contato: machado.pais@gmail.com

Capa do livro: Edições Machado

1ª edição: © 2001, Ambar

2ª edição: © 2005, Ambar

3ª edição: © 2005, Ambar

4ª edição: © GD Publishing Ltd. & Co KG, Berlin

ISBN: 9783960285922

Este eBook, incluindo as suas partes, é protegido por *Copyright*© e não pode ser reproduzido, revendido ou doado sem a permissão do autor

JOSÉ MACHADO PAIS

Cientista social, é Investigador Coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Professor Catedrático Convidado do ISCTE. Professor Visitante em várias universidades europeias e sul-americanas. Foi consultor da Comunidade Europeia e do Conselho da Europa em questões de Juventude, Vice-Presidente do Youth Directorate do Conselho da Europa, coordenador do Observatório Permanente da Juventude Portuguesa, do Observatório das Atividades Culturais, Diretor da Imprensa de Ciências Sociais e da Análise Social. De entre os seus livros destacam-se: A Prostituição e a Lisboa Boémia: do século XIX a inícios do século XX; Artes de Amar da Burguesia; Culturas Juvenis; Sousa Martins e suas Memórias Sociais; Consciência Histórica e Identidade: os jovens portugueses num contexto Europeu; Sociologia da Vida Quotidiana; Nos rastos da solidão: deambulações sociológicas; Lufa-lufa Quotidiana. ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana; Sexualidade e Afetos Juvenis; Enredos Sexuais, Tradição e Mudança: as mães, os zecas e as sedutoras de além-mar.

Índice

Encruzilhadas	6
Introdução	7
1. Trabalho precário	14
1.1 Encontrar trabalho: uma lotaria	15
1.2. O mistério dos jovens desaparecidos nas teias das estatísticas do desemprego.	26
1.3 A formação profissional: as profecias também se abatem.	43
2. Labirintos de vida e trajectórias ioiô	54
3. Por uma sociologia da pós-linearidade	69
4. Dos relatos aos conteúdos de vida	85
Fazer pela vida: percursos e discursos	101
1. Distribuindo pizzas: vida estafada, a de estafeta	102
2. Um modo de vida original: Ninó para aqui, Ninó para ali	122
3. Até ficar de “baixa”	135
4. Vida de <i>disc jockey</i> : das obras à discoteca	154
5. Mendigando carrinhos de supermercado	165
6. Um tacho na política?	177
7. Jovens acompanhantes: “puta de vida que me fez puta”	193
8. Arrumadores de carros	227
9. Ganchos ilícitos	255
Conclusão	299
Bibliografia	318

*É mais fácil mimeografar o passado
Que imprimir o futuro.*

(Zeca Baleiro, 'Minha Casa', CD "Líricas")

Encruzilhadas

Introdução

A precariedade de emprego entre os jovens, expressão das dificuldades que têm em se integrarem no mercado de trabalho, leva muitos deles a deitarem mão de estratégias cuja singularidade abala os modos tradicionais de entrada na vida activa. Nestes termos, o sentido do trabalho está a ser redefinido por quem mais falta tem dele. A instabilidade a nível das representações do trabalho é reflexo de percursos laborais marcados por turbulência, flexibilidade, impermanência. A vivência precária do emprego e do trabalho envolve modalidades múltiplas de “luta pela vida” que compreendem trabalho doméstico, eventual, temporário, parcial, oculto ou ilegal, pluri-emprego, formas múltiplas de desenrascanço a que a linguagem comum se refere com as sugestivas expressões de *ganchos*, *tachos* e *biscates*¹. Neste “fazer pela vida” é como se os jovens nos quisessem dizer que a vida necessita de algum tipo de trabalho para ser plenamente vivida. Não querem ser escravos do trabalho, mas também não o rejeitam, tanto como fonte de rendimento como de realização pessoal.

Uma particularidade de muitos jovens contemporâneos é, por conseguinte, a de viverem um tempo de instabilidade e de incertezas, de tensão entre o presente e o futuro, de laços persistentes de dependência e de anseios insistentes de independência. O próprio *capitalismo flexível*² bloqueou a linearidade tradicional das carreiras profissionais. Carreira é um caminho pelo qual se circula, mas esse caminho aparece bloqueado para um número considerável de jovens; outras vezes, surgem *encruzilhadas* de sentidos vários, carreiras de retorno, becos de circulação difícil, ou mesmo sem saída. Por isso, os sociólogos da juventude adjectivam as transições dos jovens para a vida adulta de modo a acentuarem a sua vulnerabilidade e imprevisibilidade. Falam de trajectórias alongadas, fracturadas, adiadas, frustradas³...

Os jovens elaboram guiões múltiplos de futuro mas, muitas vezes, o futuro não se deixa guiar por nenhum deles. As intervenções políticas dirigidas aos jovens procuram

¹ *Ganchos* e *biscates* são termos que se usam em sentido equivalente, traduzindo o exercício de actividades profissionais de carácter precário ou secundário. No caso de actividades ilícitas, usa-se mais o *gancho*. *Tacho* é o termo cujo uso tradicional deriva da expressão “ganhar para o *tacho*”. Actualmente designa, mais frequentemente, uma ocupação bem remunerada e conseguida através de influências pessoais (“cunhas”).

² A expressão é de Richard Sennet, *La Corrosión del Carácter. Las Consecuencias Personales del Trabajo en el Nuevo Capitalismo*, Anagrama, Barcelona, 2000.

³ Ver S. Craine, “The black magic roundabout: cyclical transitions, social exclusion and alternative careers”, in R. MacDonald (Ed.), *Youth. The Underclass and Social Exclusion*, Routledge, London, 1997.

também planificar o futuro mas as realidades imprevisíveis criam condições de incerteza que, muitas vezes, invalidam esses planos. Os jovens desdobram-se em personagens possíveis de vários guiões de futuro mas o futuro imaginado por eles assemelha-se a jardins labirínticos de sendas que bifurcam e que Jorge Luís Borges nos descreve, em Ficções, como redes que enfileiram todas as possibilidades⁴. Possibilidades que não se encontram pré-determinadas mas que se vão ramificando à medida que nos damos conta da sua realidade.

Os projectos de vida que os jovens idealizam abrem portas, por vezes, a um vazio temporal de enchimento adiado. Projectos em descoincidência com trajectos de vida. Em contrapartida, o presente enche-se de possibilidades múltiplas, de diferentes experiências e desejos profissionais. As escolhas são múltiplas e reversíveis, embora nem sempre possíveis. As políticas de juventude tendem a *standardizar* as transições dos jovens para a vida adulta⁵ – definindo escolaridades mínimas, circuitos escolares, formação profissional, políticas de emprego – mas os jovens tendem a autonomizar as suas vidas através de “buscas autónomas” de trajectórias que nem sempre se encaixam nas políticas prescritivas que tendem a *standardizar* as transições. Por que razão surge tantas vezes uma contradição entre os padrões *standardizantes* da planificação e as trajectórias *desstandardizadas*? Possivelmente porque essas políticas criam uma lógica de linearidade que nem sempre se ajusta às trajectórias não-lineares (ioiô) do curso de vida de muitos jovens. Muitas dessas políticas tendem a criar uma ordem artificial numa estrutura social que é caótica por natureza.

Também as sociologias “linearistas” procuram uma construção lógica da continuidade através da noção de causalidade. Factos tomados como “causa” determinam outros factos tomados como “efeito”, num esforço de vinculação que assegura uma continuidade temporal entre um “antes” e um “depois”, numa consolidação de sucessões. No entanto, entre qualquer *antes e depois* dá-se um *entretanto* de imprevistos, de acontecimentos, de sucessos e insucessos à margem da continuidade temporal das sucessões previstas. Os cursos de vida dos jovens agem e reagem às urdiduras da mesma. A vida é uma urdidura enredada de constrangimentos. Da mesma forma que as lançadeiras de um tear lançam a trama que atravessa a urdidura, os jovens lançam-se com igual fervor na urdidura da vida. Urdindo sonhos e

⁴ Jorge Luís Borges, Obras Completas, Editorial Teorema, Lisboa, vol. 1, 1999.

⁵ Michael J. Shanahan refere que a modernização das sociedades aparece associada a factores que, simultaneamente, tendem a *standardizar* e a *individualizar* os cursos de vida. F. “Pathways to adulthood in changing societies: variability and mechanisms in life course perspective”, *Annual Review of Sociology*, 26, 2000, pp. 667-692.

desejos, inquietações e temores, expectativas e ilusões. O sucesso em *ponto-cruz* com o fracasso. Tramando o destino, se possível antes que este os trame. As urdiduras da vida vão-se reconfigurando, ganhando novas malhas, novos enlaces, novas texturas. Por vezes bastam pequenos acontecimentos para que novos rumos sejam dados à vida. A obtenção de um bom trabalho pode significar uma mudança de vida.

Dois amigos meus⁶ recorrem a uma metáfora sugestiva para ilustrar a mudança histórica registada nos modelos de transição para a vida adulta. Nas décadas imediatas ao pós-guerra, as transições dos jovens assemelhavam-se a viagens de comboio nas quais os jovens, dependendo da sua classe social, género e qualificações académicas, embarcavam em diferentes comboios com destinos pré-determinados. As oportunidades para mudar de destino ou de trajecto eram limitadas. Em claro contraste, nas duas últimas décadas as transições dos jovens poderiam ser melhor comparadas com viagens de automóvel. O condutor de automóvel encontra-se em condições de seleccionar o seu itinerário de viagem de entre um vasto número de alternativas. A experiência do condutor, ao contrário do que acontece com os passageiros de transportes públicos, é determinante para a escolha do caminho a seguir.

Em contrapartida, hoje em dia não mais as decisões do condutor são garante de uma condução com destino certo ou rotas pré-determinadas. E isto porque o terreno onde as transições têm lugar é de natureza cada vez mais labiríntica. No labirinto de vida, como num labirinto rodoviário, surgem frequentemente sentidos obrigatórios e proibidos, alterações de trânsito, caminhos que parece terem sido já cruzados, várias vezes passados: é essa retomada de caminhos que provoca uma sensação de perdição, de confusão. A *retomada* é um voltar a tomar caminhos que se abandonaram: retomada de estudos inacabados; retomada de uma relação amorosa que entrara em crise; regresso a casa dos pais, depois de um período de experimentação de autonomização de vida; reincidência no consumo de drogas depois de uma tentativa falhada de desintoxicação, neste caso fala-se mesmo de recaída; retomada de velhas convivências; retomada de *ganchos* ou *biscates* quando a falta de dinheiro aperta...

⁶ Refiro-me a Ken Roberts e A. Furlong. Roberts esteve em Lisboa num Congresso que organizei em 1992, *World Leisure Congress «New Routes of Leisure»*, no âmbito do *Research Committee on the Sociology of Leisure* da Associação Internacional de Sociologia. Com Roberts tenho também lecionado na *WICE (World International Centre of Excellence)*, Holanda. A. Furlong é parceiro de uma rede internacional de investigação: EGRIS (Europäisch Gesellschaft für Regionale und Internationale Sozialforschung). Sobre o tema em consideração ver: Ken Roberts, *Youth and Employment in Modern Britain*, Oxford University Press, Oxford, 1995 e A. Furlong e F. Cartmelm, *Young and Social Change. Individualization and Risk in Late Modernity*, Open University Press, Buckingham, 1997.

A retomada de caminhos outrora tomados é própria de estruturas labirínticas. O *dilema do labirinto* traduz-se na incapacidade de decisão relativamente ao rumo a tomar. Vou por aqui ou por ali? O ideal, para muitos jovens, é explorar simultaneamente vários rumos possíveis que num labirinto surgem em simultâneo a quem com eles se confronta. Ao optar-se por um rumo perdem-se os demais e, além disso, perde-se a liberdade de escolha a partir do momento em que se a exerceu.

Os percursos dos jovens que iremos acompanhar neste livro inscrevem-se em verdadeiras redes de *hipertextualidade*⁷ dominadas pelos *princípios da metamorfose*, da *multiplicidade* e do *descentramento*. Uma rede hipertextual está em constante construção, mudando face à mudança das partes envolvidas. É o que acontece num tabuleiro de xadrez, quando o enredo de um jogo muda logo que um novo movimento de pedra se acciona. Este princípio da metamorfose associa-se ao da multiplicidade. O modo de organizar um hipertexto é semelhante ao de um *fractal*. Cada nó de uma urdidura hipertextual, quando analisado, é composto por uma rede própria, um todo formado por outros nós e *links*. Outro princípio importante é o do *descentramento*. Numa rede hipertextual não há centro nem linearidade. Entrecruzam-se vários centros, vários caminhos e sentidos.

Como pode a sociologia da juventude dar conta destas novas realidades, senão a partir da crítica do conceito de transição linear, circunscrita a uma sucessão progressiva de etapas identificáveis e previsíveis em direcção recta à fase adulta? A linearidade das trajectórias de vida dá-se numa espacialidade geométrica, isto é, homogénea, unívoca, isotrópica, clara, objectiva. Ora, os jovens vivem predominantemente numa espacialidade antropológica que é *fractal* por natureza, dando guarida ao mítico, ao sonho, ao desejo, à ilusão, ao inesperado, ao indefinido, ao enigmático, ao especulativo, à indeterminação⁸. Veremos que alguns jovens movem-se no labirinto da vida numa entrega ao acaso ou ao destino enquanto que outros actuam de forma estratégica, isto é, considerando várias tramas possíveis que podem modificar-se à medida que se confrontam com os imprevistos da vida, dado que esta se encontra sujeita a uma série de contingências, as chamadas contingências de vida.

⁷ Sobre o conceito de *hipertextualidade* ver Howard S. Becker, "A new art form: hypertext fiction", in M. Lourdes Lima dos Santos (coordenação), *Cultura & Economia*, Actas do Colóquio realizado em Lisboa, 9-11 de Novembro de 1994. Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Estudos e Investigações, Lisboa, 1995, pp. 67-81.

⁸ A distinção entre *especialidade geométrica* e *antropológica* vem de M. Merleau-Pontry, *Fenomenología de la Percepción*, Ediciones Península, Barcelona, 1975.

É destas contingências de vida que este livro trata, numa lógica de descoberta. Em muitas pesquisas sociológicas o que se supõe é deduzido do que se pretende supor. É esse o impulso do princípio da causalidade que nos leva a imaginar lacunas de conhecimento e a substituí-las por associações de variáveis que nos ajudem a chegar às hipóteses de investigação (o que se precisa supor). Mas as mais preciosas descobertas científicas passam ao lado de nossas suposições, ou arruinam mais do que confirmam as criações das nossas preferências. Há aqueles sociólogos que são reféns de seus encantamentos. Se uma hipótese é sedutora e uma teoria é bela, deleitam-se, sem pensar na realidade. Há, por outro lado, os que se perdem nessa mesma realidade à falta de hipóteses e teorias que a ajudem a explicar. Desgraçadamente, o acto de teorizar é cada vez mais um modo de submeter grupos de acontecimentos a alguma legitimidade e cada vez menos uma tentativa de os enfrentar através de questionamentos e problematizações. Mas a Sociologia está aí, não para criar certezas, mas para suscitar reflexão.

O objecto de estudo deste livro consiste na descoberta dos “mundos de vida” de jovens que procuram modos vários de inserção profissional ou formas inventivas de ganhar dinheiro. A expressão “mundos de vida” é usada num sentido próximo ao usado por Husserl⁹, quando recuperou da velha filosofia de Heráclito as vias fluidas por onde transitam as opiniões (*doxas*) da vida corrente. *Mundos de vida* tomados, pois, como horizontes de vivências espontâneas, simbólicas e significativas. Daí a importância que neste livro é dada aos relatos de vida de jovens que vivem situações de precariedade no mundo do trabalho. Relatos fragmentados, distorcidos, desestruturados, solicitando um esforço de interpretação persistente. Relatos que são actos de vida que a recontam, actos (percursos) elucidados por outros actos (discursos) que de uns a outros se descontinuam, numa descontinuidade que se abre a uma verdade que não se dá por suposta, porque, como atrás se dizia, o que se supõe é deduzido do que se pretende supor. A descontinuidade é a imagem laica do objecto de culto quando é reverenciado na sua continuidade. Descontinuidade que se rebela contra a onnipresença do contínuo; que descobre a desordem nas contingências do contínuo; que procura as lacunas no que tudo pretensamente se disse; que anseia por oferecer mais que aquilo que se promete; que se enriquece na pobreza aparente dos detalhes.

⁹ Edmund Husserl, *La Crisis de las Ciencias Europeas y la Fenomenología Transcendental*, Crítica, Barcelona, 1991.

A Parte I do livro (*Encruzilhadas*) introduz uma abordagem genérica ao trabalho precário entre os jovens (capítulo 1). Veremos que as dificuldades de obtenção de emprego explicam que muitos jovens procurem desenrascar-se, arranjando dinheiro nos limites do legal e do ilegal, do legítimo e do ilegítimo, do formal e do informal. Encontrar trabalho é para muitos jovens uma lotaria e o que lhes sai na rifa é, frequentemente, trabalho precário. Mas as estatísticas do desemprego não registam integralmente o fenómeno, daí resultando o mistério dos jovens desaparecidos nas teias das estatísticas do desemprego. Veremos que o subemprego juvenil traduz, em alguns casos, uma manifesta falta de formação profissional entre os jovens. Mas quantas das vezes os recursos financeiros não serão manipulados com a parcialidade de quem patrimonializa tachos e subsídios, sem uma preocupação quanto ao bom uso e aproveitamento desses subsídios?

Os jovens ocupam determinados lugares na estrutura social mas também é certo que se percebem, a si mesmos, como sujeitos posicionados numa encruzilhada de oportunidades e de destinos. Por isso nos ocuparemos dos labirintos de vida e das trajectórias ioiô que caracterizam os seus cursos de vida (capítulo 2), pelo que se impõe trabalhar novos paradigmas que possibilitem uma sociologia da pós-linearidade (capítulo 3). No último capítulo da Parte I – dos relatos aos conteúdos de vida (capítulo 4) – veremos por que razão os discursos dos jovens que entrevistámos nos surgem em roda solta, em sua mais simples significação, e quais as estratégias metodológicas de análise de conteúdo que instrumentalizámos para chegar à significação desses discursos.

A Parte II do livro mostra-nos, finalmente, como é que alguns jovens “fazem pela vida”. A partir dos seus discursos tentamos desvendar os seus percursos. Foram entrevistados 14 jovens cujas vidas são acompanhadas ao longo dos capítulos que integram esta segunda metade do livro. Seguimos um jovem distribuidor de pizzas (*vida estafada a de estafeta*); o percurso atribulado de uma estudante universitária (*Ninó para aqui, Ninó para ali*); a vida stressada de um jovem que acaba em depressão (*até cair de “baixa”*); os biscates de um jovem que trabalha dia e noite (*vida de disc-jokey: das obras à discoteca*); acompanhámos dois jovens que arrumam carrinhos de supermercado (*mendigando carrinhos*); sondámos sonhos de carreirismo político (*um tacho na política?*); acompanhámos duas jovens prostitutas (*puta de vida que me fez puta*); seguimos jovens toxicodependentes, convivendo mais de perto com dois deles

(*arrumadores de carros*); pedimos a jovens reclusos que nos falassem de seus golpes (*ganchos ilícitos*).

Na conclusão, e feita a catadura empírica e analítica das histórias de vida destes 14 jovens, retoma-se o *dilema de labirinto* por eles vivido. Os seus caminhos desiguais assemelham-se nas bifurcações. Os seus futuros imaginados também se bifurcam na possibilidade de futuros que na realidade podem ou não vir a concretizar-se. Os seus horizontes de futuro são abertos, havendo um investimento forte em “futuros presentes” de tipo utópico, abertos às surpresas, aos imprevistos, às inovações.

1. Trabalho precário

Hoje em dia, muitos jovens rodopiam por uma multiplicidade de trabalhos precários, intervalando inserções provisórias no mundo do trabalho com desinserções periódicas. Para estes jovens não há realidade que se encaixe no conceito tradicional de trabalho. Em lugar de uma rotina estável ou de uma carreira previsível, atributos que caracterizavam os tradicionais postos de trabalho, há um enfrentamento com um mercado de trabalho flexível.

A transitoriedade e a aleatoriedade pautam os percursos profissionais de muitos jovens. Mais do que o fim do trabalho, o que parece ocorrer é a substituição de um emprego formal, cuja estabilidade é garantida por benefícios assistenciais, por um emprego precário, informal, autocriado. Em consequência, também os conceitos de emprego e desemprego, tal como têm sido entendidos, se manifestam desajustados em relação à realidade vivida por esses jovens. Pouco se ganha em aceitar pacificamente estes velhos conceitos e nada se adianta em dar-lhes lustro para que aparentem ter um falso brilho. São bem mais sugestivas as expressões correntes que os jovens usam na sua quotidianidade – *ganchos, tachos e biscates* – para retratarem os seus curtos e repetidos sobrevoos pelo mundo do trabalho.

Há quem veja nestas transformações um projecto novo de sociedade, uma mudança que, num contexto de pleno emprego, poderia oferecer possibilidades de redução da jornada de trabalho e uma maior libertação das pessoas para actividades sem fim lucrativo. Mas há também quem pense que o sistema económico capitalista, para se manter competitivo, acaba por assentar num modelo de redução de custos, de aumento da produtividade e flexibilização do trabalho e, conseqüentemente, na diminuição dos que têm emprego fixo. O resultado traduz-se em desemprego ou trabalho precário. Como quer que seja, às portas de um mercado de trabalho saturado, encontramos jovens sem saberem como a ele ter acesso. Perante as dificuldades que enfrentam, ou bem que ficam dependentes da família ou de algum subsídio estatal, ou bem que descobrem meios para, de qualquer forma, ganharem algum dinheiro. Muitos acercam-se a *zonas--sombra* da sociedade, da chamada economia subterrânea, em que se pode trabalhar e ganhar dinheiro sem o declarar para efeito de impostos.

Em alguma literatura sociológica, a situação de desemprego apenas gera fatalismo e inércia¹⁰. Mas nem sempre assim acontece. Na luta pela sobrevivência, inventam-se formas atípicas de ganhar dinheiro, não necessariamente associadas a “identidades negativas”¹¹. Veremos que, mesmo no caso de jovens arrumadores, prostitutas ou burlões, a noção de um eficiente desempenho profissional não está completamente ausente. Entre os que se entregam a múltiplos *ganchos* e *biscates*, ou que idealizam vir a ter um tacho, há uma capacidade notável de aprendizagem. Embora muitos jovens sejam vítimas dos processos de reestruturação económica, eles procuram, criativamente, fazer face aos dilemas, dificuldades e desafios que lhes surgem.

Como é que o fazem? É disso que procura dar conta este livro. A retórica dominante dos sistemas educacionais impõe aos jovens modelos abstractos de obediência, perseverança, ambição, responsabilidade, confiança... isto é, virtudes que caracterizam um jovem de sucesso. E muitos há, mesmo se esses modelos não passam da retórica. Mas o sucesso não é para todos; por isso alguns jovens não embarcam em retóricas sem crédito. Baixam do comboio antes que arranque. Não se trata de resignação, mas de uma certa consciência das realidades que apontam como o melhor caminho o do *desenrascanço*. As formas de desenrascanço correspondem a processos nos quais os jovens colocam em jogo uma pluralidade de estratégias que expressam a sua capacidade de gerar formas próprias de ganhar dinheiro ou de *ganhar a vida*, como eles dizem expressivamente, ainda que em terrenos de marginalidade, substancializando *culturas de aleatoriedade* e de *improvisação*.

1.1 Encontrar trabalho: uma lotaria

Nos últimos anos da década 40, uma das variações do *jazz* tomou a designação de *bop*. Do *bop* surgiu a teoria da *prosa espontânea*, método de criação artística baseado na respiração dos saxofonistas do *jazz bop* e conectado com a ideia mágica de improvisação. É numa cultura semelhante de improvisação que muitos jovens procuram desenrascar-se. Uma vida *enrascada* é própria de quem vive em dificuldades, daí derivando a necessidade do desenrascanço. Por vezes, a vida parece estar enrascada num conjunto de forças do destino ou do acaso. A reacção à aleatoriedade da vida é

¹⁰ J. Hayes e Nutman, *Comprendre les Chômeurs*, Mardaga, Bruxelles, 1981.

¹¹ M. T. Pignoni, “Conditions de vie et perception subjective d’une expérience prolongée de chômage”, in P. Bouillaguet e C. Guittou (Éds.), *Le Chômage de Longue Durée. Comprendre, Agir, Évaluer*, Syros, Paris.

diferenciada, podendo ir de uma aceitação pragmática a um pessimismo cínico. Num caso, as dificuldades são enfrentadas no dia-a-dia; noutro caso, afasta-se todo o tipo de angústia através da indiferença perante essas mesmas dificuldades. Em ambos os casos, quando se procura trabalho, há um reconhecimento implícito de que é preciso ter sorte, como se o trabalho pudesse ser sorteado numa rifa de qualquer lotaria.

O certo é que o mercado de trabalho apresenta para muitos jovens características de *lotado*, isto é, encontra-se retalhado em lotes, sujeito a uma crescente segmentação. Ele há o *mercado negro* (dos trabalhadores clandestinos); o *mercado azul* (dos operários de macacão de ganga); o *mercado branco* (dos colarinhos brancos); o *mercado rosa* (das empregadas domésticas, secretárias, recepcionistas, telefonistas...); ele há o *mercado vermelho* (das linhas eróticas dos telefones vermelhos e encontros afins); o *mercado cinzento* (dos burocratas e *yuppies* de mentalidades e trajas cinzentos), etc. Ou seja, o mercado de trabalho é um “arco-íris” de segmentações. E isto tem implicações sociológicas, em termos de estratificação e de mobilidade social, no modo como as pessoas se distribuem pelos lotes disponíveis, mas também a nível das novas significações dadas ao trabalho.

Um destes fins-de-semana convidei o meu filho a assistir a um jogo de futebol. Ele tem 16 anos e, de vez em quando, vamos ao futebol. Mas, para meu espanto, nesse fim--de-semana disse-me que não podia acompanhar-me porque estava com muito trabalho. Estranhei, uma vez que tinham começado as férias da Páscoa, e questionei-o: “De férias e com muito trabalho?” Mais intrigado fiquei quando me respondeu: “Estou de partida para Nova York!”. É claro que o metralhei com perguntas de pai atemorizado: “Vais para Nova York? Quando? Onde arranjaste dinheiro? Que vais lá fazer?” Com um sorriso respondeu-me: “Já estás em *looping*. Não te inquietes: sou apenas piloto da KLM e tenho esta tarde um voo para Nova York”... Descobri depois que o meu filho é piloto da KLM; todas as semanas elabora um relatório (*pilot report*) para a referida companhia aérea, e a sua aspiração é atingir o posto de *hub manager*, para cujo efeito precisa de realizar um número considerável de horas de voo, para além da demonstração de outras competências, mesmo que tudo se passe num cenário virtual, com recurso a um simples “simulador de voo”. O que é que faz com que um jovem troque um lazer (partida de futebol) por outro lazer que tem toda uma carga de “relações obrigacionais” que são próprias do trabalho? Certamente que novas concepções do *trabalho e do lazer* se estão desenvolvendo. No caso de muitos cibernautas, talvez

possamos dizer que estarão descobrindo um novo rumo: o da compatibilidade do trabalho com o lúdico.

O termo *trabalho* tem raízes etimológicas no latim: trabalho dizia-se *tripalium* que designava também um instrumento de tortura composto por três estacas cruzadas ou paus (do latim *palu*). Com esse instrumento (*tri-palum*) os réus eram torturados. Aliás, na Bíblia, também aparece a ideia do trabalho associado à “tortura”, ao “castigo”, à “maldição”. Quando Adão contraria a vontade de Deus, é-lhe dada a possibilidade de “purificação” através do “sacrifício laboral”. Embora, actualmente, o trabalho continue a conservar o sentido de obrigação, de esforço e até de sofrimento, o certo é que alguns inquéritos recentes mostram que, sobretudo os jovens, valorizam a realização pessoal e os desfrutes relacionais que possam retirar do trabalho¹². Em termos ideais, muitos jovens não quererão perder a vida tentando ganhá-la. Rejeitam a instrumentalidade do trabalho e valorizam as satisfações intrínsecas que dele possam retirar. A tal ponto que o trabalho já invade a esfera dos lazeres, sendo vivido como uma aventura, assim acontecendo nos simuladores de voo das companhias aéreas virtuais. Será que a ética tradicional de trabalho que o vê como obrigação puritana poderá, no futuro, dar lugar a uma nova ética que o tome como aventura?

Os paradigmas do trabalho e da economia estão em crise. Não é por acaso que por toda a Europa se debatem formas organizativas que permitam alcançar a competitividade produtiva dos japoneses, o chamado *toyotismo* ou “modelo de produção ligeira”: fala-se da necessidade de uma ruptura com a clássica divisão do trabalho, própria das grandes unidades produtivas *fordistas*; apela-se para a reorganização funcional das grandes unidades produtivas em unidades elementares de trabalho que tratariam de fomentar micro-empresas no âmbito de *empresas-holding*, ganhando-se com isso mais autonomia; defende-se a necessidade da polivalência como característica central da qualificação. Não é certo que a *via toyotista* seja uma via libertadora. O modelo japonês tem sido classificado como um *management by stress*; e é esse *stress* que permite uma gestão intensificadora dos ritmos de produção do trabalho; mas pouco se discute sobre as sequelas do desgaste físico e psíquico desse

¹² No entanto, num Inquérito sobre gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea, constatou-se que os jovens portugueses têm atitudes ambivalentes em relação ao emprego e ao trabalho. Num emprego, o que mais valorizam é a segurança e a estabilidade. Em contrapartida, preferem “um emprego em que se ganha menos, mas onde as relações de trabalho são afectivas e conviviais” a “um emprego bem pago, mas no qual as relações de trabalho são formais e frias”. Ver José Machado Pais (coordenação científica), *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, SEJ/ICS, Lisboa, 1999, pp. 247-317.

stress; o Supremo Tribunal Japonês criou recentemente a figura jurídica de “morte por *stress* laboral”; as empresas japonesas começam a ser responsabilizadas por *karoshi* (palavra japonesa que designa a morte por excesso de trabalho, traduzida em suicídios, ataques cardíacos, etc.).

Porque é que se fala tanto de *crise*? Em grego, *krísis* significa decisão. E decisão vem de cisão [*scission*]. As cisões aparecem associadas ao caos e à instabilidade, gerando *indecisão*. A crise é um momento de *indecisão* que apela à *decisão*. A crise deve pois ser entendida no sentido de que os paradigmas emergentes da contemporaneidade são os da *indecisão*. Tudo é instável. Como na Economia – dominada por flutuações (das taxas de juro, dos câmbios, das acções da bolsa, dos preços do petróleo) – também na Cultura se vive uma época de flutuações. O próprio consumo mostra sintomas de desregulação. Aliás, no domínio do consumo vive-se o “paradoxo do omnívoro”¹³ e de uma correspondente “ansiedade omnívora” – ânsia consumista susceptível de provocar uma obesidade consumista ou uma “gastro-anomia”. É esta propensão desenfreada ao consumo que tem sustentado a produção. O tempo de rotação da produção aumentou significativamente, ao mesmo tempo que se reduziu o tempo de rotação do consumo. As campanhas publicitárias procuram transformações aceleradas nos padrões de consumo, mobilizando todos os artifícios possíveis para induzir novas necessidades de consumo. A estética relativamente estável do modernismo fordista deu lugar a uma estética pós-modernista que celebra o efémero, o instável, a precariedade.

A dinâmica do mercado de consumo é um dos factores que permite a sustentabilidade da economia capitalista. O outro factor é o da flexibilização do mercado de trabalho. A expressão valorativa destes dois factores é, por um lado, a emergência de uma *ética de experimentação* no mercado de consumo e, por outro lado, a emergência de uma *ética aventura no mercado* de trabalho. No mercado de trabalho, o “espírito aventureiro” nem sempre anula a ética tradicional de trabalho. De facto, os jovens dos chamados “ganchos, tachos ou biscates”¹⁴ não se encontram afastados de uma ética de trabalho, embora se vejam na contingência de viver o desespero da

¹³ Claude Fishler, *L’Homnivore: le Goût, la Cuisine et le Corps*, Éditions Odile Jacob, Paris, 1990.

¹⁴ Os chamados *fiddly jobs* são um reflexo de algumas práticas empresariais que subcontratam ou externalizam cada vez mais trabalho clandestino. Os *fiddly jobs* são, no fundo, uma das manifestações da natureza do trabalho contemporâneo: trabalho fluido, disperso, invisível, intensificado, desregularizado. Estes *fiddly jobs* são vias alternativas de “ganhar a vida” quando as vias legitimadas não o permitem. O conceito é de Robert MacDonald, “Fiddly jobs, undeclared working and the something for nothing society”, *Work, Employment and Society*, vol. 8, nº 4, Dezembro de 1994, pp. 507-530.

precariedade do trabalho na forma de aventura (ou *desventura*). Se alguns jovens reagem mal à flexibilização do mercado de trabalho, há outros que a encaram como uma estrutura de oportunidades. Daí a sua atitude positiva em relação às inovações tecnológicas, porque as consideram um desafio do futuro. *Aventura* vem do latim *adventura*, *advenire*, isto é, aquilo que está para vir. Entre estes jovens, a abertura à flexibilização do mercado de trabalho e à mudança de postos de trabalho, é encarada como uma condição de possibilidade de trajetórias sociais ascensionais.

Provavelmente, os *trabalhos futuros* entrelaçarão, cada vez mais, as marcas das duas éticas de vida que William Thomas e Florian Znaniecki conceptualizaram na obra clássica de sociologia que é *The Polish Peasant in Europe and America*¹⁵: de um lado, a ética tradicional do trabalho que é marcada pelo desejo de segurança (*desire for security*) e pelo desejo de correspondência (*desire for response*); de outro lado, a ética de aventura que é marcada pelo desejo de novas experiências (*desire for new experience*) e pelo desejo do reconhecimento (*desire for recognition*). A combinação destas éticas depende das circunstâncias e estas são difíceis de domar. Por tal razão os jovens procuram adaptar-se às circunstâncias mutáveis que fazem mudar o curso de suas vidas. Por isso, nos tradicionais *estatutos de passagem* para a vida activa, os jovens adaptavam-se a estruturas *prescritivas* que rigidificavam essas modalidades de passagem. No entanto, as transições dos jovens encontram-se actualmente sujeitas, e cada vez mais, a estruturas performativas¹⁶ que emergem das ilhas de dissidência em que se têm constituído os quotidianos juvenis.

Faz então sentido continuar a apostar na busca de “modelos mecânicos” que deverão prescrever as transições dos jovens para a vida activa? Vale a pena persistir em olhar os jovens através de “vidros esfumados” – quais modelos estatísticos post fact – que se contentam com a mera totalização dos efeitos de infinitas opções individuais que, no seu conjunto, valem apenas uma “ordem” artificial? Certamente que o tecido social se encontra sujeito a prescrições e a normatividades. Mas também é verdade que não haveria mudança social se não existissem diferenças ontológicas entre estruturas e práticas, sistemas e eventos, estados e processos, normas e comportamentos. Justifica--se então continuar a falar, de modo reificado, em “inserção profissional”, como o fazíamos há décadas atrás? Recorde-se, a propósito, um dito espirituoso de Fontenelle: “Leibniz – dizia ele – formula definições exactas que o privam da agradável

¹⁵ William Thomas e Florian Znaniecki, *The Polish Peasant in Europe and America*, University of Illinois Press, Chicago, 1984 (1ª edição: 1918).

¹⁶ Marshall Sahlins, *Islands of History*, The University Chicago Press, Chicago, 1987.

liberdade de abusar dos termos nas ocasiões próprias”. Agradável e perigosa liberdade, deveria acrescentar-se. Mas necessária quando as definições deixam de se ajustar à realidade que pretendem definir. Contra algumas definições ortodoxas e prescritivas, convém então enfatizar o carácter crescentemente *performativo* das culturas juvenis e das transições dos jovens para a vida activa, acentuando a sua *aleatoriedade* e *diversidade*. O que entre os jovens parece estar cada vez mais em jogo é o jogo com a própria vida, é uma *ética de vida* que a toma como aventura¹⁷.

Jones in the fast lane é um jogo de computador dirigido a jovens, desafiados a atingirem determinadas *performances*. Para tanto, os jovens são chamados a exercitar dilemas, a enfrentar encruzilhadas e a ultrapassar obstáculos que poderão experimentar, na vida real, quando transitam para a vida adulta. Os jovens (jogadores) definem as performances a atingir em quatro principais dimensões de vida – *riqueza, felicidade, educação e carreira profissional* – cujos predicados se encontram “prescritos” na própria programação de jogo¹⁸.

Por vezes, o caminho não é tão rápido (fast lane) quanto se supõe. Faz parte do jogo (que a vida é). Apenas os mais hábeis conseguem, com sucesso e rapidez, atingir os seus objectivos – o que pressupõe que os adversários com quem jogam fiquem pelo caminho. Faz parte da vida (que também é jogo). Em fases críticas do jogo, o jovem pode contar com ajudas da família. Mas o mais provável é que tenha de aproveitar qualquer gancho ou biscate. O jogo proporciona, com efeito, o envolvimento em trabalhos temporários (Mac Donalds, distribuição de pizzas...) ou em actividades “atípicas” (ou típicas do mercado negro). Em situações muito críticas, o jovem fica na penúria, sub-nutrido e mal vestido. Numa cena do jogo, o protagonista aparece em

¹⁷ José Machado Pais, “A vida como aventura: uma nova ética de lazer?”, New Routes for Leisure, Actas do Congresso Mundial, Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Estudos e Investigações, Lisboa, 1994.

¹⁸ A *riqueza* é definida como “*total accumulation of money, savings, and investments*”. O jovem é aconselhado a desconfiar, quer dos parceiros de jogo com quem compete pela aquisição de um status superior, quer de qualquer malfeitor que lhe surja pelo caminho (“*Try the stock market, and be on the watch for Wild Willy*”). O jovem é também prevenido da conveniência de arranjar um apartamento decente, mesmo que disponha de um quartozito em casa dos pais (“*And most importantly... sorry, out of the room*”). A *felicidade* é dada como “*accumulated by acquiring goods, achieving goals, taking time off from work, and helping little old ladies cross the street so that they don't get hit by any speeding marbles*”. Como vemos, os jovens são neste jogo socializados para desfrutarem de uma felicidade baseada na acumulação ociosa de riqueza. O sentimento de solidariedade inculcado não passa de um simulacro que, em sua falsidade, é determinado por uma moral artificial, carregada de ironia. A *educação* é vista como “*accumulated by attending the university and graduating from the classes offered*”. Pouca ênfase é colocada na aprendizagem. O importante é assistir às aulas e obter o “canudo”. Porque é com o canudo que, pretensamente, se faz carreira. A *carreira* é retratada como “*achieved by working hard, climbing the corporate ladder, improving your skills, dependability, and advancing your education. Remember, hire a Kid, they have all the answers*”.

“cuecas” o que não lhe retira o direito de frequentar a universidade, embora lhe custe o despedimento feito por um patrão “desalmado”. O jogo acaba, naturalmente, por dar oportunidades ao jovem para tentar sair da crise, através da delinquência.

Experimentando o jogo – e seria bom que alguns sociólogos o experimentassem – vê-se como são situações circunstanciais e acidentais que, no decurso do próprio jogo, fomentam o recurso à delinquência, numa situação de desespero. O recurso determinado pelo decurso. São estes cenários de contingência que escapam à sociologia dos *modelos prescritivos*. É o caso da *criminologia da reacção social*, mais interessada em desvendar os mecanismos sociais que produzem (prescrevem) a delinquência do que em estudar a própria delinquência¹⁹; ou dos que consideram haver um “consenso social” consignado, por exemplo, na lei penal, resultando a delinquência numa falta de conformidade a esse consenso prescrito²⁰; ou ainda dos que, em linha semelhante, advogam que as “subculturas desviantes” são desviantes porque são subculturas – isto é, porque fogem ao modelo prescritivo da “cultura dominante”. “*Jones in the first lane*” é um jogo que nos sugere bem – especialmente se nos pomos a jogá-lo – que não é necessário ser *delinquente* para que se possa *delinquir*. No entanto, as teorias da “etiquetagem” e da “estigmatização”, centradas sobre a noção de “desvio”, continuam a fazer escola²¹.

“*Jones in the fast lane*” mostra-nos como, no cenário virtual de um jogo de computador, um jovem se descobre como *protagonista*, nos interstícios de uma realidade composta: metade imagem, metade substância; realidade intermédia – ou “mundo intermédio”, como diria Platão – de uma realidade simulada. Como em *Jones in the fast lane*, também na vida real se pode, com alguma sorte – a sorte que é necessária ao jogo – adquirir riqueza, prestígio, status social. O *jogo*, nos computadores como na vida real, possibilita uma capacidade performativa, uma astúcia ímpar para que se possam ultrapassar obstáculos. Contudo, a propensão a jogar com a vida, desafiando-lhe os rumos, é tanto mais forte quando mais esta se encontra sujeita a indeterminações.

Um exemplo extremo é o de alguns jovens toxicodependentes que acompanharemos na segunda parte deste livro. No jogo que a vida destes jovens constitui, o acaso é

¹⁹ Ph. Robert e G. Kellens, “Nouvelles perspectives en Sociologie de la Déviance”, *Revue Française de Sociologie*, XIV, 1973, pp. 371-395.

²⁰ F. M. Thrasher, *The Gang*, University Chicago Press, Chicago, 1960 e C. R. Shaw e H. D. McKay, *Juvenile Delinquency and Urban Areas*, The University of Chicago Press, Chicago, 1969.

²¹ Laurence Roulleau-Berger, *La Ville Intermédiaire. Jeunes entre Centre et Banlieue*, Meridiens Klincksieck, Paris, 1993.

soberano, mas a vida ensinou-lhes também a tirar o melhor partido do jogo. À falta de recursos económicos para sobreviverem (e alimentarem o vício), jogam com a esperteza, entre a prudência e a audácia, apostando menos no que se lhes escapa (a própria vida, consumida pela droga) do que naquilo que não conseguem controlar (o vício de consumo). O que se ganha – por mais ilícitas que sejam as fontes de rendimento – destina-se a ser perdido (consumido).

É certo que os jovens também *prescrevem* regras organizadoras dos lances ou jogadas, mas são as diferentes ocasiões de jogo que justificam distintos actos performativos, os chamados golpes de jogo ou *golpadas*. Nos manuais de xadrez encontramos movimentos típicos de peças, lances cuja memória é essencial para enfrentar situações inesperadas. No entanto, novos repertórios sucedem-se a velhos repertórios. Outras coisas que se fazem com a mesma coisa e ultrapassam os limites que as determinações fixavam. Estamos perante um “jogo escriturístico”: jogo estratégico que permite que a informação recebida da tradição ou de fora possa ser coligida, classificada ou imbricada num sistema; mas que, simultaneamente, permite que do sistema se possa agir sobre o meio e transformá-lo. De facto, a ilha de uma qualquer página de escritura é um local de passagem onde se opera uma inversão – o que entra nela é um “recebido” e o que sai dela é um “produto”. As coisas que entram na página são sinais de uma “passividade” modelada ou prescrita pela tradição; as coisas que saem dela são as marcas do seu poder de produção. Com Certeau²² podemos concluir que o “jogo escriturístico” transforma ou conserva dentro de si aquilo que recebe do seu meio circunstancial e, simultaneamente, cria dentro de si os instrumentos de uma apropriação do espaço exterior.

Nos modelos performativos, os jovens improvisam – o que não significa que não tenham um conhecimento dos modelos prescritivos... É o que acontece na Música: a improvisação implica um conhecimento prévio das estruturas em que se joga o improviso. O sentido de improvisar, de pôr “à prova”, faz da vida uma ficção. Ficção de vida, de uma vida que comporta regras que, pela sua natureza, a realidade (a vida prescrita) dificilmente comporta. Outras e novas regras que instauram uma legislação nova no espaço do jogo que a vida representa. Neste cenário de jogo, os feixes

²² Michel de Certeau, *L'Invention du Quotidien. Arts de Faire*, Union Générale d'Éditions, Paris, 1980.

múltiplos de trajectórias juvenis podem ser enquadrados em quatro categorias de jogo, definidas por Caillois²³: *agon*, *alea*, *mimicry* e *ilinx*.

Agon é um domínio que expressa a ideia de competição, concorrência, rivalidade, reconhecimento de uma “excelência”; *alea* remete para a influência do destino ou do acaso; *mimicry* é do domínio da teatralização e do mimetismo; *ilinx* relaciona-se com a vertigem, o gozo, a aniquilação da realidade. Algumas trajectórias juvenis apostam na competição (*agon*), tanto na esfera da escola como na do trabalho; outras parecem marcadas por ascendências sociais, por um destino de nascença (*alea*) bafejado por capitais herdados; nas culturas juvenis há também lugar para o simulacro e a imitação (*mimicry*), nomeadamente na esfera dos lazeres e consumos culturais; finalmente, alguns jovens envolvem-se em práticas dominadas pelo êxtase, transe, convulsão, vertigem (*ilinx*). Cada uma das categorias apresentadas define um tipo ideal de trajectória a que se associam quatro tipos comportamentais: o *ambicioso* (*agon*), o *fatalista* (*alea*), o *simulador* (*mimicry*) e o *frenético* (*ilinx*).

Na escola, os jovens são socializados numa cultura de competição (*agon*), onde contam as notas, as classificações, as *performances*. Paralelamente, são socializados numa cultura consumista, mimética em relação a modelos de moda (*mimicry*). Com efeito, na sua vertente mais convivialista, a escola é um agente de estimulação do consumo. Pés “burgueses” ou “proletários” podem passear-se, lado a lado, em Nike ou Reebok, e os blusões Levis podem ser cobçados por jovens de diferentes condições sociais. No entanto, os atributos de distinção passam pelo “poder de compra”. Desde logo, os jovens reconhecem que não têm todos a mesma *chance* (*alea*).

O enfrentamento com o destino (*alea*) pode ser feito tomando-o como aliado ou inimigo. É o que se passa com alguns “expedientes de vida” que os jovens inventam para beneficiarem do destino, ou para o desafiarem. Num caso, adoptam estratégias que traduzem uma valorização de estatutos fortemente orientados por impulsos vocacionais ou mesmo artísticos²⁴; em contrapartida, os jovens inseridos em trajectórias de exclusão social²⁵ lutam contra o destino (*alea*), desafiando-o. A *pobreza* e o *expediente* facilmente se acasalam. A figura platónica de *Eros* é fruto desse acasalamento. Filho da *Pobreza* (*Penia*) e de *Expediente* (*Poros*), *Eros*, indigente e

²³ R. Caillois, *Le Jeu et les Hommes*, Éd. Gallimard, Paris, 1958. Estas categorias foram desenvolvidas em: José Machado Pais, “Transitions To Adult Life: the Games and the Thrills”, *Leisure Studies*, Setembro de 1998, vol. 1, n.º 1, pp. 2-8.

²⁴ Ver José Machado Pais (coordenação científica), *Inquérito aos Artistas Jovens Portugueses*, Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Estudos e Investigações, 3, Lisboa, 1995.

²⁵ F. Dubet e D. Lapeyronnie, *Les Quartiers d’Exil*, Seuil, Col. L’Épreuve des Faits, Paris, 1992.

maltrapilho, consegue, a partir da própria miséria, alcançar a plenitude. Mas *Eros* – ao contrário dos nossos jovens – foi concebido, ao que se diz, num banquete realizado no Olimpo para festejar o nascimento de Afrodite e, por isso, beneficiou de um néctar divino.

A estratégia para arranjar trabalho é como um *lance* num jogo de cartas. Ela depende da qualidade do jogo que se tem em mão (títulos escolares, valor nominal dos mesmos), da maneira de jogar (rede de conhecimentos, “cunhas”...) e, finalmente, da astúcia do jogador (*feeling*). Os lances de jogo ocorrem por entre *postulados* e *regras* que condicionam o espaço de jogo. Mas os jogadores têm um papel interveniente fundamental. Os resultados do jogo dependem das performances do jogador, da sua habilidade e, principalmente, da sua astúcia. É esta que permite a invenção do quotidiano²⁶ mediante uma navegação entre regras, jogando com todas as suas possibilidades, aproveitando as oportunidades num terreno onde elas escasseiam, criando na rede das regras as suas próprias pertinências.

Alguns jovens inventam verdadeiros expedientes para “ganharem a vida”. Uma vida que se ganha no dia-a-dia. É o que acontece com alguns jovens delinquentes cujas histórias de vida iremos acompanhar, e com alguns jovens arrumadores de carros, muitos deles toxicodependentes. Para estes jovens, um novo dia representa uma nova partida, um novo jogo. Em qualquer jogo ou partida, por norma os jogadores retornam ao “ponto zero”, nas mesmas condições que no início da partida. É o que se passa com os jovens toxicodependentes, quando todo o ganho acumulado com pequenos furtos ou com a arrumação de carros é diariamente dispendido no consumo de droga. A gratuidade do jogo – o ganho que quotidianamente se perde – está permanentemente presente no jogo que a vida destes jovens representa. A noção de jogo envolve as ideias de *limites*, *liberdade*, *invenção*²⁷. No caso dos jovens delinquentes e dos arrumadores toxicodependentes, limites impostos por uma necessidade biológica; *liberdade* de não estarem subordinados a um patrão; *invenção* peremptória de dinheiro.

O caso destes jovens é um bom exemplo de vida *performativa* – como, aliás, qualquer jogo o é. Se olhássemos para os jovens arrumadores através dos “vidros esfumados” de modelos *prescritivos*, chegaríamos provavelmente à conclusão de que o seu modo de vida, assente no arrumar de carros, constituiria uma “cultura sombra”: por falta de oportunidades ou por desigualdades estruturais – é esta a leitura possível

²⁶ M. Certeau, *L' Invention...*

²⁷ Caillois, *Le Jeux...*, p. 10.

na linha dos modelos prescritivos – os jovens arrumadores não teriam hipóteses de realizar o prescrito: a cultura “real”. As culturas dissidentes são, neste caso, vistas por referência à cultura (realmente) dominante e prescritiva. Em contrapartida, num modelo *performativo*, descobre--se algo diferente: que arrumar carros, para os jovens toxicodependentes, constitui um modo de vida cujo centro nevrálgico não é nenhuma “cultura real”, mas uma real necessidade: a angariação de dinheiro para o consumo de droga.

Em sociedades de forte reprodução social, as heranças culturais marcam os destinos possíveis de um modo rígido. É o que se passa em *alea* onde há um amarramento ao destino. Em latim, à contemplação dos astros – que, acreditava-se, prediziam o destino – chamava-se *considerare* (*sidus* ou *sideris* significava astro, estrela). Ou seja, os astros eram levados em linha de consideração para a *consideração* do futuro. Em contrapartida, *desiderare* remete para a ausência da influência astral: *desiderare* – desistir dos astros. Mas, simultaneamente, de *desiderare* deriva desejo que remete para uma situação de despojo – despojo de qualquer influência ou amarra astral, condição de possibilidade do desejo, de tomar-se o destino nas próprias mãos (*agon* e *illnix*), vontade nascida de uma deliberação, só possível devido ao desprendimento das amarras. Contudo, deixando de considerar os astros, *desiderare* significa uma incapacidade de saber do destino – uma carência, uma privação, um vazio que tende para fora em busca de preenchimento. Embora as sociedades democráticas tendam a alargar o domínio da competição sujeita a regras, valorizando a meritocracia, nem sempre *agon* prevalece. Por exemplo, aos jovens é inculcada a representação do sistema de ensino como garante da igualdade de oportunidades. Mas o jogo pode ser viciado, porque os capitais culturais herdados pelos jovens (*alea*) são distintos, fazendo com que a uma igualdade de oportunidades nem sempre corresponda uma igualdade de resultados.

As *contradições performativas* que se instituem num espaço outrora prescritivo fazem com que as trajetórias juvenis estejam cada vez mais em jogo, como acontece em “*Jones in the fast lane*”. A *reversibilidade* dessas trajetórias e a força do acaso (*alea*) dão à condição juvenil contemporânea uma configuração crescentemente *hipertextualizada*. Como é sabido, os paradigmas baseados na hipertextualidade questionam as sequências fixas e as magnitudes definidas ou acabadas de um texto. Os cursos de vida, entre os jovens, são textos cada vez mais bifurcados e baralhados, porque também os respectivos contextos de vida são cada vez mais instáveis e

variáveis. Sistemáticamente, novas formas de mobilidade funcional e geográfica balizam o futuro profissional dos jovens. Como em “*Jones in the fast lane*”, os jovens sentem-se então tentados a “tentar a sorte”. Tentar (do latim, *tento*) significa apalpar, mas também deriva em tentação (*tentatione*), de que Santo Agostinho dizia que nem em sonhos se livrava. Ser jovem é, hoje em dia, duplamente tentador, por exigências do sonho e da realidade. Apalpam-se as oportunidades no mercado de trabalho, como na discoteca se acaricia o par, numa tentativa de ver até onde se pode chegar. É nesta obscuridade – indo às cegas, às apalpadelas – que melhor se vê como as trajectórias dos jovens se encontram crescentemente em jogo.

1.2. O mistério dos jovens desaparecidos nas teias das estatísticas do desemprego.

As políticas de combate ao desemprego partem da necessidade de determinação do quantitativo dos desempregados; no entanto, um dos grandes problemas do mercado de trabalho é o do *desemprego oculto* – oculto porque, normalmente, não aparece nas estatísticas, porque se mascara de trabalho clandestino. Em Portugal, mais de 50% dos desempregados dos 20 aos 24 anos têm vivido no desemprego por 6 meses ou mais²⁸. De facto, a população jovem é das mais vitimizadas pelas tensões que atravessam o mercado de trabalho. Muitos dos primeiros trabalhos que os jovens encontram são temporários ou em part time²⁹. Entre alguns deles existe também um desemprego de exclusão que não se define, unicamente, por uma falta de integração no mundo do trabalho, mas por um estado alargado de desintegração social³⁰.

Toda a gente fala de desemprego, bombardeando audiências com taxas que sobem e que baixam (baixam mais do que sobem), mas poucos se referem às dificuldades de recenseamento do desemprego juvenil. A flexibilização do trabalho modificou os limites que tradicionalmente separavam trabalho de não trabalho. O desemprego, a grande escala, é uma nova forma de “subemprego plural”, plenamente integrado no sistema das ocupações.

²⁸ O. Blanchard e P. Portugal, “What hides behind an unemployment rate: comparing Portuguese and US unemployment”, <http://web.mit.edu/blanchar/www/articles.html>.

²⁹ Em 1996, um estudo da OCDE envolvendo 15 países mostrava que metade dos trabalhos desempenhados por jovens, dos 16 aos 24 anos, que haviam terminado o ensino obrigatório, era temporário, sendo 30% a part time. OCDE, *Employment Outlook*, 1998.

³⁰ S. Wuhl, *Les Exclus Face à l'Emploi*, Syros-Alternatives, Paris, 1992.

De acordo com os critérios definidos pelo *International Labour Office*, os desempregados são definidos como todos aqueles que, no momento em que foram inquiridos, não trabalharam mais do que uma hora durante um curto período de referência, geralmente o dia ou a semana anteriores ao momento da inquirição. A definição parece inequívoca mas, na realidade, encobre algumas ambiguidades. Indo mais longe, poderíamos dizer que as estatísticas oficiais têm o condão de fazer desaparecer misteriosamente dos registos de desemprego muitos desempregados.

Por exemplo, como é que os estudantes são recenseados? Em alguns países, como aliás acontece em Portugal, se um jovem desempregado se encontra a estudar para não estar sem fazer nada ou para melhorar as hipóteses de encontrar um trabalho, então é contabilizado como estudante, não como desempregado. Outro exemplo: um jovem poderá estar disponível para trabalhar; poderá ter enviado o seu *curriculum* para algumas empresas ou respondido a anúncios de jornal; poderá sentir-se, na realidade, como um desempregado; contudo, isso pode não ser suficiente para que as estatísticas do desemprego o considerem como desempregado se, no momento em que foi inquirido, se encontra há uns dias há espera que lhe respondam.

A questão é, pois, a do tratamento estatístico dado aos que ficam à margem do mercado de trabalho. As estatísticas do desemprego não contabilizam os desempregados que, por desânimo, tenham deixado momentaneamente de procurar emprego. Segundo os critérios das estatísticas oficiais do desemprego, o estatuto de desempregado não é facilmente alcançável. Se o fosse, as taxas de desemprego disparariam. Ou seja, o desemprego que as estatísticas nos dão resulta de malabarismos artificiosos e não tem correspondência com o desemprego real. Para os peritos estatísticos – peritos em fazer desaparecer os desempregados das estatísticas de desemprego – não basta que uma pessoa esteja sem trabalho ou emprego para que se considere desempregada; nem basta que esteja disponível para trabalhar num trabalho, remunerado ou não; é necessário que, na semana em que tenha sido inquirido, essa pessoa (desempregada) tenha activamente procurado trabalho ou tenha feito diligências para encontrar um emprego, remunerado ou não. Se um jovem desempregado – mas não inventariado como tal pelas estatísticas de desemprego – encontra finalmente um emprego, esse jovem pode viver uma situação paradoxal, a de ter encontrado emprego sem que tenha sido considerado “desempregado”!

Pelo exposto, seria preferível que as estatísticas oficiais trabalhassem com a categoria de “não empregados”³¹ em vez de trabalharem com a de “desempregados”. Enquanto que a taxa de desemprego nos é dada pelo quociente da população desempregada em relação à população activa, a taxa de “não empregados” seria dada pelo quociente entre os excluídos do sistema de educação e do mercado de trabalho (sem contar, naturalmente, com os reformados) e o total da população que não é nem estudante nem reformada. No caso dos jovens portugueses com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos (quadro n.º 1), a taxa de “não emprego” é, nos últimos anos, mais do que dupla da taxa de desemprego, calculada segundo os critérios oficiais. Assim, para o ano de 2000, enquanto que a taxa de desemprego juvenil é de 6.4%, a taxa de “não emprego” jovem é de 16.5%. Confrontando os dados ao longo dos anos considerados, constata-se que a taxa de desemprego juvenil tem baixado relativamente mais do que a taxa de “não emprego” jovem. Porquê? Porque uma vez que a taxa de desemprego juvenil se calcula por referência à percentagem da população activa jovem (dos 15 aos 29 anos) e acontecendo que a população activa jovem tem vindo a decrescer devido ao crescimento das trajectórias escolares, é natural que – trata-se de um corolário das proporções matemáticas – a taxa de desemprego juvenil diminua. Esta diminuição é, pois, efeito de uma escolarização crescente dos jovens.

³¹ A categoria do “não emprego” tem sido, recentemente, bastante discutida. Ver o artigo polémico de Guy Laroque e Bernard Salanié, “Une décomposition du non-emploi en France”, *Economie et Statistique*, n.º 331, 2000 (http://www.insee.fr/fr/ffc/docs_ES331C.pdf).

Quadro n.º 1: TAXAS DE DESEMPREGO (TOTAL E JOVEM) E
TAXA DE NÃO-EMPREGO JOVEM, DE 1975 A 2000 (%) *

ANOS	TAXA DE DESEMPREGO		TAXA DE NÃO EMPREGO
	TOTAL	JOVEM (15-29 anos)	JOVEM (15-29 anos)
1975	5.5	9.1	24.1
1980	7.7	14.0	25.6
1985	8.5	16.2	28.0
1986	8.5	16.0	27.9
1987	7.1	13.4	24.9
1988	5.6	10.5	21.5
1989	5.0	9.5	20.0
1990	4.6	8.4	18.7
1991	4.1	7.6	17.2
1992	4.1	7.6	17.2
1993	5.4	10.0	20.0
1994	6.7	11.9	21.6
1995	7.1	12.9	22.3
1996	7.1	13.1	21.8
1997	6.7	11.8	21.3
1998	5.0	8.2	18.9
1999	4.4	6.9	17.8
2000	4.0	6.4	16.5

Fonte: INE, *Inquérito Permanente ao Emprego*, 2º semestre, para os anos de 1975 e 1980; *Inquérito ao Emprego* para os restantes anos.

* taxa de desemprego total = população desempregada / população activa x 100

taxa de desemprego jovem = população desempregada (dos 15 aos 29 anos) / população activa dos 15 aos 29 anos x 100.

taxa de não emprego jovem restrita = desempregados “não estudantes” (dos 15 aos 29 anos) + inactivos não estudantes” (dos 15 aos 29 anos) + jovens (dos 15 aos 29 anos) cumprindo serviço militar obrigatório / total da população “não estudante” e “não reformada” (dos 15 aos 29 anos) x 100.

Este constitui, pois, o mistério de jovens desaparecidos nas teias das estatísticas do desemprego porque, como foi sugerido, muitas vezes o desemprego juvenil desaparece misteriosamente das estatísticas oficiais³². Se, por exemplo, um jovem foi contratado por uma agência de publicidade para, durante um fim-de-semana, distribuir panfletos

³² A propósito do “efeito-ocultamento” das estatísticas do emprego é bastante elucidativo o estudo realizado por João Freire sobre o trabalho independente em Portugal, onde se mostra como a categoria “pessoas trabalhando por conta própria” aparece “ofuscada e esquecida entre as grandes e visíveis categorias dos assalariados e dos patrões”. Ver João Freire, *O Trabalho Independente em Portugal*, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, CIES/ISCTE, Lisboa, 1995, p. 9.

nas caixas de correio, e se nesse fim-de-semana é apanhado pelos zelosos inquiridores estatísticos, ao nosso jovem é-lhe atribuído o estatuto de empregado. Se, em contrapartida, uma jovem doméstica ou um jovem pedinte se cansaram de procurar emprego, aí, de acordo com os critérios das estatísticas oficiais de emprego, conclui-se que quem se cansa de procurar emprego não pode ser considerado desempregado. Para que o fosse faltaria demonstrar que tinha “activamente” procurado trabalho ou que tinha feito “diligências para encontrar um emprego, remunerado ou não”.

Um jovem que se cansou momentaneamente de procurar trabalho consegue pois fugir ao estatuto de desempregado! Se uma jovem casada procura trabalho, e enquanto não o acha fica cuidando da casa, as estatísticas conferem-lhe uma mordomia, atribuem-lhe o estatuto de doméstica, “dona-de-casa”, embora provavelmente não seja dona de nada e muito menos da casa onde vive. Ora, o que a realidade nos mostra é que as turbulências vividas no mercado de trabalho e as dificuldades que um jovem sente para aceder ou se manter nele podem desencorajar o mais persistente. Se um jovem tudo fez para arranjar emprego e não foi bem sucedido, começará legitimamente a questionar-se sobre se valerá a pena continuar a desgastar-se na procura do que é difícil achar. Este jovem poderá legitimamente pensar que o melhor é continuar na escola ou esperar que qualquer *biscate* lhe surja.

De que vale as estatísticas oficiais mostrarem-nos baixas taxas de desemprego se a qualidade de trabalho tende a deteriorar-se e a sua precariedade aumenta? Parece estar a ocorrer o que aconteceu quando Pitágoras descobriu que a diagonal do quadrado era incomensurável com o lado. A descoberta foi tão desconcertante que deu lugar ao surgimento do universo dos números irracionais. Alguns matemáticos situacionistas, como Proclo, diziam: “é melhor não falar desses números: o inexpressável deve manter--se forçosamente oculto”. Pergunto: devemos fazer o mesmo em relação ao trabalho clandestino? Será melhor deixá-lo oculto, porque o seu desvelamento colide com a racionalidade das estatísticas de desemprego, cujos critérios de recenseamento, por razões políticas, procuram situá-lo a níveis mínimos?

Há um crescente mercado de trabalho clandestino e precário que afecta sobretudo os jovens. Faz falta pensar teorias e métodos capazes de tirar da clandestinidade a existência destes trabalhos clandestinos que alimentam o subemprego. O que é que, por exemplo, explica a persistência de um fenómeno típico de subdesenvolvimento económico – o *trabalho infantil* – num país como Portugal que tem feito um esforço assinalável de modernização, ao longo das três últimas décadas?

De facto, o *trabalho infantil* é um traço que caracteriza sociedades economicamente arcaicas e subdesenvolvidas, como bem o demonstrou Coleman³³. Ao analisar, numa perspectiva histórica, as relações entre famílias e crianças/adolescentes, Coleman assinala três fases distintas, em termos do seu potencial de investimento em “capital humano”³⁴ no que respeita às novas gerações:

- a) Numa *primeira* fase, de pré-modernidade, a família vive ao nível de subsistência. É uma fase típica de sociedades rurais. A maior parte do que é consumido corresponde ao que é produzido. As trocas económicas e a divisão do trabalho são mínimas. Nas explorações agrícolas familiares o *trabalho infantil* é considerado um trabalho útil. As famílias têm muitos filhos e exploram a sua força de trabalho porque o esforço de todos é necessário para se alcançar o nível de subsistência. O “investimento financeiro” feito pelas famílias nas crianças é mínimo. Aliás, nem recursos haveriam para tal. Em contrapartida, o investimento em “capital social” é elevado e consiste na transmissão de “saberes” produtivos, de crenças e valores que são um garante da reprodução social.

- b) Numa *segunda* fase, a maior parte das necessidades familiares é satisfeita através da troca de salários por bens consumíveis. É uma fase característica da sociedade pós-agrícola, isto é, urbana e industrial, baseada numa economia de trocas. O trabalho infantil produtivo perde sentido no quadro familiar. No entanto, a família continua a revelar um grande interesse pelas mais novas gerações. O investimento em “capital humano” nos adolescentes é encarado, também, como um investimento no futuro da família. Os pais esperam que, na sua velhice, os filhos os possam ajudar. Os investimentos feitos na educação dos filhos cumprem estes anseios.

³³ James S. Coleman, *Foundations of Social Theory*, The Belknap Press of Harvard University Press, Cambridge (Massachusetts) and London, capítulo 12, 1990.

³⁴ Segundo Coleman, o “capital humano” desdobra-se em dois componentes principais: “capital financeiro” (constituído por investimentos em dinheiro) e “capital social” (constituído por investimentos em relações sociais): “This investment in human capital occurs by applying the social and financial resources of adults toward the development of productive skills in children. It can be quite simply described as the investment of the social and financial capital of one generation toward the creation of human capital in the next generation. The social capital consists of the social relationships within the family and the community that generate the attention and time spent by parents and community members in the development of children and youth. The financial capital consists of the monetary expenditures of formal institutions designed toward that same goal. The principal such institution is, of course, the school”. James S. Coleman, “Social capital, human capital, and investment in youth”, in Anne C. Petersen e Jeylan T. Mortimer, *Youth Unemployment and Society*, Cambridge University Press, New York, 1994, pp. 35-36.

c) A *terceira* fase é típica de sociedades pós-industriais. As famílias não estão seguras de que um investimento na educação dos seus filhos lhes assegure uma integração fácil na vida profissional. Por outro lado, as funções económicas e sociais da família transferem-se para outras instituições (creches, escolas, igrejas, associações juvenis, etc.). As famílias perdem influência no processo de formação dos filhos. Dá-se, portanto, um desinvestimento de “capital social”, de origem familiar, nas crianças e jovens.

O desenvolvimento rápido, mas assimétrico, da economia portuguesa traduz-se na coexistência das três fases descritas por Coleman. De facto, em zonas rurais onde predomina o minifúndio, a família continua a ser um domínio de confluência de actividades ligadas à produção económica, ao consumo, à procriação e à socialização das crianças. Estas continuam a trabalhar no campo com os pais, colaboram nas tarefas domésticas, cuidam dos seus irmãos menores.

Com o industrialismo, a produção económica transfere-se do espaço doméstico para a fábrica. Mas alguns aspectos da lógica campesina persistem. Não é por acaso que o trabalho infantil predomina no norte de Portugal – região do país onde subsistem as pequenas explorações rurais de tipo familiar. Os proventos que estas famílias rurais retiram da “terra” para a sua própria subsistência (batatas, legumes, azeite, vinho, etc.) leva-as a trabalharem nas indústrias com salários que não cobrem a reprodução da sua força de trabalho. Essas indústrias – também elas arcaicas – sobrevivem, pois, à custa de uma mão-de-obra intensiva e barata. Embora o Estado procure, a nível político-institucional, a adopção de estratégias e medidas conducentes à eliminação do trabalho infantil, os empresários que dão trabalho às crianças e as famílias dessas mesmas crianças aliam-se, *ideologicamente*, na defesa tácita do trabalho infantil.

Por ser clandestino, não é fácil quantificar o trabalho infantil em Portugal. No entanto, de acordo com um inquérito cujos resultados foram divulgados recentemente³⁵, descobriu-se o que toda a gente sabe: que não obstante as preocupações governamentais na luta contra o trabalho infantil, o fenómeno persiste – 43 mil jovens com menos de 16 anos admitem exercer actividade laboral regular, embora apenas 18 mil adultos reconheçam ter filhos menores a trabalhar. Ou seja, os pais tendem a ocultar o que, na verdade, as crianças não se coíbem de declarar: a dura realidade do trabalho

³⁵ *Inquérito à Caracterização Social dos Agregados Familiares com Menores em Idade Escolar (Trabalho Infantil)*, Departamento de Estatística do Trabalho, Emprego e Formação Profissional, Ministério do Trabalho e da Solidariedade, Outubro de 1998.

infantil. Possivelmente, estes números estão muito aquém da realidade. As confederações sindicais calculam que cerca de 80 mil crianças portuguesas trabalhem clandestinamente, enquanto a *Anti-Slavery International* sustentou que o trabalho infantil afecta cerca de 250 mil crianças portuguesas³⁶.

O inquérito referido confirma que as regiões mais industrializadas do norte de Portugal (Porto e Braga) são aquelas em que a praga do trabalho infantil mais se encontra difundida. Por outro lado, os sectores mais afectados são – para além do da agricultura – os de vestuário e confecções, calçado, construção civil, mobiliário e indústrias têxteis. Estes sectores são os que comportam maiores riscos para a saúde e segurança no trabalho, para além de se distinguirem por cargas horárias de trabalho excessivas. É também no norte de Portugal que a inspecção do trabalho detectou mais casos de trabalho infantil, de entre os poucos que se conseguiram detectar. No ano de 1999, apenas 191 casos foram descobertos. E, no entanto, as inspecções de “surpresa” feitas às fábricas aumentaram em 70%³⁷. Ou seja, os inspectores de trabalho infantil mostram-se impotentes na sua labuta para descobrirem o que toda a gente sabe que existe. Aliás, muito do trabalho infantil é realizado no domicílio, sendo por isso difícil de ser detectado³⁸.

Estaremos perante um deficiente funcionamento da Inspeção Geral do Trabalho? Provavelmente, se a este organismo fossem dados mais meios, melhores resultados se obteriam. Aliás, à Inspeção Geral do Trabalho deveria ser dada maior relevância e visibilidade. Assim, por exemplo, se alguém tiver conhecimento de uma situação de trabalho infantil e a queira denunciar não é fácil saber como³⁹. Mas o problema maior é que quase todos calam o que conhecem. No fundo, o trabalho infantil inscreve-se num sector pujante da economia portuguesa: o que se refere à economia informal, forma de economia “tolerada” – como acontece, por exemplo, com a prostituição. Tolerada não apenas no sentido de viver à sombra da economia “oficial”, mas também no sentido da sua funcionalidade – por amortecer conflitos sociais, camuflar o desemprego, etc. Por esta razão, não é fácil a tarefa da Inspeção Geral do Trabalho. Os inspectores são

³⁶ *Público*, de 29 de Janeiro de 1999.

³⁷ *Público*, de 29 de Janeiro de 1999.

³⁸ 26% dos menores com actividade económica trabalham na própria casa que habitam, segundo dados do referido *Inquérito à Caracterização Social dos Agregados Familiares com Menores em Idade Escolar (Trabalho Infantil)*...

³⁹ Uma consulta às listas telefónicas? Pois lá constam várias inspecções gerais: das Actividades Culturais, das Actividades Económicas, da Administração do Território, da Educação, Finanças, Forças Armadas, Jogos, Pescas, Saúde, Bombeiros, etc. Mas nada sobre a Inspeção Geral do Trabalho, segundo consulta que fiz à lista telefónica da cidade de Lisboa, 1998-99, página 488.

recorrentemente controlados pelos pais dos menores e pelos patrões que, clandestinamente, lhes dão trabalho. Há tempo foi descoberta uma fábrica de calçado em Felgueiras que controlava o movimento dos fiscais com uma câmara de vídeo, camufladamente instalada à porta da fábrica. Este controlo permitia que, à chegada dos fiscais à fábrica, os menores fossem escondidos em contentores ou carrinhas, dissimulando-se, deste modo, o trabalho infantil. Por outro lado, quando (raramente) são apanhados, os patrões acabam por pagar multas muito leves que se podem quedar pela cifra de 120 euros⁴⁰.

Ninguém duvida de que as autoridades competentes estão conscientes da gravidade do fenómeno em questão. Prova disso mesmo são os esforços feitos e as comissões criadas para banir o trabalho infantil. Em 1991 (Decreto-Lei nº 396/91 de 16 de Outubro) afina-se o quadro normativo básico do trabalho de menores que, entre outras medidas, desencoraja o trabalho a quem, com menos de 15 anos, não tenha completado a escolaridade obrigatória. Por outro lado, a reincidência dos empresários na exploração do trabalho infantil passou a ser considerada crime de desobediência qualifi-cada⁴¹. Mas o trabalho infantil continua a sugar à escola muitas crianças que, desse modo, se vêem impossibilitadas de concretizar a escolaridade obrigatória.

Uma das formas mais eficazes de camuflagem do trabalho infantil é, como atrás se disse, através do *trabalho no domicílio*. Como é sobejamente reconhecido, o recurso ao trabalho no domicílio permite às empresas reduzir os seus custos (instalação, encargos sociais e obrigações fiscais) e adaptar a produção ao volume da procura, sobretudo à que tem carácter sazonal. Todas estas vantagens se acentuam, a proveito das entidades patronais, quando o trabalho no domicílio é desenvolvido clandestinamente.

A cada novo ministro do Trabalho sucedem-se novos pacotes de medidas contra o trabalho infantil. Em Junho de 1998, criou-se o Conselho Nacional Contra a Exploração do Trabalho Infantil (CNETI) que se juntou ao Plano de Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil (PEETI). Antes, contudo, já existia uma Comissão Nacional de Combate ao Trabalho Infantil (CNCTI). No Conselho Nacional Contra a Exploração do Trabalho Infantil (CNETI) estão representadas várias instituições que – de um ou outro modo – reclamam lutar contra o trabalho infantil: Confederação Nacional de Acção sobre o Trabalho Infantil, Alta Comissária para as Questões da Promoção da Igualdade e da Família, Instituto de Apoio à Criança, Instituto do Desenvolvimento e Inspeção

⁴⁰ *Público*, de 7 de Dezembro de 1998.

⁴¹ *Expresso*, de 16 de Janeiro de 1999.

das Condições do Trabalho, Associações de Pais e Confederações Sindicais e Patronais. Mas todas estas instituições e “boas vontades” não chegam para pôr termo ao trabalho infantil. Porque é que as medidas até agora tomadas se revelaram impotentes no combate ao trabalho infantil?

Com a crescente industrialização do país, historicamente assente num modelo de desenvolvimento arcaico, alguma força de trabalho rural foi desviada para as fábricas. Quando os homens deixaram de cultivar as terras para ingressar nas fábricas, os cultivos ficaram nas mãos das mulheres e das crianças. Desse modo, conseguiram-se preservar muitas explorações agrícolas familiares. Assim se compreende que o trabalho infantil seja um dos factores de sustentação de muitas famílias camponesas ou das que, tendo fracos recursos económicos, vivem na mesma lógica de sobrevivência. A razão mais invocada pelas crianças para o exercício de uma actividade económica sustenta que o trabalho infantil “é necessário para o rendimento do agregado familiar”⁴². De facto, as crianças desempenham, nos meios rurais e recentemente industrializados, um papel relevante no contexto da reprodução socioeconómica das explorações agrícolas de natureza familiar. A forma como são socializadas processa-se através de uma ideologia que tem *naturalizado* o trabalho infantil.

Deste modo, as crianças vivem em bolandas entre as famílias, por um lado, e, por outro lado, a fábrica ou o campo. É através do trabalho que as crianças são socializadas no curso da sua adolescência. O trabalho é encarado, nos meios rurais e operários, como a “escola da vida”, através da qual se transmitem os saberes e os conhecimentos que tornam possível a reprodução social. Por isso, aprendem desde novos a trabalhar arduamente: no campo, transportando cargas volumosas, manuseando produtos químicos, operando com moto-serras, roçadeiras, enxadas e tractores; nas fábricas, trabalhando quase como homens, embora usufruindo salários miseráveis.

As famílias das crianças também sabem o que toda a gente sabe: que existem fábricas clandestinas que dão emprego às crianças. Fábricas cujos patrões conhecem as dificuldades económicas com que muitas famílias vivem e que as levam a mandar os seus filhos para as fábricas. Filhos que alimentam um trabalho infantil e dócil, de custos baixos e lucros gordos. Trabalho esforçado que se troca pela fome, pela escola, e pelo jogo do peão ou da cabra-cega. Trabalho que a *necessidade* produz e que a virtude consome através de uma ideologia que incentiva a entrada precoce das crianças

⁴² *Inquérito à Caracterização Social dos Agregados Familiares com Menores em Idade Escolar (Trabalho Infantil)...*

no mundo do trabalho porque – é o argumento esgrimido – “o trabalho é a melhor escola da vida”. Esta ideologia, apoiada numa “ética tradicional do trabalho”, transparece claramente em alguns adágios portugueses:

- “Mocidade ociosa, velhice vergonhosa”.
- “A quem trabalha Deus ajuda”.
- “Não há honra sem trabalho”.
- “Trabalho de menino é pouco, mas quem não o aproveita é louco”.
- “Quem em novo não trabalha, em velho dorme numa palha”.
- “De pequenino se torce o pepino”.

Os pais vinculam-se a esta ideologia que favorece a entrada precoce das crianças no mundo do trabalho. As crianças, por sua vez, acabam por interiorizar esta ideologia fomentadora de uma “ética do trabalho” que não escolhe idades. É neste clima ideológico que se gera uma aliança tácita entre patrões e famílias de menores. Recentemente, a imprensa noticiava que o Tribunal do Trabalho de Braga tinha absolvido o proprietário de uma oficina de reparação de máquinas agrícolas onde a Inspeção Geral do Trabalho encontrara a trabalhar uma criança de 10 anos de idade, outra de 11 e uma terceira de 14⁴³. O menor de 10 anos tinha apenas o segundo ano de escolaridade obrigatória. Mas todos os três cumpriam um horário semanal igual ao dos restantes trabalhadores da empresa. O Tribunal proferiu a sentença com base nos testemunhos das mães dos três menores que se colocaram ao lado da entidade patronal. Segundo esses testemunhos, o patrão tinha feito um “favor” aos pais das crianças, dando-lhes ocupação. O patrão foi, por conseguinte, absolvido. As crianças vêem-se divididas entre duas solicitações nem sempre harmonizáveis: de um lado, é a escola que os chama; os pais alimentam uma vaga e desconfiada ilusão de que, talvez estudando, os filhos possam fugir à vida rude do campo; mas, como o cepticismo é grande em relação a esta possibilidade, “jogam pelo seguro”. *Jogar pelo seguro* significa, para as famílias camponesas, fornecer às crianças as destrezas necessárias para que elas consigam amansar a terra. Neste *jogo pelo seguro* joga-se, no fundo, a segurança económica das famílias. É que, para subsistir, as famílias necessitam da participação alargada de todos os seus membros⁴⁴.

⁴³ *Expresso*, de 24 de Outubro de 1998.

⁴⁴ Como o demonstra Graça Alves Pinto, num livro que constitui uma das melhores obras sociológicas sobre o trabalho infantil em Portugal: *O Trabalho das Crianças*, Celta, Oeiras, 1998.

O insucesso escolar é, pois, produto da relação de conflito entre dois tipos distintos de solicitações. Por um lado, o Estado desejaria que todas as crianças pudessem cumprir, com sucesso, a escolaridade mínima obrigatória; no entanto, como as crianças são socializadas para uma entrada precoce no mundo do trabalho, elas não podem ter um bom aproveitamento escolar: faltam às aulas, não fazem os trabalhos escolares, não têm tempo, aliás, para estudar. O resultado é o insucesso escolar (reprovações) e o próprio abandono da escola. Na verdade, o abandono escolar precoce surge como um fenómeno eminentemente social: “famílias pobres, extensas, de origem camponesa e, porque pouco valorizadoras do sistema escolar, favoráveis a uma rápida inserção dos jovens na vida activa (tanto numa óptica de entreaajuda familiar como de integração no mercado de trabalho local) representam o grupo mais crítico”⁴⁵.

A maioria das crianças que trabalham e que abandonaram a escola refere que “não gostava da escola”⁴⁶. Perante o quadro traçado, pode perguntar-se: faz sentido prolongar a escolaridade obrigatória⁴⁷ para todos se nem todos a podem cumprir com sucesso? Como combater o insucesso escolar que afecta tantas crianças portuguesas? Tentativas várias têm sido feitas. Em 1987 criou-se o *Programa Interministerial de Promoção do Sucesso Educativo* (PIPSE) para combater o insucesso escolar. Tomaram--se medidas de apoio à formação dos professores e das crianças (providenciando-se alimentação e transportes). Em 1991 surge o *Programa Educação para Todos – Acesso com Sucesso*. Contudo, o insucesso escolar parece resistir a todas as medidas e programas que se desenham para o combater. Há, no entanto, uma via que tem os seus adeptos. Deixar que as crianças permaneçam na escola até que completem os 15 anos e que se lhes atribua depois um diploma de presença. Ficam com um título mas, desafortunadamente, sem proveito.

Esta não parece constituir a melhor via de combate ao insucesso escolar, desde logo porque apenas o mascara. Por outro lado, manter turmas com alunos desmotivados e desinteressados pode originar um clima de desresponsabilização, levando a que estudantes um pouco mais interessados acabem, também, por se desinteressarem, por um *efeito de contágio*; e os professores por se desmotivarem. Estas são, seguramente, raízes do “analfabetismo funcional” em Portugal. Trata-se de um analfabetismo que,

⁴⁵ João Ferrão, *Caracterização Regional dos Factores de Abandono e Insucesso Escolar no 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico*, Ministério da Educação, Lisboa, 1995.

⁴⁶ *Inquérito à Caracterização Social dos Agregados Familiares com Menores em Idade Escolar (Trabalho Infantil)...*

⁴⁷ A escolaridade obrigatória foi prolongada, em 1986, de 6 para 9 anos (Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei n.º 46 de 24 de Junho de 1986).

não obstante o aumento da escolarização formal, se traduz por dificuldades de leitura, escrita e cálculo, dificuldades que radicam em aprendizagens deficientes e saberes pouco sedimentados. A este analfabetismo associa-se o conceito de “iliteracia” que se traduz na incapacidade de uso das “competências (ensinadas e aprendidas) de leitura, de escrita e de cálculo”. Um estudo realizado há meia dúzia de anos mostra que a maior parte dos portugueses (inquiridos em 1994) se situa em níveis de literacia baixos ou muito baixos. Entre os que são incapazes de proceder à associação entre palavras e expressões que se encontram em impressos ou, ainda, ao encadeamento de duas operações simples, encontramos 35% de jovens (dos 15 aos 24 anos), entre os quais mais de 10% com nível de ensino secundário ou superior⁴⁸. A partir daqui, talvez se compreenda o significado dos dados publicados pela OCDE sobre educação (Education at a Glance) que apresentam Portugal como um dos países com menor taxa de sucesso entre alunos universitários. Apenas 49% dos alunos portugueses terminaram o curso que escolheram, quando a média de 20 dos 29 países da OCDE é de 78%.

Em suma, parece claro que o trabalho infantil é, em Portugal, um fenómeno estrutural que, arreigado a estruturas produtivas tradicionais, persiste em resistir à modernização, acentuando bolsas duradoiras de pobreza e de exclusão social⁴⁹. Por isso, o trabalho infantil vem resistindo a todo o tipo de intervenções políticas que se desenham para o combater. O sistema de ensino, tal como está organizado, parece também não ajudar. A escola perde claramente a favor da fábrica e do trabalho rural. As crianças que trabalham – e principalmente os seus pais – dificilmente admitem que a escola lhes sirva para grande coisa.

É certo que tem havido uma vontade política (plenamente justificável) para aumentar a escolaridade dos jovens portugueses, muitos deles tendo aceite o repto. Por duas principais razões: porque acreditarão que, com melhores qualificações escolares, encontram melhores empregos e porque, ao prolongarem as suas trajectórias escolares, adiam o enfrentamento com o mercado de trabalho. Aqui temos um factor claro de contenção do desemprego: a escola como parque de estacionamento de potenciais desempregados. O efeito perverso desta contenção é bem claro: aumenta-se o nível de qualificação ou de certificação dos desempregados, em vez de se reduzir o nível de desemprego (embora a solução inversa, obviamente, não seja melhor). Não

⁴⁸ Ana Benavente (coordenadora), *A Literacia em Portugal. Resultados de uma Pesquisa Extensiva e Monográfica*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1996, pp. 122-123.

⁴⁹ João Ferreira de Almeida et al., *Exclusão Social. Factores e Tipos de Pobreza em Portugal*, Celta, Oeiras, 1992.

é por acaso que os países do sul da Europa constituem um dos grupos de países, a nível da OCDE, onde são mais elevadas as taxas de desemprego entre os que possuem níveis de qualificação superiores⁵⁰. Portugal e Grécia são, aliás, os únicos países da Comunidade Europeia em que a percentagem de “jovens-adultos” desempregados de 25 a 35 anos que têm o ensino básico não excede a percentagem dos desempregados que, com a mesma idade, possuem o ensino secundário completo⁵¹.

É intrigante que os jovens portugueses com qualificações académicas mais elevadas, nomeadamente os que possuem o ensino secundário completo, sejam, a nível da Europa Comunitária, os mais atingidos por um desemprego de inserção, quando se poderia esperar que este tipo de desemprego afectasse, sobretudo, os jovens com mais baixas qualificações académicas. Provavelmente, entre os jovens academicamente melhor qualificados haverá uma procura mais selectiva de emprego que, em consequência, se traduz num aumento de desemprego. Ou seja, quanto mais elevadas são as qualificações académicas, num contexto de pressão sobre o mercado de trabalho, menores serão as probabilidades de subemprego e maiores as de desemprego. Aliás, os detentores de qualificações superiores terão, também com maiores probabilidades, recursos económicos ou suportes familiares que lhes permitirão, mais facilmente, adoptar estratégias de resistência a formas desqualificadas e precárias de inserção profissional.

Em contrapartida, para jovens com baixas qualificações académicas – e, como se sabe, os jovens portugueses são dos menos escolarizados da Europa Comunitária – o problema do desemprego tem uma solução *sui generis*: em situação de desemprego, os jovens menos instruídos – que são também os de origem social mais humilde – são os que mais tendem a “aproveitar a primeira oportunidade de trabalho e de ganhar algum dinheiro”. Ou seja, para estes jovens o problema do desemprego parece resolver-se, em grande medida, através do *subemprego*⁵². Quando a capacidade de suportar o desemprego é elevada, o subemprego reduz-se à custa do desemprego. É o que acontece com jovens portugueses recentemente inquiridos que, em situação de desemprego (real ou imaginada) optariam por “esperar até arranjar um emprego que correspondesse às suas aspirações”. Para estes jovens – bem qualificados e, pela

⁵⁰ OCDE, *Perspectivas del Empleo*, 1994, 76.

⁵¹ Cf. Study Group on Education and Training (Report), *Accomplishing Europe Through Education and Training*, European Commission (Education Training Youth), Dezembro de 1996.

⁵² José Machado Pais, “Da escola ao trabalho: o que mudou nos últimos 10 anos?”, in Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais (coordenadores), *Jovens Portugueses de Hoje*, Celta, Oeiras, 1998, pp. 189-214.

família melhor apoiados – o desemprego não é necessariamente uma condição subjacente ou conducente à precariedade, antes correspondendo a um “compasso de espera” que antecede a inserção num emprego regular. Neste caso, estamos perante um desemprego juvenil de prospecção, determinado pelo facto de os jovens procurarem empregos compatíveis com as suas aspirações. Quando esta compatibilidade não é assegurada, a opção é o desemprego. Contudo, os jovens portugueses que têm condições para fazer esta opção constituem uma minoria. No inquérito citado, constatou-se que 75% dos jovens desempregados “aproveitariam a primeira oportunidade de trabalho e de ganhar algum dinheiro”, caso se vissem no desemprego⁵³.

Que significado terão, então, as baixas taxas de desemprego em Portugal, quando comparadas com as taxas de desemprego da maior parte dos países membros da Comunidade Europeia? Muito provavelmente traduzirão um *índice de sub-desenvolvimento*, uma pressão considerável sobre segmentos desqualificados do mercado de trabalho por parte de jovens que, logo que abandonam a escola – e os jovens portugueses continuam a abandoná-la com evidente precocidade – sentem uma responsabilidade (social) de começar a trabalhar. E como as oportunidades de emprego escasseiam, aproveita-se qualquer trabalho que surja. Aliás, os segmentos menos especializados do mercado de trabalho são justamente aqueles que maior pressão sentem de mão-de-obra clandestina, nomeadamente de imigrantes africanos e, mais recentemente, da Europa do Leste. Os modelos de inserção profissional não deixam de obedecer a tradições nacionais⁵⁴. Há tradições assentes num modelo de aprendizagem, como acontece na Alemanha e no Reino Unido (com o *Youth Training Scheme*); há tradições baseadas num *sistema escolar generalizado*, de que França e Suécia são bons exemplos; finalmente, há tradições que comportam inserções precoces no mundo do trabalho de jovens pouco escolarizados, como é o caso de Portugal. Neste último caso, os baixos níveis de desemprego só são possíveis pelos elevados níveis de subemprego⁵⁵.

Por outro lado, e este é já um efeito da globalização da economia, perante uma crescente volatilidade do mercado, uma maior concorrência económica e uma diminuição das margens de lucro, algumas empresas sobrevivem à custa da

⁵³ M. Villaverde Cabral e J. Machado Pais (coordenadores), *Jovens Portugueses de Hoje...*, p. 192.

⁵⁴ Jacques Freyssinet, “Les modes d’insertion professionnelle des jeunes: trajectoires nationales face à la crise”, *Problèmes Economiques*, 2221, 1991, pp. 1-8.

⁵⁵ J. M. Pais, “Da escola ao trabalho: o que mudou nos últimos 10 anos?”..., p. 112.

flexibilização laboral, recorrendo a desempregados ocasionais, subempregados, subcontratados. A tendência actual nos mercados laborais é apelar cada vez mais a uma força de trabalho que se pode recrutar rapidamente, assim como rapidamente se pode despedir. Em todo o mundo desenvolvido é crescente a percentagem de trabalhadores temporários⁵⁶. Se esta tendência persistir, o futuro do trabalho poderá ser um retorno ao passado. Com efeito, a subcontratação tem permitido o surgimento de pequenas empresas que recuperam velhos sistemas de trabalho doméstico, artesanal, familiar e paternalista. O tráfico ilegal de trabalhadores clandestinos está também a transformar os parâmetros tradicionais de controlo sobre a mão-de-obra e o emprego. Paralelamente, o poder dos sindicatos reduz-se consideravelmente, pois estes dificilmente conseguirão opor-se às teias paternalistas e familiares em que repousa o trabalho clandestino. Em suma, a subcontratação tem contribuído para a ocultação dos processos de produção e de exploração real a que estão sujeitos os trabalhadores clandestinos: nomeadamente na indústria têxtil e na construção civil. É esta a realidade agora vivida por muitos imigrantes ilegais vindos do Leste. Por este andar, o futuro do mercado de trabalho estará cada vez mais dominado pelo *zapping labour*.

Hoje em dia é cada vez mais difícil saber quem faz o quê. Os processos produtivos, com a globalização, dissolvem-se por regiões e “empresas rede”. Estes traços caracterizam uma *economia do anonimato*. A globalização da *nova economia* significa o triunfo das sociedades anónimas. As “empresas globais” não têm um centro, organizam-se em rede constituída por diferentes segmentos complementares. A própria *virtualização da economia* e das empresas favorece este anonimato. Há algumas décadas atrás, as grandes empresas multinacionais eram comparáveis a exércitos, como o previra Max Weber. As suas operações baseavam-se em pirâmides de poder; em contrapartida, os gestores modernos querem redes em vez de pirâmides. No passado, o capital financeiro preferia empresas estáveis. Hoje em dia, o mesmo capital revela uma tendência para gravitar em torno de companhias dispostas a submeter-se a operações de reengenharia (como acontece com as empresas da Internet). No entanto, as modernas empresas--camaleão têm imensas dificuldades em despertar sentimentos de lealdade e de cooperação entre os seus trabalhadores. Os valores que contam são os da autonomia – mas falham os da solidariedade, os da *responsabilização social*⁵⁷.

⁵⁶ *Key Indicators of the Labour Market*. 1999, International Labour Office, Geneva, 1999.

⁵⁷ R. Sennett, *La Corrosión del Carácter...*

Esta *economia do anonimato* assenta numa atomização das relações sociais. Com a informatização da sociedade, mais e mais trabalhadores se isolam à frente de um ecrã de computador. É certo que as novas tecnologias poderão ajudar no combate à pobreza, eliminando circuitos especuladores da intermediação comercial. O projecto “souk virtual” é disso exemplo, ao permitir que artesãos pobres de Marrocos, Egipto, Tunísia e Líbano vendam as suas obras on-line. Para além de uma colocação mais fácil dos seus produtos, os artesãos aumentaram a margem dos seus lucros na ordem dos 80%. A “*electronic-learning society*” tem, igualmente, potencialidades extraordinárias. Contudo, há que evitar que estas tecnologias se transformem num fim; elas são um meio cujo verdadeiro fim deveria ser o da educação. Por exemplo, a navegação descontrolada na Internet, pelos jovens, pode desvirtuar o sentido da educação. Há que educar no que buscar e não, simplesmente, num buscar.

A questão da educação é essencial. Os trabalhos futuros dependem em muito do futuro da educação. As estruturas educativas necessitam de uma reforma radical. Actualmente, o saber perdeu o seu sentido de fim em si mesmo e transformou-se num mero instrumento de mobilidade social. A democratização do ensino impulsionou uma massificação do mesmo. Mas a massificação do ensino, norteadada por princípios de igualdade democrática, mascara desigualdades persistentes: as económicas. Ante a impossibilidade de conferir aos cidadãos uma igualdade económica, as políticas de educação têm promovido uma pretensa igualdade educativa. A massificação do ensino e a generalização dos estudos universitários tem criado entre os jovens elevadas expectativas de mobilidade social, mas muitos deles não podem desfrutar de status sócio-laborais correspondentes aos títulos académicos que obtêm. Daí a consequente frustração que atinge tantos jovens. Para começar, devido às pautas selectivas das Universidades, muitos estudantes acabam por estudar o que não desejam; terminados os cursos, muitos outros acabam trabalhando naquilo que não estudaram. Karl Mannheim⁵⁸ advertia, há anos, para o perigo de uma educação mal desenhada, para o desajustamento entre o nível de aspirações e as possibilidades de concretização dessas aspirações. Provavelmente, a educação não deveria ser entendida como um simples instrumento de mobilidade social, mas, preponderantemente, como uma possibilidade de enriquecimento pessoal e de dignificação da pessoa. A pura instrumentalização do saber acaba por o adulterar. E, mesmo quando a formação é dirigida à inserção profissional, não é certo que atinja sempre os seus objectivos.

⁵⁸ Karl Mannheim, *Libertad, Poder y Planificación Democrática*, FCE, México, 1953.

1.3 A formação profissional: as profecias também se abatem.

É óbvio que não se pode pôr em causa uma profecia – “*falta formação profissional aos jovens!*” – que, circunstancialmente, se cumpre por si mesma. Com efeito, a formação profissional é indispensável ao bom desempenho de uma actividade profissional. E, na realidade, é necessário investir mais e melhor na formação profissional dos jovens. As dúvidas surgem quando os ideólogos da formação profissional nos querem fazer crer que, ao “decretar--se” a profecia, se soluciona o problema do desemprego juvenil. Discutíveis são também os pressupostos usados por esses ideólogos, uma vez que repousam noutras crenças ou profecias: por exemplo, a de que “*a escola não prepara adequadamente os jovens para o mercado de trabalho*”. Em consequência, de profecia em profecia, chega-se à conclusão de que só com formação profissional poderão ser ultrapassadas as dificuldades de inserção profissional dos jovens.

Para mostrar que as profecias também se abatem, analisem-se algumas medidas de formação profissional, confrontando, sempre que possível, os *propósitos declarados (ideológicos)* com os *efeitos perversos (práticos)* dessas medidas. Para determinar as possíveis discontinuidades existentes entre uns e outros, partiremos da base legal das profecias, ou seja: os decretos políticos que as institucionalizam. Em certa medida, as profecias também se decretam – o que não deixa de contribuir para a sua legitimação. Actos legislativos que legitimam profecias, consagrando-as. Será que a consagração ideológica das profecias é suficiente para a sua consagração prática?

A Merton devemos algumas breves, mas importantes, reflexões sociológicas sobre a “mudança institucional por decreto” e sobre as “profecias que se cumprem a si mesmas”⁵⁹. Essas reflexões foram induzidas pelo célebre *teorema de Thomas Love Peacock*: “se os indivíduos definem as situações como reais, elas são reais em suas consequências”. O que Merton procura enfatizar é que os indivíduos respondem, não apenas às características objectivas de uma dada situação, mas também – e, por vezes, sobretudo – ao sentido que para eles tem essa situação. É neste contexto que as profecias adquirem um valor de realidade, cumprindo-se a si mesmas. À sua consagração prática bastaria, nestes termos, a sua consagração ideológica. Merton mostra-nos que o *teorema de Thomas* permite também quebrar o círculo das profecias que se cumprem por si mesmas. De que modo? Pondo em dúvida o pressuposto

⁵⁹ Robert Merton, *Teoria y Estructuras Sociales*, Fondo de Cultura Económica, México, 1980 (edição original: *Social Theory and Social Structure*, 1949).

originário que identifica como real uma situação. E como? Através de uma nova definição que contradiga a profecia enunciada. Só assim se consegue liquidar a profecia original, impossibilitando-a de se cumprir a si mesma.

No caso que nos interessa, uma das profecias mais pujantes dos ideólogos da formação profissional sustenta que “*as dificuldades de inserção profissional por parte dos jovens se devem à sua escassa formação profissional*”. Ideologicamente esta profecia, ao cumprir-se por si mesma, arrasta outras profecias, formando-se o tal círculo a que Merton se referia: círculo de profecias encadeadas. Uma delas, no caso que nos interessa, é a que advoga “*que a escola não prepara adequadamente os jovens para o mundo do trabalho*”. À luz desta profecia criam-se enormes obscuridades ou ocultações. Por exemplo, o problema da contracção da oferta de emprego – e dos seus efeitos sobre o desemprego – é ocultado pela profecia da “*inadequação da escola ao mercado de trabalho*”. No entanto, cabe perguntar: não será que as dificuldades de inserção profissional por parte de alguns jovens traduzem menos uma suposta inadequação da escola ao mercado de trabalho do que um campo privilegiado onde se exerce a selecção social⁶⁰? Com esta interrogação estamos a pôr em dúvida a profecia original e o rol de todas as outras que se lhe encadeiam. Ao mesmo tempo, admitimos condições de possibilidade de outras realidades.

Como atrás se sugeriu, não se pretende negar o valor da *formação profissional*. Apenas se admite a existência de eventuais *efeitos perversos* associados às profecias e que estas tendem a ocultar, uma vez que a regra é que elas se cumpram por si mesmas. Por outro lado, é claro que as profecias podem ter – e têm, geralmente – raízes sólidas de sustentação. Ao profetizar-se que a *formação profissional* é uma panaceia para a crise de *emprego juvenil*, está simultaneamente a admitir-se o facto inegável da crise. Assim, não espanta que as principais medidas legislativas a favor da *profissionalização do sistema educativo* se orientem por objectivos tendentes, manifestamente, a facilitar a entrada dos jovens no mundo do trabalho. A criação dos *cursois profissionais* (instituídos pelo Despacho Normativo n.º 194-A de 1983) parte de evidências concretas: as dificuldades de obtenção de emprego por parte dos jovens que terminam a escolaridade obrigatória de 9 anos. Os *cursois profissionais* tiveram, por conseguinte, uma *função manifesta*: possibilitar aos jovens, que tivessem frequentado os 9 anos de escolaridade obrigatória, a oportunidade de frequentarem um curso

⁶⁰ Sobre esta concreta profecia – a da inadequação da escola ao mercado de trabalho – ver José Machado Pais, “Emprego juvenil e mudança social: velhas teses, novos modos de vida”, *Análise Social*, vol. XXVI, (114), 1991 (5.º), pp. 945-987.

profissional, com a duração de um ano, seguido por um estágio profissional de 6 meses. A crença na profecia enunciada levou a uma crescente “profissionalização” do sistema educativo português que gradualmente se viu inundado por medidas legislativas conducentes à sua “profissionalização”. Dava-se, pois, a legitimação da profecia através da legislação. Para além dos referidos *cursos profissionais*, foi lançado o chamado sistema de *aprendizagem* (criado em 1984, pelo decreto-lei n.º 102/84 de 20 de Março, revisto pelo decreto-lei n.º 436/88 de 23 de Novembro) e, posteriormente, as *escolas profissionais* (em 1989, através do decreto-lei n.º 26/89 de 21 de Janeiro).

A *ideologia* que condimenta estas medidas legislativas é simultaneamente produto e alimento das profecias enunciadas. Vejamos o caso dos *sistemas de aprendizagem*. Uma *análise de conteúdo* do decreto que os institui coloca em claro confronto um *problema* com as medidas julgadas necessárias para o *solucionar*. O problema parte de uma evidência empírica: “a existência de milhares de jovens que anualmente deixam o sistema oficial de ensino, com ou sem escolaridade obrigatória, mas quase sempre sem qualquer preparação profissional” (decreto-lei n.º 102/84 de 20 de Março). O *diagnóstico do problema* é, em si mesmo, uma profecia, ao sustentar-se que é a falta de preparação profissional que constitui a “causa relevante das elevadas taxas de desemprego juvenil que hoje se verificam”. A *necessidade de uma solução* é, seguidamente, profetizada: “Este problema, tendo em conta a sua dimensão e consequências, requer a adopção de medidas urgentes que confirmem aos jovens que procuram o primeiro emprego a indispensável habilitação profissional”. Finalmente, a *solução do problema* é também enunciada como uma *profecia*, revestida com capa de crença: a “formação profissional em regime de aprendizagem (...) constitui um mecanismo indispensável para assegurar uma mais fácil inserção e integração sócio-profissional dos jovens”.

Como atrás se disse, as profecias encadeiam-se entre si. Ao afirmar-se que o desemprego juvenil é devido à falta de formação profissional, difunde-se a ideologia (em forma de profecia) de que a escola não prepara adequadamente os jovens para a vida profissional. O corolário é o reconhecimento das empresas como o “espaço privilegiado de formação”: “Este relevo atribuído à empresa encontra a sua principal justificação no potencial formativo constituído pelos profissionais qualificados que aí exercem a sua actividade e na circunstância de a aprendizagem ser feita, em grande medida, directamente no local de trabalho. Acresce que a formação profissional em

regime de aprendizagem constitui resposta à progressiva importância atribuída ao perfil profissional, por oposição ao perfil escolar de formação” (decreto-lei n.º 102/84).

Sociologicamente interessante, quando se analisam os discursos ideológicos, é a confrontação das *funções manifestas* ou esperadas com as *funções latentes*, inesperadas ou perversas que se lhes associam, confronto que, como se sabe, foi pioneiramente realizado, no campo da teoria sociológica, por Robert Merton⁶¹. No caso que agora nos interessa, procuraremos fazer esse confronto a partir de um conjunto de estudos realizados, desde 1986, pelo então Ministério do Emprego e da Segurança Social. Esses estudos basearam-se em inquéritos estatísticos dirigidos aos jovens saídos dos vários sistemas formativos, com o objectivo de se obter informação relevante sobre a entrada dos jovens na vida activa⁶².

Um desses estudos comparava dois grupos de jovens: os que saíam do sistema escolar com o 9.º ano de escolaridade obrigatória e os que saíam com um diploma de *cursos profissionais* (cursos realizados após o 9.º ano de escolaridade, com a duração de um ano, completados por um estágio profissional de 6 meses). Vejamos qual o perfil sociográfico dos jovens de cada um desses dois grupos e a respectiva situação à saída de ambos os sistemas de formação. No que respeita à *origem social*, ela é muito semelhante. Os jovens que se ficaram pelo 9.º ano de escolaridade obrigatória eram predominantemente filhos de operários, de empregados administrativos e de comércio, de pequenos agricultores com explorações familiares e de domésticas. Os jovens que adicionalmente frequentaram cursos profissionais não tinham origem social muito diferente: eram predominantemente filhos de agricultores, trabalhadores administrativos, operários e mães domésticas. No que se refere às razões alegadas para o abandono do sistema de ensino por parte dos jovens do primeiro grupo, elas são de natureza financeira, já que maioritariamente apontam para a “necessidade de começar a trabalhar para ajudar os pais”; quanto aos jovens do segundo grupo, as razões alegadas para a frequência de cursos profissionais privilegiam o “tipo de ensino mais virado para a prática” e a “possibilidade de obtenção mais rápida de um emprego”. Ou seja, entre os jovens que decidiram optar pela formação profissional, a profecia pesou sobre a opção.

⁶¹ R. Merton, *Teoria y Estructura Sociales...*

⁶² Ver, em particular, Hermínia Galvão Correia e outros, *A Situação dos Jovens em Portugal. Transição entre a escola e a vida profissional (1983-1990)*, Colecção “Estudos”, Série D – “Emprego, Formação e Reabilitação Profissional”, Ministério do Emprego e da Segurança Social, 1992. Agradeço à Dra. Mafalda Santos a colaboração dada na pesquisa bibliográfica sobre formação profissional.

Vejam, agora, como se processou a entrada na vida activa dos jovens de ambos os grupos. Entre os que se ficaram pelo 9.º ano de escolaridade obrigatória, 35,6% encontrava-se no desemprego, ano e meio após abandonarem a escola; por outro lado, 51% tinha encontrado emprego. Em relação aos que frequentaram uma formação profissional por mais 18 meses, a evolução foi muito semelhante: cerca de ano e meio após a conclusão do curso e do estágio, 31% encontrava-se no desemprego e 53% tinha encontrado emprego. Não obstante as diferenças entre os dois grupos de jovens serem mínimas no que se refere ao sucesso da inserção profissional, a força da “profecia que se cumpre por si mesma” levou alguns técnicos do Ministério do Emprego a concluir: “o jovem que abandona o sistema escolar só com o 9.º ano de escolaridade tem de enfrentar um mercado de trabalho difícil, quer quanto a oportunidades de emprego, quer quanto a condições de trabalho e de realização profissional. A continuação de estudos, optando por uma qualificação profissional, parece uma escolha com melhores perspectivas de inserção na vida activa”. Ou seja, a força da profecia traduz-se também numa força interpretativa que ajusta a realidade à dimensão do que se profetiza.

Vejam agora alguns dados do *Observatório de Entradas na Vida Activa (OEVA)* que tomou como universo de estudo a inserção profissional de ex-formandos dos *Centros de Formação Profissional do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP)*. A inquirição, iniciada em 1987, foi feita mediante inquérito estatístico enviado por via postal, 9 meses após uma formação profissional de 100 ou mais horas de duração. Os resultados que discutiremos referem-se ao período compreendido entre 1987 e 1994, durante o qual foram inquiridos 19.756 indivíduos⁶³. Na interpretação desses resultados não podemos menosprezar o facto de apenas 60% dos inquiridos terem respondido – eventualmente os que tiveram maior sucesso de integração profissional. A informação recolhida mostra que a *formação profissional* nem sempre tem contribuído para eliminar ou atenuar alguns dos aspectos mais negativos do sistema de emprego, nomeadamente nem sempre tem conseguido enfrentar adequadamente o problema do desemprego juvenil.

Em primeiro lugar, dos dados em análise pode concluir-se que a formação profissional tem reproduzido a *segmentação* do mercado de trabalho, em função do género dos formandos. A população que procura uma “qualificação inicial”, ou seja, que

⁶³ Utilizaremos os dados publicados na brochura do OEVA, *A inserção profissional dos ex-formandos. Saídos da Formação Inicial entre 1987 e 1994*, Instituto do Emprego e Formação Profissional, Direcção de Serviços de Estudos do Mercado de Emprego, Venda Nova, 1996.

ainda não tem experiência profissional, é maioritariamente masculina. A desigualdade de oportunidades agrava-se ainda mais quando está em jogo a “formação contínua”, aquela que é dirigida a formandos que têm já uma condição de trabalhador. Apesar de a participação das mulheres na formação profissional ter vindo a aumentar nos últimos anos, há que destacar um outro aspecto da segmentação do mercado de trabalho: as poucas mulheres que conseguem ter formação profissional conseguem-na em sectores tradicionalmente “feminizados”: têxtil, calçado, contabilidade/secretariado e artesanato.

Em segundo lugar, a formação profissional parece contribuir, indirectamente, para acentuar uma selectividade social do *sistema de ensino*, nomeadamente às portas da universidade. Ou seja, alguns jovens abandonarão projectos de ingresso na universidade, em troca de uma formação profissional que, profeticamente, lhes anuncia uma mais fácil entrada no mercado de trabalho. De facto, de 1987 para 1994 tem crescido o número de jovens com o 12.º ano que frequentam a formação profissional, trocando-a por um acesso – certamente difícil – à universidade. Esta selectividade escolar é, acima de tudo, social. A maioria dos jovens formandos tem, com efeito, origem social no operariado. Desmobilizam-se de projectos universitários na medida em que se deixam encantar pela “cenoura da formação”.

Em terceiro lugar, a formação profissional aparece associada a *tempos de espera* que, de tão longos, podem desmotivar alguns jovens dos seus projectos de profissionalização, dessocializando-os do mundo do trabalho. Em causa está o período de espera que medeia entre a inscrição num curso de formação profissional e o início do mesmo e, por outro lado, o período de espera após a formação até se conseguir emprego. De facto, se, em 1987, 15% dos candidatos à formação esperavam mais de 6 meses pelo início da formação, em 1994 essa espera afectava 28% dos candidatos. Por outro lado, os jovens possuidores de uma formação profissional engrossam cada vez mais as fileiras do desemprego de longa duração. Ou seja, são cada vez mais longos os períodos de espera que medeiam entre a obtenção de uma formação profissional e a de um emprego.

Em quarto lugar, a formação profissional parece possibilitar a existência de um *mercado de trabalho secundário*, caracterizado por baixos custos salariais e grande precariedade. De facto, e como os técnicos competentes o reconhecem, “tem vindo a crescer com algum significado, o número daqueles que ficam a trabalhar na empresa onde realizaram uma formação complementar após o curso”⁶⁴. A questão que

⁶⁴ OEVA, *A inserção profissional...*, p. 5.

importaria investigar é a seguinte: em que condições? Sob que regimes contratuais? Em que medida as empresas e patrões não acabarão por explorar indevidamente a situação de fragilidade em que muitos jovens se encontram, quando procuram, a todo o custo, fugir do desemprego? Que estas interrogações não são de todo descabidas prova-o a apreensão dos legisladores quando, ao instituírem os *sistemas de aprendizagem* (decreto-lei n.º 102/94), alertavam para a necessidade de evitar a “utilização abusiva” desses sistemas, “ocultando verdadeiros contratos de trabalho sob a forma de contratos de aprendizagem”. Que os abusos persistem prova-o o elevado número de empregadores que “empregam” aprendizes ou estagiários nove meses após a formação concluída. O abuso resulta numa “*contradição*” *coerente*: “Existe da parte dos empregadores um discurso contraditório. Ao mesmo tempo que reclamam jovens com formação elevada que lhes permita dominar rapidamente um trabalho complexo, estão dispostos a utilizar esses mesmos jovens em trabalhos simples, desde que sejam abundantes e constituam mão-de-obra barata”⁶⁵.

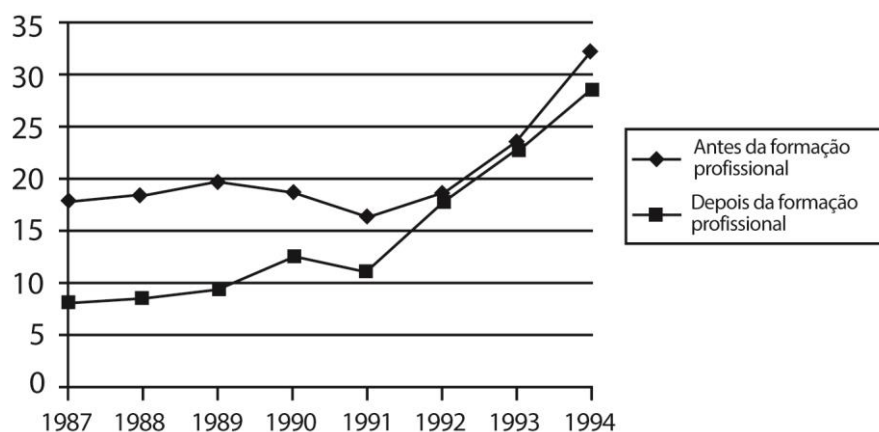
Em quinto lugar, *a formação profissional dirige-se principalmente aos que já têm emprego*. Aqui, vale a pena recuperar a profecia na sua forma mais aureolada. Exactamente aquela que sustenta que o desemprego se combate com formação profissional. Até pode ser que sim. Mas como, quando a formação profissional se dirige não aos desempregados mas, principalmente, aos que já têm emprego? Acresce, por outro lado, que, de entre os que não têm emprego e que frequentam a formação profissional, cerca de 20% são estudantes – isto é, não propriamente desempregados. Alguns deles são jovens que colecionam das mais variadas formações profissionais, não com a intenção de se integrarem no mercado de trabalho mas, antes, de se integrarem no mercado de consumo. São jovens que vão financiando os seus consumos com bolsas da formação profissional.

Em sexto lugar, e por último, muito embora teórica ou ideologicamente se possa apregoar uma relação positiva entre formação e emprego, o certo é que, comparando as taxas de desemprego dos formandos antes e depois da formação, constata-se que os ganhos são ridículos. *A probabilidade de um desempregado ficar desempregado após a frequência de uma formação profissional é elevada* (gráfico n.º 1). De facto, entre

⁶⁵ OEVA, *A inserção profissional...*, p. 7.

1991 e 1994 pode dizer--se que a formação profissional em pouco contribuiu para a diminuição do desemprego entre os formandos.

GRÁFICO N.º1
PERCENTAGEM DE DESEMPREGADOS ANTES E DEPOIS
DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL



Fonte: Gráfico trabalhado a partir de dados divulgados pelo IEF – Direcção de Serviços de Estudos do Mercado de Trabalho – OEV

Pondo em causa algumas profecias associadas à formação profissional – que não em relação a esta, em si mesma – estamos finalmente em condições de perceber porque é que os jovens dela se alheiam. Com efeito, dados de um recente inquérito baseado numa amostra representativa da população juvenil portuguesa (de 15 a 29 anos) revelam que apenas 14% dos jovens inquiridos frequentaram um curso de formação profissional e, de entre aqueles que não o frequentaram, apenas 10% o admitem fazer. As principais razões que a larga maioria dos jovens alega para nunca ter frequentado qualquer curso de formação profissional são as seguintes: “nunca precisei” (37%), “ainda me encontro a estudar” (28%) e “nunca me ocorreu” (19%). Em relação aos jovens inquiridos que se encontravam desempregados as principais razões foram: “nunca precisei” (36%), “nunca me ocorreu” (36%), “os cursos eram em áreas que não me interessavam” (11%), “não tinha conhecimento da existência de cursos de formação” (8%) e “não tenho tempo” (3%). Ou seja, a formação profissional apresentava-se, para a maioria dos jovens portugueses, à margem dos seus projectos formativos e das respectivas trajectórias profissionais⁶⁶.

⁶⁶ M. V. Cabral e J. M. Pais (coordenadores), *Jovens Portugueses de Hoje... Ver*, em particular, o capítulo elaborado por Natália Alves.

Interessa também referir que os jovens portugueses, no inquérito acabado de citar, parece atribuírem uma menor valorização à formação profissional do que os jovens inquiridos há uns anos atrás (1987). Há cerca de 15 anos, verificava-se um desfasamento entre a percentagem de jovens envolvidos na formação profissional (11%) e a percentagem daqueles que gostariam de vir a frequentar um curso de formação profissional (38%). Em contrapartida, em 1997, a percentagem dos que frequentam um curso de formação profissional (14%) é superior à percentagem dos que admitem fazê-lo (10%). Será que os jovens de hoje se encontram menos crentes na possibilidade de a formação profissional lhes proporcionar uma inserção mais fácil no mercado de trabalho?

A posição dos jovens em relação à formação profissional convida a uma reflexão sobre se as políticas de combate ao desemprego devem orientar-se para a formação ou para o *fomento directo do emprego*. Certamente que as mudanças estruturais no mundo do trabalho exigem novas qualificações da força de trabalho e uma adequada formação profissional. O tecido produtivo não se moderniza sem recursos humanos qualificados. Contudo, e como os próprios jovens portugueses acabam por reconhecer, os problemas de inserção no mercado de trabalho não derivam apenas, nem principalmente, da profecia que sustenta uma inadequação dos sistemas educativo e formativo ao sistema produtivo. Como os jovens inquiridos portugueses o reconhecem, o problema do desemprego justifica-se principalmente pela falta de empregos. Na opinião dos jovens, as *causas individuais* do desemprego são francamente sobrelevadas por causas estruturais. São poucos, aliás, os jovens que alinham na profecia que sustenta que “a escola não prepara para o mundo do trabalho” (11%). A maioria dos jovens portugueses pensa que, se há desemprego, é simplesmente porque “há cada vez menos empregos”.

Os dados do inquérito citado evidenciam também que no mercado de trabalho predomina cada vez mais uma maior *flexibilidade e rotatividade* de postos de trabalho. Aliás, a sua regulação tem sido feita a partir de duas principais estratégias: a) através de políticas de emprego de curto alcance: formação, contratos de inserção, apoio a pequenas empresas no âmbito de iniciativas locais de emprego; b) através de políticas de liberalização (flexibilização laboral, mobilidade profissional, etc.) que esperam ser bafejadas por uma qualquer “mão invisível” que ponha ordem no mercado de trabalho. O número de vezes que os jovens mudaram de emprego – entre os que já ingressaram no mercado de trabalho – expressa bem esta realidade. Por outro lado, as elevadas

percentagens de jovens desempregados que, em 1997, mudaram duas, três ou quatro vezes de emprego – elevadas percentagens quando comparadas com as relativas aos desempregados inquiridos em 1987 – evidenciam, possivelmente, um fenómeno de rejeição do mercado de trabalho em relação a jovens com dificuldades de se fixarem no mesmo. Este fenómeno já se insinuava, aliás, em 1987 para cerca de 30% de desempregados que haviam mudado cinco ou mais vezes de emprego. Os dados ilustram, pois, uma significativa propensão à mobilidade dos jovens por postos de trabalho ou empregos⁶⁷.

Esta mobilidade tanto pode dever-se a uma busca incessante de melhores ocupações profissionais como expressar o agravamento de um desemprego intermitente de longa duração. Com efeito, o incremento das taxas de rotatividade laboral entre os jovens, nomeadamente entre os desempregados, expressa a conversão de um desemprego de inserção num desemprego de mobilidade. O desemprego de inserção ocorre quando se procura um primeiro trabalho ou quando se cai no desemprego após uma primeira experiência profissional, como com mais frequência acontecia com os jovens desempregados inquiridos em 1987, entre os quais um em cada quatro tinha mudado de emprego uma única vez. O desemprego de mobilidade – que já se insinuava claramente em 1987, acentua-se entre os jovens desempregados que foram inquiridos em 1997 e que mudaram mais de uma vez de emprego: principalmente duas e três vezes⁶⁸.

Por último, refira-se que, entre os jovens desempregados que foram inquiridos em 1997, as razões de desemprego apontam maioritariamente para saídas compulsivas do mercado de trabalho. Em cerca de 70% dos casos, os jovens viram-se no desemprego, ou porque chegaram ao fim do contrato, do estágio ou das tarefas obrigacionais (45.5%), ou porque foram despedidos (15.3%) ou, finalmente, porque as empresas em que trabalhavam faliram (4%). Estamos, pois, perante traços específicos de um mercado de trabalho fortemente segmentarizado em termos geracionais. A modernização da economia portuguesa tem originado uma flexibilização crescente das estruturas produtivas e dos usos da força de trabalho. É no segmento mais débil do mercado de trabalho que um número considerável de jovens portugueses ensaia, por múltiplas tentativas e variadas formas de precariedade, a sua inserção – nem sempre conseguida. É neste contexto que surgem os *ganchos*, *tachos* e *biscates*.

⁶⁷ J. M. Pais, “Da escola ao trabalho”...

⁶⁸ J. M. Pais, “Da escola ao trabalho”...

2. Labirintos de vida e trajetórias ioiô

Jorge Luís Borges, como se sabe, era um cultivador de labirintos. O labirinto é uma das muitas figuras do caos, entendido como uma complexidade cuja ordem existe, embora de forma oculta. Por isso, os labirintos, enquanto estruturas de uma globalidade, são realidades complexas, porque não é fácil encontrar a porta de saída dessa globalidade.

Em *El Aleph*, de Borges, a personagem principal, Joseph Cartaphilus, descobre na “Cidade dos Imortais” um verdadeiro caos, uma “globalidade complexa”, uma tradução exemplar de complexidade *híbrida e fluida*⁶⁹. Um emaranhado de tráfico. Um mundo sem sentido. Mas os labirintos, em toda a sua complexidade, têm uma estrutura de sentido. E, por essa razão, os labirintos são típicas representações figurativas de uma *complexidade inteligente*, como nos diria Luhmann.

Todas as lendas, mitos, usos e jogos, inspirados na figura do labirinto apresentam duas características que acentuam essa *complexidade inteligente*: por um lado, o prazer do extravio frente a sua inextricabilidade; por outro lado, a expectativa de se sair do labirinto com as astúcias da razão (ou do sentido).

A modernidade recente é um terreno labiríntico que se furta à planificação. Podem criar-se planos para impulsionar novos rumos à vida ou à sociedade, mas esses planos criam realidades que são sombras de realidades antagónicas criadas por efeito de arrastamento e, desse modo, “o improvável torna-se provável”.

Embora para alguns jovens os riscos ofereçam oportunidades e sejam aceites na expectativa de benefícios – assim acontece quando se fareja ou pedincha um tacho, ainda que haja o risco de não o obter – para muitos outros jovens a vida é como uma lotaria, onde os riscos estão fora de controlo e a segurança é uma questão de sorte. Os riscos ameaçam, mas é a insegurança que verdadeiramente torna a vida insegura. Com efeito, o conceito de risco recobre a consciência da possibilidade de ocorrência de determinadas ameaças, teoricamente antecipáveis através de alguma forma de cálculo ou previsão. Em certa medida, estamos perante incertezas que podem ser transformadas em probabilidades. Assim, há uma situação de risco quando um jovem conduz um automóvel a uma velocidade elevada, e o risco é ainda maior se não levou o carro à revisão ou se conduz bêbado. Em contrapartida, o conceito de insegurança

⁶⁹ John Urry, “O Tempo, a complexidade e o global”, *Boletim Informativo da Associação Portuguesa de Sociologia*, série 3, Fevereiro de 2001, pp. 2-5.

recobre incertezas que, pela sua natureza, não estão sujeitas a racionalizações de cálculo ou a uma probabilidade de ocorrência⁷⁰. Um jovem com trabalho precário e vivendo em situação de marginalidade não está em condições de calcular riscos de vida, uma vez que a sua vida é toda ela já um risco. Enquanto que a segurança exprime uma condição de estabilidade ou permanência que faz com que um jovem tenha fundamentadas expectativas de continuidade de uma carreira, a insegurança expressa um sentimento de incerteza em relação ao futuro, ao desconhecido. Como sugerido pelo título significativo de um ensaio de Vasily Kandinsky (Y), vivemos numa época de Y: Y de incógnita, mas também de junturas e conjunturas, de conexão de espaços, temporalidades, situações, instituições.

Tem-se argumentado que vivemos numa modernidade de “reflexividade social” onde as decisões são tomadas na base de informações apropriadas, mas, paradoxalmente, quanto mais informado se está, menos segurança se sente. Este é outro traço dos modos de vida em labirinto. De facto, vivemos uma época marcada por “dilemas de insegurança”⁷¹ onde os esforços bem intencionados para alcançar a segurança se traduzem, muitas vezes, num reforço da insegurança. A “modernização reflexiva” de que nos fala Ulrich Beck não significa apenas uma mera reflexividade; significa essencialmente uma autoconfrontação da modernidade consigo mesma em que a expansão das opções se cruza com a proliferação dos riscos, em que a insegurança amplia as variantes de probabilidades futuras. Parafraseando Adorno e Horkheimer, na sua *Dialética da Razão*, poderíamos dizer que o risco secularizou a “sorte” e o “destino” que caracterizavam as sociedades tradicionais mas, nesse processo, o próprio risco converteu-se em mitologia, já que a sua incalculabilidade o torna indeterminado, embora determinavelmente presente, como ameaça de futuro.

A abertura e indeterminação do futuro não significa uma irradiação do destino, mas a sua produção social enquanto utopia. O destino deixou de ser o fado da vida, convertido em fardo da mesma, para ser a própria vida à procura do seu próprio destino. Ou seja, passou-se de um destino que nos era dado *metasocialmente* – por uma qualquer “exterioridade” que se imporia sobre as nossas maneiras de ser, de pensar e de sentir (Deus, Natureza, ou “representações colectivas”, como diria Durkheim), para um destino que é produzido quotidianamente, num campo de oportunidades, reivindicações, utopias. Estes outros lugares ou topos sociais surgem na senda de

⁷⁰ A distinção entre risco e insegurança é feita por John Vailt al (Eds.), *Insecure Times. Living with Insecurity in Contemporary Society*, Routledge, London, 1999.

⁷¹ John Vailt al (Eds.), *Insecure Times ...*, pp. 8-11.

fraccionamentos sociais, de ataduras de vária ordem (religiosas, morais, políticas) que se desatam, perdendo as suas urdiduras (de dureza e durabilidade). As ataduras são unificantes, criam laços, dão “nós” entre elementos que aderem a uma identidade (de nós). Os nós e os laços asseguram a atadura, promovem a concordância e a coesão das partes que se atam. As utopias de vida, ao constituírem-se em terrenos labirínticos, geram a alternativa, a ambivalência, a discordância, a “probabilidade do improvável” (Luhmann). A vida social moderna encontra-se sujeita a um profundo processo de reorganização social que acompanha uma expansão dos mecanismos de desmembramento institucional que libertam as relações sociais dos seus enraizamentos locais⁷².

O que constatamos é que os jovens, por se sentirem num labirinto de vida, tendem muitas vezes a negar a vigência da realidade através de projecções utópicas. Para alguns deles, a fidelidade ao real faz-se através das margens para as quais são frequentemente relegados, como acontece quando procuram uma integração profissional nas margens da economia formal. Uns afundam-se nas margens, outros procuram inovações de margem⁷³, margens de descoberta de novos *topos*, novos lugares, lugares de futuro que não existem enquanto o presente não se esvai. Quer isto dizer que nos labirintos da vida alguns jovens acham-se depois de se perderem. Aliás, a tormentosa navegação das descobertas quinhentistas sempre se fez através de grandes escolhos (obstáculos) que abriam as portas às escolhas, às tomadas de decisão. No entrecruzamento dos escolhos com as escolhas surge a utopia e seus malefícios derivados: o optimismo messiânico e o pessimismo desencantado. Isso vê-se nas utopias de muitos jovens, quando, perdidos no labirinto da vida, se procuram achar. Veremos que a vida de muitos deles é como jogar e ser joguete, é um embrulho, é um labirinto que enreda a vida. Os seus percursos, entrecruzam topias e utopias sucessivas. De lugar (*topia*) em lugar (novas *topias*) vão descobrindo que a utopia se traduz exactamente no seu significado: ausência de lugar, mapa metafísico da realidade. As suas vidas são labirintos de encruzilhadas e de utopias, mas as aparentes saídas do labirinto desembocam em novos labirintos de encruzilhadas e de utopias. Há que saber viver no labirinto da vida.

⁷² A. Giddens, *Modernity and Self-Identity*, Polity Press, London, 1991.

⁷³ Sobre a Antropologia das “margens” pode consultar-se um excelente número temático da *Análise Social* consagrado ao tema e organizado por João de Pina Cabral: *Análise Social*, vol. XXXIV, n.º 153, 2000.

É porque vivem em estruturas sociais crescentemente labirínticas que os jovens contemporâneos se envolvem em *trajectórias ioiô*⁷⁴. De facto, um dos aspectos essenciais das culturas juvenis contemporâneas deriva das lógicas antinómicas que as caracterizam: ora rígidas, uniformes, coercivas; ora flexíveis, opcionais, sedutoras. Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas e modeladas em função dos indivíduos e seus desejos, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém: saem de casa dos pais, para um qualquer dia voltarem; abandonam os estudos, para os retomarem tempos passados; encontram um emprego, e em qualquer momento se vêem sem ele; as suas paixões são como “voos de borboleta”, sem pouso certo; se casam, não é certo que seja para toda a vida... São estes movimentos oscilatórios e reversíveis que o recurso à metáfora do ioiô ajuda a expressar. Como se os jovens fizessem das suas vidas um céu onde exercitassem a sua capacidade de pássaros migratórios. Por outro lado, assistimos também a um movimento de vaivém entre os atributos desta nova condição juvenil e a sua reconstrução social, enquanto referente imaginário, pelas estruturas mediáticas e de consumo.

Como dizia Aristóteles, na sua Poética, a metáfora é o transporte a uma coisa do nome que designa outra⁷⁵. Nas origens, ioiô designa uma coisa: um disco preso por um

⁷⁴ Apresentei este conceito em 1994, no III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, «Dinâmicas Multiculturais – Novas Faces, Outros Olhares. As Ciências Sociais nos Países de Língua Portuguesa e os Desafios Contemporâneos», organizado pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. A comunicação encontra-se publicada: “A geração yo-yô: uma nova condição juvenil?”, *Dinâmicas Multiculturais. Novas Faces, Outros Olhares, Actas das sessões temáticas do III Congresso Luso-Afro-Brasileiro*, Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Estudos e Investigações, 7, Lisboa, 1997, pp. 111-125. O conceito de ioiô tem vindo a ser trabalhado em redes internacionais da Sociologia da juventude, em particular no âmbito da EGRIS (*Europäisch Gesellschaft für Regionale und Internationale Sozialforschung*) e do projecto *Misleading Trajectories? Evaluation of Employment Policies for Young Adults regarding non-intended effects of social exclusion*, apoiado pela Comunidade Europeia (Programa TSER - Targeted Socio-Economic Research Programme). Sobre o tema podem consultar-se os meus seguintes contributos: José Machado Pais, «Growing up on the EC periphery: Portugal», in L. Chisholm, P. Krüger e M. du Bois-Raymond (Eds.), *Growing Up in Europe*, Berlin e New York, Gruyter, 1995, pp. 195-208; “Junge Erwachsene in Europa-Nene Übergänge Zwischen Jugend und Erwachsen-Sein” (em colaboração), *Nene Praxis. Zeitschrift für Sozialarbeit, Sozialpädagogik und Sozialpolitik*, nº 3/97, Dortmund, 1997, pp. 244-266; “Transitions to Adult Life: the Games and the Thrills”, *Leisure Studies*, September 1998, vol. 1, n.º 1, pp.2-8; “Young Adults in Europe. New Trajectories Between Youth and Adulthood. An Intercultural Outline of the European Research Network EGRIS” (em colaboração), in CYRCE (Eds.), *European Yearbook for Youth and Research*, Vol. 2, De Gruyter, Berlin/New York, 1999, pp. 61-88; “Transitions and youth cultures”, *International Social Science Journal*, 164, UNESCO, 2000, pp. 219-232 e “Misleading Trajectories: Transition dilemmas of young adults in Europe” (em colaboração), *Journal of Youth Studies*, vol. 4, n.º 1, 2001, pp. 101-118.

⁷⁵ Porquê recorrer a uma metáfora para caracterizar uma condição social? Por uma razão simples. É que as metáforas, como os tropismos, são por vezes preferíveis aos modelos teóricos carregados de abstracções, artificialismos, sofisticacões. Estes, tais como os conceitos, implicam uma rigidificação (modelização) da realidade. As metáforas, pelo contrário, são movimentos deslizantes (ioiô) de uma ideia a outra, permitindo-nos mais facilmente percorrer a realidade. Dos modelos ficamos frequente-mente

fio com o qual se podem fazer movimentos oscilatórios. Como brinquedo que é, façamos um uso metafórico (lúdico) do ioiô. Tomemos o nome da “coisa” para designar outra. Como? Utilizando a metáfora como uma lente interpretativa da actual condição juvenil e das ritualidades que a constituem. Estas formam a base geradora dos quotidianos juvenis, ajudando-nos a interpretar a gramática e o léxico das culturas a que dão origem, não obstante a tensão semântica associada a muitas dessas ritualidades.

As “voltas e mais voltas” retratam, expressivamente, muitos dos actuais quotidianos juvenis. Diversos são os factores que contribuem para este volteio. Em primeiro lugar, os jovens desenvolvem uma espécie de *culto da sensação multiplicada*. A expressão é de Baudelaire e aparece em *O meu coração a nu*, espécie de diário íntimo escrito nos anos 60 do século passado. Aí, Baudelaire glorifica a vagabundagem, a boemia, a extravagância, tudo o que possa chocar a moral burguesa, proporcionando ao mesmo tempo vivências experimentalistas, numa aversão clara a todos os situacionismos, teúdos e manteúdos. É nesta lógica “experimentalista” que se desenvolvem muitas sociabilidades juvenis; criativas por natureza, mas também geradoras de intolerância, agressão, delinquência até. Não por acaso se tem sugerido que grande parte dos delitos dos jovens ocorrem nos seus tempos livres⁷⁶. Por outro lado, esta filosofia de “vida de inconstâncias” muda, ainda que sem os suprimir, os constrangimentos do trabalho profissional, educacional e familiar. Os jovens tendem a tudo relativizar: desde o valor dos diplomas até à segurança de emprego. E não o fazem sem razões. Os diplomas são cada vez mais vistos como “cheques carecas” sem cobertura no “mercado de trabalho”. Mercado de trabalho, também ele sujeito a grandes inconstâncias, a “voltas e mais voltas”, a flexibilizações, segmentações e *turn overs*.

Os quotidianos juvenis rodopiam entre tempos monocromáticos e tempos policromáticos⁷⁷. Os primeiros são de natureza institucional (escolar, profissional, familiar) e privilegiam os horários, a segmentação, a pontualidade; os segundos são de natureza sociabilística e enfatizam a aleatoriedade, os sentimentos, a experimentação, a convivialidade. Os tempos policromáticos são os que proporcionam as voltas mágicas

prisioneiros, uma vez que nos obrigam a pôr entre parêntesis porções significativas da realidade, isolando uns aspectos, enfatizando ou negligenciando outros. A metáfora é instrumentalmente mais plástica, porque mais especulativa, daí podendo resultar a sua heurística. Cf. Brenda Beck, “The metaphor as a mediator between semantic and analogic modes of thought”, *Current Anthropology*, vol. 19, nº 1, pp. 83-97.

⁷⁶ Joffre Dumazedier, “New ‘Eloge de la Folie’”, in *Leisure & Recreation*, vol. 32, nº 4, 1990, pp. 6-10.

⁷⁷ T. Edward Hall, *The Silent Language*, Doubleday, New York, 1973.

no caracol da vida, as voltas e mais voltas que o próprio fado da vida permite. E nas “voltas que a vida dá” é curioso constatar que o movimento (iô) de socialização de pais para filhos dá uma volta de retorno (ioiô) que assegura que também os pais sejam socializados pelos filhos, aculturizados por uma cultura juvenil, cada vez mais referencial, nomeadamente no domínio da moda e da valorização do corpo.

As “voltas e mais voltas” ocorrem ainda no campo das relações amorosas. Numa semana pode dar-se uma volta com um/a namorado/a para, na semana seguinte, se andar com outro/a. Há ritualizações associadas à sexualidade que produzem, entre os jovens, uma mediação entre desejos, angústias e desilusões⁷⁸. Também é frequente, quando o cansaço vem ao de cima, mandar-se o namorado/a “dar uma volta”, ou pô-lo a “girar” ou a “bugiar”, isto é, pô-lo à distância ou à ilharga. A metáfora das “voltas” aplica-se ainda às relações sexuais. A impetuosidade dos jovens (especialmente dos rapazes, segundo se gabam) reflecte-se na capacidade de darem “voltas e mais voltas”, especialmente nos febris fins-de-semana, com motas e namoradas. Amigos de escapes barulhentos, estes jovens abraçam estilos de vida “escapatórios”, que lhes garantam mobilidade, elasticidade. Quando se prendem (ao “nó” do casamento), alimentam sempre uma “presunção de divórcio”, isto é, uma crença de que, “se um casamento não funciona, não faz mal, porque há sempre possibilidades de separação”.

O importante é assegurar uma autonomia individual, uma liberdade existencial que confira espaços de manobra, onde voltear. Esta mobilidade é particularmente explorada no consumo. O consumismo não é apenas um espelho da produção. As formas e os significados culturais não se reduzem ao económico. No consumismo encontramos também dimensões ligadas aos sonhos, à consolação, às imagens, às identidades. No consumo volteia-se. É o que acontece nos ciclos da moda, com velhos estilos que voltam. Porque é que os jovens manipulam tão intensamente as fachadas visuais? Porque, por definição, a moda é instantânea, é movimento, é mudança. A moda é, em si mesma, a imposição da mudança como mecanismo de autonomização. Andar atrás ou na vanguarda da moda é estar no campo do eco dos “últimos gritos” da moda – os quais costumam “chocar” na exacta medida em que desestabilizam as convenções, o normal; e na medida, também, em que, através da moda, os jovens usam as armas do artifício de que a extravagância é a plena assunção: quando os sapatos de bico, linha italiana, estão de moda, eis que surgem os calçados “submarinos”, tipo “botas da tropa”; quando os cabelos compridos farfalheiam as cabeças, eis os cortes exóticos de “tigela”;

⁷⁸ S. Levinson, *Sexualité et Mémoire*, Diplôme de l'EHESS, Paris, 1993.

etc. A moda assegura sempre a possibilidade de romper com o normal, com voltas permanentes à originalidade. A necessidade de se ser “original” não corresponde apenas ao domínio de um “narcisismo individualista”, em que o mundo é um espelho no qual o indivíduo se olha; o que está em causa é um “narcisismo relacional” em que o indivíduo se sente como o espelho em que os outros se olham.

O *princípio da reversibilidade* nos processos de transição para a vida adulta – nas vertentes educacional, profissional e conjugal – incita-nos a caracterizar metaforicamente a geração dos anos 90 como a geração ioiô. De facto, os umbrais tradicionais de transição para a vida adulta – abandono da família de origem, casamento, obtenção de emprego – são manifestamente reversíveis. As oposições estudante/não estudante, activo/inactivo, celibatário/casado encontram-se ultrapassadas por uma multiplicidade de estatutos intermédios e reversíveis, mais ou menos transitórios ou precários. As próprias sequências desses umbrais de passagem não são lineares ou uniformes: o abandono da família de origem nem sempre coincide com o fim da escolaridade ou com o casamento; a obtenção de uma experiência profissional pode ocorrer na fase de estudante; a coabitação pode ser anterior à obtenção de emprego estável. Enfim, os processos de transição são francamente heterogéneos e marcados por apreciáveis descontinuidades e rupturas⁷⁹.

A *geração ioiô*, pela sua natureza, é uma geração em que o “tempo flecha” se cruza com o tempo cíclico, tempo de eterno retorno. Os jovens desta geração tão rapidamente abandonam a escola, adquirem emprego e se casam – deixando de ser jovens e passando a adultos – quanto, com a mesma rapidez, caem de novo no desemprego, voltam à condição de estudantes e se divorciam, redescobrimo a juventude. O *princípio da reversibilidade* nos processos de transição para a vida adulta faz com que alguns jovens abandonem a escola na expectativa de iniciarem uma carreira profissional para acabarem por regressar à escola, dadas as dificuldades de obtenção de emprego. Outros permanecem na escola, mas sentem-se nela a mais.

O *princípio da reversibilidade* verifica-se também no plano da vida familiar. Há umas décadas atrás, a forma dominante que correspondia ao abandono da família de origem tinha por finalidade o casamento. Contudo, hoje em dia, o celibato parece configurar outra possibilidade de abandono da família de origem. Mas a maioria dos jovens que vive fora da casa dos pais não deixa de viver na sua dependência económica⁸⁰. Por

⁷⁹ J. M. Pais, *Culturas Juvenis...*

⁸⁰ Schmidt, Luísa (1990), «Jovens: família, dinheiro, autonomia», *Análise Social*, vol. XXV (108-109), 1990 4.º-5.º), pp. 669.

outro lado, o divórcio marca presença significativa entre os jovens casados, acontecendo que alguns que deixaram de viver com os pais, por se terem casado, regressam divorciados ao velho lar familiar. Aliás, os sentimentos de frustração entre alguns jovens adultos contemporâneos não derivam apenas de falsas expectativas de mobilidade social ou inserção profissional. As desilusões estendem-se também à vida conjugal. Há uma predominância crescente do mito do enamoramento, mas as possibilidades de insucesso são também crescentes. Divórcios, coabitações, recasamentos e outros acasalamentos formam a trama da paisagem conjugal de muitos jovens adultos⁸¹.

Outros factores têm contribuído para o alongamento da fase de vida a que corresponde a juventude, devido ao prolongamento das trajectórias escolares e ao retardamento de entrada no mercado de trabalho. Assistimos a uma crescente desactivação dos jovens do mundo do trabalho, devido ao desemprego. Em Portugal, a percentagem de jovens desempregados no conjunto da população desempregada é das mais elevadas da Europa, rondando os 50% (45.3% no ano de 2000), o mesmo acontecendo com a percentagem de jovens envolvidos em “trabalho temporário”. Por outro lado, nos últimos anos, o emprego precário tem aumentado numa proporção dez vezes superior ao aumento do emprego permanente. O volume de desemprego de longa duração entre jovens tem implicado o surgimento de fenómenos apreciáveis de exclusão: nomeadamente entre os que detêm baixos níveis de qualificação, os estrangeiros, certas categorias de mulheres (de indústrias decadentes, mães solteiras, etc.). A precariedade de emprego, por outro lado, faz com que muitos jovens andem, como eles dizem, “aos saltos”: de trabalho em trabalho, passando pelo desemprego, num recorrente movimento ioiô. A escola nem sempre funciona como um tampão ao desemprego; a percentagem de jovens portugueses que abandonam a escola antes dos 20 anos continua a ser das mais elevadas da Europa – situação apenas comparável à do Reino Unido⁸² cujo sistema educacional assenta no velho modelo “early selection-low participation”⁸³ – modelo que tem a sua versão portuguesa.

Em suma, a *geração ioiô* é uma geração dominada pelo aleatório e parece assentar numa *ética de experimentação* que possibilita aos jovens que a integram uma deambulação pelos mais variados estatutos profissionais, estudantis ou conjugais –

⁸¹ Ver, a propósito, os trabalhos de Anália Torres: *Divórcio em Portugal. Ditos e Interditos. Uma Análise Sociológica*, Celta, Oeiras, 1996; e *A Família e a Questão Feminina*, Celta, Oeiras, 2001.

⁸² OCDE, *Perspectives de l'Emploi*, 1988.

⁸³ Lynne Chisholm, «A crazy quilt: education, training and social change in Europe», in Joe Bailey (Ed.), *Social Europe*, Longman, London, 1992, pp. 123-146.

tornando possível o *movimento ioiô*. As próprias manifestações mais espectaculares dos chama-dos “jovens em ruptura” – os pequenos roubos, os atentados à ordem pública, as galhofadas com motas, etc. – podem ser vistas como ritualizações de um movimento de descarrilamento comportamental (iô!) que, em qualquer momento, pode entrar nos “eixos”.

Embora todas as gerações vivam o seu tempo, nem todas têm as mesmas memórias do tempo que viveram (*passado*), nem as mesmas expectativas em relação ao tempo que esperam viver (*futuro*). Por isso mesmo, esse tempo que nos é dado pelas distintas representações que dele se têm é um tempo revelador (no sentido fotográfico do termo) que significa que passamos do *negativo* (da ignorância) ao *positivo* (do conhecimento). As representações do tempo constroem-se fundamentalmente em torno da *linearidade* e da *ciclicidade*. Os primitivos não tinham uma ideia de futuro e, por isso, o tempo era, para eles, uma repetição cíclica. Não é que colocassem em causa a existência do tempo, mas o seu sentido esgotava--se na função de repetir em arquétipos imutáveis, normas míticas ou ancestrais. O *tempo reversível*, característico de “sociedades primitivas”, é um tempo frio, que se cristaliza e resiste à mudança; em contrapartida, o tempo linear, característico de sociedades que se baseiam no progresso, é um tempo contínuo que permite prever o futuro em função do presente e do passado, segundo uma ordem de sucessões inevitáveis. Se o tempo segue as rotas de uma linha contínua (a flecha do tempo), basta medir a sua orientação para que conheçamos a sua trajectória. Mas o futuro dos jovens parece esgueirar-se da *flecha do tempo*.

Nos tempos que correm, os jovens vivem uma condição social em que as setas do tempo se cruzam com o *tempo cíclico*. Os tempos que correm são tempos ziguezagueantes e velozes, próprios de uma sociedade *dromo... crática*, na qual os tempos *fortes* se cruzam com os *fracos* e, em ambos, se vivem os chamados *contratempos*. São muitos destes *contratempos* que caracterizam a condição juvenil contemporânea.

Os jovens enfrentam-se com o futuro, até porque sabem que nesse futuro deixarão de ser jovens. Mas, muitos deles não sabem se esse futuro é próximo ou longínquo, nem tão-pouco que futuro os espera. Outros, chegados ao futuro, descobrem-no como um tempo de retorno, de *revolver* (como o revólver que regressa ao *coldre*), termo que na Antiguidade designava o movimento de “revolvimento” ou “enroscamento” da Lua.

Os jovens envolvem-se em trajectórias de transição para a chamada vida adulta (*setas do tempo*), mas deixam-se também embalar pelo tempo mágico do *círculo*. E

tudo o que releva da magia é do domínio das ilusões. Que tipo de ilusões? Das ilusões que repousam nos desejos que as originam. Ser jovem é mergulhar, de cabeça, nesse poço fundo de desejos: as boas notas escolares, as férias, o bom emprego, a casa, aquela “outra metade” que faz nascer a paixão, os próprios “sonhos de consumo”.

O que caracteriza as ilusões – ensinou-nos Freud – é derivarem de desejos. As ilusões são mais sintomas que extravios. Quando se olha para uma paisagem, através de uma janela, os vidros transparentes apenas se deixam detectar naquilo que nos revelam: reflexos, turbilhões de pó, jogos de refração. Podemos escolher entre contemplar a paisagem, o pó, ou mesmo o vidro. As ilusões de vida oferecem também abundantes paisagens, mas, ao contrário do real (ocultado por janelas polvorentas), são as ilusões, elas mesmas, que nos desviam ou afastam da tentação de examinar mais de perto a natureza das realidades criadas ilusoriamente. As ilusões de vida são puras “criações de espírito”, produtos da nossa actividade de conceptualização. Mas são também sintomas, sinais que há que interpretar. Podem ser tangíveis, tão próximas do real quanto se queira. Mas seguem sendo ilusões. Não são necessariamente falsas ou enganosas. São sintomas. Rastos de desejos. Os desejos são a realidade das ilusões. Podemos querer ver as ilusões, tais quais elas são: como ilusões. Contudo, o próprio das ilusões é não deixarem ver-se como são. Muitos jovens alimentam ilusões razoáveis em relação ao futuro. Preservam-nas e acarinham-nas. Amarram-nas à realidade que confundem com as ilusões, ambiguidade perigosa que pode desembocar na perda do sentido da realidade. Há então um refúgio na ilusão como estratégia de fuga à realidade.

Não é por acaso que os grandes cícos e ociosos do virtual são aqueles que mais necessidade sentem de fugir à realidade. É o que acontece com os jovens, os mais propensos a viajarem no ciberespaço e, de certa maneira, a viverem nele. Como nos sugere Philippe Quéau⁸⁴, a fuga das verdadeiras realidades e o refúgio em “realidades de síntese” permite que em sociedades dominadas por um desemprego juvenil estrutural, muitos jovens se envolvam em “alucinações virtuais”, “drogas virtuais”, “ociosidade virtual”. O perigo desta nova ociosidade não consistirá tanto em tomar-se a sério o virtual, mas em considerar-se o real uma extensão daquele. Num ou noutro caso, há uma fuga do mundo real e um refúgio compensatório num mundo simulado que se confunde com as representações que dele fazemos.

⁸⁴ Philippe Quéau, *Le Virtuel. Vertus et Vertiges*, Éditions Champ Vallon et Institut National de l'Audiovisual, Paris, 1993.

Os jogos informáticos de aventura, aos quais os jovens tanto aderem, proporcionam também essa desrealização do real ou essa realização do virtual. A questão é a de saber se esses jogos vão permitir realizar, virtualmente, aspirações profundas dificilmente concretizáveis na realidade. Para muitos jovens, por exemplo, o mundo da escola parece-lhes aleatório: as avaliações são aleatórias, os diplomas idem; saídos da escola, não estão seguros de encontrar emprego, o futuro é uma incógnita. O mundo real, da “vida verdadeira”, é cheio de incertezas. Em contrapartida, nos jogos de vídeo exercitam um poder: ao utilizarem um simulador de voo sentem-se pilotos; enquanto jogadores é-lhes atribuída a missão de herói. Dominam as situações⁸⁵.

Nas viagens ciberespaciais, as técnicas virtuais transportam o jovem a um espaço simulado, projectando-o num universo simbólico e real; submergem o navegante na imagem, permitindo-lhe uma mobilidade física nesse universo de síntese. O espaço esquiva-se à definição que Kant lhe dava – condição de possibilidade dos fenómenos, condição *a priori* da experiência do mundo. Na realidade virtual, o espaço deixa de ser uma forma *a priori*, ao converter-se, ele próprio, em imagem: a formalizar, a modelar, em interactividade com outros objectos modeláveis que não se limitam a habitar um espaço inerte, dado, formado. Nas viagens ciberespaciais, os mundos virtuais representam lugares imaginários, espaços simbólicos. Têm uma presença ubíqua. Podem ser simulados em qualquer parte. Daí que nos mundos virtuais se experimente uma sensação de vertigem; uma real sensação de fuga da realidade ao emergir-se noutra (virtual).

Os quotidianos juvenis comportam esta plasticidade virtual. São, muitas vezes, quotidianos de deriva, sem grandes princípios de navegação, em imprevisíveis rotas de aventura. Porque é que os jovens investem tanto no quotidiano? Porque é que os valores juvenis são essencialmente valores do quotidiano? Desde logo, porque entre os jovens, os tempos do presente – que são os do quotidiano – ganham ascendência sobre os tempos que lhe são adjacentes, os do passado e do futuro. É como se os jovens tivessem perdido o sentido de “continuidade histórica” e vivessem o presente só em função do presente. É como se se tivesse experimentado uma erosão do sentimento de pertença a uma sucessão de gerações enraizadas no passado e se prolongasse no futuro essa erosão do sentimento.

⁸⁵ Pierre Bruno e Laurent Trémel, «La pratique des jeux vidéo. Approche d'un loisir de masse médiatisé», *Ethnologie Française*, XXV, 1, Janeiro-Março de 1995, pp. 103-11.

Seja tomado o passado como um espaço de aglomeração de experiências. Por sua vez, seja tomado o futuro como um horizonte através do qual se abre um novo campo de experiências. Koselleck sugere-nos que a problemática do tempo consiste em sabermos como os “campos de experiência” passados se reflectem nos “horizontes de espera” futuros⁸⁶. Segundo Koselleck, no caso da História, esses horizontes temporais variam. Entre 1500 e 1800, por exemplo, o arco temporal entre o “campo de experiência” e o “horizonte de espera” encontrava-se significativamente dilatado; o “horizonte de espera” anulava praticamente o “espaço da experiência”. Em contrapartida, os “tempos modernos” vivem sob o signo da “revolução”, dando--se uma contracção do tempo que antecipa o futuro para o espaço da experiência. Diferentes eram ainda as épocas das monarquias e estados absolutistas, temerosos das acelerações do tempo e das mudanças por elas originadas que poderiam pôr termo ao seu domínio. As suas estratégias defensivas procuravam ampliar o “espaço da experiência”, através do controlo do “horizonte de espera”. Neste caso, o campo da experiência impõe-se sobre o horizonte de espera. Futuro actualizado no presente. Nem que seja simulado (ou desejado) como ilusão, num cenário de sentimentos de esperança, expectativas, temores, anseios, desejos, inquietações. É bem possível que os jovens, ao interiorizarem esta tensão entre experiência e espera, adoptem também estratégias defensivas, procurando ampliar o espaço da experiência – que é o do quotidiano.

Contudo, as rotas do quotidiano não são necessariamente de passividade ou de rotina. As rotinas cruzam-se com as rupturas. As raízes etimológicas da palavra rotina apontam para um campo semântico associado à ideia de rota (caminho), do latim *via*, *rupta*, de onde também deriva a ruptura, isto é, a interrupção, o corte, o rompimento, a fractura, o desvio. Para muitos jovens, as rotas do quotidiano são, muitas vezes, rotas de ruptura, rotas de desvios múltiplos. E são nestas rotas que emergem os valores juvenis mais contestatários.

A vida quotidiana deixa então de ser meramente vivida – isto é, *repetidamente* – para passar a ser investida, *criativamente*, com aventura. Aventura tomada aqui no sentido de enclave na quotidianidade prosaica, mas também no sentido em que Simmel tomou o conceito de aventura, isto é, como produto de concretização entre a actividade e a

⁸⁶ R. Koselleck, *Le Futur Passé. Contribution à la Semantique des Temps Historiques*, EHESS, Paris, 1990.

passividade, entre o que nos é dado e o que se conquista⁸⁷. Nos rumos sociais, temos as rotas ou os caminhos *normais* – ou, se quisermos, as rotinas institucionalizadas (mais próximas dos adultos) – e os caminhos de aventura e risco, extravagantes ou desviantes. Porque é que muitos jovens têm uma atracção especial pelos “caminhos do desvio”? Porque é que se desviam ou extraviam das vias ou rotas mais próprias dos adultos? Porque é que se *desencaminham*? Os desencaminhos podem dever-se a várias razões: à claridade do caminho; à distância do caminho; aos auspícios sob os quais o caminho se constrói e recomenda; aos castigos que penalizam as saídas do caminho; às companhias que levam ao desencaminhamento.

O caminho pelo qual os jovens transitam para a vida adulta é um *caminho pouco claro*, cheio de escolhos, nomeadamente para os jovens mais desfavorecidos. Os modos precários de vida que caracterizam a condição juvenil tendem a conferir um grau forte de indeterminação ao futuro de muitos jovens. De tal forma que é mesmo problemático falar de “transição” para a vida adulta. Em outras sociedades, existiam rituais específicos (de iniciação ou transição) para a vida adulta, mas hoje em dia é todo o quotidiano e suas práticas inconsistentes e inconscientes que adquirem o valor de ritualidade. Assiste-se a um enfraquecimento da idade como categoria etária. A ideia de senioridade perdeu força nas nossas sociedades e as fronteiras simbólicas que acentuavam a passagem a etapas mais avançadas da vida perderam a sua razão de ser.

Os caminhos de passagem para a idade adulta não são apenas obscuros. São caminhos longos, sinuosos, com escolhos. De facto, assiste-se, na sociedade contemporânea, a um *prolongamento da condição juvenil*: porque os percursos escolares são mais longos, porque há uma mais tardia inserção no mercado de trabalho; porque o acesso a casa própria é difícil; porque os casamentos se retardam, devido também a uma maior liberalização das relações sexuais. Nos mapas de orientação que os jovens carregam nos bolsos do pensamento temos os caminhos previstos: “acabas o ensino secundário, vais para a Faculdade” ou “com o canudo arranjas um emprego e podes casar”. Mas os percursos são descoincidentes com os itinerários propostos nesses mapas de orientação. E surgem os desnortes. Os mapas postulam itinerários, são descritores de trajectórias, uma vez que têm por função indicar, quer um *efeito* obtido pelo itinerário (“Tu vais conseguir”...), quer um dado que se

⁸⁷ G. Simmel, *Mélanges de Philosophie Relativiste*, Paris, Alcan, 1912, cit. em *Sociétés, Revue des Sciences Humaines et Sociales*, n.º 34, 1991.

postula como *limite* (“aí tens um obstáculo, as provas globais”...), uma *possibilidade* (“há algumas hipóteses”...), uma *obrigação* (“tens de estudar”...). Contudo, na vida real dos percursos quotidianos, os dados baralham-se, perdem efeito, dão lugar ao “desnorte”.

Por outro lado, *os auspícios sob os quais o caminho se constrói e recomenda são controversos e duvidosos*. Por exemplo, às expectativas criadas pelo prolongamento das trajectórias escolares contrapõe-se a desqualificação dos diplomas e o desemprego; ao investimento do poder político nos jovens, alguns mostram um manifesto alheamento e desinteresse; aos apelos consumistas que lhes são dirigidos, respondem com fontes financeiras familiares, apenas possíveis porque vivem em regime de *welfare family*. Ou seja, nos caminhos para a vida adulta há uma ordem institucional que organiza os cenários de transição marcados por “caminhos apropriados”. Mas há também os caminhos de “expedientes” e de “interditos”, que afinal parecem ser os mais desbloqueados, com menos escolhos, e por isso os mais escolhidos. E são nestes caminhos que emergem os valores tipicamente juvenis.

Quanto aos castigos que *penalizam as saídas do caminho*, o que se pode dizer é que, muitas vezes, as medidas repressivas sobre os jovens arrojam uma sombra inequívoca sobre o *status moral* das actividades reprimidas. Por exemplo, a proibição do consumo de droga é a transformação do acto numa imoralidade pública. A proibição torna quase inevitável o compromisso com o caminho “desviado”. O objectivo principal da proibição é a redução da possibilidade de que o “desviado” possa percorrer, simultaneamente, as “vias” (nobres) e as “transvias” (marginais e da marginalidade). Nestes termos, a repressão visa menos a salvação dos “desencaminhados” do que o reforço da consciência comum da sociedade “respeitável” e “virtuosa”. Mais do que desencorajar aqueles que se “desviam”, a repressão parece justificar aqueles que se conformam. Aliás, os caminhos “desviantes” constituem um problema para a “moral pública”, porque podem tornar inviável a sociedade e não os indivíduos que se desviam. Por outro lado, é possível que o “fruto proibido” seja mais apetitoso e que, por analogia, a “proibição” possa incrementar, por si mesma, o nível do desvio.

Finalmente, *as companhias levam ao desencaminhamento*. Os grupos de amigos constituem-se, muitas vezes, num sistema de defesa contra as agressões da “sociedade” e é nesta medida que as “pandilhas” desempenham uma função de desencaminhamento. São as “más companhias”, como se diz, que cumprem uma função de iniciação e aprendizagem ao consumo de droga, aos pequenos roubos (muitos deles feitos por divertimento), etc.

Em suma, enquanto que as gerações mais velhas orientam o seu quotidiano por caminhos e valores de segurança e rotina, os jovens escolhem, muitas vezes, os caminhos e os valores da ruptura, do desvio. Às vias da sensatez, da precaução, da ponderação, os jovens contrapõem os *des-vios*, isto é, as vias de risco. A origem etimológica do termo risco provém do latim *riscum* ou *risicum*, expressão associada às incertezas das expedições marítimas. Hoje em dia, a passagem dos jovens para a vida adulta é, para alguns, um verdadeiro dobrar de “Cabo das Tormentas” (vias de *riscum*).

Em Antropologia, os estados de liminaridade são estados de “margem”, isto é, marginais – como marginais parecem ser muitas condutas juvenis. Dessas margens irrompem as *brechas intersticiais* das ordens institucionais (as valetas ou bermas que separam os caminhos dos desvios). Mas entre os jovens essas brechas não são esporádicas, fortuitas ou isoladas. Tendem para uma relativa perdurabilidade. É o que acontece com alguns rituais intersticiais da juventude que asseguram uma relativa autonomia juvenil através de um conjunto de práticas quotidianas e valores da quotidianidade que dão consistência e durabilidade a um estágio intersticial (*liminal*) que, nos antigos ritos de iniciação, era uma descontinuidade fugaz entre estádios sólidos: a “separação” e a “agregação”. Estas brechas intersticiais podem coexistir com as ordens institucionais ou, então, fazê-las desmoronar. São fronteiras que não demarcam propriamente “territórios de passagem”, antes se constituindo em territórios de permanência. De novo a tensão entre os “espaços da experiência” e os “horizontes de espera”.

É claro que os jovens intentam ampliar o tempo quotidiano, mas muitos fazem-no apelando ao sentido das oportunidades e não tanto a projecções do futuro. Trata-se, no fundo, de uma valorização do tempo mítico, de um tempo que designa quais os momentos favoráveis e desfavoráveis, qual o momento oportuno para levar a cabo uma acção. Em função desse tempo, deve-se forçar a sorte ou esperar por ela. De novo a ideia da lotaria, a roda da sorte, em cujo girar cíclico se dá a volta às relações de causalidade.

3. Por uma sociologia da pós-linearidade

No estudo das trajectórias de vida continua a privilegiar-se a linearidade. O próprio conceito de trajectória de vida remete para uma representação da vida que a toma como linha, numa tradição que vem da quiromancia, ao representar a vida nas linhas da palma da mão. São essas linhas de vida, esses cursos ou rumos de vida, que os métodos biográficos, as histórias e os relatos de vida procuram pôr em relevo. Nestes termos, uma biografia é muitas vezes representada por uma metáfora visual da vida que se pretende representar ou historiar – uma linha. Quando o metafórico aparece sob a máscara de um modelo (modelo de vida), surge uma insidiosidade considerável, um modelo de linha. O espaço de sentido em que, deste modo, se projecta a biografia é metaforicamente representado num espaço bidimensional, de limites unívocos e pré-determinados. É claro que esta representação escapa à polifonia de sentidos da vida, formados por uma multiplicidade de fazeres quotidianos, entre si cruzados. A intersecção desses múltiplos sentidos implica um permanente recarregamento semântico da vida que se pretende interpretar.

Os métodos lineares promovem visões temporais que englobam presente, passado e futuro na forma de um tempo contínuo e homogéneo. Mesmo quando as pessoas nos dizem que as suas vidas são compostas de “altos e baixos”, há uma tendência para aplanar esses relevos de vida num “antes” e num “depois”. Alguns sociólogos chegam mesmo a elaborar modelos complexos para estimar o peso das relações entre eventos concorrentes, antecedentes e consequentes⁸⁸. Embora toda a vida seja composta de mudanças e discontinuidades, há uma ansiedade em abarcar a continuidade dessa real discontinuidade. De que modo? Através da ilusão de um “todo” que reduz o tempo ao espaço euclidiano.

A música serial é um exemplo sugestivo do tratamento espacial que a linearidade dá ao tempo. Nesta concepção, o tempo deve manifestar-se disponível, capturável pelo encadeamento serial, ao deixar de estar aberto e indeterminado, para se apresentar circunscrito a um espaço conhecido, delimitado. A sucessão toma então a forma de uma linha contínua em que os pontos que a compõem se representam ao mesmo tempo, convertendo-se numa simultaneidade projectada no espaço. Esta coexistência espacial de diferentes temporalidades está presente nos modelos de continuidade

⁸⁸ É o caso dos modelos LISREL (Linear Structural Relations). Ver K. G. Jöreskog e D. Sörbon, *Advances in Factor Analysis and Structural Equation Models*, Abt Books, Cambridge, MA, 1979.

temporal que são próprios dos métodos lineares. É o que se passa com a representação do tempo nos mostradores dos relógios. E o que nos é mostrado? Que os relógios apenas medem simultaneidades entre dois processos: o que serve de medida (se regulam bem, todos os relógios nos mostram a mesma hora) e o que é medido. O tempo da medida – que é o do instrumento de medida – na sua função de quantificar, cifrar, acaba por se substituir ao tempo dos fenómenos que pretendemos decifrar. Mas, enquanto que os pontos de uma linha a seccionam em múltiplos segmentos de recta (ou curva), os instantes vividos só virtualmente se podem dividir. Como pode um instante de vida ser um divisor de tempo e, ao mesmo, tempo, um vínculo de sua continuidade?

O uso tradicional do método biográfico tem valorizado, sobretudo, a linearidade. Essa busca é facilitada pelo facto de a biografia corresponder a um processo de transformação retrospectiva. Na biografia, os acontecimentos de vida são procurados e avaliados com um olhar do presente dirigido ao passado. Este olhar, pela sua natureza retrospectiva, transforma o biografado. Os acontecimentos enfileiram-se numa sequência de linearidade, na busca de uma história que só ganha sentido pelos factos que ela consegue enfileirar. É certo que os biografados partem da inevitabilidade do que aconteceu. Mas os relatos biográficos são criativos, na medida em que, partindo de uma multiplicidade de factos conservados pela memória, acabam por construir uma linha de sucessão que se dirige para um “ponto de chegada”. Este ponto de chegada é ponto de conexão linear de nexos de causa e efeito pseudo-convincentes que orientam a vida para uma meta que, na realidade, lhe pode escapar.

Frequentemente, os relatos de vida são construções de realidades desaparecidas, ausências apenas presentes na memória. Aliás, a memória expressa-se muitas vezes através de silêncios, de lacunas, de não-ditos. Os relatos biográficos giram, pois, em torno de percursos perdidos no passado e na memória desse passado. O achamento desses percursos perdidos faz-se através de um labor analítico. Mas será que os métodos da *linearidade* nos dão verdadeiramente conta das turbulências de vida? Perante indícios claros de que as vidas de muitos jovens não seguem trajectórias lineares, impõe-se pensarmos em métodos pós-lineares de aproximação à vida dos jovens. São tão importantes os *alinhamentos* de vida quanto os seus *desalinhamentos*; são tão relevantes as *lienações* de vida quanto as suas alienações, estas últimas bem mais difíceis de apreender.

Num livro desafiador, *Playing the Future*⁸⁹, Douglas Rushkoff questiona-se sobre se não deveríamos ler mais histórias aos quadrinhos. Sugere que sim, argumentando que, embora pareçam visualmente muito simplificadas e tematicamente primitivas, as histórias aos quadrinhos, precisamente por essas mesmas características, permitem a participação activa dos leitores na apreensão dessas histórias e uma instrumentalização intencional do tempo e do espaço pelos produtores e receptores desse género de literatura.

O tipo de representações que mais impera nas histórias aos quadrinhos também nos deveria fazer repensar o que mais valorizar na quotidianidade dos jovens. Embora variando muito na sua complexidade pictórica, as histórias aos quadrinhos dependem mais de uma representação icónica do que de uma ilustração descritiva. Ou seja, comunicam por meio de relações e símbolos básicos e o resto é completado, interpretativamente, pelo leitor. A cabeça do Charlie Brown, por exemplo, pouco mais é do que uma face amorfa, de cuja fronte pende um caracol; compete ao leitor completar as suas feições faciais pelo decurso da história. Omitindo tudo o que não tem relação directa com a história, os artistas das histórias aos quadrinhos conseguem mais facilmente dirigir a nossa atenção para o enredo da história.



Fonte: *O Grande Livro de Perguntas e Respostas de Charlie Brown*, Bertrand Editora, Venda Nova, 1990, p. 152.

Muitas vezes, os traços de desenho com mais impacto sobre o entrecho da história ou sobre o perfil das suas personagens são os mais simples. A pobreza aparente das

⁸⁹ Douglas Rushkoff, *Playing the Future*, Harper Collins Publishers, New York, 1997.

imagens faz com que elas se evidenciem através das suas qualidades icónicas, que são precisamente aquelas que, mais facilmente, nos permitem reconhecer os enredos (de história e de vida), conotados com as imagens.

Para a sociologia da juventude são também importantes os ícones ou sinais aparentemente irrelevantes da quotidianidade dos jovens. Como nos sugere Rushkoff⁹⁰, os ícones transmitem informações importantes, melhor e mais depressa do que algumas figuras complexas. Suponhamos o sinal internacional “Stop” no qual, em alguns países, aparece inscrita uma mão, com a palma virada para os transeuntes, na posição de um polícia sinaleiro que os manda parar. A figura, na verdade, nem se parece com uma mão e nem sabemos, aliás, de quem é a mão. É uma mão genérica. Como reconhecemos facilmente o ícone, e geralmente a cor vermelha significa “stop”, o ícone conduz-nos directamente ao seu entendimento. Se a mão estiver inscrita numa figura octogonal, ainda melhor, para quem associa essa figura geométrica ao sinal de “stop”. Se a figura representasse uma cena colorida de um polícia levantando a mão e pessoas parando tumultuosamente, o sinal seria muito mais difícil de ser reconhecido ou traduzido. Um ícone condensa, pois, a informação para que possa ser vista e entendida rapidamente.

Nesta ordem de ideias, um ícone representa padrões reconhecíveis, mas subjacentes a situações mais complexas. Quando nos familiarizamos com um ícone, só temos de determinar como ele se aplica à situação: o *ícone* em seu contexto. Isso exige, tanto um olhar experiente para isolar um padrão, quanto uma mente flexível para generalizar esse padrão a um nível diferente de percepção. Um jovem que entrevistei no Estabelecimento Prisional de Lisboa e que se dedicava a *ganchos ilícitos*, lamentava-se da vida, por então ser um ladrão conhecido na zona em que actuava: “Já não podia frequentar (...) aquela zona baixa do comércio, porque as pessoas já me tiravam todas o talhe, já me conheciam”. Este ícone – o *talhe* – é um detalhe revelador.

Detalhe vem do francês (e do latim) *detail*, isto é, “de cortar”. O prefixo “de” não apenas expressa uma anterioridade (o detalhe como algo que resulta de uma operação – talhe ou corte), mas também ilustra a natureza de uma operação: talhar, cortar, esculpir. Isto significa que o detalhe é definido ou feito perceptível através do inteiro, de uma totalidade. Acercamo-nos ao detalhe, que é produto de um todo, para através desse detalhe melhor entendermos o todo. A forma do detalhe é perceptível, quando ela é associada a outra forma que a abarca. É por isso que o detalhe tem uma

⁹⁰ Douglas Rushkoff, *Playing the Future...*

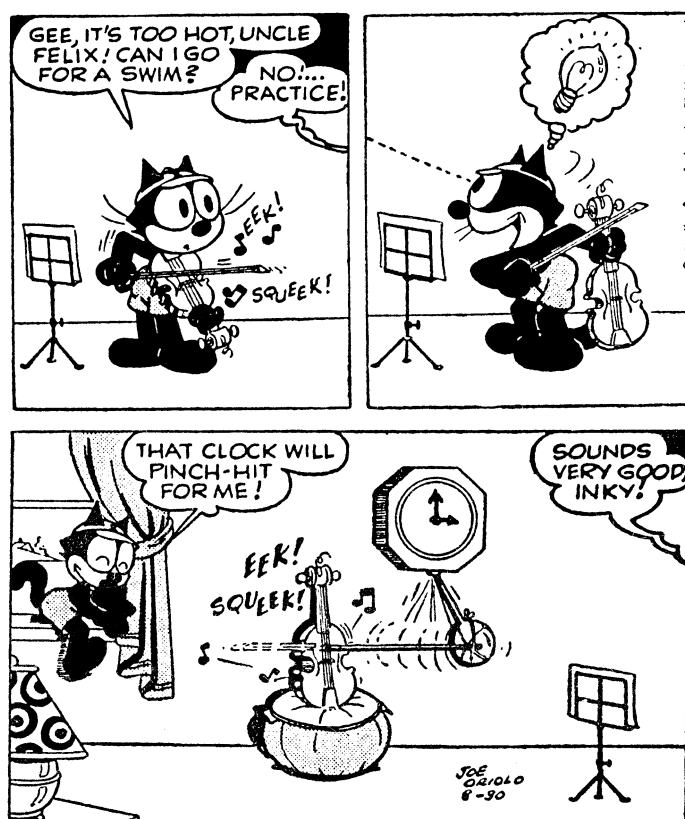
importância heurística na sociologia interpretativa. Mas o detalhe tem também relevância ao nível do conhecimento comum que é o da quotidianidade. O jovem a que atrás me referi passou a evitar fazer assaltos na zona onde já começava a ser conhecido, pois havia o perigo de qualquer polícia ou comerciante já assaltado lhe tirar o *talhe*. Ou seja, também, neste caso, a feição do jovem delinquente (seu *talhe*), ao ser reconhecida, remete para uma totalidade que está implicada ou é pressuposta no talhe: o conjunto de assaltos já feitos nessa zona.

O *talhe* arrasta, implicitamente, uma acção explícita de um agente sobre um objecto. O receio do jovem delinquente de que um polícia lhe tirasse o *talhe* é, na verdade, um temor relativamente à possibilidade de esse polícia, ou de qualquer vítima sua, relacionar a *parte* (feições da cara, fisionomia) com o *todo* (assaltos já realizados). O *talhe* constitui-se, deste modo, num espaço de enunciação: “cuidado, este jovem já andou por aí a assaltar!”. Quando um polícia ou uma vítima – ou um sociólogo, no seu labor interpretativo – lêem um todo qualquer por meio de detalhes, o objectivo é, justamente, o de alcançar o todo através do detalhe: *indo por partes*, de uma forma descontínua. A relevância heurística do detalhe assenta, por conseguinte, na sua capacidade de reconstituir o sistema a que pertence o detalhe, ou seja, no caso em apreço, uma faceta de vida. Essa é a preocupação do sociólogo, do polícia ou da vítima quando atentam no detalhe.

A faceta de vida do delinquente é dada indirectamente pelo *talhe* que só é relevante pelo facto de revelar o que faz quem o possui. Também nas *histórias aos quadrinhos* uma personagem é menos importante do que o que faz ou o que diz. Fazeres e dizeres que nos são dados de uma forma não linear. Com efeito, as histórias aos quadrinhos contadas através de ícones libertam os quadrinhos das restrições da forma linear de contar histórias, treinando assim o leitor noutras formas de compreender o mundo. Contrariamente ao cinema ou à televisão que tendem a anular as lacunas do encadeamento da acção, os quadrinhos exploram essas lacunas para comunicar. A sequência lacunar dos quadrinhos de uma história comunica tanto ou mais quanto os ícones individuais neles contidos. Nas lacunas encontramos os significados que dão sentido à história. Rushkoff fala-nos, a propósito, da riqueza do espaço vazio que designa de “sarjeta” e, para elucidação, dá o exemplo de um meio primitivo de iconizar uma ideia que é uma lâmpada sobre a cabeça de uma personagem.

Não se pode mostrar num simples quadrinho uma personagem levantando a sobancelha ou arregalando os olhos, como acontece no cinema. Numa história aos

quadrinhos – da mesma forma que numa história de vida – a comunicação é feita através de um conjunto descontínuo de imagens (os quadrinhos) ou de discursos (relatos). As imagens são estáticas e separadas. Cabe ao leitor entendê-las como um todo coerente. Mas, ao contrário do que se passa num filme ou noutra qualquer formato linear, esse entendimento não é feito por meio da redução do espaço entre as imagens, mas sim pela ênfase nas suas diferenças: antes da ideia (iconizada pela lâmpada), depois da ideia. O momento em que uma personagem tem a ideia ocorre no espaço entre os dois quadrinhos, o espaço vazio chamado “sarjeta”. O significado está na “sarjeta” onde o tempo passa de verdade.



Fonte: *Felix, The Cat. Keep on Walking*. Ravette Books, West Sussex, 1989.

Mesmo um único quadrinho pode conter lacunas que comunicam a passagem do tempo: como é o caso do tempo passado pelo sobrinho do gato Félix a ancorar o pêndulo do relógio ao arco do violino, tempo que também abarca a busca de apetrechos para um mergulho na piscina (ou na praia?) – talvez que Inky, o sobrinho de Félix, use touca, óculos de água e o inevitável calção de banho – tempo ainda para que o relógio toque compassadamente o violino ao ritmo do pêndulo, entusiasmando Félix. O que interessa na interpretação é decifrar como se sobrepõem realidades aparentemente

contraditórias. A contradição desfaz-se, muitas vezes, através dos significados da “sarjeta”.

É certo que as histórias de quadrinhos não exigem que abandonemos, completamente, uma certa linearidade. Há, de facto, uma história a ser seguida. Mas, para seguir a história, há que ir na pegada de uma série de representações icónicas enquanto analisamos a sua distribuição descontínua. O significado encontra-se nos descontínuos da informação e é através destes descontínuos que se realiza o trabalho de interpretação. Como sugere Rushkoff⁹¹, as ilhas aparentes de descontinuidade são, na realidade, como um arquipélago, interligadas sob a superfície da água. A única forma de descobrir essa interligação é mergulhando nesses descontínuos aparentemente desligados, através da *interconectividade*.

As histórias tradicionais de entretenimento tendiam a expressar-se numa dualidade. Uma causa originando um efeito. Um herói lutando contra um vilão. Forças do bem tentando eliminar as forças do mal. O bem triunfando ou fracassando. A resolução como objectivo. A eliminação do segredo. O Super-Homem e o Batman guardavam em segredo as suas identidades. Eram personalidades divididas. O segredo era guardado para manter a dualidade. As histórias não-lineares tendem a expressar-se de maneira diferente. Como não definem causas e efeitos, heróis e vilões, o bem e o mal, não podem terminar em vitórias ou derrotas nítidas. A força que dirige a história não é mais a busca de uma resolução objectivada, mas sim a de uma pressão persistentemente transformadora. A força que levou o mundo dos quadrinhos da simplicidade linear para a complexidade não-linear foi a mesma de qualquer sistema caótico: a *turbulência*.

É essa força de turbulência que agita a vida de muitos jovens, designadamente quando procuram integrar-se no mundo do trabalho. Mas o que os jovens nos contam das suas experiências profissionais são contas de um rosário vasto: de experiências profissionais ligadas a outras experiências de vida; de um rosário de vida cuja história se encontra ligada a outras vidas. Rosário de enredos cruzados cuja linearidade é sacrificada a favor da interconectividade, entre factos, modos e tempos. Cada passagem de vida deve ser vista em *interconectividade* com experiências passadas e expectativas futuras, com acontecimentos de um *aqui* e de um *ali*. De facto, e como sustenta Schutz, não existem experiências isoladas⁹². Qualquer experiência ocorre em determinado contexto. Por outro lado, qualquer experiência recebe o seu significado de

⁹¹ Douglas Rushkoff, *Playing the Future...*

⁹² A. Schutz, *Las Estructuras del Mundo de la Vida*, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1977, p. 122.

uma acumulação de experiências passadas que conduzem a experiências presentes. Ou seja, não conseguiríamos experienciar a vida da forma que a experienciamos se não tivéssemos tido as experiências que tivemos. Esse conjunto de experiências passadas e que vamos acumulando, constitui, como dizia Schutz, um acervo de conhecimento à mão (*stock of knowledge at hand*). A contextualização das experiências é feita, para Schutz, de duas maneiras: cruzando o *aqui* (contextualização espacial) com o *agora* (contextualização temporal). O *aqui* e o *agora* não só configuram a nossa experiência presente, como também determinam o modo como interpretamos as experiências passadas e as incorporadas no nosso acervo de conhecimentos⁹³.

Mas a *interconectividade* não é somente feita entre o aqui e o agora, ou entre o ali e o outrora. A interconectividade diz também respeito a diferentes “âmbitos de realidade finita”. Este conceito de Schutz é fundamental, na medida em que acentua a descontinuidade da realidade social, ao fragmentá-la em realidades discretas e finitas⁹⁴.

Um exemplo sugestivo dos diferentes “âmbitos de significado finito” da realidade é-nos dado por Schutz a propósito de Dom Quixote⁹⁵. O mundo de Dom Quixote é um mundo fechado e inteiramente incoerente, na sua aparente coerência. As dúvidas de outras personagens são solucionadas por Dom Quixote, crente que está da realidade de seu mundo. Mesmo as coisas mais absurdas ou impossíveis são naturalizadas por Dom Quixote que as explica recorrendo a encantamentos e a magias. A solidez do mundo de Dom Quixote leva-o a acreditar que os moinhos de vento são gigantes ou que os rebanhos são exércitos. Ora, na novela de Cervantes temos, de facto, um choque entre duas percepções da realidade: a de Dom Quixote e a de Sancho, mas ambas reais nos seus efeitos. A novela põe em confronto, justamente, a percepção quixotesca da realidade que se configura como um “âmbito de significado finito” – que

⁹³ A. Schutz, *Fenomenologia del Mundo Social*, Paidós, Buenos Aires, 1972.

⁹⁴ O conceito de realidades múltiplas, desenvolvido por Schutz, inspira-se nos contributos de William James (a sua obra fundamental foi recentemente reeditada: W. James, *Principles of Psychology*, vol. II, Harvard University Press, Cambridge, Mass., 1988) que exerceu, aliás, uma influência notável sobre Schutz. James definia a realidade como tudo o que estimula a nossa atenção. E os distintos modos através dos quais a nossa atenção é estimulada constituem, para James, diversos âmbitos da realidade que denomina “sub-universos”. A estes “sub-universos” Schutz prefere dar-lhes o nome de “âmbitos de significado finito” (finite provinces of meaning). E justifica a alteração para que se desfizessem dúvidas ou equívocos sobre a constituição da realidade: “Falamos de âmbitos de significado e não de sub-universos, porque é o significado da nossa experiência e não a estrutura ontológica dos objectos que constitui a realidade”. Por conseguinte, a decomposição da realidade não decorre das suas características ontológicas, mas do significado de experiências vividas. Ver A. Schutz, *Collected Papers I: Studies in Social Theory*, Martinus Nijhoff, La Haya, 1964, p. 230.

⁹⁵ A. Schutz, *Collected Papers II: Studies in Social Theory*, Martinus Nijhoff, La Haya, 1964, pp 135-158. Cf., também, Robert W. Maloy, “The Don Quixote Problem of Multiple Realities in Schuyz and Castaneda”, in *Journal of the British Society for Phenomenology*, vol. VIII, nº 1, 1977, pp. 28-35.

é o da loucura – e a percepção da realidade pelo homem comum que é representado por Sancho Pança, e que configura outro “âmbito de significado finito” – o da vida quotidiana comum.

Como nos mostra Schutz, a passagem de um âmbito de significado finito a outro só é possível através de uma experiência traumática. Somente através de um “choque” que transcende os limites do que, em determinado momento, consideramos “real”, somos capazes de transferir o acento da realidade a outro âmbito de significado. Por exemplo, se estamos sonhando a dormir, somente um ruído do mundo da vida quotidiana, interpretado como a ele pertencendo, nos saca do mundo dos sonhos. Schutz designa estas passagens como saltos de descontinuidade (*leaps*) de uma realidade a outra, dando a propósito vários exemplos: a transformação interior que experimentamos quando, no teatro, desliza o pano no palco; o acesso ao campo visual limitado pelo marco de um quadro, quando o observamos numa exposição; a nossa perplexidade relaxadamente expressa numa gargalhada quando, ao ouvirmos uma piada, estamos dispostos a aceitar, por breves momentos, o mundo fictício criado pela piada, etc.

Estes saltos de vida são frequentes nos modos de vida de alguns jovens e alguns podem ser bastante traumáticos, como acontece quando um jovem perde o emprego, ou quando cai na toxicod dependência, ou quando, nesta, experimenta a *ressaca*. Também acontece que alguns jovens *saltem* de um para outro “âmbito de realidade finita”, ritualizando identidades distintas. É o que se passa com jovens assaltantes e burlões que entrevistei (*Ganchos ilícitos*) ou com jovens prostitutas que, na universidade ou em ambiente familiar, se apresentam como “outras” (*Jovens acompanhantes: ‘puta de vida que me fez puta’*). Aliás, os pais de uma das jovens prostitutas entrevistadas (Inês), apesar de viverem com ela, não fazem ideia dos encontros sexuais que a filha tem. Esta, evidentemente, toma as devidas precauções, tem um namorado de trazer por casa (com quem os pais acreditam que um dia virá a casar) e, mal chega a casa, desliga o telemóvel para não receber chamadas de clientes que poderiam ser comprometedoras. O desligar do telemóvel é um sinal de salto de um a outro “âmbito de significado finito”.

Voltando à prática da *interconectividade*, ela é também promovida pelos *DJ*, nomeadamente no âmbito da cultura *hip hop*. Festo, um jovem angolano que acompanhámos, e que depois de uma dura jornada de trabalho actua como *disc jockey* numa discoteca da margem sul, promove, com toda a sua arte, essa *pedagogia da*

ligação: ligação de “vazios”, de aparentes falhas musicais que entram na composição melódica. Aliás, a própria vida de Festo é um arquipélago de vazios, que só ganham sentido quando a música os navega. Exercitando a *interconectividade*, como o faz Festo, descobrimos os *significados de sarjeta*, isto é, os significados interditos ao modo de questionamento linear. As interdições são dicções que dialogam entre si (interdicções), criando um espaço de comunicação que pode ser transformado num espaço de convergência de dicções dialogantes. Espaço que é também interditado por outras falas, outras línguas (da linearidade) cuja centralidade relega para a margem (terreno de interdições) os vazios da descontinuidade a que as ciências hermenêuticas procuram dar sentido, num terreno de *contra-dicção*, como o faz o jovem Festo, ao contrapor as rotinas do trabalho aos prazeres da noite.

Ainda no âmbito da cultura *hip hop*, a *breakdance* é outro exemplo sugestivo de interconectividade. Com efeito, a essência desta dança consiste na capacidade, revelada pelos jovens que a realizam, em segmentarem os movimentos do corpo e os tempos desses movimentos em unidades pequenas e discretas. A conectividade desses segmentos de movimentos e tempos gera uma falsa ideia de continuidade e acção que, na verdade, separa instantes e movimentos distintos, apesar de entre si estarem ligados.

Actuando com uma *pedagogia de ligação* podemos ultrapassar muitas das falácias descritivas que são identificadas pelo filósofo J. L. Austin⁹⁶ quando questiona o papel dos “enunciados” circunscritos ao desempenho de uma única função: a de descrever ou anunciar algum facto. Ora, os enunciados são, em alguns casos, enunciados “sem sentido”. Quando visitei a discoteca Kissângua, em que actua o jovem Festo como DJ (*disc jockey*), dei comigo a pensar em toda a carga semântica dos grafitos que proliferam pela zona (Cruz de Pau). Na verdade, alguns desses grafitos são desconcertantes porque não descrevem qualquer realidade factual, servem apenas – e este apenas é uma força de expressão – para indicar (não para registar) as circunstâncias em que se formulam os enunciados, ou a maneira como devem ser tomados.

A falácia descritiva consiste precisamente em tomar como enunciados fácticos expressões “sem sentido” ou expressões que se “disfarçam” (por exemplo: um “enunciado de direito” ser tomado como um “enunciado de facto”). Ao contrário dos enunciados fácticos que imitam, estas expressões de aparente “sem sentido” não

⁹⁶ J. L. Austin, *Cómo Hacer Cosas con Palabras*, Barcelona, Paidós, 1996 (1ª edição em Inglês: 1962).

descrevem nem registam nada (e não são verdadeiras nem falsas); são expressões que se realizam na sua acção e, por isso, Austin designa-as de *expressões realizativas* (*performative utterances*)⁹⁷. *Realizar* é o verbo usual que se antepõe ao substantivo *acção*. As expressões realizativas indicam precisamente a realização de uma acção que não se confunde com o mero acto de dizer algo.

Assim, dizer algo não significa necessariamente enunciar algo. Por outro lado, *realizar o acto de dizer algo* é uma coisa diferente de *realizar um acto ao dizer algo*. O que Austin contesta é que as expressões emitidas tenham de ser necessariamente explicadas em termos dos significados das expressões emitidas (por exemplo: palavras, grafitos, imagens). Por isso nos propõe uma teoria fundamentada nas “forças ilocucionárias”⁹⁸ para ultrapassar os problemas colocados pelo uso locucionário. Essas forças ilocucionárias integram o contexto em que se produz o uso locucionário.

Para além dos actos locucionários (*locutionary acts*) e ilocucionários (*illocutionary acts*), Austin desenvolve ainda o conceito de actos perlocucionários (*perlocutionary acts*). Frequentemente – e mesmo normalmente – dizer algo, segundo Austin, produzirá certas consequências ou efeitos sobre os sentimentos e acções do auditório, ou de quem emite a expressão, ou de outras pessoas. E é possível que, ao dizer algo, o façamos com o propósito, intenção ou desígnio de produzir tais efeitos. Estamos, neste caso, perante actos perlocucionários.

No caso dos *writers* (jovens que desenvolvem uma arte mural), os *grafitos* são expressões que podem ler-se por referência às forças ilocucionárias (de contexto) ou aos efeitos (perlocucionários). Entre os *writers* o que conta são os efeitos perlocucionários que provocam uma avaliação da expressão artística em função de efeitos estéticos. Entre os *grafiters* aparece muitas vezes embaralhado o que se diz com o que se mostra. O mesmo acontece com algumas expressões da cultura *punk*. Por exemplo, que representa a suástica usada frequentemente pelos punks? Representa uma negação: a negação de que o seu uso se liga ao discurso que ela vulgarmente representa; a ostentação de um símbolo (suástica) como negação da doutrina que ela representa: “os punks dão fuga à representação por um certo uso da figura e da palavra”⁹⁹. Mas a compreensão desse uso é impossível ao mero nível locucionário. É aos níveis ilocucionário e perlocucionário que verificamos que o símbolo

⁹⁷ Na classificação de Austin de speech acts, o performativo é caracterizado por nada revelar no dizer (exemplo: bom dia, como está?).

⁹⁸ J. L. Austin, *Cómo Hacer Cosas con Palabras...*, p. 144.

⁹⁹ Janice Caiafa, *Movimento Punk na Cidade. A Invasão dos Bandos Sub*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1989.

é desinvestido da sua significação. Da mesma forma, outras expressões da cultura *punk* que são símbolos de violência não legitimam a identificação da cultura *punk* com uma violência gratuita. Esses símbolos não são ostentados como uma bandeira. Eles são apenas usados como actos locucionários: botas, fuzis, capacetes, camuflagens...

Voltando às *histórias aos quadradinhos*. Os quadradinhos das histórias, tal como as fotografias, têm o condão de paralisar um tempo subtraído de sua própria corrupção. Mas as fotografias, sabe-se, só ganham sentido através das corrupções do olhar. Os sentidos de uma fotografia não estão nela, mas nas relações que com ela os nossos olhares estabelecem. Mais uma vez, a necessidade de saber entrever na realidade o que se pensa poder ver. A metodologia apropriada é a da leitura “entre-linhas”. Heráclito costumava dizer que “as palavras são a sombra das coisas”. E são “sombra das coisas” não apenas no sentido em que tragam o perfil das coisas, como uma sombra projectada dessas mesmas coisas; também no sentido em que, muitas vezes, as palavras mascaram as coisas, não as deixando revelar-se, fazendo-lhes sombra.

A leitura “entre linhas” é semelhante à leitura “entre cenas” ou “entre factos” da vida quotidiana ou dos relatos que a contam. É esse olhar discreto (por vezes indiscreto...) que podemos exercitar ao recordar o filme ‘*A Janela Indiscreta*’, de Alfred Hitchcock (1954). Jeff, a personagem interpretada por James Stewart, é um repórter que vive em Greenwich Village e que está em recuperação de um acidente que o deixou incapacitado por algum tempo. Jeff “mata” o tempo observando o quotidiano dos vizinhos, que lhe é dado através da observação feita da janela de uma sala que dá para um pátio interior. O que a sua observação recolhe são “flashes” da vida quotidiana, pequenos pedaços ou recortes do dia-a-dia de seus vizinhos, mas desconectados uns dos outros, cujo conjunto carece de lógica: afectos entre um casal, actividade criativa de um compositor, arranjos de jardim, cuidados que uma mulher solitária dá a seu cachorro, discussões matrimoniais, etc. Através da observação feita da janela, Jeff capta um conjunto desordenado de fragmentos do quotidiano; mas a observação de *voyeur* imóvel que Jeff leva a cabo, não é tanto a de olhar esses fragmentos isoladamente, como a de encontrar uma ligação lógica entre as cenas desconexas que vai observando, alguma história que outorgue congruência ou totalidade às partes que observa. Os fragmentos iluminam porque encerram em si o todo. O método é simples: *ir por partes...*

Os fragmentos de vida, tomados na sua descontinuidade, são partes de um labor sociológico de *collage*, procedimento usado no domínio artístico¹⁰⁰, ao produzir-se uma amálgama de materiais significantes postos em evidência pela exibição de costurões de junção de diversos fragmentos soltos, procedimento que, na linguagem cinematográfica, leva também o nome de *montagem*. Montagem de fragmentos, de peças soltas, para que sejam legíveis a partir do processo de montagem. Neste sentido, a *collage* implica duas fases: uma fase analítica na qual há um desmembramento das unidades de significantes e uma fase de organização, sintética, construtiva. Foi deste modo que Lévi-Strauss aplicou, na sua vasta obra, a técnica de *collage*¹⁰¹.

O descobrimento da técnica de *collage* agitou todas as artes e estéticas visuais, daí derivando o *bri-collage*, não apenas como justaposição de elementos resultante de uma intenção construtiva, mas também, e sobretudo, como prática de uma filosofia de trabalho (“faz tu mesmo”) que se baseia na *reciclagem* e na *contingência*. Reciclagem de sentidos desperdiçados no próprio trabalho de interpretação; e *contingência* induzida pelo facto de tudo significar sem cessar e várias vezes, como se as veiazinhas de interpretação se enriquecessem de novos sentidos, a cada novo esforço de interpretação. Tantas e tantas vezes estacionei o meu carro com a ajuda de jovens arrumadores e só com o passar do tempo surgiu a minha inquietação sociológica pelos seus modos de vida. Então, comecei a reparar, de cada vez que arrumava o carro, na riqueza de significado dos seus gestos e como a marginalidade em que estes jovens vivem é simbolicamente produzida.

Estas duas valências da análise interpretativa – *contingência* e *reciclagem* – decorrem de uma terceira característica da sociologia da pós-linearidade que temos vindo a aprofundar: a *decomposição*, a ser tomada no sentido cinematográfico, jogando permanentemente com a digressão, isto é, com o desvio de rumo que nos é dado por uma pretensa linearidade de curso de vida. No capítulo em que acompanho os jovens arrumadores, e quando me questiono sobre os seus modos de vida, não me posso aprisionar ao mero cenário de um parque de estacionamento. A descoberta do que um jovem arrumador faz, quando não arruma carros, é a chave interpretativa que nos permite saber por que surge a necessidade de arrumar carros. É a *decomposição* de uma aparente linearidade de vida que nos permite desvendar os seus múltiplos campos

¹⁰⁰ Está presente, por exemplo, na pintura cubista de Picasso, Braque ou Juan Gris, ao exercitarem a montagem de componentes alegóricos heterogéneos.

¹⁰¹ Lévi-Strauss, *De Près et de Loin*, Odile Jacob, Paris, 1988.

semânticos: as suas polivalências e reversibilidades (*recaídas* e *ressacas*, no caso dos jovens arrumadores toxicodependentes).

Decompor para melhor compor. A *montagem* é designada pelo galicismo *raccord* que, em terminologia cinematográfica, designa um ajustamento de movimentos e detalhes que promovem a continuidade entre diferentes planos. Aliás, em linguagem comum *raccord* significa ajustamento, ligação, junção, união: de peças, pedaços, etc¹⁰². Mas como atrás se sugeria, há diferenças de registo entre a montagem cinematográfica e a montagem analítica das histórias de vida que o método biográfico desenvolve. No primeiro caso, fragmentam-se planos de filmagem, embora o objectivo final seja o de eliminar o efeito de montagem; no segundo caso, as histórias de vida são apreendidas numa discursividade linear que é posteriormente decomposta para, a partir dos fragmentos decompostos, mostrar-se uma nova composição, desta feita analítica. Num e noutro caso, a necessidade de fragmentação pode justificar-se por razões analíticas. No caso do cinema, as razões dos sucessivos planos de filmagem perseguem um objectivo de ênfase na análise de um desenvolvimento dramático¹⁰³. Com tal estratégia consegue-se uma imagem real de cena (ilusão de realidade). No caso do método biográfico, a fragmentação dos relatos de vida, ou de qualquer outra realidade observável, é uma estratégia orientada para a busca de sentidos latentes de interpretação que apenas emergem com o trabalho da decomposição.

Por outras palavras, na montagem cinematográfica, a junção dos fragmentos filmados é feita com o fim de dotar as imagens de uma continuidade discursiva. Ao contrário do que acontece nas *histórias aos quadrinhos*, a montagem está destinada a preservar uma continuidade de acontecimentos. Os planos de filmagem são reunidos de modo a que não seja traída a ilusão do espectador na linearidade de imagens. Nos relatos biográficos também surge uma continuidade narrativa, quem relata uma vida procura dar-lhe um sentido de congruência que é mais fácil de alcançar quando os factos relatados se encadeiam entre si, numa lógica de causa-efeito. A ilusão da linearidade é dada num relato de vida, mas as interpretações descontínuas irrompem (ininterruptamente) por entre a continuidade discursiva. A ideia de montagem pressupõe uma latência permanente de articulações entre fragmentos. Os cineastas designam este processo de “rodagem com a montagem em mente” (*shooting with*

¹⁰² Ver David Bordwell, *Narration in the Fiction Film*, University of Wisconsin Press, Madison, 1985 e Philippe Durand, *Cinéma et Montage. Un Art de l'Ellipse*, Cerf, Paris, 1993.

¹⁰³ Roger Crittenden, *The Thames and Hudson Manual of Film Editing*, Thames and Hudson, London, 1981.

cutting in mind). Ao ouvir um jovem falar de um dado episódio de sua vida, estou já pensando em o relacionar com outros aspectos de sua vida.

No *bricolage* trabalha-se sem plano prévio, dando-se relevo a factos ou relatos que nos chegam enquanto despojos a aproveitar. A filosofia de auto-suficiência, que é própria do *bricolage*, converte-se numa técnica de trabalho doméstica, por oposição aos processos de produção industrial. Enquanto que o engenheiro de uma indústria opera mediante conceitos, interrogando o universo, o *bricoleur* joga com os signos dos resíduos (partes, fragmentos) a que deita mão. Os significantes trocam-se com significados, e vice-versa. Esta diferença filosófica é também metodológica, ao contrapor-se uma cultura de *finalidade* a uma cultura de *recriação*. Num caso, a teoria é usada numa *lógica demonstrativa* (finalista); noutro caso, a teoria é usada numa *lógica de descoberta* (criativa). Num caso, a vida fecha-se na linearidade discursiva que a determina; noutro caso, a vida abre-se, rebelando-se contra os relatos que a pretendem condensar.

Deste modo, podemos considerar a técnica de *bricolage* como uma atitude e prática de desmontagem e montagem, unindo e relacionando conteúdos fragmentados, como as palavras o fazem quando falamos de uma vida. Os relatos de vida, apesar de sua linearidade aparente, são, na realidade, amontoados de memórias de pedaços de vida. Tal como acontece numa paisagem vista de avião, o passado distante mostra-se como um *patchwork* largamente obscurecido por nuvens que representam memórias sombrias, embora esse mesmo passado possa ser iluminado por raios de luz que irrompem no deslizar das nuvens. Neste cenário é impensável traçar um desenvolvimento contínuo ou linear da vida¹⁰⁴. Os seus episódios encontram-se, naturalmente, encadeados; uns acontecem antes e outros depois, mas a vida, em toda a sua plenitude, é uma colecção incompleta de narrativas.

Interpretar um relato de vida não é dar-lhe um sentido de linearidade mais ou menos fundamentado, mas apreciar a pluralidade de que a vida é feita; é contrapor uma galáxia de significantes – que se pretende salvaguardada – a uma estrutura de significados que tende a imobilizar-se quando os signos “sendo” são transformados em signos “ficados”. Tão importantes são os eventos *sincrónicos* da vida quanto os *assíncro-nicos*¹⁰⁵. Os eventos jogam com temporalidades múltiplas que não se encaixam num processo de

¹⁰⁴ John A. Clausen, “Life Reviews and Life Stories”, in Janet Z. Giele e G. H. Eldre Jr. (Eds.), *Methods of Life Course Research*, Sage Publications, London, 1998, pp. 189-212.

¹⁰⁵ Matilda White Riley, “A Life Course Approach. Autobiographical Notes”, in Janet Z. Giele e G. H. Eldre Jr. (Eds.), *Methods of Life Course Research*, Sage Publications, London, 1998, pp. 28-51

linearidade. A linearidade biográfica é contrafeita porque se quebram continuidades nas trajetórias familiares e profissionais, por efeito de divórcios, trabalhos precários, desemprego, etc. São os chamados *turning points*¹⁰⁶, pontos de inflexão que dão novos rumos à vida. Quando um jovem que entrevistei me contou que a sua mãe adotiva, num momento difícil da vida, lhe diz: “Vai (...) à procura da puta da tua mãe”, o jovem abandona a casa e vai mesmo à procura da mãe biológica, tendo descoberto que era filho de uma gravidez indesejada. É um exemplo típico de “ponto de inflexão”, mas que aparece associado a outros fragmentos da vida deste jovem, como foi o seu envolvimento na toxicod dependência, outra ruptura de vida que deixou a mãe (adotiva) em situação de desespero.

A geometria da fragmentação é uma geometria fractal, da descontinuidade. Etimologicamente, *fragmento* deriva do latim *frangere*, isto é, quebrar, romper. A vida que nos é dada por um relato, tal como a vida real, é marcada por sucessivos eventos perturbadores que a interrompem. A vida relatada é interrompida por lembranças que recuperam fragmentos esquecidos. E na vida real, o seu curso normal é também interrompido por eventos que se constituem em “pontos de inflexão”. Temos, pois, de trabalhar *métodos pós-lineares* que nos permitam dar conta das rupturas de vida – vividas ou relatadas – plenamente indiciadas pela sua fragmentatividade. Os fragmentos de vida aparecem-nos desprendidos do seu todo de pertença. Mais uma vez, surge o desafio implicado pela estratégia metodológica de “ir por partes”. O par “partes/todo” é uma parelha típica de pares determinados. Não se pode explicar um dos elementos do par sem o outro. Os dois termos mantêm relações de reciprocidade, implicação, pressuposição, dependência. O desafio que se nos coloca é o de saber como os interconectar. Mas esse é o desafio da análise interpretativa, o de trabalhar os fragmentos de sentido, interconectando-os revirando-lhes os sentidos. O prefixo “ana” de *analisar* remete, etimologicamente, para a ideia de sentidos contrários, de novos sentidos. Sentidos que possam rebelar-se contra os *liamentos* de vida que nos são dados numa aparente linearidade, em sua forma lisa.

¹⁰⁶ Ver, a propósito, T. K. Hareven e K. Masaoka, “Turning points and transitions: perceptions of the life course”, *Journal of Life History*, 13, 1988, pp. 271-289 e J. A. Clausen, “Adolescent competence and shaping of the life course (marriage, family, and the life course)”, *American Journal of Sociology*, 96, 1991, pp. 805-842.

4. Dos relatos aos conteúdos de vida

As potencialidades do método biográfico radicam, sobretudo, num valor de subjectividade que permite que a história de vida exista e circule: a via da subjectividade, como Ferraroti reconhece¹⁰⁷, é a que possibilita reconstruir o alcance objectivo de uma consciência individual, de grupo ou de época. São os indivíduos, através dos seus relatos, que nos permitem a reconstrução dos conteúdos de vida, ao considerarem-na do presente, revisitando-a, filtrando-a por diversas categorias, desenvolvendo uma lógica narrativa que procura dotar de sentido o que se conta.

O que está em jogo no uso do método biográfico é a recuperação de memórias narradas do ponto de vista de quem as evoca. Mas em jogo está também a possibilidade de tornar visível o que – de um ponto de vista positivista – nem sempre é empiricamente detectável. São precisamente as dimensões invisíveis de um determinado fenómeno que, muitas vezes, nos permitem organizar o evidente. Os jovens entrevistados contaram-nos experiências de vida – memórias captadas dessas experiências – de apenas algumas, as que nos quiseram contar. Na memória dá-se uma contracção de tempos na dimensão do instante e do acontecimento, num movimento de centripetização que centrifuga outros tempos para as margens do esquecimento ou da ocultação. Sabemos, por outro lado, que as memórias são selectivas e afectivas, não constituindo um registo neutro do que evocam.

E porque as memórias são afectivas, o importante foi criar um ambiente propício à sua emergência, ganhando a confiança dos jovens entrevistados, designadamente dos que nos olhavam com suspeição – jovens reclusos, arrumadores toxicodependentes, prostitutas... Tem razão Gabriel García Márquez quando afirma que as entrevistas são como o amor, havendo necessidade de pelo menos duas pessoas para as fazer. E o resultado final só é positivo se essas duas pessoas se querem. De contrário, o resultado será um sartal de perguntas e respostas das quais pode sair um filho no pior dos casos, mas jamais uma boa recordação¹⁰⁸.

A produção dos relatos biográficos foi feita através de entrevistas aprofundadas¹⁰⁹. No caso de um jovem recluso (Blatte) recorri, também, a apontamentos biográficos

¹⁰⁷ F. Ferraroti, "Sobre la autonomia del método biográfico", in J. M. Marinas e C. Santamarina (Ed.), *La Historia Oral. Métodos y Experiencias*, Debate, Madrid, 1993.

¹⁰⁸ Gabriel García Márquez, *Notas de Prensa. Obra Periodística 5 (1961-1984)*, Montadori, Madrid, 1999, p. 161.

¹⁰⁹ As entrevistas aos jovens reclusos, às jovens prostitutas e aos arrumadores foram realizadas e transcritas por mim. As demais entrevistas foram realizadas e transcritas por Lia Almeida, Andreia

redigidos pelo próprio, e no caso de uma jovem prostituta (Inês) analisei os seus pequenos diários. Com as jovens prostitutas e com os arrumadores fiz, separadamente, pequenas discussões de grupo, para além das entrevistas individuais.

Quando se utiliza a técnica da entrevista, muitas vezes encontramos nos entrevistados uma predisposição, relativamente estável e organizada, para responderem em termos de “juízos de valor”, de acordo com uma matriz ideológica muitas vezes inconsciente que produz (e que se traduz por) um conjunto de tomadas de posição, de qualificações, de descrições e de avaliações que não podem ser compreendidas fora dos contextos em que são produzidas. Esta tendência é particularmente notória em entrevistas marcadas por maior directividade. No caso da pesquisa realizada, houve um propósito consciente de fugir a excessos de directividade. Apenas pedimos aos jovens que nos falassem das suas trajectórias de vida, com relevo especial para as trajectórias profissionais. De qualquer forma, houve uma preocupação em mapear aprofundadamente os percursos profissionais (tipo de profissões/ocupações exercidas; durações respectivas; escolhas e abandonos; ritmos de trabalho; rendimentos, etc.); as atitudes e vivências perante o emprego, o desemprego, a precariedade, bem como as estratégias de sobrevivência e desenrascanço; as trajectórias escolares; os projectos de vida e de futuro; os relacionamentos familiares e amicais (influências, interferências, ajudas, reprimendas).

Aos jovens entrevistados deu-se a possibilidade de criarem o seu próprio espaço de narratividade, sem que ficassem constrangidos por sequências narrativas impostas por um guião rígido que, normalmente, obedece a modelos analíticos pré-concebidos – por vezes, com excessiva rigidez – pelo investigador. As próprias perguntas de um guião directivo projectam, implicitamente, esquemas analíticos para respostas anunciadas. Daí que respeitássemos o estilo e o ritmo dos jovens entrevistados, evitando todo o tipo de directividade que pudesse evocar a imagem de um interrogatório. Enfim, tentámos sempre salvaguardar o predomínio da escuta sobre o saber já feito: escuta que passa também pela valorização interpretativa dos silêncios.

A análise das entrevistas funcionou, mais com propósitos *heurísticos* do que *algorítmicos*. A objectividade não tem, necessariamente, de ficar amarrada à obsessão

Bernardes, Eduardo Parreira e Marta Catana. Numa entrevista de grupo a jovens arrumadores contei ainda com a colaboração de Ana Micaela, Maria do Carmo Gomes e Pedro Miguel. A todos estes meus colaboradores manifesto a minha gratidão pelo apoio que me prestaram.

do mensurável e do quantificável. Com efeito, é tão perigosa a *ilusão subjectivista* quanto a *ilusão objectivista*¹¹⁰.

Ao todo realizaram-se 14 entrevistas aprofundadas, número considerado suficiente para ilustrar as encruzilhadas de vida de muitos jovens, não importa quantos. Cada vida foi considerada um caso, um caso de vida. Os estudos de casos, como acontece com as demais metodologias qualitativas, orientam-se por uma epistemologia interpretativa. Ao estudar-se um caso, o objectivo não é o de representar o mundo; basta a representação do caso¹¹¹. Aliás, um caso não pode representar o mundo, embora possa representar um mundo no qual muitos casos semelhantes acabam por se reflectir.

A selecção dos jovens foi determinada pela relevância cultural que esses jovens tinham, enquanto unidades de observação, relativamente ao que se estava investigando: o *trabalho precário*. Em ambiências qualitativas, os critérios de selecção são critérios de compreensão, de pertinência e não de representatividade estatística. Enquanto que em amostragens estatísticas a probabilidade de selecção de cada unidade de observação deve estar determinada com precisão, nas pesquisas qualitativas este aspecto não é tão relevante, uma vez que a selecção é um problema de focagem. As estratégias de selecção não se orientam para a constituição de amostras estatísticas, mas de amostras estratégicas que permitam atingir uma *saturação* informativa. Os casos considerados foram achados suficientes para ilustrar o problema do trabalho precário entre os jovens. Neste sentido, a amostra do estudo pode considerar-se *intencional*. A relevância deste tipo de amostras não reside na pretensão de representação de uma população com o objectivo da generalização de resultados; em contrapartida, procura-se aprofundar o nível de conhecimento de realidades cuja singularidade é, por si, significativa.

Em sociologia qualitativa uma amostra é representativa não a um nível morfológico (descrição superficial), mas a um nível sociológico (analítico)¹¹². Por outro lado, a ideia de *representação* não se filia a um universo de estudo, mas ao estudo (metodológico) desse universo. Assim, e como sustenta Bertaux, a *saturação* é um processo que se

¹¹⁰ I. Clot, "La Otra Ilusión Biográfica", *Historia y Fuente Oral*, nº 2, 1989, pp. 35-39.

¹¹¹ R. E. Stake, "Case Studies", in N. K. Denzin e Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research*, Sage, London, 1994.

¹¹² Daniel Bertaux, "De la perspectiva de la historia de vida a la transformación de la práctica sociológica", in Marinas, J. M. e Santamarina, C. (Eds.), *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Debate, Madrid, 1993.

opera, não ao nível da observação, mas ao nível da *representação* que se constrói, pouco a pouco, a propósito do seu objecto de pesquisa¹¹³.

Em linhas gerais, como interpretei as entrevistas realizadas aos jovens? Através de um trabalho de articulação (*collage*, montagem) que consistiu em situar diversos sistemas de referência dos jovens com uma problemática central: a de “ganhar a vida”. Esses sistemas de referência encontram-se presentes nas falas dos jovens, de uma forma latente. Faltam depois articulações funcionais (pós-lineares) que, na Psicanálise, Guattari designa de *componentes de passagem* que fazem emergir outras coordenadas de existência, permitindo encontrar uma saída: os lapsos, os actos falhos, os sintomas, são como pássaros que vêm bater com os seus bicos no vidro da janela. Não se trata de ‘interpretá-los’. Trata-se, isso sim, de situar a sua trajectória para ver se eles têm condições de servir de indicadores de novos universos de referência, os quais poderiam adquirir uma consistência suficiente para provocar uma viragem na situação.

Por exemplo, quando entrevistei jovens prostitutas, senti necessidade de estabelecer pontes de passagem entre a profissão que exerciam e as razões particulares que as levaram a exercer tal profissão, todas elas convergentes na necessidade geral de ganhar dinheiro. Mas elas preferiam falar-me da complexidade das suas vidas. Deixei-as falar livremente, privilegiando a posição de escuta, mesmo quando, ao interromperem os seus relatos, me respondiam com silêncio. Inês, uma jovem universitária, sempre que abordava aspectos da sua vida de prostituta, baixava a voz, arregalava os olhos ou falava de “isso”, “aaaah...”, “coisa” e “não sei quê”, ou seja, voos interrompidos de pássaros a bater com os bicos na janela. Numa interpretação simplista, poderia supor que ela estaria com vergonha de me falar desses aspectos. Hipótese débil perante a realidade de Inês ir para a cama com qualquer um. Valorizando a via da subjectividade que permite reconstruir o alcance objectivo de uma consciência, lia no seu diário: “Apesar dos outros aspectos negativos, continuo a ser a mesma pessoa de sempre; sou boa pessoa, sou humana, o meu lado obscuro não influencia a minha pessoa, o meu eu”. Ou seja, apesar de reconhecer os “aspectos negativos” da sua vida, que se prendem com a prática da prostituição, Inês não admite que esse “lado obscuro” da vida influencie o seu “eu”, pois, sustenta, continua “a ser a mesma pessoa de sempre”.

¹¹³ Daniel Bertaux, “La perspectiva biográfica: validez metodológica y potencialidades”, in Marinas, J. M. e Santamarina C. (Eds.), *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Debate, Madrid, 1993, p. 59.

Aqui chegados, podemos estabelecer uma *componente de passagem* entre dois sistemas de referência: de um lado, temos um sistema de referência que invoca uma socialização familiar de matriz tradicional e católica e que produz “a mesma pessoa de sempre”. Os pais, com quem Inês vive, desconhecem, por completo, que a filha seja prostituta. Funcionários públicos de ascendências rurais, deram-lhe uma educação católica e, com sacrifícios, permitiram-lhe que chegasse até à universidade. Este sistema de referência, institui-se num espaço de coordenadas morais que permitem que Inês tome consciência do seu lado “obscuro” da vida. Mas então porque é que Inês se prostitui? O dinheiro é o motivo alegado. Inês diz-me: “comecei a ver que ofereciam 600 contos por mês, assim uma coisa... por mês!”; “eh pá, ganha-se muito dinheiro!”; “as universitárias cobram mais”.

Aqui chegados, podemos desenhar outra *componente de passagem* entre os *motivos porque* Inês se prostitui (necessidade de dinheiro) e os *motivos para* se prostituir. De acordo com Schutz¹¹⁴, os *motivos para* (motivos subjectivos) referem-se ao fim com que se persegue a acção; fazem parte do mundo subjectivo que projecta a acção. Os *motivos porque* permitem considerar a acção como produto de experiências passadas. Podem ser alegados pelo próprio (quais as razões que me levaram a actuar como actuei, ou a escolher este projecto em particular?) ou pelo investigador (quais as razões que o levaram a actuar como actuou, ou a escolher esse projecto em particular?). Por conseguinte, os *motivos para* emanam de um projecto de acção; os *motivos porque* justificam o projecto. Os primeiros, projectam-se no futuro, os segundos, enraizam-se no passado. Enquanto os *motivos para* explicam os actos quotidianos em termos de projecto, os *motivos porque* explicam o projecto em termos das vivências do passado. Assim, por exemplo, quando chove abro um guarda-chuva *para* não me molhar; *porque* sei que, se o não fizer, me posso constipar; saio de casa *para* ver um amigo *porque* preciso de falar com ele; os *motivos para* que um jovem se decida a arrumar carros prendem-se com a necessidade que ele tem de ganhar dinheiro. Mas os *motivos porque* explicam, atentando na sua trajectória biográfica, as razões que levaram o jovem a arrumar carros, a necessidade de não prolongar o estado de *ressaca*. No caso de Inês, os *motivos porque* Inês se prostitui (ganhar muito dinheiro) articulam-se com necessidades de consumo (dinheiro *para* consumir) impulsionadas por um mercado de consumo juvenil. Aqui surge outro sistema de referência, ligado a valores hedonistas,

¹¹⁴ A. Shutz, *Fenomenologia del Mundo Social*, Paidós, Buenos Aires, 1972, pp. 115-125.

muito difundidos entre os jovens¹¹⁵. Inês, ao chegar à universidade, começa a querer sair com os colegas, a ir às discotecas, a vestir bem. Mas os pais não lhe podem custear todos estes gastos. Então decidiu: “Vou arranjar um trabalho nas férias, qualquer coisa, começar a ter o meu dinheiro”.

Inês reivindica ser “a mesma pessoa de sempre”, mas, na verdade, o seu “eu”, que ela pensa ser sempre o “mesmo”, é um eu *saturado*¹¹⁶, no sentido de estar colonizado por uma (con) fusão de identidades e de sistemas de referência, nem sempre ajustáveis entre si, que possibilitam a emergência de um ser precário. O presente livro mostra que um dos exemplos da precariedade é o da carreira profissional. Ter uma carreira ou vocação significava, tradicionalmente, uma identidade singular, estável, socialmente valorizada, reconhecida. Em contrapartida, nos tempos que correm, a carreira profissional de um jovem não segue um trilho pré-determinado; as possibilidades de inserção profissional são múltiplas e diversas, pode-se ser qualquer coisa em qualquer momento; por exemplo, estudante universitária e prostituta.

Como chegámos dos *relatos aos conteúdos de vida*? Através de um labor interpretativo que nos levou, inicialmente, à transcrição das entrevistas anteriormente gravadas. É claro que nas transferências de cargas significativas dos discursos ao papel – através da transcrição, mas também, posteriormente, através de codificações e categorizações – surgem, necessariamente, descontinuidades, rupturas, tergiversações de enfoque, perdas semânticas. Se é verdade que toda a lógica de discurso, todo o contínuo da fala, detém uma espécie de força de segurança que deriva do seu próprio encadeamento discursivo, também é certo que a análise de conteúdo é o estilhaçar dessa unidade encadeada; é um desvelar de sentido, mas, ao mesmo tempo, um despedaçar desse mesmo sentido; é uma sequência de fragmentos cortados, um esquartejamento de uma unidade de sentido que dá lugar, sub-repticiamente, a outros sentidos (interpretativos). Ao acumular deste modo as descodificações, ao passar ao lado dos mecanismos de segurança dos sentidos expressos, ao pôr a interpretação do *dito* em roda livre, todas as tentativas de descodificação acabam numa codificação; e é por esta razão que toda a interpretação decifra e não decifra, ao produzir ou amontoar linguagens, deixando-se infinita e incansavelmente atravessar por elas.

¹¹⁵ José Machado Pais (Coordenação científica), *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, SEJ/ICS, Lisboa, 1999.

¹¹⁶ K. J. Gergen, *El Yo Saturado. Dilemas de Identidad en el Mundo Contemporaneo*, Paidós, Barcelona, 1992.

Três níveis distintos de análise de conteúdo foram trabalhados: o *sintáctico*, o *semântico* e o *pragmático*. Ao trabalharem-se os discursos, o nível sintáctico remete para o texto, em si mesmo. Mas a análise de conteúdo não se circunscreve a esta superfície textual. As realidades semânticas (as dos significados) e pragmáticas (as dos usos), em relação às quais essa superfície textual adquire sentido, constituem, justamente, o conteúdo de um texto. A análise de conteúdo procurou, então, o estabelecimento de conexões entre o nível sintáctico (em sentido lato) e as suas referências semânticas e pragmáticas. Tomando um exemplo: ao nível sintáctico, a linguagem de Festo, um jovem negro que é DJ (*vida de disc jockey*: das obras à discoteca), tem muitos *bordões* (é o caso de “né”: “foi duro, né?”) e *repetições* (“muito, muito, muito mesmo”; “só Deus sabe! Só Deus sabe”). Esta especificidade sintáctica remete para uma realidade semântica: o “né?” (contração de “não é?”) é uma expressão de auto-convencimento que se põe constantemente à prova ao sugerir-se uma comprovação ao interlocutor, quando se questiona o que se disse (*né?*). Uma afirmação seguida de um né interrogativo exige confirmação. Mas também se descobriu que este nível semântico se encontra associado a um nível pragmático: a musicalidade que os bordões e repetições conferem à expressão oral do Festo reflecte a sua actividade musical. Festo é um jovem negro mergulhado na cultura *Hip Hop* que é uma cultura de *mesclagens*. Desde logo, de mesclagem de música (rap, Djing, beat-box, funk), de *performances corporais* (break dance, smurf, hype, double dutch) e de *grafitismo* (tag e graff). O Rap (*rhythm and poetry*), em particular, é um espaço cultural onde podem conviver identidades de origens fragmen-tadas. É um espaço de *bricolage* de identidades. Aliás, esta ideia fundamental de *bricolage* está presente nas “mixagens” musicais dos DJ’s que passam música *rap e funk*¹¹⁷.

Por vezes, há uma tendência para nos aprisionarmos aos “conteúdos directos” dos textos em que desembocam as entrevistas transcritas. Ora, o conteúdo de um texto não é o texto em si mesmo mas algo em relação ao qual o texto funciona, de certo modo, como instrumento. Ou seja, o “conteúdo” de um texto não é algo que esteja localizado “dentro” de um texto enquanto tal, mas fora dele, ou melhor, num plano distinto em relação ao qual esse texto revela o seu sentido.

A *análise de conteúdo* pode conceber-se como um conjunto de procedimentos que acaba por se traduzir na produção de um *meta-texto* analítico. Por outras palavras,

¹¹⁷ Conta-se que a “mixagem” surgiu quando Bambaataa, encontrando-se a preparar um churrasco com uns amigos, deixou cair uma salsicha num disco que rodava e na ânsia de salvar a salsicha e o disco inventou a técnica da “mixagem”.

trata--se de um método destinado a desestabilizar a inteligibilidade imediata das superfícies textuais das entrevistas transcritas, mostrando, em contrapartida, as suas características latentes – e, logo, ocultamente presentes. A imagem que Roland Barthes nos dá de qualquer texto sujeito a uma análise de conteúdo é a de *texto estelado*: “o texto, no seu conjunto, é comparável a um céu simultaneamente plano e profundo, liso, sem margens nem pontos de referência; tal como o áugure que, com a ponta do seu cajado, corta um rectângulo fictício do céu, para nele interrogar, segundo certos princípios, o voo dos pássaros, assim o comentador traça, ao longo do texto, zonas de leitura, para nelas observar a migração dos sentidos, o aflorar dos códigos, a passagem das citações. A *léxia* não é mais do que o invólucro de um volume semântico, a crista da vaga do texto plural, disposto como um banquete de sentidos possíveis¹¹⁸”.

Ao reler as entrevistas transcritas, fiz um destaque de pequenos pedaços de texto, exercitando o estabelecimento de unidades básicas de relevância (*unidades de registo*), a um nível elementar: partindo de palavras que condensassem conteúdos semânticos que, por sua vez, pudessem resultar em conteúdos-chave do processo de análise – técnica que, aliás, se utiliza (*key word in context*) quando recorremos a programas informáticos de análise de conteúdo como instrumento para a determinação de unidades de registo. Mas uma mera inventariação de unidades de registo elementares não chega para atingirmos o sentido de um texto. Para que este se revele, é necessário passar a outro nível de exercitação que passa pela referência das unidades de registo aos lugares concretos do texto em que aparecem. O objectivo é articular as constelações de unidades de registo com os respectivos enquadramentos contextuais. Ou seja, praticamos o referenciamento de *unidades de registo a unidades de contexto* (de natureza textual ou extra-contextual). Estas revelam-se como marcos interpretativos que ajudam a pôr em relevância as unidades de registo.

Em algumas entrevistas ensaiei uma aproximação ao *processo ontológico da formação da auto-imagem*¹¹⁹. O exercício permitiu aos jovens construírem as suas próprias teorias acerca do curso das suas vidas, contrastando êxitos e insucessos, factores favoráveis e desfavoráveis, investimentos pessoais, apoios familiares e influências aleatórias (destino). Com alguns deles discutiram-se estratégias instrumentalizadas no processo ontológico da formação da imagem:

¹¹⁸ Roland Barthes, *S/Z*, Edições 70, 1980, p. 18.

¹¹⁹ Apoiei-me no contributo de Agnes Hankiss, “Ontologies of the self: on the mythological rearranging of one’s life history”, in D. Bertaux (Ed.), *Biography and Society. The Life History Approach in the Social Sciences*, Sage Publications,

a) *estratégias dinásticas* (que fazem depender as situações actuais de situações originárias que remontam à infância). É o caso de Teodoro (*um tacho na política?*), jovem que não descarta a possibilidade de fazer carreira política e, quiçá, aproveitar qualquer tacho recompensador. O gosto de Teodoro pela política é uma herança do avô:

Eu sempre tive um claro interesse; em minha casa o meu avô sempre foi uma pessoa que nos jantares comentou sempre, muito, política. Falava sempre à mesa, de política, de partidos políticos, de pessoas de que gostava, de pessoas de que não gostava, falava-se imenso, a política era vivida com muita intensidade na minha casa.

b) *estratégias antitéticas* (as situações desfavoráveis da infância não impedem o sucesso à custa de sacrifícios pessoais, força de vontade, etc.). O caso de Lúcio, jovem distribuidor de pizzas (*vida estafada, a de estafeta*), é ilustrativo destas estratégias. A sua infância foi marcada pela ausência do pai que o abandonou, ao separar-se da mãe. Viveu em grandes dificuldades e esteve internado na Casa Pia. Mas, com muita estafa, conseguiu subir na vida, e hoje é dono de uma empresa de estafetagem. As situações desfavoráveis não impediram o sucesso, à custa de sacrifícios pessoais e força de vontade:

Eu quero viver bem, eu sempre disse 'Eu quero viver bem!', e eu quero ganhar o suficiente para não ter que andar a "penar" e, por exemplo, a pagar, a pedir um empréstimo, para ir de férias. Tás a ver, não é aí que eu quero chegar.

c) *estratégias compensatórias* (o adorno da infância serve para justificar o fracasso de situações posteriores). Blatte, jovem recluso, exemplifica esta situação. Filho adoptivo, viveu uma infância mimada que serve depois para justificar a facilidade com que cometia burlas, através dos investimentos na imagem e no porte.

Fui afortunado nos pais que me adoptaram, que fizeram de tudo, até mais que podiam, para não faltar nada aos meninos. Digamos que a palavra correcta é mimados. Meu pai, um homem de respeitar, o Sr. Engenheiro, e a minha mãe uma Sra. Bancária. As culturas e boas maneiras não me faltaram desde pequeno (...). Na escola era o rei das meninas, bonito e sensível, no fundo todos me adoravam pois era extrovertido e falador, sonhador.

d) finalmente, *estratégias auto-absolutórias* (um presente negativo dependente de um passado também negativo). Outro jovem detido (M7) não tem dúvidas de que os seus actos de delinquência foram consequência de uma adolescência marcada pela rebeldia, desvios e rejeição à escola:

Prontos, eu era uma pessoa um bocado rebelde, predispunha-me para tudo menos para estudar... Na altura não tinha grandes aptidões para a escola, optei por faltar... na altura já comecei logo por fazer pequenos delitos, ou seja, pequenos furtos.

Preocupe-me, também, em identificar as categorias de significados que os jovens utilizam quotidianamente para dar sentido às suas vidas. Estas categorias primárias (ou conceitos de “primeira ordem”, para utilizar a expressão de Schutz¹²⁰) foram objecto de redefinições, com propósitos analíticos. Em sociologia qualitativa passa-se, habitualmente, da *descrição à interpretação*, através da *conceptualização*, acabando esta por corresponder a ideias abstractas, induzidas pela observação empírica. Neste sentido, os conceitos são instrumentos *sensibilizantes*¹²¹ que nos rasgam horizontes de interpretação, que nos iluminam processos e fenómenos sociais que não são facilmente perceptíveis a um mero nível descritivo.

Como se desenvolve ou se chega a um conceito? Com intuição sociológica, mas também com um trabalho aturado sobre as palavras e frases do próprio vocabulário dos jovens informantes – *conceitos concretos ou vivo codes*¹²² de modo a captar-se o sentido do que eles dizem ou fazem, para que se possam desenvolver conceitos de “segunda ordem”. Alguns jovens dizem-me: “agora não temos namorados, temos cortinados!”. Com os cortinados como pretexto, começamos, então, a discorrer sobre o significado do namoro e das “curtições” entre a actual geração dos jovens: não raras vezes, os namorados são corridos como os cortinados, de acordo com as variações do tempo.

Na análise das entrevistas transcritas explorou-se também a passagem das *expressões textuais aos conceitos*, ou seja, a determinação de *conteúdos conceptuais*, a partir de *conteúdos literais* de textos em análise. De facto, nem todas as palavras são igualmente significativas, do ponto de vista do seu significado conceptual, o que logo nos permite distinguir as palavras (nomes, verbos, advérbios...) que fazem referência a uma realidade extralinguística, das que representam uma relação puramente linguística, como as conjunções que unem frases (e que têm um equivalente funcional com os usos dos tempos discursivos ou apropriadas tonalidades de voz verbal). Mas

¹²⁰ A. Schütz, *Estudios sobre Teoría Social*, Buenos Aires, Amorrortu, 1974 e *El Problema de la Realidad Social*, Amorrortu, Buenos Aires, 1974.

¹²¹ H. Blumer, *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*, Prentice-Hall Enlewood Cliffs, N. J., 1969 e M. Hammersley, *The Dilemma of Qualitative Method: Herbert Blumer and the Chicago Tradition*, Routledge, London, 1989.

¹²² Sobre a utilização sociológica destes vivo codes ver A. L. Strauss, *Qualitative Analysis for Social Scientists*, Cambridge University Press, Cambridge, 1987.

também é verdade que existem expressões aparentemente linguísticas que, na realidade, remetem para conteúdos conceptuais. Veremos que as falas de dois jovens delinquentes (*ganchos ilícitos*) fazem uso frequente de determinadas expressões. Um deles (M7) vai sucessivamente dizendo, “entretanto”... “entretanto”... E outro (Rotter), quando conta os seus golpes, costuma dizer: “E depois o que aconteceu?” Ora bem, para estes jovens o conto de cada aventura de vida é *anáforico*. A anáfora é uma figura de estilo que consiste em repetir a mesma palavra no início de cada frase. Mas essa palavra não cumpre apenas uma função de entrelaçamento de vários episódios de vida. O “entretanto” de M7 e o “depois o que aconteceu?” de Rotter procuram instituir um espaço sequencial, uma série de ordem, espaço submetido à sucessividade das frases, em cuja linearidade o sentido prolifera por inversão. As anáforas em questão denunciam também um espaço aglomerativo em que os relatos se relacionam com outros sentidos exteriores, formando uma espécie de nebulosa de significados em constelação.

Por outro lado, exercitei também a construção de *conceitos unificadores*, avaliando os dados disponíveis, induzindo dos relatos de vida conteúdos ou modos de vida, tentando descobrir eixos de unificação de algumas constâncias ou recorrências. Por exemplo, no capítulo sobre os jovens *arrumadores* constatei que eles reivindicam um saber próprio de quem passa a vida em parques de estacionamento e sente o que neles se passa. Muitos deles falam-me de “esperteza”, “desenrascanço”, “ter olhinhos”, etc. – o que me levou a desenvolver o conceito de *golpe de vista*. Ter *olhinhos* ou *golpe de vista* é um poder (saber) que consiste na capacidade de sintetizar o conhecimento de tudo o que se passa num parque de estacionamento que favoreça o melhor desempenho na tarefa de arrumar os carros.

Os esforços analíticos dirigiram-se para os *conteúdos conceptuais* induzidos por *palavras e orações significativas*. De facto, o significado das palavras individuais especifica-se e clarifica-se através das orações (unidades de significado) a que pertencem essas palavras. Numa fase inicial, construí listas de conceitos a partir de listas de orações. Depois, verifiquei que muitos dos conceitos que foram elencados correspondiam a distintas versões de um mesmo *conteúdo conceptual básico*. Acabei depois numa busca que agrupasse *conceitos homólogos*, pertencentes às mesmas *famílias semânticas*. A este processo analítico corresponde a chamada *homologação conceptual*. É o exame das listagens gerais de conceitos que nos permite agrupar famílias de conceitos similares. Cada uma dessas famílias corresponde a uma *categoria*. Neste sentido, uma categoria corresponde a um conceito geral, subjacente a

uma família de conceitos concretos. Depois, ensaiei *análises de conectividade* entre várias categorias: as análises de conectividade *vertical* (tomando uma só entrevista) foram as mais frequentes, dado que cada um dos capítulos da Parte II do livro versa sobre a história de um jovem, ou de dois ou três jovens vivendo uma situação semelhante; a conectividade *horizontal* (confrontando categorias de várias entrevistas) apenas emerge na conclusão.

Uma especial atenção foi dirigida à *análise de conteúdo* mais preocupada em desvendar os “ethos sociais”¹²³ ou as “estruturas de interpretação da realidade social”¹²⁴ usadas quotidianamente pelos jovens e que transparecem nos seus actos discursivos. O método de análise de “ethos”, desenvolvido por Lalive d’Epinay¹²⁵, procura descobrir os modos de negociação que os indivíduos usam para reagir aos seus contextos de vida. A este propósito são significativos os “ethos” sociais que as jovens prostitutas constroem num terreno sujeito a fortes estigmatizações sociais. Para a análise do “ethos”, Lalive d’Epinay valoriza a relação dos indivíduos com o espaço, a sua apropriação do tempo e a sua inserção na historicidade. Os jovens entrevistados não habitam apenas nos seus gestos e dizeres. Transportam marcas colectivas que incluem a família, os grupos de amigos, etc. Viver numa sociedade que reforça as segregações, que confere um valor cada vez maior aos curriculumns, que dão acesso a tal ou tal padrão de vida, tem consequências a nível individual. A família pode desempenhar um papel de “colchão protector”, mas pode também contribuir para o aprofundamento de um sono profundo de dependência, de infantilização da relação dos jovens com a sociedade.

Numa linha semelhante de análise de conteúdo, foi dada ênfase à “hermenêutica colectiva” proposta por Ulrich Oevermann¹²⁶. Trata-se de um método de interpretação colectiva que procura fazer emergir as *estruturas de consciência* que organizam um dado discurso – em forma textual, oral, etc. A análise não se centra no sujeito falante, mas nos recursos sociais e culturais que este utiliza. É deste modo que o jovem aparece como expressão singular de um tecido social ao veicular, nos seus discursos, determinadas representações sociais. A *hermenêutica colectiva* pratica-se em grupo e

¹²³ Christian Lalive d’Epinay, “Récit de vie, ethos et comportement: pour une exégèse sociologique”, in Jean Remy e Danielle Ruquoy (Dir.), *Méthodes d’Analyse de Contenu et Sociologie*, Publications de Facultés Universitaires Saint-Louis, Bruxelles, 1990, pp.37-68.

¹²⁴ Michel Molitor, “L’Herméneutique Collective”, in Jean Remy e Danielle Ruquoy (Dir.), *Méthodes d’Analyse de Contenu et Sociologie*, Publications de Facultés Universitaires Saint-Louis, Bruxelles, 1990, pp.19-35.

¹²⁵ C. Lalive d’Epinay, “Récit de vie, ethos et comportement: pour une exégèse sociologique”, in J. Remy e D. Ruquoy (Dir.), *Méthodes d’Analyse de Contenu et Sociologie...*, pp. 37-68.

¹²⁶ M. Molitor, “L’Herméneutique Collective”, in J. Remy e D. Ruquoy (Dir.), *Méthodes d’Analyse de Contenu et Sociologie...*, pp. 19-35.

foi um método ensaiado com os jovens reclusos e as prostitutas. A interpretação final é o resultado de um consenso entre múltiplas leituras individuais. O objectivo é descobrir estruturas de consciência e representações, comportando três principais fontes de referência: a) a dimensão colectiva de interpretação; b) o texto e seus conteúdos latentes que devem reflectir mais as estruturas sociais que as intenções do locutor; c) o objecto que se pesquisa – representações e estruturas de consciência.

Três hipóteses principais orientam a *hermenêutica colectiva*: a) os textos ou discursos reflectem *estruturas de consciência*; b) não é o sentido *manifesto* dos conteúdos que mais nos interessa, mas o *latente*; c) não são as intenções do entrevistado que constituem o objecto último de análise (sentido manifesto dos discursos), mas os elementos da estrutura social (sentido latente) que são reflectidos pelos discursos. Ou seja, na *hermenêutica colectiva* considera-se que os discursos possuem um *excedente de significação* em relação às intenções manifestas do locutor. Por outras palavras, há uma diferença entre as intenções subjectivas do locutor e as estruturas latentes do discurso. As estruturas de sentido latente contidas num discurso são indutoras deste. Quando me encontrei, pela primeira vez, com duas jovens prostitutas, saudaram-me com um “Olá! Como está? Tudo bem?”. A dita saudação é reveladora de uma norma societal, de um rito de deferência. A prova disso mesmo é que o rito se esgota no enunciado. À pergunta de “tudo bem?” não me senti obrigado – nem sequer as jovens esperariam – que respondesse com uma exaustiva identificação estratificada do que, na minha vida, estava bem, mal e assim-assim. O que aconteceu foi ter respondido de uma forma natural – e o natural aqui é o consensual – com um evasivo “E vocês? Tudo bem?”.

Enunciados deste tipo são identificados como *topos* e caracterizam-se por exprimirem uma ideia ou um comportamento socialmente partilhado, traço distintivo de determinados universos sociais. Estes *topos* são indicadores linguísticos que permitem descobrir representações sociais da realidade. Através do individual (discursos) chega-se ao social. O pressuposto é o de que as estruturas de consciência dos indivíduos se encontram influenciadas por representações que são mais que meras representações de subjectividade. As representações sociais reproduzem-se nas consciências dos indivíduos. Existe, pois, uma mediação entre as estruturas sociais e as de consciência. Para Molitor¹²⁷, aquilo que se poderia designar de “estrutura de interpretação da

¹²⁷ M. Molitor, “L’Herméneutique Collective”, in J. Remy e D. Ruquoy (Dir.), *Méthodes d’Analyse de Contenu et Sociologie...*, pp. 19-35.

realidade social” está no centro dessa mediação entre *estruturas sociais e estruturas de consciência*. As “estruturas de interpretação da realidade social” são, pois, adquiridas através de experiências acumuladas, através de múltiplos processos de socialização; no entanto, embora tenham uma existência relativamente autónoma, elas são também mediatizadas pela subjectividade das estruturas de consciência.

A *interpretação colectiva* deve produzir um relativo consenso, resultado de argumentos racionais. A inter-subjectividade que resulta da aplicação da hermenêutica colectiva funciona também como uma garantia contra o risco de parcialidade de certas leituras. O trabalho comum de interpretação permite ultrapassar as subjectividades individuais. No entanto, é importante evitar fenómenos de sobre-interpretação (interpretação de interpretações) que podem perigar o trabalho de inter-subjectividade que busca o consenso. A *hermenêutica colectiva* processa-se de forma sequencial e gira em torno da descoberta de *unidades de sentido* (frases, parágrafos, gestos, etc.). É a busca de sentido – em particular dos *latentes* – que deve orientar a constituição das unidades de sentido. Quando se verifica uma viragem de sentido, então criamos outra unidade de sentido. Os discursos fragmentam-se, deste modo, em unidades de sentido, cuja constituição deve também merecer um consenso entre o grupo de análise.

Ênfase particular foi também colocada na “análise estrutural de conteúdos e modelos culturais”, desenvolvida por Hiernaux¹²⁸, exercitando-se, para o efeito, o estabelecimento adequado do *estatuto teórico* dos materiais, ou seja, a identificação daquilo que um material revela como sociologicamente significativo. Essa exercitação prolongou-se ao nível do estabelecimento de isotopias e ao da *condensação descritiva*.

As *isotopias* são estabelecidas para identificar os “locais estruturais” pertinentes para a análise, insistindo-se no facto de as “estruturas de sentido”, subjacentes ao material, não seguirem, linearmente, a ordem discursiva. A *condensação* descritiva é usada para fazer emergir *modelos* ou *tipos* comuns a uma pluralidade de manifestações discursivas. As isotopias são definíveis como locais de esboço de modelos possíveis, através de *condensações descritivas* adequadas. Mas o objectivo deste método – como o da *hermenêutica colectiva* – é o da revelação de conteúdos culturais, através da descoberta de descontinuidades e diferenças: o sentido do bem, por exemplo, acha-se por contraposição ao sentido do mal. Se os dois sentidos podem ser comparados, e

¹²⁸ Ver, nomeadamente: J. P. Hiernaux, *L’Institution Culturelle. Méthode de Description Structurale*, PUF, Paris, 1977 e “Análise estrutural de conteúdos e modelos culturais: aplicação a materiais volumosos”, in Luc Albarello et al., *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa, 1997, pp. 156-202.

depois distinguidos, é porque a sua oposição se situa num mesmo eixo (*eixo semântico*). Daí a importância das propriedades distintivas, arrastadas pelos códigos disjuntivos.

Um jovem delinquente (dos *ganchos ilícitos*) explicava-me o sucesso das burlas que fazia: “depende da palheta da pessoa (...) não é um gajo que é um atadinho que vai viver disto” (Blatte). “Palheta” e “atadinho” são códigos disjuntivos que remetem para um mesmo eixo semântico, associado à *desenvoltura*, de língua ou de acção. O burlão, para ludibriar, tem de ser convincente, arranjar bons argumentos, ter “palheta” ou “lábria”, soltar a língua. Atando a língua ou a imaginação, um burlão não se safa. Por isso, um burlão de sucesso depende de um sentido comportamental (não ser atado) que se opõe a outro sentido comportamental (ser atado, isto é, não ser esperto). Da filosofia de vida deste jovem delinquente podíamos extrair uma regra metodológica. Uma boa análise sociológica dependerá também da capacidade que tenhamos em soltar a nossa imaginação, num esforço analítico que em tudo se assemelha a um desatamento. Aliás, *análise* vem do grego *ana-lyo*¹²⁹ – que significa *des-atar*. O pressuposto de qualquer análise reside na suposição de que a decomposição de um fenómeno é o melhor procedimento para o compreender, pois o desatado faz-se mais perceptível que o atado. Por isso, *desatando*, podemos melhor compreender o *atado*.

Na Parte II do livro, as entrevistas dos jovens são apresentadas e desatadas separadamente. A opção metodológica de fundo de analisarmos entrevista a entrevista obedeceu à preocupação de salvaguardar a diversidade de experiências vividas pelos jovens. Queríamos descobrir o sentido dos conteúdos de vida de cada jovem através dos discursos que nos eram dados. Os relatos de vida são mais que simples crónicas de acontecimentos, dão forma ao curso do tempo, sugerem motivos que nos permitem perceber como e porquê ocorrem as coisas e suas consequências.

A opção metodológica tomada valorizou duas estratégias principais de inquirição: uma estratégia *restitutiva* e uma estratégia *analítica*. Dumazière contrapõe estas duas estratégias a uma outra, a estratégia *ilustrativa*, de uso corrente nas pesquisas sociológicas¹³⁰. A estratégia ilustrativa pressupõe que os registos de uma entrevista apenas fazem sentido quando integrados num quadro teórico exterior ao relato entrevistado. Nesta perspectiva, a entrevista não diria nada em si mesma, pois sempre

¹²⁹ Lio (do grego leões) significa liso, mas também liame, atilho ou feixe; e ana (do latim ana e do grego aná) significa “sentido contrário”.

¹³⁰ Didier Demazière e Claude Dubar, *Analyser les Entretiens Biographiques. L'Exemple des Récits d'Insertion*, Nathan, Paris, 1997.

podemos fazer com que ela tudo diga. É o que se passa quando as entrevistas são realizadas num marco estruturador rígido. As vantagens de um marco rígido derivam da homogeneidade imposta à expressividade dos inquiridos, o que facilita a obtenção das tão procuradas e tipificáveis regularidades sociológicas. No entanto, essas vantagens dissipam-se quando o que se procura é a singularidade das experiências de vida. E estas dificilmente se deixam captar quando as entrevistas se estruturam através de um marco rígido de questionamento que, acima de tudo, mostra uma espécie de habilidade inerente para determinar o tipo de informação de que se anda à procura para “ilustrar” o ponto de vista de quem pesquisa. Em contrapartida, num marco de estruturação débil, a relevância da informação é descoberta no próprio processo de interpretação dos dados.

A estratégia *analítica* é, sociologicamente, a mais enriquecedora e desafiante. Pode, contudo, oferecer algumas dificuldades. Vejamos o caso da *categorização analítica*. É certo que as realidades são imperceptíveis antes que as possamos posicionar em alguma categoria. Por exemplo, um sintoma clínico é indecifrável, se não o enquadrarmos numa categoria de diagnóstico (constipação, reacção alérgica, etc.). Contudo, há que resistir a uma ossificação das categorias que desembocaria numa reificação da própria realidade.

A estratégia restitutiva pressupõe que uma entrevista, logo que seja transcrita, fala por si mesma. Quase nunca isso acontece. Talvez pudesse apontar a entrevista do Zé Manel (capítulo: *Até cair de “baixa”*) como possível excepção. Com efeito, a maneira como o Zé Manel compôs a sua biografia, como aponta a sua existência quotidiana, como nos dá conta dos movimentos e variações dos seus modos de viver, é por si só uma elucidação real de um percurso de vida que é ilustrativamente dado pelo discurso que se faz dela. Contudo, qualquer entrevista abre sempre portas para modos múltiplos de a entrever, dependendo do ângulo de observação através do qual a entrevista é lida e compreendida.

Embora cada história narrada se diferencie das demais, na conclusão alinham-se inferências que, de certo modo, são generalizações dos casos tomados, conjuntamente, na sua singularidade. Aliás, a comparação dessas singularidades de vida aponta para um padrão marcado pela vivência comum de situações de precariedade de emprego, embora vividas de maneira muito diferente nos labirintos de vida.

Fazer pela vida
percursos e discursos

1. Distribuindo pizzas: vida estafada, a de estafeta

Lúcio é um jovem de 24 anos cuja primeira profissão foi a de estafeta. O seu trabalho consistia na distribuição de pizzas, tinha então 16 anos. Depois das muitas voltas que a vida deu, voltou à estafetagem, mas agora trabalha por conta própria, tendo constituído sociedade com um amigo. Nas finanças – orgulha-se –, está registado como gerente de empresa.

Lúcio ganhou a vida ao nascer, em Torres Novas, mas só mais tarde veio a saber verdadeiramente o que significava ganhá-la. O pai, antigo combatente das Forças Armadas, de tantas comissões que fez na guerra colonial, ganhou o estatuto de capitão, mas não sabe se chegou a ser um capitão de Abril. O que sabe, isso sim, foi que o pai nunca quis saber muito dele e disso guarda uma grande mágoa.

Eu nasci sem conhecer o meu pai. Nasci sem nunca estar com ele. Sempre fui criado com a minha mãe, a minha mãe sempre foi mãe e pai para mim. O meu pai pouco se interessava em me ver. No fundo, digo isto sempre com um pouco de ressentimento (...). Mas, no entanto, a minha mãe nunca foi uma pessoa que me criasse contra o meu pai, do tipo 'O teu pai não vale nada!' não, nunca, nunca fez nada disso. A minha mãe sempre foi uma pessoa do tipo 'É o teu pai... Mas é o teu pai'... Nunca me virou contra o meu pai, nunca teve essa tendência do tipo: 'Ele não vale nada! Tou muita magoada com ele! Ele nunca se interessou por ti! (...)' E eu adorava o meu pai, eu sentia o meu pai como um ídolo, porque eu não me apercebia das coisas.

Muito raramente, num ou noutro fim-de-semana, encontrava-se com o pai, até que, aos 14 anos, experimentou ir viver com ele e com a madrasta. Mas a experiência não resultou. O ressentimento do abandono veio ao de cima e as relações deterioraram-se, acabando por ser expulso de casa.

Tive imensos problemas com ele porque não o aceitava. Não aceitava que ele me dissesse (...) 'Sou teu pai!'. 'Não, tu não és meu pai. Tu apenas comeste a minha mãe!' Pronto, falando mal é mesmo assim. 'Porque tu nunca foste meu pai, tu nunca me criaste. Tás agora aqui, apareces-me a meio a impores-me coisas...' e eu resenti-me com isso. Também aprendi um pouco com isso e mudei a minha atitude. Nessa altura havia muita gente que se metia na droga, da minha idade, e eu senti-me assim um bocado naquela, desamparado, e foi assim uma fase difícil.

No momento em que realizámos a entrevista ao Lúcio, o seu pai encontrava-se no hospital, padecendo de doença grave. O ressentimento do filho, embora não desaparecendo, atenua-se.

No fundo sou capaz de o desculpar, mas sinto que ele devia ter-me pedido desculpas por nunca ter sido um pai para mim. Não é por mais nada, por nunca ter sido um pai para mim. (...) Sempre houve essa mágoa aqui dentro! E acho que ele vai morrer e... não vai haver aquela coisa... nem que seja o pedir... 'Eu sei que eu nunca fui um pai para ti...' (...). Gostava de ter ouvido. Mas não ouvi, paciência.

Em contrapartida, a relação afectiva com a mãe, com quem coabita, é de profundo respeito e reconhecimento. É a mãe que o ajuda quando precisa de dinheiro e tudo ela tem feito para nada lhe faltar. Trabalhou como porteira, em creches, como mulher a dias na limpeza de escritórios.

Ela foi a minha mãe e meu pai, ela tratou sempre de tudo, sempre teve o cuidado de trabalhar de sol a sol para nunca me faltar nada. E eu, às vezes, sou um pouco injusto para ela, eu reconheço, às vezes não sou o filho que deveria ser e às vezes, quando me lembro disso ou quando reconheço isso, tento ser o melhor possível para ela, tento fazer-lhe as vontades. Mas, às vezes, não é fácil... sabes como é! Sinto mais isso agora, sinto que lhe dou mais apoio agora do que lhe dava há uns tempos atrás. Também a minha vida não permite o apoio que eu gostava de dar, mas dou-lhe o máximo que me é possível.

Não apenas os problemas familiares tiveram influência negativa no percurso escolar do Lúcio. Na 4.^a classe, a ausência prolongada da professora ditou a primeira reprovação logo que entrou no 1.^o ano do ciclo preparatório:

Fiz a primária normalmente como todas as crianças, não me lembro de grandes pormenores, sei que na 4.^a classe não tive professora, a professora teve muito doente e eu só tive o primeiro período de aulas, até ao Natal. Depois não tive mais aulas. Chegaram ao fim do ano, passaram--nos a todos. Depois tive um problema quando cheguei à preparatória, 1.^o ano, não tinha preparação porque a 4.^a classe é o ano mais importante da primária, a mudança de escola naquela idade... se fosse a mesma turma, tipo se pegassem naquela turma e colocassem noutra escola a mesma turma era diferente porque era uma turma que sabia toda mais ou menos a mesma coisa, muito pouco não é? (...). Espalharam-nos pela escola toda. Mau resultado, encontrámos miudinhos que sabiam mais do que nós, os professores seguiram o ritmo daqueles miudinhos e a gente ficou para trás. Chumbei.

Lúcio repetiu o 6.^o ano e, chegado ao 7.^o ano, tudo se complicou mais, com as faltas que começou a dar às aulas para andar de *skate*. A mãe nessa altura sentia que já não tinha mão nele.

Entretanto é aquelas idades assim um bocado malucas, em que uma pessoa só faz asneiras e eu aulas não me apetecia, era a altura do *skate* e eu queria andar de *skate* e baldava-me até dizer

chega e chumbei. Então tive um monte de conflitos em casa com a minha mãe visto que a minha mãe também sentia 'Quer dizer eu tou aqui sozinha a criar este marmanjo e este marmanjo anda na brincadeira o dia todo e eu tou-me a matar para nada!'

Foi então que Lúcio foi viver com o pai e a madrasta para a outra banda do Tejo. Talvez que o pai, militar que era, tivesse mão nele. Com a madrasta não se dava muito bem, mas a sorte ainda lhe foi mais madrasta. Sentiu-se desacompanhado e, mais uma vez, as vicissitudes do sistema escolar acabariam por o afectar, quando se viu numa turma de alunos repetentes e indisciplinados que o arrastaram para novo chumbo.

Fui para um sítio onde não conhecia ninguém, fui para um ambiente completamente diferente daquele a que tava habituado aqui, foi um pouco complicado. Fui para lá, fui para a escola, fiz o sétimo ano outra vez, depois passei para o oitavo, depois no oitavo aconteceu-me outro azar. Fui parar a uma turma que era a pior turma da escola. Eu tinha quinze anos e era só pessoal de dezoito, dezanove, tudo repetentes, repetentes, repetentes, repetentes, tavam todos naquela turma encaixados e eu fui lá calhar (...). Nós tínhamos pessoal do 12.º que assistia às nossas aulas pela janela porque achavam incrível a porcaria que se passava na aula. Parecia autenticamente um jardim zoológico, berros, imitar animais, mandar os professores para aqui e para ali até eles saírem da própria sala de aula. Eram animais autênticos; andavam à porrada dentro da sala. Ainda me lembro de um professor numa aula, nunca mais me esqueço desta cena; o professor saiu da escola por causa de nós. (...) Desistiu! Não sei se foi dar aulas para outro lado, mas disse assim: 'Eu não aguento! Vou-me embora!' E era um professor de Matemática, espumava pelos cantos da boca quando falava (...) e toda a gente gozava. (...) Entretanto andava tudo à porrada na sala, a berrarem, a imitar animais uns para os outros e o professor a dar a aula sozinho porque ninguém tava a dar atenção, como é óbvio. Até que o professor vira-se, manda a caneta para o chão, e diz: 'Tou farto disto! Vou-me embora!' Isto só para veres mais ou menos o tipo de turma em que eu tava inserido. Pá, chumbei outra vez! (risos) Chumbei outra vez!

A mãe do Lúcio que não tinha mão nele, começou a ver que a mão pesada do pai também não o conseguia moldar. Foi então que se lembrou de o colocar na Casa Pia de Lisboa.

A minha mãe aqui viu que eu andava completamente atarantado, o dia inteiro sozinho, e que as soluções que o meu pai tinha para mim, que eram muito boas, no fundo eram bem piores que aquelas da minha mãe. Então voltei para cá, com quinze anos. Voltei para Lisboa, concorri para a Casa Pia, fiz uns testes psicotécnicos para entrar, escolhi a área, por acaso foi a área que eu escolhi que entrei porque há pessoas que depois pelos testes vão parar a outros sítios. Fazes testes manuais e escritos, trabalhos manuais tipo enfiar parafusos, ver quantos é que consegues enfiar e preguinhos, aquela porcaria toda. Desenhos, um monte de testes, eles fazem-te um monte de testes para tu entrares para lá, tanto que apesar de se dizer 'A Casa Pia, aquela escola assim

e assado', não: há uma fila enorme para lá entrar que não entra, todos os anos. Há um monte de pessoas que fazem os testes, só algumas é que passam, só algumas é que entram. A Casa Pia, quando eu cheguei à Casa Pia acendeu-se uma luz na minha vida, um objectivo, algo palpável para eu fazer. Era o tal curso dentro de uma área que eu gostava 'Pá, tenho aqui algo a que me agarrar, não tou a estudar por estudar' que era aquilo que eu via até à altura. 'Tou a estudar para quê?' Era aquela idade, 'Tou a estudar aquela matéria massuda! Eles gostam é de martelar a cabeça às pessoas e eu tou-me aqui a lixar para isto!' Então havia qualquer coisa palpável. 'Vou tirar um curso tecnicoprofissional, chego ao fim dos seis anos tenho uma carteira de técnico de electrónico e tenho alguma coisa para me pôr no mercado de trabalho' (...). Eu gostei, fiz os testes e entrei (...) e fiz assim os seis anos lá. Sem chumbar, porque como vi alguma coisa a que me agarrar e qualquer coisa que eu gostava de tar a fazer, foi um instantinho. Em seis anos fiz aquilo, era o mínimo tempo que eu conseguia fazer, não havia possibilidade de fazer em menos. Em semi-internato. Das oito da manhã às seis da tarde. Eles não deixam sair da escola, mas a gente arranja sempre maneira de sair, como é óbvio! À hora de almoço, comer uns pastelinhos de Belém! Pronto passei seis anos assim.

Lúcio saía da Casa Pia às 6 da tarde, comia à pressa qualquer coisa, mais um pastel de Belém ou um rissol, uma imperialzita, e ia para a Amadora. Aí arranjava o seu primeiro emprego, em part-time, a distribuir pizzas, das 7 às 11 da noite. E foram uns anitos a distribuir pizzas. Deixou a distribuição de pizzas por ter tido um conflito com a gestora de turnos, queria que ele fizesse estafetas mais rápidas quando tinha acabado de ter um acidente de motorizada e Lúcio não queria andar sempre no chão...

O Pizza Hut foi o meu primeiro emprego, saí porque tive um acidente e depois tive uns conflitos com a gestora que lá estava porque... foi uma coisa um bocado estúpida, posso dizer mesmo, estúpida. Ela entrou numa de... era um bocado parvinha também, tanto que ela já lá nem tá, saiu quase logo a seguir a mim. Eu vinha de um acidente, vinha com calma, não era aquele estafeta do 'Faço tudo, faço as entregas todas e mais algumas!' (...) Antes era o gajo que entregava mais pizzas, e entretanto isso passou um bocado. Eu queria era não andar sempre no chão... Há sempre aquela altura de adaptação quando tu caís, ou quando tu tens um acidente, de te adaptares de novo. E eu tava nessa adaptação. Andava devagar, mais devagar. Pronto, fazia as entregas, não foi por causa das entregas que eu saí, foi mesmo por conflito com o chefe de turno que não devia ir muito com a minha cara.

Tempos duros, estudando e trabalhando ao mesmo tempo. Mas sentia necessidade de dinheiro para as suas despesas pessoais e não queria sobrecarregar a mãe; por outro lado, desejava mostrar aos outros e a si próprio que tinha capacidade para trabalhar, que seria capaz de vencer na vida.

É preciso compreender uma coisa, porque é que eu fui trabalhar? Eu sempre vivi à conta da minha mãe, a minha mãe é uma pessoa sozinha, sempre me criou sozinha. E eu sempre tentei de alguma forma 'pendurar-me' o menos possível nela, e isto não porque ela não me desse tudo o que eu queria, porque dava. Era porque eu acho que quando eu quero uma coisa tenho que ser eu a comprar essa coisa e se eu quero ter certas e determinadas coisas tenho que ir trabalhar para comprar essas certas e determinadas coisas. E foi por isso que eu... para poder ter a minha mota, para poder ter a minha conta, para poder ter aqueles gastos do dia--a-dia, de ir ao café comer um bolo, com os amigos, tar a conversar e ser sempre eu a pagar. Não ter que estar todos os dias, que era uma coisa que eu não gostava nada, 'Mãe, dá-me mil paus. Mãe, dá-me quinhentos paus. Mãe, dá-me...'

Quando terminou o curso de técnico de electrónica na Casa Pia, tinha já então abandonado a distribuição de pizzas, arranjou o primeiro emprego a tempo inteiro numas bombas de gasolina, mas poucos meses esteve nas bombas pois seria chamado para a tropa onde lhe deram um trabalho de responsabilidade, guardador de material de guerra, dada a sua experiência de lidar com dinheiro na venda de pizzas ou de combustível.

Saí da escola fui trabalhar para a bomba. Durou cerca de sete, oito meses, porque depois, entretanto, tive que ir para a tropa (...), fiz os quatro meses de tropa em Cascais. Na tropa também o cargo que eu ocupava era de quarteleiro de material de guerra. Mas isto tem uma lógica. Quando tu entras, sabes que a quantidade de analfabetos que vão para a tropa é incrível. Uma parte tem o 9.º ano e a maior parte nem o 9.º ano tem, então eles chegam lá e fazem uma selecção. Quem tem o 12.º, quem tem mais que o 12.º e quem tem menos que o 12.º. De quando eu entrei em Cascais, depois da recruta era eu e outro que tínhamos o 12.º. Só havia duas pessoas. E então desempenhámos funções, lá dentro, de responsabilidade. E destacaram-me para um sítio onde se guardam coisas de muita responsabilidade, em que é preciso muitos protocolos, por causa das armas, não faltar nada. Eles escolheram mesmo pela profissão que eu tinha, de trabalhar com muito dinheiro na bomba. Primeiro, escolheram logo porque tinha o 12.º, meteram-me logo de parte, a mim e a outro rapaz. Depois, pela profissão, como lidava com muito dinheiro, acharam que tinha mais responsabilidade e meteram-me a guardar as G-3!

Saído da tropa, para a qual fora chamado sem se fazer rogado, Lúcio fica sem saber o que fazer. Perdera o emprego das bombas porque, compulsivamente, o puseram a guardar as "G-3"; tinha experiência de lidar com dinheiro a troco de pizzas e combustíveis e, mais relevante ainda, tinha uma qualificação, dispendera seis anos de vida para obter um curso de electrónica. Agora tinha de mostrar a si próprio que era capaz de conquistar a sonhada autonomia. Lúcio sabe que, numa sociedade crescentemente competitiva, a capacidade de autonomia é fomentada e valorizada como estratégia de obtenção de

emprego. No entanto, o mercado de trabalho acaba por reflectir essa luta entre *autónomos* provocando, como corolário, uma inevitável *anomia*. Para não se perder na pior das anomias, o desemprego, decide-se pelo primeiro biscate que lhe aparece, num bar de Alcântara.

Depois da tropa andei uns tempos a trabalhar à noite num bar ali em Alcântara. Durante três meses. Isto foi há dois anos. Trabalhei pouco tempo porque o trabalho à noite é muito cansativo. Entrava às dez da noite, saía às sete da manhã. Era saturante, não era aquilo que eu queria fazer. (...) Engraçado. Quando eu acabei o curso e não fui trabalhar dentro do curso que tirei, fui trabalhar para uma bomba de gasolina, e eu sabia que se ia pôr a tropa e eu dificilmente arranjaría um emprego, porque a tropa também é um estorvo, dificilmente arranjaría um emprego em que eles me quisessem porque eu acabei as aulas em Junho-Julho e em Janeiro ia para a tropa. Então arranjei um emprego, fui para a bomba de gasolina para tar aquele tempo enquanto não fosse para a tropa (...). Passou-se aquele tempo todo e eu saí da tropa e... 'Mas eu não vou para electrónica!' Perdi-me um bocado também, fui para a noite, perdi-me um pouco. Serviu-me como experiência de vida, conheci gente do arco-da-velha, mas que não interessa a ninguém, e foi quando eu cheguei ao ponto de dizer 'Isto não interessa a ninguém! Isto é um modo de vida para os meus colegas que estão aqui porque é isto que eles gostam, é isto que eles sabem fazer (...), não têm ambições, gostam de tar aqui, gostam de tar bêbados, gostam de se embezanar todos os dias.' E para mim foi uma experiência, eu sabia que não era aquilo que eu queria, foi uma passagem.

Os tropeções da vida devem tomar-se com algum optimismo. Se não se cometessem erros, como se poderiam corrigir? Até que lhe apareceu a oportunidade de trabalhar numa imobiliária, vendendo casas. Depois passou para a venda de automóveis. Finalmente, decidiu voltar à estafetagem, mas por conta própria, tendo formado sociedade com um amigo.

Depois disso saí para ir trabalhar para uma imobiliária. Vendedor. Vender casas. Tive a trabalhar um ano na imobiliária. Entrei como comissionista, cheguei ao fim de seis meses passei a gestor de imobiliário. Depois houve uns conflitos e eu saí da imobiliária e fui trabalhar para outro lado, para um stand de automóveis. Estava como vendedor, no Cacém. Depois estive lá só dois meses porque entretanto abri a empresa em que estou agora.

Os trabalhos que Lúcio foi arranjando resultaram de contactos de amigos ou de respostas a anúncios de jornal.

O das pizzas, acho que foi por jornal. Vi, fui lá e inscrevi-me, e depois chamaram-me para ir trabalhar com eles. O da bomba foi por intermédio de uma amiga (...). O da imobiliária foi também através de outras pessoas amigas. O bar foi através de um grupo de amigos que trabalhava à noite, uns

tinham uns bares e eu tava a sair da tropa e falei com um deles e disse que tava a precisar agora de um emprego, que queria trabalhar, e ele meteu-me a trabalhar nos bares dele. Depois disso é que foi a imobiliária, através de umas pessoas amigas (...). Depois foi o stand (...). Isso não foi por intermédio de ninguém. Anúncio de jornal, fui fazer a entrevista e fui aceite passado dois dias (...). E depois foi a empresa, eu ‘tava a trabalhar no stand e entretanto um amigo meu (...) fez-me uma proposta de ser sócio dele visto que ele já tinha começado a empresa com um outro rapaz. E eu aceitei.

Lúcio faz questão de sublinhar que um jovem que queira trabalhar acaba sempre por encontrar trabalho porque, em sua opinião, falta de emprego há, mas não de trabalho. Para quem interpreta o mercado de trabalho como um “canal” que processa pessoas com uma “entrada” e uma “saída”, quando o canal se satura bloqueia-se, não dando entrada a todos que a desejam, nomeadamente os mais jovens, aqueles que nunca nele tiveram entrada. Um modo de aliviar a saturação do mercado de trabalho é acelerando a saída dos mais velhos para dar lugar aos mais novos. Mas Lúcio pensa que, no desemprego, os jovens não têm tantas dificuldades de arranjar trabalho quanto os mais idosos.

Eu tenho esta teoria, até posso estar errado: nós somos jovens, temos mais facilidade de encontrar emprego do que uma pessoa com uma certa idade, que já só sabe fazer certas e determinadas coisas, e quem quer trabalhar consegue sempre emprego ou trabalho. Já não falo em emprego mas trabalho, quem quer consegue porque trabalho há, há é falta de emprego (...). Muita gente tá a estudar, muita gente acaba o curso e muita gente quer emprego logo. Problema número um: arranjar emprego para aquela gente toda não é fácil, todos os anos sai imensa gente com um curso tirado e arranjar emprego não é fácil. Trabalho já era mais fácil, porque trabalhar para as obras e essas coisas assim arranja-se sempre (...). E eu nunca tive esse problema de ‘quero um emprego onde faça pouco’. (...) O que eu queria era dinheiro para os meus gastos que se encaixasse dentro daquilo que eu podia fazer... Sempre consegui.

Agora que o Lúcio voltou à estafetagem, continua a não descurar a formação. Estuda à noite e pretende ingressar na Universidade.

Deixei de estudar quando acabei o curso e fui para a bomba trabalhar. Recomecei a estudar este ano. Estou a fazer uma cadeira (...) para depois ir para a faculdade. (...) O que eu gostava neste momento era ir para Psicologia ou uma coisa assim, mas, para além de ser difícil entrar, não é aquilo que me é mais preciso. Eu preciso mais de um curso de gestão (...). Estou a estudar à noite para tirar um curso, para não ser só uma pessoa que tem uma empresa ou duas ou três, whatever. Ser uma pessoa que também tem algum estatuto, não é? Nem só uma coisa nem só outra. As

duas complementam-se e é preciso sempre ter as duas. Se amanhã isto, Deus queira que não, mas imagina, vai por água abaixo... onde é que eu me agarro?

Lúcio nega-se a deixar que o seu passado defina o limite dos horizontes do seu futuro, mas teme que o futuro lhe possa ressuscitar alguns fantasmas do passado. Agora parece que está encaminhando a vida, mas toda ela foi feita em trilhos de precariedade. Os contratos de trabalho que teve foram a prazo, outras vezes trabalhava sem contrato. Quanto aos rendimentos, foram sempre minguados.

Na Pizza Hut estive a contrato, na imobiliária não estive a nada, nem a recibos, nem nada, pronto eles iam-me passar a contrato, mas eu vim-me embora. Na bomba estive a contrato. À noite (referindo-se ao trabalho no bar) aquilo é... ninguém é empregado em lado nenhum, se aparecer a fiscalização 'A gente só tava aqui a ajudar. Aquele é meu amigo, é o meu primo que tá ali atrás, isto tava muito cheio e ele pediu-me ajuda.' Ganha-se à noite. Na Pizza Hut ganhava à volta de setentas, oitentas, em média setenta. Na bomba ganhava oitenta e tal mais uns premiozinhos que ia para a volta dos noventa, cem. (...) À noite ganhava uma média de cinco contos por noite. Cinco, seis, depende. Na tropa não se ganha! Ganha-se o pré, ganha-se sete contos e tal por mês, mais ou menos. Não dá para nada, não é? Na imobiliária ganhava à comissão. (...) Eu, quando entrei, vendi uma casa no primeiro mês que lá entrei, só. Depois comecei a vender à volta de duas casas por mês. (...) O problema dali era receber porque tu recebes conforme a imobiliária recebe também. E às vezes o processo de uma casa pode demorar meses. (...) No stand tinha o ordenado base e comissões. Era como? Funcionava com oitenta (contos) base, mais subsídio de gasolina, carro da firma, gasolina da firma. Carro, gasolina, ordenado e comissões que era de seis contos no primeiro carro, doze no segundo, ia aumentando, vinte no terceiro, quatro já era trinta e quatro. (...) Pronto eu também não estive lá assim muito tempo, e depois foi mais ou menos a adaptação, vender casas e vender carros não é bem a mesma coisa... Actualmente é assim, para todos os efeitos, eu tenho o ordenado mínimo nacional. (...) Os primeiros quatro meses foi muito difícil, (...) tudo muito apertado, o dinheiro a esticar muito. Agora a situação já está a querer mudar, as coisas estão a progredir, estamos a avançar aos poucos, mas já está com outra dimensão. A gente já consegue tirar alguma coisinha, não muito, mas já alguma coisa...

Certos trabalhos precários, como a distribuição de pizzas, podem também ser formativos e dar oportunidades de aprendizagem. Quando pegou na mota para distribuir as primeiras pizzas, Lúcio nunca imaginou que viria a constituir uma sociedade de estafetagem. E, mesmo agora, na qualidade de "gerente", Lúcio prefere estafetar de mota em vez de usar o carro. Ficou-lhe o gosto, a emoção da estafeta rápida, as quedas milagrosamente evitadas, a chuva inoportuna a lembrar-lhe tardes de sol, o trânsito labiríntico, qual labirinto da vida.

Gosto imenso, imenso. É assim, vou-te explicar: o estafeta é aquela profissão muito lixada, que um gajo anda ali... chuvas e frios, e o trânsito, e sempre pode cair a qualquer altura e esfarrapar-se todo, e eu digo-te, (...) cheguei ao fim de um mês e virei-me para o meu sócio e disse--lhe assim: 'Olha, Rodrigo, toma esta semana o carro porque eu prefiro andar de mota, e andei a semana toda ao frio de mota, porque não queria andar com o carro. E dei-lhe o meu próprio carro para as mãos. Sentia falta de andar de mota! Isto é a realidade. Acho que é uma prova um pouco de que gosto daquilo que faço. (...) Eu deixar de 'estafetar' por completo vai implicar muitas coisas, vai sendo aos poucos.

Lúcio admite, contudo, que estafetar como patrão não é a mesma coisa que estafetar por conta alheia, como trabalhador precário. A estafa é semelhante mas os proveitos diferentes. Agora Lúcio encara o estafetar numa lógica do lucro e já usa expressões consagradas da gestão económica, como é o caso de *boom*.

Tenho neste momento projectos para avançar, para a empresa fazer um *boom*, mas também tenho medo desse boom, por isso esse *boom* vai ser feito em degraus. E depois tem outros contras, é difícil arranjar pessoas para trabalhar como estafetas, passar o dia todo à chuva como empregado não é fácil. Eu faço isso como patrão porque tem outro sabor, porque como empregado pensava duas vezes. É muito difícil arranjar estafetas.

Sobre a relevância da escola para se conseguir uma mais fácil inserção profissional, Lúcio mostra algum cepticismo, sendo-lhe mais fácil aceitar a influência das cunhas.

Não vejo a escola como necessária para tu seres bom no teu emprego. Não é isso que eu vejo. Vejo a escola como algo que te dá uma certa cultura, dá-te um certo nível. Não te dá... acho que a verdadeira escola vai ser quando tu comesças a trabalhar, isso vai ser a escola da vida, vai ser isso que te vai ajudar a ser um bom profissional, se tu conseguires ultrapassar os obstáculos todos que te vão pôr à frente. Infelizmente o (...) mercado tá um pouco viciado (...). Quem tem 'cunhas' safa-se sempre à tua frente mesmo que tu sejas melhor que ele na escola. Por isso, eu não posso dizer que a escola é o melhor que há, porque se eu sou um aluno de 10 e tu és um aluno de 16, mas eu tenho uma cunha, vou ter um emprego melhor que o teu, vou ganhar sempre mais que tu e vou ter sempre menos chatices do que tu.

Lúcio pensa, por outro lado, que a formação adquirida na Universidade, embora importante, não é por si só suficiente para se assegurar um bom desempenho profissional.

Eu tive uma conversa com uma rapariga... por isso é que eu digo, um curso de faculdade ajuda-te e não te ajuda ao mesmo tempo, porque é assim: ela tirou um curso de gestão e eu disse assim: 'Então és uma gestora. Qualquer dia trato-te por doutora. Então doutora, tá boa?' e ela fica assim

a olhar para mim. Tivemos uma conversa uma vez e ela diz-me 'Eu tirei o curso de gestão e pouco mais sei do que aquilo que sabia quando saí da secundária. Eles ensinam-te coisas... eles não te ensinam 'Olha agora vamos aprender a gerir uma empresa', não te fazem nada disso. Nada. Eles dão-te coisas tipo... aprendes as leis dentro do mercado onde podes trabalhar, fazer a contabilidade, pronto fazer as contas, os IVAs e aquelas coisas, tens uma disciplina de contabilidade. Relações humanas e pouco mais. Depois aprofundas aquilo, claro, mas ter o canudo e ser um bom gestor não tem nada a ver. Porque eles não te ensinam a gerir mesmo uma empresa, a escola não sabe o que é que tu vais fazer e para gerir isto tens de fazer isto e isto e isto. Não é assim tão linear, as coisas não são lineares.' Então a faculdade aí não te ajuda muito. É aquilo que eu percebi mais ou menos. Mas faz falta. Mas é mais em termos de sociedade.

Como vemos, a própria experiência dos jovens – saber feito de experiência ou *metis*, como dizia Platão –, mostra que os processos de transição para a vida activa não são lineares. Ter cursado a Faculdade não constitui garantia de emprego. Já em relação aos cursos técnicos, Lúcio tem uma atitude mais favorável, até na medida em que não acredita que todos possam ser doutores:

Eu acho que os cursos técnicos são espectaculares, porque nem todas as pessoas são iguais umas às outras e há pessoas... nem todos podem ser líderes, nem todos podem ser donos de empresas, nem todos podem ser gerentes e chefes e tem que haver sempre essas pessoas e as outras todas.

A história de vida do Lúcio é a prova de que as dificuldades podem ser contrariadas, mas com muita luta, muita estafa. Lúcio já não sabe viver de outro jeito. Mesmo nos tempos de lazer, que são poucos, acaba por estafetar ondas.

Desde que tenho a empresa, férias não existem, ocupação de tempos livres é assim: vou com o Ricardo e o meu *hobbie* é *surf*, apanhar umas ondas, que ele faz também. Às vezes fazemos assim tipo... metíamo-nos na carrinha e íamos fazer a costa alentejana num fim-de-semana, de manhã e à tarde era noutra praia, depois na outra manhã já era noutra praia, à tarde já era noutra praia. (...) Quatro ou cinco praias em dois dias. O *hobbie surf* é a única coisa que quando eu tou muito chateado me liberta, a única coisa que me liberta completamente é ir para a praia levar um enxerto de porrada do mar, que é mesmo assim, já não defino de outra maneira, é levar um enxerto de porrada do mar, sair de lá tão estoirado que os meus problemas passaram todos para trás das costas.

Agora, espera que os negócios lhe corram bem e que tenha dinheiro suficiente para “viver bem”, não quer ser “rico”, mas apenas ter dinheiro suficiente para estar bem na vida, ter qualidade de vida.

Eu não quero ser um gajo rico. (...) Eu quero viver bem, eu sempre disse: 'Eu quero viver bem!' e eu quero ganhar o suficiente para não ter que andar a "penar" e, por exemplo, a pagar, a pedir um empréstimo para ir de férias. Tás a ver, não é aí que eu quero chegar. Quero chegar a um ponto... se eu quero ir de férias, vou ter dinheiro para ir de férias. Se eu quero trocar de carro eu vou ter dinheiro para poder trocar de carro, estás a perceber. Isso não é ser rico, é viver bem, é ter qualidade de vida. Ter uma casa que vá de encontro àquilo que eu acho que é suficiente para mim, pelo menos, não é? Nem a mais nem a menos, não quero ter uma casa em cada ponta de Portugal, não é isso. É ter aquilo que eu acho que mereço, e se trabalhar para ter aquilo que eu acho que mereço, tenho uma boa qualidade de vida e estou satisfeito. Sinto-me realizado. É esse o meu objectivo.

Lúcio revela uma forte propensão à poupança; aprendeu a fazer *esticar* o dinheiro, crente de que melhores dias virão, certo de que, poupando no presente, está criando condições que lhe permitam garantir o futuro.

Se eu sair desta fase a gastar o dinheiro que gasto eu vou ser rico. Vou ser rico porque o meu dinheiro estica de uma tal maneira, é incrível, estica de uma tal maneira, tás a perceber, que eu estou a aprender a ser económico. Estou mesmo a aprender a ser económico. Neste momento aquilo que eu tenho obriga-me mesmo a ser económico, o que facilita, no dia em que não precisar de ser económico continuo a ser, se calhar, não tão económico, mas continuo a ser económico. Eu agora penso assim "tenho aqui dois iogurtes, um custa quarenta, aquele custa cinquenta, eu vou para o de quarenta" e daqui a uns anos, se não fizer diferença compro o de cinquenta, mas é porque não faz diferença. Se fizer, continuo a comprar o de quarenta. O meu objectivo de qualidade de vida é chegar (...), dizer assim: "Eh pá, hoje está-me a apetecer gastar dez contos à noite", tás a ver, e ter a possibilidade de fazer isso. Não é esbanjar o dinheiro, não estou a falar disso, não sou um esbanjador. Mas apetece-me, sei lá, ir jantar fora com a família toda uma vez por mês, faz de conta. Mas em vez de irmos ao Zé na Esquina vamos ao Salvador ou... Tás a perceber, um restaurante como deve ser, não sei, estás a perceber mais ou menos onde quero chegar. Comer onde eu quero comer, onde me apetece ir comer sem me preocupar porque é mais trezentos ou quatrocentos paus, ou mil paus ou dois contos. Não quero ter essa preocupação. Quero poder chegar e dizer assim: "hoje quero ir comer ali".

Lúcio termina o seu relato de vida falando-nos dos projectos de futuro, essencialmente orientados para a expansão dos negócios. Ocasionalmente sente que a sua benevolência colide com uma consciência empresarial mais orientada por uma lógica de lucro.

Expandir é o objectivo desta empresa. Expandir porque ela já está criada, não é? Melhorar as condições todas da empresa. A coisa mais difícil é ter empregados eficientes. (...) Pá, eu às vezes sou tão benevolente, eu já reparei nisso, sou tão benevolente e gosto tanto de ajudar as pessoas

que, às vezes, estou-me a prejudicar a mim e, como empresa, isso não pode funcionar dessa maneira. (...) Tenho que saber dar e tirar proveito daquilo que dou. Tenho um (empregado) neste momento que me satisfaz a “estafetar”, como estafeta. Pá, o gajo é impecável. É cinco estrelas. Faz o trabalho quase tão bem como eu, só não faz tão bem porque eu faço um bocadinho melhor, porque os clientes são meus, e mais rápido. Faço mais. Pá, mas eu estou a “matar-me” para mim, ele está-se a “matar” pelo emprego, é diferente. Ele não se está a “matar” para mim. Por isso é que eu o considero cinco estrelas. (...) Pá, depois tenho outros projectos de outras empresas. Uma é com o Rodrigo (sócio), não há hipótese. A outra (...) vai ser quando eu puder ajudar a minha mãe. Nem vai ser para mim, vai ser mais para ela. E a terceira vai ser para mim, vai ser mesmo aquilo que eu projectei logo desde início, logo desde que entrei na imobiliária. Vai ser virada para a construção civil (...). É tipo... investes cem e ganhas duzentos. É preciso é ter dinheiro para investir porque eu não quero ser como alguns construtores que fazem uma vivendita, que andam sempre “à nora” (...). Isso é um mundo que tu tens que pôr o dinheiro na mão de muita gente, tens que saber enfiar o dinheiro na mão do corrupto certo, é mesmo assim, tás a perceber, e tu sabendo enfiar o dinheiro na mão do corrupto certo safas-te sempre. Tens sempre os alvarás e as condições todas que tu precisas para construir a tua vivenda. Depois vendes, ganhas o dobro do dinheiro. Se eu tiver, por exemplo, quarenta mil ou cinquenta mil contos sei que vou ganhar o dobro do dinheiro com aquilo. Faço cinquenta mil contos, faço logo uma moradia geminada, vendo cada uma por cinquenta mil, ganho cinquenta mil, ganho o investimento todo que fiz, é mais ou menos a proporção.

Esta a história do Lúcio. Tirou um curso de formação profissional que, em termos práticos, de nada lhe valeu. Começou a ganhar a vida com pequenos biscates. Normalmente os *biscates* são encarados como trabalhos precários, para desenrascar a vida, nas bermas do que se poderia considerar uma carreira profissional. São pontos de passagem do próprio trajecto de quem luta pela sobrevivência. No caso do Lúcio, contudo, os biscates alimentaram-lhe sonhos. Enquanto estafetava pizzas, tantas vezes estatelando-se no solo, alimentou o sonho de poder ser um dia, ele próprio, dono de uma empresa de estafetagem, e conseguiu. A sua vida estafante abriu-lhe horizontes e, sem se esquecer da mãe, que tanto o ajudou, já pensa construir imóveis, ele que há uns anos se estafava por os vender, ganhando comissões suadas. E já aprendeu que, neste mundo dos negócios, há que saber lidar com os estafermos, os que estendem a mão corrupta às benesses ilícitas. A via é estafante e está cheia de estafadores.

Fazendo agora um balanço do relato de vida de Lúcio, a sua história sugere que situações desfavoráveis da infância nem sempre se traduzem numa trajectória de vida marcada pelo insucesso. Mas importa discutir, sociologicamente, quais as condições que favorecem essa fuga ao insucesso. No caso de Lúcio, a sua trajectória biográfica é

marcada por cinco fases importantes que correspondem a pontos “altos” e “baixos” de vida (quadro n.º 2).

A estes “altos” e “baixos” da vida de Lúcio foi possível chegar através da identificação de *expressões conceptuais* relevantes que emergem do seu relato de vida. Para o efeito, aplicou-se o modelo de análise de conteúdo orientado para a captação de homologias conceptuais¹³¹. De acordo com este modelo, os conteúdos informativos de um texto podem extrair-se dos seus conteúdos literais, e estes, por sua vez, podem perspectivar-se a um nível de *significado gramatical (linguístico)* e a um nível de *significado léxico--semântico (conceptual)*. O objectivo da análise de conteúdo é o de

¹³¹ Este modelo de análise de conteúdo tem sido trabalhado, com sucesso, por Capitolina Dias Martínez, nomeadamente na sua obra de referência, *El Presente de su Futuro, Modelos de Autopercepción y de Vida entre Adolescentes Españoles*, Siglo Veintiuno de España Editores, Madrid, 1996. Os fundamentos resumidos do modelo que apresento seguem, a par e passo, as propostas da autora referenciada.

alcançar o nível *conceptual* subjacente ao nível *linguístico*, pelo que se coloca a questão metodológica de saber que diferenças e relações existem entre os dois níveis.

Quadro n.º 2: FASES DE VIDA E "ALTOS" E "BAIXOS" DA
TRAJECTÓRIA BIOGRÁFICA DE LÚCIO

Fases de vida	Características	Altos e baixos
Viver com a mãe	Pai ausente Falta de professores Insucesso escolar Lazer compensatórios ("baldas" e cultura de "mar-manjo")	↓
Coabita com o pai	Desenraizamento social ("não conhecia ninguém") Insucesso escolar Abandono ("O dia inteiro sozinho")	↓
Semi-internato na Casa Pia	Objectivos de vida ("algo palpável para eu fazer"; "não tou a estudar por estudar"; "via alguma coisa a que me agarrar") Independência económica através do trabalho, começando pela distribuição de pizzas (com o dinheiro ganho consegue "comer pastelinhos de Belém"; pagar consumos; não estar dependente da mãe)	↑
Serviço militar	Inactividade (a guardar as G3) Desemprego Sente-se perdido ("perdi-me um pouco")	↓
Refazer a vida	Recomeça a trabalhar (num bar, numa imobiliária, na venda de automóveis, retorna à estafetagem, cria a sua própria empresa) Estuda à noite para ingressar na Universidade	↑

O nível *linguístico* diz respeito, essencialmente, aos padrões específicos do uso da linguagem – incluindo as características léxicas, morfológicas e sintácticas – e aos estilos cognitivos formais revelados pelos respectivos conteúdos. Em contrapartida, o nível *conceptual* diz respeito a sistemas de autopercepção específicos, exemplificados por conteúdos concretos e integrando aspectos cognitivos, volitivos e sociais. Ou seja, a um *nível conceptual*, não estão apenas em jogo conceitos sobre coisas (aspectos cognitivos) mas, também, conceitos sobre acções e desejos (aspectos volitivos e sociais).

O modelo de análise de conteúdo, orientado para a captação de *homologias conceptuais*, procura traduzir *expressões* (linguísticas) em *conceitos*. Os conceitos encontram-se encarnados em expressões literais, mas a relação não é unívoca: distintas expressões literais podem representar um mesmo conceito (*sinonímia*), e a

mesma expressão literal pode representar conceitos distintos (*homonímia*). Por outro lado, uma mesma expressão linguística pode incluir vários conceitos. Por exemplo, quando Lúcio nos diz “quando eu quero uma coisa, tenho que ser eu a comprar essa coisa”, esta expressão inclui, pelo menos dois conceitos: “querer uma coisa” e “querer ser o próprio a comprar essa coisa”. O segundo conceito refere-se ao primeiro – ninguém compra o que não quer, ainda que mais tarde se possa arrepender. Nestes termos, podemos entender toda a expressão como um único conceito: “querer o próprio comprar o que quer”. Por conseguinte, a um nível conceptual, uma expressão específica pode interpretar-se de distintas formas, não havendo uma correspondência linear entre expressões e conceitos.

Ainda que não se possa fazer uma tradução de expressões linguísticas em conceitos, existem alguns critérios que podem orientar a intuição do investigador nessa tradução¹³². Em primeiro lugar, há que estabelecer um critério de selecção do tipo de expressões que se vão a considerar conceptualmente significativas. Em termos gerais, uma expressão pode definir qualquer coisa associada a um significado. Ou seja, uma expressão é algo que alguém pode entender como alusiva a um qualquer referente. Do ponto de vista de um grupo social, uma expressão tem significado social quando os membros desse grupo entendem o significado dessa expressão. Daí que o significado (social) de uma expressão dependa do grupo de referência que se considere, ainda que a expressão possa ter um valor de uso distinto para intérpretes distintos. Se alguns professores de um qualquer planeta visitassem a escola da outra banda do Tejo que Lúcio frequentou, não entenderiam o que nela se passava. Nem entenderiam o relato (significado) da descrição de uma sala de aula feita por Lúcio.

Entretanto andava tudo à porrada na sala, a berrarem, a imitar animais uns para os outros e o professor a dar a aula sozinho porque ninguém tava a dar atenção, como é óbvio. Até que o professor vira-se, manda a caneta para o chão e diz ‘Tou farto disto! Vou-me embora!’

“Mandar a caneta para o chão” é uma expressão que se pode associar ao conceito de desistência. O professor, ao desfazer-se de um dos seus principais instrumentos de trabalho, estará justamente a dar um sinal inequívoco de ruptura, desistência. Todas as expressões literais que antecedem o acto relatado de “mandar a caneta para o chão” estão, por sua vez, associadas a um conceito de *turbulência*.

¹³² Continuamos a seguir os argumentos do modelo proposto por C. D. Martínez, *El Presente de su Futuro...*, pp. 97-151 (capítulo IV).

Nem todas as palavras são igualmente significativas de um ponto de vista do seu significado conceptual. Há palavras que fazem referência a uma realidade extralinguística (*categoriaimática*) e palavras que representam uma relação puramente linguística (*sincategoriaimática*). As primeiras (nomes, verbos e advérbios) são as que nos interessam. Por outro lado, como o significado das palavras individuais se clarifica pelo seu enquadramento contextual, torna-se necessário identificar as orações a que pertencem essas palavras. São estas orações que se constituem em unidades moleculares de significado, no âmbito das quais os significados independentes das palavras componentes interactuam produzindo um significado abrangente. Por conseguinte, de um ponto de vista metodológico, a selecção inicial das palavras deve ser sustentada por uma selecção adequada das orações às quais essas palavras pertencem. À medida que a análise progride do nível da palavra para o nível da oração, algumas palavras inicialmente ignoradas são resgatadas e integradas em unidades moleculares de significado.

Finalmente, os *conceitos* são tomados como reveladores de *atitudes*. É o que acontece quando Lúcio refere: “Tenho neste momento projectos para avançar, para a empresa fazer um *boom*, mas também tenho medo desse *boom*, por isso esse *boom* vai ser feito em degraus”. O receio de um *boom* desejado (oração que corresponde à frase literal “também tenho medo desse *boom*”) é uma oração que combina um conteúdo conceptual (levar a empresa ao *boom*) e uma atitude expressa em receio (“tenho medo desse *boom*”). A atitude de receio aparece associada a outra atitude, a de prudência que se infere do conceito “*boom* em degraus” que corresponde à frase literal, “por isso esse *boom* vai ser feito em degraus”. Como se constata, conceitos e atitudes não surgem separados, são apenas aspectos de um mesmo acto expressivo. Uma atitude está intencionalmente dirigida a um objecto, percebido e expresso mediante um conceito.

A partir do relato de Lúcio produziu-se uma lista de conceitos atitudinais, tendo-se chegado à conclusão que nessa lista se encontram versões distintas de um mesmo *conteúdo conceptual* básico. É nesta fase que se procede ao agrupamento de *conceitos homólogos* pertencentes à mesma família semântica. Há palavras-chave que podem conectar conceitos homólogos expressos por meio de orações diferentes. Por exemplo, a palavra “mãe” conecta orações (“eu sempre vivi à conta da minha mãe” ou “mãe, dá-me mil paus”) que remetem para um conceito de dependência: “viver à conta da mãe”. A mesma palavra – mãe – remete para outras orações que podem formar uma

constelação de conceitos interconectados: “ser criado pela mãe” (“sempre fui criado com a minha mãe”), ter uma mãe-pai (“a minha mãe sempre foi mãe e pai para mim”), ter uma mãe vigilante (“a minha mãe aqui viu que eu andava completamente atarantado”), contemplar a solidão da mãe (“a minha mãe é uma pessoa sozinha”), desejar ajudar a mãe (“quando eu puder ajudar a minha mãe”).

O método de análise que nos propõe Capitolina Martínez¹³³, como ela própria sustenta, é um método *não-reduutivo*. De facto, o processo de *homologação conceptual* não apenas funciona a partir dos significados isolados de orações conceptuais, mas também através de palavras-chave, através de significados concorrentes de distintas orações conceptuais. Com este método não-reduutivo os conceitos específicos definem reciprocamente os seus significados através da interacção das suas unidades de contexto. O exame da lista geral de conceitos e palavras-chave permite agrupar famílias de conceitos similares que constituem as chamadas *categorias*. Deste modo, uma categoria é um conceito geral que deriva de uma família de conceitos concretos, por sua vez derivados de orações particulares.

As categorias encontradas (quadro n.º 3) para caracterizar as fases de vida de Lúcio foram: *laços familiares, dependência/independência, relação com a escola e o trabalho, relação com os amigos, sentimentos de vida e objectivos de vida (projectos)*. Vejamos, com propósitos ilustrativos, como chegámos a algumas dessas categorias. Seja tomado o seguinte extracto de relato:

Porque é que eu fui trabalhar? Eu sempre vivi à conta da minha mãe, a minha mãe é uma pessoa sozinha, sempre me criou sozinha. E eu sempre tentei de alguma forma ‘pendurar-me’ o menos possível nela, e isto não porque ela não me desse tudo o que eu queria, porque dava. Era porque eu acho que, quando eu quero uma coisa, tenho que ser eu a comprar essa coisa e, se eu quero ter certas e determinadas coisas, tenho que ir trabalhar para comprar essas certas e determinadas coisas. E foi por isso que eu... para poder ter a minha mota, para poder ter a minha conta, para poder ter aqueles gastos do dia-a-dia, de ir ao café comer um bolo, com os amigos, tar a conversar e ser sempre eu a pagar. Não ter que estar todos os dias, que era uma coisa que eu não gostava nada, ‘Mãe, dá-me mil paus. Mãe, dá-me quinhentos paus. Mãe, dá-me...’

¹³³ C. D. Martínez, *El Presente de su Futuro...*, pp. 97-151 (capítulo IV).

Quadro n.º 3: EXEMPLOS DE CATEGORIZAÇÕES CONDUCENTES
À CARACTERIZAÇÃO DAS FASES DE VIDA DE LÚCIO

Palavras	Conceitos	Categorias
Trabalhar	Questiona a necessidade de trabalhar	Trabalho
Mãe	Reconhece que sempre viveu à custa da mãe	Dependência
Sozinha	Reconhece que a mãe é uma pessoa sozinha	Laços familiares
Criou	Reconhece que a mãe sempre o criou sozinha	Laços familiares
Pendurar-se	Reconhece que sempre tentou pendurar-se o menos possível	Independência
Ela	Reconhece que ela (a mãe) lhe dava tudo o que queria	Dependência
Comprar	Quer comprar as coisas que quer	Objectivo de vida
Ter	Ter de trabalhar para comprar	Trabalho
Poder ter	Contempla poder ter mota, conta, gastos do dia-a-dia	Projectos
Amigos	Contempla estar com amigos e pagar	Relação com amigos
Gostar	Considera que não gosta de pedir dinheiro	Independência
Mãe	Contempla pedidos de dinheiro à mãe	Dependência

A análise de conteúdo do simples pedaço do relato de Lúcio mostra uma clara tensão entre uma *dependência* indesejada, mas real (“reconhece que a mãe lhe dava tudo o que queria”) e uma *independência* desejada (“considera que não gosta de pedir dinheiro” e “contempla estar com os amigos e pagar”). Esta sonhada independência acaba por se constituir num *objectivo de vida* (“quer comprar as coisas que quer”). Aqui surge o questionamento da necessidade de trabalhar, acabando esta por se constituir num *objectivo de vida* intermediário que possibilitará responder à desejada independência económica e aos sonhos de consumo, também eles constituídos em projectos de vida (“contempla poder ter mota, conta, gastos do dia-a-dia”).

Voltando à questão que inicialmente se colocou – a de saber quais as condições que favoreceram a fuga de Lúcio a uma trajectória de vida que parecia destinada ao fracasso – podemos adiantar uma hipótese interpretativa que se baseia numa das categorias da análise de conteúdo identificadas: os objectivos (e projectos) de vida são uma condição necessária (embora não suficiente) para se transitar de um “baixo” a um “alto” de vida. Esta hipótese parece reforçar-se, se analisarmos os factores que

tornaram possível que um aluno de marcado insucesso escolar, com várias repetências, esteja agora às portas da Universidade.

Como vimos, a infância e adolescência de Lúcio foram marcadas negativamente pela ausência do pai (“a minha mãe sempre foi mãe e pai para mim) e pelo insucesso escolar imputável às faltas continuadas da professora primária, por doença prolongada. O facto de Lúcio ter deixado de viver com a mãe e passar a coabitar com o pai não implicou um afastamento da fase “baixa” de vida. Pelo contrário, o insucesso escolar agravou--se e surgiram *sentimentos de vida* negativos: de desenraizamento social (“não conhecia ninguém”) e de abandono (“o dia inteiro sozinho”).

Foi o internato na Casa Pia de Lisboa que se constituiu num trampolim para dar o salto de um “baixo” para um “alto” de vida. E isso só foi possível pela existência de *objectivos concretos de vida* (“algo palpável para eu fazer”; “não tou a estudar por estudar”; “via alguma coisa a que me agarrar”) e pelo desejo de *independência económica*, através do trabalho (com o dinheiro ganho consegue “comer pastelinhos de Belém”, pagar consumos, não estar dependente da mãe).

Seria um verdadeiro milagre que Lúcio pudesse ter sucesso escolar numa escola em que a professora deixou simplesmente de ir às aulas (no ensino primário) ou numa turma (do ensino secundário) em que a sala de aula mais parecia um jardim zoológico (“eram animais autênticos, andavam à porrada dentro da sala”). A razão invocada por Lúcio para explicar o seu insucesso (“aquelas idades assim malucas, em que uma pessoa só faz asneiras”) é pertinente apenas na medida em que nos permite exercitar uma *pedagogia da ligação*, interconectando diferentes coisas “malucas” e diferentes “asneiras”. O absentismo de alguns professores – e não se trata apenas de um absentismo presencial mas, fundamentalmente, de um absentismo motivacional – é produtor do absentismo dos alunos (“eu queria andar de *skate* e baldava-me até dizer chega e chumbei”). Os alunos apenas se comprometem com o sistema de ensino quando nele se sentem autoreferenciados. No sistema de ensino encontramos coisas boas e professores competentes, mas também encontramos “asneiras” e coisas muito “malucas”. Uma das asneiras mais relevantes do sistema de ensino é resultado da capacidade que o sistema tem em provocar entre alguns alunos uma sensação maluca de não se saber o que se anda a fazer na escola (“Tou a estudar para quê?”, interrogava-se Lúcio). Quando ingressou na Casa Pia, surgiu ao Lúcio um outro modelo de autopercepção da escola: “Cheguei à Casa Pia acendeu-se uma luz na minha vida, um objectivo, algo palpável para eu fazer”. Um sistema de autopercepção pode ser

caracterizado como um horizonte de relevância pessoal que permite aos indivíduos organizar a sua vida quotidiana como agentes sociais autónomos. Em que medida a escola cumpre adequadamente esta função?

2. Um modo de vida original: Ninó para aqui, Ninó para ali

Ninó tem 28 anos e é estudante universitária, finalista da faculdade de Agronomia. O pai era despachante oficial, mas, de um momento para o outro, viu-se no desemprego. A mãe é costureira. Quando o pai ficou sem emprego, Ninó tomou a decisão de trabalhar, embora não abandonasse os estudos. Tinha 17 anos. Desde então, o seu percurso profissional tem sido um constante rodopio de trabalhos precários: Ninó para aqui, Ninó para ali. Começou como repositora de produtos em hipermercados.

O primeiro trabalho de todos os que eu fiz foi de reposição para a Revlon. A minha vizinha do lado era repositora e vendedora da Revlon, trabalhava mesmo para a empresa. E depois precisou de uma menina que a ajudasse e então levava-me todos os dias de manhã... A gente saía de casa todos os dias p'raí às seis e meia da manhã (...), fazíamos Continente, Jumbo e Makro (...). Começávamos às sete para fazermos os três até às nove que era quando aquilo abria. Foi um trabalho que gostei porque estava com ela (a vizinha), e gostava dela, mas muito desanimador. Foi talvez o trabalho até hoje que mais me entristeceu... Foi por isso que eu saí logo! Estive lá dois, três meses. Havia (...) meninas da minha idade... umas já com filho, outras que "O meu marido não me liga nenhuma...", outras... "Saí de casa." Aquele ambiente... ali, de manhã... o supermercado estava sozinho... a pôr as coisas todas... com aqueles dramas todos! (...) Chegava muito triste...

É interessante a forma como Ninó aprecia o seu primeiro trabalho. Os aspectos intrínsecos da actividade desenvolvida, decorrentes da reposição monótona de produtos num supermercado, são francamente sobrelevados pelos aspectos extrínsecos, na dimensão dos relacionamentos sociais. Ninó refere ter gostado do trabalho porque desfrutava da companhia da vizinha, mas, ao mesmo tempo, atormentava-se com os dramas vividos e contados, quotidianamente, pelas suas companheiras de trabalho. A tristeza reposta dia-a-dia no supermercado vazio deixava-a triste, essa foi a razão alegada para abandonar o seu primeiro trabalho. Ninó trabalhou depois na área de publicidade:

Fiz promoção no Continente da Amadora, às fraldas Johnson. Dava vales de desconto na compra de um pacote de fraldas, por exemplo. (...) Era só aos fins-de-semana, sexta, sábado e domingo. (...) Se fazia o turno da manhã, era das 9 da manhã às 4 e meia da tarde; se fazia o turno da tarde, era das 4 e meia da tarde às 10 da noite. Foi p'raí um mês (...). Não me lembro quanto é que ganhei... acho que era 3 500\$00 por dia, sei que na altura já era relativamente bom. Consegui este trabalho através de uma amiga que também andava comigo no 12.º; éramos três a trabalhar ao mesmo tempo.

Como se verá ao longo do seu relato de vida, Ninó usa canais informais de busca de trabalho. Da mesma forma que a teoria do *capital humano* mostra as vantagens que eventualmente resultam de uma boa formação acadêmica, a teoria do capital relacional mostra as vantagens proporcionadas por redes sociais de acesso ao mercado de trabalho. E assim continuou em trabalho de promoção:

Foi também para outra empresa de promoção, *Creyf*. (...) Trabalho de um mês no Centro Cultural de Belém, era interno, só para estomatologistas, medicina dentária... um congresso... eles compravam material (...) do ramo, aquelas cadeiras. Aquilo havia muitos estrangeiros... e eu estava lá à porta e apresentava (...), ou se quisessem um café, nós tínhamos uma máquina de café e dávamos um café... Pronto... a dar apoio mesmo à entrada. Estava sentadinha numa mesinha e eles chegavam (não me lembro da marca!) e perguntavam-me o que estava lá dentro. Eu dizia “Se não se importa, entre. Estamos a vender este tipo de material.” Apresentação! Isto foi p’raí no ano a seguir, em 89. Eu fazia estes trabalhos... Não era consecutivamente... era quando apareciam e quando eu também podia. Se, por alguma razão, estava a estudar ou porque era uma altura mais apertada... não ia. Mas normalmente aproveitava sempre.

A vida real assemelha-se, por vezes, ao equilíbrio de um surfista na crista das ondas: observa-se a onda, entra-se nela e vê-se qual a melhor oportunidade de sair dela com sucesso, para logo de seguida se aproveitar a que vem a seguir. Da promoção de produtos de estomatologia Ninó passou para a promoção de artigos de bebé.

Foi na FIL, para a Sobrinca, (...) era só material de criança, e também (...) havia muitos estrangeiros e sempre que eles queriam saber, sei lá... o preço do carrinho-de-bebé, ou da alfofa, ou não sei quê, eu encaminhava-os para dentro. Sempre que eles só queriam um panfleto ou uma coisa qualquer, eu dava-lhes ali e pronto.

Entretanto, Ninó terminara o 12.^o ano e enfrentara-se com uma encruzilhada de vida. Tinha sido colocada na Costa da Caparica, em Engenharia do Ambiente, na última opção de Licenciatura que desejava cursar. Não era o que queria. Anulou a matrícula e decidiu esperar mais um ano para ingressar no curso pretendido. Faria melhoria de notas, apostando forte numa nova disciplina: Química. E continuou com trabalhos esporádicos e amealhando algum dinheiro.

Fiz o 12.^o e entrei para Engenharia do Ambiente para a Costa da Caparica, para a Nova. Não era isso que eu queria... isso era a minha 6.^a opção... não era isso que eu queria. Fui lá, anulei a matrícula e entrei depois para o que eu queria no ano a seguir... para Engenharia Agro--Industrial que era mesmo o que eu queria. E pronto... No ISA, no Instituto Superior de Agronomia.

Ninó começou a fazer as suas primeiras despesas com dinheiro próprio; comprou roupa nova, fez as suas primeiras férias no Algarve e tirou a carta de condução, não obstante a “má cara” dos pais que não sabiam para que ela queria a carta, já que não tinha posses para comprar carro:

Com esse dinheiro tirei a carta. (...) Os meus pais na altura fizeram assim uma má cara... Disseram “Carta para quê se não tens carro?! Depois não usas a carta... perdes” (...). Mas eu quis tirar a carta e tirei a carta com esse dinheiro. Mais... roupa... férias... Que foi a primeira vez que eu fui passar férias ao Algarve! Porque os meus pais não me davam 30 ou 40 contos, assim, para eu ir passar férias ao Algarve. E eu fui durante quinze dias passar com os meus amigos... fui também porque trabalhava e tinha esse dinheiro. Senão, não conseguia...

E continuou ligada a agências de publicidade e de promoção. Também fez por se promover...

Chegava lá, dava o meu curriculum, dava fotografia e não sei quê, dizia a minha disponibilidade e pronto. Sempre que havia algum trabalhinho que eles vissem que tinha a minha disponibilidade, eles telefonavam-me e perguntavam-me se eu queria.

Tinha também contactos com empresas de trabalho temporário, como a *ManPower*. Há empresas que têm uma carteira de clientes. Ninó tinha uma carteira de empresas.

Fiz o trabalho de um mês inteiro das minhas férias, foi o mês de Agosto, para os Laboratórios Azevedos. Estive na parte da contabilidade, no departamento de contabilidade. Estive a fazer classificação de documentos... para introduzir no computador. (...) Todos os anos no mês de Agosto eles metem, por causa das férias do pessoal, metem uma pessoa. (...) Na *ManPower* foi a primeira vez que me emitiram o cartão da Segurança Social... aquele pequenino... Porque pela primeira vez fiz um contrato... de um mês, mas um contrato... então descontei pela primeira vez para a Segurança Social... emitiram-me esse tal cartãozinho da Segurança Social.

E foi após este trabalho de Verão que se viu colocada na Faculdade de Agronomia. Tinha conseguido a concretização do seu sonho, apesar da dispersão de ganchos e biscates que ia fazendo. Também frequentara um Externato particular onde obteve apoio para melhorar a média de acesso à Universidade. A entrada na Universidade não significou o fim das promoções publicitárias.

Sempre a fazer promoções... promoções... E estive também (...) na Feira do Livro. (...) A minha prima trabalhava na Editorial Notícias e foi através dela que eu fui para a barraquinha da Editorial Notícias. Não ganhava mal! Fazia a feira toda... aquilo só abria às quatro da tarde e fechava às

dez horas. (...) la tendo esses trabalhinhos, essas coisas assim (...) e esses trabalhos esporádicos eram bem pagos. Um dos quais (...) foi para a SIBS, para o PMB, onde estive também numa Feira do Livro (...). Estive na FIL também, numa daquelas barraquinhas em que dávamos t-shirts, canetas, se as pessoas carregassem cinco contos, mil escudos, dez... no PMB... E aí também ganhei muito bem. Também foi através de uma amiga minha da faculdade. O cunhado dela era (...) da SIBS.

Ninó explica que “desde que a gente começa a trabalhar a primeira vez” depois “é um bocadinho viciante”. Mas Ninó tivera fortes razões para começar a trabalhar. A irmã tinha deixado de estudar quando concluíra o 12.º ano e decidira começar a trabalhar. Ninó não se sentia bem ao ver que a irmã já não dependia financeiramente dos pais, enquanto que ela continuava a ser sustentada por eles. E a situação económica da família não era boa. O pai, que era despachante oficial, viu-se com as empresas falidas, sem saber como encontrar trabalho.

Há quem veja como conflitual a dependência dos jovens em relação aos pais, por um lado, e, por outro, os ideais de independência associados à juventude. Nada de mais equívoco¹³⁴. A dependência económica em relação aos pais não inviabiliza a independência de muitos jovens, nomeadamente no domínio dos consumos e lazeres. No entanto, quando as famílias não têm condições de assegurar a independência dos filhos, estes vêm-se na necessidade de “fazer pela vida”, como aconteceu com Ninó, ao sentir a obrigação de ajudar os pais, aproveitando os biscates que lhe iam aparecendo.

Fiz alguns trabalhos para a *Select*... Já fiz para o BPI e para a Roda dos Milhões. Para o BPI... estava no Banco e fazia cartões Visa Universo. Correu bem... Aí era das que estava no ranking principal!... Como o meu namorado já trabalhou no BPI, um amigo dele é que disse (...). Para a Roda dos Milhões era andar de quiosque em quiosque a ver se as pessoas tinham recebido a revista... quantas tinham recebido e quantas já tinham vendido, e fazer uma estimativa, se estava ou não a sair bem. Foi durante um mês e começou logo na semana a seguir a sair a revista. Isto também foi para a *Select* e fiquei lá inscrita. Eu tenho lá a minha disponibilidade. Qualquer coisa que eles achem que eu possa fazer ou estou interessada, eles contactam-me. (...) Também já estive em perfumarias a dar amostras... a fazer promoções, mas nas lojas. (...) No ano da Expo 98... Como vinha aí a Expo, resolvi que tinha de ir trabalhar para a Expo. Resolvi porque... nesse

¹³⁴ Ann Nilson, “Jovens para sempre? Uma perspectiva de individualização centraa nos trajectos de vida”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 27, pp. 59-78.

mês não tinha assim nada para fazer. Isto é assim... p'raí há coisa de quatro anos que eu não tenho férias!

Ninó renunciou às férias para poder ter a ilusão de um carro e para juntar um pé--de-meia para a entrada da compra de uma casa, recorrendo a crédito bancário, evidentemente. Para o efeito, ou melhor, para disciplinar os gastos e fomentar as poupanças, decidiu abrir uma conta bancária com o namorado. O pé-de-meia não é ainda coisa que se veja, mas a casa já a imaginação a arquitectou, e mais facilmente a decorou.

Eu sabia que naquele Verão podia ir trabalhar para a Expo. Foi através de uma colega minha do basket... que soube de uma empresa americana... Havia duas funções que eu queria fazer na Expo... era trabalhar, ganhar dinheiro, e praticar o meu inglês que é péssimo e cada vez mais uma pessoa precisa do inglês... para ler os livros da faculdade e tudo! Ela conhecia essa tal empresa, sabia que era para a restauração, para a parte das comidas e então... Eu fui com ela, a uma entrevista lá com um americano, e ficámos as duas. Só que isso começava em Maio. Até Junho/Julho, eu disse que fazia só os fins-de-semana (consoante me corressem os exames), sexta, sábado e domingo. A partir daí ficaria sempre por inteiro. E assim foi. Comecei primeiro em Maio a fazer os fins-de-semana (à tarde e noite) e depois... fiz Julho, Agosto e Setembro por inteiro. Acabei por estar num quiosque de restaurante, em frente ao Pavilhão de Macau e onde havia waffles e gelados. Foi uma experiência única... Trabalhei bastante! Ao fecho, tínhamos que limpar aquilo tudo, lavar chão, bancadas. Foi talvez o trabalho mais diferente que eu fiz dos outros todos. Foi uma experiência muito gira... conheci pessoas muito diferentes... e portugueses muito diferentes! Até porque nos meus outros trabalhinhos as pessoas têm mais ou menos os mesmos objectivos de vida. E ali, não!

Mas nem tudo foi “giro” fácil no rodopio de Ninó de aqui para ali. A memória recorda-lhe uma experiência negativa a partir da qual extraiu uma lição: a razão nunca se deve calar.

Tive um pequeno problema... despediram pessoas por roubarem dinheiro e ainda duvidaram de mim, mas depois rectificaram tudo porque eu também tratei logo de tudo. Falei com um advogado meu amigo e, de certa forma, sentiram-se ameaçados... porque eu mandei logo uma carta a dizer que tinha sido despedida ilicitamente. Depois pediram-me desculpas e puseram--me num outro sítio porque eu já não ia ficar com a mesma pessoa que eu julgava que confiava em mim, mas, se calhar, foi ela a responsável... Depois fui trabalhar para um restaurante que era o Rodes. Eu acho é que ninguém deve ficar calado. Porque neste tipo de trabalho, há muita “sacanagem”!

O rosário de biscates parece não ter fim.

Também fiz o TeleBanco (...). Há duas vertentes lá... o *outbound* e o *inbound*. O *outbound* é quando tu recebes telefonemas, o *inbound* é quando tu fazes telefonemas. Eu comecei por fazer *inbound*... telefonava para casa das pessoas, pedia... era para o cartão *Shell Smart*... e pedia o número do bilhete de identidade ou do cartão de contribuinte, consoante o que faltasse na ficha da pessoa que estivesse em questão (...). Depois passei para aquilo que dava o cartão *Shell Smart* que era telemóveis com não sei quantos pontos... Aí já estava no *outbound* que era muito mais fácil. Fui para lá... foi uma amiga que eu conheci que trabalhava lá e então telefonou-me. Comecei por trabalhar só à noite, das seis às onze, todos os dias menos sábados e domingos. Depois o *outbound* passei a fazer sextas, sábados e domingos... também o turno da noite porque era o que dava mais dinheiro.

No meio de tantos e variados malabarismos para arranjar dinheiro não podia faltar o circo.

Fiz o Coliseu de Lisboa (...). O que eu faço é... Há uma equipa de arrumadores ou assistentes de sala. Temos várias funções: ou vamos levar as pessoas aos sítios, nas plateias, nos balcões ou nos camarotes, ou estamos nas portas ou no bengaleiro... É um trabalho muito giro, é uma equipa muito gira também. É uma coisa que se leva muito bem e é um óptimo dinheiro extra sempre ao final do mês. Também é um trabalho que eu gosto muito de fazer. E também não se ganha mal... à volta de 1000 escudos à hora. Eu também estou no Coliseu porque a minha irmã trabalha no Coliseu. Faz parte da equipa técnica e foi ela que me arranjou para eu vir para cá.

Entre os últimos trabalhos de Ninó contam-se, finalmente, biscates que têm alguma relação com a sua área de estudo: Agronomia.

O último trabalho que eu fiz (foi) na Geometral. Fui para este trabalho através da faculdade... fomos uma equipa de dez... fomos contar oliveiras!... Através do computador... fomos para o projecto olivícola. Há várias empresas que estão a fazer a contagem de oliveiras neste projecto. Mas a nossa área era só Trás-os-Montes! Pronto... picávamos as árvores com o rato. A intenção deste trabalho foi mais a nível curricular... não foi tanto por dinheiro porque eles também não pagavam tão bem como isso (...). Eu tenho uma amiga minha que estava a trabalhar na CAP. Entretanto saiu da CAP e soube que no mês de Julho ia começar o recenseamento dos touros de lide. E então ela... Encontrei-a numa despedida de solteira de uma amiga nossa e ela disse-me que ia haver um trabalho giro e que ela agora também ia começar a fazer... que era fazer o recenseamento dos animais e que por cada animal recebia-se 50 escudos... que até era capaz de se ganhar dez contos por dia. Eu disse logo "Ó Rita... não te esqueças de mim, se alguma coisa acontecer... se precisarem de mais uma pessoa, lembra-te de mim!" E assim foi (...). Isto era no Porto Alto (...). Comíamos lá qualquer coisa, dividíamos a gasolina... O trabalho depois durou dez, doze dias e acabou por não ser 50 escudos por boi ou vaca... acabou por ser 75 (...). Deu 370 contos. Fiquei toda contente! Foi o trabalho do ano!

Ninó procura conciliar os biscates com os estudos e planifica, na medida do possível, essa conciliação.

Neste momento não estou a fazer mais nada, para além de estar no Coliseu como arrumadora, quando há espectáculo! Mais ou menos todos os meses, a médio prazo vejo se tenho ou não que estudar... Agora, por exemplo, tenho cadeiras para fazer em Novembro. Sei que em Dezembro tenho muito trabalho no Coliseu, com os circos... por isso não vou ter problemas de trabalho nem de dinheiro... Depois, em Janeiro, vou ter a outra época de exames, acaba em meados de Fevereiro. Eu já falei com a empresa em que estou inscrita, uma delas que é a Select, que em Fevereiro estou disponível para trabalhar. E pronto... já assegurei mais ou menos que no mês de Fevereiro e Março vou ter esse trabalho. Depois, tenho que acabar a tese de trabalho final (...). Depois, aí logo vejo se consigo conciliar ou não.

Ninó sustenta que um jovem que queira trabalhar encontra sempre trabalho, desde que não se preocupe com as características intrínsecas desse mesmo trabalho.

Eu acho que se as pessoas quiserem trabalhar e não estiverem muito preocupadas com o trabalhar muito e se é vergonha ou não estar num supermercado, ou se é isto ou aquilo (...), acho que se consegue lindamente estes trabalhinhos. Há n empresas, cada vez há mais coisas para fazer, até numa loja... Agora... trabalho qualificado... e a nível do meu curso... Eu por exemplo, sem ser este trabalho da Geometral e dos touros de lide, não tenho visto grande coisa para fazer. Porque eu não vou dizer que não preferia estar a fazer coisas na minha área... Só que não é assim tão fácil. E tenho tido a noção através de alguns colegas meus e do meu curso que é Engenharia Agro-Industrial que não têm tido... É assim: estão todos a trabalhar. Alguns muito bem... outros menos bem. E os que estão menos bem são talvez, a meu ver, os que estão nos hipermercados que ganham relativamente bem (220/230 contos)... só que trabalham de dia e de noite e não têm qualquer tipo de vida pessoal.

A necessidade premente de se fazer dinheiro rápido para não se diferirem projectos de vida, como o casamento ou o nascimento de um filho, leva alguns jovens a aceitar qualquer tipo de trabalho, muito abaixo das qualificações que possuem.

A partir da altura em que tu tens de abdicar de tudo, da tua família... de teres um filho... Tens de pensar se não é melhor ganhares 180 e teres essas coisas todas e não ganhares tanto. Eu acho que esses é que podem ser mais explorados. Para o tempo que trabalham! Acho que deviam ganhar mais. E com as qualificações que têm! (...) Eu em lado nenhum entro porque tenho esta qualificação! (...) O mercado de trabalho está um bocado difícil... está um bocado difícil (...). Não podemos ser muito exigentes, não é? Conheço muitas pessoas que quiseram ir trabalhar comigo, inclusivamente... depois não aguentavam estar em pé (...). Mesmo quem queira ser uma mera secretária ou mesmo quem tenha só o 12.º ano, é complicado porque as pessoas querem é ou

seis meses ou um ano e depois mandam as pessoas embora. Isto faz com que haja uma inconstância muito grande das pessoas... que não tenham nada seguro, definitivo.

A precariedade no emprego nem sempre é vista pelos jovens como torturante. A instabilidade é, por vezes, encarada como um desafio, uma possibilidade de se ganhar experiência, experimentando coisas novas e diferentes. Contudo, se de uma precariedade episódica ou conjuntural se passa a uma precariedade ininterrupta e perenal, aí começa a surgir uma sensação de grande desconforto, nomeadamente entre jovens, como Ninó, que esperam um dia poder vir a desenvolver um trabalho no âmbito das qualificações académicas adquiridas.

Eu, para atingir os meus objectivos, tenho que passar por estas coisas (...). Por isso, também não sei como é estar no desemprego, digamos assim... Eu gostava muito de ir para uma fábrica... Muito! Para uma linha de produção... estando na parte de produção, estando na parte de qualidade... Gostava muito! Ou para empresas de auditoria ou consultadoria, na parte de qualidade também... Era a área talvez que eu mais preferisse. Mas já tem a ver com o meu curso (...). Aí sim!... Se daqui a um ano ou dois, quando eu realmente finalizar a minha licenciatura, ainda estiver nestes part-times, então aí sim, acho que será mau! E já não vou estar tão satisfeita como isso.

A Ninó, como a muitos outros jovens, surge o problema de se saber o que fazer enquanto se está na *fila de espera* pelo trabalho a que se aspira. Como quem espera desespera, a alternativa é a incorporação noutros segmentos do mercado de trabalho onde não há sujeição a longas esperas. Aqui, o critério de distribuição de empregos não depende da ordem de chegada; a experiência adquirida nestes segmentos secundários do mercado de trabalho pode ser benéfica para se alcançar o trabalho desejável. Para muitos jovens, o que vulgarmente se designa de “experiência” adquire-se através da passagem da economia informal à economia formal¹³⁵.

A história de vida de Ninó sugere que nem sempre os jovens se manifestam inactivos enquanto esperam por um trabalho que corresponda às suas qualificações. As teorias das *filas de espera* definem-se, como o próprio nome indica, por uma espera num tempo e num lugar, ou melhor, pela relação que é dada entre uma taxa de chegada (número de jovens que chegam à fila, por cada unidade de tempo) e uma taxa de admissão (velocidade com que os jovens são incorporados no mercado de trabalho, por unidade de tempo)¹³⁶. Como quer que seja, o andar de aqui para ali, de um biscate para outro,

¹³⁵ C. Handy, *El Futuro del Trabajo Humano*, Ariel, Barcelona, 1987.

¹³⁶ E. Gil Calvo, *Los Depredadores Audiovisuales*, Tecno, Madrid, 1985.

acabou por implicar um alongamento da trajetória escolar de Ninó que, com 28 anos, ainda não terminou a Licenciatura. Reprovou uma vez no 1.º ano e três vezes no 2.º ano.

O 1.º ano (da Universidade) chumbei... Mas aí foi... não teve nada a ver com trabalhos nem nada. Depois, fiz o segundo 1.º ano, passei para o 2.º ano. Aí... a partir daí, foi quando talvez em minha casa fosse a pior fase em termos de situações financeiras. E então foi quanto eu tive mesmo que deixar de fazer exames ou deixar de ir às aulas para ir trabalhar. Foi quando eu chumbei no 2.º ano. Aí sim! (...) Não tinha grande motivação nem de ir às aulas nem de ir a nada. E depois também como tinha que trabalhar e tudo...

Os biscates, por um lado, e a falta de motivação, por outro, levavam Ninó a faltar muitas vezes às aulas. A falta de motivação também era induzida por alguns professores que teve, ainda que de outros guarde boas recordações.

Não poderei dizer que lhes dá prazer chumbar um aluno, mas não fazem muito para que isso não aconteça. (...) Chegávamos a ver que o professor achava uma chatice virem todos, terem decidido vir todos. Os professores não sabem cativar um aluno, porque eu tive professores, um dos quais foi o professor Campos, em Química, que era um professor que cativa muito os alunos para as aulas! Tu ias para a aula... Tive outro professor em Nutrição Humana que foi uma das cadeiras que eu gostei muito mesmo. Eu adorava ir àquelas aulas!

Ninó, habituou-se a andar de aqui para ali, de um biscate para outro, qual voo de mariposa. E quando pensa no futuro, nas coisas que gostaria de ter, dá asas ao pensamento e ao sonho. Como ela gostava de ter um carro!

Desde que tirei a carta, sempre (...) foi uma loucura! Nunca tive e então toda a vida sempre conduzi os carros dos meus amigos todos! Adorava que eles bebessem para eu levar o carro. Aliás, nessas saídas à noite, ia pô-los a casa a todos e, no dia a seguir de manhã, estava lá porque o carro era da mãe ou do pai e eu depois ia de transportes para casa. Eu não me importava! Eu queria era conduzir! Adorava... E como nunca tive! Aliás, uma das coisas porque o Vítor me conquistou foi porque chegava a minha casa e tipo: “Queres levar o carro?” Era uma excitação!!! Na altura, ele tinha um carro grande e tudo, e melhor!

As restrições às oportunidades expressivas de diversão, por falta de dinheiro, produzem, por vezes, fontes compensatórias de excitação. Nestes termos, a busca desenfreada de trabalho pode ser confundida com “gosto pelo trabalho” quando, na verdade, esse aparente gosto pelo trabalho corresponde mais a um “gosto por necessidade”, necessidade feita virtude ou, segundo um dito recorrente, “o que faz que

se tenha o que se quer porque se quer o que se tem”. No caso de Ninó, o querer é poder – poder ter o que não tem. Neste sentido, o seu futuro não está ausente de projectos. Pensa ter filhos, casar, ter uma lojinha, um negócio.

Tenho uma vertente da qual eu gosto muito que é ser mulher e poder ser mãe... Por isso eu queria ter três filhos. Gostava muito de ter três filhos. Sei que tenho de lhes dedicar um bocado de tempo e por isso gostava de ter um tipo de trabalho que pudesse sair às cinco ou cinco e meia... os tais trabalhos do Estado de que tanto falam, ou ser professora, por exemplo, que é uma coisa que eu não me importava nada. Ou então, como algumas amigas minhas já optaram, trabalhar só em part-time. Trabalhar só da parte da manhã. E dedicar o resto aos meus filhos, a organizar a casa ou... Ou até um negócio qualquer (...). Sei lá! Produzir rolhas, por exemplo... produzir uma coisa qualquer. (...). Ah! Ainda não falei do casamento!... Dou muita importância ao casamento e gostava muito de casar o mais brevemente possível... E formar uma família. É uma das coisas a que eu dou mais valor é à família. Porque acho que é muito importante para a tua estabilidade emocional.

Ninó acredita que atingirá essa estabilidade emocional. Mas, antes, há que conseguir alguma estabilidade material. Por isso, Ninó anda para aqui e para ali. Acreditando no futuro, embora as esperanças se misturem com os receios. A confiança está intimamente associada a uma estabilidade emocional, ela própria produtora de uma segurança ontológica, como diz Giddens¹³⁷, espécie de escudo protector ante a insegurança do presente e a imprevisibilidade do futuro. Ninó isola os acontecimentos potenciais que, contemplados em toda a sua magnitude, podem produzir um esmorecimento de vontade, uma descrença de vida: e se, terminada a licenciatura, não conseguir arranjar um emprego compatível e tiver de continuar andar de aqui para ali? E se – já tem 28 anos – não casar, não conseguir ter filhos, não conseguir realizar o sonho de ser mãe? Mas Ninó acredita no futuro, consciente de que o futuro tem riscos. Crer no futuro é uma atitude de quem tem fé e a fé é impulsionada pelas contrariedades. Colonizar o futuro é impossível; por isso pensar em termos de riscos é fundamental para avaliar possíveis divergências entre projectos concebidos e resultados consumados.

Em relação ao futuro... acho que, como qualquer pessoa, tenho um bocado de medo... Mas tenho muitas, muitas esperanças!... Muitos sonhos, muitas esperanças... Muitas vezes, até dou por mim sem saber se estou a sonhar ou não... Estou sempre com a cabeça em mil e um sítios!... E acho que sim... claro que há certos momentos que o futuro assusta sempre um bocadinho, não é?...

¹³⁷ A. Giddens, *Modernity and Self Identity*, Polity Press, London, 1991.

Será que... Dá aquele friozinho na barriga... mas acho que isso é saudável também. Tem que ser. São os desafios que vamos ter ainda...

O relato de Ninó mostra bem a instabilidade do conceito de trabalho entre os jovens contemporâneos e as suas múltiplas variantes. A tal ponto que um determinado trabalho pode ser considerado simultaneamente animador e desanimador, como aconteceu no primeiro trabalho de Ninó, como repositora de supermercado: “Foi um trabalho que gostei, porque estava com ela (a vizinha), e gostava dela, mas muito desanimador. Foi talvez o trabalho até hoje que mais me entristeceu... Foi por isso que eu saí logo!”.

Quando se discute o significado que o trabalho (ou qualquer outra realidade da vida quotidiana) tem para Ninó (ou para qualquer outro jovem) não podemos estar à espera de que o significado se descubra na simplicidade expressiva que dele esperaríamos. Os sentidos subjectivos dos significados vêm dados por outros significados, entre si emaranhados, e que constituem os sistemas de autopercepção de um jovem. Cada componente de um sistema de autopercepção define o seu significado em contraste com outros significados. No caso de Ninó, podemos listar uma extensa lista de orações conceptuais (adaptadas), abrangidas pela categoria genérica de “trabalho”, a qual aparece mediada por uma constelação de subcategorias relacionadas com essa categoria genérica.

- Considera ter tido um trabalho de que gostou (repositora num supermercado), porque estava com a vizinha (RELAÇÕES SOCIAIS).
- Considera ter tido um trabalho que a entristeceu (repositora num supermercado) pelos dramas ouvidos (RELAÇÕES SOCIAIS).
- Fazia trabalhos (...) consecutivamente quando apareciam ou podia (PRECARIIDADE).
- Considera que, porque trabalhava, tinha esse dinheirinho (carta, roupa, férias) (INSTRUMENTALIDADE).
- Manifesta disponibilidade para algum trabalhinho (DISPONIBILIDADE).
- Considera que ia tendo esses trabalhinhos, essas coisas assim (PRECARIIDADE).
- Considera que os trabalhos esporádicos eram bem pagos (INSTRUMENTALIDADE).
- Considera que com a Expo tinha de ir trabalhar para a Expo (OPORTUNIDADE).
- Considera que trabalhou porque nesse mês não tinha nada para fazer (DISPONIBILIDADE).
- Considera que queria trabalhar para ganhar dinheiro e praticar inglês (FORMAÇÃO).
- Considera uma “experiência gira” lavar chão e bancadas por ser um trabalho diferente (EXPERIÊNCIA NOVA).

- Considera uma “experiência gira” trabalhar com pessoas muito diferentes (EXPERIÊNCIA NOVA E RELAÇÕES SOCIAIS).
- Considera que em outros trabalhos as pessoas têm mais ou menos os mesmos objectivos de vida (INSTRUMENTALIDADE).
- Considera um trabalho “muito giro” arrumar assistentes no Coliseu de Lisboa (EXPERIÊNCIA NOVA E RELAÇÕES SOCIAIS).
- Considera um trabalho “muito giro” por ter trabalhado com uma equipa “muito gira” (RELAÇÕES SOCIAIS).
- Considera um trabalho muito giro porque gosta muito de o fazer (SATISFAÇÃO INTRÍNSECA).
- Considera que trabalhou, não por dinheiro, mas por curriculum (CURRICULUM).
- Considera um trabalho “giro” o recenseamento dos animais (EXPERIÊNCIA NOVA).
- Considera o “trabalho do ano” ganhar 370 contos em doze dias a contar vacas (INSTRUMENTALIDADE).
- Contempla não ter problemas de trabalho nem de dinheiro (DESEMPREGO).
- Manifesta disponibilidade para trabalhar (DISPONIBILIDADE).
- Considera que sem “preconceitos” se consegue lindamente estes trabalhos (PRECARIEDADE).
- Considera não ser fácil arranjar trabalho qualificado (DESEMPREGO).
- Considera que os colegas da faculdade que estão menos bem são os que ganham relativamente bem, mas que trabalham de dia e de noite, sem qualquer tipo de vida pessoal (INSTRUMENTALIDADE, RELAÇÕES SOCIAIS).
- Considera que o muito que se ganha é pouco e que se trabalha de mais (EXPLORAÇÃO).
- Considera que o mercado de trabalho está difícil (DESEMPREGO, PRECARIEDADE).
- Considera que não se pode ser muito exigente no trabalho a fazer (SATISFAÇÃO INTRÍNSECA).
- Considera que os empregadores querem é seis meses ou um ano e depois mandam as pessoas embora (PRECARIEDADE).
- Considera que as pessoas não têm nada seguro, definitivo (PRECARIEDADE).
- Considera que gostaria de trabalhar numa fábrica (EXPERIÊNCIA NOVA).
- Considera que depois da Licenciatura não gostaria que a situação se mantivesse (PRECARIEDADE).
- Considera que gostaria de ter um tipo de trabalho que pudesse sair às cinco (FLEXIBILIDADE).
- Depois de casada, contempla trabalhar só em part-time (FLEXIBILIDADE).
- Depois de casada, contempla trabalhar só da parte da manhã (FLEXIBILIDADE).

- Depois de casada, contempla dedicar-se aos filhos e à casa (DOMESTICIDADE).
- Depois de casada, contempla ter um negócio qualquer (FLEXIBILIDADE).

Como vemos, o significado subjectivo do conceito de trabalho é muito diferente em cada uma das orações conceptuais elencadas, porque diferentes são também os conceitos que criam o contraste. Alguns significados que Ninó atribui à situação concreta do *mercado de trabalho* – nomeadamente os relacionados com as subcategorias “desemprego”, “precariedade” e “exploração” – traduzem, na verdade, significados intersubjectivos que fluem nas chamadas representações sociais. Ou seja, trata-se de significados que, em determinadas conjunturas sociais, adquirem uma relevância social, apesar de se apresentarem como significados subjectivos. Neste sentido, os significados são conceitos sociais intrinsecamente relacionais. Em geral, não deveríamos discorrer sobre o significado de um conceito A, mas sobre o significado do conceito A em base de $\{x_1, x_2, \dots, x_n\}$ e $\{y_1, y_2, \dots, y_n\}$, sendo $x_1, x_2 \dots x_n$ indivíduos que compartilham ou não determinados significados e y_1, y_2, \dots, y_n os contextos de vida em que esses significados são usados.

Deste modo, os aspectos que Ninó mais valoriza no trabalho – relacionados com as subcategorias “relações sociais”, “instrumentalidade” (dinheiro), “formação”, “currículo” e “satisfação intrínseca” – podem não apenas conflitar entre si como, paralelamente, podem conflitar com as atitudes de outros jovens em relação ao trabalho (“Conheço muitas pessoas que quiseram ir trabalhar comigo (...), depois não aguentavam estar em pé”). Por outro lado, são os contextos particulares de vida que condicionam as *estratégias de inserção profissional*, induzindo atitudes específicas perante o trabalho. Ninó sempre esteve aberta às “oportunidades” e sempre manifestou “disponibilidade” para se envolver em “trabalhinhos”, com particular interesse em relação aos que proporcionavam “experiências novas”. Mas, agora, com 28 anos, quando já pensa em casar e ter filhos, Ninó parece valorizar, sobretudo, uma certa “flexibilidade” do trabalho que lhe permita conjugar a carreira familiar com a carreira profissional.

3. Até ficar de “baixa”

Zé Manel é um jovem de 23 anos de idade, com o 9.º ano de escolaridade. O pai, escriturário, tem 48 anos e a mãe, empregada de balcão, menos dez. Dos avôs, apenas o materno andou na escola, chegando à 4.ª classe. Zé Manel encontra-se sem emprego, no momento em que é entrevistado. Começou a trabalhar aos 17 anos, numa agência de viagens, como paquete. Do seu primeiro trabalho, arranjado através de uma amiga, recorda-se como se hoje ainda o realizasse.

Pronto, ia levar bilhetes, desde tratar dos vistos dos clientes nas embaixadas até levar bilhetes de avião ao aeroporto a clientes que saíam do trabalho e iam directamente ao aeroporto ter comigo e seguiam viagem; ia aos correios, levava as cartas, metia os selos...

E também se recorda do primeiro dinheiro que ganhou, do uso que dele fez, das compras sonhadas que antecipou, dos copitos que não bebeu e do mais que não comeu – vivia a dois Mars por dia – para poder adquirir uma guitarra eléctrica, já que o pai o convencera de que a bateria com que sonhara era mesmo um sonho de telhado.

Guardei tudinho (...). Gastava o dinheiro do passe, e por mês era assim, eu durante quatro meses andei a comer dois Mars por dia, a sério, para comprar uma guitarra eléctrica, ou não, uma bateria (...). Não disse nada a ninguém, e eu pimba, vou comprar uma bateria. Acabei por não comprar a bateria, porque disse ao meu pai e ele, “Tá bem, onde é que a pões, no telhado?” Pronto OK. Por isso andei a juntar, tudo, tudo durante quatro meses, 40 contos não dava para nada, a guitarra custava 70, e eu fui uma ou duas vezes, não estou a exagerar, beber um copo com um amigo ou qualquer coisa... de resto, juntei tudo ali, só gastava o dinheiro do passe, quatro meses para a guitarra.

Antes, contudo, tivera a precaução de se certificar de que o dinheiro que ganhava não era reivindicado para os gastos da casa, pois sempre fora educado numa cultura familiar de partilha.

Desde o 1.º ordenado, logo que cheguei a casa com o ordenado perguntei ao meu pai: “É preciso dar alguma coisa em casa?” e ele, o meu pai até disse: “Não, aquilo que ganhares é para ti. Felizmente não precisamos de ajuda da tua parte, portanto o que ganhares é para ti, estás à vontade”.

Zé Manel não gostava de fazer o serviço de paquete, mas a chefia da agência prometera-lhe que “se fosse tomando atenção às lides” passaria a “interno”. Lidou o

melhor que soube com as tarefas que lhe distribuíram durante 10 meses, mas o lugar de “interno” foi atribuído a outro funcionário. Sentiu--se defraudado, e abandonou a agência, sem saber que outro rumo dar à vida, para além do da dignidade.

Saí assim à papo-seco, não sabia para onde havia de ir. E aí sim, comecei à procura de trabalho. Acabei por receber poucas, aliás, nenhuma ofertas e acabei por ir trabalhar para a EDP. Foi o meu pai, que trabalha lá, que meteu uma cunhazinha, que precisavam de uma pessoa com um contrato de três meses, só para acelerar lá o expediente e arquivo.

Quando lhe ofereceram o contrato por três meses, criaram-lhe a ilusão de uma possível renovação, “se tiveres disponível”... “eu estou já hoje disponível”, mas, findos os três meses, não lhe renovaram o contrato.

Fiquei pendurado (...), comecei a ver “*Péra aí*, não me chamam e eu tenho de me virar para outro lado.” Então comecei a ir ao jornal, à procura, havia poucas coisas, até para pacote eu me candidatei, era o tudo ou nada. Depois, nós começamo-nos a habituar a ganhar, e depois é assim: eu comecei a ganhar 40 e fiz um estilo de vida para esses 40, depois passei a ganhar mais do dobro, 90, depois com subsídio de alimentação, e fiquei a trabalhar um sábado inteiro ganhava-se 200% na altura e um dia de folga... Eu, maravilha... ali é que estava bem! Acabei por fazer um estilo de vida para os 90.

Os sociólogos que se especializam no estudo dos “estilos de vida” costumam trabalhar modelos com múltiplas variáveis para a determinação dos status sociais que aparecem associados aos vários estilos de vida. O nosso Zé Manel mede o estilo de vida a partir de uma variável simples, o rendimento. A salário elevado corresponde um estilo de vida elevado; quando perde o emprego, perde também o estilo de vida e ganha um ar de preocupação que não passa despercebido a familiares e amigos.

Foi um amigo do meu pai que, por acaso, soube que eu estava desempregado, porque o meu pai “É pá, o Zé Manel anda preocupado, nunca mais arranja nada...” (...) e então arranjou-me para a CME (Construção Metal Electromecânica), vê-se às vezes aí nas obras da rua, o coisinho da CME, e eu acabei por ir para lá em Abril (...). Estive quatro meses desempregado. (...) Assinei o contrato como escriturário para o departamento de compras. Eu ia para o departamento de compras, fazer inventários (...), quer dizer, cada coisinha, até o rato do computador tinha uma chapa com o n.º de inventário, informatizava a saída do material, a entrada, o material avariado, o material que saía bom e chegava avariado. Nunca me aconteceu sair de lá uma coisa avariada e que chegasse boa (risos).

No entanto, a dado passo, vê-se empurrado do escritório para o armazém, de escriturário passa a exercer funções de auxiliar de armazém. De início não protestou, foi aguardando, mas um dia encheu-se de coragem e acabou por questionar um Engenheiro:

Fui ficando lá, fui ficando lá, fui ficando lá, até que uma vez eu disse-lhe “Eu assinei um contrato e no contrato está lá que eu sou escriturário do departamento de compras, não é auxiliar de armazém, nem fiel de armazém, nem nada.” E ele acabou por dizer que “Para o mês que vem vais lá para o escritório”, para o mês que vem, para o mês que vem...

Mas como o “mês que vem” nunca mais vinha, e sentindo-se mais uma vez enganado, decidiu abandonar o trabalho de escritório que afinal era no armazém. Durante dois meses procurou novo trabalho, em vão. O paradoxal funcionamento do mercado de trabalho exige, simultaneamente, alguém que seja jovem e com experiência – atributos antitéticos e contraditórios. Por isso, é mais fácil chegar ao mercado de trabalho através de redes de conhecimento ou de cunhas. Passados dois meses, um amigo convida-o para a empresa que acabara de constituir, no ramo de administração de propriedades e prestação de serviços. À mão que o amigo lhe dá retribui o melhor que pode, sem mãos a medir em tudo o que possa ajudar ao sucesso da empresa.

Tive lá a ajudá-lo a abrir a empresa, a fazer modelos no computador de actas, modelos de balancetes do exercício de x ano, por aí fora, a fazer... fazia lá muita coisa, era secretariado. Ajudava-o nas contas, a imprimir as rendas, as quotizações, os clientes às vezes iam lá pagar, e eu recebia, íamos lá à caixa, ao fundo de maneió (...), ao fim e ao cabo, a gerência da empresa, conjuntamente com o meu patrão, que era o pai do meu colega. Aprendi bastantes coisas com ele.

A azáfama foi quebrada pela perda sentida da avó. Zé Manel foi mesmo “abaixo” – “foi uma perda que senti bastante” – até que é confrontado com a incorporação militar, e disse “Agora sim, agora eu preciso de férias”... O rito de passagem para as férias sonhadas foi certamente importante para o Zé Manel, pois recorda-se do dia exacto da incorporação. Mas com idêntica capacidade memorativa também se recorda do dia exacto em que deixou o quartel, o último dia de umas férias frustradas.

Em Janeiro, dia 8 de Janeiro, fui para a tropa, para Tomar (...), estive lá seis meses. Dois meses a fazer a recruta e depois fui para Santa Margarida, para o 2.º BMEC... 5 estrelas, não aconselho a ninguém, nem ao meu pior inimigo. E pronto, depois saí, ao fim dos seis meses... Depois, sim, depois precisei de férias. Saí a 7 de Julho.

Da vida da tropa recorda o salário amargo – nem dava para um Mars – mas recebido a horas; pode-se dizer muito mal da tropa, mas a pagar “são certinhos, direitinhos”.

Na tropa ganhava 12 contos como recruta e... aí eu nem podia comer um mars para a guitarra se eu quisesse... quer dizer, eu chegava ao fim e ainda tinha de pedir uns trocos para a guitarra! (risos) E depois... 25 contos ou assim uma coisa. Mas tudo ali à maneira, tudo legal. Na tropa podem ser muito maus em muita coisa, mas em termos de pagar são certinhos e direitinhos, sem problemas.

Depois de cumprir o serviço militar, Zé Manel esteve cerca de meio ano desempregado. Férias prolongadas. Na verdade, Zé Manel não as desejava tão longas, queria apenas desfrutar de um ou dois meses de descanso – não os tivera na tropa – mas, entretanto, não conseguia arranjar emprego, mesmo invocando ter já cumprido o serviço militar. Antes, colocavam-lhe sempre o entrave do serviço militar; agora, que o cumprira, ninguém ligava a isso. Os efeitos do descanso já tinham sido contrafeitos pelo desespero da espera de emprego, cansou de responder a anúncios de jornal e, se tivesse queda para a escrita, podia escrever um romance a que caía bem o título: *“Ninguém escreve ao Zé Manel”*.

Lá fui eu ao jornal, ao jornaleco, ver os anúncios, respondi a uma data deles e nunca recebi resposta, nunca ninguém me disse nada. Não sei se era por eu... para já tinha uma coisa a meu favor que era o facto de eu já ter cumprido a tropa. Antes, tudo bem, não me respondiam porque, pronto, brevemente eu ia para a tropa e podiam querer uma pessoa que ficasse lá permanentemente, à vontade, sem compromissos obrigatórios, como é a tropa. E eu acabei por... não percebi bem, mas nunca me responderam. E enviei bastantes.

Pede o apoio do pai, talvez na EDP lhe conseguissem arranjar qualquer coisa, “nem que fosse contínuo, andar lá de um lado para o outro para ver se estava tudo bem”. O pai não lhe arranjou nada na EDP, mas conseguiu colocá-lo numa empresa de segurança, como estafeta interno. O trabalho não lhe desagradava, até ao momento em que se cansou de não fazer nada.

Eu estava no 1.º andar, no r/c não havia nada, e eu tinha um determinado horário... para já eu estava a fazer doze horas, das 8 da manhã às 11 da noite (...). Não fazia nada! Só tinha que estar lá dentro. Muitas palavras cruzadas fiz eu! (...) Não tinha hora de almoço, eu tinha que comer o mais depressa possível, porque aquilo era doze horas, doze horas de trabalho, eu comia em meia hora qualquer coisa no refeitório.

Das jornadas de doze horas de trabalho sem tempo para comer, Zé Manel passou a fazer turnos à noite, vendo sobrar-lhe o tempo para as palavras cruzadas. De privação em privação, se dantes não tinha tempo para comer, agora não tinha lugar para evacuar, a não ser atrás de uma barraca. Cansava-se de nada fazer, sentia-se estúpido e inútil. Embora a vida possa ser considerada uma busca do impossível através do inútil, Zé Manel afastava a possibilidade de a transformar em inutilidade.

Aí não fazia nada, (...) estava sozinho num portão, onde não tinha condições nenhuma, nem para necessidades fisiológicas. Quer dizer, tinha de ir atrás da barraca fazer um chichizinho, se fosse algo mais sólido não fazia, tinha de esperar... Quer dizer, poder podia, ligava para lá “Tenho de ir à casa de banho, dê aqui um pulo alguém, senão” (...), mas não tinha condições, só tinha uma televisão a preto e branco que só dava o canal 2, que não dava nada de jeito, nem um filmezinho, nem em francês nem nada... muitas palavras cruzadas, muitos jornais, andava super-actualizado nessa altura (...). Depois saí, porque já... quer dizer o dinheiro fazia-me falta, só que eu não passava daquilo, eu podia ter a 4.^a classe, saber ler e escrever, contar até 100, não era preciso mais (...). Sentia-me um bocado estúpido, sentia-me um bocado inútil, assim aparvalhado, a sério.

Zé Manel pretendia um trabalho onde pudesse realizar-se profissionalmente. Muitas vezes, o problema do trabalho não está apenas na falta dele. Trabalho sempre se encontra, com mais ou menos dificuldade, a carregar tijolos ou a teclar dados para um computador. O problema do trabalho não é só de haver ou não haver, é também de ser ou não ser alienante. Ter uma ocupação como aquela que tinha era como se estivesse desempregado. E os turnos baralhavam-lhe a cabeça, afastavam-lhe as amizades, não fazia mais nada que ler o jornal e ver o canal 2 de uma televisão a preto e branco que lhe ensombrava a imaginação.

Eram tantas horas seguidas, e baralhava-me os sonos de tal maneira, que eu depois chegava--me ao pé do pessoal e, às vezes, para ter uma simples conversa, eu não era capaz de ter, parece que não sabia falar, se me falassem de notícias, coisa que eles não liam o jornal, porque tinham coisas muito mais interessantes do que ler o jornal durante o dia, não, eu desde a economia até ao boletim meteorológico eu lia, até lia aqueles que deixaram de fumar, a necrologia, isso! (risos). A falar a sério, eu devorava o jornal, a sério! Quer dizer, eu tinha tempo para ler, também era a única coisa que eu tinha para fazer. Pronto (...), já estava a entrar em *stress*. Aquilo de não fazer nada, a pessoa também farta-se, não é? Eu queria algo um bocado mais estimulante, para me sentir minimamente realizado profissionalmente. E ali, não (...). Aí sim, aí tive um ano e meio desempregado.

Um desemprego de cura, pode dizer-se. Entre dois trabalhos maus o lema é escolher o menos mau; mais vale o mau que se conhece do que o bom por conhecer. Zé Manel volta a trabalhar na empresa do amigo, a de administração de propriedades. O trabalho era bem mais interessante do que o necrólogo trabalho por turnos; conseguiu solucionar os problemas do computador da empresa que os técnicos ditos especializados não conseguiram solucionar, mas a remuneração era miserável, deixava-lhe a vida sem “estilo” nenhum, de acordo com a sua teoria singela de estratificação social, postulando que a cada classe de rendimentos corresponde um estilo de vida.

Ele já estava farto de gastar dinheiro em técnicos de computadores, o computador não tinha nada de especial (...). Não me perguntem quanto é que eu ganhei, que eu até tenho vergonha... porque eu ‘tava’ a trabalhar para um amigo. Eu digo--vos, pronto, não se esforcem... 30 contos por mês, para amigos! E eu a fazer as contas de quanto é que eles recebiam por mês e por ano... Quer dizer, eu ali com a contabilidade toda à minha frente e eles “É pá, não há dinheiro e tal!” Desculpem lá! Então sou eu que não sei ler, não sei contar. Estão aqui trezentos ou quatrocentos contos por mês, devem ser virtuais! E pronto, eu fui para lá, ajudei e não sei quê. Afinal aquilo era um problema do computador que apagava uns ficheiros que não devia de apagar e apagava modelos que não devia de apagar. Pronto, modelos base, que a partir dali só era preciso preencher os espaços, portanto já estavam definidos. Isto, coisa que eu já tinha feito há uns anos atrás.

Pagavam-lhe pouco com o argumento de não haver dinheiro e ele a fazer os registos diários da contabilidade da empresa que diariamente deitavam por terra o argumento. Há empresas que vivem num mundo virtual. Afinal, até o próprio Zé Manel acaba por procurar alternativas virtuais à realidade presente. Os seus projectos de futuro servem mais para alimentar o presente do que para programar o futuro. São projectos de um imaginário que ilusiona o presente, confundindo-o com o futuro. Entretanto, Zé Manel persiste em agarrar a ilusão de encontrar um trabalho onde seja possível conciliar realização profissional e remuneração razoável.

Continuei a mandar anúncios de jornal (...), fui a algumas entrevistas, houve várias que deram-se ao luxo de “Ah, você tem um currículo muito bom! Se calhar a gente chama-o, mas é mal empregado estar aqui a fazer isto ou aquilo!” Várias coisas, não fixei, como não fui para lá trabalhar, caguei! Esqueci e parti para outra! Era mesmo assim, porque se eu fosse a pensar, podia estar aqui ou estar acolá, ao fim de ano e meio batia a bota. Dava em maluco.

Ao Zé Manel tudo lhe interessa, mas nada o prende. E não vale a pena pensar, muito menos lembrar, fracassos que lhe rondam a vida e que os espanta batendo a bota. Dava em maluco. Mas Zé Manel dá voltas e mais voltas às circunstâncias imediatas

que o põem tonto de tanta volta, consciente de que é necessário fazer algo, mesmo quando parece não haver nada a fazer. Enquanto persiste em responder a anúncios de jornal, continua a trabalhar na empresa do amigo, sem saber muito bem se a sua situação se pode classificar de empregado ou de desempregado. Zé Manel vê-se mais como desempregado, embora os recenseadores das estatísticas oficiais não tivessem dúvida em o considerar como empregado. Se os inquiridores do Instituto Nacional de Estatística o apanhassem na situação em que está, Zé Manel seria inevitavelmente inventariado como trabalhador nos Censos de 2001, pois, segundo os critérios oficiais, trabalhara “durante pelo menos uma hora, mediante o pagamento de uma remuneração ou ganho em dinheiro ou em géneros”.

Tive lá um ano a receber trinta contos. Tudo bem, eu não recebia subsídio de alimentação, nem nada, era tudo por fora, não tinha contrato, nem recibos verdes, não fazia descontos para a SS. Pronto, eu para qualquer... qualquer fiscalização eu estava desempregado.

Conforme passa o tempo, conforme deambula de um trabalho a outro, conforme a precariedade se instala na sua vida, os efeitos da instabilidade deterioram a sua auto-estima, dificultam os seus projectos de vida. Até que, finalmente, encontra resposta a um anúncio de jornal a que o pai respondera, fingindo que era o Zé Manel. A crença nos azares é um hábito de memória, mas agora, com a ajuda do pai, tinha conseguido enganar o azar. A sorte é uma réplica do mito renascentista da deusa *Fortuna* que, por sua vez, procede da figura mítica grega *Tique*. *Tique* viajou por todo o mundo e era representada por uma roda (a roda da fortuna), circulando em constante movimento e distribuindo com despreocupação os seus numerosos bens. Mas nunca a fortuna bateu à porta de Zé Manel, ou melhor, bateu por equívoco, por intermediação do pai, e assim foi que o chamaram da *Sondaglobal* (nome fictício), uma empresa de marketing e sondagens de opinião.

Foi o único anúncio de jornal que me responderam, e não foi enviado por mim, foi pelo meu pai, sem eu saber... Pronto ele também viu alguns e enviou, que eu nem sabia... Só quando eu recebi a chamada é que... o telefonema deles, o contacto para eu ir lá à entrevista, o meu pai disse-me “fui eu que mandei!”, olha, porreiro! (...) Sondaglobal é uma empresa de Marketing, mais à base dos estudos de mercado (...), pronto fui um dia à entrevista, numa 4.ª feira, e entrei na 2.ª feira logo a seguir. Tive lá como auxiliar administrativo, contrato de seis meses a recibos verdes (...). Ao fim e ao cabo assinava sempre o contrato por mês (...), para as funções que o outorgante um quisesse, ou seja, eu tanto podia estar a fazer de auxiliar administrativo, como podia estar a fazer serviço de paquete, como a carregar mercadoria, resma de papel ou assim uma coisa. Tive lá durante 4

meses como auxiliar administrativo. É assim, eu ajudava à informatização dos estudos, ou seja, o consultor falava com o cliente, recebia... era-lhe adjudicado o estudo. Ele fazia o questionário, depois da aprovação do cliente dava ao chefe de campo. O chefe de campo tinha por função uma série de coisas e a minha era ajudá-lo a fazer amostras, se houvesse cotas, a distribuir as cotas (sexo, idade, zona em si, Norte Interior, Porto, Grande Porto, Lisboa, Norte de Lisboa, Sul de Lisboa, Algarve, outra terra, dependendo do estudo), era a informatização toda disso, era tirar as fotocópias (...), fotocopiávamos as entrevistas todas, numerávamos e depois contactávamos os entrevistadores, fazia-se uma acção de formação, uma acção de formação não, um briefing, pronto, explicava-se o inquérito, quais eram as perguntas chave, como é que se podia influenciar ou não.

Zé Manel integrou-se bem na empresa, orgulhava-se do sentido de responsabilidade com que exercia as tarefas que lhe confiavam, era exigente consigo mesmo. Reconhecia ter tido muitos azares (a crença nos azares era hábito da memória). Mas, se acreditasse que cada um tem o que merece, culpar-se-ia do fracasso do destino. A avaliação que fazia das suas capacidades dependia da ideia que tinha de si próprio. E tudo fazia para aumentar a sua auto-estima e para que a sua imagem fosse valorizada por quem o rodeava. Esperava, em contrapartida, algum tipo de reconhecimento, uma maior segurança de emprego.

Tive lá quatro meses, queria um contrato. (...) Comecei a criar uma imagem minha, a ser um bocado mais exigente. Não só comigo, a ser cada vez mais profissional, cada vez mais responsável, cada vez mais justo, mais perfeccionista, digamos, mas também comecei a exigir mais da entidade patronal. Não queria ir para consultor, para consultor vai um sociólogo... Havia lá vários. (...) Eu trabalhava bem, trabalhava bastante, e pedi-lhes um contrato e eles não me deram. E entretanto soube de um sítio para ir, saí de lá. É assim, como estava a recibos verdes (...), de um dia para o outro avisava, "a partir de amanhã não venho". Mas lá está, a imagem que eu crio para mim, e a imagem que eu deixo nas empresas, que eu comecei a criar também... Quando eu tinha dezassete anos nem sabia o que era isso, nem pensava nisso. Mas depois comecei a reparar qual era a melhor imagem e dei-lhes quinze dias.

Zé Manel começa a constatar que os seus trabalhos têm o destino que têm os amores de Verão: intensos e fugazes. Decide abandonar a Sondaglobal, mas não sabe por qual via optar e que riscos correr em cada uma das opções possíveis. Os sociólogos da Sondaglobal poderiam dizer-lhe que o seu dilema é próprio de sociedades modernas avançadas que produzem uma coexistência problemática entre duas modernidades – a da expansão das opções e a da expansão dos riscos. Mas, sem ser sociólogo, Zé Manel percebia bem o que os sociólogos tinham para lhe explicar, mesmo que não o

explicassem bem. Entre opções e riscos, Zé Manel volta a trabalhar como auxiliar de fiel de armazém, desta feita numa distribuidora de material fotográfico.

Auxiliar de armazém, isto para não me pagarem mais! (...) Eu fui como auxiliar de armazém, apesar de eu é que ser o fiel de armazém. Eu “tava’ a auxiliar-me era a mim. Nunca vi lá ninguém, nem nunca ‘teve lá ninguém. Eu entrei lá, bom, aquilo estava de pernas para o ar, aquilo não era um armazém não era nada. Aquilo havia lá papel de fotografia, 15 medidas de papel diferente, papel brilhante, mate, semi-mate, depois havia várias medidas, desde 8,9 x 75, até 15,2 x 175, por acaso lembro-me que aquilo era muita giro. Papel, filmes, os rolos, como as pessoas dizem, habituei-me, a química para filmes, a química para papel, a química para película, química... Bom, eu nunca tinha visto aquilo na minha vida, aquilo até era perigoso em contacto com as mãos, era preciso ter um certo cuidado. Mais, havia fundos, que servem para os fotógrafos tirarem fotos com fundos atrás, fazerem umas montagens e não sei quê. Mais, havia câmaras, das funflash, daquelas descartáveis, aquelas que só servem uma vez.

O vencimento não era muito elevado, e o trabalho no armazém envolvia algum risco, não apenas por causa dos produtos químicos.

Fui para lá como auxiliar de armazém, a ganhar 75 contos, trabalhava 8 horas, não, trabalhava 7 horas e meia, por causa daquela história das 40 semanais... e pagavam-me a segurança social, pagavam-me o passe, não sei se me pagavam o seguro porque uma vez tive um acidente, tive que ir para o posto, andei um bocado coiso porque esfolei-me todo, caí de 4 metros de altura e fiquei pendurado numa escada de alumínio e, pronto, fiquei todo ferido. E acho, eu pelo menos não recebi nada do seguro, mas como estava quase para me vir embora, também não liguei muito, quanto menos me chateasse melhor! Queria era pirar-me dali.

Zé Manel queria “pirar-se dali” porque se via como um limão a quem pretendiam espremer depois de sugado. Eis o desafio de uma carreira meritocrática de luta pelo êxito, característico do modelo calvinista, convertido em espremedor de limão. Zé Manel era um “faz tudo”, de tudo fazia:

Eu atendia... depois fazia a gerência de stocks, eu arrumava o armazém, limpava o armazém, isto de eu limpar o armazém inclui prateleiras também (...). Eu (...) verificava a temperatura, principalmente da câmara frigorífica, pronto, porque aquilo era preciso estar de olho, avariou--se montes de vezes. Mas pronto, eles queriam que aquilo funcionasse sem gastar dinheiro, o que é um bocado complicado. Pró fim... eu ajudava a actualizar os preços no computador, eu imprimia as cartas dos clientes, pronto, facturas, livros de remessas, despesas, ajudava a minha colega na contabilidade, eu arquivava os cheques, eu ia depositar cheques, eu ia pôr cartas ao correio, eu atendia ao público, eu arrumava o armazém, fazia encomendas, mandava vir material, exportava (...), importava (...). E no entanto, eu, antes que me viessem pedir contas, não disse nada a

ninguém, quem era eu, eu estava lá nem há um ano, p'raí há seis meses, e eu andava sempre a ler catálogos, a actualização dos códigos, o tipo de material, porque eu também podia vender ao balcão, apesar de eu não ter comissão, a minha colega tinha, o delegado tinha, o outro vendedor tinha, mas eu não tinha, o meu trabalho não era esse, apesar de eu o fazer.

Depois de um ano de “faz tudo” lembrou-se de ligar para a *Sondaglobal*, “tava eu no armazém e deixa-me ligar para a *Sondaglobal*, nunca mais lhes disse nada, deixa-me lá desejar-lhes um bom Natal!” . Qual não é o espanto do Zé Manel quando toma conhecimento de que o “chefe de campo” da empresa, o responsável pela equipa de entrevistadores do chamado “trabalho de campo”, tinha passado a director de departamento. E andava precisamente à procura de quem o substituísse, em busca de um chefe de campo.

Fez-me a proposta e eu disse logo “contrato!”, não há cá recibos verdes para ninguém. E ele coiso e tal... contrato de seis meses a ganhar 120 contos brutos... Pronto, um contrato implicava segurança social, imposto de selo, seguro, mais não sei quê, tudo legal. Nesse aspecto aquela empresa era como a EDP e a tropa, muito ou pouco era tudo como deve ser. E pronto (...). Eu precisava de entrevistadores, só tinha 10 entrevistadores, 4 ou 5 bons entrevistadores, o resto era tipo em cada 10 entrevistas inventavam 3 ou 4, mas pronto, já os superiores, o engenheiro e o director de produção sabiam, e eles, que eram os mais interessados no assunto, não faziam nada, quem era eu, quer dizer, um borra-botas a entrar para ali e a começar já com... a levantar problemas. Não me levantem a mim, que eu não levanto a ninguém. Então nem me chatee com isso.

Cada sondagem de opinião representava uma roda viva de afazeres, formação de entrevistadores, preparação do questionário, reprodução do questionário, distribuição de cotas, preparação do *briefing*, distribuição dos questionários pelos entrevistadores, calendarização de prazos. Muito *stress* que era aliviado com uma palmada nas costas, terminado o trabalho.

Stress a sério, como eu nunca tinha tido, pronto. Mas ao mesmo tempo uma pessoa sentia-se viva, era estimulante, era bom. Então se o estudo corresse bem, era um espectáculo, um alívio... custou, mas correu tudo bem, óptimo. Depois, dependendo dos consultores, vinham sempre dar uma palmada nas costas, não é que eu goste disso, gosto, faz bem ao ego, mas sabia bem, pronto, eles confiarem em mim.

Como parar o frenesim das tarefas, a cadência dos compromissos, o crescendo do cansaço? Seria bom dispor da tranquilidade necessária para encontrar o sentido do que se faz, escapar à aceleração do ritmo da vida, sentar-se à frente da sua sonhada bateria

e bater em retirada, mergulhar na música, dar outros ritmos à vida. Zé Manel tem pouco tempo para si, porque dá de mais de si, lapsos de vida perdidos por lapso.

la às reuniões com o engenheiro, com o director de produção, com os consultores, até me sentia mal no meio daquilo tudo. Não era por ser inferior, apesar de não ser doutor, não me sentia minimamente inferior. Era mais um bocado de *stress*, era mais uma pressão, e era cada um a puxar mais a brasa à sua sardinha, o engenheiro queria os estudos todos, aceitava-os a todos, o director de produção, também para não ser prejudicado, aceitava a maior parte deles, os consultores, cada um, “Mas eu preciso disto! Eu preciso daquilo!”, todos precisavam dos estudos em campo, e eu ali no meio, só tinha dez entrevistadores. Depois marcar prazos para os estudos, depois dizer “sim, aceito”, eu nem que me desdobrasse em trinta, não é?... mas eu tinha é que efectivamente fazer o estudo. É claro, eu era o chefe de campo, chefiava o departamento, e depois havia o auxiliar administrativo (...), que era um rapaz que estava lá há um ano e tal a recibos verdes, estavam-lhe sempre a prometer, “Para o mês que vem vais para contrato!”, vais para contrato, vais para contrato, era para o mês que vem, mas não lhe disseram de que ano.

O trabalho excessivo altera a harmonia dos tempos quotidianos, o cansaço mental desgasta o pensamento, aprisiona-o às tarefas para cumprir. Mas, ao olhar para aquele rapaz, para o auxiliar administrativo, olhava-se de certo modo ao espelho do seu passado recente. Por isso, tinha uma certa compaixão por aquele auxiliar administrativo, o Pedrosa.

Tanto que eu disse: “É pá, eu não sou teu chefe” (...). Se calhar muitos sobem na vida porque passam por cima dos outros e incham com pouca coisa. Eu não, sou humilde, apesar de ser ambicioso, não sou capaz de passar por cima de uma pessoa.

Zé Manel tem consciência de classe tanto mais forte quanto mais se dá conta das dificuldades em sair da sua classe de origem. Apesar da ambição e do muito que trabalha, olha o futuro, mas não o alcança. Apenas sabe de onde vem, mas não consegue saber para onde vai. Se pudesse voltar ao passado, talvez nele descobrisse um outro futuro, mas falta-lhe o poder de transformar o desejo do passado em realidade.

Ao fim dos quatro meses, tinha doze estudos em campo, dez entrevistadores, todos para acabarem ontem (...). Quer dizer, tive de andar a recrutar pessoal, a virar o mundo, foi mesmo, eu andava super-stressado, não sabia para que lado me havia de virar. (...) Apareceu-me um estudo de funerais que o doutor, o director de produção, aceitou sem me pedir a mínima das opiniões. Quer dizer, vendo, isto era só para fazer cá em Lisboa, cem entrevistas, uma semana. Quer dizer, o povo português quando se ouve falar em funerais fica assim um bocado de pé atrás, fica logo a pensar... Quer dizer, para já uma pessoa ir de porta a porta fazer uma entrevista já é difícil, e sobre

funerais então! Bom, comecei a achar a história super-divertida, mas se eu tivesse de fora, mas como me ia tocar na pele já não ia achar graça nenhuma. Ele aceitou e eu “Então o doutor vai-me aceitar isto assim, não me consulta, não me diz nada? Eu tenho doze estudos em campo, então isto é assim?”, “Ah! Isto é para ser feito e mais nada”.

E para Zé Manel, estava claro, se o estudo dos funerais não fosse realizado, quem se enterrava era ele.

Ou seja, se aquilo não fosse feito punham-me na rua. (...) Eu que entrava lá, entrava às nove saía às seis, com uma hora e meia de almoço ou duas horas de almoço, saía de lá dez, dez e meia, onze, onze e meia. Cheguei a sair de lá à meia noite. (...) Ou seja, dei um braço e apanharam-me o braço, o tronco, as pernas, a cabeça, apanharam-me o corpo todo, tanto que eu fiquei feito num oito. Comecei a entrar em *stress*, a ficar super-cansado e... E, quer dizer, o estudo, num mês, o dos funerais, fizemos 20, 25 entrevistas. O director de produção despediu dois entrevistadores, sem razão nenhuma. Mas, como tinha a faca e o queijo na mão, (...) era só fazer as contas. (...) Começaram-me com ameaças... da tanga, que é mesmo assim, do estilo “Se isto não for feito, vais para o olho da rua!”. A minha vontade era de um dia para o outro deixar de lá aparecer. Punha baixa, ou um atestado médico, “Olha, tive doente, ou parti um pé, ou... uma coisa qualquer”. Mas não, fui mesmo até ao fim, até onde podia ir.

Mas não podia ir muito longe. Nas sociedades caracterizadas por uma diferenciação crescente, a coacção social do tempo, convertida em auto-coacção, consciência individual do tempo, corresponde, segundo Norbert Elias¹³⁸, ao tipo paradigmático de obrigações criadas e impostas pela “civilização”. Relógios, calendários, horários e prazos representam uma coacção exercida por um tempo exterior, que se impõe ao indivíduo como obrigação. Zé Manel vê-se prisioneiro do tempo, pulso algemado por um relógio que lhe mostra quartos de hora exíguos para tantas tarefas impostas, e apenas 20 ou 25 entrevistas realizadas sobre os funerais, e o “olho da rua” ali tão perto, olho fúnebre a ameaçar o despedimento.

Zé Manel não apenas se modela a uma autodisciplina temporal, que se percebe angustiosa, como acaba por se subjugar ao tempo impossível de execução de tarefas muito para além dos limites temporais que definem uma jornada de trabalho normal.

Tive depois que meter quinze dias de férias, quer dizer, não foi de férias, foi de licença sem vencimento, porque comecei a entrar no princípio de uma depressão nervosa. Estava a rebentar pelas costuras!

¹³⁸ Norbert Elias, *Sobre o Tempo*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1989.

No regresso, a situação não estava melhor, o auxiliar administrativo, o amigo Pedrosa, tinha-se despedido, não aguentara mais. O trabalho de campo relativo ao estudo sobre os funerais era um atoleiro, o mesmo se passava com um estudo de automóveis. Isso, ele não tolerava, era o *chefe de campo*, exigia rigor aos entrevistadores.

Apareceu um entrevistador novo com 30 entrevistas, sobre automóveis, inventadas. Fez duas, o resto foi inventado. Eu fui às perguntas chave, pronto, fazer aquilo que fazia sempre, passar uma vista de olhos, para ver se faltava alguma pergunta. E depois disse-lhe: “É assim, faltam-te aqui duas ou três perguntas em cada entrevista, menos nestas duas, e é assim, ou sentas-te ali naquela secretária a telefonar para as pessoas para tentar recuperar aquelas que não fizeste ou, então, com muita pena minha, vou ter que anular as entrevistas e não ganhas nada. As anuladas não são pagas”, “Ah! Mas eu não inventei nada!”, “Eu não ‘tou’ a dizer que tu inventaste. Tu é que puxaste agora o assunto, eu não sei de nada. Só estou a dizer que faltam aqui duas ou três perguntas em cada, em 28 entrevistas. Estas duas estão completas. Por isso dá--me as entrevistas, se faz favor”, “Ah! Não dou” (...). Telefonas para as pessoas e dizes ‘Olhe, peço desculpa, esqueci-me de fazer estas duas perguntas...’, ou então vou ter de as anular.” “Ah, só me levas as entrevistas se for à porrada.”. Quer dizer, eu, às vezes, por muito stressado que esteja, parece que até tenho mais calma em determinadas situações. Apesar de, ali, a minha vontade era passar para o histerismo e para a agressão física. Assim num calão... parti-lo todo.

O episódio é digno de registo uma vez que permite abalar a crença ingénuas que alguns sociólogos devotam em relação aos inquéritos por sondagem, olhando para os resultados como uma realidade infalível, abstraindo-se das condições em que esses resultados são produzidos. Curiosamente, esses sociólogos tendem a desvalorizar as metodologias qualitativas de orientação mais intensiva, na base da desconfiança sobre a *fiabilidade* e a *validade* da informação desse modo recolhida. Essa desconfiança é salutar, mas preconceituosa, se dirigida exclusivamente aos métodos qualitativos. Com efeito, é mais difícil mentir numa entrevista aberta do que num questionário fechado. No primeiro caso há que construir a própria mentira, criando um contexto argumentativo que confira coerência à mentira, o que nem sempre é fácil. No segundo caso, oferece-se a possibilidade de mentir; o contexto está criado, só há que escolher a “resposta fácil”, isto quando não é o próprio entrevistador a adulterar os resultados, inventando-os pura e simplesmente, como no caso do entrevistador a quem Zé Manel desejou “parti-lo todo”. Como tal, é mais fácil detectar incoerências num contexto de expressividade aberta do que num de expressividade rigidamente demarcada. A experiência do Zé Manel levou-o a suspeitar da seriedade do trabalho realizado e o seu

sentido de responsabilidade exigia um efectivo controlo de qualidade do trabalho de campo.

Desgraçadamente, Zé Manel vem a descobrir que o entrevistador sobre o qual fizera recair as suas suspeitas de fraude, era amigo de um director da empresa. Quando pede ao director para interferir na querela, sente-se humilhado.

Ele chega lá, e tal e coiso, grandes cumprimentos, parece que andaram os dois na mesma escola e tal, grandes amigos e tal, e começam os dois a rir. E eu ali assim a sentir-me um bocado vexado, um bocado humilhado, estão a gozar comigo. Quer dizer, farto-me de trabalhar aqui, eh pá, é assim, eu ganhava 120 contos brutos, mas para aquilo que estava a fazer eu estava mal pago. Estava mal pago, e toda a gente dizia. (...) O director de produção que não fazia a ponta de um corno, para falar mal e porcamente, tirava 500 contos limpos, e sabia muito menos do que eu em termos de campo – das entrevistas na rua, e não sei quê. E ganhava 500 contos e não fazia a ponta de um corno, e eu ganhava 120, brutos, só com o subsídio de alimentação é que chegava a ganhar 116, 117, quase 120. E em meses que tinham 31 dias, recebia 119... Pronto, estava injustamente mal pago. E depois houve esse problema, e esse problema foi a gota de água para mim.

Zé Manel sente que está a perder o controlo da situação (do trabalho de campo) e o controlo de si mesmo (tem vontade de “passar para o histerismo e para a agressão física”). No reverso do que parecem ser aspectos triviais do seu quotidiano, insinua-se o caos. E o caos não é apenas desorganização, mas também a perda de sentido de alguns sentidos da realidade. Os familiares e amigos mais chegados aconselham-no a meter baixa médica porque o vêem muito stressado.

E eu 2.^a feira às sete e meia da manhã estava no posto da Caixa. Entrei por ali adentro, ainda o 1.^o andar estava às escuras. Vi só uma ou duas luzes acesas e estava a minha médica a tomar o pequeno-almoço, muito sossegadinha, e entro por ali adentro. “Bom dia, doutora!”, “Então o que é que você está aqui a fazer?!”, “Olhe, venho cá pedir baixa e tal...” Lá lhe dei a volta, ela já sabia que eu não andava bem. Eu já lhe tinha... naqueles quinze dias de licença sem vencimento eu fui a uma psicóloga para ver o que é que se andava a passar comigo! Eu nunca tinha andado assim. Quer dizer, andava super-stressado, uma pessoa desviava qualquer coisa, aqui na mesa desviava o cinzeiro um bocadinho mais para o lado e eu enervava-me! Mas é que era mesmo. E super-agressivo para as pessoas, para a namorada, para os pais, para o irmão, para amigos, para comigo mesmo, não dormia nada de jeito. E pronto, ela sabia mais ou menos aquilo que se andava a passar, até que lá passou a baixa e tudo bem. Entretanto fui para casa, nove e cinco da manhã ligo para lá (...): “Ah, tal... coiso, bom dia, olha pá, passou-se uma coisa no fim-de-semana, eu meti baixa, não tenho andado bem...”, “Então e por quanto tempo?”, “Ah, não sei. Quem me dera estar já aí hoje, porque há aí muita coisa para resolver. Infelizmente, não posso. Estou de baixa pelo

menos quinze dias.”, “Ah, então tchau!” (...) Assim que eu saí da Caixa com a baixa, eles ficaram com uma cópia e eu fiquei com duas. Uma guardei na carteira e a outra dobrei, enfiei numa cartinha para a empresa. E pronto, fiquei em casa quinze dias. Ao fim desses quinze dias fui renovar a baixa, e ao fim desses quinze dias fiquei por mais um mês. E ao fim do mês renovei por mais um mês.

Zé Manel começou a sentir-se um angustiado privilegiado, a baixa poderia significar um grande tacho, para outros, mas não para ele, por uma questão de princípios. Zé Manel sentia-se em baixo, por isso “metera baixa”. Na busca desenfreada de trabalho, filtrada quer pelas formas quer pelas oportunidades de acesso – sobretudo pelas experiências havidas – Zé Manel foi construindo uma *imagem de si* que condicionou a sua capacidade de resistência às vicissitudes da vida. O fracasso no âmbito profissional pode afectar a identidade de uma pessoa, por mais que esta se esforce e dê mostras de todo o seu dinamismo, como aconteceu com Zé Manel.

Pagaram-me tudo e tal, e continuei de baixa, a descansar. Quer dizer, senti-me mal ao fazer isso, não... Em parte foi contra os meus princípios, eu por mim não resolvía a situação assim, era a conversar. Mas pronto, o que tem de ser, tem muita força... e o artista é um grande artista... Neste caso o Zé Manel. E pronto, depois acabei por ir de férias e não sei quê. E estou desempregado até hoje.

Zé Manel parece resignado, perto de deitar a toalha para o chão, ele que tem sido um lutador. Mas a vida é caracterizada por contradições que não se superam, antes coexistem em sua tensão permanente. O futuro de Zé Manel parece não se basear em qualquer hipótese de continuidade de um qualquer desenvolvimento extrapolável do momento presente; o seu futuro parece mais bem em suspensão estrutural, num processo de inactivação que o leva a considerar-se, finalmente, um desempregado.

Agora Zé Manel constata que, se o trabalho integra, o desemprego segrega. Zé Manel não se sente apenas excluído do mundo do trabalho; sente-se também excluído do mundo do consumo, sente-se proprietário de uma força de trabalho sem valor de troca. O desemprego prolongado e a precariedade persistente provocam apatia, gerando um círculo vicioso que vai da redução de oportunidades de emprego à redução do nível de aspirações, embora cresça também o sentimento da exploração.

A partir do momento em que há mais procura do que oferta... há mais exploração (...). Desde ir a um centro comercial “Precisa-se Empregada”. Sim, senhor, quanto é que é? 60 contos por mês; 60 contos e trabalhas para aí dez horas. Ou... part-time, toma aí 30 contos, fazes quatro ou cinco

horas, ou seis horas às vezes, hoje em dia. O part-time a maior parte está a ir para as seis horas, não tá a ir para as quatro (...). Isto está mau! (...) Eu mandei trinta, vinte e cinco, trinta currículos por carta o ano passado e pela internet. Quer dizer, pela internet, pelos CTT, e até fui entregar a vários jornais, o Expresso, ou o Diário de Notícias, e telefonei para outros, não era preciso carta nem nada, o contacto era o telefone.

Apesar de continuar com buscas sucessivas de trabalho, na narrativa de Zé Manel nota-se uma espécie de auto-resignação – “isto está mau!” – como se esta fosse uma maneira de reconhecimento do peso da realidade objectiva, de uma realidade que não aparece nas estatísticas do desemprego, uma vez que estas tomam o trabalho precário como emprego.

Hoje em dia, apesar de eles falarem que o desemprego baixou e não sei quê, eles devem estar a falar de valores estatísticos, não devem estar a falar de coisas concretas que a gente vê hoje em dia. É mentira!

Quando olha o futuro, não é só temor do futuro que Zé Manel sente, é também angústia. O temor é resposta a ameaças específicas, em contrapartida a angústia é um estado generalizado de descontentamento com a vida e, por isso, a angústia é difusa, evasiva, frente à realidade que a provoca. O temor do desemprego transforma-se num sentimento de angústia, a ameaça externalizada (as dificuldades em encontrar um trabalho) gera feridas e golpes internalizados.

Eu tenho 23 anos e eu, se olhar para amanhã, eu não posso pensar em meter-me numa casa, em ficar com a minha namorada... Quer dizer, eu não posso pensar sequer em comprar um carro em 2.ª mão! Porque, com estes tombos todos, isto tem sido altos e baixos, eu não vou dizer mais altos do que baixos nem mais baixos do que altos, cada um depois desta conversa há-de entender à sua maneira. Só que para mim tem sido difícil porque, se começo a trabalhar, começo a ganhar, e começo a comprar aquilo que hoje não comprei. Desde roupa, desde utensílios de primeiras necessidades minhas, desde giletes para a barba, as coisas mais simples.

Os jovens desempregados perdem muito mais do que um trabalho quando o perdem ou quando não o encontram. Sem trabalho, perdem a oportunidade de aquisição dos consumos banais do quotidiano, a gilete para a barba, a bica, “as coisas mais simples” do dia-a-dia. A metáfora dos “altos e baixos” é usada por Zé Manel para expressar, principalmente, a imagem de “tombo”, sendo secundário saber-se se teve mais “altos” ou mais “baixos”, os altos e baixos são as condições favorecedoras de uma vida de tombo, de uma tómbola de vida, marcada pela aleatoriedade.

Zé Manel tenta aproveitar as oportunidades que lhe surgem, todo e qualquer biscate, mas com isso trava o tempo do devir, reforçando a sua suspensão. Quando olha para o amanhã é incapaz de aceitar o que gostaria que o amanhã lhe oferecesse, uma casa onde pudesse viver com a namorada, um carro em 2.^a mão, ou seja, rejeita realisticamente as ilusões. Abandona as ilusões do futuro e ajeita as do presente, na expectativa de que estas lhe atenuem o problema que vive, o do desemprego presente.

Eu agora quero ver se começo a dar aulas de Música também (...). Quero ver se ponho um anúncio no Blitz para dar aulas de piano, de guitarra e de bateria. (...) Tudo começou porque, pronto, eu sempre gostei de Música. O meu hobby, o meu passatempo era sempre Música, a compor letras, a compor músicas. A princípio coisas muita quadradas mesmo, dó-mi-sol-fá, e pronto, e depois era só mudar, fá-só-lá-mi, e era só.

Que relações se podem estabelecer entre a composição musical e a melodia da vida? Num e noutro caso há arranjos de notas, intensidades variadas (*forte, piano, mezzo forte*), andamentos múltiplos (*adágio, moderato, presto, accelerando, ritardando*), combinações de sons e silêncios, tudo resultando num ritmo de variedades. Zé Manel aprendeu a tocar piano e guitarra com um amigo, ao princípio compunha “coisas muito quadradas”, mas sucessivamente foi melhorando as artes da composição e da execução. Com as poupanças que fez e um empréstimo do pai, conseguiu comprar a bateria, sem necessidade de se divorciar da guitarra, e agora coabita harmoniosamente com as duas.

Toquei em bandas e não sei quê, ganhei um bocado de experiência, entretanto consegui comprar a bateria. Tive para vender a guitarra, mas não foi preciso! Consegui que me emprestassem, neste caso o meu pai, que me emprestasse o dinheiro na totalidade, um acordo verbal com ele “Pago x, assim, assim, como puder”, paguei-lhe por prestações. Prestações mais suaves, porque se fosse pedir um empréstimo ao banco não me o davam, porque ao longo deste tempo eu não tive conta certa.

Como podia ter conta bancária certa com salários tão inconstantes e incertos? Nas partituras musicais é mais fácil jogar com mínimas e semi-mínimas, intervalando-as com pausas arrebatadoras, tão diferentes das pausas forçadas do desemprego. Os contratempos musicais nada têm que ver com os contratempos da vida, como a falta de emprego. Mas a iniciação musical foi para o Zé Manel tão penosa quanto a iniciação aos biscates da sobrevivência. Talvez a Música lhe faculte mais um biscate.

É preciso um grande esforço, e é! Para tocar piano, eu nunca pensei conseguir tocar piano com as duas mãos. A sério, eu nunca pensei, e ao princípio martelava ali! Era com cada murro! Ficava mesmo enervado, e a minha namorada ao pé “Tem calma!”. E muitas horas eu treinei para conseguir tocar com as duas mãos. Pronto, isto para dizer, que eu posso dar aulas... particulares. Foram aulas particulares que eu tive. E isso é mais um lado que eu posso tentar ir buscar algum... para me sustentar.

Zé Manel não procura apenas meios de sustento económico; procura também sustentar a ilusão de projectos, nem que seja a de um projecto de felicidade sustentado pela paixão musical. Com efeito, a noção de projecto muda de sentido para jovens como o Zé Manel, o projecto deixa de se desprender de um trajecto de vida, enquanto transcurso individual concebido racionalmente, para se multiplicar num conjunto de guiões virtuais fabricados por sonhos, fantasias, utopias, que – como é próprio das utopias – têm uma marca colectiva: de um grupo, de um bando ou banda.

Eu sei exactamente aquilo que gostaria de fazer. É assim, fazer aquilo que eu sempre sonhei. Ter uma banda, compor as minhas musiquinhas. Eu e a banda. (...) E compor as nossas coisas, as nossas músicas, o nosso estilo próprio. Tentar ser original. Tocar conceitos tipo... felicidade. Complicado! Felicidade para ti é uma coisa, para mim é outra e para ela é outra. Várias etapas para uma pessoa ser feliz. E não é o ter fama, o ser conhecido... “Olha o Zé Manel! O gajo é um espectáculo!” É as pessoas, se for preciso, nem verem o Zé Manel na bateria, porque eu, se for tocar, é bateria. Nem sequer sabem quem é o Zé Manel! “Ah! Tá na bateria... dá uns toques!” Mas pronto, o Zé Manel também ajudou (...) a contribuir para a história da Música em Portugal. (...) O que eu quero é que as pessoas ao ouvirem a minha música se sintam bem. Estão chateadas, estão deprimidas, estão tristes, estão super-alegres, super-bem dispostas com os amigos, é pá, ponham o CD da banda do Zé Manel. E estejam tristes ou felizes... é pá, tá-se bem, estás a ver. Não interessa a raça, a cor, o nível social, não interessa. O que interessa é que eles se sintam bem.

E Zé Manel continua a acentuar a dimensão onírica de seus projectos:

O meu sonho é esse (...), dar concertos, dar aulas, trabalhar, fazer *tournées!*

Mas quais são as tuas perspectivas nesse sentido? É só um sonho ou...

É um sonho e eu desde os quinze anos que ando a trabalhar para ele (...). Só Deus sabe o esforço que eu tenho feito para eu ter a minha guitarra lá em casa, para eu ter o meu teclado lá em casa, para ter a minha bateria, duas guitarras clássicas. E pá, o meu amplificador. Se calhar as pessoas ouvem e pensam “Eh pá, este gajo tem bué dinheiro!”. Eu naquilo, noutra dia tive a fazer as contas só por curiosidade, e eu tenho ali o meu carro em 2.ª mão. Tenho lá quase mil contos empatados. Não está no seguro nem nada, por isso não digam nada a ninguém. Também não sabem onde é que mora o Zé Manel! (risos) De maneira que, nos tempos livres, e agora que estou

desempregado... ainda hoje de manhã tive a tocar bateria. Sempre a praticar, todos os dias (...). Fecho os olhos, parece que estão a bater palmas. Então, quando ponho um álbum ao vivo, hei! Até levanto os braços, "Sou eu!" Não, a sério, sonho um bocadinho. Ajuda-me a sair do meu estado deprimente que tenho andado por estar desempregado. Ajuda-me a relaxar bastante e a sair... Tipo um escape. Há quem se meta em coisas menos boas.

Quando os projectos correm riscos de capotarem, buscam-se muletas imaginárias. É o que Zé Manel faz quando se refugia na Música. Aliás, outro de seus sonhos era escrever um livro sobre Música:

Um livro sobre Música e som, o que é que é um som, desde o ruído, o timbre, os sons concomitantes, dissonantes, as vibrações, ondas sonoras, o comprimento das ondas, condensações simples, condensações mais complexas, som débil, som estéril... a história da Música, desde o primeiro vento, a primeira pontada de vento a passar no canavial, e aquele assobiozinho que se ouve, até aos dias de hoje, os computadores, os *samplers* e toda a electrónica que há (...). Pronto, são refúgios meus. Refugio-me ali, ou vou tocar teclado, compor uma obra prima. Na viola raramente agora toco, não sei porquê. Ando com apetite mais ou para o teclado ou para a bateria. Mas ainda mais para a bateria, dez vezes mais para a bateria.

Talvez Zé Manel prefira a bateria por nela poder descarregar todas as suas frustrações e angústias. A angústia surge sempre ante um horizonte desocupado de projecções viáveis, de possibilidades que não passam de meras sombras de desejos que se expressam em sonhos. Quando os sonhos se confrontam com a realidade, surge o desespero.

Estou desesperado, sinceramente, tenho 23 anos e olho para o túnel, túnel assim imaginário, e não vejo luz nenhuma ao fundo. Não tenho dinheiro no banco, não tenho casa, não tenho carro, não tenho condições para pedir um empréstimo, não tenho condições para estabelecer uma vida em comum com outra pessoa. Não tenho nada, ao fim e ao cabo. Só se eu vender os instrumentos musicais. O que é que isso me vai dar, uma coisa de mil contos. O que é isso de mil contos hoje em dia? Nada.

4. Vida de *disc jockey*: das obras à discoteca

Festo é um jovem angolano que tentou a sorte migrando para Portugal. Não corresponde ao tipo corrente de imigrante negro que aporta ao País. Festo tem consciência de fazer parte de uma elite:

A minha mãe tem a 4.^a classe e o meu pai já era uma pessoa formada, o meu pai era distribuidor de 1.^a classe dos CTT. Já era uma pessoa com um nível... Lá diz--se assim, eram os 'pretos espertos'. Sim, foram eles os revolucionários. Eu sei porque sou de uma família que viveu situações políticas e que deve figurar na história de Angola.

Se em terra de cegos quem tem um olho é rei, em terra de "chicos espertos" e "patos bravos" quem é "preto", mesmo que esperto, raramente se safa. A origem étnica arrasta uma redução de oportunidades, uma lógica de exclusão, um destino que necessariamente entorpece o jogo da vida com a sorte e o azar.

Há patrões que às vezes dizem 'vocês não descontam, vão fazer isto ou aquilo' e depois acabou. Pronto, mas nós não vamos pelos descontos, nós não vamos pelas éticas, não é? Nós vamos pelo dinheiro. E não podemos abrir muito a boca... não podemos fazer muitas fitas, senão, rua.

Há patrões que são claros para os negros. Trabalho podem oferecer, mas nada de descontos, Segurança Social, assistência médica ou contratos de trabalho. Os jovens negros com trabalhos precários sabem que não podem deixar-se ir por éticas, fitas ou protestos. A regra é não "abrir muito a boca"... "senão, rua". Fala-se muito do mercado negro, mas pouca atenção se dá à vida negra dos jovens negros do dito mercado negro de trabalho. Aliás, o problema da imigração clandestina camufla, no fundo, as políticas de emprego dos Estados receptores que actuam como porta giratória, permitindo o recrutamento de mão-de-obra barata para logo verem a melhor forma de a expulsar antes que os clandestinos imigrantes adquiram autorização de residência e de trabalho.

Festo vive menos mal do que muitos dos seus irmãos africanos. Possui o 12.^o ano, obtido em Angola, e chegou a frequentar a Faculdade de Benguela, curso de Bioquímica. Abandonou os estudos por necessidades económicas:

Razões financeiras, sobretudo, tinha que trabalhar... Tinha a minha família para ajudar, a minha mãe e outras pessoas também. Pronto, não queria que eles sentissem o meu peso e não queria depender totalmente deles, então tinha que me virar.

Festo guarda boas recordações, quer da escola, quer dos professores, tendo apreciado, sobretudo, as matérias de teor mais prático.

Muito sinceramente, sempre gostei... gosto muito de Biologia, Biologia no sentido geral, Anatomia e outras coisas mais. Tive Química também, gostei muito. As que gostava menos... Eu sempre fui menos por aquelas disciplinas de escrever muito, isso eu não gostava. Gostava era de coisas práticas, Matemática e isso, coisas com cálculo. E Biologia eu gostava porque, independentemente de escrevermos muito, eu percebia bem as coisas, eram coisas reais e estudos práticos. Adaptava-me bem a isso. Lá, sinceramente... há bons professores, eu tive muito bons professores (...). Sinceramente, foram bons professores, que me deram muitas luzes, muitas luzes mesmo.

– *E a importância da escola?*

Dou muito, muito, muito mesmo. Até posso repetir mais uma vez, muito, muito, muito mesmo, porque ao fim e ao cabo nós temos de passar por isso (...), e só nos dá luzes, não é?! Só nos dá conhecimentos... Eu digo isso porque os meus melhores momentos de toda a minha vida eu passei na escola, porque gostava mesmo... entre colegas, não só nas aulas, mas porque entre colegas um contava isto, outro contava aquilo, e nós aprendemos sempre qualquer coisa.

Festo começou a trabalhar ainda em Angola, como DJ (*disc-jockey*), a sua paixão. Conciliava os estudos com o trabalho.

Em Angola trabalhei (...) como disc-jockey, mas na altura estudava. Basicamente, a minha vida... a minha ocupação foi quase toda na escola até acabar o 12.º e nos últimos anos fazia alguns trabalhos ali... também já fui barman (risos)... depois foram... negócios que a gente tinha que fazer para coiso, né? Vendas de mercadorias e por aí fora. Fazer viagens duma localidade à outra. Apanhava-se muitas tempestades... Quando digo tempestades, digo muitos enclaves, 'isto não pode passar por causa disso ou daquilo,... burocracias ao fim e ao cabo!

Em Angola – e já era grande a sua atracção pelo Desenho – Festo começou a fazer paisagens de projectos de vida, sem saber que viria a sentir-se perdido de si mesmo nessa paisagem projectada. Festo vasculha o passado, evoca sonhos de infância – a paixão pelo desenho e pela música – agarra--se a trapos de sonhos parcialmente desfeitos. Por vezes, os sorrisos rasgados resgatam e alargam horizontes de memória; outras vezes, os silêncios trespassam as suas recordações mais íntimas. Não sei como os interpretar. Provavelmente, algum receio de que os sentimentos ocorram à revelia da memória e que, no curso do discurso, percam prumo no leito de uma fala desprendida em que desagua o próprio desfazer da sua individualidade. Aí me dou conta da ousadia que implica o acto de entrevistar, retalhando sentimentos, lembranças e julgamentos. Pondo no mesmo plano o que se diz e o que se oculta, o que se pensa e o que se faz.

Chegado a Portugal, começam as dificuldades. O percurso de Festo foi atribulado; trabalhou em muitas obras e empreitadas, obras várias para empreiteiros de escrúpulos duvidosos. Festo “queimou muita pestana” a estudar Matemática, Física e Biologia mas de nada lhe serviu o que aprendeu para os trabalhos que lhe ofereciam. Ter-lhe-ia bastado um curso de IBM (Introdução ao Balde de Massa). Festo circulava na precariedade dos trabalhos desqualificados, mas não deixou de fazer algumas coisas de que gostava e uma delas era animar noites em discotecas, como *disc-jockey*.

Quando eu cheguei cá a Portugal, em 96, foi difícil... muito sinceramente... sem armas na mão para guerreamos é mesmo muito difícil. Comecei a trabalhar como servente, não é? – numa obra de electricidade de alta tensão, mas para abrir valas... valas para montar ramais de electricidade e postes eléctricos... foi duro, né?

Um pente, electrizado por fricção, atrai a esfera neutra de um pêndulo eléctrico e faz divergir as folhas de um electroscópio descarregado. Porquê? [Dos manuais escolares, estudados por Festo]

Depois fui para uma firma, ou melhor, um subempreiteiro, como ajudante de electricista. Também trabalhei uns três meses nesta firma. Mas eu sempre reconciliei o trabalho nocturno (como disc-jockey) com o diurno... para angariar sempre qualquer coisa... para ganhar um bocadinho mais de dinheiro. Actualmente também faço isso. Pronto, estive nessa firma uns três meses, e fiquei um mês sem salário porque o patrão fugiu... Foi uma coisa um pouco triste, mesmo muito triste!

A velocidade de escape (v_e) é a velocidade de fuga da atracção gravitacional. É a velocidade a partir da qual o foguetão, lançado da Terra, se afasta indefinidamente desse astro (despreza-se a acção do Sol e outros astros). Pela lei da conservação da energia mecânica, à medida que um grave se afasta, diminui a energia cinética e aumenta a energia potencial. No infinito, a energia potencial anula-se, zero é o seu valor máximo! [Dos manuais escolares, estudados por Festo]

Depois... passando por essa experiência toda a nível de trabalho em pequenas obras, mas mesmo nas grandes obras, nota-se um bocadinho... a questão da segurança, né?, e essas coisas todas são precárias. É triste, né?, porque há muitos acidentes ocorridos nas obras porque os patrões querem que as coisas sejam assim... E de forma... pronto, posso até dizer que por respeito, não é? – talvez humilhação às vezes, nós temos de fazer aquilo que eles querem. Nós não podemos dizer que não, porque se ele for a um sítio sem capacete ou sem cinto, também tens de fazer aquilo. Se reclamares então! (Risos) Bate palmas e “amigo, olhe!” (sinal de despedimento). Têm acontecido situações dessas.

Nas reacções químicas, em geral há ligações nos reagentes que se rompem e outras, nos produtos, que se formam. Se as ligações que se rompem forem, globalmente consideradas, mais fortes do que as que se formam, então a reacção é endotérmica. Caso contrário é exotérmica. A “balbúrdia corpuscular” é maior no estado de produtos do que no estado de reagentes. [Dos manuais escolares, estudados por Festo]

Depois dessa obra fui para a ponte 25 de Abril, foi uma grande experiência que eu tive... trabalhei quase um ano, praticamente. Trabalhei como serralheiro mecânico. Trabalhei, portanto, em altas alturas, num dos pilares. Tive na fiação do novo cabo que a gente hoje vê, porque aquilo é um reforço para sustentar a ponte. E pronto, também estive na montagem das linhas de comboio... E muito antes de se montar as linhas nós tivemos de tirar as vigas antigas da ponte todas e reforçar com coisas novas. Tive lá esse tempo todo e acompanhei o trabalho como deve ser. Depois disso, quer dizer... independentemente disso tudo, eu sempre reconciliava com qualquer coisa, pinturas, também fiz decapagens (noutros sítios?) Sim, também fui ajudante de pedreiro... fazia massa também... Quer dizer, ao fim e ao cabo tudo aquilo que aparecer eu faço.

Se uma função é contínua em $x = a$ e $f(a) \neq 0$, então existe uma vizinhança de a em que o sinal de f nessa vizinhança é o mesmo de $f(a)$. [Dos manuais escolares, estudados por Festo]

(Paralelamente vais exercendo a tua actividade de disc-jockey?) Exacto, porque, pronto, tinha muito mais amigos na noite que me diziam :“Festo, olha tens um sítio para ir tocar” e eu ia, “Festo vem fazer as minhas férias” e eu ia. Mas eles não querem saber de nada, a gente chega e tal... ‘tás a pôr música e pronto. Não pedem uma justificação, nome e tal... coisas formais, não é? Acho que isso é importante, mas nunca me foi pedido.

A estabilidade de vinhos face à possibilidade de turvações devidas a sais de ferro ou de cobre – “casse férrica” e “casse cúprica” – é, em parte, garantida pela formação de complexos destes iões com ácido cítrico e ácido málico presente no vinho. [Dos manuais escolares, estudados por Festo]

Depois desse ano, na ponte, fiz umas obras numa discoteca em Lisboa que estava para abrir muito recentemente, mas, infelizmente, por outras razões esta casa não abriu. Nesta casa fiz tudo, desentupir fossas... limpei chão, paredes, pintámos, fizemos... isto foi durante dois meses, a trabalhar dia e noite. Também fiquei agarrado... o patrão nunca reconheceu os nossos esforços e pronto. (Mas não recebeste?) Não! Porquê? Nós não estávamos devidamente colectados! Mas no caso da ponte isso já não aconteceu, nunca, tínhamos sempre aquilo certo. Mas também tínhamos contratos que, pronto... eram coisas insignificantes... podíamos estar como serralheiros a ganhar

400 contos e ganhávamos 200 e tal contos quase 300... eram cento e tal contos para o desconto. Ao fim e ao cabo é uma parte que fica para eles, não é?

Cruzaram-se fêmeas de mosca da fruta, de olhos vermelhos e corpo cinzento, com machos de olhos castanhos e corpo amarelo. As 47 moscas que constituíram a descendência tinham olhos vermelhos e corpo cinzento. Esta descendência foi submetida a um cruzamento-teste destinado a verificar a lei mendeliana da segregação independente dos caracteres. O que significa segregação independente dos caracteres? Que fenótipos se esperaria na descendência do cruzamento entre indivíduos se os dois genes considerados estivessem separados em autossomas diferentes, no mesmo autossoma ou no cromossoma X? [Dos manuais escolares, estudados por Festo]

Depois dessa discoteca, presentemente estou... quer dizer já passei por algumas, né? – a gente faz sempre uns coisos (biscates)... Não abandonei as obras totalmente, não posso dizer isso, porque é tão imprevisível que essa vida às vezes... sei lá, e nós para nos virarmos, sinceramente temos muitas despesas... temos sempre que fazer qualquer coisa. Vou trabalhando no que aparece. A trabalhar regularmente como disc-jockey foi no Kissângua... Também fazia algumas coisas (pinturas, partir paredes, às vezes), mas ultimamente estava mais na discoteca e... na escola. (Recomeçaste a estudar?) O curso que eu acabei de desenhador, que comecei em Janeiro deste ano.

A trajectória profissional de Festo pode ser estudada ensaiando um modelo simples de *análise estrutural*¹³⁹ que se baseia na articulação de três níveis analíticos propostos por Barthes¹⁴⁰: um nível de “funções”, consideradas como consequências-tipo de uma história; um nível de “acções”, vistas como articulações de praxis ou perspectivas de acção desempenhadas por inter-actuantes; e um nível de “narração” que corresponde à articulação dos dois níveis precedentes e à sua integração num discurso da argumentação. Assim, de um lado temos os episódios ou sequências de um relato; depois, temos os actuantes, personagens que intervêm no desempenho dos actos relatados; finalmente, temos os argumentos, proposições destinadas a convencer o interlocutor, a defender um ponto de vista. O modelo de análise estrutural em questão

¹³⁹ O modelo é apresentado e ilustrado por Didier Demazière e Claude Dubar, *Analyser les Entretiens Biographiques, L'Exemple des Récits d'Insertion*, Nathan, Paris, 1997.

¹⁴⁰ R. Barthes, *L'Analyse Structurale du Récit*, Seuil, Paris, 1981, cit. por D. Demzière e C. Dubar, *Analyser les Entretiens...*

procura, por conseguinte, articular episódios de uma história (suas sequências) com uma estrutura de personagens (actuates), de modo a descobrir-se a lógica do discurso efectuado a um destinatário (argumentos).

Sequências	Argumentos	Actuates
* Cheguei a Portugal	Difícil, sem armas na mão	Festo parte para a guerra (da vida)
* Trabalhar nas obras (abrir valas)	Duro, né?	
*Ajudante de electricista		Subempreiteiro
* Trabalho nocturno (DJ)	Sempre reconciliei, para ganhar mais dinheiro	
* Um mês sem salário	Coisa muito triste	O patrão fugiu
* Pequenas obras	Falta de segurança, coisas precárias, muitos acidentes	Patrões querem assim
	Subordinação por respeito e humilhação, não podemos dizer que não	Fazer o que os patrões querem (sem capacete e cinto)
		Patrão despede se há reclamações
* Obras na ponte 25 de Abril	Grande experiência	Festo nas alturas (pilares) e linhas de comboio
* Ajudante de pedreiro	Tudo o que aparecer eu faço	Pinturas, decapagens, fazer massa
* Continua actividade de DJ	Solicitações de amigos	Amigos da noite Não pedem formalidades
* Obras numa discoteca	A trabalhar dia e noite	Fiz de tudo: desentupir fossas, limpei chão, paredes, pintamos. O patrão nunca reconheceu
* Vou trabalhando no que aparece	Quando há descontos: é uma parte que fica para eles	
* Voltou à escola	Para nos virarmos	A gente faz sempre uns coisos, né?

Como se vê, a trajectória profissional de Festo é marcada por uma inserção na precariedade, com uma acentuada rotatividade por trabalhos indiferenciados. Festo trabalha no que aparece e não faz grandes exigências ou reclamações. Do lado dos actuates, Festo confronta-se com patrões que, ao mínimo sinal de reivindicação, ameaçam com despedimento. Os patrões com quem Festo se tem cruzado “podem, querem e mandam”: podem fugir sem pagarem aos trabalhadores os salários devidos; podem, mas não querem reunir as condições de segurança mínimas no trabalho (uso de capacetes ou cintos protectores) nem fazer descontos para a segurança social

porque, acima de tudo, querem maximizar os lucros; a qualquer sinal de desrespeito, mandam um trabalhador para a rua. Mas, quando Festo trabalha “dia e noite”, nunca o patrão dá mostras de reconhecimento do seu esforço.

Perante este quadro de relações laborais, Festo argumenta que a vida é dura e triste, vai trabalhando no que aparece e, finalmente, justifica a ausência de reivindicações e a atitude de subordinação nas relações com os patrões, com o receio de despedimento. Os próprios amigos, quando lhe pedem alguns biscates, não cumprem formalidades. Como os trabalhos são precários, Festo vive curtos períodos de desemprego, mas vai sempre tentando reconciliar diversas actividades. Também vale a pena referir que, na sua *argumentação*, Festo dilui a sua individualidade num colectivo de explorados, ao justificar – e revelando “consciência de classe em si” – uma predisposição individual de trabalhar no que aparece, com uma atitude que é própria de todos aqueles que vivem uma situação semelhante à sua: “a gente faz sempre uns coisos, né?” – e acrescenta: “para nos virarmos”. Este *conceito sensibilizante* de vida (*virar*) ilustra as dificuldades que alguns jovens têm para contornarem os obstáculos que se lhes deparam mas, ao mesmo tempo, indica uma atitude de inconformismo perante essas contrariedades de vida e daí a urgência da “viragem”, embora se venha depois a descobrir que as viragens são viravoltas, isto é, viragens de retorno a pontos de partida. Aliás, Festo acaba por equacionar o retorno à escola, na expectativa de que, dessa feita, possa dar outra volta à vida.

Festo aprendeu a não ter medo da vulnerabilidade, como se fosse possível venerar o combate ao vulnerável. Os sociólogos têm ultimamente trabalhado o conceito de *resilience*¹⁴¹, conceito que tradicionalmente se refere a reacções positivas face à aleatoriedade. Na Física, o conceito de resiliência refere-se a uma energia potencial acumulada por unidade de volume de uma substância, quando deformada elasticamente. Festo desenvolve essa “energia potencial” sempre que enfrenta contrariedades. Mas um jovem não é elástico, a resistência tem limites quando a exploração ultrapassa os limites do suportável.

Houve empregos em que trabalhava oito horas, mas era tempo inteiro mesmo, era duro. Na ponte 25 de Abril trabalhávamos onze, doze horas. Já chegámos a fazer catorze horas de trabalho. (Remunerado?) Não, mas éramos compensados, apesar de também sermos aldrabados, dava p’ra

¹⁴¹ F. Furstenberg e M. Hughes, “Social capital and successful development among at-risk youth”, *Journal of Marriage and Family*, 57, 1995, pp. 580-592.

tapar o olho, né?! Na discoteca trabalho mais ou menos cinco horas, duas noites por semana... mas a gente faz sempre qualquer coisa, né?! Pinturas, arranjar portas e janelas, acho que tem a ver com a carpintaria, com tudo! (...) Tinha períodos de desemprego, mas não nos podíamos acomodar muito, porque temos despesas, por isso temos de ter sempre alguma ocupação, porque temos despesas para pagar. (Quanto tempo de desemprego?) Duas, três semanas era o máximo.

Em seu livro *Ulises and the Syrens*¹⁴², Elster fala-nos de um tipo de Ulisses que radica a sua fortaleza na consciência de sua debilidade (*being weak and know it*). Festo, como este Ulisses, não luta contra o destino, mas é cúmplice com o destino, da mesma forma que, em relação à sombra, é possível um qualquer pacto de cumplicidade, desde que sigamos os seus passos para melhor conhecer os seus caminhos. As formas de remuneração ajudam-nos também a perceber o peso da precariedade nas relações laborais.

Relativamente à função exercida por cada um de nós, é o número que a gente tem de fazer. Por exemplo, se a gente for servente, a gente tem de fazer muitas horas para ganhar cem contos. Se realmente formos pré-oficial, talvez as coisas andem por aí, balanceadamente, aí uns cem contos, cento e vinte. Isso relativamente às horas. Se for oficial ganha-se um bocadinho coiso, mas... Nesses empregos ganhava mais ou menos cem contos, consoante o trabalho que fazia. Na ponte ganhava pr'aí trezentos e tal contos. Agora tenho tido rendimentos um bocadinho baixos... p'raí cem contos. Agora passo recibos verdes, na discoteca tenho passado recibos verdes. Nos outros não, porque não trabalhava por minha conta. Ou trabalhava por conta do subempreiteiro... Tínhamos contratos, mas quer dizer... Por exemplo hoje a gente está a trabalhar e tínhamos contratos de 15 dias, e eles viam a gente trabalhar e tal e viam se esse rapaz interessa ou não... E no fim desses quinze dias... Muitas das vezes não assinamos nada. Íamos um dia trabalhar, e no fim, rua. (Pagavam-te?) Não. Por exemplo, já cheguei a fazer 48 horas numa firma e não me pagaram.

O que está em jogo, para este jovem *jockey*, é uma competência criativa, é um saber virar-se sem que isso signifique dar a volta à vida, é uma capacidade de convivência com o aleatório, originada por uma multiplicidade de experiências de vida, de luta pela sobrevivência, de experiências cognitivas que mobilizam quem vive imerso em situação de precariedade.

Isso é chato! Tem sido difícil para todos nós, principalmente... Há pessoas que têm de fazer tudo, há outras que, pronto, com os seus valores, as suas capacidades, os seus méritos, os seus estudos e essas coisas todas, não podem conseguir fazer aquilo que sempre sonharam. Pronto, e a partir

¹⁴² J. Elster, *Ulisses and the Syrenes*, University Press Cambridge, 1979.

daí as coisas ficam paradas, não é? Mas isso não pode acontecer sempre, porque eles têm de dar sempre uma volta; aliás, nós temos de dar sempre uma volta. Hoje em dia é difícil arranjar empregos, sinceramente, e tem sido cada vez mais difícil (...). Não falo só sobre mim, mas também falo pelos outros, é complicado. Só Deus sabe! Só Deus sabe como me desenrasco! Uma ginástica dali, outra daqui e a gente assim vai sobrevivendo...

A sobrevivência é uma transcendência, “só Deus sabe o que custa”. Os sonhos de infância sobrevivem também; aliás, a sobrevivência é menos trágica, se alimentada pelo sonho. Festo não esquece os seus sonhos de adolescente que o fizeram emigrar para Portugal, conserva na memória os rascunhos de ilusão onde traçou as paisagens dos seus projectos de vida, entre os quais, o de poder vir a ser um desenhador.

Gostaria de trabalhar no ramo que eu gosto, que é o desenho. Tirei um curso de desenho em Autocad, mais um mérito, mais uma tecnologia nova, né? Pronto, tenho lutado e feito todos os possíveis para arranjar um emprego neste ramo. Tenho esse curso de Autocad, um curso intensivo numa grande firma, a Engiform, e isso é importante, porque nos dias de hoje há muita juventude que não se dedica devidamente à escola, acham que a escola... pronto, cada um tem a sua opinião acerca da escola. Não nos devemos deixar perder (...). Um curso profissional, podia não ser de Autocad, podia ser de barman, de pedreiro e por aí fora. (...) É rezar para conseguir um emprego fixo na área do desenho, e sempre que for possível, como amante da música, dê sempre um toque...

Festo anseia por conseguir um emprego estável, de preferência na área de desenho, mas sem perder a oportunidade de continuar ligado à música, sua grande paixão. Aliás, na fala de Festo a musicalidade está presente, quer através de batidas vocais que se assemelham ao rap (“Dou muito, muito, muito mesmo. Até posso repetir mais uma vez, muito, muito, muito mesmo”), quer através de frequentes “né?” que servem de contraponto aos seus argumentos. Outras expressões usadas por Festo transportam alegoricamente o seu discurso ao universo da música, da dança, das luzes de discoteca: “*nós para nos virarmos*”...; “*se realmente formos pré-oficial, talvez as coisas andem por aí, balanceadamente, aí uns cem contos, cento e vinte*”; “então tinha que me virar”; “foram bons professores, que me deram muitas luzes, muitas luzes mesmo”.

Como qualquer disco girando, Festo gira de trabalho em trabalho, acentuando a sua precariedade, mas, à noite, na discoteca, liberta-se da onerosa existência quotidiana através dos discos musicais cujo girar faz da pista de dança um palco de rebuliço. Enquanto *disc jockey*, Festo vira outra personagem; para trás ficam as lembranças amargas de cabos de electricidade de alta tensão; valas abertas para ramais de

electricidade e postes eléctricos; negócios “para coiso, né?”; vendas de mercadorias e “por aí fora”; tempestades, enclaves e burocracias; patrões em fuga; pequenas e grandes obras; “segurança, né?, e essas coisas todas (...) precárias”; acidentes ocorridos nas obras, porque “os patrões querem que as coisas sejam assim”; humilhações, o bater de palmas do patrão e “amigo, olhe!”; o trabalho nos pilares em altas alturas, a montagem das linhas de comboio; as pinturas, decapagens, massa de pedreiro, “tudo aquilo que aparecer eu faço”; “fiz tudo, desentupir fossas... limpei chão, paredes, pintámos, fizemos”...

Uma noite fui a Kissângua só para sentir: sentir as pinturas que Festo fez nas paredes da discoteca, sentir a sua magia musical, o seu método de artista, concebendo e realizando ao mesmo tempo, quando percorre os dedos ágeis pelos cd's que vai seleccionando. Grande parte dos jovens que frequentam a Kissângua é formada por negros da periferia de Lisboa, jovens que pulsam África, que sentem na discoteca um torrão das suas origens. Torrão de terra que fermenta uma consciência marginal, estado modificado de consciência, irrupção de outras formas de consciência nos descontínuos da consciência ordinária. Kissângua é um lugar de convergência de todos os tempos: tempos de lembrança, tempos de expectativa. No gingar do corpo, os passos de dança bailam com memórias projectadas num futuro que se espelha no presente. A distensão proporcionada pela dança conjuga-se com a retenção de memórias, tomado o conceito de retenção no sentido que lhe dá Husserl, isto é, como mediação entre *instante* e *duração*. A retenção contempla heranças passadas, num testemunho que o tempo dá à vida, tornando-a mais viva de lembranças, memórias de um passado que é dado pela intuitividade do presente. Herança continuamente renovada pela retenção presente.

A dança liberta, o álcool também. Nessa libertação procura-se um outro que é consciência de si, mediação para se chegar a um desvelamento, a um conhecimento de si. Conhecimento de si, mascarado por um outro artificial, clandestino, estigmatizado, negrejado, explorado. Esse outro que é espelho, caleidoscópico a que um jovem negro se mira para se ver outro de si mesmo, para se poder conhecer, para tomar consciência de si mesmo. Numa parede da discoteca vi uma pequena inscrição que condensa toda esta filosofia: “Ouve bem! Podes ser no mundo ninguém, mas podes ser também o mundo de alguém”. Essa procura de um outro dentro de si é também a procura de uma identidade que se joga na ex-sistência (estar fora de si). Sair de si, despojo de um eu oprimido, descoberta de um sentido possível nos tantos sem-sentido que a vida tem. Ao girar CD's, Festo esquece as rotações amargas das ciclitudes do quotidiano

(trabalho--casa-trabalho), esvazia a alma de opressões para a encher de emoções, vazadura da ditadura de um modo de vida que é terreno de criações imaginativas, de ressonâncias emocionais.

Em Kissângua o negro é valorizado. A negritude da vida é sublimada como o fez Monet, de modo fascinante, ao ensinar-nos a ver o negro, deixando de o assimilar às trevas, como o faziam os pintores de Quatrocento, para o absolutizar, comprometendo-o, mesmo que em tons de cinza, com todas as outras cores, amarelos, verdes, azuis, brancos (ver, em particular, o seu quadro, *Molhe de Boulogne*, 1869). As cores são boas para pensar, dizia Sahlins¹⁴³. Desde logo para pensar como elas podem expressar, simbolicamente, outras realidades que nada têm a ver com tonalidades de cor, mas com relações de dominação.

Quando Festo exerce a actividade de *disc-jockey*, vê-se que o *idioma laboral* ganha uma dimensão estética que lhe inunda a vida, para além da esfera estritamente profissional. É como que se envolvesse numa espécie de desviação estética relativamente às formas tradicionais de emprego, o que se passa exemplarmente com a poesia – caso supremo de desviação estética – quando se constrói através de um jogo complexo de equivalências e ambiguidades, fora do “emprego” natural do idioma.

Em Kissângua, passa música africana, ritmos e sons que mexem com o corpo, mas também com a alma e os sentimentos, arte que mora e se demora nas lembranças da vida, acordes que aliviam da vida sem aliviarem as angústias da sobrevivência quotidiana, cadências de sons que, em sintonia, lutam com a monotonia da vida. No brilho do olhar de Festo, enquanto ginga levemente o corpo à cadência da música, adivinho--lhe uma expressão de burla dos escravos do tempo e dos prisioneiros dos espartilhos burocráticos.

¹⁴³ M. Sahlins, “Colors and Cultures”, in Janet Dolgin (Org.), *Symbolic Anthropology*, Columbia University Press, New York, 1977.

5. Mendigando carrinhos de supermercado

Rondam clientes de supermercado, esperando que descarreguem nos porta-bagagens dos veículos estacionados as compras feitas. Quando sentem que o carrinho do supermercado está quase descarregado, aproximam-se, olhar profundo e ansioso, mendigando o carrinho das compras e a moeda que se solta da ranhura logo que o atrelam à fileira dos carrinhos que esperam novos clientes.

Rui e Francisco são dois jovens toxicodependentes que, neste mendigar de “carrinhos”, buscam a sorte possível, uma moeda de 50\$00 aqui, uma moeda de 100\$00 ali, entre uma e outra moeda, pés que se arrastam no solo de uma sobrevivência arrastada, sofrida, esmolada. Rui faz carrinhos no Carrefour de Telheiras e no Colombo. Francisco é assíduo do Jumbo de Alfragide. Rui tem 21 anos, nos estudos não foi além da 4.^a classe. Nasceu na pobreza. Tem 12 irmãos. A mãe, com 50 anos é doméstica; o pai faleceu há 4 anos, tinha 60 e era trolha de profissão. Francisco tem 24 anos, chegou ao 9.^o ano da escolaridade, o pai era fiel de armazém, agora faz biscates, a mãe faleceu-lhe ainda era menino.

Na expressão facial de Francisco descobrem-se marcas de um tempo que, mais veloz que o tempo objectivado pelos ponteiros do relógio, lhe vai arrancando dentes, enrugando a pele, mingando os músculos, arqueando o esqueleto. Por isso, puseram-lhe a alcunha de *Chico Palito*. Quando andava na escola, até nem era mau aluno, mas as “más companhias” arrastaram-no para a “má vida”. Reprovou dois anos seguidos, por falta de aproveitamento escolar e por faltar às aulas. Os professores acusavam-no de ser fonte de distúrbios, o que alguns sociólogos traduzem por comportamento de tipo “disfuncional” ou “desviante”, tão preocupados que estão em explicar esse comportamento à luz da teoria dos “múltiplos défices”, provindos de disfunções cerebrais, dislexia, disgrafia, dislalia, discalculia, disortografia e outras que mais.

Francisco começou então a interiorizar o estigma de fracassado, dando razão àqueles outros sociólogos que protestam contra os defensores do *fracasso inato*, contrapondo-lhe o fracasso socialmente produzido. Fracasso puxa fracasso, numa sucessão que debilita, desqualifica. Através de um jogo de compensações, Francisco procura outros centros de interesse, outras fontes de prestígio, outros espaços de

afirmação. Passa ele próprio a rejeitar a escola e os professores¹⁴⁴ e a interiorizar o estigma de burro: “não tinha cabeça para os estudos”. Esta “deficiência cultural” foi estimulada por acções compensatórias: as faltas e más notas no final de cada período eram traduzidas em “tabefes” do pai, entremeados por ameaças do género “se não estudas, vais trabalhar”.

Francisco começou a ter problemas em casa, as ameaças concretizaram-se e acabou por abandonar a escola, já que os tabefes não eram suficientemente dissuasivos. Ainda fez alguns ganchos – distribuiu pizzas e fez serviço de pacote – mas acabou por se *engancha* na droga. Ao princípio, pensava ser fácil controlar o desejo. O pior foi quando o desejo passou a ser controlado pelo vício. Quando se dá a iniciação ao consumo da droga é frequente que um jovem pense que “está tudo sob controlo”. Vive-se uma sensação de auto-domínio que origina a crença de que em qualquer momento se pode parar, logo que se queira. Auto-domínio cuja prova decisiva se projecta para o futuro, “um dia, quando quiser, paro”. Prova que sucessivamente se vai adiando para um amanhã que, logo que chega, se transforma em depois de amanhã. Agora, Francisco ganha e perde a vida por uma *picada*. Começou com amigos *caninos*, *snifando* droga, sempre a cheirar, como os cachorros; agora é um *farpa*, sempre a *espetar* (seringas). De poucas falas, e olhando-me com serenidade, atira-me: “Sou dependente, eu sei, e os outros que são?”.

O que são? O que são? Os outros são demasiadamente sóbrios para te perceberem, assim às primeiras. Mas sabem, iluminados que são (ou julgam ser), que desde Rousseau a característica mais importante do ser humano é a independência, sem a qual não há liberdade. A liberdade significa não estar submetido a necessidades para cuja satisfação se precisa depender de outros. Provavelmente, Francisco, querias-me dizer que, em sociedade, todos dependemos de todos. Os próprios polícias, políticos, sociólogos e terapeutas dependem de jovens como tu, Francisco, para legitimarem um trabalho, uma razão de ser, um meio de vida que seria outro se não existissem toxicodependentes. Só que a maior parte deles pode eleger a sua dependência e é nessa capacidade electiva que reside a sua independência. Um adulto pode escolher entre viver amarrado a um emprego, a um matrimónio, às letras da prestação do carro.

¹⁴⁴ Há uma vasta literatura sociológica sobre a resistência dos jovens à escola. Veja-se: Paul Willis, *Learning to Labour. How Working-Class Kids Get Working Class Jobs*, Saxon House London, 1977; Peter McLaren, *Schooling as a Ritual Performance*, Routledge & Kegan Paul, London, 1986; Daniel Liston, *Capitalist Schools. Explanations and Ethics in Radical Studies of Schooling*, Routledge, New York, 1988.

Em contrapartida, para um jovem toxicodependente não é fácil eleger a sua dependência, não é Francisco?

Entre a fase canina e a da *farpa*, Francisco passou por uma fase intermédia de consumo em que o prazer que outrora tinha a cada retomada se transformou progressivamente num aliviar de dor a cada recaída. Ao princípio, o desejo não se traduz em necessidade, mas o prazer torna-se cada vez mais necessário. Depois, com o incremento do consumo, o prazer é secundarizado pela necessidade de se evitar o sofrimento. Uma dose mais, e sempre mais uma, é uma necessidade vital para uma espécie de mínimo existencial. A droga deixa de ser opcional e passa à categoria de indispensável.

Já em plena fase de *farpa*, a tia levou-o ao psicólogo, porque não o via bem. Ele, por seu lado, não via bem que a tia o levasse ao psicólogo, mas condescendeu, depois de algumas resistências iniciais. Francisco não me explicou a aversão aos psicólogos. Apenas sugeriu que achava que não tinha “problemas psicológicos”. Ou seja (dedução possível), não teria sido por “problemas psicológicos” que havia caído na droga. Então (dedução derivada), se os “problemas psicológicos” não eram causa do vício, não custa admitir que Francisco tivesse dificuldades em ver qual o sentido de sua ida ao psicólogo. Talvez que os “problemas psicológicos” fossem uma consequência, não uma causa. O psicólogo esforçou-se por o convencer de que não era um viciado, apenas um enfermo. Tanto lhe dava, mas acabou por aceitar a sugestão do psicólogo, já que a enfermidade é uma explicação da toxicodependência mais optimista do que a do vício e o optimismo facilita a crença na mudança, ou seja, a cura.

Mas a cura não está ali à espera do enfermo, ao virar da esquina do consultório do psicólogo. As tentativas de limpeza foram apenas anunciadoras de recaídas sofridas. Em vez da cura, Francisco encontrou-se envolvido no consumo de *crack*, primeiro em pasta-base, depois em pó, esfarelado com o manejo e misturado com maconha em cigarros manufacturados para o efeito. Noites lembradas, nas praias da Costa da Caparica, com brasileiros e africanos, cachimbos improvisados feitos de antenas de carro, cargas de esferográfica, copos de iogurte ou de gargalos de garrafa de água mineral. Muita *pedrada*, bom *jumbo* (pedras de boa qualidade).

Foi numa altura em que se envolveu no pequeno tráfico. Os riscos de *ir de cana* (ser preso) eram elevados, mas os ganhos também, as habilitações requeridas mínimas, e os horários flexíveis. Era um *tacho* de *submundo*. Depois havia a fidelidade da clientela, entre a qual os que, a troco de algum bónus, angariavam novos consumidores. Foi

assim que começou sua vida de pequeno traficante. E foi assim que acabou por *ir de cana*. Literalmente, pescado. Oportunidade para se envolver com pesca graúda, na universidade do crime. Não deixou de consumir. E recordou os tempos da prisão, do tédio, da batota, da revolta.

Voltado da prisão, Francisco regressou à aventura e à batota da vida. Baralhou ideias, decidiu partir para outra, distribuiu ilusões, aparelhou trunfos, insinuou jogatanas, biscando aqui e acolá, como se a vida fosse um naipe de biscates. Mas o jogo da vida continuava persistentemente em baixo, deitando por terra as leis da probabilidade que, se funcionassem, lhe abririam tanto as portas da ocorrência do azar como as da sorte. Com os amigos, quando se juntavam para jogarem à *lepra*, um velho hábito adquirido na prisão, aí a lei das probabilidades funcionava, jogava forte e tanto perdia como ganhava. Ao jogar à batota sacralizava o gratuito, mas também o poder do aleatório em relação ao qual a sua vida aparece submetida. Na batota busca-se dinheiro fácil, mais do que isso, como a própria designação de *batota* sugere, busca-se uma anulação das regras que fundamentam o sistema convencional de trocas económicas regido por uma ética imperativa: a todo o esforço corresponde uma recompensa, a todo o investimento um lucro. É nisto que a batota é subversiva, ao propor uma conversão singular, a sobrevivência através da subversividade.

O futuro é a única temporalidade onde se podem emendar os erros. O pior é quando o passado não dá possibilidades ao futuro. Do mesmo modo que não nos podemos banhar duas vezes no mesmo rio, nem comer cru o que já foi cozinhado, também não podemos voltar atrás e recomeçar a vida. De revés em revés, Francisco viu cada vez mais a sua vida degradar-se. Encontrar trabalho passou a ser uma miragem. Antes de mendigar *carrinhos de supermercado*, arrumou automóveis, pediu dinheiro na rua, no metro, à porta de igrejas. Quando o questionei sobre se as esmolas compensavam respondeu-me que não, reforçado com um aceno abanado de cabeça: aquele te deu, estoutro te dá, bem haja quem do seu não dá. Ao esmolar a sobrevivência à porta das igrejas, Francisco punha à prova a piedade cristã, viu que muitos davam o que podiam, mas também viu mais ingratos que sapatos. O insucesso no esmolar cedeu passo às tentações de roubar. O roubo como consequência de uma falsa piedade cristã? Pecado gerando falso pecado? Violentos, os jovens delinquentes? Ou vítimas da indiferença, a mais violenta das violências?

Francisco andou também pelo Parque (Eduardo VII), vendeu favores sexuais, em terminologia da moda dir-se-ia que foi *vítima de exploração sexual*. É interessante

verificar que a vitimização de um jovem se define essencialmente a partir da conduta do jovem. De vez em quando há alusões vagas à conduta dos agressores, mas passam despercebidas, são tornadas invisíveis pela censura social, hipocritamente correcta. As respostas institucionais à vitimização dos jovens incidem exclusivamente sobre eles quando são encerrados em qualquer instituição de reabilitação. E os agressores? Os malfeitores? Os verdadeiros culpados da exploração sexual dos jovens? Ao que assistimos é que as medidas de prevenção, protecção e reabilitação tendem a ser coercitivas e punitivas apenas para os jovens, são medidas baseadas numa discriminação de idade. Quando um jovem sai de uma instituição de reabilitação e se vê abandonado na rua, o seu estatuto transforma-se imediatamente: de vítima passa a transgressor, de ser vulnerável a delincente. Um jovem acaba por ser rotulado de delincente em razão de uma situação que o vitimiza.

Francisco vive agora das migalhas que o presente tem para lhe oferecer. O futuro não lhe interessa, passado nunca o teve, mesmo quando o busca nas dissidências da vida. Apenas lhe parece ter sido dado um destino, sombras de determinações dadas por razões que se aparentam com leis sociológicas. Francisco não se preocupa com o futuro. No seu olhar vidrado adivinhamos um lema de vida: “por falta de interesse fica cancelado o amanhã”. A morte mais temível não é aquela que o espera, mais dia menos dia, mas aquela que o impede de viver quotidianamente.

Como outros jovens, Francisco vê-se apanhado por um *double-bound*: por um lado, há quem desejasse forçar estes jovens marginais a trabalhar como condição necessária de fuga à marginalidade; por outro lado, as estruturas convencionais de emprego persistem na sua rejeição. Então, a estes jovens nada mais resta que a vagabundagem, converterem-se em errantes de uma vida errática. Os sistemas de protecção social não os alcançam. Os trabalhadores encontram-se ou não protegidos em função da sua integração nas estruturas produtivas. A um trabalho estável corresponde um determinado número de garantias assistenciais que “protegem” o trabalhador do risco de doenças, acidentes, desemprego. Os sindicatos lutam por isso. Mas os desempregados de longa duração, os marginais, não se encontram sindicalizados, os sindicatos não olham por eles.

Francisco responde-me com longos silêncios. Nesses silêncios parece morarem memórias de vida que ele não relembra ou não quer relembra. Em qualquer dos casos, as palavras são instrumentos vãos de comunicação, indescritores do que a vida escreveu por linhas tortas. Chegou-me a dizer que conheceu a mãe e provavelmente

não se lembra dos beijos que ela lhe terá dado. Sabe-se que ficou órfão, por abandono ou por morte, tanto faz, e a tanta clarificação não é necessário chegar. Com Francisco aprendi que podemos fazer entrevistas sociológicas, entrevendo o muito que o silêncio diz e o olhar comunica. O olhar que de Francisco parece retardar-lhe a sensação de estar vivo. Mas, de vez em quando, olha obliquamente e, de golpe, não se sabe bem o quê: um carrinho de supermercado atestado de compras cuja moeda perdeu por culpa da entrevista? Alguém de quem está à espera? Puro gesto de enfado?

Francisco dá mostras de impaciência, possivelmente está em fase de ressaca. Despeço-me e afasto-me lentamente, enquanto ele gira em sentido contrário, num arrastar de passo, lentamente apressado. Quando lhe dei algum dinheiro, ofereceu-me um sorriso disfarçadamente sardónico que lhe deformava a boca e punha a descoberto dentes escurecidos e esburacados de cáries de heroína. Reparo nas suas roupas rotas de sonos mal dormidos; parece ter saído de uma violenta briga de rua, calças folgadas à cintura de um estômago de fome, seguras com um cinto de cordel. Os sapatos, sola desligada do couro, também têm fome (há mais ingratos que sapatos...), o dedo do pé esquerdo não deixa perceber se a sua nudez se deve a buraco de meia ou a ausência da mesma. Vejo-o desaparecer na volta de uma esquina, de uma esquina de vida na qual o que se tem é apenas uma vida jogando com a morte. Ninguém sabe o que é a droga antes que sinta a angústia da falta dela.

Rui é mais falador do que Francisco, embora recorra a frases curtas, directas, incisivas.

(Que fazes?) Neste momento sou arrumador de carros. (De carros de compras?) – Sim, sim. Destes carrinhos de compras... É a arrumar carros. (E como é que fazes, abordas as pessoas?) – Pergunto se querem ajuda para levar as compras para o táxi ou para o carro ou, pronto, para o autocarro. Normalmente, muitas querem e muitas não querem. As que querem eu ajudo e dão-me sempre qualquer coisa a ganhar.

Rui fez a 4.^a classe, transitou para o 1.^o ano, mas não passou daí. Levavam--no à escola, mas fugia sempre. Como tinha doze irmãos, foi viver com uma tia – “A minha tia sim, deu-me respeito, dava-me com o chicote todos os dias e não era pouco!”. Mas da escola não queria saber. Voltou para casa da mãe, continuando a não “atinar” com

a escola. Os pais internaram-no então num colégio, de onde fugia frequentemente. Passou a “externo”, estatuto que mais lhe agradava.

(Porque é que começaste a faltar à escola? Arranjavas outras coisas para fazer?) – Pois era, vadiagem, andava aí dum lado para o outro, só ia era vadiar, olha, não ligava à escola. (Sozinho ou com...) Sozinho... acompanhado, era mais acompanhado com os amiguinhos (risos). A 4.^a classe fiz só até meio e disseram-me que me passavam na mesma e passaram-me. Não fiz a 4.^a toda, fui a meio e nunca mais fui à escola. Quando saí da casa da minha tia, depois aqui é que me internaram e disseram que como eu não tinha acabado de fazer a 4.^a que me passavam para o 1.^o ano na mesma (...). Só que eu não liguei, fui um dia ou dois e não fui mais (...). Deixei a escola porque quando estava em casa da minha tia (...) ela de vez em quando punha--me a vender bonequinhos (...). Olha, deixei a escola também mais precisamente por causa dela, tava-me sempre a bater.

Vendia bonequinhos, bonequinhos de um lado, obrigações escolares de outro. Trocou a escola pela rua e desta fez a escola da vida. É curioso. Proíbe-se o trabalho infantil, mas não se proibem as condições de penúria económica que levam as crianças, como o Rui, a terem de trabalhar, para ajudar à sobrevivência familiar. Há jovens que, pela idade, não deveriam trabalhar. A legislação enquadra-os como dependentes. Mas muitos jovens não têm nenhuma instituição ou pessoa fiável de quem depender. Qualquer coisa está mal no entendimento do trabalho infantil quando as crianças são referenciadas de “vítimas” e se menosprezam os factores que provocam a sua vitimização.

Depois de algumas aventuras, Rui tentou assentar, começou a trabalhar em carpintaria, tinha já 17 anos:

Sim, sim, a fazer caixotaria. *(E estiveste quanto tempo a fazer isso?)* Tive uns quatro ou cinco meses, já não tive mais. E até era um bom horário, das dez da manhã até ao meio-dia e meia, depois pegava à uma e meia e saía às quatro. Era um bom horário... *(E ganhavas bem?)* – O ordenado mínimo. Já com alimentação, já tudo... *(E tinhas um contrato?)* – Não, não. *(E trabalhavas para quem?)* – Era estilo oficina, era no Campo das Cebolas, era para uns senhores. *(Depois disso, o que é que fizeste a seguir?)* – Ora, depois daí saí, vim para aqui, comecei a andar aí dum lado para o outro, olha, acabei por cair na vida que caí, olha, até hoje. *(Nunca fizeste outro trabalho?)* – Fui uma vez para a padaria, tive lá também pouco tempo, um mês se tanto. *(Mas a fazer pão mesmo?)* – Sim. *(E aprendeste a fazer pão ou eras só...)* – Alguma coisa, era ajudante ‘tava a aprender. (...) Era durante a noite, entrava para aí à meia-noite, saía às seis da manhã ou às sete. *(Outras coisas que tenhas feito?)* – Às vezes faço biscates, faço. Pessoas que me pedem, querem mudar coisas para outra casa ou assim. Ainda um senhor há pouco tempo no Colombo pediu-me, até me deu o número de telefone para quando eu quisesse telefonar, e arranjar mais

um ou dois que precisava... (*Para fazer mudança?*) – Pois. (*Então também estás no Colombo?*) – Sim, só vou para o Colombo é quando isto (*Carrefour de Telheiras*) fecha na parte da tarde. Isto fecha à uma da tarde aos domingos e feriados e assim vou até lá abaixo passar o resto do dia.

As dificuldades de inserção profissional geram subculturas “desviantes” e bolsas de marginalidade social: temporais nuns casos; definitivas, como no caso do Rui. A exclusão do trabalho traduz-se em exclusão social. Rui não tem amigos porque os amigos da droga, sustenta, não são amigos.

(*Tens amigos?*) – Alguns... os de lá do bairro. (*Os teus amigos são os de lá do bairro onde tu crescestes?*) – Sim, sim... (*E continuam a ser os teus amigos?*) – Amigos, amigos da rua! Amigos não é aquilo, porque amigos da droga... na droga não há amigos! Não há mesmo! (*O que é, que fazem esses teus amigos lá do bairro?*) – Muitos trabalham, muitos não trabalham, tão lá no bairro... Olha os amigos desta vida... (*Tens muitos amigos que fazem mais ou menos a vida como tu?*) – Sim, muitos que fazem porque muitos outros já foram mesmo amigos e agora, se for preciso, hoje em dia não são porque não se meteram na vida em que eu me meti e eu meti--me, olha, já nem me ligam se for preciso... (*E estes com quem estás aqui?*) – Isso são os que andam na mesma vida que eu.

Vida de quem não encontra outros marcos de referência e de identificação que os do próprio submundo em que sobrevive. Rui conta apenas com a compreensão de pessoas anónimas, e é na base dessa compreensão gratuita que os territórios da sobrevivência, apesar de miseráveis, se tornam suportáveis.

As pessoas mesmo é que me comprem a comida. Normalmente gostam mais de dar comer em vez de darem dinheiro, pronto, dinheiro já sabem para o que é... por isso é que... Muitas dizem logo: “Queres comer? Anda lá dentro que eu dou-te de comer.”

Da família não recebe qualquer apoio, aliás, nunca sentiu grande aproximação dos familiares, a não ser pancada. Quando lhe perguntámos se os pais eram bons para ele, respondeu, baixando a voz: “Eram... mais ou menos”. As palavras de Rui soam a semânticas múltiplas no claustro da descontinuidade da sua resposta quando, ao relembrar o passado, se imobilizou em “eram”... a que acrescentou, depois de um compasso de espera, um ambivalente “mais ou menos”. Gostaria de te dizer, Rui, que alguns sociólogos não teriam dúvidas em caracterizar o teu discurso como típico de “código restrito”. Diriam eles que, para te fazeres entender, não necessitas de grandes elaborações linguísticas, por isso usas frases curtas, frequentemente inacabadas; e, imagina, dar-se-iam ao trabalho de aplicarem programas informáticos (*Nudist,*

Ethnographer, etc.) ao teu discurso, para concluírem que fazes um uso simples e repetitivo de conjunções; recorres ao uso estereotipado de um número limitado de adjectivos e advérbios; usas frequentemente pronomes impessoais como sujeitos das frases; recorres ao uso habitual de uma afirmação simultaneamente como argumento e conclusão; enfim, transformariam o teu discurso em clichés linguísticos. Mas, vou-te dizer, desconfio de que muitos desses sociólogos ficariam sem saber como interpretar a tua vacilação quando, perante a questão de saber se os teus pais eram “bons para ti”, respondeste, baixando a voz: “Eram... mais ou menos”.

Os sociólogos e outros quejandos peritos – tu imaginas, Rui – usam “códigos elaborados”, empregam uma linguagem empoladamente explícita, com significados “potencialmente elevados”, que expressam conhecimento, e mais do que isso, conhecimento produzido por uma individualidade. Em contrapartida, Rui, tu expressas uma experiência – vivida, sentida, sofrida – que, ao contrário do conhecimento, não se transmite facilmente. Por isso, usas expressões elípticas, embaraças os programas de computador que não sabem como interpretar as tuas reticências. Aliás, os programas de computador desconhecem que as palavras não dizem o que deveriam – umas vezes são de mais, outras de menos. O teu laconismo, Rui, é um laconismo próprio de um discurso que recusa o verbo eloquente, na exacta medida em que a eloquência do verbo distanciaria exageradamente o discurso do curso da vida relatada.

Baixando os olhos e a voz, disseste: “eram... mais ou menos”. A imobilização da palavra e do olhar exprime, afinal, uma suspensão de sentido que sociologicamente importa revelar. O mesmo acontece com a toxicodependência. Ela também corresponde, muitas vezes, a uma suspensão de sentido, a uma evasão de vida originada pelo sem-sentido que ela tem. A toxicodependência suprime faltas, nomeadamente de laços afectivos. Por isso mesmo, as drogas são um lugar de refúgio, de suspensão de angústias, onde se sobrevive, onde se desencadeiam pequenos gozos de intensidades profundas que atenuam profundas ausências. Os laços de dependência dos jovens em relação às drogas deveriam ser entendidos pelos pais desses jovens como laços de aceno para que lhes prestem mais atenção. Um jovem toxicodependente acaba por chamar a atenção dos pais ao fazer-se alvo de preocupações e de concessões. Nestes termos, os laços de dependência em relação às drogas entrelaçam-se com outros laços, laços quebrados, de afectos familiares desatados, afectos que os jovens gostariam de ver presentes. O jovem abandonado (desenlaçado) inverte então papéis: ao ligar-se à droga, ao abandonar-se nela, passa

a ser ele o protagonista do abandono – desprezando a família que eventualmente o despreza, ainda que involuntariamente.

Eu penso, Rui, que os toxicodependentes como tu têm também o seu lado de heróis. Eles chegam a um “beco sem saída” por causa de uma recusa tenaz em aceitarem quem os rejeitou, em se integrarem numa sociedade que não lhes deu saídas. Haveis escolhido a vossa própria saída. Pensando bem, se calhar não sois os mais deficitários frente à sociedade, mas aqueles que mais violentamente reagem a ela. Neste sentido, seria importante não fazer cair no registo “assistencial” – abadias dos tempos modernos – itinerários que, antes do mais, correspondem a rupturas existenciais. Muitas vezes se pensa que as drogas são um problema. Não são. São apenas uma má solução de problemas mais graves com que os jovens se enfrentam. Por isso, são de curto alcance as medidas políticas que procuram solucionar o “problema da droga”, à margem dos problemas reais que a causam.

Não há toxicodependência que dependa de um único factor, de uma causa única. Por ser arcaica, consolidou-se a ideia de que os jovens entram nas drogas por “más companhias”, por “perda de valores sociais”, etc. Explicações desta natureza não ajudam a explicar o fenómeno, porque a sua evidente parcialidade contribui para a camuflagem de outras causas, igualmente relevantes. São conjunções contingentes de factores heterogéneos que acabam por engendrar uma propensão para a toxicodependência. A dependência em relação às drogas é, muitas vezes, uma dependência em relação a um presente alheio a qualquer valor que o supere. Rui, como outros toxicodependentes, trabalha para o presente, o que ganha é para o consumo do dia-a-dia. Não poderia viver recebendo ao mês. Por isso abandonou os trabalhos de caixotaria e padaria.

(Porque é que deixaste esses trabalhos?) – Foi por causa da vida em que me meti, olha, comecei-me a desmazelar. (Então foste despedido?) – Não, por acaso até não, por acaso até me vim embora de todos eles. (Mas porquê, não gostaste, não tinhas paciência?) – Não tinha, não tinha para... não tinha a minha dose olha... Saí. Só pagavam ao fim do mês, precisava de dinheiro era todos os dias e é por isso é que eu ando aqui também. Estar-vos a enganar para quê?

A toxicodependência, nomeadamente em relação às drogas duras, vê-se precedida, quando não perseguida, por uma obturação do futuro. A saída dessa dependência só seria possível se os jovens toxicodependentes sentissem que as suas vidas têm um sentido, que o futuro é transitável, que os seus rumos podem ser construídos ou sonhados.

Eu já me sinto farto desta vida, mas não tenho como... não tenho ajuda, não tenho nada, eu tar a sofrer... Já me disseram para ir a muitos centros de recuperação, só que é a mesma coisa que me fechar num quarto em casa e... Não dá, sofro na mesma! Sofro na mesma... (*O que é que te imaginas a fazer daqui a um ano?*) – Depende da vida, vai andando para a frente, dia-a-dia, olha. Sei lá se, daqui a bocado, se me levam... Se ninguém fizer nada por mim, eu também já tou a ver que não faço, porque eu sozinho só se me, como eu disse há bocado, só se me fechar num quarto em casa e não sair de lá mais. Só assim. E que sofra, e que sofra mesmo, porque quando a gente não tem a dose logo de manhãzinha para dar, eu é que sei o que é que sofro. (*Não vale a pena o sacrifício e tentares sair disto?*) – Eu até bem queria sair disto só que... como eu disse há bocado, já me convidaram para muitos centros de recuperação para estar lá a sofrer, se for preciso sem medicamentos... (*Quem é que te convida?*) Muitas pessoas aqui já me disseram, já me disseram para ir à Igreja do Reino de Deus... o centro de recuperação que é os Narcóticos Anónimos ó que é... (*O sofrimento não valeria a pena para um futuro melhor?*) – Sim, se fôssemos a ver era capaz de compensar, mas já há uns aninhos que ando nisto sei que vou sofrer e vou sofrer bem. Se não tiver pelo menos medicamentos, ao menos que tenha os medicamentos todos para as dores, para os arrepios, para aquilo que temos que deixa a gente inquietos.

E se a toxicoddependência fosse uma “auto-medicação” para um mal-estar de desejo? E se ela correspondesse a uma tentativa de preenchimento de um vazio, tanto mais vazio quanto mais determinado pela ausência de afecto? Vem de Freud a associação da toxicomania à ideia de *substituição*. Importaria aprofundar esta eventual correlação. Na teoria freudiana, os sintomas são fruto de representações recalçadas ou de ocorrências que lhes dão origem. No caso da toxicoddependência, estaremos também perante alguma manifestação de recalçamento, de insatisfação, de insucesso? Que anseios, dores ou vazios encobre o gozo químico? Será a toxicoddependência o “luto” dessas dores e vazios? Uma forma de pressionar, artificialmente, estados depressivos?

Falamos de *luto* no sentido freudiano de reacção à perda de alguém ou de algo que funcionava como meta ou ideal para um jovem, antes de se envolver no mundo da toxicoddependência. *Luto* também no sentido de uma mancha escura com que se envolve a vida e que pode significar um desinvestimento em relação a ela, sintonizado por estados depressivos que a seu montante têm um “trabalho de luto”. Luto que é sempre um buraco provocado por uma presença ausente, por uma ausência inalcançável, por um desapego crescente. Ao Rui não lhe podemos devolver afectos familiares que nunca teve. Luto de ausência jamais presente.

(*E se agora vos dissessem que não vos querem aqui, a arrumar carrinhos?*) – Quando eles não nos querem aqui a gente vai sempre para o passeio, ali para o passeio. (*Mas se fosse proibido o que é tu ias fazer?*) – Eu neste momento como ando a pedir... não sei, depois logo se veria...

Os hipermercados dos carrinhos estão cheios de literatura com muitas receitas para triunfar na vida, mas que nada dizem sobre as angústias do fracasso. Aceitar o fracasso, dar-lhe um lugar e uma forma na história pessoal é algo que pode sofrer-se subjectivamente, mas raramente se comenta com os demais. Sem ilusões, Rui vive apenas o dia-a-dia que é a ilusão de quem não pode ter ilusões. Como cortar os laços de dependência com a droga deste e de outros jovens? Possivelmente, criando outros laços de envolvimento, fazendo com que a realidade do futuro seja navegável pelos jovens e que estes se deixem navegar por ela. Não é fácil para quem, como o Rui, não acredita no futuro, nem na própria vida:

Eu, andando assim nesta vida, penso eu que, sei lá... sei que isto não é vida para mim nem para ninguém mas... Se continuar assim, nem duro muito tempo, ai não duro não.

São vários os caminhos que conduzem ao mundo da droga e são vários os de saída. A toxicodependência é uma rede de malhas estreitas da qual os jovens têm dificuldades em se libertar. Para romper essa rede valem todos os caminhos, já que os nós dessa rede são de natureza diferente. Cada caminho pode romper um nó. Todo o caminho de saída pode ser inclusivo.

6. Um tacho na política?

Vários foram os jovens que encontramos com *tachos* – ou na política ou ocupando lugares interessantes no mundo empresarial, que cunhas influentes tornaram disponíveis. No entanto, em regra, esses jovens não quiseram ser entrevistados, possivelmente por temerem pôr a descoberto o cozinhado do tacho, revelando arranjos culinários e condimentícios que são o segredo de um bom tacho.

Teodoro é um jovem universitário, 22 anos, filho único. A mãe é professora e o pai director comercial. Estudante de Ciência Política de uma universidade privada, Teodoro começou a trabalhar há ano e meio, numa agência de telecomunicações pertencente ao grupo empresarial onde o pai trabalha. Foi através de uma *cunha* do pai que conseguiu a ocupação, o que mostra que família e mercado de trabalho são instituições reguladoras dos processos de distribuição de posições sociais na estrutura social.

Tinha lá uns conhecimentos e foi assim, era um trabalho que me despendia pouco tempo (...). Aliás, é só ao fim-de-semana. Dá algum jeito. Pronto, e é atendimento ao público.

E porque é que decidiste ir para lá?

Decidi porque a vida claramente que eu fazia, a estudar no ensino superior, não se coadunava com o que o meu pai achava que devia pagar, ou que pagava; portanto, resolvi, permite-me ser eu a pagar a universidade e tirar esse encargo aos meus pais, é basicamente isso.

E quantas horas trabalhas por dia?

Trabalho dois dias por semana, catorze horas por dia.

Quanto é que recebes e de que forma?

Ora bem, recebo uma média de cento e quarenta mil escudos por mês e tenho um contrato por três anos, renovável todos os anos.

Falando do primeiro rendimento que tiveste, lembras-te do que fizeste com ele?

Lembro-me perfeitamente, gastei em copos e jantares (risos) e a pagar a universidade, claro.

Quando questionado sobre os problemas vividos pelos jovens portugueses no mercado de trabalho, Teodoro adopta uma posição etnocêntrica, considerando apenas os problemas que respeitam aos jovens universitários:

O que é que tu pensas hoje do mercado de trabalho?

Bom, vejo essa questão como, claramente, uma falta de cursos institucionalizados. Ou seja, a mim parece-me que as escolas do futuro serão as escolas politécnicas desde que elas não tenham a ambição clara de ser universidades, que é o que elas têm. Acho que as pessoas, hoje em dia, com a desmesurada ambição de terem um curso superior, e o próprio incentivo das famílias a tirar um curso superior, acho que é importante as pessoas terem um curso superior, e todas as que

quiserem têm direito a isso. Só que as pessoas vêem a universidade como um curso profissional, uma preparação para a vida activa e eu não encaro a universidade minimamente como um curso profissional. É virada claramente para a investigação, para a procura de novos conhecimentos e novas formas de saber, e as pessoas, depois, ao saírem da universidade, ficam um bocadinho perdidas. Cursos como... se calhar os cursos até mais virados para a actividade na sociedade civil, como o Direito, estão tão sobrecarregados de pessoas que chega-se ao mercado de trabalho e claramente não dá para todos e depois essas pessoas não têm que fazer. Por exemplo, eu se acabo o curso, eu estou a tirar o curso de Ciência Política, acabo o curso como cientista político, no mercado de trabalho duvido que haja um cargo, uma posição específica para cientistas políticos ou uma tarefa que eles possam desenvolver. Acho que passa um bocadinho por aí.

Tentámos que Teodoro reflectisse no problema do emprego juvenil de uma forma mais genérica, nomeadamente por referência aos jovens que vivem situações de maior precariedade, mas Teodoro persistiu em continuar a falar dos problemas sentidos pelos jovens universitários. Nos seus argumentos, recorre a contrastes políticos para realçar o poder do mercado de trabalho, como decisivo na capacidade de gerar ou não emprego.

E o que é que tu achas dos problemas que hoje afectam muitos jovens, da precariedade dos mercados de trabalho?

Isso passa também pelo mercado global em que vivemos hoje. Quer dizer, hoje em dia, é quase tão indiferente contratar um técnico português ou um técnico espanhol, ou um técnico britânico, porque no mercado global vivemos, ou seja, e isso passa pelas universidades que nós temos que não nos dão uma formação global, e nós, se calhar, preferimos um espanhol para fazer determinado tipo de coisas e depois posso vir aqui falar de emigração que não é o caso. Os emigrantes não estão claramente a tirar trabalho aos jovens, não vou ser aqui quase nazi, passe a expressão. Não estão a tirar o lugar aos jovens, mas nós também não podemos ser soviéticos ao ponto de fazer a formação das pessoas através de numerus clausus estratégicos ou uma coisa do género, que o país precisa disto, então temos que lhes dar isto; não, o mercado de trabalho é que vai escolher. Eu, se quiser ser médico, tenho que ter a liberdade de poder concorrer a Medicina, independentemente do número de médicos; por acaso não é o caso, peguei no exemplo errado, não é o caso, mas poderia perfeitamente. A questão é que o mercado de trabalho depois vai seleccionar, depende da capacidade de encaixe de cada um se adaptar a outras funções. Se fores a Cuba, por exemplo, tens médicos a varrer ruas... as pessoas têm que ser encaminhadas e perceber claramente, desde pequenas, o que poderão fazer ou o que é que querem fazer. E a partir daí estão sujeitas ao mercado, o mercado é mercado global e, neste momento, principalmente o mercado europeu.

Teodoro acalenta poder abraçar a carreira política, mas está consciente dos obstáculos que pode vir a encontrar. Na política, como em qualquer outro domínio, o

êxito consiste em se ter êxito e não apenas em reunir as condições para o ter. As conjunturas geram um efeito de abertura ou de encerramento de oportunidades. O conceito de *encerramento social* foi usado por Weber para definir o processo mediante o qual se procura que determinadas actividades sociais busquem ampliar ao máximo as suas recompensas, limitando as oportunidades a um número restrito de privilegiados¹⁴⁵. Teodoro tem consciência de que, mesmo numa conjuntura favorável, os tachos não são para todos os que os desejam ter. Os tachos apenas se encontram disponíveis para um número reduzido de privilegiados, a expensas de outros grupos.

Isto é muito bonito, uma pessoa achar que pode vir a ser deputado, primeiro-ministro, ou ministro, ou secretário de estado, ou uma coisa qualquer, mas nós temos que ter consciência que as coisas não se passam claramente assim e há uma conjuntura, e dependendo dessa conjuntura é que as coisas se podem proporcionar (...). No sistema em que vivemos hoje, quase nesta oligarquia partidária, é exactamente isso que se passa.

Como se vê, Teodoro atribui um papel determinante à conjuntura política; somente quando esta é favorável é que os *boys* de um dado partido alimentam fundamentadas aspirações a um tacho. O mito do “seio materno” encontra-se bastante vulgarizado na sabedoria popular que, aliás, o consagrou, no caso dos *tachos políticos*, com a sugestiva expressão de “andar à mama”. No entanto, desenganem-se aqueles que pensam bastar abrir a boca e, como por magia, lá aparece o seio a escorrer o leiteinho. Na política como em outros domínios da vida, o êxito aparece, muitas vezes, como uma deusa prostituída, assentando num individualismo competitivo, agressivo, por vezes maquiavélico. Voltando ao conceito de *encerramento social* proposto por Weber, a luta por um tacho político enquadra-se no “tipo racional”¹⁴⁶ de acção social que se caracteriza por uma actuação consciente e racionalmente orientada para determinado fim ou interesse: o tacho.

Quando Teodoro é questionado sobre as suas aspirações profissionais não esconde o desejo de fazer carreira política, embora recuse a ideia do “político profissional”. Admite que há quem veja na política um sustento de vida, mas Teodoro, sem propriamente querer parecer “anjinho”, valoriza a intervenção política no bom sentido, ainda que, e por não ser anjinho, acabe por não se “fiar” muito nas boas intenções. O

¹⁴⁵ Max Weber, *Economia y Sociedad*, Fondo de Cultura Económica, México, 1964 (1.ª edição em Alemão: 1922), p. 35-37

¹⁴⁶ Max Weber, *Economia y Sociedad ...*, p. 35.

fiu da intriga política é uma trama complicada; quem se fia muito nela pode tramar-se, ou ver--se tramado pelos mais espertos. Desse modo, Teodoro acha mais prudente não se fiar completamente nos tesouros da política; vale mais desconfiar para não se tramar.

Objectivos profissionais? Gostaria claramente de poder vir a ter uma intervenção. Não era ser um político profissional, porque eu não acredito nisso, mas poder vir a ter uma intervenção clara na sociedade em que vivemos hoje. É, algumas ideias que eu tenho, algumas coisas que o meu partido também defende, mas não me vou fiar, fiar nisso claramente, como conheço muita gente que faz. Nesta vida dos partidos políticos temos dois tipos de pessoas. Pessoas que não têm grandes ambições e vêem a política e o partido quase como um *lobby* que os vai aguentar a sustentar a vida; e há aqueles que estão claramente interessados em fazer alguma coisa e vêem o partido (...) como um *hobby* construtivo e, futuramente, então, se se proporcionar, proporciona-se. Não quer dizer que as pessoas não sejam anjinhas e que não queiram nada, têm ambições, claro!

Teodoro discorre sobre como surgiu o seu interesse pela política, como nasceu essa paixão. Na verdade, quando era estudante do ensino secundário, pensava fazer Economia ou Informática, área profissional do pai. Mas depois decidiu que “não queria estar ligado a contas e números o resto da vida”. As figuras incorruptíveis da Geometria sempre o baralharam; os limites infinitesimais das funções quase sempre lhe barravam as diversões de fim-de-semana; os senos da trigonometria e seus fraternos co-senos torturavam-lhe a sua mente tranquila. Então, optou por “fazer um curso mais virado para as letras”.

Se a influência paterna se frustrou, no caso da carreira académica, as teorias da socialização familiar acabaram por se confirmar, quando Teodoro assegura que o seu interesse pela política em muito se ficou a dever à influência do avô materno.

Em minha casa o meu avô sempre foi uma pessoa que nos jantares comentou sempre muito política. Falava sempre à mesa de política, de partidos políticos, de pessoas que gostava, de pessoas que não gostava, falava-se imenso, a política era vivida com muita intensidade na minha casa. Não tanto pelos meus pais, principalmente pelo meu avô, isso era uma condição necessária para as pessoas se darem bem lá em casa.

A estrutura familiar em que Teodoro se socializa funciona, pois, como enquadradora de ideais políticos que transitam de uma geração a outra. Teodoro sempre viveu com os pais, sempre confraternizou com o avô. E esta domiciliadade de afectos e de ideais, esta morada de continuidade permanente facilitou-lhe a apreensão dos mores familiares, isto é, dos costumes, ideários e moralidades reinantes. O mal da política,

para muitos jovens, é que existem coisas mais interessantes do que ela, nomeadamente quando se é jovem. E, tal qual acontece com a política, também os estudos ficam para trás quando surgem outras solicitações ou tentações, em particular no domínio dos lazeres e diversões. Por todas estas razões, Teodoro não conseguiu entrar no ISCSP.

Quando procuro a Universidade, inscrevo-me necessariamente, concorro ao ISCSP, só que, como estava numa fase ainda muito mundana, queria lá saber do ISCSP para alguma coisa. Eu queria era... tinha uma ou duas festas no Algarve e o ISCSP foi por aí fora. E, na altura, isto também é verdade, não sentia grandes dificuldades financeiras, ou seja, não me saía do bolso essa participação.

Provavelmente, os pais do Teodoro não terão aceite muito bem este insucesso do filho, que se viu na contingência de ter de frequentar uma universidade privada. Presumivelmente, Teodoro também ganha consciência dos custos financeiros adicionais que representa a frequência de uma universidade privada e, por isso mesmo, toma a decisão de trabalhar. Os pais não teriam problemas financeiros em lhe custear os estudos, mas Teodoro acha preferível ser ele próprio a pagar o insucesso de não ter conseguido entrar numa universidade pública, acabando implicitamente por reconhecer a sua culpabilidade. Com esta atitude, Teodoro demonstra orgulho, carácter, firmeza de convicções, ao arrepio daqueles jovens que partilham de uma ética de trabalho não mais orientada pelo *dever moral*, mas pelo puro desejo de *êxito pessoal*. Embora sem recusar o êxito pessoal – ser capaz, mostrar-se apto, revelar dinamismo – Teodoro sente-se na obrigação moral de ajudar os pais a custear as despesas da sua formação. Toma então a decisão de frequentar uma universidade que lhe oferece um curso de Ciência Política, liderado por um professor prestigiado, político de renome, de quem o avô lhe havia dito maravilhas.

Estavam postas as condições para eu claramente fazer o curso de Ciência Política como eu queria. Depois o futuro, em termos de futuro não pensava nisso. Não era militante de nenhuma juventude partidária. Era, claramente, também devido à influência do meu avô e da minha maneira de pensar e de ver as coisas, uma pessoa que me identificava claramente com a direita, mas uma direita clara, vincada. Há direitas moderadas. Até que comecei a integrar-me, logo no primeiro ano integrei-me na vida da escola, nos grupos da Academia. Ah! Entretanto, eu no Verão antes de entrar para a Universidade, como era uma pessoa que na altura lia *Independentes* e *Expressos*, lia tudo, então a parte de política eu lia tudo, devorava. Conheço uma pessoa (...) que achou muita

piada eu interessar-me por política e ela era militante da JX¹⁴⁷. Eu disse, 'JX não, eu estou muito mais virado para o PY, e tal, mas eu não me vou filiar em partido nenhum, vou para a Universidade', e ele aconselhou-me logo, ele já andava no meio associativo na altura, era estudante da FCT, já andava metido nas Associações, achou muita piada. A tendência dos partidos aí é logo aglutinar, quando se vê alguém com alguma capacidade, a tendência é para o encaminhar, ou seja, encaminhar para determinado sítio para depois o poder disciplinar. Essa é a tendência clara do partido, de alguém que tenta angariar militantes. Mas pronto. Vim para a Universidade já com essa ideia vincada... Associação, sempre achava muita piada vir para a Associação, piada isto no bom sentido, piada de poder desenvolver determinado tipo de coisas na Universidade. Mas também quando se entra não dá ainda para ver o que poderia ser feito melhor ou o que é que está a ser mal feito.

Teodoro começou a ganhar algum protagonismo na sua Universidade, a ser alvo de reconhecimento, a ser assediado por militantes de vários partidos. A aposta no êxito implica, muitas vezes, o pagamento de um perpétuo tributo ao protagonismo individual, e são muitos os que sucumbem na frenética correria pelo poder e glória. Mas Teodoro sempre procurou que o seu protagonismo não colidisse com a defesa de princípios básicos de acção política.

Alguns militantes do PY que a Universidade tinha, porque tem muitos, tentaram fazer-me militante, mas eu não aceitei, até que decidi um dia optar declaradamente pelo partido que ainda consegue ter alguma expressão no meu Concelho (da região metropolitana de Lisboa) (...) e que me permitia, se calhar, dava-me as condições, dava-me as melhores condições para pôr em prática algumas coisas que eu queria desenvolver. Foi então a JX. No ano de 95 foi quando entrei para a Universidade, isso aconteceu logo muito rápido. Em 95 conheço também várias pessoas da JX aqui na Universidade... que me fazem militante e começámos a fazer um plano (...) para atacar a associação em 97. Atacámos... entretanto havia umas guerras enormes, havia coisas que não eram bem feitas, a Universidade começou a decair de alunos, a associação não se mexia grande coisa, os alunos não sentiam a proximidade, aquilo parecia um projecto aliciante. Então, candidatámo-nos exactamente em 97/98, uma lista apoiada pela JX, apoiada, lá está outra coisa, é sempre assim, apoiada claramente pela JX que nos ajudou, entre amigos, a fazer cartazes, quer dizer, determinado tipo de coisas, programas eleitorais, etc.

Teodoro começa a ganhar consciência da relevância que as estruturas partidárias têm no movimento associativo estudantil e, ele próprio, começa a participar nos fóruns

¹⁴⁷ Juventude partidária a que dou o nome de "X" para salvaguardar o anonimato do jovem entrevistado e do partido em questão.

de debate do partido, a marcar posição, a tentar ganhar evidência política nas estruturas do partido de que já é militante.

O partido aqui pode-me ajudar a ganhar claramente, e também não vamos ser ingénuos, dá--nos algum protagonismo dentro da própria estrutura, como é óbvio. Ser presidente de uma associação é ser eleito por alunos, é ser eleito por centenas de pessoas que votam em ti para tu fazeres determinado tipo de coisas. Dá--te alguma força, sem dúvida nenhuma.

O poder nas estruturas partidárias depende muito, segundo Teodoro, da capacidade de mobilização de votos; quem tem votos tem poder e os votos é que contam. Quem não tem votos pode até ser uma pessoa levada em linha de conta, merecer respeito, mas isso pouco conta no que importa contar: os votos.

A estrutura partidária como funciona, aí é que “a porca torce o rabo”, porquê? Funciona a saco de votos. Quem tem votos, tem força, quem não tem votos, pode até ser muito bom, é ouvido, com certeza, as pessoas levam-no em conta, é uma pessoa respeitada, mas quando chega a contabilizar votos para fazer uma lista, para uma coisa ou para trabalhar para alguma associação, ‘meus amigos, aquele ali tem quinhentos votos, aquele tem dez votos. Atenção que aqui agora temos que fazer uma discriminação. É, pá, és muito bom, mas é preciso agora, neste momento, fazermos isto’.

Embora sendo um dirigente conhecido do movimento associativo estudantil, Teodoro assume uma posição crítica em relação a muitos jovens do associativismo juvenil que pretendem viver “à custa da política” e que beneficiam da cobertura que lhes é dada pelos aparelhos partidários. Teodoro insurge-se contra todos aqueles que se movem por uma ética do “vale tudo”, segundo um princípio pragmático que apenas avalia as condutas em função da sua eficácia no que se refere à obtenção do êxito pessoal, traduzível em número de votos; daqueles que não duvidam em aproveitar todas as oportunidades que se lhes apresentam para saciarem o seu apetite de gratificação imediata; de todos aqueles para quem o que os move é a luta pelo protagonismo individual, sempre sedentos de triunfos e ganhos. Teodoro faz uma clara distinção entre os jovens militantes que fazem um trabalho “para fora”, em prol dos estudantes, e aqueles que fazem um trabalho “para dentro”, em prol dos interesses do partido e, sobretudo, dos seus próprios.

Infelizmente, a estrutura partidária é muito virada para dentro e as pessoas acreditam que podem viver à custa da política e vão para a juventude partidária claramente à procura disso. Portanto, ter força e poder um dia ser deputados. Portanto, em Lisboa devem imaginar que são muitos cães a

um osso (risos). Quando chegamos à estrutura partidária, lá está, há aqueles que fazem o trabalho para fora (...). Há outros que se viram para dentro. Vou ganhar uma secção e resolvem “é, pá, vou fazer quinhentos militantes”, nem que seja em escolas secundárias, nem que seja bêbados na esquina, isto é verdade. Isto é um bocado descredibilizante, mas é a realidade. Fazem uma quantidade enorme de militantes, conseguem pôlos a votar, ganham uma secção, passam a ter força (...) Por isso é que eu digo que vivemos numa oligarquia partidária e que os partidos é que decidem em quem é que as pessoas votam. É assim, eu posso... tu vais a Trás-os-Montes podes arranjar a maior nulidade do mundo que é candidato a deputado (...). Agarraram no saco de votos, aquele gajo é esperto (...), é mais esperto que os outros. Vê as coisas dentro da estrutura, portanto, o conhecimento da estrutura partidária, hoje em dia, é o mais importante para se subir num partido. (...). Normalmente a nível de grandes distritais nunca chega lá um Zé qualquer (...) porque quem manda, é verdade, os partidos nisso são democráticos... mais democráticos que a sociedade são os partidos... quem manda claramente são as bases. Quem tem votos é quem manda, portanto (risos).

A partidarização dos movimentos associativos juvenis e a sua dependência crescente em relação aos aparelhos partidários não é bem vista por muitos jovens. O Presidente da Associação Nacional de Jovens Empresários (ANJE), Manuel Fernandes Thomaz, referia recentemente, em entrevista ao *Expresso*:

“As jotas estão inquinadas na lógica dos aparelhos partidários. Os que hoje colam cartazes são os próximos deputados. A lógica é premiar com cargos públicos quem andou de megafone e esteve no aparelho. O critério no preenchimento de lugares não é a competência, mas o de recompensar os serviços prestados ao partido”.

E num discurso de crítica acérrima a quem na política procura sobretudo tachos, o jovem empresário justifica o crescente abstencionismo por parte de quem ganha consciência política de que os votos mais não fazem do que atear o lume que ajuda ao cozinhar dos ditos *tachos*.

“A sociedade civil está a ficar farta. Começa a não ir votar e a desvalorizar tudo o que vem dos políticos. Tem de surgir uma nova vaga de pessoas, livres, que não estejam dependentes da política para viver”.

Teodoro tem consciência desta nefasta dependência do movimento associativo em relação aos aparelhos partidários e da subordinação da acção política à pura lógica dos votos, do ganho eleitoral. Mas não crê que os métodos possam ser facilmente abandonados.

É impossível alterar sem seguir, pelo menos em alguns casos, os métodos daquilo que tu achas que está errado. É possível uma pessoa ter muitas ideias e não ter votos, acabou. (...) O objectivo final de algumas pessoas é ganhar, não é ganhar para depois desenvolver. Não se percebe muito bem o que é que é política, a política não é vitória pela vitória. É vitória para depois conseguires pôr em prática aquilo que tu acreditas que é correcto. Na maioria, as pessoas não fazem isso. Ganham, adormecem à sombra da bananeira. Ganhámos. Nas associações acontece muito isso, por isso é que às vezes não se aguentam associações mais que um ano. Ganha--se, ganhámos. O objectivo está cumprido. Não fazem nada depois.

Apesar de crítico à influência dos aparelhos partidários, Teodoro não é radicalmente contrário ao carreirismo *político*.

Então, achas que faz sentido falar de carreirismo político?

Faz todo o sentido. Faz todo o sentido, faz todo o sentido. Eu, por exemplo, posso dizer que já tenho algum currículo político (...). Só que há pessoas que fazem a carreira política em paralelo com uma carreira profissional e outras pessoas que fazem da carreira política a sua carreira profissional. Eu não sei... agora podemos especular aqui se os políticos devem ser profissionais ou não devem ser. Logicamente que as pessoas que estão à frente da nação têm que ser profissionais, mas há muita gente que se diz à frente da nação e não está coisíssima nenhuma. Quer dizer, na Assembleia da República nós temos lá pessoas que nunca deram contributo a não ser levantar o braço para defender as cores do partido.

E carreirismo político entre os jovens? Achas que também faz sentido?

Faz todo o sentido por tudo aquilo que eu estive a dizer. Muitas pessoas vão para as juventudes partidárias e, quando vêem que poucas possibilidades têm de fazer outra coisa senão aquilo, vêm a política... (...) podes ser até uma pessoa mediana ou mediana naquilo que fazes. Se tiveres na altura certa, com a pessoa certa, no lugar certo, podes ser, de um pé para a mão, sem saber ler nem escrever, deputado ou eurodeputado, ou... estás a perceber? Isto é carreirismo, claramente (...). Fazer militantes, ganhar secções, ter força, e isso é que é carreirismo político. É ganhar por dentro, é estrutura, é aparelhista, é uma coisa que me faz imensa confusão. Claro, todos nós sabemos onde é que vivemos.

Os relatos de Teodoro permitem-nos explicitar algumas associações de ideias relativamente ao tópico da política. Para o efeito, podemos seguir o modelo de “associações de ideias”, trabalhado na vasta obra de Mary Spink¹⁴⁸. Vejamos quais as associações que Teodoro estabelece, bem assim como as explicações dessas associações e respectivos *qualificadores*.

Tópico	Associações	Explicações	Qualificadores
Política	Muitos cães a um osso	Nunca lá chega um Zé qualquer	É muito bonito uma pessoa achar que pode vir a ser deputado... Na Assembleia da República nós temos lá pessoas que nunca deram contributo a não ser levantar o braço
	Oligarquia partidária	Lobby que os vai aguentar a sustentar a vida; Ter protagonismo na estrutura;	Ganhar o aparelho
	Saco de votos	Aglutinar, angariar militantes; É pá, vou fazer quinhentos militantes	Quem tem votos tem força
	Carreirismo	Posso dizer que já tenho algum currículo	Subir no partido O objectivo é ganhar

Como vemos, a ideia de *tacho político* aparece implicitamente presente na rede de associações que Teodoro estabelece em relação ao tópico analisado, nomeadamente quando sugere a ideia de “muitos cães a um osso”. O osso que suscita o deleite canino é, neste caso, uma metáfora do tacho. Em ambos os casos, osso e tacho estão associados a apetites de lambuzadela. Por que razão há na política “muitos cães a um osso”? Evidentemente, porque um osso só não dá para uma matilha de cães. Por isso, surge a explicação: “Nunca lá chega um Zé qualquer”. Nos qualificadores da associação, a ideia de tacho encontra-se, também, implicitamente presente: “É muito bonito uma pessoa achar que pode vir a ser deputado”, “nunca deram contributo a não ser levantar o braço”. Teodoro é crítico em relação a estes deputados que deveriam estar “à frente da Nação” e, na verdade, estão à frente do *tacho*, refogando e apurando

¹⁴⁸ De entre as mais recentes publicações, ver Mary Jane Spink (Org.), *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano. Aproximações Teóricas e Metodológicas*, Cortez Editora, S. Paulo, 2000 (2.ª edição); em particular, veja-se o capítulo IV, em colaboração com Helena Lima: “Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação”, pp. 93-122.

os cozinhados políticos: “Há muita gente que se diz à frente da Nação e não está coisíssima nenhuma. Na Assembleia da República nós temos lá pessoas que nunca deram contributo a não ser levantar o braço para defender as cores do partido”.

Os deputados honestos, naturalmente, acabam por ser injustamente afectados – em termos de imagem e de carreira – por esta ânsia de “tacho”, uma vez que se vêem obrigados a competir com incompetentes cuja única competência é a de competirem pelo *tacho*. Como se faz a competição pelo *tacho*? Através dos aparelhos partidários. A conquista de posições no aparelho partidário ilustra perfeitamente o conceito weberiano de *encerramento social* a que atrás nos referíamos, pois “garante aos seus partícipes o desfrute (...) de vantagens de monopolização”. Segundo Weber, essas vantagens de monopolização são conseguidas mediante “apropriação”. A conquista do “aparelho partidário” enquadra-se nesta estratégia de apropriação¹⁴⁹. De facto, surge uma identificação da política com “oligarquia partidária” o que se explica pelo facto desta funcionar, para os pretendentes a tacho, como “lobby que os vai aguentar a sustentar a vida”. O “protagonismo” na estrutura partidária ajuda, também, a cimentar a oligarquia partidária através da conquista do aparelho (qualificador resultante). O protagonismo nas estruturas partidárias, com vista a ganhar-se o aparelho, faz-se através dos votos conquistados. Daí que a política apareça associada a um “saco de votos”, o qualificador desta associação é bem expressivo – “quem tem votos tem força”. Os votos conquistam-se aglutinando e angariando militantes: “É pá, vou fazer quinhentos militantes”.

O acesso ao “osso” depende também do “carreirismo”, outra imagem associada à política. Neste sentido, o “saco de votos” tem um estatuto de instrumentalidade relativamente a um fim concreto que é dado pelos qualificadores “subir no partido”, “o objectivo é ganhar”. E sobe-se no partido como em tudo na vida, fazendo “currículo”, tradução prática do “carreirismo”. Teodoro não descarta a hipótese de fazer carreira política, embora com a dignidade que não vê em muitos políticos. Sente, por outro lado,

¹⁴⁹ É óbvio que a militância partidária não aparece sempre orientada pela mira do tacho. Voltando a Weber, poderíamos dizer que as organizações partidárias podem experimentar quatro diferentes tipos de encerramento social: a) encerramento por tradição (familiar ou ideológica); b) encerramento por razões afectivas (clientelismo suportado por relações sociais marcadas por sentimentos de aproximação, compadrio); c) encerramento determinado por uma racionalidade orientada por valores (envolvendo todos aqueles militantes que lutam por causas políticas e sociais); d) encerramento determinado por uma racionalidade orientada por interesses (sendo esses interesses de ordem pessoal, podemos então falar de “tacho”). Ver M. Weber, *Economia y Sociedad...*, p. 36.

que a carreira política lhe está a atrapalhar a carreira académica, ainda que esta tenha sido aproveitada para fazer carreira política.

Tou agora a ver, enfim, se retomo o estudo, que já estou um bocadinho desabitado de estudar, e vou começar a fazer umas cadeiras, a ver se acabo o curso, porque eu nunca me preocupei em acabar o curso por acabar o curso. Eu acho que as pessoas devem ver um bocadinho também... da experiência que vão adquirindo e eu não queria passar pela universidade e dizer assim: 'então, como é que foi a tua vida no ensino superior?' – 'pá, fiz um curso ali, tive média tal' e mais nada, 'o ensino superior para mim foi isso'. Claramente, eu não sou assim. É impensável que isso acontecesse e vivi até de mais o ensino superior. Acho que já tou, acho que já devia... vivi até de mais, não é que eu seja muito velho, 22 anos, não sou muito velho. Vivi já de mais a parte lúdica, a parte associativa... agora falta um bocado a parte exactamente para a qual nós cá andamos (risos) que é estudar, fazer umas cadeiras, andar a pagar uma universidade privada. Quarenta contos por mês e não ver qualquer tipo de progresso.

Mas a carreira académica não é propriamente o que mais interessa ao Teodoro. Na universidade que frequenta conseguiu ser presidente da associação de estudantes. Isso foi o que contou, não apenas em termos de carreira política, mas também de gozo pessoal, de prestígio, de *status*.

Julgo que na escola, a seguir ao reitor, a pessoa mais importante é o presidente da associação. Eu falo na associação porque aqui funcionamos numa estrutura hierárquica, vertical... há pessoas que falam em direcção ou estrutura horizontal. Mas neste caso podia falar em direcção. Acho que a associação, a seguir ao reitor, é a mais importante. Esta escola, nem que seja só por isso, não tenho frequentado as aulas, nem que seja só por isso, vai-me dar essa formação, com certeza. Já me deu. Já aprendi imenso (...) e, se calhar, aprendi mais que os meus colegas que foram às aulas todas e não sei quê.

Aqui, Teodoro dá-se ares de importância – “na escola, a seguir ao reitor, a pessoa mais importante é o presidente da associação” – e ele, claro, é o presidente da associação! Teodoro assume uma inequívoca *identidade de papel* que os cientistas sociais de há muito teorizaram. No quadro da *teoria dos papéis sociais*, a *identidade de papel*¹⁵⁰ é definida a partir dos desempenhos que um indivíduo projecta sobre si mesmo no quadro de uma idealizada posição social. A *identidade de papel* é, pois, uma identidade auto-projectada, não tanto transmitida, quanto conquistada. No próprio discurso de Teodoro, vemos essa identidade projectada, quando nos diz, sem

¹⁵⁰ Pioneiramente conceptualizada por G. McCall e J. C. Simmons, *Identities and Interactions*, Free Press, New York, 1978.

manifestamente o dizer, que na Universidade ele é a pessoa mais importante a seguir ao reitor. De facto, os actos da fala são interpessoais e, como tal, desfilam performances retóricas que simbolizam poderes sociais. As marcas estilísticas da retórica não dependem apenas de uma identidade que nos é dada; elas fomentam uma identidade projectada, criada através de práticas discursivas. Repare-se que Teodoro insiste em clarificar que a estrutura associativa de que é presidente releva de uma hierarquia verticalizada, para nos dar a entender que existe um cume nessa hierarquia, obviamente por ele ocupado. Um bom aprendiz de político necessita alimentar o *ego*, e todos os livros de auto-ajuda ensinam como desfrutar das orgias do *self* e do auto, ou seja, através da auto-estima, do auto-controlo, da auto-suficiência, e de outros tantos *autos*.

Teodoro parece ser um jovem de convicções fortes, bastante optimista, com uma motivação elevada. Crê profundamente – trata-se de uma crença política – na capacidade da iniciativa privada, no empreendimento empresarial. Sugere-nos que as metas profissionais influem no êxito profissional, na medida em que centram a atenção, ajudam a mobilizar o esforço, permitem mantê-lo.

A motivação é a ambição que cada um tem daquilo que quer fazer e acho que é só isso e ponto final. A ambição que as pessoas têm de chegarem a determinado tipo de grau de status na sociedade é o que conta (...). As pessoas vão ter cada vez mais é de partirem para a iniciativa privada, tentar manter o seu negócio, montar o seu negócio. Cada vez me parece que isso é o grande escape e, depois, aí é as instituições bancárias e financeiras a funcionarem ou a cederem empréstimos para isso. Isso também desenvolve a sociedade, como é óbvio. Sei lá, uma sociedade de serviços de iniciativa privada não me parece mal, é o grande escape. Depois aí vai gerar novos empregos, dependendo também de cada negócio, de cada pessoa, mas é assim que a sociedade funciona e é assim que a sociedade vai continuar, parece-me a mim.

Teodoro é um caso exemplar de jovem com muitas solicitações. Tem muitos amigos com quem gosta de “tomar uns copos” e ir a umas “jantaradas” (“tenho muita facilidade em me dar bem com as pessoas”); tem namorada, recém-licenciada em Direito, com quem naturalmente sai quando pode (“um cinema, uma saída, ou uma coisa assim”); e tem a família sempre a apoiar (“sempre tive uma relação familiar completamente estável... Tanto o meu pai como a minha mãe ouvem-me em tudo, conto-lhes tudo, eles sabem tudo da minha vida... É uma relação óptima, familiar, à moda antiga”).

No meio do rodopio que é a sua vida, Teodoro alimenta o desejo pequeno-burguês de pachorrentar tardes domingueiras em alienações quotidianas de televisão e futebolis.

Tenho muitas saudades de ficar, por exemplo, um domingo à tarde a ver aqueles programas horríveis de televisão (risos). Tenho saudades. Tenho mesmo saudades. Era aqueles programas que eu, se calhar, me fartava um bocado, mas aqueles dias de ressaca, que tu acordas à hora do almoço, ou não almoças, comes qualquer coisa assim deitado na cama e ficas a ver televisão a tarde toda. Depois ainda vês futebol. Tenho muitas saudades, como tenho saudades de fazer outras coisas. Tenho muitas saudades de montar a cavalo, por exemplo. Era uma coisa que me dava um prazer incrível, mas infelizmente não tenho tido tempo.

Teodoro recorda com agrado e nostalgia os tempos calmos das férias de Verão, invariavelmente passadas no Algarve.

Aquela típica vida que é praia a partir das duas da tarde até ao final da tarde, sair da praia beber umas imperiazinhas, comer uns petiscos, sair do restaurante ainda com sal e com água e com chinelos, aí às onze tomar um banhinho e ir dar uma volta à noite. E depois no outro dia repete-se e repete-se e repete-se e sabe-me muito bem. Não ler jornais, não ver televisão... (risos)

É a antecipação da tensão vivida por qualquer executivo do mundo dos negócios ou da política. Vida apressada, feita de correrias, correr pela carreira, velozmente, correrias de fundo e de *sprint*, e o descanso apetecido, rupturas na rota da vida feita rotina de corrida.

Conhecemos muitos destes jovens universitários. Embora estudantes, trajam já como executivos, exibindo gravatas dependuradas de um colarinho que se abre à francesa, como ditam as modas da camisaria moderna. Este modelo de identificação com o “executivo” deriva mais de uma estética do sensível (“sou o que pareço”) do que de uma razão ideológica (“sou o que penso e creio”), embora, para estes jovens, o vestuário incorpore uma dimensão imaginária, simbólica e social. Vestem-se de vestuário, mas também de imaginário: de tecidos de evocações, conotações, significações. As justificações de identidade que têm por suporte as fachadas corporais tendem a ser esquivas entre estes jovens e, desse modo, refugiam-se no argumento da formalidade. Ainda que formalmente não o reconheçam, pode dizer-se que para alguns jovens políticos e yuppies, a gravata parece constituir um símbolo de status. Porque resistem em reconhecê-lo? Provavelmente porque um símbolo não pode traduzir-se. A tradução de um símbolo seria algo como contemplar a noite a partir do dia – o que significaria a liquidação da própria noite. Não há racionalidade que explique isoladamente o uso da gravata, independentemente do contexto cultural que força esse uso. Neste sentido, a gravata não constitui uma alegoria do oculto, antes aparecendo

como uma criação de âmbito cultural, de horizonte de significado. Por isso, a gravata, enquanto símbolo, desvela um sentido ao mesmo tempo que o outorga.

Estamos perante jovens que poderiam ser agrupados na fracção PBAE (pequena burguesia com aspirações elitistas). Estes jovens têm uma meta clara, desejam ser ricos, bonitos e influentes, preferencialmente antes dos 35 anos. Mas ao contrário dos BAFA (filhos de mamã, da “burguesia acomodada com futuro assegurado”), têm de lutar pela vida. Na maior parte dos casos, são jovens influenciados por uma filosofia hedonista de posse, geradora de várias dependências: de coisas, de afectos, de marcas e músculos. Não será este, propriamente, o caso do Teodoro, para quem, no entanto, o dinheiro é mesmo bom para gastar.

Não tenho nenhuma visão de economia e gestão de dinheiro, não tenho nenhuma. É chapa ganha, chapa gasta. É mesmo assim. A primeira coisa que eu faço todos os meses é pagar a universidade. Pago a universidade e o resto do dinheiro é claramente – excepto um mês ou outro que compro alguma coisa para mim, para vestir, ou um CD ou uma coisa desse género – é gasto claramente com os amigos. Em jantares, saídas, cinemas, mais nada. Quer dizer, não vejo... eu agora estou a tentar juntar dinheiro para umas férias, quero ir a Nova Iorque no Verão, quero ver se junto dinheiro para isso, mas já tou a ver, já tou desejoso que me chegue o cartão da conta onde tenho o dinheiro guardado para começar a gastar, porque este mês tive muitas despesas, e então já estou desejoso, já ando sem dinheiro e quero gastá-lo (risos).

No entanto, e apesar da propensão consumista e do desejo hedonista de viver a vida, é próprio dos jovens *carreiristas* viverem para a carreira. Aliás, os jovens PBAE têm horizontes temporais diferentes dos jovens BAFA ou dos jovens HOPA (herdeiros do operariado em agonia). Entre estes últimos há uma orientação para rápidas sequências de tensão e de satisfação. Com efeito, entre os HOPA não é costume planearem-se projectos cujas metas se enquadrem num futuro longínquo. O futuro aparece, em geral, como uma região por definir, vaga e difusa. O que se espera do futuro é demasiado incerto para que tenha um valor motivador. Em contrapartida, entre os jovens de extracção social PBAE há uma orientação para sequências de tensão-satisfação muito mais prolongadas e consistentes. Os projectos são enquadrados por um futuro que, por sua vez, actua sobre esses projectos. Em situação mais cómoda, os BAFA consideram-se parte de uma sequência de gerações e a orientação temporal enraíza-se no passado.

Os horizontes temporais curtos parece constituírem uma estratégia racional de sobrevivência em contextos de vida marcados pela insegurança e precariedade que

escapam ao controlo e à influência individual. De onde acabam por resultar perspectivas de futuro obscuras ou reveladoras de ansiedade e preocupação. O que está em jogo é uma falta de capacidade em transcender um futuro imediato. Em contrapartida, para jovens em trajectórias de mobilidade social as aspirações comandam os projectos de vida. As incertezas do futuro são enfrentadas com estratégias flexíveis de adaptação à mudança. Avaliam-se as certezas e as incertezas dos percursos; as probabilidades e as improbabilidades de sucesso. As estratégias são modificadas de acordo com os acasos, os contratempos, as oportunidades encontradas ao longo do caminho. Especial atenção é dada à conjuntura determinante, como atrás vimos, para se ter sucesso político. Em determinados momentos parece privilegiar-se a prudência, noutros a audácia. Tudo depende das conjunturas.

O que eu gostaria de fazer... claramente que as ambições passavam, se calhar, (...por) exercer um cargo político. A mim não me soa bem dizê-lo e acho que as coisas não podem ser feitas com o objectivo claro de fazer isso. Quando tu tens ideias, logicamente que as queres pôr em prática (...). E isso era claramente um dos objectivos. Como eu disse, esse processo é todo muito conjuntural, portanto não pode ser, não é programável, pelo menos na minha maneira de ver as coisas. Estar na política profissionalmente nem sequer é programável.

O êxito na política, como na vida, depende da harmonia possível entre motivações pessoais e factores circunstanciais. Etimologicamente, a palavra êxito remete para a acção de “sair de algum sítio”. Semelhante representação semântica – de trânsito de lugar – surge na palavra inglesa *success* (procedente do latim e que significa “penetrar num lugar”), ideia de trajectória que também nos é dada pelo termo francês *réussite* que significa, literalmente, sair. Quando um jovem acalenta o desejo de fazer carreira política, o desejo transforma-se em desafio. Uma vez desperto o desejo, a plena consciência da incerteza transforma-se em plena consciência de uma aposta. O êxito da aposta depende do sucesso pessoal, e este das conjunturas de vida e das estruturas que as determinam.

7. Jovens acompanhantes: “puta de vida que me fez puta”

Tinha acabado de almoçar e, enquanto saboreava o café, folheando o *Diário de Notícias*, reparei que, na secção de anúncios classificados, duas jovens universitárias se ofereciam para convívio íntimo. Hesitei no contacto, mas acabei por marcar o número de telemóvel que aparecia no anúncio. Disse ao que vinha. Não pretendia o convívio íntimo que ofereciam, mas, tão somente, desvendar um pouco das suas histórias de vida. Do lado de lá da linha telefónica respondeu-me Inês, uma jovem estudante de Antropologia, que se manifestou apreensiva quando lhe disse que era professor de Sociologia. Depois de uma vacilação inicial, e segura de que não estava perante um professor da Universidade que frequentava, pediu-me que lhe ligasse daí a uns 10 minutos, tempo necessário para contactar Joana, a amiga, estudante de Arquitectura que a acompanhava nos “encontros íntimos”.

Passados 15 minutos voltei a contactar Inês que me afirmou a disponibilidade de se encontrar comigo, acompanhada de Joana: podia ser à noite ou ao fim da tarde desse mesmo dia. Aproveitei a embalagem e marcámos encontro para o mesmo dia, à porta da Reitoria da Universidade de Lisboa. À hora combinada (18 horas), aproximei-me lentamente da Faculdade de Letras para que pudessem identificar o meu carro, cuja marca, cor e matrícula lhes havia referenciado. Nisto, vejo que uma jovem, acompanhada de outra, me acena a mão, em sinal de reconhecimento.

Fiquei na dúvida. Serão estas? Não parecem prostitutas – vacilei, ingenuamente. Menos mal que, na dúvida, ocorreu-me uma outra hipótese, bem mais oportuna: as cabeças dos sociólogos não são imunes aos preconceitos. De facto, tinha na minha cabeça um *tipo-ideal* de prostituta e, à força, procurava encaixar a realidade nesse *tipo-ideal*. Ora o que deveria saber é o que toda a gente sabe sem saber. As mulheres socializam--se para evitarem parecer putas. E também as que trabalham como prostitutas optam, com frequência, por não parecer o que são, designadamente se, para além de putas, são universitárias e combinam encontrarem-se, à porta da Reitoria, com um professor universitário.

Todas as putas que trabalham com Inês e Joana saberão, certamente, que as minhas “jovens acompanhantes” são estudantes universitárias, mas duvido que alguma das suas colegas universitárias saiba que elas são putas. O facto de as prostitutas não se distinguirem facilmente das que não o são sugere que é absurdo atribuir qualidades inatas às putas. A diferença entre quem é ou não uma prostituta não é uma diferença

de *ser*, mas de *parecer*. As putas que não são reconhecidas como tal escapam ao estigma de puta. O estigma surge, não por efeito da natureza das mulheres que acarretam com o estigma, mas por efeito de uma projecção, de um preconceito, mesmo quando parte da cabeça dos sociólogos.

Depois de ter correspondido à saudação de Inês e de Joana – tardei muito a reagir, embrenhado que estava na desconstrução de todos os meus preconceitos – subiram para o carro e deslocámo-nos para o parque desportivo da *Cidade Universitária*, local escolhido, de comum acordo, para a realização das entrevistas.

Comecei por entrevistar Inês, depressa me apercebendo de seus receios e timidez. Por vezes refugiava-se num sorriso enigmático, permanentemente aliado a um olhar “azul-acinzentado” que, inquietamente, persistia em assegurar o controlo do território que circundava o carro estacionado onde se realizava a entrevista. De vez em quando afastava os cabelos ondulados, de um castanho claro, com um gesto brusco, a que a cabeça parecia responder com um movimento igualmente repentino. Disse-me ter 24 anos, embora parecesse mais jovem, enquanto Joana aparentava ter os declarados 30 anos. Muito segura de si, Joana revelaria uma personalidade forte e uma maior desenvoltura de comunicação. Os seus lábios, avolumados por uma maquilhagem de vermelho sóbrio, rasgavam-se frequentemente num sorriso largo que deixava a descoberto a alvura dos dentes alinhados, em contraste com o negro do cabelo curto e desalinhado em gel.

Os pais de Inês são funcionários públicos, pequena burguesia executiva com ascendências rurais; os avós eram pequenos agricultores da região de Chaves. Inês nasceu em Lisboa e vive com os pais, num 2.º andar de um prédio da Amadora. Anda na vida que agora leva já lá vão três anos, mas antes tinha tido alguns *biscates*. Começou a trabalhar aos 17 anos, numa empresa de serviços informáticos, por períodos que nunca ultrapassavam os seis meses:

Despediam-me e depois voltavam-me a chamar, passados uns meses, pois não queriam fazer contrato. Trabalhava das 8 às 2. Depois tive um mês na Zara, atendendo ao público. Isto tudo trabalhos normais (sorrindo)... Depois estive a trabalhar na FIL, em stands de algumas exposições, um amigo convidou-me (...). Entretanto, nesses intervalos, comecei a fazer outras coisas (sorrindo...). Eu sempre estudei, não é? E já chumbei, por isso é que estou com 24 anos. Chumbei dois anos. Bom, agora é assim, tenho alguns amigos, está a perceber... pronto, eu telefono-lhes, eles telefonam-me, e a gente combina aí uns encontros (diminuindo o tom de voz), está a ver...

Pedi-lhe então que me contasse como tudo começou, nesta sua nova forma de ganhar dinheiro que é tida como a mais velha profissão do mundo. Inês tinha a cabeça cheia de morais e princípios orientadores, tinha um montão de conselhos que lhe deram e outros tantos que a si mesma se poderia dar. Mas estava de férias, queria divertir-se e não tinha dinheiro.

Começou tudo num Verão. Uma vez, no jornal, comecei a ver que pediam acompanhantes, mal sabia que aqueles anúncios, que aquelas coisas... pronto, que era isso! Depois comecei a ver que ofereciam 600 contos, assim uma coisa... por mês! E comecei a ver... ei!...por mês! Naquela altura, no Verão, pronto, a gente começa a pensar, comecei a procurar arranjar um part-time, pronto, todos nós, jovens, pensamos assim, durante as aulas não, mas chegando às férias, pronto, depois comecei a pensar assim: acompanhantes... bom, acho que deve ser assim acompanhar, sei lá, os velhos, não sei, quer dizer, eu não sabia bem que tinha (baixando a voz) a parte de sexo, mas sabia que havia aí qualquer coisa de maldade, pronto! E então o que acontece? Vi o telefone e telefonei, e disseram-me... (interrompendo-se e abrindo os olhos de espanto) Bom, ainda por cima foi um sítio que é conhecido (rindo muito). Eu não sabia onde era e comecei a perguntar: olhe, sabe onde é que é a rua tal, número tal? E as pessoas assim a olharem para mim... toda a gente sabia que eu ia... ali, na Columbano... Bordalo Pinheiro... O Sr. Dias era o dono da casa, o que pedia acompanhantes... eu fui lá, ainda me lembro de uma senhora que era assim uma loira, toda espada, assim com umas calças muita justas, então comecei a pensar, bom, já sei o que aquilo é. Então ela entrevistou-me e... ai, não sei o quê e aaaah, pois, não sei o quê, tu tens que... (baixando a voz), isto é a trabalhar, pois, sexo, e teve a explicar-me e eu... claro comecei a perceber o que era, mas mesmo assim, bem, já tinha tido namorado e já sabia como era, não é? E então pensei assim... "isto deve ser giro, não deve ser assim muito diferente, eh pá, ganha-se muito dinheiro!" (...). Era quinze (mil escudos) e nós ficávamos com 7,5. Foi há três anos.

Os sociólogos raramente se perdem nessas ruelas do aleatório em que se corre o risco de se perder não apenas a identidade como também o futuro. Mas um dia passei pela Columbano Bordalo Pinheiro e procurei a casa. Vi homens impacientes, rondando as proximidades do edifício. Movido pela força da curiosidade decidi entrar. Mas, quando já estava defronte da porta da casa ladeei-a e segui em frente, acelerando o passo. Era a primeira vez, em toda a minha vida, que rondava uma casa de prostituição. Depois de ter caminhado uns largos metros, voltei para trás, decidido a entrar e a vencer a minha própria impaciência. E entrei.

A dona da casa recebeu-me e apresentou-me algumas raparigas. Fixei-me numa que fazia tranças com o cabelo, como se fizesse tranças no entrançamento que a vida é. Fazendo tranças, o pensamento é livre e todos os príncipes encantados podem passear no pensamento. Mas de que serve sonhar com príncipes, quando o que conta

é o entreabrir da porta que deixa entrever um cliente qualquer, cujo único encanto é a sua predisposição a pagar? A Gabriela das tranças depressa descobriu a minha timidez e, para me desinibir, calculo, disse-me que a “comesse toda”, que estava com “tusa” e outras coisas obtusas. Mais inibido fiquei ao não saber como reprimir-lhe um gesto que parecia insinuar afecto. Excessos tais baralharam as minhas convicções sociológicas. Provavelmente, no universo imaginário masculino, as prostitutas mostram-se famintas de sexo e, por isso, elas não se fazem rogadas a mostrar a sua fome. Puro equívoco. A prostituta dá-se a comer apenas por ter fome de dinheiro. A Gabriela das tranças – se a história contada não foi inventada – é mãe solteira, confessou-me, abotoando dois botões da blusa desabotoados por engano. De nacionalidade brasileira, tinha um namorado português com quem pretendia “ajuntar-se” logo que juntassem algum dinheiro. Com nostalgia recordou-me tardes em bancos do Jardim da Estrela e evocou corações e setas que inscreveram em algumas árvores do jardim, inscrições que procuravam eternizar uma relação cujo destino ali ficava traçado, nos troncos de árvore. Mas quis o destino que o destino fosse outro. E o que ficou da relação foi uma gravidez e um filho para criar, sem saber com que meios, pois todos a abandonaram, incluindo o pai do filho.

A iniciação da Inês no mundo da prostituição não foi tão dramática, embora a necessidade de dinheiro fosse uma causa determinante. O dinheiro com que o pai lhe migalhava os bolsos em mais migalhas se tornaram quando viu os bolsos cheios de notas que outros homens lhe davam. A sociedade industrial criou um modelo de integração social baseado, fundamentalmente, no emprego assalariado. Contudo, os jovens encontram no mercado de consumo um domínio marcante de integração social. Para alguns jovens, pouco importa de onde vem o dinheiro, garantida que seja a satisfação dos seus sonhos de consumo.

Inês tinha um namorado, mas acabou por iniciar-se sexualmente com alguém que fortuitamente encontrou na rua. Um desconhecido, um encontro casual que parece ter-lhe aberto as portas para novos encontros casuais. Não me perguntem se é certo que, quando uma mulher não pode desfrutar do sexo do companheiro, se sente atraída por outros. No caso de Inês parece que sim.

Eu já tinha tido namorado e era da minha rua. Foi assim, eu quando andava com ele, andava com ele, não sei quê, nunca tinha tido outro namorado. Tinha aquelas coisas, mas nunca tinha feito assim nada mais íntimo, percebe? Eu já andava farta dele. Andava naquela fase em que queria experimentar outras coisas... Mas também não era capaz de... de... pronto!... de... ter assim uma

relação como outras pessoas (...). Esse rapaz que eu namorei, não foi com ele, foi com outra pessoa! (risos) Por acaso muito mais giro que ele! Foi assim: foi uma pessoa que andava a meter coisas no correio, aqueles papéis (publicidade) (...). E então começámos a falar, não sei quê, pronto, e às vezes convidava-me durante o dia, não tem mal, a gente não tem nada que fazer, anda a passear... e então ehhhh... prontos, foi com ele. Foi uma experiência má (...). Foi logo com aquela pessoa que... eu nem gostava dele, não é? e acho que ele não gostava de mim porque... foi uma coisa tão parva, prontos, olhe. Aconteceu! (...).

Inês arranjou depois um novo namorado, mas que a controlava excessivamente. Já estudante universitária, Inês desfrutava da companhia dos colegas e amigos, gostava de sair à noite, mas o namorado opunha-se, desconfiado. Quando os homens desconfiam das suas mulheres, o estigma de puta aparece-lhes nas cabeças e projecta-se, em ricochete, na cabeça das que são alvo de desconfiança, haja ou não razão. Embora o estigma de puta se dirija, obviamente, às prostitutas, acaba por atingir todas as mulheres que levantem comportamentos suspeitos. As suspeitas do namorado de Inês – *Onde estiveste? Com quem vais? Que vais lá fazer?* – arrastavam uma acusação latente, ainda que montada na dúvida. Ou seja, na cabeça do namorado, Inês foi puta antes de o ser. O estigma de puta constitui uma representação que é usada como instrumento para atacar as mulheres consideradas demasiadamente autónomas.

Com este foi assim: eu andava com ele, ao princípio gostava dele, não sei quê, mas depois comecei a fazer certas coisas que não fazia antes, pronto, sair à noite e assim, com os meus colegas, e comecei a querer experimentar com outras pessoas, já estava farta dele! E depois era assim: qualquer sítio a que eu fosse ele tinha que ir! Percebe? Às vezes queria sair com amigos meus e não queria que ele fosse! Queria estar à vontade porque senão estava lá sempre a controlar-me! E então o que acontece? Houve uma altura que, pronto, eu comecei a chatear-me com ele, depois eu disse que já não queria andar com ele.

A convivência com os amigos da Universidade arrastou Inês para sociabilidades lúdicas, próprias do universo juvenil: frequência de discotecas, conversas de café, jantaras, etc. Começou também a preocupar-se mais com a imagem, a querer vestir à moda, a gostar de exhibir marcas. Mas os pais não tinham grandes posses e equacionou a hipótese de começar a trabalhar.

Depois pensei, vou arranjar um trabalho nas férias, qualquer coisa, começar a ter o meu dinheiro... quando vi os anúncios! Foi a partir daí! (...). Eu que era uma pessoa tão coiso e não sei quê, ir fazer isso... ao mesmo tempo o que me estava a dar gozo era o dinheiro e conhecer outras

peessoas, pronto! Eu nunca fazia com os meus amigos porque pensava que eles iam contar uns aos outros. Não queria ficar malvista. Então ali, como não os conhecia... tava à vontade!

Inês contou-me depois como foram as suas primeiras experiências de prostituta e, quando transcrevi a entrevista que lhe fiz, veio-me à lembrança o encontro com a *Gabriela das tranças*, a que revelou o sociólogo atormentado pela pesquisa de campo. Quando me despedi de Gabriela e volvi à rua, acho que quase todos os transeuntes me observavam, com ar incriminador uns, de escárnio outros, e os que não me olhavam era certamente por cortesia, para não agravarem o meu embaraço. É curioso. Enquanto que a descoberta de um homem como cliente de prostitutas corresponde à vergonha secreta de um simples homem – no caso, um sociólogo – as putas consideram-se expoente da vergonha de todas as mulheres. Certo, todos nós sabemos, Goffman ensinou-nos, que a dinâmica de diferenciação mediante a vergonha é uma característica da vida social; no entanto, no caso das mulheres, quando se lhes atribui uma diferenciação mediante a vergonha, aumenta de maneira invariável a sua vulnerabilidade ao estigma de puta¹⁵¹.

Enquanto que uma mulher é repudiada por ser puta, o homem é julgado – ou julga que pode ser julgado, como me aconteceu – por ser apanhado em flagrante. Quer isto dizer que, socialmente, a desonra feminina associa-se a uma *identidade de puta* enquanto que o indecoro masculino relaciona-se com uma *conduta de cliente*. Num caso, a indecência é atribuída *pelo que se é*; noutro caso, *pelo que se faz*. E porque os clientes são indecentes apenas pela forma como sexualizam ou comercializam as mulheres, eu queria a todo o custo fugir de confusões, e a forma mais expedita de o fazer era sumir-me dos olhares recriminadores dos transeuntes daquela maldita rua, onde poderia ser reconhecido por um acto comprometedor, o encontro com a Gabriela das tranças.

Iam lá uns homens, não sei quê, a gente via-os, apresentávamo-nos (...), algumas pessoas a gente olha e: ihhh!... Com um estilo! Umas botas! Eu antes de ir p'ra lá pensei assim: 'bem, mas eu tenho de ter cuidado, se eu encontro alguém conhecido'... então perguntei se podia antes ver as pessoas, então disseram-me – esconde-te ali atrás daquela porta – então eu espreitava sempre (...). Vem uma de cada vez. A gente arranja outros nomes. Eu era a Mariana. O cliente está numa sala e vai lá uma de cada vez. Ali éramos muitas. Umas 8! O cliente vê todas, depois, ao fim – é aquela, não sei quê. Quando uma já trabalhou algumas vezes, então tem de dar vez às que ainda não

¹⁵¹ Ver, a propósito, Gail Pheterson, *The Prostitution Prism*, Amsterdam University Press, Amsterdam, 1996.

trabalharam (...). Parecia que eu estava noutra mundo. Não era que eu gostasse ou deixasse de gostar. Estava assim um bocado... o que é que eu estou aqui a fazer (...). Então eu fazia sempre com a mão e também (baixando a voz) sexo oral. E então o que acontece? E eles não se queixavam! Pronto, eu pensava que podia ser assim. Só que (baixando de novo a voz) eu devia fazer sexo, penetração, e não fazia. Então essa senhora, que era a Ana, começou a dizer – *‘Ah, não sei quantos, Mariana, tens que começar a’...* – ehhh... *granda bronca* – *‘tu... não... não sei quê’...*– tinha que ver se começava a coiso, quer dizer, chamaram--me a atenção que eu não fazia... hum! (...). Eles viam que eu também estava assim um bocado inibida...

Inês começou depois a relacionar-se mais facilmente com as companheiras e os clientes, a “socializar-se”, como me diria, evocando um conceito que aprendeu numa cadeira em que abordou as “teorias de socialização”. Na sala de espera é frequente que as prostitutas falem dos clientes mais assíduos: dos seus desejos, taras, vulnerabilidades, ideias, ambições. As novatas vão-se socializando com as mais experientes e, paulatinamente, vão descobrindo o “à vontade” possível para, quantas vezes contra-vontade, entregarem o seu corpo a um corpo desconhecido.

Começa-se a falar um bocadinho, p´rá aí uns cinco minutos, a apresentação – ‘então, não sei quê, então estás aqui’... - aaa..aaa... depois começamo-nos a despir, ele despe-se, eu também me dispo, as pessoas começam logo a meter-se à vontade (rindo)... Aquilo é quase instantâneo, a pessoa já sabe, chega ali, já sabe o que é que (baixando a voz)...

E enquanto se espera por clientes:

Há televisão... Fala-se... Elas falavam conversas parvas (...). Elas estão sempre a discutir, a falar alto, e depois tocam os telefones, depois atendem os telefones... e depois uma a discutir com outra... conversas parvas..., nem sei de que é... elas estão sempre a discutir (...). Eu via elas com telemóvel... Foi na altura que pensei comprar um telemóvel. Eu apercebia-me das conversas delas! Tenho que comprar um telemóvel! Às vezes pedem-me o contacto... quando estive lá conheci algumas pessoas, fiquei com o contacto delas, e gostava delas, gostava de sair com elas... depois, quando comecei já a não ter problemas em estar com as pessoas, eu até gostava de lá estar, gostava daquilo tudo, só que depois houve uma altura em que comecei a ficar com receio dos meus amigos porque, de vez em quando, saíamos e encontrava alguém (um cliente) e começava a corar: *‘Ei, que andas aqui a fazer, nunca mais te vi, não sei quê’...* E eu: *‘Ai, e agora que vou dizer?’*

Inês decidiu então abandonar a casa da Bordalo Pinheiro. Há um ano que fazia a casa. Ficou com contactos de alguns clientes. Tinha telemóvel e os clientes facilmente a podiam contactar. Alguns tornaram-se amigos e fizeram pressão para que ela

abandonasse a casa. Os homens têm tendência para ser possessivos com quem se relacionam sexualmente, mesmo com mulheres que são de todos, porque a todos se vendem. Avisaram-na de que se podia queimar: 'qualquer dia vais na rua e és reconhecida e desmascaram-te'. A verdade é que Inês começou a sentir que era olhada de soslaio por mirones e vizinhança quando entrava ou saía da casa em que se prostituía: “Comecei a ver que, quando saía, as pessoas todas dali começavam a olhar para mim, e comecei a sentir vergonha”. Exactamente como acontecera ao sociólogo da Gabriela das Tranças.

Comecei a ficar algum tempo sem ir, para a consciência não me pesar tanto. Depois saí definitivamente e nunca mais voltei lá. Depois comecei a ver outra vez o jornal. Depois houve uma altura em que havia ali no Imavis... ia dando bandeira outra vez. Fui lá; por acaso não costumava ir àquele centro comercial, e vejo uma rapariga conhecida”.

Inês descobriu que essa conhecida trabalhava na casa anunciada pelo jornal. Era uma casa de massagens. Por lá andou massajando corpos até que lhe vieram de novo sentimentos de vergonha. Os seguranças do centro comercial olhavam-na insistentemente com um ar que ela entendia de provocação. Decidiu abandonar as massagens, mas guardou os contactos dos clientes mais interessantes, de dotes ou de maneiras. Com esses clientes passou a encontrar-se em hotéis e residenciais, amealhando as comissões que noutros *esquemas* iam parar aos intermediários. Nessa altura, aprendeu também a pôr anúncios no jornal e a fazer *domicílios*. Em algumas casas ganhava apenas 15 contos dos 30 que os clientes pagavam. Agora arrecadava por inteiro o pagamento do serviço, sem intermediações.

Inês tem, pois, uma carteira de “amigos” que vai renovando com anúncios no jornal: “Quero fazer as coisas, mas de uma maneira discreta e que me dê um certo gozo e que também ganhe dinheiro”. Ao contrário do que acontece nas relações legitimadas através do matrimónio, na prostituição o sexo é considerado um trabalho que as mulheres fazem aos homens. E, claro, quanto mais longa é a jornada de trabalho mais pagamento se exige. Inês não escolhe idades. A maioria dos seus “amigos” tem mais de 30 anos e muitos são casados. Nas casas por onde passou, os clientes estão entre 30 a 60 minutos. Se estão mais tempo pagam mais. O trabalho negoceia-se em termos de tempo dispendido. Nas relações matrimoniais, quando a sexualidade se transforma num fardo, nem sempre a carga de trabalho é reconhecida, designadamente se é

exigida na base de um desejo machista; mas na prostituição há uma contrapartida objectivável, um preço..

Quando faz *domicílios*, Inês apresenta-se quase sempre como universitária. Ao contrário do que, por vezes, sucede no mercado de trabalho convencional, onde os títulos universitários de pouco valem, no mercado da prostituição o título universitário valoriza uma puta, dá-lhe estatuto e, logo, o pretexto de cobrar mais:

Sim, há preços diferentes. Se é uma universitária é 30 (contos), se for outra pessoa até pode ser 20 (contos). As universitárias cobram mais (rindo-se...). É cultura e aspecto físico.

Os preços variam também em função dos clientes e dos favores. Um cliente do Sheraton paga mais do que outro da Bordalo Pinheiro. Por outro lado, os preços cadastrizam a prostituta por regiões de diferente valor: *por trás* é mais caro; *bocal* ou *clintonada* é mais barato, o *trabalho manual* é o mais mal pago. Todas as partes do corpo são fontes de dinheiro e a necessidade de dinheiro é factor determinante da prostituição.

A maior parte das raparigas que vão para esses sítios é porque precisam... ao princípio não me apercebia, mas depois é que comecei a ver... é que eu não pensava que elas tinham filhos... É porque têm filhos e já não vivem com os pais... e depois têm pouca escolaridade, deixaram de estudar, foram mães muito cedo, e então não conseguem arranjar trabalho, é tudo assim temporário, e querem ter determinadas coisas que com um emprego normal não conseguem ter e então... trabalham assim (baixando a voz) nessas coisas (prostituição).

Como se vê, para muitas mães solteiras, o cuidado dos filhos constitui a principal razão para trabalharem como prostitutas¹⁵². O desgaste é considerável e traduz-se num envelhecimento precoce. Para muitas prostitutas é difícil encontrarem outro meio de vida, uma vez iniciadas. A menos que algum amante as sustente.

Elas até são novas, pensava que elas tinham mais idade, mas não, têm pouca idade... entre os 20 e os 30... Aquilo é a vida delas, eu não tou a ver aquelas pessoas a sair porque, conforme os anos vão passando, mais difícil é arranjar trabalho, e elas vão-se acomodando àquilo... e aquilo é uma rotina, prontos, é a vida delas! Eu acho que elas vão andar sempre naquilo. Elas só saem de lá, desses sítios, quando, prontos, conhecem assim alguém, não sei quê, e... começam a sair com essas pessoas e deixam de ir lá a esse sítio onde estão...

¹⁵² Ver Ine Vanwesenbeeck, *Prostitutes Well-Being and Risk*, Vu University Press, Amsterdam, 1994.

Inês insiste que o seu caso é diferente. Busca na prostituição dinheiro, mas também amigos e prazer. Abundam exemplos de modelos de investigação que transformam a prostituta numa “variável sociológica” com identidade pré-fixada. O que na realidade observamos é que a prostituta tem um status social *contingente* e *relacional*, são as contingências de vida e os relacionamentos sociais que a levam a abraçar um determinado modo de vida e uma determinada forma de exercício da actividade prostitucional.

Depois há aquelas pessoas que querem ter assim algum dinheiro, mas não querem fazer essa vida, então... como hei-de explicar... têm assim alguns amigos... e... é assim: eu vou falar por mim: eu tenho alguns, mas... portanto.. é uma relação... é uma relação de amizade! Pode não acreditar, mas é uma relação de amizade! Eles consideram-se meus amigos e eu considero-me amiga deles! Não tem nada a ver (baixando a voz) com outras coisas... Porque é assim:... ter assim alguns amigos é diferente, porque... nem eles queriam que eu tivesse nesses sítios, nem eu queria... Por exemplo, tenho uma amiga... eu disse a ela quando houvesse assim alguma coisa (baixando a voz), algum domicílio... que ela me telefonasse, não era tar lá, que eu não quero tar lá!

Muitas jovens prostitutas vivem no dilema de saber se devem ir para a cama com todos os que lhe aparecem. De preferência, procuram ter clientes fixos, os chamados amigos, amigos especiais que buscam prazer a troco de dinheiro. Elas sabem que a prostituição é a conjugação de duas vontades antagónicas, um desejo de gozo e um desejo de ganho. É o dinheiro que compatibiliza estes dois desacordos. E pelo dinheiro correm, mesmo correndo riscos. No entanto, Inês sugere que, quando está com esses amigos, o trabalho é mais agradável do que muitos outros que desenvolveu fora da prostituição. E, sobretudo, mais lucrativo. Nem sempre é certa essa ideia recorrente de que a prostituta é indiferente ao sexo e falha de respostas sexuais positivas em relação aos clientes¹⁵³. Quanto aos riscos...

A gente fica um bocado com receio... e corre-se risco (...). A mim nunca me trataram mal, sempre me trataram bem, nunca tive razão de queixa (...). Preservativos, sempre. A gente não sabe quem é a pessoa... Eu estou a dizer ao princípio... porque, por exemplo, eu tenho um amigo meu... (rindo-se)... que faz (baixa o tom de voz e arregala os olhos, o que traduzo por ‘sexo sem preservativo’)... pronto, a gente já fez os testes, é que eu tenho muito medo disso... tenho um medo! E a gente faz à vontade, mas com cuidado... tenho que ter cuidado, p’ra não engravidar, não é? (...). Pílula? por acaso estou a pensar... algumas colegas dizem que a pílula até faz bem ao acne (rindo-se muito),

¹⁵³ Leonard Savitz e Lawrence Rosen, “The Sexuality of prostitutes: sexual enjoyment reported by ‘streetwalkers’”, *The Journal of Sex Research*, 1988, 24, pp 200-208.

não posso comer chocolates porque provoca-me borbulhas, não posso fazer natação porque... qualquer dia não posso fazer nada (rindo-se). Tendo cuidado... não é necessário tomar. Tenho sempre preservativos. Eles às vezes não trazem. Estou sempre prevenida. Tenho sempre na mala (...). Porque eu tenho muito medo das doenças.

Como qualquer operária que vende a sua força de trabalho, Inês retira também do corpo um benefício económico. Inês aprendeu, com a experiência da vida, as recompensas e castigos da submissão. Para preservar o valor de troca do seu corpo precisa de protegê-lo, ainda que o contacto com alguns corpos estranhos a aflija.

Tive algumas surpresas... Um dia ela (dona da agência) mandou-me lá p'ra um Francês, p'ra um hotel, com uma outra... hum... que horror! Detestei o homem!... Era um bocado ascoroso! Não gostei dele! Era feio e... faltava-lhe aqui um dente (rindo-se)... não gostei dele!

Diz-se que, quando uma prostituta se entrega ao trabalho, nada mais vê que notas. Não é certo. A Inês custa-lhe, por vezes, envolver-se com carecas sebosas, bigodes grisalhos, placas dentárias, barrigas de cerveja e ais de reumático. No entanto, a prostituição liberta os chamados embaraços imaginários da troca. O cliente não é nenhum emissor de afectos, apenas o detentor de um pénis com liquidez de esperma e de capital. Aliás, o cliente não pode despender a sua libido sem despender o seu dinheiro. Inversa-mente, Inês não pode entregar-se sem ter a impressão de estar a trabalhar, mesmo quando está com os “amigos” que pagam, “negócios, negócios – amigos à parte”. Trabalha para ter dinheiro que lhe permita realizar os sonhos de consumo. Veste-se bem, frequenta restaurantes e discotecas, esconde as suas origens humildes junto dos colegas universitários, comprou um *Clio*, com ele ganhando *status* e facilidade de movimentação.

Não, (os pais) não desconfiam (rindo-se muito)... É assim, vou explicar. Sabe uma coisa? O carro tá em meu nome, e o fiador é o meu tio e quem paga é o meu namorado... isto não tem nada a ver... Tive que contar outra história... Tá em meu nome! Tenho que pagar aos meses...

Dada a falta de autonomia económica quando vivia exclusivamente na dependência dos pais, o desafogo financeiro resulta especialmente atractivo para Inês, agora que pode fazer uso do seu dinheiro, depois de tanta penúria. Mas, hedonista como é, não coloca de lado o prazer sexual. A interiorização do papel de “amiga” liberta-a para desfrutar do sexo ou admitir esse gozo. Por isso, Inês sente-se mais à vontade com os “amigos” do que com os clientes desconhecidos; é com esses amigos que desfruta de

prazer sexual, embora viva economicamente dependente de ambos os tipos de relacionamento.

Ao espelho do passado, Inês olha o futuro e vê tudo por decidir, acha que a vida não está decidida. A vontade fica aquém do sonho, e nada se obtém da vontade a partir da margem do sonho. Ao sonhar com o futuro, Inês age sem querer; quer sem poder; vê sem nunca ter visto antes de ter visto; vê sem prever – um futuro imprevisto.

Reprovei duas vezes, no 7.º e no 9.º (...). Não, não foi por faltas, eu nunca faltei às aulas! Agora falto... Depois chumbei em Inglês, no 12.º ano. Inglês era complicado, era assim mais Literatura, não sei quê, e depois também tive História... depois optei por Antropologia... Agora, na Faculdade estou à noite... nunca reprovei (...). Quando acabar o curso, eu tenho de decidir a minha vida. Ai isso tenho. Não sei p'ra onde vou, se fico cá em Portugal, se vou p'ra Espanha... Vou--me casar, claro! Depois, quando me casar, começo a trabalhar, não sei quê, vou deixar-me (baixando a voz) destas coisas...

O baixar de voz da Inês, quando fala de certas “coisas”, pode ser interpretado como tentativa de silenciamento ou ocultação dessas “coisas” da vida, sobre as quais preferiria não falar. Inês transita dos *domicílios* para a universidade e nesse trânsito muda de identidade, recordando-nos que toda a pessoa é uma variação de si mesma. A mesma pedra entra em duas construções sucessivas. O mesmo pássaro voa até ao beiral do telhado e de lá cai de novo.

Essa “Inês variações” insinua-se nos diários onde, a meu pedido, anotou as actividades do quotidiano e as “coisas boas” e “más” do dia-a-dia.

7.00h: Acordei, aliás, já estava acordada, dormi muito mal, devido a um acontecimento que fez com que ficasse a noite a pensar, a pensar... (a entrevista que me dera realizara-se no dia anterior, terá tido um efeito perturbador?). Quando me deitei doía-me a cabeça porque estes acontecimentos fazem-me ficar muito exaltada, tive dificuldades em adormecer. Acordei, tomei banho, vesti-me, tomei o pequeno-almoço, os meus pais já tinham saído.

8.30h: Comecei a fazer um trabalho para uma disciplina da faculdade.

9.00h: Telefonei para uma pessoa porque tinha coisas importantes a dizer-lhe e pretendia esclarecer algumas incógnitas.

9.30h: Continuei em casa.

11.00h: Saí, fui falar com um amigo meu de uma associação ecológica.

13.00h: Fui ter uma “opção” (na Faculdade), que era da 1 às 3 horas, e não tive, pelo menos esperei até às 14 e não apareceu o professor.

14.00h: Fui ter com um amigo (encontro sexual).

16.00h: Já ia a caminho de casa.

17.00h: Preparei a pasta para as aulas e lanchei.

18.00h: Fui então para a Faculdade.

22.00h: Saí às 10 h, fui para casa.

Como vemos, o quotidiano de Inês coliga obrigações escolares (aulas e trabalhos de casa) com visitas a amigos. Frequentemente Inês sente-se sozinha, como anota no diário, nas “coisas más do dia”:

Apesar de não ter estado o dia sozinha, senti-me muito sozinha. Eu não tenho muitos amigos que me façam companhia, porque a maior parte deles trabalha durante o dia, e eu à noite tenho aulas, assim desencontro-nos e, como já são crescidinhos, já têm a sua vida privada ou são casados, ou têm namorado/a. Penso também o que me esperará quando acabar o curso, será que vou trabalhar, será que vou gostar do que vou fazer, quanto vou ganhar? Interrogo--me muitas vezes. Às vezes fico farta de não fazer nada.

Apesar de bastante activa, afinal é uma trabalhadora-estudante ainda que as estatísticas oficiais a registem apenas como estudante, Inês sente-se sozinha, afastada de amigos, à parte os amigos do prazer. A sua solidão parece também resultar da dificuldade em manter-se ligada ao futuro. Sente-se incapaz de o projectar, não sabe em que irá trabalhar quando terminar o curso e quanto vai ganhar. O dinheiro, claro, é importante para quem já aprendeu a dar-lhe valor. As “coisas boas do dia” resultam dos contactos tidos com amigos normais:

Ver os meus colegas, falar com eles, tenho a sorte de serem simpáticos, e até ajudamo-nos a nível das fotocópias. O amigo com quem estive hoje pertence a uma organização não governamental, é uma associação ecológica que proporciona conferências e debates, e o meu amigo disse-me que quando voltar a haver algo que diz-me e vou começar a assistir porque um dia também poderei participar.

Inês anseia por intervir, usar da palavra, ter oportunidades para deixar de se “fartar” de não “fazer nada”. Um novo dia, e as novidades não alteram muito a cadência habitual do quotidiano:

7.00h: Acordei.

8.00h: Fui ter com um amigo meu de Tomar que tinha que vir cá tratar de uns assuntos, e que já tinha combinado para hoje, às 9 horas (relação sexual).

10.30h: Fui para casa.

12.00h: Telefona-me a Joana a dizer que havia um domicílio à noite.

13.00h: Fui ao “Health Club” e depois fiz um pouco de ‘cardio-fitness’.

14.30h: Fui ter à porta da Faculdade com um amigo com quem não falava há dois anos. Decidi telefonar-lhe. Tivemos somente a falar, o porquê de ter estado dois anos sem me falar, pois só estive com ele uma vez, e foi numa massagem normal.

18.00h: Fui novamente para a Faculdade porque ia ter aulas.

22.00h: Saí da Faculdade, tinha uma mensagem da Joana a confirmar que o domicílio era às 22,30h. Fiquei no carro à espera que ela viesse ter comigo e, enquanto isso, por acaso um arrumador de carros fez conversa e teve a contar-me um pouco da história dele.

23.00h: Fomos de encontro ao domicílio, mas correu tudo mal, pois a Joana tinha-me dito que era um para cada, e estavam lá 3 rapazinhos crescidos e que só queriam dar 30 contos para estarmos cada uma com dois, à vez. Eu não tinha muito tempo, não podia chegar tarde a casa e, perante uma situação destas, fui--me embora.”

O balanço deste novo dia é, mais uma vez, produto do “deve e haver” dos relacionamentos de Inês. Nas “coisas boas do dia” Inês aponta:

Foi ter-me encontrado com a tal pessoa à tarde. Na altura ele deu-me o cartão onde trabalhava. Mas agora, passados estes dois anos, eu liguei-lhe, até porque estou com uma certa dificuldade em arranjar estágio, e eu recordo-me que na altura em que falei com ele, ele estava também relacionado com Recursos Humanos o que tem relação com Antropologia. É claro, ele perguntou-me o que tinha feito durante estes dois últimos anos, e eu respondi-lhe à pergunta, mas sem frisar aqueles aspectos menos correctos. Pois na altura que o conheci ele pensava que eu era um anjinho, eu fiz-lhe apenas uma massagem. E quis que ele ficasse com essa imagem de mim. Apesar dos outros aspectos negativos, continuo a ser a mesma pessoa de sempre, sou boa pessoa, sou humana, o meu lado obscuro não influencia a minha pessoa, o meu eu.

Inês vive uma conflitualidade de identidades. Sente que tem um “lado obscuro” de vida, mas defende a integridade do “eu” e tenta convencer-se de que os “aspectos negativos” da sua vida, ligados à prostituição, não interferem na “boa pessoa” que é, “sempre foi a mesma pessoa”. Contudo, existe um sentimento de culpa quando procura ocultar o seu “lado obscuro”. Tenta, aliás, que esse lado obscuro não ofusque o seu outro lado de si que é representado pelo anjinho, imagem que procura preservar ante aqueles que não conhecem o seu lado das trevas. Quanto às “coisas más do dia”:

Como não podia deixar de ser, foi à noite ao tal encontro. A Joana não agiu da melhor maneira, já lhe tinha dito que tinha de ser exigente na lembrança, e nada de rapazinhos e caboiadas sem conhecer as pessoas. Mas ela não se importa de ir por qualquer preço. Eu assim não quero porque não quero fazer disto uma monotonia, uma rotina, não quero fazer disto a minha profissão. Eu tenho os meus amigos (parceiros sexuais que pagam), mas se aparecer mais alguém que vale a pena tudo bem, se não for assim não quero, pois quero também tirar algum gozo nisto. Quero

andar na rua, sem ter a consciência pesada e que ninguém me aponte. Se fizer algo que não seja muito correcto, ao menos que o faça bem e discretamente.

Inês vive num receio permanente de se cruzar com um dedo acusador, procura a discrição, tenta ser selectiva nos novos relacionamentos, rejeita vender o corpo a um preço qualquer, espera poder retirar algum gozo dos seus encontros. No entanto, o diário de Inês mostra-nos sentimentos de isolamento e solidão que os seus “amigos” não podem compensar. Recorrentemente surgem desabafos do género:

Sinto-me novamente sozinha, todos os dias sinto-me sozinha, deve ser por estar em casa. Sinto falta de estar com alguém, estarmos a falar, mas também não pode ser qualquer pessoa, tem de ser aquelas que eu quero, de quem gosto e simpatizo.

Se em Inês, apesar de frequentemente se sentir só, há uma celebração hedonista da vida, em Joana há uma crítica exacerbada da frivolidade que domina a sociedade. Ao falar da sua profissão, Inês reivindica uma escolha e protesta contra a fatalidade; em contrapartida, Joana insiste em lembrar que não se acorda certa manhã decidindo ser prostituta. No relato de Joana, como de seguida se verá, há uma necessidade de justificação de um modo de vida, não raras vezes se alegando uma situação de vitimização. Joana confessou-me que vezes sem conta pensa na puta de vida que a fez puta enquanto satisfaz clientes. É essa conexão – entre o exercício de uma ocupação, ser puta, e a puta de vida que a fez puta – que ela procura acentuar, ao construir toda a teia de argumentações com que tece o seu relato de vida. Quer dizer, da mesma forma que não é por gosto que as tecedeiras tecem, também Joana, como tantas outras prostitutas, não se prostitui pelo gosto de se prostituir. Vejamos como Joana entrou no mundo da prostituição:

Fiz o meu 12.^o ano, vivi sete anos com um advogado muito conhecido, comecei a viver com ele com 19, ele tinha 40, e vivi até aos 26... Eu comecei por tirar Arquitectura, estive dois anos em Arquitectura (...). Havia muito pouco tempo para mim e p'ra ele, era só leis... De repente parei Arquitectura e tive negócios próprios... lojas de decoração. Comecei a ter dinheiro, a viajar, ia frequentemente a Paris e a Londres... Depois, a partir de uma certa altura, os negócios começaram a correr muito mal, e fiquei com encargos brutais... foi assim muito de repente... depois, também me separo dessa pessoa. Essa pessoa, por vingança, porque não aceitava a separação, tentou puxar-me o tapete a todos os níveis, ou seja... não havia nada que ele não tentasse fazer para me conseguir de volta (...). Nós vivemos sete anos juntos! Só que, quando me separei, eu saí de ao pé dele com 26 para 27 anos e ele teria de 47 para 48.

(...) O meu primeiro namorado é hoje piloto da TAP, tivemos um namoro de quatro anos, comecei a namorar com 16 até p'ra aí aos 19, tivemos p'ra casar, houve ali uma birra, conheci esse advogado que era 20 anos mais velho, continuo sempre a gostar de pessoas com 10 ou 15 anos a mais do que eu, têm outra maturidade e põem-nos muito mais... embora isso tenha uma parte de trás, ou seja, fiquei sem pai aos 14 anos, e há a parte paternal no fundo, justifica sempre, uma mulher quando se apaixona sempre por um homem muito mais velho, junta as duas coisas, é a parte paternal... é a parte de... sentir que tem ali uma protecção. Eu sei o que é isso, e também não consigo andar, não ando com ninguém da minha idade, o primeiro namoro, esse piloto, tinha a minha idade, mas hoje era incapaz de 'tar casada com ele, não me diria nada, hoje em dia olho p'ra um homem, com menos de 40 anos... eu não olho! Porque a minha bagagem... não tenho paciência... para começar logo 'ai, aquele carro é giro, tem não sei quantos cavalos', quer dizer, aquelas futilidades que... vocês homens amadurecem muito mais tarde do que uma mulher, e deve concordar ('hum, hum', aceno na vertical a cabeça).

E continuando:

Tenho dois créditos que foram avalizados pela minha mãe e é assim: eu tinha tudo o que era crédito, e trabalhei muito tempo com o Banco Espírito Santo onde tinha um grande amigo, e cheguei a uma altura tinha uma calcinada de 8 mil contos. Na boa. Aquilo começou a dar p'ró torto, eu como inexperiente... para não o deixar entalado, 'é melhor assinares uma livrança, a tua mãe avaliza'... e aí a bronca gerou-se, passou a livrança a estar em meu nome e em nome de minha mãe. Portanto, oito mil contos ficaram logo, enfim, com mais quatro mil e tal contos que tinha já doutras... mais alguns pré-datados que havia... e, pronto, aí as coisas pararam, aguentei até ao ano passado, aguentei tribunais... que demoram muito tempo em Portugal, não é?... o ano passado começou tudo a estoirar muito e eu a não saber como tinha meios de ir buscar o dinheiro.

Um cão submetido simultaneamente a estímulos que provocam raiva ou medo pode atacar ou fugir com idêntica probabilidade. O mesmo acontece com uma jovem pressionada pela necessidade de ter dinheiro e o dever moral de não o poder ter a qualquer preço.

E depois é assim, os amigos nessas alturas nunca têm, e não ia chegar ao pé de alguém e dizer: 'olhe, empreste-me aí cinco mil contos... olhe, dê-me aí mais mil'... quer dizer, era impensável! A minha mãe, entretanto, ficou já viúva, eu tenho padrasto, e começa a pressão, depois as coisas é assim, nunca são muito bem aceites pelos familiares... e a única solução que vi... pensei, a única solução que eu tenho... aí peguei num jornal, vi o anúncio... entrei nessa casa toda a tremer, parecia que tinha 15 anos... as coisas começaram a correr muito bem. Eu nesse ano (o ano passado) ganhei 12 mil contos. E só tenho tenções de andar mais até ao meio deste ano. Porque é assim, eu sei que... o meu objectivo seria voltar a comprar o meu andar, que tive de vender... tive três ou quatro carros sempre dos bons (...). Agora tenho uma casa arrendada, onde vivem lá

duas amigas minhas para dividirem despesas (...). Não, não, não estão envolvidas, nem muito menos sonham... Uma é médica e outra é advogada. Pagam-me os quartos, mas perante elas eu sou simplesmente uma menina de papás com muito dinheiro, que se dedicou a Belas Artes.

O meu pai era um empresário relativamente bem conhecido e a minha mãe foi sempre a chamada dondoca que nunca fez nada... que vai às compras... ainda hoje, eu agora não lhe peço dinheiro nenhum, ainda este Natal eu tava um pouco zangada com ela... porque temos caracteres muito competitivos, eu choco muito com ela, daí eu ter sempre sido criada com a minha avó, a minha avó p'ra mim é a minha mãe. A minha mãe, acho que não me aceitou muito bem desde criança. É um tipo de mãe... como é que eu lhe hei-de dizer? Foi Miss, na altura foi Miss... Foi aquela mãe manequim... o meu nascimento veio-lhe estragar a beleza (...). Tenho uma irmã mais nova, claro... é uma menina que tem tudo, em casa tem um BM p'ra ela, eu também tenho o meu carro (...). Ela... bem... ajudou-me, tive um ano que não tinha sequer dinheiro para comer, ela pensou que, no máximo, teria estoirado com uns 5 ou 6 mil contos, mas nunca pensou que eu tivesse estoirado a quantia que estourei: 20 e tal mil... As empresas faliram. E, na altura, eu movimentava muito dinheiro... eu fui sempre uma pessoa que vivia... com a idade da Inês (22 anos) eu já vivia com 600 ou 700 contos... pegava em mim ia a Paris, viajei meio mundo... nesta altura (Janeiro) ia de férias p'ró Brasil... passagem de ano ia para os Estados Unidos, tive muita sorte nessa altura. Depois tinha conhecimentos, como tenho, muito bons, e ninguém lhe passa pela cabeça que eu possa estar envolvida nisto. Há muita gente que pensa que eu comecei a resolver os problemas com a herança que eu recebi do meu pai, o que é mentira. É uma mentira que eu inventei, justificando um bocado o dinheiro com que consigo estar a tapar as dívidas. Houve alguma herança, mas não tapou tudo.

(...) Comecei nisto porque tinha outro grave problema. Eu tinha um BM que estava com 1600 contos de atraso, em prestações. A empresa de crédito que me conhece desde que compro lá os carros, desde os meus 20, deixou andar, 16 meses sem pagar o carro... 'Eu não tenho meios, eu não tenho meios'... E eles: 'não... você vai ter', porque sempre perceberam que eu era uma pessoa... até que não tive! E aí comecei a ficar assustada e tinha um grande amigo como fiador, o meu melhor amigo de infância... E comecei a pensar... 'eu tenho de arranjar dinheiro'... foi aí que, quando olho para o jornal...

Joana interrompe o relato com um suspiro profundo. Olhando o rosto maquilhadamente castigado de Joana não dá para perceber se vive ainda a juventude ou se a juventude deixou de viver nela. Fita-me os olhos, certificando-se de que eu percebera como tinha caído na prostituição. Afasta depois o olhar que se perde nos contornos dissipados do fumo do cigarro que segura nervosamente entre dois dedos. Foi assim, pela "necessidade de arranjar dinheiro", que Joana perdeu o medo maior que tinha, o medo da primeira vez.

É assim, eu nessa casa, a senhora chamava-me, eu chegava a tirar 50 contos por dia. É o que eu lhe digo, eu num ano fiz 12 mil contos nessa casa! Claro, agora se me perguntar... nunca dei tanto

valor ao dinheiro como agora. É uma coisa impressionante. Agora dou ao dinheiro um valor incrível. Aponto tudo! Eu gasto 500 escudos num café e aponto. Comecei a dar muito mais valor e... depois tenho outra maturidade. Eu cresci o triplo. Eu este ano que passou cresci 10 anos. A pessoa aí começa a ver a vida toda de outra maneira. Porque não é fácil estar deitada com quem não lhe diz nada... não é fácil ir ao encontro de quem não me diz nada... não é fácil estar num grupo de amigos que são da alta sociedade e que acham que você está completamente bem e você recebe uma chamada e tem de ir ter com alguém que nunca viu, que não sabe quem é... Neste momento tou a tentar solucionar o resto dos problemas que tenho, pois caíram-me os tribunais em cima e... ficar com algum dinheiro de lado porque passei pelo que é não ter dinheiro (...).

Eu não queria pedir à minha mãe (...), a minha mãe num dia dá e no dia seguinte está 'ai, porque você estragou... você destruiu a sua vida... se correu mal foi porque não teve orientação', percebe, é o estilo... que cobra. Tanto que eu agora tava... não tava zangada, tava semi-zangada, e neste Natal disse, 'olhe mãe, não me compre nada, não vale a pena'... mas como sempre, a futilidade em parte dela é... foi-me comprar uma pulseira Cartier que deu 600 contos, tá lá em casa, quer dizer... p'ra mim era muito melhor ela pegar nos 600 contos e dizer-me 'olhe, vá pagar alguma dívida que tenha!'. No fundo eu penso que ela é tão dondoca... embora seja minha mãe, eu gosto dela, embora tão dondoca, que a vida p'ra ela é uma boa jóia e acha que, se calhar, eu já tenho a minha vida toda resolvida, porque nunca lhe pedi nada, e associa que eu tenho um namorado com muito dinheiro e que é ele que me vai ajudando... e que, portanto, eu estou bem de vida e não preciso nada neste momento.

Virando-se para Inês, acentua alguns contrastes com a amiga:

O que eu vejo na Inês é que, no fundo, ela... leva no desporto, se ganha 20, tudo bem, pronto. Amanhã se não ganhar nada, tudo bem. E como vê, faz há três anos. Eu optei por... não passo por casa nenhuma porque no fundo ela passou por uma data de casas, eu passei sempre pela mesma... suporto coisas que nunca pensei suportar... o ambiente, as pessoas, tudo (...). Quando sair de lá, acabei. Eu num ano tive objectivos, consegui pagar dívidas que tinha muito altas e pus algum dinheiro de lado, quero este ano fazer o resto e... acabou. Não quero andar nesse escalão de ser conhecida, não vou andar de casa em casa porque há um risco, quanto em mais casas você anda... não é os clientes! O pior é as mulheres que conhece. E não estou p'ra andar aí na rua, e hoje ou amanhã encontro uma – 'ah é aquela'... É assim, eu sempre tive o nariz muito empinado, quando entrei para essa casa... era a protegida um bocado da dona, porque ninguém gostava de mim, chamavam-me a 'Tia de Cascais', que sou a 'Beta de Cascais'...

Eu, por norma, não me misturo. As horas que faço lá naquele sítio... tou num teatro completamente diferente, saio dali, sou uma senhora, ou seja... ali sou uma puta, que é o termo, e na rua sou uma senhora que ninguém tem o mínimo que apontar, porque eu não admito isso, e prontos, é o que eu lhe digo, não tenho interesse de andar de casa em casa, nem pouco mais ou menos, tanto que eu cheguei do Alentejo, tinha 'tado na Herdade de uns amigos no dia do Ano Novo (a entrevista realizou-se em Janeiro de 2000) e ela (a dona da casa) telefonou-me e... 'ah, venha cá, não sei quê, porque tenho aí um óptimo esquema para si, no Tivoli'... porque os melhores trabalhos... houve uma altura em que me calhavam sempre a mim... eu tinha um ar muito bom em comparação

às outras... e realmente foi um ótimo trabalho (refere-se ao trabalho do Tivoli)... pagaram 100 contos e tive lá meia hora... Um casal. Ou seja, eram espanhóis, uma miúda giríssima, da minha idade... queria ver o marido a ter relações com alguém, então pagaram-me 100 contos, tive meia hora, vim embora, acabou.

Em relação aos clientes desconhecidos procura agir com cordialidade e, quando o primeiro contacto se estabelece por telefone, pelo timbre de voz consegue adivinhar o perfil do cliente que a chama, ao mesmo tempo que também dá sinais ao cliente do tipo de mulher que é, valorizando, neste aspecto, os atributos culturais:

Eu, há bocado, quando falei consigo ao telefone... como se diz sempre, as aparências iludem, mas há um timbre de voz, há a dicção de voz que a pessoa mais ou menos... por exemplo, o primeiro anúncio que se pôs, ela (a Inês) estava em casa, fui ter ao Sheraton, ela não estava disponível fui eu. Disse: 'Sou a Joana, não sei quê'... Eu até brinco sempre, disse: 'Olhe, mas não me conhece'... E depois dizem-me – 'ah, não, já percebi, tem um bom tom de voz', mais ou menos consegue-se perceber a bagagem da pessoa, a cultura... 'Não! Venha!'... Eu entro no quarto e até pergunto: 'Olhe, caso não esteja interessado, não tem qualquer problema, vou embora'... porque não consigo agir de outra maneira... e em relação a esse senhor achei interessante porque o senhor era da Madeira, faz política, e disse-me logo: 'Não, não, está ótima, a Joana fica... fiquei uma hora... eu tinha pedido 35 contos, porque era Sheraton, e quando o senhor me deu o dinheiro acabou por me dar mais 10 mil escudos... Eu nunca aceito o dinheiro... primeiro o dinheiro! Tive sempre um bocado de sorte com isso, nunca chego ali: 'primeiro o dinheiro!' – acho isso uma coisa... É o que eu digo, não sei ser negociante nesse aspecto.

Aqui, Joana revela um comportamento que diverge do de muitas prostitutas que, normalmente, exigem pagamento antecipado. A lógica do pré-pagamento compreende-se porque o prazer sexual só tem valor quando ainda não foi alcançado. Quando a cobrança é posterior ao acto, e se houvesse qualquer pugna negocial, não seria possível, para a prostituta, a devolução do prazer.

E depois tenho outro carácter: nunca conto o dinheiro à frente da pessoa, sempre me pode enganar... mas acho que tem que haver um pouco... é assim: devido à profissão que se está a fazer, que já não é correcta, tem de haver um bocado de dignidade... não perder a sua personalidade e o seu... a pessoa tem de continuar a ter a sua imagem... Às vezes, algumas companheiras dizem-me que são muito humilhadas... até agora nunca fui, porque acho que as pessoas olhavam sempre para mim como alguém que impõe a barreira... que é educada (...). Tive um bocado de sorte também. É como tudo na vida. Nós p'ra termos bem... ou se queremos ser bem tratados, temos que nos dar ao respeito, e eu mesmo nesta profissão foi o que percebi. Eu entro num apartamento de alguém, percebo logo o estilo que a pessoa é... se é um miúdo mais novo irrita-me imenso, e então dou-lhe muita distância, trato-o por... você isto, você aquilo... você

intimida muito a pessoa... e tento sempre pôr a pessoa um bocadinho distante... depois vejo, se a pessoa é querida, é humilde, é uma pessoa com quem até se pode conversar... e dizem-me 'não acredito que estejas nisto há muito tempo'... as pessoas têm sempre muito essa mania”.

Essa “mania” das pessoas é desconcertante, mas tem uma razão de ser. É que o acto de prostituição não implica simplesmente dois seres humanos, é um acto que é identificado pelo facto de envolver mulheres que se reconhecem como prostitutas. Os clientes tendem a olhar a mulher com quem se relacionam como uma puta, e quando na puta descobrem a mulher ficam surpreendidos, baralhados, no exacto sentido em que descobrem na “mulher-puta” um baralho inesperado de sentimentos e perversidades. Ao “dar-se ao respeito”, Joana baralha os modelos de referência que tomam a prostituta como irrespeitável. Ao prescindir do estigma de puta, que se estabelece no intercâmbio sexual remunerado, a representação social da prostituta liberta-se simultaneamente das amarras preconceituosas que criam o estigma. Joana consegue esta metamorfose, estilizando a relação, não fazendo o mesmo que uma puta qualquer faz, como exigir logo o dinheiro à cabeça (passe a expressão).

Esta actuação inteligente de Joana permite-lhe fidelizar uma clientela sensível a estes toques de classe. Aliás, Joana mostra argúcia na forma como se movimenta no meio e, mesmo fora do meio, monta as melhores estratégias para angariar a sua desejada estabilidade financeira. Por exemplo, a renda do apartamento onde vive é coberta pelo aluguer de dois quartos a duas jovens:

Eu aí com o que ganho nunca ando a pagar renda. Neste momento é assim, eu passei de bons carros, de BM's para um carro muito inferior... e toda a gente dizia: 'Ah, mas como é que tu'... e eu, 'não não, é assim, eu agora só posso pagar 40 porque que é que eu vou estar a pagar 100?'... e digo-lhe, nunca movimenteí tanto dinheiro sem ter que pagar, porque, quando se tem comércio, você movimenta, mas o dinheiro não é seu, é de quem lhe fornece as coisas... neste momento o dinheiro é seu porque é gasto do seu corpo... mas é assim, nunca também eu andei tão discreta... não exibo um bom carro, por acaso o que eu queria era um *Golf Cabrio*, eu podia ter comprado o carro, se eu quisesse, agora, em 4 ou 5 meses não pagaria mais algumas coisitas e arranjava os cinco mil contos e comprava um *Cabrio*... mas é assim, acho que era uma fachada que eu não quero, é a tal fachada que eu vou querer ter na mesma, se calhar, daqui a um ano ou dois terei, mas, neste momento, o meu objectivo é continuar a pagar o que devo, montar o meu *atelier*, voltar a comprar um apartamento, e então aí volto a ter os bons carros que sempre tive; se continuar a ter um inferior, não morro por isso, pois já cheguei à conclusão que não é o carro que faz a imagem da pessoa, a nossa imagem somos nós, e se aprendi com alguém... uns bons amigos meus que têm muito dinheiro, uma das famílias mais ricas do nosso país, e me diziam 'olha, a vida não é os carros', e aprendi com eles, que eles são oito irmãos e os pais passam os carros do mais velho

para o mais novo e não lhes compram os BMW's, não lhes compram os Audis... porque é o que dizem, 'nós somos o que somos, não precisamos dos carros para nos mostrarmos', ou seja, são pessoas que não precisam de exibir o novo-riquismo.

As origens sociais de Joana conflituam, por vezes, com o seu actual modo de vida. Por um lado, como vimos atrás, é tratada pelas companheiras, com algum desprezo, como a "tia" ou a "Beta de Cascais" e, aliás, faz questão de dizer que sempre teve o "nariz empinado". Por outro lado, rebela-se contra o poder das *castas económicas*, mesmo quando se apoia na opinião de amigos que fazem parte dessas castas. Na verdade, a sua rebeldia é contra aqueles que exteriorizam "sinais de riqueza", próprios de "novo-riquismo", isto é, de quem subiu na vida. A posição crítica de Joana aos "novos-ricos" pode ser induzida por ressentimento de quem esteve bem na vida e agora está mal, de quem experimentou uma mobilidade social descendente.

Joana critica os que, para salvaguardarem aparências, exibem boas marcas de carro, mas ela própria não rejeita a possibilidade de possuir um carro tanto ou mais distintivo, um descapotável. A rebeldia ambígua contra as *castas económicas* – mais adiante dirá que se "borrifa" para as noites do T-Club e para as Saviottis – é feita a partir de uma posição socialmente tida como *incasta*. A castidade, com efeito, remete para um estado de abstinência sexual. Ora o desvio moral que implicitamente subjaz à condição de puta é a falta de castidade. A definição de *incasta* acaba por definir a essência de uma realidade que é nomeada por um substantivo que se metamorfoseia em adjectivo – puta – dissipando qualquer ilusão de que uma mulher, assim qualificada, possa desfrutar de uma imunidade própria de quem pertence a uma *casta*. Joana vive nesta contradição, a de pretender refazer a vida – saldar as dívidas, ter um bom carro, um bom apartamento – isto é, reintegrar-se na casta de origem, partindo de uma posição contraditória: a de mulher *incasta*.

Eu agora aprendi muito, e sinto-me muito melhor assim, porque também andei numa altura em que me juntava às pessoas que só viviam o novo-riquismo... e depois eu também tinha que andar... era as roupas, se ia para o iate não sei de quem, era porque ia para a neve não sei com quem, e a pessoa aí tem que competir um bocado... hoje em dia não me diz nada... prefiro muito mais estar recatada, faço isto muito secretamente, quero é tapar as minhas dívidas, quero é ser uma boa profissional de Belas Artes... Eu sei que, daqui a um ou dois meses, se quiser, estou a sair numa Caras, numa *Casa Cláudia*... e isso preocupa-me um bocado devido ao que eu tenho estado a fazer. Por exemplo, ainda antes desta passagem de ano estive com pessoas publicíssimas, de televisão, tudo... quer dizer, que eu sei que... até me disseram 'é pá, quando é que comesas, quando é queeres que isso vá prà *Casa Cláudia*, quando é queeres fazer a exposição na Galeria

de fulano e tal'..., pronto, eu tenho esses contactos todos. Neste momento preciso juntar mais algum dinheiro e é assim... se ainda não tivesse 7 ou 8 mil contos para pagar... metia-me já nisto, tenho três ou quatro pessoas que eu sei que gostam de mim, são pessoas com posição muito elevada no nosso poder... por um lado é assim, eu também não pedincho, não vou pedir às pessoas, 'olha, dá-me mais não sei quanto, nunca!'. Eu tenho um amigo com quem estou saindo há um ano, desde que o conheci, que é uma pessoa do Porto... que gosta muito de mim... que era uma pessoa que chamava por essa senhora (dona da agência) há vinte e tal anos, desde que me conheceu nunca mais chamou ninguém, ficou com o meu contacto, chama-me a mim e... mas é uma pessoa que, se calhar, eu podia dizer-lhe 'olha'... mas é assim, não faço, percebe?... porque não gosto de tirar contrapartidas, não gosto de explorar a pessoa, e acima de tudo sei que é mais lucrativo... se calhar a pessoa, se me tiver mais um ano ou dois, olha p'ra mim e diz-me: 'Como é que és? Precisa de dinheiro? Tome x!'. Agora, eu pedir eu nunca pedi, daí ter chegado à conclusão que cheguei... de fazer um pouco isto porque detesto pedir.

Agora, neste momento, o que me assusta muito é que... eu sei que vou voltar a fazer vida social, não é social de ir ao *T-Club* que isso já me passou, já fiz muito, e borrifo-me, como digo, p'ra Saviotis, essa gente toda já não me diz nada... mas assusta-me, imagine, eu... qualquer dia dá uma reportagem assim na *Caras* e algum cliente que diga assim 'mas aquela não é uma tal que'... quer dizer, por outro lado, também tenho uma grande amiga que é uma pessoa muito conhecida também, que faz muita televisão, é jornalista, e ela diz-me 'mas olha, essa pessoa não irá escrever a dizer que dormiu contigo... por outro lado, as pessoas não irão acreditar'... porque é assim, eu reservo-me muito, (...) não pulo de casa em casa, porque eu sei que vou voltar a fazer uma vida normal e quero acima de tudo ser uma óptima profissional, ter o meu atelier, e é assim, não é estar no estrelato, mas também não é estar no anonimato... e gosto muito de andar de cara erguida. Agora digo-lhe, se me disserem assim 'aquela foi prostituta' ou disserem 'aquela é uma caloteira e continua a dever a meio mundo' ... se calhar prefiro que digam que sou uma prostituta, mas que paguei as minhas dívidas... porque (arrastando a voz) costumo dizer... eu acho que não vou ser castigada, eu às vezes não sou tão católica, mas sou! Quer dizer, não sou católica praticante, mas sou católica, e então, às vezes, vou muito p'ra Santiago de Compostela, tenho imensos amigos em Espanha e na Galiza, e costumo dizer sempre, penso, eu não vou ser castigada... porque é assim, não destruo o dinheiro comprando porcarias supérfluas, eu tento fazer o dinheiro e vou logo cumprir com as obrigações... é do contrato!

Joana preocupa-se em manter a sua dignidade, contrapondo a reputação de *puta à de caloteira*. A caloteira não paga por "má-fé". Não é o caso de Joana que, para além de mostrar ser uma mulher de fé, uma vez que vai frequentemente a Santiago de Compostela, quer fazer crer que o seu envolvimento na prostituição se ficou a dever à necessidade de honrar compromissos, saldar dívidas. A sua concepção de dignidade deixa-nos dúvidas sobre se a divisão de mulheres entre honradas e indignas não será efeito de um uso insidioso do estigma de puta. Prisioneira de dívidas, Joana viu na prostituição uma forma de se libertar delas, e com isso mostra-nos que a emancipação

económica é possível graças à prostituição. Mas sente um “peso de consciência”, a voz da consciência diz-lhe que a vida de puta não é vida. Admite, no entanto, que Deus lhe possa perdoar as imperfeições, ao mesmo tempo que desconfia da salvação daquelas que tudo fazem para parecerem perfeitas sem, na realidade, o serem.

Eu neste momento estou a pagar em média 500 contos de dívidas por mês que cumpro rigorosamente até ao dia 3. Negocieei com os advogados, com as empresas a quem devia, rigorosamente, e aí, eu penso, deve haver algum perdão, um dia, para que eu não fique assim queimada (...). Eu tive que entrar nisto porque tinha dívidas, eu não critico ninguém, no caso da Inês, que já comprou o carro dela (Renault Clio), que está a juntar algum dinheiro... é uma opção dela e acho muito bem! Agora se me disser que vá para o Colombo destruir o dinheiro... como há miúdas que vão... ganharam 15 contos vão destruir num jantar porque vão comer gambas... porque parece que nunca comiam gambas ou um caviar... não é o meu objectivo, não sei se entende, percebe? Eu neste momento organizo a gestão do meu dinheiro todo! Este mês, se eu lhe disser, consegui pagar mil e tal contos! Tinha tudo apontado! Não fiz esse dinheiro todo, fiz p’ra aí 900 contos, mas paguei porque tinha mais dois cheques que tinham de ser cumpridos até ao fim do ano, foi menos dois problemas que eu geri dos meus negócios.

No que respeita ao relacionamento com os clientes, Joana não se sente inferior em relação a muitas mulheres casadas, submetidas, sem qualquer contrapartida, à sexualidade dos seus maridos, à égide egoísta de uma ejaculação masculina. Joana sabe que é uma *puta fina* e que muitos dos seus clientes são também *gente fina*, o que não significa que a entrega do seu corpo a desconhecidos se faça sem sacrifícios. Mas Joana tenta ser selectiva, quando atende uma chamada está sobretudo atenta ao timbre da voz de quem a chama, para estimar o status social do cliente potencial. A ideia de que as putas vão para a cama com quem lhes aparece não se aplica a todas as putas e, muito menos, não é uma ideia desejável por nenhuma delas. Joana prefere os executivos de meia idade, com bons modos, ou então os “incultos”, sem grande bagagem cultural, que paguem bem e façam o “servicinho” sem delongas. Ou seja, Joana selecciona não apenas clientes individuais – como acontece com Inês, tem uma carteira de “amigos” – mas também ataca segmentos de mercado que agregam homens de determinados grupos sociais e preferências sexuais. Joana seria incapaz de frequentar uma casa de “má reputação” (as prostitutas também usam escalas de moralidade), afastando-se claramente de outras prostitutas que vivem em circunstâncias mais vulneráveis e dependentes e que, por tal razão, têm margens de opção mais reduzidas no que se refere à eleição de clientes, comparativamente àquelas que, como Joana, actuam com maior autonomia, privilégio e experiência.

As pessoas de classe mais alta são as que procuram mais as acompanhantes... Quando encontram alguém que vêem que tem uma certa bagagem e que acaba por ser uma prostituta que não é prostituta e que é diferente, aí o cliente fixa-se.

E Joana aprofunda a natureza das suas relações com os clientes.

Nem p'ra toda a gente é um sacrifício. Eu sou assim, é mais sacrifício antes de chegar, e ter que me despir, ter que me mostrar... também já houve uma ou outra pessoa em que, naquele momento, também dá prazer e em que a pessoa, no fundo... a pessoa começa a ser muito carente... eu tive uma grande paixão após a separação, aos 26-27, conheci uma pessoa que é um administrador da Banca e por quem me apaixonei assim loucamente... (toca o telemóvel, eventualmente de alguma casa de encontros): 'Quem fala? ... Ah, Dona Sofia... eu só posso passar por aí à noite... eu disse à Dona Leonor... Não lhe sei dizer... tenho hoje um jantar em casa... contem comigo só mesmo mais p'rá noite, tá bem?... Tá, té logo'). Eu depois, acima de tudo, fiquei cansada, tive essa paixão que ainda hoje mexe muito comigo... a pessoa tá muito bem, ganha muito bem, e dizia-me... 'ah, você foi uma inútil, destruiu sua vida'... rebaixou-me um bocado. Quando você precisa de um ombro, de um homem que gosta imenso... Eu apaixonei--me por essa pessoa, separei-me da outra, finalmente fiquei muito desequilibrada... eu para estar bem profissionalmente tenho que estar bem emocionalmente, sempre fui um pouco assim... e desequilibrei-me um bocado. Depois tive uma secretária que trabalhava comigo que andava metida com o meu ex, ex, ex-marido! No fundo era marido... vivi sete anos com ele... e já eram amantes há três anos.

Joana sentiu-se traída. Era uma esposa exemplar, diz, uma “boa esposa”, como toda a esposa o deve ser, de acordo com o modelo moral dominante. Modelo de subordinação ao poder masculino, representado pelo advogado. A ruptura conjugal obrigou-a a rever as certezas da vida e a considerar o futuro em termos diferentes; Joana sentiu-se desequilibrada, rejeitada, marginalizada. Ainda agora, e como atrás dizia, “dá-se ao respeito” para conseguir o respeito dos clientes. Sempre gostou de ser respeitada, mesmo como prostituta. O que mais abomina na sua vida de puta é que os homens possam ser dependentes de mulheres pelas quais não mostram nenhum respeito, mesmo que paguem, como acontece com os seus clientes. Contudo, mal por mal, condena mais a falta de respeito numa relação convencional, consagrada pelo matrimónio, do que o facto de os homens simbolizarem, objectivarem, erotizarem e comercializarem as mulheres, recorrendo à prostituição.

Foi essa a origem... houve ali um grande... desequilíbrio meu, desinteresse, a pessoa começa... eu como bom *Carneiro* que sou (refere-se ao seu signo astrológico)... sou muito forte, mas, depois, chega uma altura que caio, e se estou rodeada de pessoas que não são as mais apropriadas para estarem a meu lado... ainda caio mais! E na altura, tava rodeada de gente que era tudo... o que eu

digo, eram urubus a atacar um anjo, que eu não sou um anjo, mas era quase o termo, era a ver quem é que me roubava mais, quem é que me enganava mais, eu apanhei um esgotamento, completamente. Ficar de cama meses, depois estava apaixonadíssima por alguém errado, e foi complicado! Depois tive uma ou duas pessoas amigas, amigos meus, que foi as pessoas que me seguraram – mentalmente, não financeiramente, mas mentalmente – deram-me muito apoio, muita força, que hoje não sonham... acham que eu me equilibrei muito bem, que tenho ganho o meu dinheiro, que recebi a herança do meu pai já; ainda estou p'ra receber, mas ainda não recebi, eles sabiam que o meu pai era uma pessoa com muito dinheiro e que eu iria receber mais tarde ou mais cedo, e pensam que eu estou neste momento a tirar Arquitectura, como uma menina de bem, porque é um curso caro que não se faz logo assim, e pronto, ninguém sonha que eu faço de acompanhante, ou que vou aqui ou ali com alguém... se me virem na rua com uma pessoa que é... ninguém vai acreditar, vão dizer 'olha, é um amigo dela', e depois deixei de sair à noite, não faço vida social, este ano todo que passou eu não... não entro num T-Club, não entro na Kapital... porquê? Porque depois o que sinto mal nisto é estar rodeada de pessoas que me rodeavam... porque vejo as pessoas com a vida que levam, normal, ou se não é normal aparentemente parece, e eu cá, que horror! Eu é que sou uma prostituta, eu é que estou mal.

Aqui, Joana assume o estigma de “puta” – afastando-se da definição mais neutral que designaria um modo de vida e, sobretudo, um modo de ganhar a vida – para aceitar a definição que associa a puta a uma identidade marcada pela negativa, pela desonra, modo “sujo” de ganhar a vida, fazendo-lhe perder sentido. E sente-se mal, isola-se, refugia-se na leitura, na escrita, na música, nas viagens... em tudo o que a desprenda do que a prende à forma de vida por que optou.

E aí vem a inferioridade, e então tenho-me isolado muito mais: faço isto, vou p'ra casa, leio muito, escrevo, oiço muita música... tenho é viajado um bocado, mesmo assim dentro disto, fiz três viagens o ano passado... vou até Londres, vou até Madrid, não é que gaste uma fortuna, gasto 100 contos, não vou viver nos melhores hotéis como vivia antes, mas vou três dias, ao menos vejo museus, óperas, faço muito isso, porque eu gosto de tudo que é cultura (...). Ou seja, fui tomar um banho de cultura, de civilização, que não tenho neste momento. Porque estando num ambiente deste tipo, como nesta casa a que nós vamos, é um ambiente de cultura de degradação, que você se sente que está na pior... eu digo, eu ali vivo um filme, não sou eu, saio de lá, chego a casa tomo o meu duche, ponho os meus cremes, ponho-me a olhar p'ra mim ao espelho e digo, já saíste do inferno, da vida que não é a tua.

Fixo-me nas expressões faciais de Joana e interrogo-me se a maquilhagem que usa é para agradar aos potenciais clientes ou, pelo contrário, para que estes não descubram a pessoa que na realidade é por detrás da máscara produzida pela maquilhagem. Quando Joana regressa a casa e se olha ao espelho, reabsorve-se, esquece-se do

outro corpo, do corpo prostituído e dos corpos estranhos que abraçaram esse outro corpo do seu corpo, reencontra a identidade na perda da outra identidade, sente-se libertada do inferno de vida que não é dela, porque nunca alguém é capaz de sentir a liberdade se nunca se sentiu constrangido.

Neste momento se me disser... 'quanto tempo?'... lhe garanto que é uma questão de meio ano (...). Imagine que você chamou alguém e sou eu que vou ter consigo. À partida é assim, eu olho para si... eu sou muito observadora, sei que sou, e percebo logo que é uma pessoa com quem se pode conversar... se você falar comigo meia hora vai-me dizer assim: 'Joana, o que é que você está aqui a fazer? Você realmente não é deste mundo, você já viveu muito'... Depois há sempre as pessoas que falam de História, de viagens, de isto, daquilo, e a pessoa começa a perceber que eu não estou a inventar, percebe?... 'Ela tem um certo traquejo e já viveu!'... O que é que lhe vão dizer sempre?... 'Joana, você é mal empregue nisto, e eu não vou estar a justificar a toda a gente, 'olhe, sabe eu fiquei com 20 mil contos de dívidas e foi o único meio de subsistência que arranjei de as pagar... e depois ainda é pior, ainda venho psicologicamente mais arrasada; eu, neste momento, note, eu prefiro muito mais ir ter com alguém que é um burro, um inculto, que não sabe falar nada... que... sei lá!... estou lá meia hora e venho-me embora, do que estar à conversa com uma pessoa excelente, que eu 'taria a noite toda, que é o tipo de pessoas com quem eu me relaciono no dia-a-dia e que são os meus amigos... porque essa pessoa vai-me fazer sentir mal, vou sair de lá a pensar... até quando?... Entende? Neste momento, eu costumo dizer, eu prefiro ir ter com alguém que não seja de um carisma nem de um nível intelectual tão bom porque não me choca já tanto, porque senão saio de lá mais frustrada.

Joana não retira prazer das suas relações e evita estabelecer vínculos afectivos com os seus clientes – “estou lá meia hora e venho-me embora”. Porque não se deixa envolver pelo gozo do cliente eis porque Joana pode retirar lucro dele. O princípio do prazer cede claramente lugar ao prazer do rendimento. É sabido que não se pode pedir à menina do *shopping* que ame as peúgas que vende, nem ao assador de frangos depenados que tenha pena deles. Pela mesma lógica, não é de esperar que Joana se enamore dos pénis vagabundos que se lhe atravessam no caminho. As cavidades de seu corpo são insensíveis lugares de passagem de um trânsito anónimo que só é valorizado pelas “portagens” pagas. O ideal, para Joana, é que esses pénis anónimos (se) venham rapidamente e que rapidamente batam em retirada. Quanto menos conversas melhor.

A excepção é constituída pelos “amigos”, os clientes que se tornam fixos e em relação aos quais é necessário um tratamento personalizado para que a fidelidade se mantenha. Agora, para com os clientes “toma lá, dá cá”, melhor é que não haja grandes intimidades, até na medida em que tais intimidades são dolorosas, deixam “frustração”.

Eu agora quando fui ao Tivoli, o casal olhou para mim... a senhora que era uma querida que tinha a minha idade, ela dizia 'não acredito que isto seja a tua vida'... 'não, não é, eu realmente estou em Belas Artes, estou a precisar é de algum dinheiro, para montar o meu negócio'... e noto que as pessoas ficam sempre a pensar... 'ela não faz disto vida'...

(...) Todos nós temos um segredo na nossa vida e há quem me diga sempre, ainda um dia destes comentei isso com uma miúda que tava lá (numa casa de encontros sexuais), que a miúda dizia: 'ah, eu quando arranjar um namorado vou--lhe contar a verdade!' Eu nunca contaria! Porque é assim: eu não perdoaria isso a um homem que estivesse ao meu lado e que me traísse... E mesmo que eu fosse homem, eu não aceitava uma mulher que tivesse ao meu lado e que tivesse feito isto, mesmo nas condições que eu fiz, por necessidade... porque mais tarde, ou porque se é muito inteligente ou porque se é uma pessoa que tem uma grande capacidade e diz 'ela fez, mas é uma senhora e precisou'... mas quando vai haver uma discussão, vai haver um pequeno atrito, eu penso que vai ser sempre cobrada a vida que está a ser feita neste momento, porque todos nós somos sempre cobrados dos erros que fazemos. Portanto, eu também sou das pessoas que nunca direi: a partir de hoje, quando encontrar alguém, porque é normal que queira encontrar um homem, que me apaixone, que tenha uma vida normal, não vou nunca dizer, porque é um lado oculto, tem sido um lado que eu acho que é uma fachada, tem 'tado tão bem escondida que é capaz de não vir ao de cima, embora tenha sempre medo porque a mentira vem sempre ao de cima... Espero que um dia seja perdoada, como eu digo, que consiga ter tudo pago e que depois volte à minha vida normal.

Normalmente é dada razoável atenção aos efeitos que um passado "censurável" produz no presente de um indivíduo. Mas raramente é prestada a atenção devida aos efeitos que um presente "problemático" pode acarretar para um passado ou futuro biográficos "não censuráveis". Por isso, Joana toma precauções extremas quando é chamada por desconhecidos, com temor que estes, afinal, se revelem conhecidos.

Ontem fui com uma pessoa super-querida... era uma pessoa que eu... parecia que estava a ser psicóloga dele que, atenção, nesta vida, a gente torna-se uma boa psicóloga. Se a pessoa for inteligente, bem, ouve tanta história, percebe, tanta pobreza de espírito que o ser humano tem neste momento... Porque é que um homem recorre a nós? Muitas vezes eles nem nos tocam, é p'ra conversar, é porque se sentem sozinhos, é porque hoje ganham fortunas, mas coitados estão frustrados em casa e não têm mulher, não têm filhos, outros porque acabaram de sair de uma separação, outros porque realmente são tarados, psicopatas... e... a pessoa, se for inteligente e que estude isto... eu digo-lhe, eu neste momento estou mais num curso de Psicologia do que em prostituição... porque é a diferença de você estar 5 minutos a falar com uma pessoa e daqui a meia hora encontra outra, e ouve a história daquela pessoa e chega à noite... eu, às vezes, vou-me deitar e começo a pensar nas histórias que oiço e, juro, eu penso, eu posso estar mal, mas realmente essa gente está muito pior do que eu, entende? Vejo que o ser humano está frustrado, no fim-de-ano vi imenso, eu não fui trabalhar mas telefonavam... a quantidade de homens que estavam sozinhos! O ser humano está todo desequilibrado... a mulher sente-se só porque não

encontra a alma gémea, e depois eu vejo que há também imensos homens, homens com boas profissões, com bons empregos, que às vezes também não encontram a alma gémea deles... e o que sucede? O ser humano está todo insatisfeito... e então vocês recorrem muito mais depressa a uma acompanhante do que... uma mulher vai chamar quem? Uma mulher está sozinha em casa não vai chamar um rapazinho p'ra ir a casa! Um homem não, sente-se sozinho, pega num jornal e olha, e aparece uma miúda... e muitos me têm dito, 'ah, ainda bem que a conheci, consigo pode-se falar'... eu tenho tido casos... e digo--lhe, não é a décima, nem a décima quinta, mas já me aconteceu bem vinte vezes estar uma hora a falar com a pessoa, dão-me 35-40 contos, eu trago p'ra agência, pago e a pessoa não me toca. Depois chamarão mais tarde. Mas tem acontecido. E é por isso que eu digo... é Psicologia mesmo!

Joana. Profissão, puta. Um modo, como qualquer outro, de ganhar a vida mas, latentemente, com funções de profilaxia social. As putas são assim uma espécie de assistentes sociais da libido. Às provocações dos credores do prazer carnal Joana vê-se na necessidade de debitar carícias fingidas e fugidias, gestos de actriz prisioneira de gestos de actriz. É isso que sente quando, quotidianamente, se enfrenta com o espelho, olhos nos olhos, a imagem e a realidade, a maquilhagem e a máscara que cai, antes de se deitar, desolada com a representação, insossegada no fluxo e refluxo de uma consciência agitada.

Esta agitação de consciência pode ser interpretada, em termos de um conflito de modelos culturais, recorrendo à proposta de “análise estrutural de conteúdos” de Hiernaux¹⁵⁴. De acordo com esta proposta, a apreensão de modelos culturais implica três instâncias articuláveis: “conteúdos”, “modelos culturais” e “análise estrutural”. Os “conteúdos” referem-se aos *sentidos* expressos (num discurso, num texto, num comportamento, etc.) sobre os quais incide a análise-conteúdo. Esses sentidos organizam-se em “modos de percepção” ou “sistemas de sentidos” que a análise de conteúdo procura detectar. Ao estruturarem e orientarem a percepção, estes “sistemas de sentidos” tendem também a orientar a acção e, nessa medida, podem apreender-se como princípios organizadores, tanto da percepção, como do comportamento. Deste modo, os conteúdos das falas dos jovens que entrevistámos interessam-nos por serem testemunhos reveladores de estruturações pré-existentes nas suas mentes, na forma de “modelos culturais”. Do relato de Joana podemos identificar topos de informação (“locais estruturais” ou de “isotopias”) pertinentes para a análise. Adaptando as

¹⁵⁴ J. P. Hiernaux, *L'Institution Culturelle. Méthode de Description Structurale*, PUF, Paris, 1977 e “Análise estrutural de conteúdos e modelos culturais: aplicação a materiais volumosos”, in Luc Albarello et al., *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa, 1997, pp. 156-202.

notações “/” para disjunção e “|” para conjunção, podemos articular as seguintes isotopias: (1) *ter objectivos*; (2) *cumprir obrigações*; (3) *dignidade*; (4) *status*; (5) *outro mundo*.

Isotopia 1: ter objectivos

“Nunca dei tanto valor ao dinheiro como agora. É uma coisa impressionante. Agora dou ao dinheiro um valor incrível. Aponto tudo! Eu gasto 500 escudos num café e aponto. Comecei a dar muito mais valor e... depois tenho outra maturidade. Eu cresci o triplo. Eu este ano que passou cresci 10 anos. A pessoa aí começa a ver a vida toda de outra maneira (...). Neste momento, tou a solucionar o resto dos problemas que tenho (...). Eu num ano tive objectivos, consegui pagar dívidas que tinha”.

Não dar valor ao dinheiro	/	Dar valor ao dinheiro
Dantes	/	Agora
Não apontar gastos	/	Apontar gastos
Não ter maturidade	/	Ter maturidade
Não ver todos os lados da vida	/	Ver outros lados da vida
Não solucionar problemas da vida	/	Solucionar problemas da vida
Não ter objectivos	/	Ter objectivos

Isotopia 2: cumprir obrigações

“Eu acho que não vou ser castigada; eu às vezes não sou tão católica, mas sou! (...) Eu não vou ser castigada porque é assim, não destruo o dinheiro comprando porcarias supérfluas, eu tento fazer o dinheiro e vou logo cumprir com as obrigações de... é do contrato!”

Ser castigada	/	Não ser castigada
Destruir dinheiro	/	Não destruir dinheiro
Comprar coisas supérfluas	/	Não comprar coisas supérfluas
Não cumprir obrigações	/	Cumprir obrigações

Isotopia 3: dignidade

Eu entro no quarto e até pergunto: ‘Olhe, caso não esteja interessado, não tem qualquer problema, vou embora’ (...). Eu nunca aceito o dinheiro... primeiro o dinheiro! (...) E depois tenho outro carácter: nunca conto o dinheiro à frente da pessoa, sempre me pode enganar... mas acho que tem que haver um pouco... é assim: devido à profissão que se está a fazer, que já não é correcta, tem de haver um bocadinho de dignidade”.

Não auscultar o interesse do cliente	/	Auscultar o interesse do cliente
Primeiro o dinheiro	/	No fim o dinheiro
Contar o dinheiro	/	Não contar o dinheiro
Não ter dignidade	/	Ter dignidade

Isotopia 4: status

“Eu sempre tive o nariz muito empinado, quando entrei para essa casa... era a protegida um bocadinho da dona, porque ninguém gostava de mim, chamavam-me a ‘Tia de Cascais’, que sou a ‘Beta de Cascais’... Eu, por norma, não me misturo. As horas que faço lá naquele sítio... tou num teatro completamente diferente, saio dali, sou uma senhora, ou seja... ali sou uma puta, que é o termo, e na rua sou uma senhora que ninguém tem o mínimo que apontar, porque eu não admito isso.”

Ter nariz empinado	/	Não ter nariz empinado
Ser protegida	/	Não ser protegida
Não se misturar	/	Misturar-se
Representar	/	Não representar
Fora dali ser senhora		Fora dali ser puta

Isotopia 5: outro mundo

“Ali vivo um filme, não sou eu, saio de lá, chego a casa tomo o meu duche, ponho os meus cremes, ponho-me a olhar p’ra mim ao espelho e digo, já saíste do inferno, da vida que não é a tua (...). Se você falar comigo meia hora vai-me dizer assim: ‘Joana, o que é que você está aqui a fazer? Você realmente não é deste mundo’”.

Ali	/	Não ali
Não sou eu	/	Sou eu
Inferno	/	Não inferno
Outra vida	/	Minha vida
Outro mundo		Este mundo

Da associação das isotopias resulta que Joana se envolveu na prostituição por necessidade de dar solução a problemas de vida, isto é, por objectivos de vida (*isotopia* 1). A necessidade de pagar as dívidas foi o móbil que a levou à prostituição. Para o efeito, aprendeu a dar valor ao dinheiro, a gerir os gastos, enfim, a ter a maturidade necessária para solucionar os problemas da vida. Foi a “puta da vida” que a levou a ser puta, mas com isso aprendeu a ver todos os lados da vida, aprendeu a ver a vida de

outra maneira. Como católica que se afirma, acha que a sua conduta é menos reprovável do que muitas outras condutas, dando o exemplo de quem não paga as dívidas. Pensa que Deus não a vai castigar, uma vez que as razões para se prostituir são boas razões (*isotopia 2*). O dinheiro sujo que ganha, pela forma como o ganha, não se destina a ser “destruído” irresponsavelmente, a “comprar coisas supérfluas” (a ideia de “irresponsabilidade” aparece associada à de “imaturidade”, predicado presente na *isotopia 1*). O saber ter uma atitude de vida que combina “ter objectivos” (*isotopia 1*) e “cumprir obrigações” (*isotopia 2*) reflecte-se no seu relacionamento com os clientes, marcado pela dignidade (*isotopia 3*). Essa verticalidade de comportamento, que se reflecte no “nariz empinado”, é um traço de distintividade que origina antipatia (as colegas chamam-na “beta de Cascais”) mas também simpatia (a dona da casa protege-a). No fundo, a rejeição por parte das outras prostitutas é consequência da vontade de Joana em defender um status (*isotopia 4*), em não se querer misturar com elas. Por isso, faz questão de sublinhar que desempenha o papel de prostituta como uma actriz, isto é, representa esse papel como se estivesse num teatro: “saio dali, sou uma senhora (...), ali sou uma puta”. A ideia de representação do papel de prostituta é reforçada pelo acentuar de clivagens entre o mundo da prostituição (Inferno, onde vive outra vida, ali... “não sou eu”) e o mundo da sua verdadeira vida (*isotopia 5*). Esta existência entre dois mundos, e a vivência do conflito dos modelos culturais que os caracterizam, provocam em Joana uma “agitação de consciência”.

No caso de Inês, a clivagem entre os dois mundos não parece ser tão acentuada, devido a uma atitude mais hedonista de vida. Aliás, a própria Joana sugere isso: “O que eu vejo na Inês é que no fundo ela... leva no desporto, se ganha 20, tudo bem, pronto. Amanhã se não ganhar nada, tudo bem”. Embora admita que, na sua vida, existe um “lado obscuro”, os episódios que Inês nos relata são contados com uma certa dose de boa disposição (ri-se muitas vezes) e apenas evidencia alguma angústia nos momentos de recolhimento em seu diário. Três isotopias que emergem do relato de Inês (*gosto, dinheiro, consciência*) sugerem que, salvo algumas excepções, Inês desfruta das relações sexuais (*gosto*) e dos ganhos materiais (*dinheiro*) e os problemas de consciência resultam, não tanto do acto de prostituir-se, como do facto de os seus amigos poderem descobrir que se prostitui.

Isotopia 1: gosto

“Já tinha tido namorado e já sabia como era, não é? E então pensei assim...isto deve ser giro, não deve ser assim muito diferente (...) Começa-se a falar um bocadinho, p´rà aí uns cinco minutos, a apresentação – ‘então, não sei quê, então estás aqui’... – aaa...aaa... depois começamo-nos a despir, ele despe-se, eu também me dispo, as pessoas começam logo a meter-se à vontade (rindo)... Aquilo é quase instantâneo, a pessoa já sabe, chega ali, já sabe o que é que (...). Gostava de lá estar, gostava daquilo tudo”.



Isotopia 2: dinheiro

“Eh pá, ganha-se muito dinheiro! (...). Se é uma universitária é 30 (contos), se for outra pessoa até pode ser 20 (contos). As universitárias cobram mais”.



Isotopia 3: consciência

“Só que depois houve uma altura em que comecei a ficar com receio dos meus amigos porque, de vez em quando, saíamos e encontrava alguém (um cliente) e começava a corar: ‘Ei, que andas aqui a fazer, nunca mais te vi, não sei quê’... E eu: ‘Ai, e agora que vou dizer?’ Comecei a ficar algum tempo sem ir, para a consciência não me pesar”.

Receio	/	Não receio
Encontrar clientes	/	Não encontrar clientes
Consciência pesa	/	Consciência não pesa

De facto, Inês já sabia o que era ter relações sexuais, pois já as tivera com um namorado. A experiência não foi muito entusiasmante e, por isso mesmo, desejou experimentar novos relacionamentos, neles encontrando um ambiente de à vontade de que gostou (*isotopia 1*). Ao gosto agradável, juntou o dinheiro, útil para satisfazer seus sonhos de consumo. Inês reconhece ganhar muito dinheiro tanto mais que é universitária e as universitárias cobram mais (*isotopia 2*). A consciência apenas lhe pesa por receio de encontrar um cliente quando sai com os amigos (*isotopia 3*).

Como quer que seja, e para concluir, quer em Joana quer em Inês, percebe-se que o ser se opõe ao parecer. Ambas interromperam frequentemente os seus relatos de vida, como se ao silenciamento do discurso encostassem todas as suas inquietudes. Aliás, as próprias identidades são silenciadas, ocultadas com sucessivas representações, em nomes falsos que mudam frequentemente, em maquilhagens que as desfiguram, mesmo quando despem os seus corpos.

Inês e Joana sentem-se mulheres que vendem o corpo, ou antes, cada uma delas sente o corpo de mulher que se vendeu. Como que se o dinheiro pago pelos clientes irresponsabilizasse esse corpo, permitindo-lhe reencontrar em braços anónimos um inocente desprendimento. Inês e Joana tentam captar a simpatia e fidelidade de alguns clientes, mas pouco se importam que o erotismo dos mesmos fique limitado a um fenómeno de descarga. Ambas reconhecem que a prostituição anula a mulher como corpo sexuado, e ambas procuram, à sua maneira, resistir a essa anulação; Joana, através da indiferença; Inês procurando o prazer, rejeitando “caboiadas” com desconhecidos, afastando relacionamentos indesejáveis. No seu diário vinca também o desejo de não querer “fazer disto uma monotonia, uma rotina”. Ambas admitem sair um dia da “vida” e descobrir uma nova vida onde se possam sentir outras, ou melhor, elas mesmas. Mas vivem sempre com o temor de entrarem no futuro dessa nova vida com “marcha atrás”. E se um cliente as reconhecer?

8. Arrumadores de carros¹⁵⁵

Em Lisboa, como noutras cidades do país, há centenas de jovens que vivem como arrumadores de carros. Trabalham a céu descoberto, em qualquer praceta, gaveto ou ruela onde possam oferecer um lugar de estacionamento a quem dele necessite. São os seus parques de biscates. Frequentemente *olhados de lado* por quem quotidianamente se cruza com eles, os *arrumadores* acabaram por se constituir um alvo de curiosidade espontânea¹⁵⁶ a partir do momento em que me questionei: como nasce um *arrumador*? Porque se escolhe um tal modo de vida? Que itinerários biográficos sustentarão essa opção? Que imagem os arrumadores dão de si mesmos e do público que servem?

Também nas ciências sociais há uma tendência forte para *olhar de lado* objectos empíricos aparentemente insignificantes, irrelevantes, desprezíveis, marginais. Isto acontece, talvez, devido à crença de que a relevância social ou política de um objecto de estudo é, por si, suficiente para legitimar os discursos que lhe são consagrados. Por isso, causa ainda estranheza a lógica de vagabundagem que sai fora do *mainstream* da produção sociológica dirigida aos objectos empíricos “sérios” e “respeitáveis”. Que ameaça de dispersão! Que risco em multiplicar o insignificante! Que azáfama confessada em procurar aquilo que, com tanto método, se desperdiça!

Nesta ordem de ideias, ao aguçarmos a nossa curiosidade sociológica em relação ao universo dos *arrumadores*, estamos seguindo um método: *olhar de frente* o que se olha de lado, na suposição de que os desvios de olhar podem potenciar a descoberta do significativo no aparentemente insignificante, do relevante no que nos é dado como irrelevante, e por aí fora. Este labor de rebuscar o que se tende a descurar – o que fica

¹⁵⁵ Uma versão deste capítulo foi publicada originalmente na *Análise Social*, vol. XXXV (158), 2001. Agradeço à direcção da Revista a possibilidade de o divulgar neste livro.

¹⁵⁶ No sentido em que Paulo Freire a define: «O exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente “perseguidora” do seu objecto. Quando mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo, se “rigoriza”, tanto mais epistemológica ela se vai tornando (...). O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objecto ou do achado de sua razão de ser». Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*, Editora Paz da Terra, Rio de Janeiro, 1997.

de lado, à margem¹⁵⁷ – é o que torna profícua a pesquisa¹⁵⁸, como acontece quando se revolvem caixotes de objectos, num acto simultâneo de selecção e abandono, de paciência e resignação – busca contínua, repetida, renovada.

Foi esse rebuscamento de margens que orientou a pesquisa etnográfica que realizei em várias zonas de Lisboa sobre jovens *arrumadores*, envolvendo observação directa e entrevistas informais (individuais e de grupo)¹⁵⁹. O trabalho de campo foi iniciado há meia dúzia de anos e realizei tantas entrevistas quantas as necessárias para atingir um grau de conhecimento satisfatório sobre o universo que pretendia estudar, o dos arrumadores. Aliás, essas entrevistas foram muito desiguais, quer na forma de abordagem, quer na duração ou conteúdo das conversas havidas. Ao estacionar o meu próprio carro em qualquer parque controlado por arrumadores estava em *trabalho de campo*. Um simples questionamento “então, que tal está a correr o dia?” podia ser (ou não) o início de uma conversa proveitosa. Com alguns arrumadores estabeleci uma relação mais profunda, chegámos a lanchar juntos, e dois deles visitaram-me frequentemente na Universidade, para me darem “informações” adicionais a troca de algum dinheiro, alegadamente para matar a fome ou, mais provavelmente, o vício.

Deste modo trabalhei procedimentos de *amostragem intencional* cuja re-levância não reside na pretensão de assegurar uma representatividade estatística da população inquirida, mas na de aprofundar um nível de conhecimento de realidades cuja singularidade é, por si, significativa. A objectividade não tem, necessariamente, de ficar amarrada à obsessão do mensurável e do quantificável: pode perfeitamente ser assegurada por outros meios, como os que implicam a análise cruzada da informação, ou o contraste de diferentes intersubjectividades, utilizando-se como critério de

¹⁵⁷ A este método chamei, há anos, o método da paginação, por se propor recuperar para o “centro da página” (do discurso sociológico) as expressões culturais que têm sido consideradas à margem: José Machado Pais, *Culturas Juvenis*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1993, p. 133. Recentemente, Pina Cabral retoma a filosofia deste método, ao partir da concepção de liminaridade/marginalidade que “traz as margens para o centro”, margens que se revelam terreno privilegiado para a reconstrução das estruturas: João de Pina Cabral, “A difusão do limiar: margens, hegemonias e contradições”, *Análise Social*, vol. XXXIV, 153, 2000, 865-892.

¹⁵⁸ Expressão que noutras línguas se traduz em palavras que retêm raízes etimológicas ilustrativas desse acto de rebuscar, designadamente no Inglês (research), Francês (recherche) e Italiano (ricerca).

¹⁵⁹ Agradeço ao Centro Áudio-Visual do ISCTE a gravação em vídeo de uma entrevista em grupo. As entrevistas, como disse, dirigiram-se aos arrumadores. Com os condutores de automóveis apenas tive falas esporádicas quando com algum deles me cruzava em parques de estacionamento.

evidência os consensos que se geram a nível de determinados contextos da vida quotidiana. É o chamado *processo de saturação* da informação recolhida¹⁶⁰ que assegura a *validade* das amostras construídas e das informações delas derivadas. Este processo confere à ideia de *representatividade* um significado completamente diferente daquele que ocorre em contextos de investigação mais positivistas¹⁶¹.

Desde as primeiras observações se constatou que os parques de biscates são tecidos microculturais que, apesar de toda a sua diversidade, revelam modos de vida e produções simbólicas relativamente estáveis. Recorrentemente, nos seus relatos de vida, os jovens arrumadores saltam de um “eu” (*individual*) para um “nós” (*colectivo*) denunciador de uma identidade própria: “*nós, os arrumadores*”. No entanto, os *arrumadores* constituem um universo heterogéneo constituído por reformados, inválidos, miúdos de rua, desempregados, ex-reclusos... Em maioria, encontram-se os jovens toxicodependentes. Na verdade, a principal clivagem entre os arrumadores dá-se entre os *credenciados* (denominação que estes próprios, explicitamente, assumem) que se desdobram nas categorias de *legalizados* e de *oficializados*; e os *não-credenciados*, vulgarmente apodados de *drogados* (assim são tratados pelo público em geral).

Os legalizados possuem licenças passadas pela Câmara Municipal de Lisboa que outrora eram concedidas, preferencialmente, a reformados da Polícia de Segurança

¹⁶⁰ Como sustenta Bertaux, a saturação é um processo que opera, não ao nível da observação, mas ao nível da representação que a equipa de investigação constrói, pouco a pouco, a propósito do seu objecto de pesquisa: Daniel Berteaux, «La perspectiva biográfica: validez metodológica y potencialidades», in Marinas, J. M. e Santamarina, C. (Eds.), *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Debate, Madrid, 1993, p. 59.

¹⁶¹ Para os leitores interessados numa aproximação extensiva à população dos arrumadores da cidade de Lisboa recomendo um estudo interessante, encomendado pela Câmara Municipal de Lisboa ao LNEC, em 1996: *Estudo sobre os Arrumadores Não-Credenciados da Cidade de Lisboa*, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa, 1996 (policopiado). Durante cerca de duas semanas, uma equipa de 22 entrevistadores recenseou 693 arrumadores «não credenciados». Para além de algumas características sociográficas dos inquiridos e de outros dados, o estudo recenseou os lugares utilizados para arrumação de automóveis em cada freguesia da cidade e o número de arrumadores por lugares e freguesias, segundo o período da semana e o período do dia. Estes dados são interessantes, na medida em que nos mostram que a actividade de arrumação de carros varia em função das necessidades concretas de estacionamento, por parte dos utentes. A maior pressão de procura faz-se sentir em determinados espaços públicos: hospitais, mercados, teatros, cinemas, igrejas, cemitérios, discotecas e estádios de futebol

Pública e a inválidos. Reconhecem-se por exibirem um cartão de identificação ao peito e usarem apito e chapéu com uma chapa contendo um número pretensamente identificador. Os *oficializados*, que também não prescindem de um “chapéu de chapa”, dizem ter aval ou autorização formal para arrumar carros por parte de qualquer arrumador legalizado ou, então, garantem ter anuência das “chefias” de bancos, companhias de seguros, hotéis, etc., instalados em edifícios confinados aos parques de estacionamento onde exercem actividade. Finalmente, os *drogados* (os mais numerosos entre a classe) reconhecem-se por serem jovens e – como se ouve dizer – pelo seu “aspecto de drogados”. O que faz o poder das palavras é, desde logo, o poder da designação – “*são drogados!*” – e é também a crença no poder de quem as pronuncia, dos que olham os jovens arrumadores como drogados porque são arrumadores.

O que é então um *arrumador drogado*? Podemos enfrentar a interrogação deitando mão de um instrumento fundamental da sociologia compreensiva de Max Weber: o conceito de *tipo ideal*, vinculado à ideia de compreensão, de interpretação de uma realidade. Para Max Weber¹⁶², “a construção de tipos-ideias abstractos não interessa como fim, mas única e exclusivamente como meio de conhecimento”. A “idealidade” do tipo assegura a existência de um conceito limite, puramente ideal. Como Weber o reconhece, é a natureza discursiva do nosso conhecimento, a circunstância de apenas captarmos a realidade através de uma cadeia de transformações na ordem da representação, que postula este tipo de taquigrafia conceptual. Na vida quotidiana corrente, os indivíduos – mas também os sociólogos, enquanto tal – actuam e decidem sobre realidades tipificadas¹⁶³ através de idealizações que ordenam a realidade. A diferença é que as tipificações dos sociólogos são de “2.º grau”, isto é, encavalitam-se, com cortes epistemológicos, em tipificações de senso comum (1.º grau). Ao *arrumador drogado* corresponde uma tipificação a nível do senso comum: a de jovem, gadelhudo, vagabundo, sem-abrigo, drogado. A partir desta imagem, compete à sociologia desvendar os referentes de tal tipificação e as razões de sua existência.

Como veremos, os jovens arrumadores acabam por ser alvo de uma discriminação, mediante a qual reduzimos, na prática, ainda que sem o pensarmos, as suas

¹⁶² Max Weber, *Metodologia das Ciências Sociais*, Parte 1, Cortez Editora, São Paulo, 1993, p. 139 (1.ª edição: 1903-1906).

¹⁶³ Maurice Natanson, *Anatomy: A Study in the Philosophy of Alfred Schutz*, Indiana University Press, Bloomington, 1986, p. 45.

possibilidades de cidadania. Enquanto membros da sociedade estabelecida, construímos implicitamente uma *teoria do estigma* – que Goffman¹⁶⁴ identifica como uma “ideologia” – para identificar a inferioridade de alguém que é estigmatizado, posto à margem, excluído. Racionaliza-se, deste modo, uma animosidade que se baseia numa cadeia extensa de atributos negativos associados ao estigma. Surgem, então, as tais imagens e metáforas referidas ao estigma do jovem arrumador – *gadelhudo, vagabundo, sem-abrigo, drogado* –, assim se dando a produção simbólica de sua marginalidade.

Uma boa parte dos parques de biscates encontra-se, pois, sujeita a uma *segmentação geracional* que arrasta uma *segmentação simbólica*: os jovens arrumadores são olhados como “drogados”, enquanto os velhos reformados são encarados com a “respeitabilidade” que a “terceira idade” lhes confere. Os *chapéus de chapa* que estes últimos usam na cabeça cumprem uma *função de certificação*, dão-lhes um poder simbólico ou alegórico.

A *alegoria* pode ser definida como expressão plástica de uma coisa, com o fim de as imagens dessa coisa sugerirem outra diferente. Não é por acaso que, etimologicamente, a *alegoria* vem do grego *allos* (outro) e de *agoreuein* (falar). Outro falar. Figuração ficcionante que se projecta numa paternidade distinta. Velhos arrumadores, que não tinham chapéu de chapa, arranjam uma chapinha na qual inscreveram um número arbitrário para que não corressem o risco de serem tomados por vadios. Um embuste, neste caso, propende a gerar um chapéu *credenciado*. Não na cabeça de quem o usa, mas aos olhos de quem o vê. Porque um *chapéu de chapa* é transmissor de poder, revela autoridade.

O reconhecimento público da alegoria por parte dos automobilistas reafirma os sinais de convicência nas associações alegóricas que pressupõem um significado coerente e adicional em relação ao significado original que, legitimamente, um simples *chapéu de chapa* poderia representar. Ao poder simbólico de um *chapéu de chapa* agrega-se um poder real: Quando algum jovem toxicodependente tenta invadir terrenos de chapéus de chapa, a polícia é chamada. Por culpa de chapéus arrogantes, alguns jovens arrumadores já passaram “largas horas” na esquadra. São visitas indesejadas, pois há sempre o perigo de caírem pombos. Na gíria da “candonga”, pombos são processos criminais antigos que “pousam” com qualquer rusga inesperada. Temos

¹⁶⁴ Erving Goffman, *Estigma. La Identidad Deteriorada*, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1993 (1.^a edição em Inglês: 1963), p. 15.

também conhecimento de chapéus de chapa que andam armados. O objectivo continua a ser o de dissuadir os jovens “drogados” de invadirem terrenos que se encontram na jurisdição dos chapéus.

Alguns *chapéus de chapa* fazem-se transportar em automóvel até ao parque: mais um indicador ou sinal exterior de status. Por outro lado, os chapéus reclamam um apuro de imagem visual que os jovens toxicodependentes desvalorizam: “os arrumadores deviam andar todos bem barbeados e com cabelo cortado, e deviam usar uma farda própria” – reivindica, queixosamente, um chapéu de chapa. Uma vez mais, apelos à simbologia do aspecto, do porte.

Como é que os jovens arrumadores lutam contra o poder dos *chapéus de chapa*? Eles sabem que um chapéu pode não ser um chapéu. Ou seja, à sua maneira, reconhecem que a alegoria viola os cânones do empirismo analítico vulgar. As funções normais de um chapéu, neste contexto, deixam de fazer sentido (por exemplo, protecção da cabeça). A alegoria é muito mais dedutiva, muito mais aberta à imposição de outros significados que não os mais imediatos. No entanto, o uso por parte dos jovens toxicodependentes de um *chapéu de chapa* seria um embuste que se anularia na sua tamanha evidência de mentira artificiosa. Aliás, a um *chapéu de chapa* devidamente credenciado exige-se registo criminal e atestado médico comprovativo de alguma incapacidade física.

O *poder dos chapéus de chapa* reflecte-se nos *ritos de evitamento* (o conceito é de Goffman) que alguns automobilistas protagonizam quando fogem dos parques dos “drogados”, preferindo arrumar o carro num espaço controlado por chapéus de chapa. Ou, pior ainda, quando se esquivam ao pagamento da gratificação correspondente ao estacionamento do carro na zona dos jovens arrumadores. Aos olhos destes, trata-se de um *forretismo* merecedor de justa punição. Activam, então, ritos dissuasores de *reciprocidade negativa*. É o pânico entre os automobilistas, com receio de verem os seus automóveis com vidro quebrado, pneu furado, chapa riscada. Então, os *riscos de naifa* nos carros alheios são a arma mais frequentemente usada contra chapéus de chapa inoportunos e condutores forretas. No fundo, os *riscos de naifa* são formas de protesto, artes de dizer, outro (*allos*) falar (*agoreuein*) que se traduz numa alegoria de resistência ao poder simbólico dos *chapéus de chapa* e à avareza de quem resiste a dar gratificação aos que não têm poder credenciado para a exigir.

Ricochetes alegóricos de *chapa* e *riscos*. Sabemos que uma das regras básicas da sociedade – dada a sua função de garante de ordem – é a da *reciprocidade*. Desde M.

Mauss e Lévi-Strauss que a reciprocidade tem sido considerada um mecanismo de *coesão social* e, por conseguinte, um factor de estabilidade. Clastres¹⁶⁵ teve oportunidade de pôr em relevo que, a par da *reciprocidade positiva* (intercâmbio de bens, serviços, etc.), existe uma *reciprocidade negativa* (intercâmbio de guerras, raptos, vinganças, etc.) que promoveria, também, uma função de *garante de ordem* nas sociedades primitivas, as quais, como se sabe, eram *sociétés pour la guerre* mais que *sociétés por l'échange*. Ora, tanto a *reciprocidade positiva*, como a *reciprocidade negativa*, são factores de *coesão social*¹⁶⁶. Os *riscos de naifa* (ou o receio dos mesmos) nos carros dos automobilistas forretas impõem – com toda a sua força alegórica – uma ordem nos parques de estacionamento, a coercitividade de pagamento por um trabalho voluntário de guarida. É nesta medida que os parques de automóveis revelam atributos de uma estrutura social, cuja integração é mediada pelo conflito¹⁶⁷.

Os *riscos de naifa* podem também ser interpretados como “gestos de ruptura”¹⁶⁸ em relação à “urbanidade convencional”, sem deixarem de constituir *gestos de revigoração* de uma ordem tácita que deve imperar no parque. A urbanidade convencional, quando posta em causa, apela à intervenção policial; a *ordem tácita* do parque (contributo pecuniário ao arrumador), quando negada, implica também um acto coercivo ou punitivo: o risco no carro ou o pneu esvaziado. Num como noutro caso, estamos perante formas de organização gestonária de uma ordem (consenso implícito) que, quando desestabilizada (em cenários de conflito), desencadeia mecanismos de violência simbólica, quer através de agentes policiais, quer através de riscos de naifa.

Quando os *chapéus de chapa* levam ao extremo o poder credenciado do seu simbolismo, as naifas reactivam ritos dissuasores de *reciprocidade negativa*, ao deixarem marcas nos carros à guarda dos *chapéus de chapa*. Como sugere Certeau¹⁶⁹, ao analisar as tácticas quotidianas que correspondem à categoria das “astúcias”, estamos perante gestos hábeis do “fraco” na ordem estabelecida pelo “forte”, gestos

¹⁶⁵ P. Clastres, *Recherches d'Anthropologie Politique*, Éditions du Seuil. Paris, 1980.

¹⁶⁶ J. Lacouse, «Réciprocité positive et reciprocité negative: de Marcel Mauss a René Girard», *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Julho-Dezembro, 1987, vol. LXXIII, 1987, p. 34.

¹⁶⁷ A hipótese de integração através do conflito (“a paz é uma função do jogo de conflitos”) foi desenvolvida por Gluckman, como o mostra J. P. Cabral, “A difusão do limiar”...

¹⁶⁸ J. Rémy e, L. Voyé (1981), *Ville, Ordre et Violence*, PUF, Paris, 1981.

¹⁶⁹ Michel de Certeau, *L'Invention du Quotidien. Arts de Faire*, Paris, Union Générale d'Éditions, Paris, 1980.

que se expressam numa arte de dar golpes no campo do outro: astúcia de caçadores; operações polimórficas; ritualizações subversivas.

Estabelecem-se então *redes protectoras* de convivência. Poderíamos defini-las como acordos tácitos de relacionamento que permitem pacificar e regular, protectoramente, as interações em espaços sujeitos a tensões ou conflitos de controlo. Frente aos chapéus de chapa, os jovens arrumadores adquirem, então, uma “consciência de grupo”, um agir colectivo não alheio a um *modelo de escolha racional*¹⁷⁰, bem presente na forma como o trabalho de arrumação de carros se organiza nos parques de estacionamento, cujo funcionamento se aproxima, formalmente, ao de “comunidades funcionais”¹⁷¹ geridas por normas e sanções.

O poder dos *chapéus de chapa* acha-se amarrado à sua visibilidade simbólica. O mesmo acontece com os polícias, cujos chapéus são, visivelmente, conferidores de autoridade. Em contrapartida, os jovens arrumadores toxicodependentes são sobretudo portadores de um “contra-poder” que ritualizam nas suas tácticas quotidianas de sobrevivência subversiva¹⁷².

Não há território sem proclamação, isto é, que não esteja marcado por cerimónias de territorialização, por ritualidades de afirmação identitária que têm uma expressão territorial. O que está em causa é a regulação da convivência entre arrumadores, a dois níveis: por um lado, entre *chapéus de chapa* e jovens *toxicodependentes*; por outro lado, joga-se também a harmonização de relações – de convívio e de trabalho – entre os jovens toxicodependentes. Em qualquer dos casos, há um equilíbrio conflitual ou um conflito harmonioso que tende para uma coabitação pacificada e consensual nos parques de automóveis. Chapéus e apitos, gestos e golpes de vista instauram nos parques de biscates uma rede relacional de ordem profissional.

Vejamos, de seguida, como se organiza o modo de vida de um jovem arrumador toxicodependente. O senso comum alimenta a ideia de que os jovens arrumadores, por serem “drogados”, são delinquentes, e logo perigosos. Esta consensualidade é legitimada por estudos que estabelecem uma correlação estreita entre “consumo de

¹⁷⁰ M. Hechter, «Rational choice foundation for social order», in J. H. Turner (Ed.), *Theory Building in Sociology*, Sage, Newbury Park, CA, 1989.

¹⁷¹ J. S. Coleman e T. Hoffer, *Public and Private High Schools: The Impact of Communities*, Basic Books, New York, 1987.

¹⁷² Como Michel de Certeau sugere, enquanto a táctica é determinada pela ausência de poder, a estratégia é organizada pelo postulado do mesmo: M. Certeau, *L’Invention...*

drogas ilícitas” e “delinquência”, legitimação que sai reforçada quando os *media* a propagam como realidade incontornável. Alguns automobilistas contactados confessaram que, quando dão dinheiro a um arrumador, o fazem por receio de represálias – riscos no carro, pneus furados, vidros partidos. Aliás, por razão de uma suposta concorrência desleal e chantagista, os *chapéus de chapa* queixam-se de fazerem menos dinheiro que os drogados.

A investigação realizada mostra, contudo, que os jovens toxicodependentes que arrumam carros têm, de um modo geral, uma *ética de trabalho* baseada no brio profissional. Aliás, essa ética é desenvolvida com *espírito de missão*. Nas entrevistas realizadas, são muitos os depoimentos que denotam um elevado sentido de profissionalismo, de zelo, civismo, sentido de cumprimento do dever.

No estacionamento dos carros, os arrumadores valorizam, sobretudo, a *lógica da poupança de espaço* (por razões económicas, bem entendido). Embora aleguem, discursivamente, preocupações estéticas e ambientais quando dizem que não estacionam carros em cima de jardins ou passeios, o facto de alguns deles terem à mão um barrote, para ajudar os carros a galgar os passeios, significa que a *lógica ambiental* nem sempre prevalece.

No entanto, a todo o momento exibem um *know-how* revelador de competência, toda ela feita de experiência. Noutros casos, mostram-se zelosos no cumprimento de regras mínimas de civilidade. Por exemplo, junto das paragens de autocarro, procuram que os carros sob a sua alçada não infrinjam a lei porque sabem (do Código da Estrada), que em tais lugares é proibido estacionar. Por outro lado, quando usam os *barrotes*, manifestam preocupação aparente pela salvaguarda das suspensões dos carros que estacionam, embora o verdadeiro móbil seja a conquista de simpatia do automobilista e a gratificação correspondente.

Os arrumadores reivindicam também um *saber* próprio de quem passa a vida no parque e sente o que nele se passa: “é preciso ter olhinhos”, dizem, apontando o dedo indicador em direcção aos olhos. O olhar conhece sentindo (ou desejando) e sente conhecendo. É por isso que o olho é cioso: *zeloso, jaloux, jealous, celoso, cioso* (de cio...). E os jovens arrumadores sentem-se ciosos do seu saber. O *golpe de vista* traduz faro, sagacidade, precisão, finta, esperteza. Ter *olhinhos* ou *golpe de vista* é um poder (saber) que se traduz na capacidade de sintetizar o conhecimento de tudo o que se passa no parque que favoreça o melhor desempenho na tarefa de arrumar os carros: conseguir detectar o veículo que pretende estacionar pelo movimento lento do mesmo

ou o olhar de busca do condutor, pela identificação dos clientes conhecidos e da porção de tempo que pretendem estacionar, etc.

O *golpe de vista* aparece como metáfora de uma capacidade visual, sobreposta a outra metáfora – a do combate – com que nos referimos a essa descoberta repentina, tão repentina quanto o “golpe” que se desfere inesperadamente, e que, por ser inesperado, é golpe. Os jovens arrumadores codificam e descodificam a realidade do parque – suas distintas modulações – em função desse *golpe de vista*, dessa arte perceptiva que joga com os visíveis e invisíveis significativos de tudo o que se insinua no parque. Ao movimentarem-se no “campo de visão do inimigo” (chapéus de chapa, polícias, clientes fugidios...), os jovens arrumadores aproveitam ou criam ocasiões para darem as suas *golpadas*, para cujo efeito necessitam de golpes sucessivos: de vista, de imaginação, de audácia, de astúcia, de sorte. Por viverem nas margens da sociedade, pois dela são *excluídos*, desenvolvem uma capacidade de visão que é própria de quem vive em margem. De quem é marginal, mas não deixa, por isso, de ter *olhinhos*.

Como vemos, ao espaço geométrico dos parques (espacialidade homogênea e isótropa) contrapõe-se uma *espacialidade antropológica*¹⁷³, vivida, sentida, experienciada, fenomenológica. Por outro lado, o parque é essencialmente *topológico* (relativo a formações, reformulações, deformações) e não apenas *tópico* (definidor de lugares: de carros ou de quem os arruma).

Apesar de disputas esporádicas de poder, de espaço e de fidelidade clientelar, a maioria dos jovens arrumadores entrevistados assegura existir nos parques uma *hierarquia profissional* assente no respeito pela *antiguidade*. Trata-se de um “código de honra”, o respeito pela autoridade endógena ao grupo. Por exemplo, são os arrumadores há mais tempo nos parques – não necessariamente os mais velhos – que podem permitir a um *pára-quedista* (novato) ocupar um espaço. Pode também acontecer que um lugar fique “livre” por desaparecimento de quem o ocupava, como acontece com jovens que morrem de *overdose*. Mas são sempre os mais “velhos”, não de idade, mas de carreira, os que abrem as portas. Aliás, os *veteranos* arrogam-se o direito de fazerem vários parques numa lógica de acumulação de *ganchos*, expressão feliz, por traduzir metaforicamente uma posse: a do parque enganchado.

Deste modo, dadas as ambivalências induzidas pela pertença à categoria de arrumadores, é lógico que apareçam oscilações no apoio, nas identificações e na

¹⁷³ Maurice Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la Perception*, Gallimard, Paris, 1976.

participação entre pares. Existem redes de *afiliação* e *atributos endogrupais*. Simmel aplicava a metáfora da “ponte e da porta” para definir um conjunto social: a *ponte* que liga os elementos desse conjunto; a *porta* que impede que outros façam parte dele. A *ponte* que liga os jovens arrumadores é o parque, a actividade que nele se exerce e a aplicação comum dos ganhos (aquisição de droga); a *porta* corresponde a um domínio tácito sobre o parque e constitui-se em bandeira de uma espécie de *direito de usucapião*¹⁷⁴.

Nos parques que os arrumadores designam de *minas* (por darem muito dinheiro) é mais difícil o acesso de *pára-quedistas*. Estes vêm-se na contingência de experimentarem parques onde o sucesso económico é mais problemático. Usando conceitos de *estratégia militar*, diríamos que as *minas* correspondem a regiões militares (de *regere*, comandar) enquanto que os territórios dos iniciados são próprios de vencidos (de *vincere*). As *minas* podem dar 20 a 25 contos ao dia¹⁷⁵, por arrumador. Todavia, noutros parques é difícil atingir tais montantes. Aliás, as gratificações variam de parque para parque, como variam de cliente para cliente, não existindo uma clara correlação entre marca de automóvel e valor de gratificação. Tanto se pode receber um *meio pintor* ou *chapa meia* (moeda de 50\$00) como *chapa 1* (moeda de 100\$00), *chapa 2* (200\$00) ou uma *milena* (1000\$00).

Devido à disparidade do que vão recebendo, os arrumadores fazem corresponder a moedas de diferente valor distintos bolsos do seu vestuário. Por exemplo, num “bolso lateral” de *kispo*, arrumam-se os *níqueis* sem valor (moedas *pretas*). Noutro bolso – geralmente o maior e mais solicitado – arrumam-se *pintores* (moedas de 100\$00). Outro bolso pode ser reservado às *chapas 2*. Finalmente, num bolso mais resguardado, resguardam as *milenas* (notas de 1000\$00) ou um qualquer *José António* (nota de 5000\$00) que apareça inesperadamente.

Embora o trabalho que fazem seja valorizado pela liberdade de que desfrutam –, “entram às horas que querem”, como dizem, e “não aturam patrões” – os arrumadores também se queixam das condições degradantes da actividade que exercem: ou porque “andam sempre a correr de um lado para outro”, sujeitos a atropelamento e com os

¹⁷⁴ Cf. Art. 1287º do Código Civil Português, sobre a noção de usucapião: «A posse do direito de propriedade ou de outros direitos reais de gozo, mantida por certo lapso de tempo, faculta ao possuidor, salvo disposição em contrário, a aquisição do direito a cujo exercício corresponde a sua actuação: é o que se chama usucapião».

¹⁷⁵ Estes preços e os demais que se vierem a referir são preços correntes de 1997 e 1998.

“pulmões feitos *tubos de escape*”, ou porque os clientes nem sempre os respeitam, nomeadamente quando estacionam sem pagar. Numa época em que tanto se discute o conceito de “cidadania”, e considerando que um dos seus atributos é o “respeito ao outro”, dá que pensar o comportamento dos que hipocritamente clamam por direitos de cidadania, embora deles excluam os que continuam a viver à margem.

Vejamos agora como é que os arrumadores olham os automobilistas. Eles têm a sua própria hierarquia de clientes, não sendo difícil identificá-los logo que se aproximam. No sopé da hierarquia encontra-se o cliente estúpido: “*É aquele que a gente lhe está a fazer sinal, não vê lugar nenhum e diz logo: ‘Já vi! Já vi lugar!’ – que é para não dar nada*”. Circulam pelo parque e não encontram lugar.

O cliente estúpido difere do cliente aselha – que não é estúpido, só que não tem jeito para arrumar o carro, ou por formação recente (carta de condução acabada de tirar) ou por deformação (incúria incontornável). É tipo frequente, segundo os arrumadores, entre algumas senhoras: “*nem com direcção assistida lá vão. Por vezes, temos de ser nós a arrumar o carro*”.

Depois há os clientes forretas que “pintam a cena” para não darem gratificação. Umhas vezes alegam, de rompante, não ter trocos – argumentação pouco eficaz, pois logo o arrumador, solicitamente, se apresta a solucionar o problema chocalhando trocos de algibeira. Outras vezes, de mão avara estendida, exibem uma mísera moeda de 20\$00 ou 50\$00, lamentando ser a única disponível, e reforçando o lamento com apalpadelas de ilusionista falhado aos bolsos onde não costumam guardar trocos. Mas não vão sem resposta: “*É pá, veja lá se lhe faz falta p’ra comer!*”.

Alinhados pela mesma filosofia – “parece que incarnaram o *Ti Patinhas*” – surgem os clientes *moeda-chorada*. Deixam, é certo, uma boa gratificação, mas os sobrolhos franzidos e os resmungos saídos entre-dentes não deixam margem para dúvida: prefeririam conservar a moeda no bolso. No entanto, embora contrafeitos, sempre deixam cair uma *chapa 2*.

Há também os *pinga-níqueis*, cuja principal característica é a de procurarem desfazer-se das moedas de menor valor (as pretas), aliviando as carteiras de stocks residuais, ao mesmo tempo que procuram impressionar o arrumador com a sonoridade das moedas oferecidas, para cujo efeito as fazem tilintar em mão côncava e oscilante, criando uma falsa expectativa, ao arrumador, sobre a possibilidade de entre as muitas moedas poder haver uma branca.

Cliente apetezido, mas esporádico é o cliente surpresa: “*Saca duas milenas e diz: – É pá, toma lá, vai lá ó vício!*”. Finalmente, há os *clientes VIP* cujo status social (carro, modo de vestir, etc.) não conflitua com a gratificação dada: alguns pagam à semana (2 a 3 contos) e outros ao mês (até 15 contos), tendo direito a lugar permanentemente reservado. Dignos de tratamento VIP são também os clientes *fixos* (gestores e quadros superiores ou médios de bancos e empresas de serviços) que, não encontrando lugar imediatamente disponível, deixam o carro estacionado em segunda fila, cabendo ao arrumador a responsabilidade de o estacionar devidamente, logo que possível.

Encontrámos dois arrumadores que nos referiram ter pago a multa correspondente ao reboque de automóveis mal estacionados por culpa assumida. Indicador revelador, a ser verdadeiro, do sentido de honestidade que colocam no seu desempenho profissional. A familiaridade entre clientes e alguns arrumadores é tal que os primeiros chegam a oferecer aos segundos emprego, um outro modo de vida – que geralmente recusam, por não trocarem o trabalho de arrumador por um outro qualquer.

É claro que – reconhecem alguns jovens – existem sempre os *malfeitores* da classe. Ao terem conhecimento dos períodos longos que alguns carros ficam estacionados, alguns arrumadores, em combinação com outros toxicodependentes, assaltam os carros. Mas trata-se, possivelmente, de uma excepção que confirma a regra geral de boa conduta entre os arrumadores. Aliás, todos os que entrevistámos nos disseram que, se não recebem gratificação dos automobilistas, não exercem sobre eles quaisquer represálias. No entanto, também nos revelaram conhecer colegas que não se guiam por tal padrão de comportamento. No fundo, os arrumadores acabam indirectamente por beneficiar dos receios inculcados pelos *riscos de navalha*. De qualquer modo, registre-se a relativa renúncia à anarquia de pulsões individuais que convidariam o arrumador a agredir o cliente pela sua manifesta falta de cooperação. A repressão dessas pulsões arrastará um efeito compensatório: a generalização da ideia que sustenta que um jovem arrumador, apesar de toxicodependente, “sabe comportar-se” para quem com ele se comporta bem.

Nos parques de biscates engendram-se modos de vida que mobilizam energias, engenho, imaginação. As receitas geradas e amealhadas pelos jovens arrumadores constituem um elemento – não reconhecido mas determinante – de *regulação social*. Sabe-se que o produto dessas receitas é, em grande parte, aplicado na compra de droga. Contudo, os arrumadores apostam em continuar a exercer uma actividade ilegal a que atribuem uma utilidade social. A alternativa? O roubo ou, para as raparigas, o

ataque (prostituição). Mas como fazem questão de acentuar, preferem arrumar carros a terem de roubar ou prostituírem-se. Quando não conseguem reunir os montantes necessários para a compra de droga, *inventam dinheiro*, como dizem.

Como se *inventa dinheiro*? Com arte, como o confessam e melhor o demonstram. *Inventar dinheiro, fazê-lo* ou *roubá-lo* não está ao alcance de qualquer um. Com efeito, já a meados do século XVII, na famosa *Arte de Furtar*, do Padre Manuel da Costa (atribuída também a António Vieira) se lia, no capítulo I, sugestivamente intitulado: “*Como para furtar ha arte que he ciencia verdadeira*”:

Não perde a arte seu ser por fazer mal, quando faz bem, e a proposito esse mesmo mal, que professa, para tirar delle para outrem algum bem, ainda que seja illicito [...]. Nem perde seu ser a arte pelo mal que causa, quando obra com cilladas segundo suas regras, que todas se fundão em estratagemas, e enganos [...]. E essa he a arte, e he o que dizia hum grande mestre desta profissão: “Con arte y con engaño, vivi la mitad del año; y con engaño, y arte, vivo la otra parte”.

A ocasião, na certeza de que ela faz o ladrão, é por vezes aproveitada, outras vezes é criada. Em qualquer dos casos, ela é favorecida por circunstâncias ou conjunturas que favorecem as *golpadas*. Detenhamo-nos neste móbil de vida: a *golpada*. A linguagem é o melhor espelho das artes com que a vida se faz. Por isso o léxico dos arrumadores é uma pista valiosa ou indício de suas formas de vida. O que constatámos, a partir da análise de conteúdo das entrevistas, é que a ideia de sobrevivência é-nos dada por uma *homologação conceptual*¹⁷⁶ que resulta do agrupamento de conceitos homólogos pertencentes a uma mesma família semântica: *ganhar a vida, bulir, desenrascar-se, inventar ou pressionar dinheiro, dar golpadas...* *Golpadas* que surgem nos interstícios de códigos sociais que os jovens arrumadores desmancham e recargam semanticamente, numa subversão necessária à sobrevivência, que se joga num espaço determinado por alinhamentos disciplinares e desvios ilegais.

Os dotes de *invenção* começam a revelar-se quando, ainda antes de terem decidido arrumar carros e vivendo em família, se descobrem pretextos para arranjar “dinheiro fácil”. Um arrumador que, antes de se envolver no consumo de drogas, frequentava a Universidade, elucidou-nos:

É fácil inventar dinheiro. Tá-se na Faculdade. O livro não custa 10 contos, custa 15. Ó minha senhora [aludindo à livreira] passe aí mais x que é para eu pedir à minha mãe. Pronto, inventam-

¹⁷⁶ K. Krippendorff, *Metodologia de Análisis de Contenido*, Paidós, Barcelona 1980.

se 5 contos! [...] Inventar-se dinheiro com a senha do passe. O passe custa 8 contos – ‘Ei! entrei no metro, roubaram-me o passe!’ – Depois inventa-se dinheiro para outra senha do passe.

Tomada a decisão de arrumar carros para fazer dinheiro – ela própria uma forma de inventar dinheiro – começa então a desenvolver-se toda uma série de artimanhas que definem o “arrumador inteligente”: “*É preciso ter arte. Se a pessoa não tem lábia p’ra eles [os clientes], não fogem só se não puderem!*”. Voltando ao célebre livro do Padre Manuel da Costa,

A arte de furtar he ciencia verdadeira, porque tem principios certos, e demonstrações verdadeiras, para conseguir seus efeitos, posto que por rudeza dos discipulos, ou por outros impedimentos extrínsecos não chegue ao que pertende. Mas se o ladrão tem dom natural, e he perito na arte, arma seus syllogismos como rede varredoura, a que nada escapa¹⁷⁷.

A estes silogismos, os arrumadores chamam, na expressividade da sua linguagem quotidiana, *formas de pressionar o dinheiro*. Desde logo, arrumando os carros da melhor maneira, através de uma gestão adequada do espaço de estacionamento que garanta a sua máxima rendibilidade. Não vão estacionar um *Twingo* onde cabe um *Patrol*, se é que dispõem de um espaço mais exíguo onde podem acomodá-lo; isto apesar da insistência dos condutores de *Twingo* e congéneres em reivindicarem lugares de *Patrol* e afins, por simples comodismo de manobra. Como acontece com o dinheiro, o próprio espaço pode ser *inventado* ou *pressionado*:

Sentido proibido. Cargas e descargas: das 9 às 19. À hora de almoço consigo lá meter os carros todos – ‘Chefe, cargas e descargas das 9 às 19, só que das 13 às 15 não há cargas nem descargas... Só há reboque a partir das três e meia, porque a polícia vai almoçar!’ – Chapa 2!

Uma outra forma, mais rara, de *pressionar o dinheiro* é esvaziar o pneu de um automóvel estacionado que se saiba pertencer a uma senhora ‘bem’. Quando esta se prepara para arrancar – ‘*Avance, avance... Ei! Espere aí! Parece que tem pneu furado!*’ – com ar de surpresa e resignação, o arrumador, solícito e solidário, predispõe-se então a mudar o pneu, na expectativa de uma ou duas *milenas*. Numa encenação extrema, pode simular a impossibilidade de encaixe do pneu de reserva e, para “desenrascar” a

¹⁷⁷ Padre Manuel da Costa, *Arte de Furtar*, Edição Crítica, com introdução e notas de Roger Bismut, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1991, p, 61.

situação, oferece-se para arranjar o pneu “furado” numa oficina da esquina. O improvisado arranjo pode significar mais uma ou duas *milenas*.

Os jovens arrumadores aprenderam a desenvolver uma arte de convencer os outros, sem ter razão, através de uma *dialéctica erística*. Foi Certeau¹⁷⁸ quem, com mais arte, nos ajudou a compreender o tráfico dos *modelos de erística*¹⁷⁹ do campo da retórica para o das tácticas quotidianas. Num e noutro caso estão em jogo rodeios, manipulações, persuasões.

Em centros de exposições ou espectáculos onde a entrada é facultada contra a apresentação de bilhetes comprados ou convites ofertados (como acontece na *Feira Internacional de Lisboa*), é normal que os jovens arrumadores peçam ao dono do carro que ajudaram a arrumar um “convite a mais” que possam disponibilizar. Se bem sucedidos, aproximam-se então das bilheteiras mais concorridas e vendem-no a um qualquer interessado, com o argumento da poupança de tempo na “bicha dos bilhetes”.

Por vezes, há necessidade de *pressionar o dinheiro* fora do parque. Por exemplo, numa bomba de gasolina. Vai-se minimamente *arreado* e, com um bidão na mão, simula-se uma tragédia (*cena I*): o carro ficou sem gasolina, perdeu-se ou deixou-se a carteira em casa, e tem de se ir a casa da mãe que está gravemente doente, eventualmente com necessidade de ser internada de urgência no Hospital. Qualquer automobilista “compreensível” ou “bem intencionado” desenrasca a situação, oferecendo duas ou três *milenas* de gasolina. Se o automobilista dá o dinheiro e arranca, repete-se a cena com outro *pacóvio*. Se faz questão de encher o bidão, é uma “chatice pela trabalhadeira que implica”. Neste caso (*cena II*) espera-se que um outro automobilista não se importe de ficar com a gasolina em excesso, porque – é a justificação que se adianta – o depósito atestou sem se ter atingido o quantitativo do pré-pagamento. Palhinha na boca, e transfere-se a gasolina do bidão para o depósito do carro cooperante.

Nos fins-de-semana, atacam-se parques de hipermercados e estádios de futebol. No caso dos hipermercados, o dinheiro é duplamente pressionado: pede-se dinheiro para

¹⁷⁸ M. Certeau, *L'Invention ...*

¹⁷⁹ A erística, como o sustentou Schopenhauer, é uma arte de discussão contenciosa, com marcadas influência sofísticas, que aposta nos duelos argumentativos. Cf. Arthur Schopenhauer, *El Arte de Tener Razón, Expuesto en 38 Estratagemas*, Edaf, Madrid, 1996 (organização de Dionísio Garzón). A obra foi publicada depois da morte de Schopenhauer por um amigo e discípulo, Julius Frauenstädt, com o título de *Eristik*, no volume *Aus Schopenhauers Handschriften Nachlass* (do legado manuscrito de Schopenhauer), em Leipzig, 1864.

arrumar os automóveis e também para parquear os carrinhos das compras, logo que esvaziados, ficando-se com a “moedinha” que salta da ranhura do carrinho quando se atraca este na fileira dos que se encontram estacionados (um *pintor* por cada carrinho aparcado).

Nos estádios de futebol, “especialmente quando há enchentes, faz-se muito dinheiro”. Por vezes, há clientes que protestam, porque acham que os carros estacionados paralelamente, não poderão facilmente sair. Mas rapidamente são convencidos: *“Então o jogo não acaba para todos à mesma hora?”*. Uma outra estratégia consiste em desviar para a periferia do estádio os carros dos adeptos do clube forasteiro, facilmente identificáveis pelas bandeiras e cachecóis. Alguns ficam a dois quilómetros do estádio, embora se lhes diga que “é mesmo ali”. A gente do Norte é bem vista pelos arrumadores de Lisboa porque, antes do jogo, compartilha afavelmente sandes de leitão, presunto e salpicão e, depois do jogo, se o clube favorito ganhou, reforça a gratificação.

A modalidade mais ociosa de inventar dinheiro é descobrir um automóvel de boa marca, com o vidro da janela deixado aberto por esquecimento, em qualquer parque ou rua da cidade:

Apanhar um carro com vidro aberto! É uma mama! É encostar ao carro e esquecer tudo! – ‘Chefe, eu estou aqui há duas horas (mesmo que sejam apenas dez minutos) à sua espera. Sabe porquê? Porque você deixou o carro com o vidro aberto!’

– ‘É pá! Não me diga isso! Tá o telemóvel? Tome aí um conto de réis!’

– Mas é bons carros! É preciso escolher o carro!

Situações do género ajudam a elevar o taxímetro, não admirando que na maior parte dos casos sejam provocadas, isto é, artificialmente criadas:

Aparece um carro com capota de lona – ‘Chefe, não ponha aí o carro que lhe anavalham a lona!’, ou: ‘Chefe, não estacione aí debaixo da ponte, olhe o comboio!’

Nestes processos ardilosos de *invenção de dinheiro* conta-se também com cooperação de terceiros, reciprocidade de dávidas, espírito de interajuda. Parques nas proximidades de restaurantes são apetecíveis porque dão de comer. A estratégia é ter sempre lugares disponíveis para os donos dos restaurantes, empregados e clientes especiais. Cativação (de lugares) com cativação (de comida) se paga. Por outro lado, num trabalho engenhoso de angariação de clientela que é conhecido e reconhecido

pelos proprietários dos restaurantes cooperantes, os arrumadores aconselham os clientes, ou seja, informam-nos sobre os lugares onde indiscutivelmente “se come melhor” – que, inequivocamente, são aqueles que aos arrumadores melhor dão de comer. É frequente acompanharem os potenciais clientes à porta do restaurante (forma de persuasão discreta) e, com uma sinalética gestual (também discreta, com batimento repetido do dedo indicador no peito e olhos arregalados), informam os proprietários dos mesmos que “aqueles vão à conta”.

A *invenção de dinheiro*, como vemos, obedece a estratégias, ardis, subterfúgios, astúcia. Mas surgem também contratempos, desilusões, dissabores. Os *parquímetros* constituíram a mais recente e violenta ameaça à sobrevivência dos arrumadores, que se lamentam de o Estado se ter apropriado, injustamente, do seu “ganha-pão”. Com desilusão incontida, argumentam, numa vã esperança de captarem a solidariedade dos automobilistas, que estes gastam muito mais dinheiro nos *parquímetros* do que com os arrumadores. E nem por isso os seus carros ficam mais seguros. Enfim, alguns arrumadores questionam-se, amargurados: “roubando--nos o nosso ganha-pão, será que o Estado pretende que voltemos ao roubo?”.

Inicialmente surgiu uma reacção espontânea de revolta contra os *parquímetros*. Alguns foram destruídos ou avariados. Carros estacionados nas suas imediações foram anavalhados. Mas a polícia começou a controlar os *parquímetros* e os arrumadores acharam por bem aliar-se aos primeiros, na presunção de que quem não consegue vencer o inimigo melhor é aliar-se a ele. Os *parquímetros* passaram a representar, gradualmente – aos olhos dos arrumadores –, símbolos de uma autoridade instituída e inimiga, mas vulnerável. Se é certo que os *parquímetros* metaforizam a ordem dominante, os arrumadores fazem-nos funcionar num outro registo. A vida ensinou--os a jogar com os acontecimentos (de azar) transformando-os em ocasiões (de ganho).

Com efeito, alguns jovens arrumadores conseguem, por vezes, contornar legalmente o poder dos *parquímetros*. De que modo? Controlando os tempos de estacionamento e os *feijões verdes* (assim designam os fiscais da EMEL¹⁸⁰), e, quando descobrem que

¹⁸⁰ O Decreto-Lei 327/98, de 2 de Novembro de 1998, confere poderes de polícia aos funcionários municipais da Câmara Municipal de Lisboa, responsáveis pela fiscalização das zonas de estacionamento. Estes funcionários – que têm substituído os arrumadores – fazem parte da Empresa Municipal de Estacionamento de Lisboa (EMEL). Lisboa seguiu assim o Porto, cuja Câmara Municipal, através da sua

algum carro continua estacionado para além do tempo permitido, aprestam-se a colocar uma “moedinha” no parquímetro para que o carro estacionado não infrinja a lei. Depois esperam tranquilamente pelo regresso do dono do carro, contando-lhe a história da providencial *moedinha* e da polícia que estava já à espreita para multar o carro. O estratagema, bem encenado, pode valer um *José António* (5 contos). Para além do ganho pecuniário, os jovens arrumadores zelam pela lei, *zombando dela*, ao impedirem que os carros incorram em infracção, ao mesmo tempo que inviabilizam os fiscais de acumularem receitas provenientes das multas. Mas é cada vez mais difícil sobreviver com os parquímetros, pois os *feijões verdes* inundam a cidade.

Por isso, nem sempre é fácil *inventar dinheiro*. Por vezes, o ânimo falta. Outras, espera-se que a sorte bata à porta. Ou as superstições. Indício de dia afortunado se ao primeiro carro arrumado recebem um ou dois *pintores*. Dia negro se, de entrada, aparece – como dizem – um “monhé” ou “negro”. Um dia afortunado “pode dar até 20 contos”, se aparecem clientes *VIPS* ou *surpresa*. Num dia negro, só aparecem *estúpidos*, *pinga-níqueis* e *forretas*. Em cada dia consome-se 8 a 10 contos de droga, em média, por arrumador. Se falta dinheiro para o consumo é o desespero:

Chegamos a uma hora do dia em que estamos todos mal. Quando a ressaca começa a bater tá o caldo entornado. Ó há dinheiro no bolso ou tem que se inventar dinheiro. Porque o corpo não aguenta, as pernas começam a ficar cada vez mais fracas.

Os *parques dos biscates* mostram bem o vértice dramático de uma estrutura social tripartida em que, de um lado, temos um segmento da população activa, altamente qualificado e remunerado, com empregos estáveis e prestigiantes; de outro, temos trabalhadores sem emprego fixo, em situação de relativa precariedade; finalmente, os desempregados estruturais, com trabalhos eventuais muito precários – de que os *arrumadores* são um bom exemplo.

No caso dos jovens arrumadores, a proliferação de parquímetros e o controlo policial estão a fazer-lhes a vida difícil. Muitos vêem-se na contingência de inventarem dinheiro de outras formas, “pequenos delitos” como carteiras *afanadas* no metro, malas *esticadas*, uma ou outra visita a casa alheia. Quando a vida parece estar num beco sem saída, há que criar novas cenas de vida, novas personagens, novas formas de *pressionar dinheiro* – *per fás et per nefas* (por meios lícitos ou ilícitos) e *pro ara et focis*

«Divisão de Trânsito», instituiu os primeiros fiscais na regulamentação das zonas de estacionamento com parquímetros.

(ou seja, no interesse próprio). Ao viverem num contexto de forte exclusão social, e ao serem repelidos cada vez mais para as margens da sociedade, as suas condutas tornam-se, compreensivelmente, marginais. As suas vidas perdem sentido. São drogas de vida. De uma vida subordinada às drogas, numa ilusão de busca de sentido.

Prisioneiros da heroína, os jovens arrumadores mostram-se verdadeiros *heróis*¹⁸¹ no modo como, quotidianamente, vivem o seu cativeiro. É o “vício” que os leva a arrumar carros:

É a falta de dinheiro, o vício aperta, a gente não tem vontade de fazer mais nada. Pronto, não temos capacidade de trabalhar, não temos possibilidade de cumprir compromissos, então é mais fácil arrumar: entramos à hora que queremos, saímos à hora que queremos.

Arrumar carros é uma actividade que proporciona uma flexibilidade laboral que os toxicodependentes valorizam. Presos à precariedade e ao vício, o estacionamento de carros dá-lhes uma ilusão de liberdade: ausência de padrões, de horários rígidos, de paredes que confinam, normalmente, o espaço de exercício de uma actividade profissional. O parque é um espaço de liberdade, é um território de abertura. Reunido o montante de dinheiro necessário para comprar uma *quarta* (de droga), interrompem o trabalho para *matar o vício*, expressão que arrasta o paradoxo do que renasce à medida que se mata (o vício), alimentando a vida à medida que se destrói. Satisfeito o vício, de novo voltam ao parque para enfrentarem ressacas anunciadas. A vida ganha-se e consome-se no dia--a-dia do parque. O tempo parece coagular-se no espaço do parque. Ou melhor, o parque devora o tempo, consumindo-o: tempo para juntar dinheiro suficiente para a “dose”; tempo de descoberta de um novo cliente; tempo previsível que um carro estará estacionado; tempo de vaivém constante – estacionar/desestacionar, consumir/ressacar. Esta acentuação de um tempo em fuga, subordinado à satisfação do “vício”, implica que o presente não seja mais que uma contracção do futuro e do passado no tempo do quotidiano¹⁸².

O arrumador toxicodependente vive segundo o pulsar de uma insaciabilidade: o desejo de droga. Quando em fase de privação, nota-se ainda mais como o metabolismo da vida é regido pela droga. A droga é a razão de vida. Razão de vida que a devora. O

¹⁸¹ Paul Grell e Anne Wetty, *Héros Obscurs de la Précarité. De Sans-Travail se Racontent, des Sociologues Analysent*, L’Harmattan, Logiques Sociales, Paris, 1993.

¹⁸² Micheli Maffesoli, *Le Temps des Tribus. Le Déclin de l’Individualisme dans les Sociétés de Masse*, Éd. Méridiens Klincksieck, Paris, 1988.

quotidiano é medido pelos tempos de consumo. Os dias passam, enfileirados como as contas de um rosário, num fluxo contínuo cujo sentido é o encadeamento entre desejo e necessidade.

Mas não se pense que o quotidiano destes jovens toxicodependentes é desestruturado. Por exemplo, o Beto e o Paulo (dois dos arrumadores que entrevistámos) têm quotidianos *estruturados* e reciprocamente *articulados*. O Beto, de origens sociais humildes, cedo perdeu os pais e muito novo começou a trabalhar nas obras. Quando não se tem o que se ama (uma família, o bem-estar...) é preciso amar o que se tem: a droga que, sucessivamente, fornece, ilusoriamente, pequenas e efémeras doses de bem-estar. Paulo era estudante do 3.º ano de Direito quando, segundo me afirmou, se deixou levar por “más companhias” que o lançaram no mundo da droga. Os seus pais viviam em desafogo económico (o pai é juiz de direito) mas vivem agora num sufoco desesperante. De acordo com o que Paulo me disse, já gastaram carradas de dinheiro em tentativas de curas de desintoxicação que não resultaram. Nunca imaginariam que o seu filho, aluno aplicado, abandonaria os estudos, a família, os sonhos profissionais, a comodidade do lar familiar, para viver agora com outros dois jovens – a namorada e o Beto –, nas ruínas de um velho prédio em vias de demolição.

O eixo de *estruturação* dos quotidianos de Beto e Paulo é comandado pelo consumo de heroína e pela correspondente necessidade de angariarem fundos para a sua compra. O eixo de articulação desses quotidianos deriva do facto de compartilharem o mesmo parque de automóveis. Este não pode ser abandonado, sob pena de poder ser ocupado por outros arrumadores. De forma que, quando um vai adquirir droga ou consumir, o outro fica no parque. É uma espécie de trabalho por turnos: “*saio eu, entra ele; ele sai e volto a entrar eu*”. Fazemos a comparação do quotidiano habitual do Beto e do Paulo (quadro n.º 1). Como se vê, apenas das 16 às 17 horas e das 19 às 20 horas se dá uma escapadela de consumo ou repouso. De resto, a vigilância do parque está praticamente assegurada das 7 da manhã às 22 da noite.

Cada novo dia começa com *ressaca*. O desejo de a curar escurece o amanhecer de cada novo dia. Consumida a primeira dose, vai-se ao trabalho: “*Se eu não fumar de manhã, não saio da cama*”. Condenados pela sociedade (“são uns drogados!”), de executados passam a executores da sua própria liberdade, ao condenarem-se a uma dependência intoxicada, num consumo que os consome. A dose seguinte, em vez de trazer um prometedor êxtase, mais não faz do que evitar uma maior queda no sofrimento. Os discursos puritanos discutem muito o mal que a droga faz, mas poucos

pensam nela como sedativo de um mal de viver. A muitos toxicod dependentes o que interessa é assegurar o que lhes resta da vida: seus refugos.

QUADRO N.º 1: O QUOTIDIANO DE DOIS ARRUMADORES

BETO	HORAS	PAULO
Dormir	1 H	Dormir
Dormir	2 H	Dormir
Dormir	3 H	Dormir
Dormir	4 H	Dormir
Dormir	5 H	Dormir
Consumo de droga	6 H	Dormir
Arrumar	7 H	Dormir
Arrumar	8 H	Dormir
Arrumar	9 H	Dormir
Arrumar	10 H	Dormir
Arrumar	11 H	Dormir
Arrumar	12 H	Consumo de droga
Arrumar	13 H	Arrumar
Arrumar	14 H	Arrumar
Casa*, consumo e dormir	15H	Arrumar
Casa, consumo e dormir	16H	Consumo
Casa, consumo e dormir	17H	Arrumar
Casa, consumo e dormir	18H	Arrumar
Casa, consumo e dormir	19H	Consumo
Casa, consumo e dormir	20H	Arrumar
Casa, consumo e dormir	21H	Arrumar
Casa, consumo e dormir	22H	Arrumar
Dormir	23H	Casa e consumo
Dormir	24H	Casa e consumo

* A casa, na verdade, trata-se de um prédio devoluto, em ruínas, nas imediações do parque onde arrumam os carros.

É neste contexto interpretativo que o “sem-sentido” da vida de um toxicod dependente ganha um outro sentido: o da ânsia de procura (de nova dose), ânsia que estabiliza, que dá o sentido possível à vida, fixando-a ao vício a que se fica agarrado. Para um *agarrado*, o prazer não é mais do que a libertação de uma dor – dor de necessidade. A *pica* é o oxigénio de uma sobrevivência quotidiana. É com a pica que se ganha ânimo para arrumar carros, para arranjar dinheiro para novas *picas*.

Alguns jovens arrumadores vivem com as suas companheiras que também ajudam a arrumar carros¹⁸³. Uns vivem nos subúrbios pobres da capital; outros em qualquer prédio degradado, em vias de demolição, como o do Beto e Paulo; outros, ainda, dormem na rua. Um carro abandonado é um achado. O *parque* é para os jovens arrumadores um espaço intermédio entre um lar que se perdeu (ou nunca se ganhou) e o abastecimento de droga. Raramente se toma banho. No Verão (especialmente ao fim-de-semana) há quem arrume na praia e, aí, aproveita-se a cercania do mar para dar um mergulho, já que é de borla e o calor aperta. De Inverno não sentem necessidade de tomar banho. Em caso extremo, sempre se pode ir ao “balneário do Castelo”.

Por vezes surgem tentativas clínicas de recuperação. Alguns já passaram por comunidades terapêuticas, mas a imagem não é das melhores: “*são depósitos humanos*” – dizem. Também se mostram críticos em relação às clínicas privadas, que acusam de se guiarem por uma lógica de lucro que, aliás, conta com subsídios estatais: “*é tudo a comer à nossa conta*”. Quanto à recuperação, acham que ela é difícil: “*Para cair é um instante, para levantar é que leva muito tempo*”.

A solidariedade é apreciável entre alguns jovens arrumadores toxicodependentes. Em torno dos parques joga-se um papel condensador de sociabilidades interditas, já que um agarrado apenas vive para a droga. Mesmo assim, os parques são espaços de afiliação, de mobilização de suportes relacionais e afectivos que matizam modos de vida precários por entre tentativas de fuga, impossível, à precariedade. É neste sentido que os parques de biscates espelham um fenómeno de exclusão e de inclusão, de segregação e de integração, de anomia e nomia.

Quase todos os dias se divide droga. E o frequente é que um se abasteça para os demais. Como os traficantes se recusam a vender droga a troco de carradas de *níqueis* (moedas), os arrumadores trocam, em cervejarias e cafés das proximidades dos parques, os *níqueis* por *papel* (notas) – mais leve, portátil e aceitável instrumento de troca. De um modo geral, têm consciência do muito dinheiro que ganham e desperdiçam. Disse um: “*Com oito anos de vício, o dinheiro ganho já dava p’ra comprar casa, carro, mota, triciclo*”...

Os jovens arrumadores revelam também consciência de que são explorados pelos traficantes. Referem ainda que muito dificilmente um traficante adianta droga sem

¹⁸³ No entanto, a maioria dos arrumadores é do sexo masculino. No estudo patrocinado pela Câmara Municipal de Lisboa, dos 693 arrumadores inquiridos apenas 21 (3%) eram do sexo feminino: LNEC, Estudo sobre os Arrumadores...

dinheiro fresco. E acusam-nos de comprarem ao desbarato bons artigos que um toxicod dependente arranja sabe-se lá com que dificuldades:

Os traficantes do Casal¹⁸⁴? Barracas? Tá bem abelha. É barraca por fora! Lá por dentro... parabólicas, câmaras de vídeo... 300 contos, um gajo chega lá, porque teve uma fé, inventou uma máquina de filmar que algum turista deixou esquecida... é pá 20 contos, toma lá dá cá, troca por pó, directamente.

O retraimento de alguns jovens arrumadores foi, contudo, evidente, quando solicitados a falarem sobre drogas. Fica-se com a sensação de que estes jovens sabem tão bem arrumar as suas falas quanto os carros. Os seus discursos, por vezes, parece esconderem aquilo que sabem, em vez de esconderem o que ignoram.

Contudo, outros jovens toxicod dependentes emitiram reflexões profundas sobre a problemática da droga. Um deles, convictamente, adiantou a receita para a resolução do problema da droga: a *legalização do tráfico de Estado*. E, explicando-se melhor, sugeriu que alguns funcionários do Estado (a começar por alguns agentes policiais) são dos mais interesseiros traficantes. Por isso o “tráfico de Estado” deveria ser legalizado, para que os preços baixassem e diminuísse a especulação e o lucro fácil:

A droga só tem uma solução. O Estado que dê de borla. Acaba com tudo! Com marginalidade, tudo! Enquanto for negócio de milhões... É a droga e a recuperação! Porque há muita gente a viver da recuperação.

O único gajo que tem coragem, neste país, para falar de droga é o Almeida Santos [Presidente da Assembleia da República Portuguesa]. Sabe porquê? Porque caiu-lhe na pele. A filha mandou--se lá do 7.º andar e mandou-se por causa da droga. É o único que ainda tem coragem. O resto é uma mama. O Estado chega ali, apanha cinco quilos, funde dois, os outros três queima. Dois voltam à circulação. Dois quilos de cocaína fazem milhares de contos. Eles é que a queimam.

Concluindo, quem são os transgressores? É a transgressão uma qualidade do acto de arrumar carros? Ou uma consequência do facto de o acto ser etiquetado como transgressor? Como se faz um arrumador? E como surge o estigma de “marginal” associado ao de arrumador? Segundo Goffman¹⁸⁵, “a história natural de uma categoria

¹⁸⁴ Trata-se do Casal Ventoso, maior hiper-mercado de tráfico de drogas de Lisboa. Ver, a propósito, o estudo de Miguel Chaves, *Casal Ventoso: da Gandaia ao Narcotráfico*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Colecção Estudos e Investigações, Lisboa, 1999.

¹⁸⁵ Erving Goffman, *La Presentación de la Persona en la Vida Cotidiana*, Buenos Aires, Amorrortu, Buenos Aires, 1981, p. 45 (1.ª edição em Inglês: 1959).

de pessoas estigmatizadas deve distinguir-se claramente da história natural do estigma, ele mesmo”. Como quer que seja, os jovens arrumadores tendem, como vimos, a passar por experiências semelhantes que acabam por definir uma “carreira moral” similar¹⁸⁶ que é, simultaneamente, causa e efeito do compromisso que assumem relativamente a uma sequência semelhante de ajustes pessoais e identitários.

Uma fase deste processo de socialização é aquela em que o arrumador aprende a incorporar o ponto de vista dos automobilistas (zelo com os carros que lhe ficam à guarda, desde logo), adquirindo, deste modo, a sua confiança. Outra fase é aquela na qual o arrumador aprende que possui um atributo particular e as consequências de o possuir. Assim, ao interiorizar o atributo de “marginal”, está disposto a assumir as consequências deste atributo, vandalizando os carros dos automobilistas que não lhe dão crédito de confiança, isto é, dinheiro. A sincronização destas diferentes fases – por vezes, conflituosas – cria a referida “carreira moral” de um arrumador, baseada em pautas importantes de conduta e de identidade.

A etnografia dos parques de automóveis mostra-nos que os jovens arrumadores, apesar de em maioria serem toxicodependentes e ex-reclusos, revelam um grande sentido de responsabilidades no exercício da ocupação que elegeram para sobreviver. Pode-se dizer que há entre eles uma “ética de vida” se, como os antigos filósofos gregos, entendermos por ética uma coisa de *ethos*, um refúgio ou morada que abriga um modo de vida, lugar em que se ganha e perde no jogo que a vida representa, como na “tragédia humana” de Rousseau.

Vimos também que o *parque* é um produtor de sinergias entre distintos simbolismos que transformam um lugar físico num espaço social: os *chapéus de chapa*, os riscos de naifa, as marcas de automóvel, os tipos de clientela, os quantitativos de gratificação, a gestão do espaço, a invenção de dinheiro, etc. Estes distintos simbolismos são cartas de um jogo interaccionista que cruza processos de produção e valoração de normas. A vigência destas normas proporciona aos arrumadores, desde logo, a satisfação de um ideal: um *sentido de profissionalismo*. Trata-se de um ideal, tanto mais valorizado, quanto é certo que os jovens arrumadores têm plena consciência de que vivem à margem de um enquadramento profissional legítimo, ameaçados por parquímetros, polícias, *feijões verdes*, *chapéus de chapa* e clientes desconfiados. Ora a satisfação de qualquer “ideal cultural” propicia um prazer subjectivo, narcisista; daí o “prazer” que pode provocar a obediência a uma norma, inclusivamente à margem do seu conteúdo.

¹⁸⁶ Erving Goffman, *La Presentación de la Persona* ..., pp. 45.47.

Mas, por estranho que possa parecer, este *sentido de profissionalismo* não é suficiente para que os jovens arrumadores toxicodependentes que inventaram uma forma honesta de ganharem a vida deixem de ser olhados como “drogados”, “marginais”, “delinquentes”. Aliás, esta imagem estigmatizante é uma construção social que os jovens “rotulados” acabam por interiorizar como realidade, tornando-se, por isso mesmo, mais difícil fugir dela. Não ousariam sequer usar *chapéus de chapa*.

A este processo podemos dar a designação de *produção simbólica da marginalidade*. Neste processo, os jovens rotulados de “marginais” acabam por reconhecer-se enquanto tal, não porque o sejam, necessariamente, mas porque os outros assim os vêem – “a minha vida é uma merda!”: quando os outros não contam mais, a “imagem de si” esvai-se com os outros.

A *ética do arrumador honrado* cruza-se, então, com *práticas delinquentes* através de um *desdobramento de identidades*¹⁸⁷. De um lado, o actuante ou actor que coloca em cena uma actuação; de outro lado, a *personagem* ou o *representado*, produto da actuação. Considerando a personagem que se representa, Goffman mostra-nos, através da metáfora dramática, que a personagem representada é produto da cena representada, e não a causa dela. Assim, quando um jovem se mete numa *cena de expedientes* – é curioso verificar que a expressão cena é usada na própria gíria dos jovens – vê-se na contingência de assumir o papel da personagem que encarna: por exemplo, o de ladrão de auto-rádios. Neste papel, o jovem arrumador interioriza o “eu-representado” que se constitui, por conseguinte, em torno de valorações sociais sobre a representação em si mesma.

Apesar de tudo, surgem sentimentos ambíguos entre o público. Por um lado, os utentes dos parques pensam entender a situação dos jovens arrumadores. Por isso os olham como uns “pobres drogados”. No entanto, por outro lado, não há dúvida de que os “respeitáveis cidadãos” da sociedade estabelecida preocupam-se bastante mais com os riscos nos seus carros do que com as vidas de risco destes jovens. Ou seja, o público faz alimentar de desejo uma razão também ela ambígua: *razão-compaixão* pelos “pobres drogados” (desejo de que eles possam sair do vício) e *desrazão* por se sentirem injustamente obrigados a gratificarem um serviço duvidoso (desejo de arrumar o carro sem ter de pagar ao arrumador). Entre o *entendimento que conhece e a razão que deseja* surge a faculdade de julgar, equilíbrio subjectivo que mistura compreensão e

¹⁸⁷ Erving Goffman, *La Presentación de la Persona...*

razão. Este julgamento, entendido e subentendido, é também produtor da *marginalidade simbólica* dos jovens arrumadores.

Para Goffman há uma característica central que define a situação de um indivíduo estigmatizado e que denomina de *aceitação* (1993:15-19): as pessoas que se relacionam com o estigmatizado não logram atribuir-lhe o respeito e a consideração que os aspectos não “contaminados” de sua identidade social poderiam requerer. Também é possível que o jovem arrumador utilize o seu estigma para obter “benefícios secundários” (Goffman, 1981: 21), como acontece quando algum automobilista, mais condolente, lhe diz: “toma lá 500 paus! Vai curar o vício!”. Finalmente, os arrumadores que são aceites pelo público acabam por desenvolver um “modelo de normalização” (Goffman, 1981: 44), mostrando que os utentes dos parques podem confiar neles.

A produção simbólica da marginalidade baseia-se, também, numa *identidade espelhada*. Esta identidade pode definir-se como reflexo da imagem que os elementos de um grupo pensam que outros têm deles¹⁸⁸. Os arrumadores são tratados como “desviados”. E são estas representações que colocam em movimento mecanismos diversos que conspiram para conformar a pessoa do jovem arrumador à imagem que se tem dele: um drogado, um marginal. Uma vez identificado como marginal, o arrumador vê-se, ele próprio, à margem da possibilidade de participação na sociedade convencional, a da propaganda cidadania.

O *self*, tal como Mead o definiu¹⁸⁹, é, no caso dos arrumadores, formado pelas definições feitas pelo senso comum que servem de “referencial” para que os arrumadores se vejam a si mesmos de acordo com esse referencial. A identidade marginal dos jovens arrumadores, como a de muitos outros jovens que vivem de *expedientes de vida*, é, em grande medida, uma *identidade reflexo*. É difícil repudiar essa identidade sem destruir os fundamentos que a originam: a interiorização das representações que tecem essa mesma identidade. Identidade que existe, de forma assumida, e que pré-existe em forma de representação.

O ensaio etnográfico realizado mostra-nos que as representações que existem sobre os jovens arrumadores contrastam, por vezes, com a realidade vivida por esses

¹⁸⁸ Ou como disse Sartre: «não somos nada mais do que o que somos aos olhos dos outros» – J. P. Sartre, *L'Être et le Néant*, Gallimard, Paris, 1971, p. 246.

¹⁸⁹ O conceito de self, desenvolvido por Mead, aproxima-se do conceito de «looking-glass self» proposto por C. H. Cooley, «Looking-Class Self», in Maris, J. G. e Meltzer, B. N. (Org.), *Symbolic Interaction: A Reader in Social Psychology*, Allyn and Bacon Inc., Boston, 1972.

mesmos jovens. Ainda que essas representações se construam a partir de aspectos reais das suas vidas – não, por acaso, os mais estigmatizantes –, é necessário compreender e valorizar o esforço que esses jovens fazem para cumprirem adequadamente um serviço que consideram de “bem público”. Por isso, esperam, pelo bom desempenho desse serviço, uma contrapartida financeira.

Ao serem abandonados à sua sorte, e ao verem-se privados da possibilidade de arrumar carros – pela invasão dos parquímetros e pelo aumento do controle policial – estes jovens arriscam-se a cair na delinquência, agravando a sua condição de marginalidade. Vem aqui a propósito a “metáfora da Lua e do *gueto*”. Por que razão é que a racionalidade que caracteriza o progresso tecnológico moderno logra chegar à Lua, mas não logra resolver o problema do *gueto*? Talvez porque a racionalidade que serve para afrontar os problemas do *gueto* seja de natureza distinta da que caracteriza os princípios do progresso tecnológico. O progresso tecnológico permitiu a invenção de parquímetros e estes permitem ganhos fáceis que até então constituíam um meio de sobrevivência dos jovens arrumadores. Mas o progresso tecnológico não tem permitido dar resposta ao problema de como lograr que estes jovens, ao deixarem de arrumar carros, possam sobreviver fora do mundo da delinquência.

9. Ganchos ilícitos

M7, Rotter e Blatte são nomes fictícios de jovens que, por se terem envolvido em ganchos ilícitos, se encontram em reclusão no Estabelecimento Prisional de Lisboa¹⁹⁰. Foi dos caminhos que os levaram à prisão que estes três jovens me falaram. É sabido que os relatos de vida têm mais a forma da memória relatora do que dos conteúdos de vida que a memória tenta recuperar. Os conteúdos de vida, tal como foram vividos, estão nos *perdidos* e *achados* do tempo passado; não é possível recuperá-los na sua genuinidade inicial, estão perdidos para sempre, o seu achamento é apenas representado por substitutos que espelham o labor da memória em recuperar o perdido, através de uma imaginação recompositória que presenteia um passado esvanecido.

No caso destes jovens reclusos, recordar o passado significa desenterrar caminhos de vida que levaram ao aprisionamento, recordar acontecimentos que muitas vezes se pretendem esquecidos, de tanto serem lembrados; significa um questionamento da relação entre memória e esquecimento, o qual implica um trabalho de construção de temporalidades diversas e entrecruzadas. *M7, Rotter e Blatte* evocam o passado a partir do presente, mas não de um presente qualquer: trata-se de um presente que paga as culpas do passado. Este ressurgue no presente, mas necessariamente transformado nesse seu ressurgimento. Como chegar a esse passado original, senão sinuosamente, através de construções desaparecidas, de silêncios, de não-ditos? Coisas ditas na sua ausência e lidas nas entrelinhas desses ditos.

M7, Rotter e Blatte eram toxicodependentes, e dois deles estiveram envolvidos no pequeno tráfico de droga, porque esse era um dos meios mais expeditos para arranjar dinheiro para seus próprios consumos. A toxicodependência afecta grande parte dos jovens que são classificados judicialmente como autores do crime de tráfico de menor gravidade (art. 25.º do Decreto Lei n.º 15/93)¹⁹¹. O pequeno tráfico de drogas é um gancho a que se agarram muitos toxicodependentes. A razão é simples: a droga é um “bem escasso” e caro. Por outro lado, a ilegalidade de seu tráfico e distribuição impossibilita a existência de qualquer controlo de qualidade das pequenas doses que

¹⁹⁰ Agradeço à Direcção do Estabelecimento Prisional de Lisboa, nomeadamente ao Dr. Manuel João Rodrigues, o bom acolhimento que me proporcionou e expresso também a minha gratidão aos jovens reclusos que entrevistei, pela colaboração valiosa que me deram.

¹⁹¹ Eduardo Maia Costa, “Novos rumos da política sobre as drogas”, *Toxicodependências*, Vol 7, n.º 1, 2001, 99. 3-15.

são vendidas, pelo que a sua adulteração proporciona ganhos adicionais. Mas comum a todos os jovens que entrevistámos é o envolvimento em outros *ganchos ilícitos* – *roubos, expedientes e burlas*. Ou seja, não conseguiam sobreviver do mero tráfico de drogas, uma vez que eram pequenos traficantes, *retalhistas* do negócio. Os grandes traficantes, os que vivem dos lucros gordos do tráfico, esses actuam em regime de exclusividade, pouco se expõem porque trabalham nos bastidores, por isso raramente são presos.

Entre os que defendem uma concepção *repressiva da toxicodependência* (que vêem no consumo de drogas um delito) e os que defendem uma *concepção medicamentalista* (que encaram o toxicómano como um doente) há espaço para o desenvolvimento de uma *concepção sociológica* da toxicodependência e é no quadro desta concepção que conviria reflectir nos relatos de vida destes jovens.

De facto, a *concepção repressiva* reduz o consumo de drogas a um delito, daí resultando a criminalização do consumidor, pouco importando os factores que levam um jovem a tornar-se toxicodependente. Esta concepção arrasta um efeito directo, a criação de um mercado negro e o desenvolvimento da corrupção e das mafias de traficantes que, por sua vez, exigem despesas públicas avultadas na criação de corpos policiais e burocráticos no combate ao tráfico. A realidade mostra que a concepção repressiva não consegue atacar com sucesso o problema das drogas. Nas malhas das teias repressivas caem consumidores e pequenos traficantes, como *M7, Rotter e Blatte*, mas escapam as grandes redes de distribuição da droga. Sem que estas sejam eliminadas, é improvável que toxicodependentes e pequenos traficantes desapareçam.

A *concepção medicamentalista* traduz o fracasso da concepção repressiva: se com repressão não se consegue eliminar a toxicodependência, então a aposta orienta-se no sentido de cuidar da dignificação do que resta da vida dos jovens toxicodependentes, o que importa é dignificar o processo que os conduz provavelmente à morte. Nesta concepção, o toxicodependente passa de delinvente a enfermo, passa de um praticante de delitos a um doente que há que cuidar, por exemplo, através de salas de chuto ou centros de desintoxicação.

Na *concepção sociológica* interessa sobretudo desvendar os contextos individuais e sociais que potenciam o uso das drogas, para que melhor se possam cuidar das estratégias de prevenção. Tanto a *concepção repressiva* quanto a *concepção medicamentalista* tomam o fenómeno da toxicodependência como um efeito, sem considerarem as suas causas. A consideração da toxicodependência como um mero

acto de delinquência, isolado dos factores que o originam, apenas produz um aumento da repressão policial e da reclusão dos jovens em estabelecimentos prisionais ou centros de pretendida recuperação¹⁹².

Decidi, pois, escutar, de viva voz, o que os jovens reclusos tinham para me dizer em relação aos itinerários de vida que os levaram à prisão. Sabia que estavam presos por pequeno tráfico, assaltos ou burlas. Mas o que mais me interessava desvendar eram os factores sociais que os teriam levado à delinquência. Simultaneamente, queria entender qual o sentido que esses jovens davam ao consumo de drogas. Nunca tinha entrado num estabelecimento prisional, e estava um pouco apreensivo em relação à forma como os jovens detidos me receberiam, mas logo à primeira visita se desvaneceram os meus receios. No meu *diário de campo* anotei as impressões desses primeiros contactos:

7 de Março de 2001

1.^a visita ao Estabelecimento Prisional de Lisboa.

Visita guiada pelo Dr. Manuel João Rodrigues que me recebeu com amabilidade, na “ala G”, onde se encontram jovens toxicodependentes em recuperação. Mostrou-me as celas dos jovens detidos (impecavelmente arrumadas); a biblioteca; o ginásio; o recinto desportivo e o refeitório. O primeiro jovem com quem falei foi Blatte e de imediato simpatizei com ele. O Dr. Manuel João Rodrigues, deixou-me com Blatte e uma breve despedida: “até já, esteja à-vontade”.

Desloquei-me com Blatte à biblioteca, onde momentos depois se juntaram outros jovens (...). Em cerca de uma hora, que passou velozmente como se fosse um quarto dela, expliquei-lhes que estava a escrever um livro sobre jovens e emprego precário e que, num capítulo do mesmo sobre “ganchos ilícitos”, gostaria de abordar a vida de alguns deles, seus percursos sinuosos, ilustrativos de trajetórias de vida marcadas pela aleatoriedade e, onde, nesta, a “aventura” se cruza com a “desventura”. Comprometi-me a assegurar-lhes o anonimato, garantindo-lhes também que nenhum texto seguiria para a tipografia sem lhes dar conhecimento do que sobre eles viria a escrever. Era importante estabelecermos uma relação de confiança. Queria que eles me vissem como um possível amigo e não como um intruso.

¹⁹² Por toda a Europa é galopante a inflação carceral: de 1983 a 1997 as taxas de encarceramento aumentaram 6% na Dinamarca, 20% na Itália, 38% em França, 43% em Inglaterra, 66% na Irlanda, 140% em Portugal, 192% em Espanha e 240% na Holanda. Estas políticas cegas em relação às causas da delinquência estão a transformar o idealizado “Estado social europeu” num efectivo “Estado penal”. Ver Pierre Tournier, *Statistiques Pénales Annuelles du Conseil de L’Europe*, Conselho da Europa, 1999, cit. por Teresa Sá, “Do Estado social ao estado penal”, in *Janus 2001, Anuário de Relações Exteriores*, Público e UAL, Lisboa, 2000, pp. 66-67.

Na segunda visita que fiz ao Estabelecimento Prisional, apercebi-me que o drama daqueles jovens não se circunscreve a uma vida; outras vidas estão implicadas no drama que significa a perda de liberdade. No meu diário de campo anotara:

9 de Março de 2001

Aguardo na recepção do Estabelecimento Prisional livre-trânsito para estar com os jovens detidos. A hora parece de visitas. Vejo sair um homem de cabelo grisalho que cumprimenta o guarda da portaria: amigo, irmão ou pai de algum recluso? Depois, um grupo de ciganas dirige-se para a porta de saída. A prisão deve ter alguns ciganos, concluo; provavelmente estão noutra ala da prisão, pois não me cruzei com nenhum. As ciganas saem em grupo, discretamente, sem algazarra. Uma a uma, entram outras mulheres, em passo penoso. Quase todas trazem na mão sacos que presumo serem de comida, pois alguns deles são isotérmicos. Uma, já de idade, arrasta a perna envolta em ligadura de varizes. Outra, mais jovem, fuma nervosamente enquanto espera entrar. Em todas elas vejo um olhar distante de cansaço, olhar-ilhéu circundado por olheiras onde eventualmente naufragaram lágrimas.

M7

Ao pedir a M7 que me fale dos caminhos de vida que o levaram ao desencaminho, não deixa de ser relevante que comece por referir os tempos da escola e a sua inadaptação à mesma.

Fiz o primeiro ano do ciclo preparatório e entretanto cheguei à conclusão que não estava a fazer nada na escola. Isto tinha sensivelmente doze anos... Prontos, eu era uma pessoa um bocado rebelde, predispunha-me para tudo menos para estudar... Na altura, não tinhas grandes aptidões para a escola, optei por faltar... na altura já comecei logo por fazer pequenos delitos, ou seja, pequenos furtos. Lembro-me que havia lá um Pão de Açúcar ao pé da minha escola e comecei, eu mais outros jovens como eu, a roubar aquelas caixas de pastilhas, aquelas bolas p'ra jogarmos à bola. Entretanto, começaram a chegar, como é óbvio, aquelas informações do Conselho Directivo a casa... e o meu pai optou por me tirar da escola, porque eu dava mais problemas que outra coisa (...). Chumbava por faltas. No final do primeiro período já estava completamente tapado nas disciplinas todas... Aliás, eu não estava muito com vontade de continuar a estudar e, prontos, comecei a dedicar-me à delinquência logo desde muito novo; o reflexo disso, prontos, veio-se a confirmar hoje. Entretanto, o meu pai disse-me, prontos: 'Já que não queres estudar, então vais ter que trabalhar'.

Embora a escola possa e deva ajudar à prevenção da delinquência, também é certo que ajuda à produção de delinquentes. De que modo? Através de práticas pedagógicas que fomentam ou acentuam a frustração dos alunos, o seu desinteresse, a sua apatia,

a sua rebeldia. Muitos professores culpam o “sistema” de desmotivar professores e alunos. E o “sistema”, claro, desculpa-se com o desinteresse dos alunos e a falta de preparação dos professores, muito embora pouco faça para lhes dar a preparação que falta.

Deserção escolar e vandalismo são manifestações directas de experiências negativas que alguns alunos vivem na escola, como é o caso dos sentimentos de inferioridade provocados pelo fracasso escolar ou pela ridicularização feita por professores, umas vezes, excessivamente permissivos e, outras, excessivamente punitivos. A frustração que M7 sentia na escola foi compensada com a solidariedade que encontrou junto de outros jovens igualmente frustrados com a escola. A escola não os conseguiu motivar e eles tornaram-se indiferentes em relação à escola, quando não hostis. Onde está o maior fracasso? Nos jovens que não tiveram êxito na escola ou na escola que não os soube motivar?

O pai de M7 repetia-lhe vezes sem conta o que os professores, unanimemente, estavam fartos de lhe dizer: que não andava a fazer nada na escola. Pois é, quando toda a gente se põe de acordo em criticar – no caso, M7 era alvo de todas as críticas – muitas vezes é maior a cumplicidade de quem critica do que a objectividade do juízo de valor. Os professores fizeram-lhe a cabeça, criaram-lhe o estigma, e a cabeça começou a moldar-se ao estigma, cabeça conformada num duplo sentido: conformidade com o estigma e resignação. Nunca esses professores pensaram que o consenso demasiado geral costuma ser o prólogo que anuncia – ou o epílogo que legitima – algum tipo de linchamento. No caso de M7 lincharam-lhe a vida que já de si era “lixada”, não lhe estenderam a mão, a mão de que necessitava para não se desencaminhar. Abandonada a escola, M7 começou a trabalhar, tinha então 13 anos, cumprindo a sentença do pai, “já que não queres estudar, então vais ter que trabalhar”. O pai, dono de uma cervejaria, até tinha posses para continuar a financiar os estudos de M7, se o rapaz tivesse bom aproveitamento escolar, como acontecera com outros três filhos, mas M7 já estava convencido das sentenças professorais, decididamente não tinha queda para os estudos.

O meu primeiro emprego, tinha eu treze anos, fui empregado de balcão numa pastelaria, sensivelmente durante um ano; depois, como já tinha aquela delinquência e aquela vontade de ter aquilo que não era meu... comecei também a fumar muito cedo, entretanto comecei a roubar tabaco... e depois veio aquele vício das máquinas, de jogar às máquinas, nas salas de jogos. Comecei a tirar algum dinheiro da caixa (da pastelaria onde trabalhava), entretanto, ao fim de

algum tempo deu barraca, como é normal. Entretanto, o dono da pastelaria era conhecido do meu pai... e eu tive que abandonar aquele serviço. Com catorze anos, tentei outra área, fui dar serventia p'ràs obras, e fui servente de estuque. Aí passei talvez dois anos. Entretanto saio daí e começo no consumo de haxixe... Na altura a droga que estava muito em voga eram as anfetaminas, eram os comprimidos, comecei também a ter alguns contactos com essas drogas e prontos, depois as coisas foram-se deteriorando cada vez mais; entretanto fui trabalhar p'ròs patos bravos, aqueles trabalhos temporários (...). Entretanto, saio dessas obras com 16, 17 anos... vou trabalhar para uma padaria, estive lá três anos. Entretanto surgiu-me uma oportunidade boa que, prontos, é a profissão que tenho hoje em dia, que é electricista, numa pequena empresa que era de um amigo do meu pai, e prontos tive lá quatro anos.

A independência económica que M7 ganhou por ter começado a trabalhar precocemente, facilitou a aquisição de drogas: primeiro, iniciou-se pelo consumo de drogas leves, esporadicamente aos fins-de-semana; depois experimentou heroína e os consumos tornaram-se mais regulares.

Entretanto, começo a ganhar um bom ordenado (...) e tinha contacto com as drogas sempre que me era possível, não no trabalho, mas aos fins-de-semana e quando 'tava com os meus amigos... Depois comecei por conhecer a heroína, eu frequentava um grupo de amigos, íamos acampar p'rá Serra d'Arrábida nos fins--de-semana, fumávamos quando nos juntávamos... depois, lembro-me, na altura do Natal, estávamos todos juntos, e dois amigos meus da altura, já se dedicavam ao tráfico de heroína, pediram-me um bocado de haxixe, mas na altura não tinham dinheiro para pagar e então ofereceram-me como moeda de troca um bocado de heroína.

Será que os ditos "amigos" lhe prepararam uma cilada? O certo é que, vendo-se com a heroína na mão, decidiu experimentá-la.

Eu estava mais ou menos por dentro do que era a heroína, porque conhecia algumas pessoas que já consumiam há algum tempo e sabia ao que é que aquilo poderia levar. Mas tive a curiosidade de experimentar. Na altura também mantinha uma relação com uma rapariga, que durou quatro anos, a Dina, e aquilo foi-se desencadeando de uma tal maneira que eu, quando me apercebi, estava completamente metido dentro daquele mundo. Não me apercebi ao princípio porque tinha sempre dinheiro para gastar e o processo da heroína, portanto, aquilo é gradual, começamos por consumir semanalmente ou mensalmente, ou aos fins-de-semana, depois começa a aparecer aquilo que nós dizemos, na gíria, que é o bichinho, aqueles primeiros sintomas de ressaca, nós não nos sentimos bem, ou porque temos uma dor de rins, ou porque bocejamos muito, ou porque estamos consecutivamente cansados, e isso é tudo sintomas de ressaca... só que eu nunca tinha passado por aquelas situações e não me apercebia, e então optava por consumir, ainda um bocado inconsciente do que aquilo era; o que é certo é que depois do consumo eu me sentia sempre uma pessoa nova e então deixei-me levar um bocado por isso e também os únicos amigos que eu tinha

(...), eu sentia uma falta de aceitação por parte das outras pessoas (...) e então optei por passar para o lado das pessoas onde eu sabia que era aceite, ou seja, pessoas que se drogavam, cujo tema era sempre o mesmo, só drogas, e quem tinha a melhor droga, e quem é que vendia melhor... pronto, e então deixei-me alimentar um bocado por isso tudo (...), deixei-me ir, deixei-me ir.

M7 deixou-se ir, como quem se deixa arrastar por uma corrente que haveria de lhe acorrentar o futuro. Para fazer face aos consumos, dedicou-se ao pequeno tráfico, até porque nos trabalhos que arranjava – alguns deles através do pai – sentia vergonha da sua condição de toxicodependente.

Depois tenho a minha passagem pela tropa, foram quinze meses (...), fiz tráfico, na tropa ainda me consegui afastar um bocado da heroína, sempre a consumir haxixe é claro (...), entretanto saí da tropa, foi mesmo... sempre a cair mesmo. A empresa onde eu trabalhava deu-me emprego, novamente, aguentei-me lá, sei lá, talvez mais um ano; entretanto comecei a dedicar-me ao tráfico de heroína, assim muito... superficial, ou seja, ter só o dinheiro para conseguir manter aquele meu consumo, sem ter que estar a gastar todos os dias do dinheiro que ganhava, porque assim não chegava: ao fim de uma semana que recebia já não tinha dinheiro nenhum (...) Entretanto fui de férias da firma, quando vim de férias já não regressei, não expliquei às pessoas porquê; entretanto o meu pai, como conhecia o patrão, chegou-lhe a explicar (os problemas da toxicodependência), mas eu pura e simplesmente optei por nunca mais lá aparecer, sentia-me envergonhado, e não apareci (...). A partir daí foi mesmo ao Deus dará. Continuei a dedicar-me ao tráfico, umas vezes rendia, e depois é mesmo a vida daquele pequeno traficante, umas vezes está por cima, outras vezes está por baixo... aquilo foi-se arrastando.

A namorada de M7 era também toxicodependente. Quando os pais dela descobriram, fizeram tudo para os afastar das drogas, mas sem sucesso. Até que o pai da namorada decidiu que o melhor para ambos era mesmo terminarem a relação, e assim perdeu uma das suas duas paixões de vida, porque a outra – a heroína – não a perdeu.

Tinha essa minha namorada (...), havia ali uma grande paixão (...). Até que certo dia, na casa dela, o pai nos dá num flagrante mesmo, estávamos a consumir e ele diz-nos que já andava há muito tempo desconfiado (...). Ele também se prontificou logo a ajudar a gente, fizemos uma primeira tentativa juntos (de desintoxicação), não surtiu qualquer tipo de efeito, tentou o pai dela fazer uma segunda tentativa, e o que é que isso implicou? Implicou em ter de separar a gente. Ele disse 'pá, eu gosto de ti, como um filho, mas gosto muito mais da minha filha como tu deves perceber' (...). O que é que aconteceu? Aconteceu que ela conseguiu, felizmente, e ainda bem para ela, mas eu não consegui. Consegui foi enterrar-me cada vez mais. Entretanto eu continuei na minha vida, o meu pai e a minha mãe ficaram a par de toda a situação, também se prontificaram a ajudar, mas nunca surgiu qualquer tipo de efeito. Aliás, eu tive passagens por várias clínicas, estive na Lousã,

em Coimbra, ‘tive em Vilarinho, ‘tive em Braga, ‘tive, sei lá, tudo processos que nunca deram resultado, porque na altura a minha vontade mesmo, real, não era largar a droga, ou seja, eu não acreditava em mim próprio, logo daí nunca era possível qualquer tipo de tratamento.

Um pequeno traficante como M7 vive um drama quotidiano: o de conseguir manter stocks de venda que lhe escasseiam para o consumo. O que comprava para vender acabava por consumir. E, quando o dinheiro lhe faltava, não tinha outra opção senão roubar.

Há uma altura que o tráfico, para mim, já não surtia efeito, e porquê? Porque era mais aquilo que eu consumia (...), ou seja, não podia ter um bocado de heroína porque a consumia mesmo antes de pensar que a ia vender. Pensei, não tenho emprego, os meus pais não me davam dinheiro, não tinha ninguém que me desse, vou tentar outro meio de trabalho! Tenho que ir roubar! E comecei a roubar! Eu conheci um grupo de pessoas onde se predispunham a fazer qualquer tipo de coisas... E então o que me custou mais foi talvez entrar, mas como já tinha aquela coisa do passado, quando eu comecei a fazer aqueles pequenos furtos, porque eu comecei a furtar por alguma coisa, não sentia que tinha aptidão para a escola, mas senti que as coisas davam doutra maneira, porque eu quando roubava era coisas que eles não conseguiam fazer, mas eu conseguia, e então optei por aquele padrão de vida. Mais tarde (...) senti que as pessoas me olhavam doutra maneira, a verdade seja dita, sem qualquer heroísmo, na vida do roubo eu conseguia sempre safar-me bem, safava-me mesmo bem, comecei assim um bocado com receio de alguma coisa, porque já não era assim uma caixa de pastilhas ou uma bola de futebol...

A M7 pode aplicar-se a *teoria da adaptação* desenvolvida por Cohen e seus seguidores¹⁹³. Para Cohen, os comportamentos, em geral, são esclarecedores. Ter um problema de adaptação, como M7 o teve na escola, é viver um estado de tensão que se procura resolver. Na realidade, muitas das coisas que fazemos, soluções que se adoptam para enfrentar os mais diversos problemas de acomodação, são lícitas, normais, coisas esperadas. Mas o acerto de alguma solução é sempre, em alguma medida, função do problema que se procura enfrentar. Como é que M7 solucionou o problema de inadaptação à escola? Refugiando-se em *grupos de referência* formados por amigos, também eles inadaptados à escola (“então optei por passar para o lado das pessoas onde eu sabia que era aceite, ou seja, pessoas que se drogavam”). Segundo Cohen, os grupos de referência podem ser usados, teoricamente, em dois sentidos igualmente relevantes para a compreensão das condutas delituosas. Diz-se que esse grupo é de *referência* para significar que esse grupo é modelador de perspectivas e

¹⁹³ Albert K. Cohen, *Deviance and Control*, Prentice-Hall, Englewood Cliffs, N.J., 1966.

atitudes de vida. Mas o conceito também se aplica para aqueles que funcionam como grupos de acolhimento ou aceitação para quem, noutros contextos, não tem facilidades de integração. O *grupo de referência*, no caso dos jovens delinquentes, exige lealdade, reciprocidade, ajuda mútua. Frequentemente, quando se entra num grupo de assaltantes, exigem-se *provas* de capacidade, astúcia e confiança.

Quando se entra nesses ditos grupos, há sempre uma prova por que a gente tem de passar, pode parecer um bocado assim aquilo que a gente vê na televisão, mas a realidade é mesmo essa. Porque é assim: eles têm um esquema de trabalho, trabalham de uma forma, e sempre que há a entrada de uma pessoa nova, primeiro há que conhecer a pessoa e saber daquilo que a pessoa é capaz, e penso que a segunda fase é testar um bocado a pessoa e então eu acho que fui posto um bocado à prova.

Para além das capacidades julgadas indispensáveis, há uma qualidade valorizada sobre todas as demais e que é o *faro de golpe*. Este qualificativo dá-se a um delinquente, do mesmo modo que outorga um atributo semelhante a um comerciante que tem *faro para os negócios*. Quando M7 integrou o seu primeiro bando, também o submeteram a provas, testando-lhe o *faro de golpe*.

Lembro-me que a primeira prova que eles me deram foi (...) furtar uma ourivesaria, nada de armas, nada disso, uma coisa mesmo... dita simples, na nossa gíria, que era entrar na ourivesaria, pedir qualquer coisa para a pessoa nos mostrar e então, trabalhava-se mais no descuido e no sovaco que é tirar e meter (faz o gesto de guardar uma coisa debaixo do braço). Um de nós entrava, trabalhava a pessoa, ou seja, dava-lhe conversa, fazíamos como se não nos conhecíamos para todos os efeitos, o outro entrava depois, neste caso era eu, e então no meio daquela conversa eu apanhava uma distração e conseguia furtar os objectos. E então pronto, eu acho que aquilo correu bem, sempre fui uma pessoa muito fria... e nesse tipo de situações sou muito calculista, isto parece-me assim um bocado ridículo estar a dizer, mas a verdade era essa... porque eu fazia aquilo mesmo com gosto, sei que era uma coisa que eu conseguia fazer bem.

Os *companheiros de luta*, como se designam os membros de um bando, viram que M7 tinha capacidades, actuava com estilo, possuía *faro de golpe*. Durante o período probatório, M7 toma conhecimento dos códigos de conduta de um delinquente, familiariza-se com o tipo de moralidade reinante, com as técnicas mais ardilosas, com as etiquetas e cerimoniais do bando. M7 chega a um ponto em que não lhe passa pela cabeça ter outra profissão que a de ladrão, e a especialização profissional que vai adquirindo leva-o a praticar golpes cada vez mais audazes.

Os métodos que eu já também tinha para arranjar dinheiro... era já só aquilo, já não conseguia mais de outra forma; trabalhar, já não conseguia, nem queria; pedir, também, nunca foi muito o meu género, nunca fui muito de pedir a terceiros (...). Arrumar carros também, fora mesmo de questão, não sou capaz de o fazer (...). E então, já que estava nesta vida, tinha que me conseguir desenrascar (...). Continuei a fazer desses pequenos roubos, alguns até de alguma gravidade. Gravidade porque até à data nunca tínhamos metido armas, mas sempre que era preciso, sei lá, utilizar a força, ou sei lá, utilizar qualquer medida de coacção (...), a gente utilizava, sei lá, talvez empurrar a pessoa, ou de... alguém a agarrar, e se fosse preciso utilizar a violência física a gente utilizava. Entretanto, como é normal, algumas vezes as coisas não corriam bem, não aparecia aquilo que a gente tinha planeado e quando era a altura das partilhas, dividir os lucros por assim dizer, era um bocado complicado porque havia sempre aquele pormenor de... 'é pá, espera aí, mas eu é que entrei, eu é que roubei, e vocês não tiveram trabalho nenhum, ou ficaram no carro, ou só deste conversa à mulher, mas eu é que roubei, pelo menos tenho direito a isto e àquilo', e começou a gerar-se muito conflito.

É frequente que os bandos se desintegram por problemas na repartição dos lucros. O descontentamento em relação à repartição do dinheiro é uma das primeiras razões para a dissolução de um bando, entre outros factores, como o desacordo em relação aos locais de acção, estratégias de assalto, ou uso de armas de fogo.

Normalmente, os lucros são proporcionais aos riscos assumidos. A repartição do trabalho tem em conta a capacidade dos membros do bando. Alguns especializam-se na execução de determinadas tarefas: no assalto a uma ourivesaria, por exemplo, o primeiro peão a avançar é o *abordador*, é ele quem faz a primeira abordagem ao vendedor. Depois vem o gancho, que tem por função distrair o vendedor, pedindo-lhe que mostre outros produtos. À porta do estabelecimento roubado costuma estar o *acelera* ou o *roda*, condutor ágil que, em fuga veloz, transportará os *companheiros de luta* num carro também roubado. M7 funcionou muitas vezes como roda; agora chegava o momento de rodar para outras aventuras.

Como já tinha ganho algumas coisas... ou seja, no sentido de conhecimento, mais algumas coisas p'ra vir a acrescentar àquilo que eu já sabia, então optei simplesmente por sair do grupo, argumentei que já estava farto daquela vida, que o mais certo era qualquer dia levarmos todos um tiro, ou sermos apanhados pela polícia, e que aquilo a curto prazo ia dar uma grande barraca, nós éramos um grupo de 5, 6 pessoas, aquilo não ia funcionar, porque trabalhávamos sempre da mesma maneira (...), saí eu, e logo passados 3 ou 4 dias saiu outro que posteriormente nos viemos a juntar.

M7 não leu, certamente, o *White Paper* “Teaching and Learning: Towards the Learning Society”, nem outros documentos que os burocratas da Comissão Europeia preparam, propondo políticas pretensamente inovadoras, como a da *aprendizagem ao longo da vida*. Tão pouco saberá interpretar o que os políticos iluminados quererão dizer quando afirmam estarmos na alvorada de uma “sociedade do conhecimento”, ele que sempre se guiou por um velho princípio da sabedoria popular, “a morrer e a aprender”. O certo é que M7 foi ganhando novos conhecimentos ao longo da vida, adicionando estes aos que já tinha, foi aperfeiçoando o seu *faro de furto*, de acordo com a propagada filosofia da *aprendizagem contínua*.

O grupo que constituía era uma derivação do antigo bando e as intrigas persistiam. A repartição dos lucros continuava a não ser pacífica: apesar de se dizer que ladrão não furta a ladrão, qualquer ladrão cuida que todos o são. Até que decidiu actuar a sós, como o faz qualquer trabalhador por conta de outrem que decide trabalhar por conta própria.

Pensei, agora vou trabalhar por minha conta. Eu adoptei mesmo o padrão de vida de roubar, ou seja, eu dependia da heroína, mas dependia tanto ou mais do roubo... porque eu levantava-me todos os dias de manhã, tirava a minha ressaca, tomava a minha dose, e depois só me direccionava para uma coisa, 'bom onde é que vou eu hoje, onde é que vou arranjar o meu dinheiro hoje', e então, o dia que eu não roubasse não era vivido da forma que eu estava habituado a viver. Ou seja, eu podia consumir 'n' droga mesmo, mas não me sentia bem comigo próprio porque não tinha feito qualquer coisa.

M7 actua como se estivesse dirigido por um *computador cerebral*¹⁹⁴ sob a batuta de programas sofisticados, funcionando com total independência de si. O computador cerebral decide de maneira automática, seguindo instruções de programas computacionais, o que o sujeito deve sentir e como deve agir. A M7 o computador dizia-lhe: ‘droga-te, rouba’. O problema era que, por onde se deslocava, começava a ser reconhecido como assaltante.

Já não podia (...) frequentar aquela zona baixa do comércio porque as pessoas já me tiravam todas o *talhe*, já me conheciam, nós na gíria dizemos o *talhe*, e já não conseguia funcionar ali, e então tinha mesmo que esperar que uma loja estivesse cheia... tive situações de uma loja estar completamente cheia e eu entrar completamente desesperado de o dia me ‘tar a correr mal e

¹⁹⁴ Sobre o “computador cerebral” leia-se o apaixonante livro de José Antonio Jáuregui, *Cérebro e Emoções. O Computador Emocional*, Dinalivro, Lisboa, 2001.

agarrar, sei lá, num pronto a vestir; ou numa sapataria, ou qualquer coisa e agarrar duas ou três peças de roupas, arrancar a fugir por aí fora.

A vergonha que tinha, quando em outros trabalhos descobriam que era toxicodependente, tinha-a perdido completamente. O problema em ser reconhecido como assaltante não era um problema de estatuto, mas o das reacções defensivas que originava entre aqueles que pretendia assaltar e que já o conheciam. Esse era o maior problema, porque a colocação dos produtos roubados até nem era complicada.

A vergonha é uma palavra que não existe entre nós, não se reconhece a vergonha. E então, eu dirigia-me a algumas pessoas, porque também as conhecia (...), 'Então, senhor fulano tal, soube que há aí umas coisas assim-assim, o seu filho disse-me que de vez em quando coiso' (...), então... 'eh pá, arranja-me lá!', então quando dei por mim tinha sempre 4 ou 5 pessoas que me pediam... 'olha, arranja-me isto, olha, agora estamos pelo Natal, precisávamos disto assim, assim... sei lá, uma câmara de filmar, ou uns perfumes, se aparecer um amarelo (na gíria é ouro) também! Sei lá, as mais variadas coisas.

M7 tinha uma rede de intermediários ou receptores que o assediavam, que lhe encomendavam *trabalhinhos*, que especificavam os produtos desejados. Quantos desses ganchos ilícitos não terão iluminado o Natal de alguns prendados? Como os receptores dispunham de liquidez, alguns pagavam adiantado, a motivação para o roubo era ainda maior. Contudo, roubar por encomenda é mais difícil que roubar de forma aleatória, já que é necessário tempo para localizar os produtos solicitados. A vantagem é que a venda é mais lucrativa e imediatamente liquidada, uma vez que a sua colocação está assegurada, não sendo necessário vender o produto ao desbarato. O jovem que faz biscates ilegais a pedido, não tem necessidade de fazer *marketing* de vendas. Desde que seja conhecida a sua especialidade, os clientes têm acesso fácil aos produtos através dos receptores que também são designados, pelos jovens toxicodependentes, de *intrujas*.

Toda a gente fala da delinquência dos jovens toxicodependentes e dos furtos que fazem para alimentar o vício, mas quase ninguém fala da mafia de intrujas, que escoam os produtos do roubo. O uso da palavra intruja, com que os jovens toxicodependentes nomeiam os receptores, merece uma reflexão. Em grego "palavra" diz-se *onoma* e *onoma* é também o nome próprio de algo ou alguém. Ou seja, a palavra nomeia e ao nomear uma coisa essa coisa aparece. De facto, as coisas são dóceis às palavras, à

linguagem. Quando o intermediário é nomeado de *intruja* a realidade da coisa emerge pela simples enunciação da designação: *intruja*.

O *intruja* é a pessoa que fica com as coisas. O *intruja* é o *receptor*, neste caso o que compra. (...) Trabalhava na base da confiança, eles adiantavam metade do dinheiro ou davam mesmo o dinheiro todo, e isso partia da pessoa (...). Tinha que haver ali uma base de confiança. Embora eu não fosse uma pessoa muito credível, era um toxicodependente, em qualquer momento poderia receber o dinheiro e simplesmente a pessoa nem ver o dinheiro nem ver o material... mas eu não, acho que acima de tudo, no meu percurso de toxicodependente (...), acho que fui sempre uma pessoa muito sincera, nesse campo eu pensava assim 'bem, vou enganar essa pessoa, vou-lhe comer hoje vinte ou trinta contos, mas amanhã vou precisar dela, e dali já não levo mais nada'... E então voltava-me aquele sentimento de quando eu perdi o emprego e de quando olhei à minha volta e não tinha ninguém que me desse nada.

M7 preocupa-se com a segurança do emprego; nos tempos que correm nem a profissão de ladrão é segura. A qualquer momento um ladrão que trabalha para os intrujas se vê sem possibilidades de colocação dos produtos. E como o roubo é a sua única fonte de rendimentos, M7 actua com a honestidade necessária para assegurar um bom relacionamento com os intrujas. Mais difícil foi gerir a descoberta que a sua mãe fez das actividades de furto em que andava envolvido.

A minha mãe fica a par desta minha situação. Se ela não me dava dinheiro, se eu não trabalhava, e se eu aparecia sempre com dinheiro... a minha mãe tentou saber junto de mim o que é que eu andava a fazer que ela não sabia, mas que lhe fazia um bocado de confusão.

Provavelmente, a mãe de M7, com aquela intuição inquieta que é própria de mãe, já andaria desconfiada, pois acaba por lhe vasculhar os bolsos, em busca de algum indício, alguma prova, ela que até nem era de vasculhices.

A minha mãe, por acaso, sempre respeitou as minhas coisas, não era pessoa de me vasculhar as coisas, mas começou a despertar-lhe uma certa confusão dentro dela, e ela um dia teve a curiosidade de ir ver os bolsos de minhas calças, e eu tinha lá trinta e tal ou quarenta e tal contos e ela questionou-se a ela própria 'então, este gajo não trabalha, não tem nenhuma fonte de rendimento, onde é que ele vai buscar este dinheiro?'. E eu tive uma conversa com a minha mãe e ficou um bocado assustada quando eu a pus a par daquilo que andava a fazer, e disse-lhe mesmo claramente, que eu sinto uma grande cumplicidade entre mim e a minha mãe, eu optei por lhe dizer (...), disse-lhe que andava completamente perdido e que a vida p'ra mim já não fazia sentido. A minha vida só iria ter fim quando ou a droga me matasse, sei lá, com uma overdose, ou outra coisa qualquer, um tiro por aquilo que eu fazia para conseguir arranjar dinheiro p'ra droga

(...). O meu pai houve uma altura que desistiu mesmo, e disse ‘bem, tu és mesmo um caso perdido, já não sei mais o que é que hei-de fazer’.

Perguntei a M7 se nunca os pais o puseram fora de casa, tendo-me respondido com um seco “puseram” que antecipou um silêncio profundo. Li nesse silêncio que M7 não queria falar sobre esse passado da sua vida. Ganhou fôlego e continuou:

Entretanto eu continuei naquela vida e os problemas, como é normal, começaram a aparecer. Quando digo problemas digo problemas por parte das autoridades, tribunais e contra-fés da PSP, aqueles papeizinhos que a gente recebe p’ra ir depor à esquadra. Eu pura e simplesmente agarrava nas contra-fés e rasgava-as, eu acho que já tinha perdido o medo a tudo. A polícia começou a ir à minha casa, consecutivamente; por exemplo, eles estavam à porta, eu moro no primeiro andar, estavam à porta e eu saltava pela janela e fugia, quando me apercebia que era o carro da polícia. E deixava a minha mãe sempre numa situação complicada.

Para fugir à *morte* ou à *ruína* – que na gíria significa fugir à perseguição da polícia – M7 maquinou uma maneira legal de andar de carro, porque andar de fuga em carro roubado é arriscado para quem quer *fugir à morte*. Passou a transportar-se no carro de um amigo a troco de droga.

Como ele era consumidor de heroína, trabalhava, tinha filha e mulher, e uma casa p’ra pagar, eu em troca de consumo que lhe dava ele emprestava-me o carro; era um Renault 5, e então a vida p’ra mim já se tornou um pouco mais fácil, já não tinha que me deslocar em transportes públicos, já não tinha que andar tanto à morte.

A posse de carro permitiu também prolongar o raio de acção a zonas onde não era conhecido, fugindo assim mais facilmente à *ruína*. A *ruína* representa uma condenação pesada. Porque é que as penas aparecem associadas à ruína? Porque com a condenação perde-se o sentido da vida – seu presente e futuro. Com o carro era muito mais fácil atacar zonas desconhecidas, fugindo ao *talhe* (identificação feita por antigas vítimas) e à polícia.

Eu mais os meus *companheiros de luta*, que era como a gente costumava dizer, chegámos a ir para o Alentejo, para Vendas Novas, para Montemor, sei lá, p’ra Beja, e por aí fora, até Viana do Castelo, ‘então prontos, vamos p’ra Viana do Castelo, (...) foi um roubo que deu seiscentos e tal contos depois de termos vendido tudo o que trouxemos de lá, e não trouxemos mais porque não podíamos, não cabia mais no carro. Trazíamos um guarda jóias, com três ou quatro fios de ouro, umas cinco ou seis pulseiras, alguns anéis, duas televisões, dois vídeos, uma ou duas câmaras de filmar, e mais uns objectos.

M7 fala da *carreira de furto*, de como dos *assaltos de sovaco* passou para os de *porta bagagem*, até abarrotar o carro, carreira de furto que evolui paralelamente à carreira de toxicod dependente.

Isto é tudo um processo gradual. Eu acho que é alimentado um bocado pelo percurso do consumo. Ou seja, se eu tiver um consumo que eu consiga fazer com o dito roubo de sovaco, a gente sabe que se eu quiser roubar uma televisão não posso roubar de sovaco (...), mas se, por exemplo, a gente usar uma arma posso entrar já num estabelecimento e tentar amigavelmente, amigavelmente, isto é, forçar a pessoa, entre aspas... 'eu tou aqui p'ra fazer isto, isto e isto e ou o senhor colabora ou não colabora', com a arma apontada, como é normal.

Os assaltos com arma envolvem um risco maior, tanto para vítimas como para assaltantes. Tudo depende da *fezada*, e não é por acaso que os jovens delinquentes denominam os assaltos que fazem de *bingo* ou *fezada*. As *fezadas* remetem para um universo de crença. Contudo, os jovens dos *ganchos ilícitos* não actuam na simples crença das meras forças do destino. Aliás, tudo fazem para que a *fezada* aconteça. É complicado determinar as condições de racionalidade em que actuam, já que elas são tão flexíveis que, ao invocar toda a bateria de motivos, metas e estratégias que fazem um jovem procurar uma *fezada*, exoneraríamos qualquer decisão de acusação de irracionalidade. A *fezada* espera, em essência, que o pensamento racional se exerça mediante dois tipos de competência: por um lado, uma *competência operativa* que resulta da aplicação de operações lógicas que a experiência aconselha, evitando-se surpresas ou contradições indesejáveis; por outro lado, uma *competência intuitiva*, esta sim, mais flanqueada aos factores do acaso. Quando o acaso favorece o insucesso, este traduz-se no termo *banhada*, resultante de uma exposição a esse mesmo acaso, pois quem anda à chuva está sujeito a molhar-se.

Eu por acaso nunca utilizei nenhuma arma. Nunca utilizei porque eu era uma pessoa muito fria e tinha medo do que é que aquilo poderia trazer. E então havia sempre pessoas que tinham um discernimento melhor naquela altura... eu lembro-me de termos uma situação numa farmácia (...), dois rapazes que eram também toxicod dependentes convidaram-me para assaltar uma farmácia e garantiram-me que pelo menos quinhentos ou seiscentos contos a gente trazia de lá (...), tinham visto que o homem guardava o dinheiro num cofre. Eu lembro--me que eles tinham um carro roubado (...) e então vieram-me pedir a mim para ser o roda, nós na gíria... 'como és um bom roda a gente vem-te convidar' e eu então fui com eles, mas tive logo a preocupação de dizer, porque já os conhecia... 'pá, mas aquilo não vai dar tiros nem vai meter nada de'... 'eh pá, não, não... eh pá a gente 'tamos armados, mas aquilo vai correr tudo bem, tu simplesmente só tens é que ficar no carro, tudo vai correr bem' (...). E então lembro--me de a gente ter chegado à farmácia (...), eles

a entrarem (...), então um dos rapazes que estava comigo agarrou logo a senhora pelo pescoço, (...) encostou--lhe a arma à garganta, e disse-lhe ‘minha senhora, a gente não estamos aqui para fazer mal, simplesmente só queremos levar o dinheiro e ir embora e que isto tudo corra bem, da melhor maneira’... a mulher ficou assim um bocado assustada, mas abriu logo a caixa e o outro rapaz que estava também armado, estava naquela de ver se aparecia alguém na porta; qual é a cara deles quando o dono da farmácia aparece também armado! E diz, ‘larguem a minha mulher, se alguém fizer mal à minha mulher morremos todos aqui!’, tornou-se ali uma situação um bocado complicada. Entretanto a mulher começou aos gritos e disse ao marido para baixar a arma.

M7 confessou seu mal-estar por estes roubos de arma. Se a *fezada* desse *banhada*, era banhada de sangue. Decidiu viver de *ganchos* menos violentos.

O padrão de vida que eu levava no roubo já estava mesmo complicado. O cerco apertava-se cada vez mais (...), hoje em dia qualquer comerciante está armado e há a possibilidade de nós levarmos um tiro.

Com o ganho do roubo da farmácia, M7 comprou um “bocado de heroína” e assentou, segundo me disse, no que toca à parte do roubo. M7 tinha amigos de infância, também toxicodependentes, e que pouco se “orientavam”; ficavam-se por *roubos de sovaco*, de três, quatro contos, “aquilo fazia-me sentir mal, que eu até gostava deles”. E perguntou-lhes se queriam trabalhar para ele, vendendo alguns *pacotes* (de droga). M7 já era muito *referenciado*, e “não podia andar na rua a vender” pois os *furões* (polícias) deitaram-lhe a mão. Comprava a heroína em bruto, uma *quarteira*, e ganhava o triplo fazendo palhinhas. As *palhas*, utilizadas para a ingestão dos refrigerantes, são cortadas aos pedaços pelos pequenos traficantes para o armazenamento de pequenas doses de droga, seladas posteriormente com um isqueiro.

M7 tinha excesso de produto para vender. Mas nem todos os amigos de rua o podiam ajudar a escoar o produto, uma vez que o círculo de conhecimentos era comum. A alternativa seria começar a frequentar cafés de zonas diferentes, mas muitas vezes o terreno já se encontra ocupado. Alguns traficantes servem-se, aliás, de miúdos mais novos para conquistar mercados mais juvenis, mercados emergentes. Num dia, a necessidade de dinheiro levou M7 a sair à rua para vender palhas, o campo parecia *limpo* (na gíria, significa sem a presença de polícias), mas eis que os *furões* lhe aparecem e não teve meios de *fugir à morte*, foi preso. Fizeram-lhe uma rusga à casa e apanharam-lhe heroína.

M7 tem agora 31 anos, tendo já cumprido quase três de pena, e é com alguma amargura que recorda o passado.

Fazendo uma retrospectiva, se eu olhar um bocado para trás (...), não tenho absolutamente nada, tenho sim algumas marcas (...) e também o sofrimento que causei a todas as pessoas que gostavam de mim, o meu pai, a minha mãe, os meus irmãos... tive sempre um grande apoio da minha família, sempre. Nunca me abandonaram (...). A dada altura também fui eu que optei por não fazer nada na minha vida.

M7 sente que tem contas a ajustar com o passado e que tem de provar a si mesmo que é outra pessoa.

Primeiro, tenho que provar a mim mesmo que sou capaz de ser outra pessoa. Porque hoje reconheço que não consegui ser um doutor, tudo bem, mas pronto, sou um bom electricista (...). A minha adolescência foi um bocado limitada, eu acho que a escola, no arranque da nossa vida, eu acho que depois tem um reflexo significativo mais tarde (...). Não tinha aptidão para a escola (...), sentia-me um bocado frustrado.

Como atrás vimos, a frustração na escola levou a que M7 se aproximasse de outros jovens também frustrados com a escola. Não é certo que todos os frustrados com a escola se transformem em delinquentes e, muito menos, que os enquadrados com ela nunca o sejam. O que é plausível é que a frustração com a escola possa eventualmente favorecer outras formas alternativas de integração social, por exemplo, através da delinquência. Neste sentido, a M7 pode aplicar-se a teoria da associação *diferencial* de Sutherland¹⁹⁵, segundo a qual um indivíduo se transforma em delinquente por razão de um excesso de associação a condutas delinquentes por comparação a condutas não delinquentes. Segundo esta teoria, a delinquência é um produto de aprendizagem; aprende-se em interacção através de processos de comunicação. As transmissões de informação incluem a aprendizagem de técnicas de execução do delito e direccionamentos específicos em termos de motivações, atitudes, racionalizações, desejos. Para a teoria da *associação diferencial*, o delinquente surge em virtude de um excesso de contacto com universos favoráveis à violação da lei. O delinquente surge mediante exposição a um modo de conduta delituoso e por participação no grupo em que esse modo de conduta se institucionalizou.

A escassos meses da liberdade como é que M7 vê o futuro? Coloquei-lhe a questão, mas preferiu falar-me do seu processo de libertação em relação às drogas, pois dele talvez dependa o seu futuro. Depois acabou por me dizer:

¹⁹⁵ Consulte-se a sua entusiasmante etnografia, *Ladrones Profesionales*, Las Ediciones de la Piqueta, Madrid, 1993 (1.ª edição em Inglês: 1937).

Sei que a minha vida lá fora... vão aparecer muitas dificuldades... mas espero saber lidar com as mais diversas situações que me vão aparecer. Isso é o que eu ambiciono (...). Vão aparecer muitas dificuldades, porque é preso, porque esteve preso, e vou ter que começar do zero, vou ter de construir a minha vida toda do princípio. O meu projecto de futuro é ter uma família, ter uma mulher, ter um filho, ter uma casa e ter uma vida assim... viver do meu trabalho e conseguir ir tendo uma coisa de cada vez.

M7 pensa encontrar um trabalho honesto quando acabe a pena, mas não está seguro que a sociedade o reintegre. Muitos jovens reclusos, acabada a pena, pensam mudar de vida, mas as portas da reabilitação fecham-se permanentemente. Quase ninguém quer dar trabalho a um jovem delinvente; este quase sempre é olhado com desconfiança por todos os que o rodeiam e sabem do seu passado. Propostas para *golpes ilícitos* surgem às dezenas, mas minguam as propostas de trabalho honesto. Apenas os antigos amigos dos descaminhos lhes abrem os braços, para um retorno à delinquência.

Sinto que M7 olha o passado com arrependimento, mas, quando olha o futuro, o sentimento é de temor. O passado é comparável ao eco de uma voz desaparecida, mas permanentemente recordada, dia-a-dia, pois foi por culpa desse passado que a vida de M7 se encontra agora aprisionada, como aprisionado se encontra o seu futuro. O desafio que se coloca a M7 é conseguir libertá-lo, e para tanto começou por libertar-se das drogas.

Rotter

Rotter dispôs-se, amável, a ser entrevistado. Vacilou muito quando lhe dei a possibilidade de escolher um pseudónimo. Ocorreram-lhe vários e a indecisão da escolha pode ser prova dos seus “duplos”, da sua multiplicidade de papéis e de grupos de pertença, das aventuras que viveu em diferentes latitudes de vida, de desejos contraditórios. Ao relatar a sua vida, apercebi-me que procurava contínuos nos descontínuos das aventuras e desventuras que marcaram a sua trajectória de vida. Essa descontinuidade de vida – de altos e baixos – expressará uma dificuldade de gestão das “multiplicidades de si” numa pretensa realidade unitária. O pseudónimo escolhido acabou por ser Rotter, provavelmente lembrando as *autoroutes* de droga que tinham Roterdão como epicentro.

Rotter conta-me as suas façanhas da vida, fala-me dos problemas de insucesso escolar, recorda a família pelas porradas que levou. Aos 18 anos, frequentava o 12.º ano, é chamado para a tropa. Entre 1992 e 1995 anda pelo estrangeiro, com a companheira, como ele toxicodependente. Decidem fugir para o estrangeiro porque a polícia judiciária andava a “apertar o cerco”. Salta de país para país a fazer ganchos. Diz sentir *vergonha* e *orgulho* do que fez. Andou em carros roubados, com a polícia a disparar para os pneus. Internacionalizou a carreira. Viajou por Inglaterra, França, Holanda, Bélgica, Alemanha, Espanha... Dormiu em hotéis de “5 estrelas” e em barracões miseráveis, com piolhos na cabeça. De vez em quando fazia tentativas de cura, mas acabava sempre por recair.

Havia determinados ganchos que me davam mil e tal contos. Tipo *black cab* ou *mini cab*. Mini cab é uma coisa que em Inglaterra é possível, existem esses táxis pretos, os tradicionais ingleses, e existem companhias privadas que compram carros particulares, civis, para fazer transporte de pessoas, esses carros são apetrechados com rádio amador, estão ligados à central... o que eu fiz foi... depois de um bom gancho tivemos oportunidade de comprar um carro, um carro jeitoso, e depois com esse carro... o carro custou-me 400 libras e o seguro para o carro era quase o valor do carro, mas a gente nunca chegou a pagar seguro... tínhamos que pagar um género de quota... e então o que é que eu fiz? Arranjei uns autocolantes, quer dizer, roubei... noutra carro, de alguém que era *mini-cab*... roubei um autocolante para poder meter no meu carro... E então que é que aconteceu? Eu pus-me a fazer serviços de *mini-cab*.

Os *ganchos ilícitos* são trabalhos tão duros quanto quaisquer outros. Nem sequer são irremediavelmente apaixonantes – mesmo para quem tem paixão por eles, embora sobrelevada pela paixão do dinheiro – mas quase nunca resultam monótonos. Vive-se uma tensão perpétua desde que se começa a actuar até à consumação do golpe. Rotter fala-me de adrenalina, de suores que lhe percorriam as costas e as palmas das mãos quando se aprestava para dar um golpe. A própria respiração, confessa, aprendeu a controlá-la para que não o traísse. O temor de se ser descoberto é constante, a preocupação no desempenho adequado de cada tarefa é permanente, todas as atitudes, gestos e palavras devem ser medidos, qualquer passo em falso e lá se vai o ganho do *gancho*, quando não se fica *enganchado*, na prisão.

Houve uma vez que tive uma situação no aeroporto de Heathrow, foi um bocado assustador, foi assim, arrisquei, fui se calhar um bocadinho guloso de mais, arrisquei e pus-me na bicha dos *mini-cabs* e... quando chegou à minha vez toca-me um *gentleman*, de fato e gravata, de pastinha, e diz-me assim, “olhe vá para aí, não sei quê”, e eu fico um pouco à toa... quando eu comecei a falar...

ele viu logo que a minha pronúncia não era bem inglesa, assim que eu falei ele perguntou-me logo “onde é que está a sua licença?” – ele olhou para o autocolante mas eu não tinha licença... o homem sai do carro e começa a chamar pela segurança! Oh pá, tive que me pôr a andar!

A *fatalidade* surge ao virar da esquina e para fugir dela recorre-se à ousadia, à habilidade, ao arrojo permanente. O ânimo é exercitado e sugestionado pelos ganhos que o *gancho* pode proporcionar, daí derivando a aposta e a confiança no sucesso do golpe. Há algum receio, certamente, mas ultrapassado pela crença de que tudo vai correr bem. A aceitação deliberada do risco aumenta a auto-estima, permite pôr à prova capacidades reconhecíveis frente à face oculta dos riscos que se correm.

Já depois de vacinado contra este tipo de situações... eu procurava assim malta nova, mini-cab com pessoal novo, pessoal que... ok! Este era um gancho que servia, mas não era um gancho por aí além, porquê? Porque eu fazia a viagem e essa viagem dava-me para tirar a ressaca: fazia dez, quinze, vinte milhas e isso não era nada por aí além... Agora, ganchos de fazer duas mil ou três mil libras, isso já era bom. Muitos ganchos era ser paciente e instigar as pessoas, ir atrás das pessoas, isso era muito propício no caso das apostas de cavalos.

As apostas de cavalo são jogos de sorte e azar. Os apostadores decidem submeter-se à aleatoriedade do jogo, ainda que este seja um insulto aparente à soberania da razão. Mas o jogo não representa o mesmo para quem nele se envolve: os ricos distraem-se com as apostas, os pobres alienam-se com elas. Os espertos, como Rotter, tentam tirar proveito da sorte associada à aleatoriedade do jogo. Como nos jogos de azar, a vida é também um jogo de aleatoriedades em que tantas vezes se renuncia ao exercício da vontade, implicando uma submissão passiva à sorte, uma evasão frente ao real. Mas a intuição nunca é deixada de lado.

Então o que acontecia? Era ver uma pessoa que percebia daquilo. Normalmente as pessoas que percebiam daquilo tinham maior tendência a ganhar. Não era pôr-me a seguir uma pessoa que à partida me parecia ser... “olha estes vêm aqui tentar a sua sorte”... Depois era ver se bingavam (ganhavam) e... pronto!

Como qualquer carta de baralho, Rotter vive embaralhado nas encruzilhadas da vida que se entrecruzam entre o azar e a necessidade. Azar e necessidade não são termos tão antitéticos quanto se poderia pensar. No *gancho ilícito* há uma dimensão agonística, competitiva, enfrentamentos de polícia e ladrão. Rotter actua com argúcia, ensaia jogadas, usa a imaginação, amedronta a adversidade com o seu corpo de atleta, a tudo

recorre para pôr a sorte ao serviço. Os impulsos são racionalizados, os raciocínios são submetidos à prova da intuição, o cálculo das probabilidades é usado à mistura com a crença no golpe, numa ansiedade de expectativas em relação ao balanço final de resultados favoráveis e desfavoráveis. A crença na sorte é funcional ao induzir a adopção de uma predisposição ao risco, embora uma confiança excessiva na sorte possa ser contraproducente.

Rotter joga com o incerto, o inesperado, o destino, confiando num golpe de sorte ou de oportunidade, guiando-se também pela intuição. Por um lado, parece entregar-se à falta de sentido do aleatório, mas quando a sorte colabora, *bingo!* O aleatório parece fazer parte de um contexto dotado de sentido. A típica superstição de qualquer jogador é uma forma tangível e individualizada de reconhecimento de um sentido no aleatório, de que nele habita algum significado necessário – ainda que não necessariamente numa lógica racional.

Aconteceu-me uma de quatro mil e trezentas libras, foi uma situação muito curiosa. Foi um indivíduo p'raí com 50 anos de idade que percebia daquilo, que ganhou esse dinheiro... isto foi a um domingo e lá (em Inglaterra) as lojas de segunda mão estão abertas aos domingos. E o que aconteceu? Aquele indivíduo comprou uma televisão, dessas de ecrã pequeno... e já estava com os copos... e quando já estava no quarteirão dele para chegar a casa, foi quando nos dirigimos à pessoa para lhe roubar o dinheiro. E o que é que acontece? Ele como já está um bocado passado, a Chèrry (companheira do Rotter) vai para lhe pedir um cigarro... e o que acontece? O indivíduo assim... “há possibilidades de me ajudar a levar esta televisão?”, quer dizer andámos atrás do homem, para o abordar e, no entanto, ele acaba por nos pedir ajuda! E ao pedir-nos ajuda houve ali uma razão de aproximação à pessoa... porque normalmente era assim, chegávamos ao pé da pessoa e por vezes tínhamos de ser um pouco ameaçadores...

Os teóricos do risco trabalham fórmulas para o calcular, estimam-no (R) como um produto da probabilidade (P) do evento que regula a gravidade do dano (D), ou $R = P \times D$ ¹⁹⁶. Os jovens dos *ganchos ilícitos* usam a mesma fórmula, mas de forma simplificada: o golpe tem de ser *RaPiDinho*. Num outro caso, os benefícios entram na equação, ou seja, o risco não significa apenas a probabilidade de um prejuízo, mas também a chance de um ganho, donde resulta que a fórmula apresentada – na sua versão científica ou prática – enuncia implicitamente uma análise de “custo-benefício”. Que significa um risco razoável ou aceitável? Rotter parece actuar de acordo com um

¹⁹⁶ Mary Douglas, *Risk Acceptability According to the Social Sciences*, Russell Sage Foundation, New York, 1985.

poder, que a experiência lhe dá, de calcular os limites de aceitabilidade do risco: a aceitabilidade do risco aumenta com o incremento dos benefícios ou a garantia dos mesmos. Assim acontecia com os *golpes baixos* realizados nos Países Baixos.

Na Holanda, as principais aventuras era... havia situações nos correios, fazia-se a recolha dos sacos de dinheiro, pequenas quantidades, eram as próprias carrinhas dos correios... e nós o que é que costumávamos fazer? Na altura em que a carrinha ia buscar o dinheiro, normalmente o que é que acontecia? Na Holanda funcionávamos sempre com carros roubados, no momento em que a pessoa punha os sacos de dinheiro na parte de trás da carrinha, a Chèrry ia logo para o lado da carrinha, eu aparecia com ar ameaçador... e, fica aí, aguenta, e pronto, entrava no carro e arrancava com o carro.

À vida de Rotter podíamos aplicar a definição que Baudelaire dá à arte: o imprevisível convertido em necessidade. Rotter recorda os episódios de roubo como aventuras. Cada dia inspira o seguinte, cada momento resulta inovadoramente do precedente, a agenda da vida vai-se fazendo no dia-a-dia, ao contrário daqueles que a submetem à planificação da agenda: o tempo resultante do que dele se faz contra o tempo do tudo que já está feito, porque previsto, porque anulada a rebeldia do impre-visto.

Na França, os ganchos que nós fizemos foi mais à base dos fazendeiros. Em França há muitas quintas de fruta! De uvas, de maçãs, de framboesa, etc., muita fruta! E, então, aquilo ao fim-do-mês, e às quinzenas, aos dias 15 e 16, havia os pagamentos aos fazendeiros! E, então, normalmente nos escritórios dos fazendeiros e encarregados 'tava o dinheiro!' E então nós conhecemos isto porque quando saímos de Inglaterra para ir para França, eu e a Chèrry acabámos mesmo por ir para a quinta trabalhar porque a nossa ideia era 'vamos para as quintas, fazemos lá a cura e acabamos por arranjar lá um trabalhinho e vamos ver se nos vamos embora'...

Rotter e a companheira, em contacto com os fazendeiros, estudavam as formas de pagamento aos trabalhadores e planeavam os roubos. Com o dinheiro conseguido acalentavam o desejo de quase todo o emigrante português: o retorno ao país de origem. Como se vê, os golpes não resultam de actos tão irracionais quanto a teoria da racionalidade os poderia supor. Aliás, o normal é imaginarem-se truques e esquemas para que a golpada seja bem sucedida. Se os factos não coincidem com o que se pensa, pior para os factos, pagam por isso. Por outro lado, os descuidos alheios são afanadamente procurados. Embora de uma pessoa afanada se diga que está ocupada (com muito trabalho, azafamada), na gíria dos delinquentes *afanar* é uma expressão equivalente a roubar.

As nossas mentes estão sempre predispostas e com sensibilidade à flor da pele, mas para a marginalidade, para a criminalidade, para a invenção do dinheiro, tudo quanto pudesse fazer dinheiro a mente estava mais predisposta para aquilo que estar a olhar para um museu. Um turista é diferente, é mais estar a olhar para um museu do que aperceber-se de um descuido. E então... íamos aos dias 15 e 16 e ao fim do mês, eu e a Chèrry, deixávamos o carro num sítio acessível para fugir, entrávamos nos escritórios e revistávamos o dinheiro; estava lá o dinheiro para fazer os pagamentos da parte da tarde, no final do dia, àquela malta, aos trabalhadores, ao pessoal que andava a apanhar a fruta.

– *E os capatazes não estavam lá para guardar o dinheiro?*

É lógico que havia sítios onde estava lá pessoal pelas imediações. Aí a gente passava, como se nos tivéssemos enganado, e saíamos da fazenda, íamos para outra fazenda, chegávamos lá ao escritório, estavam pessoas a trabalhar no escritório, tínhamos que ir embora, senão... parávamos ali o carro... arrombávamos a porta ou abríamos a janela ou trinta por uma linha, e pronto, revistávamos! Uma vez bingava outras vezes não.

Bingar ou não bingar, eis a questão. A assunção do risco em sua forma mais óbvia é através do jogo. O *bingo* é um jogo de azar, mas também de competição. No caso, competição contra a polícia e contra quem é objecto de dolo, a vítima. A astúcia consiste em adivinhar as jogadas que se preparam por um mero jogo de astúcia e de antecipação, aproveitando, por exemplo, o descuido da vítima. Em geral, utilizam-se várias heurísticas ou regras empíricas. Ao clarificarem-se opções e estabelecerem-se expectativas, cria-se uma prognosticabilidade antecipadora de resultados.

Atrás vimos que Rotter inscrevia os roubos numa lógica de aventura. A analogia entre o jogador e o aventureiro é proposta por Simmel, ambos se entregam à falta aparente de sentido da aleatoriedade. Através da superstição, sustenta Simmel, o jogador trata de introduzir a aleatoriedade num sistema finalista, mediante desígnios e recursos mágicos, exonerando-se do seu isolamento, próprio de aventureiro, e buscando uma ordem que funciona de acordo com leis fantásticas. Então o aventureiro converte a ausência de sistema de sua vida num sistema de vida¹⁹⁷.

Há uma coisa que eu gostava de frisar. Eu cometo todo este tipo de delinquência por... necessidade! Isto é assim, a toxicoddependência é assim: a princípio há dinheiro, haja dinheiro, haja muita consumo, haja droga com fatura, haja aventuras, haja carros...ok! Mas depois... os recursos, quer os meus quer os da Chèrry, quer os da família, começam-se a reduzir até chegar a um ponto que isto rebenta! Não há mais guita, não há mais dinheiro. E então, como a ressaca tá lá e é grande (...). Eu vou até ao 12.º ano, faço a tropa (...), mas acabo por ter este descarrilamento. O que eu

¹⁹⁷ G. Simmel, *Sobre la Aventura. Ensayos Filosóficos*, Ediciones Península, Barcelona, 1988, pp. 14-15.

gostava de deixar claro aqui é que tive o meu comportamento bom, tive a minha boa estadia na sociedade, entre aspas, mas depois a toxicoddependência leva-me a fazer todo esse tipo de coisas.

Muito se fala da delinquência dos jovens, dos seus acidentes de percurso. Mas o essencial da questão é saber analisar o *accidental* sem descurar o *substancial*. Os seus riscos de vida (*o accidental*) encontram-se em associação estreita com os seus traços de vida (*o substancial*). É o substancial de suas vidas que os empurra para a delinquência.

O sentimento de que se encontram prisioneiros de uma dependência leva estes jovens a reivindicarem a sua inocência. Muitos termos relacionados com o mundo da droga e da delinquência são naturalizados através de metáforas que vincam a aparência inocente de quem vive nesse mundo – o que pode responder, quer ao desejo de ocultar actividades ilícitas, quer à necessidade de integrar o mundo da marginalidade no fluxo normal da vida quotidiana. À droga, por exemplo, chama-se cavalo, caramelo, chá, tília, merda, chocolate... Em contrapartida, numa situação de confronto directo com a polícia, o estatuto de delinquente é claramente assumido, sendo impensável outra solução que não seja a fuga, mesmo sob a ameaça de tiros.

Foram mesmo situações diabólicas, isso foi, as fugas! Havia determinados *flagras*. *Flagras* é... ser apanhado em flagrante! E nesses *flagras* tinha que fazer a fuga. Primeiro que tudo, havia uma coisa: é impensável parar à polícia ou ficar detido ou retido por alguém, de alguma forma que tivesse que parar a ressaca numa prisão, ou ser apanhado e levar porrada para o inquérito, isso está fora de questão. É sempre fuga para a frente... chegámos a fugir debaixo de tiros, e etc., etc., e continuávamos a fugir, não parávamos. E isso era ponto assente entre eu e a Chèrry. Mas houve situações... na Holanda eles têm muito bom policiamento... eles tinham BMW's nas auto-estradas, *auto-routes* da droga, que é Roterdão-Paris, e Roterdão-Lille, onde havia mesmo tráfico, via-se mesmo carros no meio das estrada, roubados, que se partiam os motores, que acabava o óleo, que acabava a gasolina... e o que acontecia muito era as fugas com polícia, tiros à mistura, cenas de filme, não é?

O *flagre* é visto como fruto do acaso, do aleatório, do azar. A detenção policial apenas indirectamente é vista pelo jovem delinquente como consequência de uma acção, a de furtar. Isto é, ao articular-se o *flagre* ao aleatório nega--se a responsabilidade no delito, assumindo-se, em contrapartida, o fatalismo e o destino. O cálculo do risco de um *flagre* não depende apenas das expectativas subjectivas do benefício. Luhmann propõe que o cálculo do risco seja corrigido por um “umbral de catástrofe” segundo o qual o risco somente se aceita quando os seus efeitos não ultrapassam o umbral para além do qual

o infortúnio se experimenta como catástrofe¹⁹⁸. Mas entre jovens toxicodependentes não existe um tal umbral de catástrofe. As suas vidas, dependentes do consumo de droga, são elas próprias uma catástrofe.

Quando convidei Rotter a reflectir no futuro, o confronto com o passado é feito de um modo nostálgico.

O objectivo por que estou a lutar é ser professor de ginástica, ter um bom emprego, ter um dia mais tarde um bom salário, uma mulher. Um montante mensal que permita umas quantas viagens. Eu tenho a impressão que nunca mais vou poder usufruir de um bom safari, como eu fiz. Se o meu salário, sei lá, permitir apenas um modo de vida chapa ganha chapa gasta, eu, por certo, vai-me ser muito difícil fazer uma viagem como eu fiz. Um salário normal não permite a vida que eu fiz lá fora.

Rotter recorda os *safaris* que fez pelas selvas das cidades em que viveu ou banditou. À sombra dos ganhos de *bingo*, fez vida ociosa, pernoitou em hotéis de 5 estrelas, aprendeu a cultivar a arte de perder o tempo, ganhando-o na fascinação da imobilidade, do nada fazer. Mas esses tempos de ociosidade só eram possíveis na agitação de um tempo que tornava a vida buliçosa, correndo riscos de vida num safari onde a palavra de ordem era a safar a qualquer custo, mesmo que através dos mais safados processos.

Da última vez que visitei Rotter continuámos a falar sobre as suas aventuras e pedi-lhe a opinião sobre algumas páginas que já tinha escrito sobre a sua vida. Não me esqueço do pedido que me fez: “ouça, doutor, capriche lá no seu livro em transmitir a ideia de que está na mão de cada Rotter dizer: ‘isto pára aqui!’. E não se esqueça de deixar uma mensagem: de certa maneira vivo livre na prisão. Para mim não houve maior prisão que a heroína”.

Blatte

Blatte, 28 anos, cumpriu já três anos de uma pena de onze. Entrou para a prisão no dia 19 de Março de 1998, dia que não esquece, quer por representar o início de um longo enclausuramento, quer por ser um dia – dia do pai – que lhe faz lembrar o seu pai ausente e lhe faz presente o filho com quem gostaria de estar.

A história de Blatte pode ser seguida através de uns apontamentos de vida que escreveu, já na prisão, e que amavelmente me disponibilizou. Nesses seus

¹⁹⁸ N. Luhmann, *Soziologie des Risikos*, Gruyter, Berlin, 1991.

apontamentos, as lembranças de vida não podem deixar de ser encaradas como memórias produzidas por circunstâncias muito especiais, isto é, de reclusão prisional. Quer dizer, ao escrever esses apontamentos de vida, Blatte não trata apenas de reviver o passado, nem de encontrar as lembranças de um passado conservado enquanto tal; a reconstrução do passado é sempre feita através da vivência do presente.

No caso de Blatte, as recordações do passado vêm à tona de uma ondulação que mistura angústias e inquietudes. Blatte parece procurar no passado razões que expliquem a sua situação de aprisionamento ao presente. A memória, essa força de junção, de reunião do passado com o presente, faz com que a lembrança das coisas do passado se logre através dos laços que essas coisas mantêm com a situação do presente. Há um passado que aparece reificado nos relatos biográficos de Blatte – quer nos apontamentos de vida quer nas entrevistas que lhe realizei – passado que já passou, irreversível, irremediável. Depois, há aquele passado que Blatte procura esclarecer à luz do presente, passado obscuro, enigmático, decifrador do próprio presente. Ao ancorar o passado ao presente, Blatte vai sucessivamente corrigindo e reatualizando esse passado, em consequência do contraste das suas lembranças com o modo como o relembra.

Sou filho adoptivo e cresci sabendo que o era; vim para os braços dos meus pais tinha uns 6 meses e o meu irmão, que é adoptivo também, 1 ano e um mês (...). Tive uns problemas de saúde quando me foram buscar à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, vinha muito fraco de saúde e muitos médicos diziam que eu não durava mais que alguns meses de vida. Mas o amor de mãe provou o contrário e hoje sou vivo e saudável. Tive uma infância que, por um lado, foi boa e, por outro, foi má. O lado bom é que fui afortunado nos pais que me adoptaram, que fizeram de tudo, até mais do que podiam para não faltar nada aos meninos. Digamos que a palavra correcta é mimados. Meu pai, um homem de respeitar, o Sr. Engenheiro, e a minha mãe uma Sra. Bancária. As culturas e boas maneiras não me faltaram desde pequeno. Mas logo desde cedo começou a haver rivalidades entre a nossa família (*relato de vida escrito*).

Os afectos, por vezes, apenas se descobrem quando são recordados os seus destinatários. A lembrança das memórias de vida leva Blatte a fazer fluir recordações entre as margens da inquietude e da angústia com que olha o passado. Passado encarado a partir de um presente em que o passado se reflecte como se fizesse parte dele. Actualizando-se, as memórias de vida guardam parte de sua virtualidade, do passado de que procedem; mas reflectem também as angústias do presente quando evocam o passado. As memórias de vida produzem uma adaptação do passado ao

presente, o passado encarna no presente apenas porque este é diferente do presente passado.

De pequeno, Blatte começou a verificar a existência de problemas familiares, vindo a descobrir mais tarde que esses problemas não eram alheios à infertilidade da mãe adotiva. Por isso, decidiram adoptá-lo, veio mais tarde a descobrir.

Resolveram [os pais] adoptar uma só criança, mas como éramos dois irmãos e na altura não havia crianças ímpares, ficavam com os dois ou nenhum (*relato de vida escrito*).

E ficaram com os dois. Mas cedo se apercebeu que o pai tinha uma predilecção pelo irmão, embora a mãe o olhasse com um carinho especial. O pai acabará inconscientemente por o culpabilizar, uma vez que Blatte é testemunho de uma relação conjugal fracassada. Blatte nunca foi seu verdadeiro filho e dele acabou por fazer o alvo de todas as suas frustrações. Em situações de adopção falhada, sucede também que as mães, para se libertarem de sentimentos de agressão em relação aos maridos, incitem os filhos a desafiar ou a provocar o poder paternal.

Na escola, Blatte cultivava simpatias, pois é um menino bonito, com seus olhos de azul claro, cintilantes e comunicativos.

Na escola era o rei das meninas, bonito e sensível, no fundo todos me adoravam pois era extrovertido e falador, sonhador. Os estudos era quando me dava na telha e aí começaram os meus problemas. Os meus pais funcionavam no registo de que se passares tens tudo, se não, não tens. Uma coisa que não me esquece era as férias grandes, sempre foram um espectáculo para nós. Fui crescendo, mas as regras eram muitas e eu via todos na rua a brincar e eu não ia porque era o filhinho da mamã. O meu irmão começou a ser mais atrevido, fugia à noite para ir ter com os outros, tinha o seus 14, 15 anos (*relato de vida escrito*).

Blatte sente necessidade de evasão de um quotidiano oprimido pelas regras que lhe impunham. As férias proporcionavam essa fuga à rotina que se restabelecia, mal as férias acabavam. Via que os amigos brincavam na rua e até o irmão já fazia noitadas. Então Blatte decide também sair para se encontrar com os amigos. E assim começa a sua iniciação às drogas.

Quando comecei a sair por minha autoria, sem os meus pais se aperceberem, comecei a arranjar novos 'amiguinhos/as' já tinha 13 anos (...). Comecei a fumar cigarros e a apanhar grandes bebedeiras na escola que mais cedo ou mais tarde viria a dar borrada lá em casa (...). Para me achar que era sr. do meu nariz comecei

a fumar haxixe, tudo parecia ser bom de mais, era o bobo da corte. O haxixe não chegava pois os tempos iam evoluindo e os amigos também e as drogas cada vez mais aliciantes se tornavam. Chegou a altura de me afirmar fazendo uma ‘vaquinha’ para um conto de heroína (*relato de vida escrito*).

Ao drogar-se, Blatte procurava, simultaneamente, afirmar-se perante os amigos e esquecer-se dos problemas familiares, adormecendo medos, revoltas, “medos que se tornam forças”.

Pensava eu que ganharia confiança em mim e mais respeito pelos outros. Tudo se parecia resolver com uma dose de heroína, era a altura de adormecer a dor e a revolta de tanta coisa. Sentimentos adormecidos, dúvidas adormecidas, medos que se tornavam forças, até a minha própria vida estava e era adormecida. As coisas mantiveram-se assim durante algum tempo, com os consumos (...), e a situação em casa a panos quentes (*relato de vida escrito*).

Pouco depois do falecimento de seu avô materno, uma perda que Blatte sentiu profundamente, os conflitos familiares tornaram-se insuportáveis e o divórcio dos pais foi inevitável. O irmão ficou com o pai e ele ficou com a mãe e a avó materna. O consumo de drogas aumentou.

Uma hipótese desde já se equaciona para entender o futuro comportamento delinvente de Blatte: poderá esse comportamento delituoso ter surgido como resolução de conflitos inconscientes da infância, cujas origens se devem rastrear nos problemas familiares que Blatte viveu? Se esta hipótese fizer sentido, o seu comportamento delituoso poderá ler-se como uma reacção afectiva, originada por conflitos familiares e socializações problemáticas. A ausência do pai – quer do biológico, quer do adoptivo – privou Blatte de projecções de identificação com o progenitor, por isso surgindo o avô como figura paternal imaginariamente substitutiva e com a qual Blatte se identifica.

Os conflitos familiares, nomeadamente entre os pais adoptivos, eram constantes e desembocaram no divórcio. Uma vez que os códigos morais dos adolescentes resultam da identificação com os seus pais, as condutas conflituosas destes acabam por induzir comportamentos similares. Por outro lado, como atrás vimos, a educação de Blatte oscilou, contraditoriamente, entre uma excessiva severidade e uma incontrolada liberdade. A droga era o refúgio.

Sentia-me só e só estava bem a falar com um drogado como eu, pois por talvez nos compreendermos em que mundo estávamos. As namoradas passavam-me ao lado, tudo me passava ao lado (*relato de vida escrito*).

Tudo passava ao lado de Blatte e agora, em situação de reclusão, Blatte está posto de lado, na sociedade. Sempre de lado, no passado e no presente. A *memória afectiva* é uma memória que parte do presente, não trata simplesmente de reviver o passado, como se este pré-existisse à memória que o recorda. Ao recordar-se da solidão (“sentia-me só”; “tudo me passou ao lado”), a memória afectiva reconstrói o passado em função dos dilemas do presente. Blatte recorda aqueles aspectos de sua adolescência que correspondem a preocupações do presente e que acabarão mesmo por o explicar. São esses aspectos que lutam melhor contra o esquecimento da memória, pela sua intensidade emocional. A memória, quando separada de um contexto emocional, não pode ser reconhecida, pois é graças ao emocional que o vivido adquire uma ordem e uma inteligibilidade.

Blatte sai da escola e começa a trabalhar numa empresa de carnes. Recordar-se do seu primeiro ordenado, 27 500\$00, e das tarefas que realizava. Relembra o aumento dos consumos de droga e o ambiente familiar cada vez mais degradado.

Passei por tudo, pela distribuição, estiva, salsicharia, banheiro, cortador, etc. Aí os consumos eram mais elevados e por conta própria, também a situação lá em casa estava de cortar a respiração (*relato de vida escrito*).

A mãe adoptiva de Blatte vivia numa grande depressão: tinha-lhe morrido o pai, divorciara-se do marido e agora era o filho que se tornara toxicod dependente. Num dia de raiva com o rumo da vida, desabafou: “Vai, vai mas é à procura da puta da tua mãe, pois eu nunca devia te ter ido buscar” (*relato de vida escrito*). Blatte, então com 16 anos, sentiu-se magoado e tomou uma decisão radical. Pediu à mãe os papéis da adopção e a cédula de nascimento e abandonou a casa, rumando ao Algarve, na esperança vaga de poder encontrar a mãe biológica. E encontrou-a, alguns meses depois, desvelando toda a sua história: “Era mulher da vida e a vida não permitia o sustento dos filhos” (*relato de vida escrito*).

Um simples “desabafo de vida” constituiu-se num ponto de viragem¹⁹⁹ da vida de Blatte, implicando uma ruptura, uma descontinuidade. À imagem do que acontece com aquelas personagens de ficção que, de repente, e sem se saber muito bem porquê, se emancipam da vontade de seus criadores, Blatte torna-se protagonista de histórias de uma vida própria, completamente alheia à vida que se começou a desenhar quando foi recuperado do abandono. Agora via-se retornado às origens, abandonado à sua sorte, ao Deus dará, e sem que Deus lhe desse a mão.

A estada de Blatte no Algarve foi atribulada. Ao princípio, costumava dormir nas traseiras das estações dos comboios. Mas, como o dinheiro que tinha depressa desapareceu, decidiu ir trabalhar para as salinas.

Comecei a olhar para os meus bolsos, comecei a puxar os bolsos para fora, abanava os bolsos não me caía dinheiro nenhum. Isto tá mal! Não tenho dinheiro nem sequer p'ra voltar p'ra trás! (...) Então comecei a trabalhar (nas salinas). Doía-me um bocadinho a cabeça porque aquilo tinha que se pôr uma rodilhazinha na cabeça e andar com a canastra (...), subir numa pranchazinha e meter o sal no tractor (...). 16, 17 e 18 anos fiz os três Verões todos no Algarve, naquela mesma salina, e de Inverno andava nas obras.

Com dinheiro fresco nos bolsos, Blatte começa a experimentar novos consumos de droga, aumentando a dependência, até porque encontrou uns amigos que o arrastaram.

Volto a meter-me mais acentuadamente no pó... pó e coca, foi quando experimentei injectar-me, os primeiros *breaks de coca*, o chamado *speed ball* (mistura de heroína com cocaína), quando havia mais *guito* (dinheiro) era dessa forma, senão fumava na *prata*.

O aumento dos consumos fez aumentar a necessidade de dinheiro. Blatte começa então a pensar em ganhar dinheiro fácil, servindo-se da astúcia e dos conhecimentos de Inglês. Livra ingleses ingénuos da ganância de construtores civis, recebendo benesses e simpatias pelas ajudas prestadas no controlo das obras. E das respectivas mulheres ganha afectos e dinheiro a troco de favores sexuais. Nas horas vagas é nadador-salvador.

¹⁹⁹ São os chamados turning points biográficos, e que podem ser definidos como pontos de viragem provocados por acontecimentos que levam uma pessoa a tomar uma direcção distinta daquela que estava seguindo. Ver T. K. Hareven e K. Masaoka, “Turning points and transitions: perceptions of the life course”, *Journal of Life History*, 13 1988, pp. 271-289 e J. A. Clausen, “Adolescent competence and the shaping of the life course (marriage, family and the life course)”, *American Journal of Sociology*, 96, 191, pp. 805-842.

Eu percebia de Inglês. O meu 7.º ano era de escola, mas o 7.º ano de escola e o 7.º ano de praia dava-me para dar volta a muitas pessoas (...). No Algarve, aos fins-de-semana (...) ganhava mais algum, ia fazer de nadador-salvador.

Entretanto Blatte retorna a Lisboa porque é chamado para a tropa. Conhece a companheira de quem tem um filho, hoje com 7 anos. Cumprido o serviço militar, Blatte arranja um biscate na Costa da Caparica como nadador-salvador e, fora da época banhar, trabalha em restaurantes. Os consumos de droga são diários, fuma dois contos por dia e guarda o *tubo* (droga envolvida em prata) para a ressaca da manhã do dia seguinte. E assim vai gerindo a dependência. Blatte vive em casa dos pais da companheira, num ambiente muito acanhado, até que a mãe, com quem retomara contacto, lhe faz uma surpresa: oferece-lhe um apartamento, todo mobilado. Aí viveu com a companheira durante 7 meses. Depois veio a ruptura conjugal e a entrada a sério no mundo do crime.

Entretanto muitos amigos, era tudo e mais alguma coisa em minha casa, eram festas, era isto e aquilo... a pressão foi de tal maneira, os consumos aumentaram... houve a ruptura. A ruptura foi ela deixar-me completamente sozinho em casa, num dia em que levo lá um indivíduo com 20 gramas para fazer uns pacotes porque me dava algum (...). A partir daí nunca mais voltou p'ra mim (...). A partir daí é que eu começo a entrar mesmo na vida do crime a sério.

Blatte vende o recheio da casa, e cerca de um ano depois vende também a casa que a mãe lhe oferecera, comprando outra mais pequena, nos subúrbios de Lisboa. Continua a trabalhar em restaurantes e cafés, intercalando essa ocupação com outras, nomeadamente a de vendedor (de revistas e diversos produtos, em leilões, etc.), biscates que lhe permitem relacionar-se facilmente com as pessoas e agilizar a capacidade verbal, ou como me diz, “bater bem a palheta”. Nas entrevistas que fiz a Blatte dei-me conta, facilmente, de seus dotes de bom conversador, de seus modos agradáveis e sedutores, do seu sentido de improvisação, perspicácia e vivacidade. Como vendedor, Blatte ganhava consoante o que vendia, e o que conseguia vender dependia de *bater bem a palheta*.

Durante segunda a sexta-feira trabalhava num café ou restaurante, e aos sábados e domingos ia tendo estes biscates (...). Mas há uma coisa que rapidamente vem a baixo (...). Comecei a roubar da caixa, comecei a desviar tabaco, comecei a mexer aqui, comecei a mexer ali... então comecei a ser queimado... e percebi, isto não pode continuar porque senão qualquer dia com esta situação

toda, todos os patrões da hotelaria... ‘Eh, pá! Não dês emprego a esse gajo porque esse gajo teve a trabalhar p’ra mim, roubou-me e não sei quantos’.

Então Blatte decide trabalhar em *full time* nas vendas. Ganha bastante dinheiro e a consideração dos chefes de venda. Mas Blatte, conhecedor dos dotes que todos lhe reconheciam, pensa que pode ganhar muito mais dinheiro, e de forma mais divertida, *batendo palheta* noutros negócios, nos chamados *biscates das tias*. Conta como tudo começou.

Há um indivíduo que uma vez vou sair com o gajo, já batido, e que me diz ‘Eh, pá, com a lábia que tu tens, és um puto bonito, jeitoso e tal, temos que ir ao *Canto Nostálgico*’ (...). É tipo um bar grande onde existem as tias. São as velhas, as viúvas, as solteironas, as cotas! Aquelas mulheres do *guito* (com posses económicas) que gostam de andar com os meninos, em troca de sexo dão dinheiro. Eu entro lá dentro, vejo mulheres por todo o lado, mulheres bem feitas, gajas... 40 anos aquilo? Tás a gozar comigo? E aquela que tem 50 anos, hem? Parece que tem 30 e não sei quantos... E eu entro neste ciclo, vivendo sustentando-me à conta das mulheres... das tias! Ia com elas, elas pediam-me (...), e eu pumba, dava-lhes aquilo que elas queriam que era sexo; e elas metiam-me na mesinha de cabeceira dinheiro e eu ia às sapatarias, às pastelarias e isso tudo. Só que também rapidamente me cansei porque isto era um ciclo muito vicioso; porque isto era assim, eu era extremamente controlado por elas para onde quer que fosse (...). Eu às vezes gostava de andar com uma miúda mais nova, da minha idade, e não andava porque tinha que andar a satisfazer os caprichos destas gajas (...). E além disso é perigoso porque havia os maridos. Há muitas delas que andam metidas nestas vidas que são casadas e que por fora têm estes compromissos, gostam de andar com os meninos, os maridos já não lhes dão aquilo que elas querem. E eu comecei a andar com *receio*.

Blatte arranja então pretextos para naturalizar os *biscates das tias*. Servindo-se da sua experiência da construção civil, começa a fazer “reparações de casa” para acabar em “arranjos de cama”.

Comecei a arranjar uns biscates para ir fazer uns trabalhos a casa de umas e de outras. Uns restauros aqui, uns restauros ali, não sei quantos (...). Por exemplo, vou a casa de uma senhora (...), ela tinha uma fuga de gás e eu começo lá a ir à procura da fuga de gás (...). Entretanto ela estava de robe (...). De repente, sem mais nem menos, a gaja vem pela parte da frente, abre as pernas, puxa o robe para o lado (...). Então, era a minha lábia. Comecei a entrar neste ciclo.

Dos *biscates das tias* passa às *histórias do bandido*. A estratégia de acercamento era a mesma, assente na capacidade de sedução, num poder cativante de comunicação. Blatte actua com artimanha, numa conjugação criativa de arte e manha.

Comecei a bater a portas, a contar a história do bandido. Comecei pela religião, andei com recibos falsos a dizer que era de uma instituição de caridade que ia abrir num terreno ao lado, e que era para o primeiro tijolo (...) porque tinha ido roubar uns mini-tijolos ou tinha ido à loja dos 300 comprar duzentos mini-tijolos pequeninos, e tinha feito saquinhos, e andava a entregar os tijolos, e cada pessoa dava um x, e chegava ao fim do dia e fazia 50 ou 60 contos... quer dizer, comecei a entrar nisto, das burlas, e de andar aqui e andar ali, a fazer disto e daquilo... nos semáforos, a fazer inscrições para associações de toxicodependentes, a angariar fundos aqui e ali, toma lá um carimbo, ia à impressora fazia uns recibos falsos...

Blatte tinha sido vítima dos azares da vida. Agora burla-se desses azares tentando a sorte. As distribuições do azar costumam apresentar-se como uma burla da economia legítima, baseada na racionalidade, na disciplina, no trabalho duro e metódico que permite correlacionar o esforço, o mérito e a recompensa. Desta feita, a sorte é buscada em golpes de risco. Se a sorte lhe bate à porta ou se a porta se abre à sorte, quantas vezes ela se fechou quando mais perdido se sentia nos labirintos da vida?

Os ganhos de burla crescem em razão directamente proporcional aos gastos com droga. Blatte sente-se cada vez mais agarrado à heroína, acabando por ir viver para o Casal Ventoso²⁰⁰. A toxicodependência escapa aos determinantes da teoria da “utilidade marginal decrescente”. De acordo com esta teoria, a satisfação que se obtém ao comer uma fatia de pão com manteiga diminui depois da segunda, e ainda mais depois da quinta ou da sexta. Mas com a heroína não acontece assim: quanto mais se consome mais se deseja consumir.

Quando cheguei ao Casal, é impressionante! Como é que estes gajos conseguem viver numa barraca? (...) Ratos de um lado para o outro... E o que é que realmente acontece? É que eu também venho a ficar numa barraca (...). Ia lavar-me ao chafariz, ia-me lavar às casas de banho do Amoreiras (...). Entretanto, há uma fase muito crítica, eu começo a vender no Casal, começo a apregoar (arranjar clientes) aos indivíduos que me davam consumo todos os dias, e andei seis ou sete meses nisto (...). Morreram três amigos meus no Casal (...) e isto fez-me uma grande espécie. Entretanto, eu comecei a andar de mendigo, passei por uma fase de mendigo, sapatos rotos, a cheirar mal, barba por fazer, todo porco, nos semáforos a pedir esmola, nos semáforos de Alcântara, nos comboios, uma esmolinha, ia aos caixotes do lixo comer, ia buscar restos de sobra aos restaurantes, quer dizer, andei nesta vida durante um ano quase, já era eu que recebia os outros para fazer os *algodõezinhos* e para matar a ressaca.

²⁰⁰ Para um conhecimento das redes sociais do casal Ventoso consulte-se Miguel Chaves, *Casal Ventoso: da gandaia ao narcotráfico*, Imprensa de Ciências Sociais, Estudos e Investigações, 13, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 1999.

O relato de Blatte ganha uma vivacidade extrema, mas depois queda-se no silêncio, e eu concluo que, para o decifrar, não devo criar falsas oposições entre pensamento e sentimento, análise e intuição, cérebro e instinto, provas e impressões. Nos seus *apontamentos de vida*, releio:

Nessa altura podia considerar-me um toxicodependente em grande escala (...). Fiz tudo, manipulei, roubei, menti, falseei tudo e todos, magoei quem mais me amava (...). Trabalhava, mas o dinheiro não chegava para o consumo, para o meu filho e para a casa. Fiquei sem companhia, filho, amigos, casa, enfim, fiquei virado para o mundo, sozinho, a viver uma ilusão de drogas (...). Passei fome, muita fome, dormi em bancos de jardim, ruelas, e sacos com cartão por cima e jornais, dormi em barracas (...). Alimentava-me de sobras nas pastelarias e comia o jantar das comunidades como o Reino de Deus e o Desafio Jovem. Tomava banho de semana a semana e vestia o que a instituição me arranjava (*relato de vida escrito*).

Chega um dia em que Blatte, sentindo-se no “fundo do poço”, decide tentar mudar de rumo de vida. Para o efeito conta com a ajuda preciosa de uma jovem, Cheinha, que vivia no Casal Ventoso em companhia da mãe que decidira não abandonar a filha no abandono que ela quisera dar à vida. Cheinha e Blatte enamoram-se um do outro e ambos se enamoram da ideia de um dia poderem abandonar a droga. Contudo, um toxicodependente que procura fugir da droga experimenta muitas vezes a quebra de vontade sofrida por um jogador, quando decide não mais jogar e se vê ante o pano verde de uma mesa de jogo. Em *O Ser e o Nada*, Jean Paul Sartre analisa este fracasso da decisão de não jogar, descrevendo o processo de angústia de um jogador como o medo que ele tem de si mesmo, das suas experiências passadas²⁰¹. A angústia perante o passado é o que pode levar um jovem toxicodependente a decidir, livre e sinceramente, a não consumir mais. Mas ao acercar-se de outros consumidores – tal como acontece com o jogador que se acerca do casino – vê naufragar seus propósitos no combate entre a razão e as paixões.

Um toxicodependente adopta com firmeza a decisão de não consumir, mas o que descobre, ao acercar-se do perigo, é a total ineficácia de uma decisão que o angustia. Como no caso do jogador, a decisão de não jogar – ou de não consumir – está aí, mas congelada, ineficaz, transcendida pelo simples facto de se ter consciência da fragilidade da decisão. O que um jovem toxicodependente muitas vezes constata é que a sua decisão de não consumir fracassa ante a missão que ele se havia confiado ao tomar tal

²⁰¹ Jean Paul Sartre, *El Ser y la Nada*, Alianza Universidad, Madrid, 1984.

decisão. Por vezes, um jovem toxicodependente parece ser capaz de constituir uma barreira real entre o consumo e ele próprio, mas, subitamente, apercebe-se de que a realidade é a lembrança de uma ideia, a recordação de uma vontade. Depois de ter edificado pacientemente barreiras e muros, depois de se ter encerrado no círculo mágico de uma resolução, Blatte apercebe-se, com angústia, que nada o impede de consumir: e a angústia “sou eu”, poderia concluir Blatte, visto que, pelo simples facto de se transportar à existência como consciência de si, Blatte elimina esse passado em que tomou a resolução de não consumir. Um toxicodependente quando decide deixar de consumir luta, muitas vezes, com os condicionamentos da vontade livre. Nenhuma decisão pode lograr êxito sem uma grande força de vontade que vença as dificuldades e as dúvidas que lhe surjam pelo caminho. Dúvidas em relação a si mesmo, à identificação da imagem projectada quando se confronta com o espelho, pois “vê-se dois e, por isso, é melhor não abrir os olhos, ou então terá de anular uma das partes”.

Há um dia que eu digo, ‘eh pá, não, eu tenho que dar a volta a esta situação’, enchi-me de coragem e fui à Associação do Casal, lá acima, da Misericórdia, contei a minha história, eles foram aos registos, realmente viram que eu era filho da Santa Casa da Misericórdia, e então deram-me banho, deram-me roupa, deram-me tudo e mais alguma coisa e eu quando me deparo com o espelho (...), ‘eh, pá, é impressionante, isto foi um sonho, este é que sou eu’, comecei a apalpar-me e disse ‘este sou eu!’. Volto p’ra minha casa, recebo os meus consumos, disse ao gajo que não queria mais trabalhar p’ra ele, enchi-me de droga, fui p’ra casa e consumi em casa. Então nessa noite pensei, eh pá, tenho que arranjar uma maneira de coiso, vou-me dedicar às burlas!

Quanto mais isolada uma pessoa está, e quanto mais débil e dispersa é a sua rede social, menos sujeitas as suas decisões estão ao escrutínio público, mais propensão existe a que essa pessoa defina ela própria as suas normas de conduta. Podemos neste caso falar de condutas sem rede, libertas que estão de ajuizamentos morais constringedores. Blatte relança então a carreira de burlão profissional. Deixa de ser toxicodependente do Casal Ventoso, mas não deixa de ser toxicodependente. As estratégias para arranjar dinheiro é que se refinam.

Comecei a explorar outro campo que era entrar em casa das pessoas, bater à porta, muito bem vestido, muito bem arranjado, a dizer que era filho do doutor, do engenheiro, do fulano de tal... que tinha acabado de chegar de algures, que tinha esquecido as chaves dentro de casa.

Na verdade, Blatte procurava antes saber junto das porteiras dos prédios que visitava se aí morava algum doutor ou engenheiro, com filho de idade aproximada à sua, que

procurava com alguma urgência. As porteiras, solícitas, diziam-lhe ou que sim ou que no prédio ao lado ou da frente morava alguém que parecia corresponder ao perfil descrito da pessoa procurada. Então Blatte batia à porta de um vizinho dessa pessoa dizendo-se amigo do filho desse vizinho, e que o seu próprio pai, de resto, era amigo do “senhor doutor” ou do “senhor engenheiro” – e adiantava o nome que lhe havia sido revelado pela porteira prestável... O que pedia era apenas que o deixassem telefonar à mãe que se encontrava no Algarve, para lhe dar conta do ocorrido, o esquecimento das chaves. Franqueavam-lhe a entrada na casa, discava um número de telefone qualquer, do género de informações de meteorologia, e simulava uma conversa telefónica com a mãe. Em regra, as vítimas iam ao sítio onde costumavam guardar dinheiro e davam-lhe o necessário para a viagem fictícia ao Algarve, onde a mãe lhe daria uma cópia das chaves de casa.

Comecei a aperfeiçoar-me neste tipo de crime, e as pessoas começaram a dar-me dinheiro, ‘eh pá, não se preocupe, quanto é que precisa? Dez contos?’ (...). Fui fazendo experiências. Quem são as melhores pessoas que nos prédios têm conhecimento de tudo? São as porteiras! As porteiras sabem de tudo, sabem do prédio do lado, de cima, de baixo, de frente... comecei a tirar informações delas, que procurava naquele prédio um indivíduo que era médico, assim, assim... ela dizia-me ‘não, neste prédio não! Só há neste quarteirão aqui ao lado um indivíduo que é médico assim, e que tem uns filhos assim’, eh pá, ela contava-me a história, eu ia ao prédio do lado e ia dizer que era o filho daquela história.

Ao ouvir Blatte vem-me à lembrança a imagem de Chic Conwell, o “ladrão profissional”²⁰² que Sutherland descreveu como possuidor do encanto especial que parece caracterizar todo o burlão. Os ganhos de burla não correspondem a actos isolados de habilidade. Uma boa burla requer inteligência, espírito de iniciativa e dons que acabam por caracterizar um artista. Nas suas golpadas, Blatte revela audácia, inteligência, cuida da sua apresentação e aplica a sua capacidade oratória. Quando o convidam para entrar numa casa, Blatte aguça o engenho para surripiar o que de valioso nela encontra.

As pessoas têm muito a mania de terem em casa uma caixinha onde têm guardados alguns maços de notas. O que realmente eu comecei depois a confirmar (...). Eu via mais ou menos o sítio onde o indivíduo ia buscar o dinheiro. Na gaveta, no sítio tal, dentro de uma meia, dentro duma caixa, ali ao canto (...). Depois fazia a minha parte de teatro que era: punha a mão na cabeça e dizia

²⁰² E. H. Sutherland, *Ladrones Profesionales...*

assim 'isto dá-me cabo da cabeça'. As pessoas automaticamente têm sempre aquela coisa de dizer 'então, mas tá-se a sentir bem?' e eu 'olhe, estou com uma pilha de nervos tão grande, precisava era de tomar um calmantezinho ou uma aspirina, qualquer coisa, isto está-me a'... 'Tenha calma, não sei quantos, sente-se aqui, sente-se aqui'... e iam à cozinha (buscar a aspirina, a água ou o chá!) No momento em que eles me viravam as costas para ir à cozinha eu rapidamente ia ao sítio do dinheiro, abria, tirava o dinheiro, sentava-me no mesmo sítio. A pessoa vinha, dava-me o copo de água, dava-me a aspirina ou o comprimido, eu metia para o canto da boca, fingia que comia aquilo, beijinhos, pão-pão-queijo, ia à minha vida e levava 500, 300, 800 contos, ou levava uma caixa com fios de ouro, anéis, relógios ou telemóveis...

Cada uma das burlas é preparada com minúcia: a eleição do lugar de acção não é feita ao acaso e tudo é planeado ao detalhe, incluindo a possibilidade de fuga se o gancho entorta, ou seja, se a burla não é bem sucedida.

Nunca trabalhei num mesmo sítio num dia seguido. Nunca! Nunca porque alguma pessoa podia rapidamente aperceber-se que tinha sido burlada e telefonar à polícia, e andar um piquete à minha procura. Era hoje nesta rua, amanhã era para o lado da Expo 98, depois era para o lado da Amadora, depois era para o lado de não sei quantos... ao fim de uma semana é que eu voltava aqui a esta rua outra vez.

Blatte não actua em *random route*. Estratifica, com rigor, as zonas de actuação, jogando com o cálculo das probabilidades. Intuitivamente que seja, domina a casualidade, as correlações estatísticas, a composição e variabilidade do universo das vítimas, enfim, as dimensões analíticas presentes em qualquer análise probabilística²⁰³. Blatte utiliza a compreensão do probabilismo para avaliar o sucesso de suas artes de furto ou de burla e também para prognosticar a conduta de suas vítimas. Ele domina as variações de precisão de suas estratégias de abordagem, em função de diferentes condicionalismos; e, sem que tenha conhecimentos estatísticos, sabe muito do equivalente prático da "independência estatística". Se não fosse assim, não sobreviveria por muito tempo como delinquente. Não sabe tudo, claro, e um dia o azar acabará por o surpreender.

Este tipo de ganchos e biscates depende da palheta da pessoa, porque se a pessoa não tiver experiência da vida... porque não é um gajo que é um atadinho que vai viver disto.

²⁰³ M. Robin Hogarth, *Judgement and Choice: The Psychology of Decision*, Wiley, New York, 1980.

E Blatte dá exemplos concretos da *arte de burla*, e da própria preocupação do burlão em fazer uma boa escolha da vítima. Blatte trabalha uma *teoria da eleição* que refina com experimentação. De acordo com essa teoria, classifica as alternativas de burla ou de furto em função dos riscos e das conveniências relativas. As probabilidades de *bingo* correspondem a avaliações da fiabilidade das expectativas acerca das *golpadas*. Essas probabilidades figuram de forma eminente na *teoria da eleição*. Para a tomada de uma decisão conta muito o saber se as opções implicam certeza ou incerteza, probabilidade elevada ou baixa de sucesso. É certo que, para um jovem toxicodependente, quando está em ressaca, a tomada de decisão surge mais frequentemente impulsionada pela necessidade de consumo de drogas. Neste caso, a dimensão do risco é relativamente desvalorizada, sem ser posta completamente de lado.

Porque é que eu buscava um tipo de idade que não passasse dos 60, mas que também não baixasse dos 40? (...). Não era porque as pessoas fossem mais rapidamente enganadas. Porque, tanto os jovens como os mais velhos, eram enganados. Quando dava, dava; quando não dava eu fazia a retirada (...). A partir de uma certa idade, quando comecei a laurear a pevide, comecei a entrar num campo de uma mentalização de 10 ou 20 anos superior à minha (...). Eu faço um salto muito gradual para mulheres de 30, para mulheres de 40, mulheres de 50. E o próprio gancho das tias, do que aprendi com elas (...), levou-me a um ponto onde eu me melindrava, não me sentia à vontade a burlar um indivíduo que tivesse a minha idade. Já tinha a manha tão interiorizada comigo, já tinha aquela forma mágica de conseguir cativar as pessoas de todo aquele tipo de idades, porque eram idades de que eu já tinha uma experiência muito avançada, porque sabia como *comer* as pessoas. Se a pessoa comesse a bater em retirada eu ia àqueles pontos mais manteiga... isto é tipo como o jornalista; um jornalista que queira realmente fazer uma entrevista (...) tem que encontrar uma estratégia (...). É taco a taco psicológico. Eu não sei nada a seu respeito, você também não sabe nada a meu respeito. Mas eu consigo com aquilo que você me vai dizendo, consigo elaborar a história e vou fazendo a história consigo. Você acaba por ser a pessoa que me dá as informações para eu completar a história e levar-me ao sim que eu quero.

Blatte selecciona as vítimas em função da idade: nem escolhe jovens, nem escolhe os muitos idosos. Por que razão é que Blatte evita abordar os muitos idosos? Possivelmente por serem socializados numa *consciencialização do risco*²⁰⁴, muitos deles vivem isolados e a sua percepção do perigo de assalto encontra-se em correspondência com a debilidade dos seus laços sociais. A sua vulnerabilidade real mais baixa relativamente aos temores deve-se ao êxito relativo das precauções que

²⁰⁴ Steven Balkin, "Victimization Rates Safety and Fear of Crime", *Social Problems*, nº 26, 1979, pp. 343-358.

tomam para se protegerem²⁰⁵. Muitas vezes, contudo, essas precauções não inibem as abordagens. Aliás, nas visitas a residências, a preferência vai para os idosos. Como é que Blatte, quando visita uma casa, descobre se nela vive um casal jovem ou idoso? Seguindo um método indiciário...

O facto de eu olhar para as janelas... com as marquises novas, eh pá, não vou. Porquê? Porque mora lá gente nova. Olhava p'ró lado, ok, umas cortinas rendadas postas nas janelas, automaticamente, é uma pessoa de idade, é uma pessoa que tem estilo de vida antiquado, não é um jovem de 20 anos que tem umas cortinas feitas pela avó do século passado! É uma pessoa minimamente dos 40 para cima!

Blatte refere que, para um burlão de sucesso, é ideal saber escolher as suas “presas”. Blatte furta com arte e a arte do furto consiste em aproveitar as oportunidades de furto, criando-as também através da burla. O burlão com sucesso é um caçador de oportunidades, ao contrário dos burlões medíocres que são caçadores facilmente caçados quando tentam caçar.

A escolha das presas, eu era o predador... olha aquela é a minha presa, uma presa ideal, altura, tal e tal, idade, isto, coiso, bate certo, ok, prédio tal. Olha, aquele andar não. É pá, tá ali um com cortinas coiso, vou experimentar aquele, tau! Pela voz do microfone, dizia ‘eh pá, esta é uma voz trémula, é uma pessoa com uma idade porreira’.

Blatte esclarece que um bom burlão tem de ser um bom actor, tem de saber vestir distintas personagens, representando-as com responsabilidade expressiva.

O tipo de crime que eu andava a fazer era o de criar personagens. Isto era como fazer um teatro. Vesti personagens nas tias, vesti personagens de menino, de bebé, cheguei a estar com uma mulher de 52 anos, um traço de mulher, em que ela tinha uma fantasia sexual comigo que era: eu tinha de pôr o babete e tinha que ter a chucha. E eu tinha que fazer aquela personagem de bebé para ela, era o bebé mau que lhe batia (...). A satisfação sexual daquela mulher... se calhar só conseguiria ter um orgasmo se eu realmente fosse aquele bebé que ela queria que eu fosse.

²⁰⁵ Dados de um Inquérito aos residentes da região metropolitana de Lisboa revelam que os inquiridos mais idosos (com mais de 65 anos) são os que mais inseguros se sentem, quer em casa quer nas partes comuns do prédio onde moram, ou nas ruas dos respectivos bairros. Cf. José Machado Pais (Coordenação Científica), *Práticas Culturais dos Lisboaetas*, Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994, pp. 454 e segs.

Lembro-me de outra, gostava que eu lhe batesse... e eu tinha que lhe bater! Tinha que ser mesmo à estalada ou dar-lhe umas palmadinhas no *tutu!*

Blatte alimentou outras representações. A personagem do “bebé mau” pode interpretar-se à luz de algumas teorias freudianas. Recorde-se que a adopção de Blatte culminou num insucesso. Na verdade, os pais adoptivos de Blatte apenas desejavam adoptar um filho e não dois. A disciplina era por vezes excessiva e os castigos tendiam frequentemente a originar em Blatte um sentimento de culpa. De acordo com Freud, existe um mecanismo psíquico conducente ao delito, alimentado por um desejo inconsciente de se ser castigado, como consequência de impulsos obscuros, tortuosos, de um sentimento de culpabilidade não solucionado. A fachada externa desta conduta delitiva responderia a mecanismos subterrâneos movidos pelo complexo de Édipo que terão suscitado uma forte hostilidade de Blatte em relação a seu pai adoptivo. Será que os desejos incestuosos de que Freud nos fala terão sido satisfeitos simbolicamente através de algumas burlices? Em que medida as *tias* com as quais Blatte se relaciona sexualmente não cumprirão o papel de mulheres atribuídas ao pai – já que o pai, como o irmão, “apenas queriam putas e vinho verde”, segundo Blatte – mulheres que afinal vão ser enganadas, acabando também por, indirectamente, ser enganado o pai?

Neste quadro interpretativo, sentimento de culpa, delito e punição seriam manifestações de uma mesma tragédia que teria como origem comum o complexo de Édipo. Na história de Blatte conjugam-se factores indutores de sintomas neuróticos e delitivos. No primeiro caso, os desejos inconscientes derivados do complexo de Édipo desencadeiam gratificações substitutivas nas fantasias relatadas. Blatte deixa-se embalar, como um bebé, nos braços das tias amantes (fantasia maternal) ao mesmo tempo que as golpeia e as burla (fantasia sádica de vingança no pai). Neste caso é também possível que as tias possam desempenhar simbolizações do objecto sexual da infância. Em suma, é possível que em algumas condutas delinquentes de Blatte se haja formado uma personalidade plasmada por experiências infantis que alternaram entre privações severas e gratificações excessivas. O comportamento delituoso poderá também resultar, entre outros factores, dessa instabilidade de carácter, desse debilitamento de auto-imagem. Neste sentido, o delito pode cumprir duas finalidades: satisfação simbólica de desejos edipianos inconscientes e gratificação de exigências punitivas, ao facilitar-se terreno próprio para o castigo.

Mas, voltando às representações usadas nas burlas e às manipulações expressivas, Blatte exercita permanentemente a arte de tirar o melhor partido das aparências.

Outras personagens que eu fazia era, ou era o filho do engenheiro, ou era o filho do doutor, ou era o advogado... E há uma fase muito engraçada que foi assim. Na altura em que experimentei uns *drunfs* e uns *speeds*, cheguei a casa com as pastilhas que tinha comprado e meti aquilo à noite. No dia seguinte, quando acordei e fui ao espelho, até chorei, tinha rapado o meu cabelo com gilete! (...) Nem me lembrei como o cortei nem nada. Fiquei com uma frustração tão grande que disse, 'eh pá, estou feito ao bife!'. Aquele indivíduo com um penteado muito bonito, de gravatinha e tal, não sei quantos, com a cabeça rapada, não vou conseguir aguentar--me. Imediatamente tive que apelar ao bom sentido do visual. Então o que é que eu fiz? Foi agarrar no dinheiro que tinha, ir a uma loja e comprar duas fardas da marinha, daquelas fardas de saída, nada de fardas de trabalho! Com as calcinhas, aqueles sapatinhos, e aquela coisa e tal, e então andei, até o cabelo realmente crescer, andei a passar por um indivíduo que era da marinha, oficial da marinha.

Ao ouvir as histórias de Blatte, recordo as palavras de Simmel: “Quanto mais ‘aventureira’ é uma aventura, quer dizer, quanto mais puramente responde o conceito, mais ‘sonhada’ resulta para nossa lembrança. E muitas vezes afasta-se tanto do eu e das trajetórias da totalidade da vida, controladas por este, que com facilidade pensamos na aventura como se outro a tivesse vivido²⁰⁶.”

Em situação de perigo, o burlão tem de ser rápido de raciocínio, astuto na observação do contexto, psicólogo na análise da situação, artista na representação da persuasão. Descuidos menores, acidentais e inadvertidos, são veículos de transmissão de “impressões inadequadas” que podem levar a fatais “disrupções de projecções”. Blatte conta-me um episódio dramático em que uma vítima de burla o desmascarou e lhe apontou uma pistola à cabeça.

Eu palmo-lhe 500 e tal contos (...) e depois de já tar tudo tratado, o indivíduo dá--lhe um click e diz 'espere aí que eu vou buscar uma coisa para lhe dar a si' e traz uma arma! Traz uma arma e aponta-me a arma à cabeça! E eu tive de fazer o jogo psicológico com ele. A informação visual que eu tinha retirado da casa... fotos da Guiné, fotos de Angola, peças de elefante, caça grossa... bom este gajo é um gajo de África! Um retornado, é um gajo da guerra. A forma como eu consegui convencer este indivíduo foi através da informação toda que eu vi. Era um indivíduo que tinha passado pela guerra, tinha um trauma de guerra... porque foi uma guerra traumática a guerra do ultramar. E o gajo apontou-me a pistola, a minha grande preocupação era se realmente a pistola estava carregada ou não. A minha forma foi, em vez de fugir, foi manter-me muito sereno e muito tranquilo e dizer assim: 'eh pá, você vai-me dar um tiro, então olhe acerte-me no meio da testa', foi ironizar com aquela situação. E ele, 'eh pá, vou mesmo dar-lhe um tiro!'. E eu, 'mas espere aí, há qualquer coisa que eu não percebo aqui, você andou na guerra, no ultramar, você andou a matar pretos, não andou a matar brancos! Não me diga que você agora tá do lado dos pretos!'. Foi o

²⁰⁶ Georg Simmel, *Sobre la Aventura. Ensayos Filosóficos*, Ediciones Península, Barcelona, 1988, p.12.

suficiente para mudar logo a imagem dele. O gajo (irritado): ‘Eu? Do lado dos pretos?’ – já a arma não estava apontada p’ra mim, já ele falava agitando a mão da arma. Se eu não tivesse tido a calma, nem a consciência do que lhe ia dizer, eventualmente eu poderia ter levado um tiro se a arma estivesse carregada.

Blatte tem dotes de burlão, aperfeiçoou técnicas de abordagem às vítimas, mas não é rancoroso em relação aos que se protegem do roubo. Aprecia a inteligência e experimenta uma reconhecida admiração por quem é mais astuto que ele. A emulação pela técnica e pelo sentido do jogo estão presentes em sua actividade, nos seus golpes, na forma airosa como dá a volta a situações difíceis.

Blatte insiste na necessidade que um burlão tem de saber representar bem, das canseiras que a polícia teve para o descobrir, e na azelhice fatal que, finalmente, acabou por cometer e que culminou na sua detenção.

Eu hoje estava penteado com o cabelo todo para trás, amanhã estava com o cabelo todo penteado para a frente. Se eu hoje vestia assim, amanhã já ia desportivo. Andaram numa exaustiva investigação sobre a minha personagem. E acabaram por me apanhar por um simples copo de água! Entre os lesados alguns eram polícias (...), no regime de reformados, fora do activo. E há um indivíduo que me prendeu que era parente de um desses polícias. Era ele que andava a fazer a minha investigação. Isto foi trigo e farinha amparo! Ele contou a história, ‘eh pá não mexam no copo!’ (o copo de água que Blatte costumava pedir para as dores de cabeça simuladas). Agarrou no copo, levando-o para tirar impressões digitais. Ora aí está o indivíduo! É este o indivíduo! Uma coisa tão simples, que eu podia ter pensado, ‘eh pá, impressões digitais, tem cuidado, qualquer dia levas uma porrada’ (...) Podia até entrar numa onda de funcionar com uma luvazinha (...) mas nunca pensei nisso, quer dizer, fui sempre um burro nesta matéria!

No labirinto da vida, o cauteloso tende a dar cada passo somente a título de prova, de tudo desconfia. Em contrapartida, o aventureiro confia nas oportunidades que volatilmente lhe surgem nas linhas do destino ou da incerteza, como se o perder-se no caminho fosse uma condição necessária para se achar. Este é o típico “fatalismo” do aventureiro, segundo Simmel²⁰⁷. As obscuridades do destino não são mais transparentes para o aventureiro do que para os outros, embora se conduza como se fossem. O aventureiro fia--se na sua capacidade, mas fia-se sobretudo na sua sorte e, na realidade, numa combinação indiferenciada de ambas. A capacidade própria de quem está seguro e a sorte de quem está inseguro fundem-se subjectivamente num sentimento de relativa confiança. Quando o aventureiro converte o mais inseguro e

²⁰⁷ G. Simmel, *Sobre la Aventura...*, p. 18.

incalculável como premissa de seus golpes, acaba por mergulhar, inevitavelmente, no que Simmel designa de “segurança sonâmbula”. Corre então riscos acrescidos de poder vir a ser apanhado, se a aventura se dá nos caminhos da delinquência. Foi o que aconteceu com Blatte quando “idiotamente” se deu conta, tardiamente, que deveria tomar precauções com um indisfarçadamente perigoso copo de água.

E o futuro, Blatte? Uma pena de longa duração modifica as expectativas de um jovem recluso em relação ao futuro. Quando a pena é curta, o jovem delinquente não perde os contactos com o exterior e, cumprida a pena, facilmente se reintegra na sociedade ou na delinquência. Mas, quando a pena é longa, surgem oportunidades para se fazerem balanços de vida, exames de consciência. Na prisão, Blatte descobriu a liberdade em relação ao aprisionamento em que vivia no que respeita ao consumo de drogas. Foi a dependência das drogas que o levou à prisão. Agora espera por outra liberdade, mas não se esquece do fantasma da toxicod dependência.

Tudo aquilo que vá mexer no bichinho que temos cá dentro, que mexe com os nossos neurones... Temos os nossos neurones todos queimadinhos e temos aquelas informações que são sentidas por cheiros (...). Por exemplo, os cheiros dos tacos da polícia judiciária (salas onde são metidos os jovens toxicod dependentes...) aquilo tem um cheiro tão activo, tão característico, que eu posso ir até à China, até posso dar a volta ao mundo que se aquele cheiro estiver ali eu rapidamente o identifico. Portanto, isto são as minhas células, é o meu cérebro, são as informações com que ele ficou, são coisas que jamais vou conseguir retirar do meu cérebro (...) isto é um bebé que eu gerei, é um feto que eu alimentei (...), é uma coisa que está adormecida porque eu faço tudo para que esteja a dormir, mas se eu o quiser despertar, ele rapidamente acorda (...). É aí que entra a dualidade da pessoa (...), eu com as drogas vim a tornar-me numa outra personagem.

A esperança é um consolo do arrependimento, o problema é que o sentimento de arrependimento não acelera a concretização da esperança de outra vida, porque há uma pena longa para cumprir. O tempo de aprisionamento pode amortecer a esperança, porque não há esperança no vazio de uma duração amorfa e interminável. A menos que a esperança seja acalentada pelo sonho, condição que faz sobreviver a esperança. Sonhar acordado é uma das formas da esperança. E Blatte tem sonhos de vida. Mas há dias de pesadelo, por tanto custarem a passar.

Estou aqui na cela a escrever por entre os muros e as grades, ouvindo os autocarros, os carros e os aviões a passar, e não fico por aqui, as lágrimas não se podem esconder nem evitar, é um sinal que sou humano (...). A dor de estar preso, essa eu sinto à minha maneira, ninguém me a vai tirar (*relato de vida escrito*).

Um pintor não pinta sobre uma tela virgem. Um escritor não escreve numa folha branca. Um jovem não vive uma vida inconcreta. Telas, folhas e vidas estão cobertas de clichés – muitos deles deixando fugir o que mais sentido dá à vida: o seu próprio sentido.

Conclusão

Os estudos sobre juventude nem sempre reflectem a realidade juvenil. Apenas a traduzem. Mas podem-na traduzir de maneira distorcida, com ocultações e desvios. Por isso, importa não ser realista no sentido trivial (que seria o que decorre de uma adaptação à imediatez do real); nem irrealista no sentido trivial (como se passa ao descurar as condicionantes da realidade); importa ser realista no “sentido complexo”²⁰⁸, isto é, importa compreender as incertezas da realidade; importa saber que há algo possível ainda que invisível ou mascarado.

O que significa ser realista no “sentido complexo”? Significa dar conta da complexidade da realidade que nos rodeia. No caso dos estudos da juventude, ser realista no “sentido complexo” implica a necessidade de um conhecimento integrado. O que importa é tomar as partes como estratégia metodológica para chegar ao todo. Neste livro houve um centrar da atenção na problemática do trabalho precário entre os jovens, mas sem descurar outros aspectos da biografia dos jovens com implicações nas suas trajectórias de vida. Por isso, trabalhou-se o conceito de *trajectória* num sentido complexo, não circunscrito a uma linearidade de vida. Como se passa em relação a qualquer outro conceito, também o de *trajectória* remete para outros conceitos, quer em seu devir, quer em suas conexões. Cada conceito possui múltiplas componentes que, por sua vez, podem ser tomadas como outros conceitos. O conceito de trajectória de vida inclui o conceito de vida familiar, o de vida escolar, o de vida profissional, etc. A cada uma destas esferas de vida podemos remeter distintos feixes de trajectórias, embora conectados entre si. Resulta assim que as componentes de um conceito – elas próprias conceitos – se constituem em zonas de proximidade ou em graus de indiscernibilidade, com outras componentes de conceito. Por exemplo, as trajectórias escolares (x) cruzam-se com trajectórias profissionais (y). Há um âmbito “xy” que pertence tanto a “x” quanto a “y”, em que “x” e “y” se tornam indiscerníveis. Esta dissolubilidade de umbrais é uma característica definidora da consistência interna do conceito de trajectória em seu sentido dinâmico, ponto de condensação de suas componentes, ao mesmo tempo que estado de sobrevoos em relação a elas.

Ser realista no “sentido complexo” é tanto ou mais necessário quanto é certo que a realidade que os jovens vivem é, ela própria, cada vez mais complexa. Complexidade

²⁰⁸ Edgar Morin, *Les Septs Savoirs Nécessaires à l'Éducation du Futur*, Unesco, Paris, 1999.

que se amplia devido ao processo de globalização da sociedade. Por exemplo, um dos efeitos mais perversos da *globalização* é o dos anárquicos e desordeiros telemóveis a que os jovens tanto aderem: todos iguais em sua impertinência, todos diferentes em seus toques desesperantes. O telemóvel no bolso do casaco significa ter o mundo no bolso, significa reduzir o *global* (das telecomunicações) aos escassos centímetros cúbicos de um bolso do casaco – que é o *local* onde frequentemente se guarda o telemóvel que me permite ter acesso ao *global*. Daí o conceito em voga de *glocal* que dá conta das combinações do local com o *global*.

Num pequeno artigo de grande alcance, Deleuze²⁰⁹ formula uma passagem histórica da *sociedade disciplinadora* para a *sociedade de controlo*. As instituições que constituíam a sociedade disciplinadora – escola, família, fábrica, hospital, prisão – estão em crise. As fronteiras delimitadoras do campo de acção dessas instituições estão sujeitas a um processo de desmoronamento e, ainda que as suas lógicas disciplinadoras persistam, elas dispersam-se, de uma forma fluida, por todo o tecido social. É nesta ordem de mudanças que o *espaço estriado*, próprio de instituições da sociedade disciplinadora, dá lugar ao *espaço liso* da sociedade de controlo²¹⁰. Enquanto que a sociedade disciplinadora forjava moldagens fixas das instituições, a sociedade flexível funciona por redes flexíveis moduláveis.

A passagem da sociedade disciplinadora à sociedade de controlo caracteriza-se pelo desmoronamento dos muros que garantiam uma autonomia das instituições. Essa autonomia encontra-se crescentemente posta em causa. Com este ruir de muros é cada vez mais difícil distinguir o *dentro* e o *fora* das instituições. Estamos também perante um problema de redefinição de poderes e seus campos de acção. O poder marca o espaço. A soberania moderna sempre foi concebida em termos de um topos – real ou imaginário – e da relação desse topos com o seu circundante, ou seja: da relação de um *dentro* com um *fora*. Foi assim com os primeiros teóricos modernos da sociedade, como Hobbes e Rousseau, que compreendiam a ordem civil como um espaço limitado e interior que se opunha à ordem exterior da natureza.

Ora, no chamado mundo pós-moderno dá-se uma desestabilização dessa oposição entre o *dentro* e o *fora*. O *fora* invade o *dentro* e no *fora* também encontramos o *dentro*, num jogo de variações de intensidades, de hibridismos, de artificialidade. Mas o *fora*

²⁰⁹ Gilles Deleuze, *Pourparlers*. Minuit, Paris, 1990.

²¹⁰ Ver Gilles Deleuze, *Milles Plateaux*, Minuit, Paris, 1980.

também entrou em declínio²¹¹, do ponto de vista da dialéctica que opõe o público (fora) ao privado (dentro). Na tradição liberal, o indivíduo moderno que estava em casa, no seu espaço privado, considerava o público como o seu fora. O fora era o lugar da política, o território de exposição ao olhar dos outros, ao olhar público. Na pós-modernidade esses espaços públicos estão sujeitos a um processo de privatização. A paisagem urbana é cada vez mais um espaço de “fechados”: centros comerciais, condomínios, recintos desportivos...

O declínio do *fora* ou os contornos mais indistintos entre o *dentro* e o *fora* têm uma implicação importante sobre a produção social da subjectividade. A subjectividade é constituída no quadro de uma produção institucional. Quer dizer, as instituições fornecem um *topos* (a casa, a sala de aula, a igreja, etc.) onde se opera a produção da subjectividade. Cada instituição tem as suas regras próprias de subjectivação. No lado de dentro dos muros de cada instituição, os indivíduos estão parcialmente protegidos das forças de outras instituições.

O que significa a crise apregoada das instituições na sociedade contemporânea? Significa, sobretudo, que a lógica de encerramento que definia o espaço limitado das instituições deixou de existir, ou de outro modo: essa lógica, por natureza disciplinadora, e que funcionava no interior desses muros institucionais, estende-se, hoje, a todo o campo social. Os muros das instituições desabam. Torna-se difícil distinguir o *dentro* do *fora*. A família está sujeita à influência dos media; os amigos dos filhos convivem em casa; na escola, alunos indisciplinados ameaçam professores e contínuos; as prisões tornam-se universidades de aprendizagem do crime; os hospitais enfermam ainda mais os seus doentes com toda a sua burocracia...

Nestes termos, a produção da subjectividade galga as fronteiras dos lugares específicos das instituições. Que significa a moderna sociedade de controlo? Precisamente, uma redefinição da acção disciplinadora, em que as fronteiras das instituições são contornadas, dada a permeabilidade do *dentro* ao *fora*. Mas o que importa discutir – porque não se tem discutido com a atenção merecida – são as socializações que se dão nos espaços intersticiais das instituições: as socializações informais que produzem aprendizagens informais. Como nos dizia Festo, o jovem DJ, quando se referia à escola, “entre colegas um contava isto outro contava aquilo e nós aprendemos sempre qualquer coisa”.

²¹¹ Richard Sennett, *El Declive del Hombre Público*, Ediciones Península, Barcelona, 1978.

O sistema de ensino encontra-se muitas vezes alheado da realidade que o rodeia. Fecha-se (num *dentro*) que, supostamente, o autonomizaria (do *fora*). Despejados *dentro* do sistema os jovens preparar-se-iam para um futuro *fora* do sistema. Porque é que jovens frequentam a escola? A resposta remete para uma crença generalizada: “para que preparem o futuro”. O futuro é o tempo que parece legitimar a razão de ser do sistema de ensino, ao predicar-se que ele permite a “formação dos futuros homens do amanhã” (e, já agora, das mulheres). A meta da escola é o futuro, bem como a sua intencionalidade formadora: de futuros cidadãos, pais de família, profissionais, líderes, dirigentes. Nesta perspectiva, os jovens seriam seres em trânsito, sem presente, adultos potenciais em futuro. O seu presente apareceria atrelado ao futuro, porque “anda-se na escola para se ser alguém no futuro” ou “para aprender coisas úteis para o futuro”.

Para a instituição escolar o presente parece assim ter um valor de transitoriedade, ou seja: pouco valor. Deste modo, o presente dos jovens futuriza--se de um modo equívoco, o que acontece mesmo quando alguns jovens escolhem os melhores cursos na suposição de que encontram melhores “saídas profissionais”. Mais uma vez, a ideia de “saída” vincula a escola a uma interioridade (um *dentro*) a uma exterioridade (um *fora*), o mercado de trabalho. Ora, na sociedade contemporânea, a carreira educativa não termina com a obtenção de um “canudo”. A chamada *empregabilidade* pressupõe uma formação contínua, dada a permanente reconversão tecnológica da economia que determina que as carreiras académicas já não tenham uma saída definitiva, garantida para toda a vida.

Assistimos a uma *desinstitucionalização* da vida social, não porque as instituições estejam em declínio ou em vias de extinção, mas pelo facto de serem vias da mudança social. As instituições sociais transformam-se – e, nalguns casos, debilitam-se – por efeito de forças (de *fora*) que lhe são exógenas, mas elas próprias (*dentro* de si mesmas) revelam uma capacidade endógena de transformação: de si mesmas e do que as rodeia. Por exemplo, no ensino há quem constata uma crescente desautorização das figuras outrora respeitadas do pai e do professor. Por isso se fala da crise do sistema. A crise, porventura (ou desventura) será muito mais complexa do que se imagina. Mas o que importa sublinhar é que as instituições sempre revelaram uma propensão para a crise e até para a decadência. Isso pode significar, simplesmente, que as instituições mudam e que a crise pode ou não ser de decadência mas,

certamente, de *reconstrução*. Ou seja, a mudança social não implica desinstitucionalização, mas *re-institucionalização permanente*.

Ora esta crescente complexidade da realidade social obriga à descoberta de novos paradigmas nos estudos da juventude. Porquê? Porque os velhos modelos teóricos que usávamos deixam escapar a realidade que pretendem modelar. A passagem do simples ao complexo, do indiferenciado ao diferenciado, da ordem à desordem, já não aparece como uma contradição em si. Os estudos da juventude não podem permanecer insensíveis a estas novas realidades. Pelo que terão de se libertar de uma padronização euclidiana do saber. No campo das ciências exactas, este movimento de libertação deu-se com Riemann, quando inventou uma geometria que serve para que a ela sejam aplicadas as coisas do mundo e não apenas para desenhá-las numa folha de papel; movimento de libertação que continuou com Cantor que pulverizou o espaço, inventando os primeiros fractais; e culminou com Einstein. E mesmo no campo das ciências ditas exactas, estes movimentos de libertação não surgiram sem algum tipo de resistência: as curvas sem derivada, por exemplo, eram chamadas “curvas de mau comportamento” porque, na moral da Matemática clássica, somente as curvas que iam direitas à direita tinham o estatuto de curvas bem comportadas. Ora, o que a pesquisa realizada nos mostra é que as transições dos jovens para a vida adulta são transições complexas e ziguezagueantes, sem rumo fixo ou pré-determinado.

É certo que há jovens que dizem “olhar o futuro com os pés assentes na terra”. Mas isso não significa que o futuro que venham a caminhar seja aquele que foi visto com os pés assentes na terra. O *assentamento* dos pés remete para um “solo vital”²¹² que não se projecta necessariamente no futuro. Esse “solo vital” condiciona o que se *pode fazer*. A avaliação das condições materiais e sociais que favorecem ou desfavorecem a vida permite a tomada de decisões relativamente ao que se pode ou não fazer. Mas o que se pode nem sempre se *deve fazer*. Aqui entram em jogo constrangimentos normativos, éticos e culturais que levam a que uma pessoa nem sempre faça o que se pode fazer, por imperativo do dever. Por exemplo, se os jovens dos *ganchos ilícitos* ou as *jovens acompanhantes* ultrapassaram esses constrangimentos, tendo feito o que, declaradamente, reconhecem que não deveriam ter feito, já o Zé Manel (*até cair de baixa*) nunca fez o que poderia ter feito; por exemplo, aldrabar o preenchimento de questionários, quando trabalhou numa empresa de sondagens sociológicas. Outros jovens quereriam poder fazer o que sentem que deveriam ter feito. Mas não puderam,

²¹² A expressão é de Enrique Gil Calvo, *Nacidos para Cambiar*, Taurus, Madrid, 2001, pp. 77-102.

por constrangimentos vários. Ninó gostaria de encontrar um emprego compatível com os seus estudos, o mesmo acontecendo a Festo – o jovem DJ que trabalha nas obras – mas, até agora, a esse *querer* faltou um *poder*.

Gil Calvo²¹³ identifica o que se *pode fazer* com o *solo material* (das estruturas) que assentam no princípio da realidade; em contrapartida, o que se *deve fazer* pode ser identificado com um *tecto cultural* (de normas e crenças institucionais), reguladas pelo princípio do dever. O solo material e o tecto cultural são os componentes principais do que tenho vindo a designar de *estruturas labirínticas da vida*²¹⁴. É nelas que os jovens se questionam: que fazer? Abre-se, então, um campo de dilemas e de estratégias cujo princípio é o do querer (associado ao desejo e à escolha). As encruzilhadas de vida obrigam à opção, à eleição de um caminho que medeia entre um solo material (que posso fazer?) e um tecto cultural (que devo fazer?) – caminho de enclausuramento, mas também de libertação, tanto dos determinismos da infra-estrutura quanto dos controlos normativos exercidos pela super-estrutura. É nestas encruzilhadas de vida que se joga a vida e o futuro da mesma.

Entre os jovens que acompanhámos coexistem e combinam-se, de maneira diferente, os princípios da realidade (que posso fazer?), do dever (que devo fazer?) e do querer (que quero fazer?). Independentemente dessas combinações, variantes ao longo da vida, podemos distinguir entre os jovens duas grandes tendências em relação às atitudes perante o mundo do trabalho. De um lado, temos a *ética da formiga*, marcada por uma forte entrega ao trabalho e uma relativa propensão à poupança: todo e qualquer gancho ou biscate que dê algum dinheiro aproveita-se, independentemente da satisfação intrínseca que se possa retirar do trabalho que se faz. De outro lado, temos a *ética da cigarra* caracterizada pelo prazer lúdico que se possa retirar do trabalho realizado ou, mais radicalmente, do não-trabalho. No caso da *ética da cigarra* o futuro aparece associado a uma imprevisibilidade errática que torna imprevisível o curso das trajectórias. Em contrapartida, na *ética da formiga* prevalece o cálculo do futuro a longo prazo, seu faseamento em etapas, tendo como suporte o controlo desse mesmo futuro.

²¹³ Enrique Gil Calvo, *Nacidos para Cambiar...*

²¹⁴ O labirinto deixaria de existir apenas na condição de que o solo fosse reflexo do céu (tecto cultural). Esta utopia – a do paraíso terreno – é a utopia improvável a que aspiram, com fundamentos completamente distintos, as teocracias eclesiásticas e os regimes autoritários.

O que separa estas duas éticas é a contradição que resulta do enfrentamento da busca de gratificação imediata com o cálculo racional do interesse próprio a longo prazo. Esta contradição foi exemplarmente desenvolvida por Hirschman²¹⁵, ao retomar uma problemática que havia já sido equacionada por Hume: como submeter a um controlo racional e previsível os ímpetos caprichosos e instáveis do quotidiano que se repercutem no futuro? O que está em jogo, pois, é uma escala temporal: ou bem que se desfruta do presente e se sacrifica a possibilidade de alcançar um maior bem-estar no futuro – como acontece com a cigarra – ou bem que se sacrifica o prazer presente ante a esperança de se chegar a obter maiores rendimentos futuros, como sucede com a formiga²¹⁶.

A preponderância circunstancial de uma destas duas éticas de vida, mesmo quando se combinam, resulta das experiências concretas vividas pelos jovens no mundo do trabalho e fora dele. A própria diversidade dos ritmos e tipos de trabalho determina o interesse pelo mesmo. Trabalhos aparentemente sem interesse podem ter o seu lado agradável, na medida em que podem largar-se e retomar-se a qualquer momento. O rodopio de jovens por diversos trabalhos pode ser olhado de dois ângulos de observação: por um lado, pode sustentar-se que a instabilidade inicial vivida por esses jovens quando entram no mundo do trabalho é indutora de apreensão, desmotivação e frustração; por outro lado, pode sustentar-se que a fixação de um jovem a um emprego duradouro o pode impedir de encontrar outra ocupação mais consonante com suas habilitações ou preferências²¹⁷. A instabilidade profissional, ela própria pode ser olhada de dois modos diferentes. Há uma clara diferença entre uma instabilidade inicial que envolve jovens que experimentam uma série de trabalhos de curta duração, mudando sucessivamente de um para outro na tentativa de encontrarem a melhor ocupação, e aquela instabilidade permanente que resulta de transições continuadas entre trabalhos precários e mal pagos, intervalados por períodos de desemprego.

Alguns jovens que acompanhámos inscrevem-se em zonas de *vulnerabilidade*²¹⁸ em relação às quais importa promover políticas de integração que sejam efectivamente

²¹⁵ A. Hirschman, *Las Pasiones y los Intereses*, Fondo de Cultura Económica, México, 1978.

²¹⁶ É claro que outros arranjos são possíveis – tanto na realidade quanto na cabeça de quem os pensa: por exemplo, com uma ética de cigarra poder obter-se o que não se alcança com uma ética de formiga.

²¹⁷ P. Ryan, “The school-to-work transition twenty years on: issues, evidence and conundrums”, in *OECD Preparing Youth for the 21st Century*, Paris, 1999.

²¹⁸ Robert Castel, “La inserción y los nuevos retos de las intervenciones sociales”, in Fernando Alvarez-Uria (Ed.), *Marginación I Inserción*, Ediciones Endymion, Madrid, 1992, pp. 25-36.

preventoras da exclusão social. O acompanhamento feito, neste livro, às experiências vividas por jovens com trabalho precário convida-nos a cruzar a análise das transições biográficas – que nos mostram como os jovens projectam seus futuros possíveis em articulação com os seus passados – com a análise mais estrutural das redes sociais e recursos relacionais com que os jovens podem ou não contar. No labirinto da vida, alguns jovens *querem* (princípio do desejo), mas não *podem* (princípio da realidade) vencer os desafios que se colocam a si mesmos. Por isso, por vezes referem-se ao futuro em termos condicionais: a ideia de planificação do futuro é substituída pela de expectativa, pela ideia de espera investida em sonhos ou ilusões. Os trajectos de vida são sincronizados com os projectos que dela se fazem, mas, frequentemente, a formulação dos projectos impede a culminação dos trajectos, os impasses do presente tornam o futuro ausente, os escolhos dificultando as escolhas. Entre alguns jovens surge, então, uma forte orientação em relação ao presente, já que o futuro fracassa em oferecer possibilidades de concretização das aspirações que em relação a ele se desenham. Os projectos de futuro encontram-se relativamente ausentes. Ou, existindo, são de curto prazo. O importante é viver o dia-a-dia, ter dinheiro para os gastos do quotidiano – pouco importa de onde vem o dinheiro, se de ganchos, biscates ou de mesadas – tudo o resto cai no reino da incerteza.

O *princípio da incerteza* não domina apenas a vida de muitos jovens. É um princípio presente entre todos os que se preocupam com o futuro dos jovens: familiares, políticos ou sociólogos. Há umas décadas atrás, os cientistas sociais colocavam-se defronte das suas bolas de cristal (teorias) e prediziam tranquilamente o futuro dos jovens – futuro tanto mais previsível quanto mais inscrito nas engrenagens da reprodução social (Paul Willis, Pierre Bourdieu, etc). As profecias tornavam-se realidade e esta alimentava aquelas. As dificuldades de inserção profissional eram imputadas a causas generalizáveis que afectariam os jovens do mesmo modo: nos anos 70 apregoava-se a “alergia ao trabalho”, depois falava-se da “inadequação da escola ao mercado de trabalho”... Hoje em dia, os prognósticos são mais agnósticos. Não, não estou a sugerir que os jovens vivam fora de constrangimentos sociais. As origens sociais continuam a condicionar – e de que maneira – as trajectórias de vida. Exactamente como acontece com as pedras de xadrez, cujas propriedades e movimentos aparecem definidos por regras bem precisas, ainda que haja sempre a hipótese de qualquer *peão* plebeu comer a *rainha*. O que estou a sugerir é que mais e mais jovens vivem em verdadeiras encruzilhadas de vida. As “conjugações astrais” (relações entre variáveis sociológicas)

são bastante mais problemáticas ou espúrias e os próprios jovens já não podem ser vistos como fazendo parte de um conjunto homogéneo. Que mais pesa na transição dos jovens da escola para o trabalho? As suas habilitações escolares ou as origens sociais? Os seus projectos ou trajectos? As mudanças socioeconómicas ou as estratégias de recrutamento dos empregadores? A escola prepara os jovens para o emprego ou encobre-os do desemprego? Estas interrogações são particularmente pertinentes na periferia da Europa, onde mais se fazem sentir os abalos sociais provocados pela convergência Europeia.

Com efeito, na periferia da Europa – ela própria em processo de transição – as trajectórias dos jovens, da escola para o trabalho, encontram-se numa verdadeira encruzilhada de destinos. Duas vias e quatro modelos parecem nortear esses destinos. Numa via – de *socialização para o emprego* – contrapõem-se um “modelo tradicional” e um “modelo de busca autónoma”. Entre as classes sociais situadas nos extremos da hierarquia social (classes elevadas e populares) parece predominar um *modelo tradicional*, onde o peso das redes sociais familiares, amicais e vizinhais (pedidos, recomendações, cunhas) é ainda relevante na busca de emprego; em contrapartida, entre as classes médias, parece predominar um *modelo de busca autónoma*, onde o que mais conta é a “vocação” e os “capitais culturais” acumulados. Noutra via – de *dessocialização relativamente ao mundo do trabalho* – distinguem-se outros dois modelos: entre jovens orientados por uma forte ética convivialista e de diversão parece predominar um *modelo de diferimento* que os leva a prolongar o mais possível a fase de juventude e a desfrutar das delícias da condição juvenil (enquanto estudantes, consumidores, namorados, etc.); entre jovens com dificuldades de obtenção de emprego, parece predominar um *modelo de exclusão* onde os mecanismos de precariedade social tendem a agravar-se, e o desemprego a tornar-se num fenómeno de longa duração.

É certo que existem tendências pesadas que se vão cimentando e projectando no futuro. Por exemplo, de um ponto de vista demográfico, a população jovem, em toda a Europa Comunitária, tem vindo a decrescer. Quer isto dizer que a juventude se assume, cada vez mais, como um grupo de idade com valor estratégico de “raridade”. Por outro lado, com o prolongamento das trajectórias escolares e o alongamento da condição juvenil, o que acontece é que cada vez menos (os activos) tenham que suportar cada vez mais (os inactivos). Ou seja, o peso relativo da população activa é cada vez menor relativamente aos beneficiários do sistema de providência: quer jovens crescentemente

escolarizados e à margem do mercado de trabalho; quer uma terceira idade “reformada” e com uma esperança de vida prolongada. As estratégias de *diferimento* na passagem para a chamada “vida activa” agravam, pois, os efeitos de uma tendência demográfica problemática. Como sabemos, uma das razões da crise do Estado-Providência reside precisamente nas dificuldades de arbitragem em regular os fluxos de dádivas e recompensas entre as diferentes gerações.

Dado o valor de raridade da juventude, poderíamos questionar: e por que razão a juventude se tem constituído num campo privilegiado de investimento político? Entre outras razões porque, em termos de valores, os jovens encontram-se na vanguarda das novas correntes socioculturais, de orientação mais “pós-materialista” ou “pós-modernista”. Ou, se quisermos, os jovens contemporâneos tendem a fazer parte de uma *geração efectiva*, para usarmos um conceito de Karl Mannheim²¹⁹. Mannheim insistia na ideia de que a aceleração das transformações sociais é um factor importante para a transformação de uma *geração potencial* em *geração efectiva*. Não é precisamente a isso que estamos a assistir? Ao facto de os jovens se constituírem, como diria Merton, num *modelo de referência* para as gerações mais velhas? Ou seja, a geração jovem é uma “blue chip” no mercado de valores.

No entanto, para além destas tendências que podemos projectar no futuro, há verdadeiras zonas de obscuridade e de incerteza – e que se prendem, como se dizia atrás, com a complexidade labiríntica das nossas sociedades. Aliás, os próprios jovens europeus têm representações polimórficas e ambivalentes do tempo, ao admitirem, simultaneamente, a sua linearidade e ciclitude²²⁰.

Mas há um ponto inquestionável: os decisores políticos precisam de conhecer a realidade e teimam em prever o futuro para tomarem as melhores decisões. O que deixa os investigadores no desespero é que eles não podem colocar o futuro numa bandeja e dizer aos decisores políticos: “aqui tendes o futuro, bem condimentado, pronto a ser consumido”. Seria um equívoco, aliás, viciado por uma contradição. Procurar conhecer o futuro é supor que ele é conhecível, ou seja, que já se encontra determinado. Ora o futuro não se encontra determinado. No caso das ciências naturais, aí sim, é possível prever o futuro, caso se dominem as leis físicas, como postulava Laplace. Aliás, o

²¹⁹ José Machado Pais (Coordenação científica), *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, SEJ/ICS, Lisboa 1999.

²²⁰ José Machado Pais, *Consciência Histórica e Identidade – Os Jovens Portugueses num Contexto Europeu*, SEJ/CELTA, Lisboa, 1999.

próprio Einstein, ao sustentar que “Deus não brinca aos dados”, queria justamente dizer que as leis da Física permitem desvendar as engrenagens com que se desenha o futuro. No nosso caso, contudo, nem os sociólogos são deuses, nem os políticos são anjos, nem o futuro dos jovens nos é dado.

E mesmo no mundo da Física, com o advento da *Mecânica Quântica*, a previsão navega nas águas da incerteza; os acontecimentos futuros apenas são previsíveis nos limites do *princípio da incerteza*. Um dos “sete saberes” necessários à “educação do futuro” é, segundo Morin, o “saber de enfrentar as incertezas”. Nunca como agora, diz Morin, é tão actual a fórmula do poeta grego Eurípedes, enunciada há cerca de 25 séculos: “O esperado não se cumpre, e ao inesperado um Deus abre caminho”. O princípio da incerteza domina o futuro da Europa num contexto de globalização. Internamente, a Europa vive um período de abertura de fronteiras (pressuposto da idealizada União Europeia); no entanto, as fronteiras da Europa comunitária tendem também a fechar--se em relação ao exterior, como o prova o *Acordo de Schengen*. Eis porque a Europa se encontra frente a um dilema *ético* de base *étnica* que consiste na contradição entre o apoio e o patrocínio de direitos humanos – que é próprio do espírito Europeu – e a falta de reconhecimento real dos direitos cívicos de, designadamente, quem não nasceu europeu, mas vive na Europa. Eis por que a construção da Europa se tem de enfrentar com “egoísmos nacionalistas” e com formas mais ou menos ocultas de xenofobia e racismo. O *princípio da incerteza* convida-nos a reflectir em todos estes dilemas e a história de Festo, o jovem negro que é vítima de exploração racial e económica é muito elucidativa.

Mas os direitos de cidadania não se colocam apenas em relação aos imigrantes nem se restringem ao simples usufruto de direitos. A cidadania é fundamentalmente uma questão de *participação*. Quais os factores que fomentam ou dificultam uma cidadania activa por parte dos jovens? Vejamos, por exemplo, o que se passa na escola. E não escolho a escola por acaso. É porque os jovens passam a maior parte do seu tempo na escola. E porque é que os jovens andam na escola, pergunta-se? Para prepararem o futuro – diz-se – como se o futuro já existisse! Ora, também na escola, o futuro não deve pensar-se como algo já feito. O futuro vai-se fazendo, preferencialmente de forma *participada*, envolvendo os jovens. No entanto, o que ainda predomina na escola é uma *cultura prescritiva*: de planos e matérias de estudo, de normas disciplinares, de provas globais (standardizadas), de práticas pedagógicas que se inscrevem numa filosofia de “produção em série” – o que se justifica pela massificação de ensino, sujeito, cada vez

mais, a *economias de escala*. Pelas razões aduzidas, uma boa parte dos jovens que acompanhámos não se adaptaram à escola.

O modelo de ensino que as nossas sociedades continuam a adoptar parece assim deixar fugir, cada vez mais, a realidade que pretende modelar. Esse modelo de ensino assenta numa filosofia de base: a formação é entendida como uma etapa (sala de espera) a montante da inserção profissional. Formam-se jovens para a vida activa. O corolário deste princípio faz com que os estudantes sejam olhados como “inactivos” (em situação de espera). Curiosamente, as estatísticas oficiais reproduzem esta filosofia, ao excluirmos da população activa. Ao estabelecer-se uma fronteira rígida entre um tempo para educar (de pretensa inactividade) e outro para trabalhar (de actividade), os horizontes do saber (de um saber que se confina à certificação) correm riscos de se restringir à obtenção de um “canudo”. Depois lá vem a crença de que, com melhores qualificações, mais facilmente se encontra emprego. Ora, o que acontece é que a escola tem vindo a funcionar como um factor de contenção artificial do desemprego, parque de estacionamento de potenciais desempregados. Contudo, a percepção que alguns jovens têm da certificação escolar é a de “cheques pré-datados”, sem valor no presente e, possivelmente, sem valor no futuro.

E porque o futuro que a escola prepara para os jovens é tão incerto; e porque, por outro lado, os jovens rejeitam o papel de “inactivos” que o sistema lhes confere (“*está calado!*”), muitos jovens acabam por investir no presente, presente de um tempo buliçoso – mais uma vez a *ética da cigarra* – que contrasta com a rotina dos tempos lectivos prescritos. Essa rotina, vício antigo do sistema educativo, é impeditiva de uma *pedagogia da autonomia*, para a qual – segundo Paulo Freire, *saber ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua produção*. Com a participação activa dos alunos, evidentemente.

Então, podemos dizer que se o futuro está em jogo é porque nele se joga o presente. Por isso os métodos modernos da prospectiva aproximam-se dos oráculos do mundo greco-romano. Para os institutos ou observatórios prospectivistas ou para os oficiantes de Delfos o objectivo é comum: fornecimento aos dirigentes de toda a espécie de tendências e cenários que facilitem a acção política. E tanto faz que essas tendências e cenários expressem a vontade dos deuses, como a provável evolução de curvas ou índices sociográficos. O objectivo é que os decisores políticos estejam em condições de *planear* adequadamente as suas intervenções políticas. As raízes etimológicas do verbo *planear* desprendem um outro termo, da mesma família, que é *explanar* (to plan

– to explain). Ou seja, investigadores e decisores políticos estão no mesmo barco: uma chata (barco de fundo chato). Porquê esta atracção pelo chato? Pelo plano? Provavelmente, porque estamos ainda imbuídos do espírito de uma época: que é a de um modo de pensar euclidiano, onde tudo se reduz ao *plano*. Este modo de pensar gerou uma mentalidade que se expressou nas artes. Os pintores pensavam as paisagens como cones ou pirâmides visuais geometricamente iguais. Em Bruegel, por exemplo, há todo um esforço para obrigar a realidade fugidia a ficar imóvel, submissa; a ficar imóvel num plano desenhado a esquadro e régua. Na Música, a opção renascentista consistiu em limitar as variações, reduzir a improvisação. Mas já em 1322 o Papa João XXII forjara uma proclamação papal em que se insurgia com o facto de a música dos ofícios religiosos estar empestada de semi-breves e mínimas e pervertida por descantos e melodias seculares. As vozes polifónicas, correndo incessantemente de um lado para outro, excitavam o ouvido em vez de apaziguá-lo. E com a excitação do ouvido vinha a excitação voluptuosa de tudo o resto. E que dizer das descobertas marítimas recentemente comemoradas? Elas só foram possíveis devido ao recurso a instrumentos astronómicos como o astrolábio, o quadrante e o esquadro que permitiram aos navegadores desvendar a quadratura do círculo. Disso se deu conta o geógrafo português Pedro Nunes, quando constatou que os navegadores viviam num paradoxo múltiplo: necessitavam de um mapa plano que representasse um mundo redondo.

Ora nós vivemos um paradoxo ainda mais complexo: não é o da quadratura do círculo; é o paradoxo do futuro presente. Como enfrentar este paradoxo? Só é possível tornar o futuro presente de uma maneira: imaginando-o. A questão com a qual temos que nos confrontar é esta: como imaginar o futuro? Podemos imaginar o futuro na lógica dos sistemas que se constroem a si mesmos, isto é: na lógica dos sistemas reflexivos. A partir da álgebra de Boole, Spencer-Brown²²¹ apresentam-nos um cálculo para a lógica dos sistemas reflexivos.

Seja tomada a equação de 2.º grau: $x^2 + 1 = 0$. Em busca de uma solução temos: $x^2 = -1$, logo: $x = -1/x$. Ora, como vemos, a equação é *autoreferente*: o valor de x que buscamos, deve voltar a ser posto na equação a partir da qual o buscamos. Podemos intuir que “ x ” terá a forma de unidade, para que a equação se equilibre numericamente. Contudo, para $x = 1$ teremos: $1 = -1/1 = -1$; para $x = -1$ então: $-1 = -1/-1 = 1$. Em ambos os casos a solução conduz-nos a um paradoxo. E só saímos deste paradoxo,

²²¹ Spencer-Brown, *Laws of Form*, Dutton, London, 1979.

recorrendo aos números imaginários! Imaginários porque não estão no espaço, mas sim no tempo, num futuro possível: $x^2 = -1$, de onde: $x = \sqrt{-1} = i$ (número imaginário).

É exactamente o que se passa quando pensamos no futuro dos jovens. Só é possível tornar o futuro presente através de um tempo imaginário. No entanto, a complexidade das realidades vividas pelos jovens acentua descontinuidades entre o passado e o futuro, dificulta o estabelecimento de vínculos de causalidade e de finalidade, assim como o emprego da experiência para estabelecer previsões. Paralelamente, as inovações tecnológicas no domínio da produção contribuíram para incrementar a incerteza, dificultando a planificação do futuro. O futuro não pode começar. Embora os seus horizontes se tendam a abrir.

Alguns jovens são criticados por sua atitude de quererem viver o presente, como se decidissem fugir às responsabilidades. Na verdade, o que fazem é abraçar um “futuro presente” de tipo utópico, de acordo com Luhmann²²², futuro que espelha a projecção de esperanças e temores do presente. Esta concepção opõe-se à concepção tecnológica dos sistemas económicos e políticos que se abrem a “presentes futuros”. Lévi-Strauss sustenta que, ao contrário das sociedades “quentes”, caracterizadas pela crença na eficácia do progresso e pela necessidade de mudanças, as sociedades “frias” mostram-se fiéis a um passado concebido como um modelo atemporal e não como uma etapa do processo histórico²²³. A historicidade que Lévi-Strauss atribui às sociedades “quentes” implica uma concepção de tempo linear e progressivo, aonde a inovação, o desenvolvimento e a mudança são, substantivamente, a essência da História.

Por vezes, contudo, a linearidade do tempo cruza-se com a sua ciclitude. Por exemplo, o *romantismo*, revivendo os tempos medievais, numa verdadeira *medievaltria*, abraçou a temporalidade da *ciclitude*. Na arquitectura redesenhavam-se as janelas com arcos em ogivas, acrescentando-lhes vitrais. As ruas de Paris encheram-se de raparigas “borgonhesas” de saias com caudas e corselete de mangas bufantes feitas de tecidos estampados com motivos heráldicos, e jovens de calças curtas e gibão com recortes sob fascinantes casacos de arminho, com cabeleiras

²²² Niklas Luhmann, «The Future cannot begin: temporal structures in modern society», *Social Research*, n.º 43, 1976, pp. 130-152.

²²³ A dicotomia de Lévi-Strauss entre «sociedades quentes» e «sociedades frias» tem sido, contudo, questionada na antropologia social, entre outros por Jack Goody (*The Domestication of the Savage Mind*) e por Georges Balandier (*Antropologiqués*). O sentido genérico das suas objecções é o de que, com matizes, todas as sociedades têm a sua historicidade.

merovíngias semi-cobertas com bonés de veludo, de asas de pássaros. Os trajes regionais, proibidos pela Revolução e o Império, reapareceram, a seta do tempo presa à sua ciclicidade.

As representações do tempo são também expressão de uma vincada demarcação entre “cultura popular” e “cultura de elites”. No mundo rural do século XIV, os camponeses não possuíam a noção de tempo linear e finito, da criação ao Apocalipse. O tempo que os dominava era um tempo cíclico, marcado por ritmos festivos e de trabalho²²⁴, à margem das diacronias lineares construídas pela História tradicional. Como vemos, quer o tempo linear e progressivo, quer o tempo cíclico e repetitivo, não constituem representações exclusivas do tempo, a elas se opondo ou contrapondo os tempos sincrónicos e invertidos. Quantas vezes o passado não aparece como um modelo do presente, como um reservatório de memórias onde se busca a inspiração do presente? Há, pois, um entrecruzamento entre passado, presente e futuro, uma cadeia geradora de conhecimento, onde o passado se encontra subordinado ao presente e o conhecimento deste modelado pelo futuro²²⁵.

O que, por conseguinte, está em jogo é a esperança que se deposita na possibilidade de uma nova realidade que se supõe ser possível, ainda que não a conheçamos. O futuro não existe verdadeiramente, como Luhmann devidamente o acentuou. Está para vir. Ainda que o pressentimento o afirme, trata-se de uma afirmação por antecipação, carente de realidade efectiva ou factual. Somente a *esperança* permite suportar a espera da sua chegada. Ora, a *esperança* vem de *espera* aturada, na suposição de que “quem espera sempre alcança”. A esperança, por si só, perde-se quando não chega o que se aguarda – o ânimo decai e a espera cansa. Quando a esperança se mantém firme, torna-se numa “espera” da qual participamos activamente para que se cumpra. Não seria possível uma acção transformadora do mundo sem essa esperança na realidade próxima do futuro. Não basta que o futuro seja antecipado na mente, nem intuí-lo nas sombras do presente para que se assegure a sua concretização. É preciso ter esperança nele para o converter em realização.

É de Luhmann, quando aborda a problemática do futuro, a distinção entre “esquemas tecnológicos” e “esquemas utópicos”. A concepção de “futuro presente” é considerada de *tipo utópico*. O futuro surge como cenário em que se projectam esperanças e temores. É um futuro que não pode começar, que permanece como futuro presente.

²²⁴ Roger Muchembled, *Culture Populaire, Culture des Élités*, Flammarion, Paris, 1978.

²²⁵ 18 E. Morin, *Pour Sortir du XX Siècle*, Points, Paris, 1981.

Foge, se nos tentamos aproximar dele. É sombra do presente. Em contrapartida, a concepção dos “presentes futuros” é própria do *tipo tecnológico*. As tecnologias orientam-se para os presentes futuros, transformando-os em presentes antecipados. Postulam e antecipam laços causais e estocásticos entre os acontecimentos futuros, incorporando-os no presente. Para Luhmann, a tecnologia pode usar o futuro desfuturizado como um presente fictício do qual se elege o *presente* para convertê-lo num passado possível (ou passível) de presentes *futuros*²²⁶.

Os esquemas *tecnológicos* e *utópicos* propostos por Luhmann constituem diferentes e interessantes aproximações às representações do futuro. Os jovens que embarcam na chamada nave da *utopia*, tendem a ser críticos em relação à tecnologia. Os que a abraçam tendem a ser críticos em relação aos que, utopicamente, utilizam o futuro como substitutivo da realidade. De um lado temos um *futuro presente*; de outro temos os *presentes futuros*. Pensar o futuro enquanto *futuro presente* significa reconhecer a influência da surpresa, do imprevisto, do novo, mas significa também perceber a sua estrutura labiríntica. Pensá-lo como *presente futuro* é concebê-lo à imagem do presente, sob controlo, num intento de reduzir a complexidade à custa de um modelo sequencial em que o que acontece e o que acontecerá se encadeiam e interconectam, graças à antecipação de vínculos de causalidade que incorporam no presente-futuro. Trata-se de um “futuro desfuturizado”²²⁷ que se converte em presente fictício, que joga com a eliminação da incerteza e do imprevisto.

Entre os jovens que acompanhámos, a tendência é para desfuturizar o futuro através da *utopização* ou da *atopização*. Num caso, a utopização do futuro traduz-se num futuro *fantasiado* ou num futuro *aberto*; noutro caso, a atopização do futuro projecta--se num futuro *banalizado* ou num futuro ausente.

No futuro fantasiado, o sonho parece comandar a vida. Nesta modalidade não se hesita em falar dos projectos de futuro, como se a despreocupação em relação ao futuro fosse uma estratégia para, nalguns casos, atenuar as preocupações do presente.

“Vou ser rico, porque o meu dinheiro estica de uma tal maneira, é incrível, estica de uma tal maneira, tás a perceber, que eu estou a aprender a ser económico” (Lúcio, distribuidor de pizzas e estafetagem).

²²⁶ N. Luhmann, “The Future cannot begin...”

²²⁷ Ver Amparo Lasén Díaz, *A Contratiempo. Un Estudio de las Temporalidades Juveniles*, Centro de Investigaciones Sociológicas, Madrid, 2000, p. 103.

“Acho que como qualquer pessoa, tenho um bocado de medo... Mas tenho muitas, muitas esperanças!... Muitos sonhos, muitas esperanças... Muitas vezes, até dou por mim sem saber se estou a sonhar ou não...” (Ninó, finalista de Agronomia).

“Eu sei exactamente aquilo que gostaria de fazer. É assim: fazer aquilo que eu sempre sonhei. Ter uma banda, compor as minhas musiquinhas. Eu e a banda. (...) E compor as nossas coisas, as nossas músicas, o nosso estilo próprio. Tentar ser original. Tocar conceitos tipo... felicidade (...). O meu sonho é esse (...), dar concertos, dar aulas, trabalhar, fazer *tournées!* (...) É um sonho e eu desde os quinze anos que ando a trabalhar para ele” (Zé Manel, desempregado).

No futuro *aberto* espera-se simplesmente que o presente se revele, que as coisas aconteçam. A ampliação do presente é consequência, justamente, da suspensão do devir, graças à moratória das decisões susceptíveis de modificar o presente. Por isso, os jovens que acompanhámos tendem a recuar ante opções simultâneas (ou... ou) preferindo conjugá-las (e... e)²²⁸, de modo a deixar o futuro aberto. O próprio prolongamento da fase de vida associada à juventude representa um adiamento da decisão de se ser adulto, contrair matrimónio, assumir responsabilidades familiares.

“Estou sempre com a cabeça em mil e um sítios!...” (Ninó, finalista de Agronomia).

“É rezar para conseguir um emprego fixo na área do desenho, e sempre que for possível, como amante da Música, dê sempre um toque...” (Festo, DJ).

“Objectivos profissionais? Gostaria claramente de poder vir a ter uma intervenção (...) e futuramente então, se se proporcionar, proporciona-se. Não quer dizer que as pessoas não sejam anjinhas e que não queiram nada, têm ambições, claro!” (Teodoro, militante de juventude partidária).

No futuro *banalizado* a vida centra-se compulsivamente no presente, frente à ausência de expectativas de futuro. Quando a previsibilidade do futuro é fraca, o banal é mais fortemente investido e o futuro acaba por se vestir dessa banalização. A banalização do futuro deve-se, quer a um relativo despovoamento de um horizonte temporal de projectos enraizados no presente, quer a um presente povoado de estigmas que não se deseja projectar no futuro.

“Quando acabar o curso, eu tenho de decidir a minha vida. Ai isso tenho. Não sei p’ra onde vou, se fico cá em Portugal, se vou p’ra Espanha... Vou-me casar, claro! Depois, quando me casar,

²²⁸ Amparo Lasén Díaz, *A Contratiempo ...*, p. 105.

começo a trabalhar, não sei quê, vou deixar (baixando a voz) destas coisas...” (Inês, jovem prostituta).

“Espero que um dia seja perdoada, como eu digo, que consiga ter tudo pago e que depois volte à minha vida normal” (Joana, jovem prostituta).

“O meu projecto de futuro é ter uma família, ter uma mulher, ter um filho, ter uma casa e ter uma vida assim... viver do meu trabalho e conseguir ir tendo uma coisa de cada vez” (M7, jovem detido).

“O objectivo por que estou a lutar é ser professor de Ginástica, ter um bom emprego, ter um dia mais tarde um bom salário, uma mulher” (Rotter, jovem detido).

Finalmente, o futuro *ausente* reflecte uma incapacidade de o projectar, devido a circunstâncias da vida (toxicoddependência ou detenção) que, por si, o tornam inviável.

“Sei que isto não é vida para mim nem para ninguém, mas... se continuar assim, nem duro muito tempo, ai não duro não” (Rui, toxicodpendente).

“Vão aparecer muitas dificuldades, porque é preso, porque estive preso, e vou ter que começar do zero, vou ter de construir a minha vida toda do princípio” (M7, jovem detido).

“Estou aqui na cela a escrever por entre os muros e as grades, ouvindo os autocarros, os carros e os aviões a passar” (Blatte, jovem detido).

Em suma, antecipar o futuro significa prevê-lo, submetê-lo a uma projecção, a uma linearidade cujo ponto de partida (ou de passagem) é o presente. Por isso, a antecipação do tempo – e isso significa projectá-lo – é feita a partir de uma situação do presente. Neste caso, o futuro é virtualmente um tempo do presente vivido (presente futuro). Mas, perante um presente tão instável, como projectar o futuro? Bem, pode ancorar-se o futuro ao presente instável, mas isso significaria projectar um futuro instável. A tendência dominante entre os jovens que entrevistámos é para adoptarem uma estratégia defensiva. O desassossego em relação ao futuro implica uma compensatória valorização do presente. Ante um futuro ameaçador e a falta de oportunidades de emprego, os jovens preferem viver no prolongamento do presente a necessidade de projectar o hoje no amanhã. Não há fuga possível ao labirinto da vida; o que importa é saber viver a vida no labirinto que a constitui. Não vale a pena projectar futuros instáveis, espelhos da instabilidade do presente. É preferível utopizar o futuro e uma forma possível é imaginando futuros múltiplos. Para se criarem condições de

possibilidade da utopia, o melhor é não tomar opções comprometedoras, para quem as toma e para as utopias idealizadas. Os compromissos do presente comprometem o futuro, inscrevem-no numa ordem geométrica, contestatória de um presente que se pretende vivido. Então, é preferível especular sobre o futuro (futuro *fantasiado* ou *aberto*) ou imaginá-lo como *banalidade* ou *ausência* para que, desse modo, o presente seja possível no labirinto da vida.

Bibliografia

- Almeida, João Ferreira de et al., *Exclusão Social. Factores e Tipos de Pobreza em Portugal*, Celta, Oeiras, 1992.
- Austin, John L., *Cómo Hacer Cosas con Palabras*, Barcelona, Paidós, 1996
(1.^a edição em Inglês: 1962).
- Balkin, Steven, "Victimization Rates Safety and Fear of Crime", *Social Problems*, n.º 26, 1979, pp. 343-358.
- Barthes, Roland, *L'Analyse Structurale du Récit*, Seuil, Paris, 1981.
- Barthes, Roland, *S/Z*, Edições 70, Lisboa, 1980.
- Beck, Brenda, «The metaphor as a mediator between semantic and analogic modes of thought», *Current Anthropology*, vol. 19, n.º 1, pp. 83-97.
- Becker, Howard S., "A new art form: hypertext fiction" in M. Lourdes Lima dos Santos (coordenação), *Cultura & Economia, Actas do Colóquio realizado em Lisboa, 9-11 de Novembro de 1994*, Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Estudos e Investigações, Lisboa, 1995, pp. 67-81.
- Benavente, Ana (coordenadora), *A Literacia em Portugal. Resultados de uma Pesquisa Extensiva e Monográfica*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1996.
- Bertaux, Daniel, "De la perspectiva de la historia de vida a la transformación de la práctica sociológica", in Marinas, J. M. e Santamarina, C. (Eds.), *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Debate, Madrid, 1993.
- Bertaux, Daniel, "La perspectiva biográfica: validez metodológica y potencialidades", in Marinas, J. M. e Santamarina, C. (Eds.), *La Historia Oral: Métodos y Experiencias*, Debate, Madrid, 1993.
- Blanchard, O., e Portugal, P., "What hides behind an unemployment rate: comparing Portuguese and US unemployment",
<http://web.mit.edu/blanchar/www/articles.html>.
- Blumer, H., *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*, Prentice-Hall Englewood Cliffs, N. J., 1969.

- Bordwell, David, *Narration in the Fiction Film*, University of Wisconsin Press, Madison, 1985.
- Borges, Jorge Luís, *Obras Completas*, Editorial Teorema, Lisboa, 1999.
- Bruno, Pierre, e Trémel, Laurent, «La pratique des jeux vidéo. Approche d'un loisir de masse médiatisé», *Ethnologie Française*, XXV, 1, Janeiro-Março de 1995, pp. 103-111.
- Cabral, João de Pina, "A difusão do limiar: margens, hegemónias e contradições", *Análise Social*, vol. XXXIV, 153, 2000, 865-892.
- Cabral, Manuel Villaverde, e Pais, José Machado (coordenadores), *Jovens Portugueses de Hoje*, Celta, Oeiras, 1998.
- Caiafa, Janice, *Movimento Punk na Cidade. A Invasão dos Bandos Sub*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1989.
- Caillois, R., *Le Jeux et les Hommes*, Éd. Gallimard, Paris, 1958.
- Calvo, Gil, *Los Depredadores Audiovisuales*, Tecno, Madrid, 1985.
- Calvo, Gil, *Nacidos para Cambiar*, Taurus, Madrid, 2001.
- Castel, Robert, "La inserción y los nuevos retos de las intervenciones sociales", in Fernando Alvarez-Uria (Ed.), *Marginación / Inserción*, Ediciones Endymion, Madrid, 1992, pp. 25-36.
- Certeau, Michel de, *L'Invention du Quotidien. Arts de Faire*, Union Générale d'Éditions, Paris, 1980.
- Chaves, Miguel, *Casal Ventoso: da Gandaia ao Narcotráfico*, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Coleção Estudos e Investigações, Lisboa, 1999.
- Chisholm, Lynne, «A crazy quilt: education, training and social change in Europe», in Joe Bailey (Ed.), *Social Europe*, Longman, London, 1992, pp. 123-146.
- Clastres, P., *Recherches d'Anthropologie Politique*, Éditions du Seuil. Paris, 1980.
- Clausen, John A., "Adolescent competence and shaping of the life course (marriage, family, and the life course)", *American Journal of Sociology*, 96, 1991, pp. 805-842.

- Clausen, John A., "Life Reviews and Life Stories", in Janet Z. Giele e G. H. Eldre Jr. (Eds.), *Methods of Life Course Research*, Sage Publications, London, 1998, pp. 189-212.
- Clot, I., "La Otra Ilusión Biográfica", *Historia y Fuente Oral*, n.º 2, 1989, pp. 35-39.
- Cohen, Albert K., *Deviance and Control*, Prentice-Hall, Englewood Cliffs, N.J., 1966.
- Coleman, J. S., e Hoffer, T., *Public and Private High Schools: The Impact of Communities*, Basic Books, New York, 1987.
- Coleman, James S., *Foundations of Social Theory*, The Belknap Press of Harvard University Press, Cambridge (Massachusetts) and London, 1990.
- Coleman, James S., "Social capital, human capital, and investment in youth", in Anne C. Petersen e Jeylan T. Mortimer, *Youth Unemployment and Society*, Cambridge University Press, New York, 1994.
- Cooley, C. H., «Looking-Class Self», in Maris, J. G. e Meltzer, B. N. (Org.), *Symbolic Interaction: A Reader in Social Psychology*, Allyn and Bacon Inc., Boston, 1972.
- Correia, Hermínia Galvão, e outros, *A Situação dos Jovens em Portugal. Transição entre a escola e a vida profissional (1983-1990)*, Coleção "Estudos", Série D – "Emprego, Formação e Reabilitação Profissional", Ministério do Emprego e da Segurança Social, 1992.
- Costa, Eduardo Maia, "Novos rumos da política sobre as drogas", *Toxicodependências*, Vol 7, nº 1, 2001, 3-15.
- Costa, Padre Manuel da, *Arte de Furtar*, Edição Crítica, com introdução e notas de Roger Bismut, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1991.
- Craine, S., "The black magic roundabout: cyclical transitions, social exclusion and alternative careers", in R. MacDonald (Ed.), *Youth. The Underclass and Social Exclusion*, Routledge, London, 1997.
- Crittenden, Roger, *The Thames and Hudson Manual of Film Editing*, Thames and Hudson, London, 1981.
- Deleuze, Gilles, *Milles Plateaux*, Minuit, Paris, 1980.
- Deleuze, Gilles, *Pourparlers*, Minuit, Paris, 1990.

- Demazière, Didier, e Dubar, Claude, *Analyser les Entretiens Biographiques. L'Exemple des Récits d'Insertion*, Nathan, Paris, 1997.
- Díaz, Amparo Lasén, *A Contratiempo. Un Estudio de las Temporalidades Juveniles*, Centro de Investigaciones Sociológicas, Madrid, 2000.
- Douglas, Mary, *Risk Acceptability According to the Social Sciences*, Russell Sage Foundation, New York, 1985.
- Dubet, F., e Lapeyronnie, D., *Les Quartiers d' Exil*, Seuil, Col. L'Épreuve des Faits, Paris, 1992.
- Dumazedier, Joffre, «New 'Eloge de la Folie'», in *Leisure & Recreation*, vol. 32, n.º 4, 1990, pp. 6-10.
- Durand, Philippe, *Cinéma et Montage. Un Art de l'Ellipse*, Cerf, Paris, 1993.
- Elias, Norbert, *Sobre o Tempo*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1989.
- Elster, J., *Ulises and the Syrenes*, University Press Cambridge, Cambridge, 1979.
- Ferrão, João, *Caracterização Regional dos Factores de Abandono e Insu-cesso Escolar no 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico*, Ministério da Educação, Lisboa, 1995.
- Ferraroti, F., "Sobre la autonomia del método biográfico ", in J. M. Marinas e C. Santamarina (Ed.), *La Historia Oral. Métodos y Experiencias*, Debate, Madrid, 1993.
- Fishler, Claude, *L'Honnivore: le Goût, la Cuisine et le Corps*, Éditions Odile Jacob, Paris, 1990.
- Freire, João, *O Trabalho Independente em Portugal*, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, CIES/ISCTE, Lisboa, 1995.
- Freire, Paulo, *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*, Editora Paz da Terra, Rio de Janeiro, 1997.
- Freyssinet, Jacques, "Les modes d'insertion professionnelle des jeunes: trajectoires nationales face à la crise", *Problèmes Economiques*, 2221, 1991, pp. 1-8.
- Furlong, A. e Cartmel, F., *Young People and Social Change. Individualization and Risk in Late Modernity*, Open University Press, Buckingham, 1977.
- Furstenberg, F., e Hughes, M., "Social capital and successful development among at-risk youth", *Journal of Marriage and Family*, 57, 1995, pp. 580-592.

- Gergen, K. J., *El Yo Saturado. Dilemas de Identidad en el Mundo Contemporaneo*, Paidós, Barcelona, 1992.
- Giddens, A., *Modernity and Self-Identity*, Polity Press, London, 1991.
- Goffman, Erving, *La Presentación de la Persona en la Vida Cotidiana*, Buenos Aires, Amorrortu, Buenos Aires, 1981, p. 45 (1.ª edição em Inglês: 1959).
- Goffman, Erving, *Estigma. La Identidad Deteriorada*, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1993 (1.ª edição em Inglês: 1963).
- Grell, Paul, e Wetty, Anne, *Héros Obscurs de la Précarité. De Sans-Travail se Racontent, des Sociologues Analysent*, L'Harmattan, Logiques Sociales, Paris, 1993.
- Hall, T. Edward, *The Silent Language*, Doubleday, New York, 1973.
- Hammersley, M., *The Dilemma of Qualitative Method: Herbert Blumer and the Chicago Tradition*, Routledge, London, 1989.
- Handy, C., *El Futuro del Trabajo Humano*, Ariel, Barcelona, 1987.
- Hankiss, Agnes, "Ontologies of the self: on the mythological rearranging of one's life history", in D. Bertaux (Ed.), *Biography and Society. The Life History Approach in the Social Sciences*, Sage Publications, London, 1981.
- Hareven, T. K., e Masaoka, K., "Turning points and transitions: perceptions of the life course", *Journal of Life History*, 13, 1988, pp. 271-289.
- Hayes, J., e Nutman, *Comprendre les Chômeurs*, Mardaga, Bruxelles, 1981.
- Hechter, M., «Rational choice foundation for social order», in J. H. Turner (Ed.), *Theory Building in Sociology*, Sage, Newbury Park, CA, 1989.
- Hiernaux, J. P., *L'Institution Culturelle. Méthode de Description Structurale*, PUF, Paris, 1977.
- Hiernaux, J. P., "Análise estrutural de conteúdos e modelos culturais: aplicação a materiais volumosos", in Luc Albarello et al., *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa, 1997, pp. 156-202.
- Hirschman A., *Las Pasiones y los Intereses*, Fondo de Cultura Económica, México, 1978.

- Hogarth, M. Robin, *Judgement and Choice: The Psychology of Decision*, Wiley, New York, 1980.
- Husserl, Edmund, *La Crisis de las Ciencias Europeas y la Fenomenologia Transcendental*, Crítica, Barcelona, 1991.
- Inquérito à Caracterização Social dos Agregados Familiares com Menores em Idade Escolar (Trabalho Infantil)*, Departamento de Estatística do Trabalho, Emprego e Formação Profissional, Ministério do Trabalho e da Solidariedade, 1998.
- International Labour Office, *Key Indicators of the Labour Market*. 1999, Geneva, 1999.
- James, W., *Principles of Psychology*, vol. II, Harvard University Press, Cambridge, Mass., 1988.
- Jáuregui, José Antonio, *Cérebro e Emoções. O Computador Emocional*, Dinalivro, Lisboa, 2001.
- Jöreskog, K. G., e Sörbon, D., *Advances in Factor Analysis and Structural Equation Models*, Abt Books, Cambridge, MA, 1979.
- Koselleck, R., *Le Futur Passé. Contribution à la Semantique des Temps Historiques*, EHESS, Paris, 1990.
- Krippendorff, K., *Metodologia de Análisis de Contenido*, Paidós, Barcelona 1980.
- Lacouse, J., «Réciprocité positive et reciprocité negative: de Marcel Mauss a René Girard», *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Julho-Dezembro, 1987, vol. LXXIII, 1987.
- Lalive d'Epinau, Christian, "Récit de vie, ethos et comportement: pour une exégèse sociologique", in Jean Remy e Danielle Ruquoy (Dir.), *Méthodes d'Analyse de Contenu et Sociologie*, Publications de Facultés Universitaires Saint-Louis, Bruxelles, 1990.
- Laroque, Guy, e Salanié, Bernard, "Une décomposition du non-emploi en France", *Economie et Statistique*, n.º 331, 2000
(http://www.insee.fr/fr/ffc/docs_ffc/ES331C.pdf).
- Levinson, S., *Sexualité et Mémoire*, Diplôme de l'EHESS, Paris, 1993.
- Lévi-Strauss, *De Près et de Loin*, Odile Jacob, Paris, 1988.

- Liston, Daniel, *Capitalist Schools. Explanations and Ethics in Radical Studies of Schooling*, Routledge, New York, 1988.
- Luhmann, Niklas, «The Future cannot begin: temporal structures in modern society», *Social Research*, n.º 43, 1976, pp. 130-152.
- Luhmann, Niklas, *Soziologie des Risikos*, Gruyter, Berlin, 1991.
- LNEC, em 1996: *Estudo sobre os Arrumadores Não-Credenciados da Cidade de Lisboa*, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa, 1996 (policopiado).
- MacDonald, Robert, “Fiddly jobs, undeclared working and the something for nothing society”, *Work, Employment and Society*, vol. 8, n.º 4, Dezembro de 1994, pp. 507-530.
- Maffesoli, Micheli, *Le Temps des Tribus. Le Déclin de l'Individualisme dans les Sociétés de Masse*, Éd. Méridiens Klincksieck, Paris, 1988.
- Maloy, Robert W., “The Don Quixote Problem of Multiple Realities in Schutz and Castaneda”, in *Journal of the British Society for Phenomenology*, vol. VIII, n.º 1, 1977, pp. 28-35.
- Mannheim, Karl, *Liberdad, Poder y Planificación Democrática*, FCE, México, 1953.
- Márquez, Gabriel García, *Notas de Prensa. Obra Periodística 5 (1961-1984)*, Montadori, Madrid, 1999.
- Martínez, Capitolina Díaz, *El Presente de su Futuro. Modelos de Autopercepción y de Vida entre Adolescentes Españoles*, Siglo Veintiuno de España Editores, Madrid, 1996.
- McCall, G., e Simmons, J. C., *Identities and Interactions*, Free Press, New York, 1978.
- McLaren, Peter, *Schooling as a Ritual Performance*, Routledge & Kegan Paul, London, 1986.
- Merleau-Pontry, Maurice, *Fenomenología de la Percepción*, Ediciones Península, Barcelona, 1975.
- Merleau-Ponty, Maurice, *Phénoménologie de la Perception*, Gallimard, Paris, 1976.
- Merton, Robert, *Teoría y Estructura Sociales, Fondo de Cultura Económica*, México, 1980. (edição original: *Social Theory and Social Structure*, 1949).

- Molitor, Michel, "L'Herméneutique Collective", in Jean Remy e Danielle Ruquoy (Dir.), *Méthodes d'Analyse de Contenu et Sociologie*, Publications de Facultés Universitaires Saint-Louis, Bruxelles, 1990.
- Morin, Edgar, *Pour Sortir du XX Siècle*, Points, Paris, 1981.
- Morin, Edgar, *Les Septs Savoirs Nécessaires à l'Éducation du Futur*, Unesco, Paris, 1999.
- Muchembled, Roger, *Culture Populaire, Culture des Élités*, Flammarion, Paris, 1978.
- Natanson, Maurice, *Anatomy: A Study in the Philosophy of Alfred Schutz*, Indiana University Press, Bloomington, 1986.
- Nilson, Ann, "Jovens para sempre? Uma perspectiva de individualização centrada nos trajectos de vida", *Sociologia. Problemas e Práticas*, n.º 27, 1998, pp. 59-78.
- OCDE, *Perspectivas del Empleo*, 1994.
- OCDE, *Perspectives de l'Emploi*, 1988.
- OEVA, *A inserção profissional dos ex-formandos. Saídos da Formação Inicial entre 1987 e 1994*, Instituto do Emprego e Formação Profissional, Direcção de Serviços de Estudos do Mercado de Emprego, Venda Nova, 1996.
- Pais, José Machado, "Emprego juvenil e mudança social: velhas teses, novos modos de vida", *Análise Social*, vol. XXVI, (114), 1991 (5.º), pp. 945-987.
- Pais, José Machado, *Culturas Juvenis*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1993.
- Pais, José Machado (Coordenação Científica), *Práticas Culturais dos Lisboaetas*, Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.
- Pais, José Machado, "A vida como aventura: uma nova ética de lazer?", *New Routes for Leisure, Actas do Congresso Mundial*, Lisboa, Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Estudos e Investigações, 1994, pp. 99-110.
- Pais, José Machado (coordenação científica), *Inquérito aos Artistas Jovens Portugueses*, Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Estudos e Investigações, 3, Lisboa, 1995.

- Pais, José Machado, «Growing up on the EC periphery: Portugal», in L. Chisholm, P. Krüger e M. du Bois-Raymond (Eds.), *Growing Up in Europe*, Gruyter, Berlin e New York, 1995, pp. 195-208.
- Pais, José Machado “A geração ioiô”, in Dinâmicas Multiculturais. Novas Faces, Outros Olhares, *Actas das sessões temáticas do III Congresso Luso-Afro-Brasileiro*, Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Estudos e Investigações, 7, Lisboa, 1997, pp. 111-125.
- Pais, José Machado, “Junge Erwachsene in Europa-Nene Übergänge Zwischen Jugend und Erwachsen-Sein” (em colaboração), *Nene Praxis. Zeitschrift für Sozialarbeit, Sozialpädagogik und Sozialpolitik*, np 3/97, Dortmund, 1997, pp. 244-266.
- Pais, José Machado, “Transitions to Adult Life: the Games and the Thrills”, *Leisure Studies*, September 1998, vol. 1, nº 1, pp.2-8.
- Pais, José Machado (Coordenação científica), *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, SEJ/ICS, Lisboa 1999.
- Pais, José Machado, “Young Adults in Europe. New Trajectories Between Youth and Adulthood. An Intercultural Outline of the European Research Network EGRIS” (em colaboração), in CYRCE (Eds.), *European Yearbook for Youth and Research*, Vol. 2, De Gruyter, Berlin/New York, 1999, pp. 61-88.
- Pais, José Machado, *Consciência Histórica e Identidade – Os Jovens Portugueses num Contexto Europeu*, SEJ/CELTA, Lisboa, 1999.
- Pais, José Machado, “Transitions and youth cultures”, *International Social Science Journal*, 164, UNESCO, 2000, pp. 219-232.
- Pais, José Machado, “Misleading Trajectories: Transition dilemmas of young adults in Europe” (em colaboração), *Journal of Youth Studies*, vol. 4, nº 1, 2001, pp. 101-118.
- Pheterson, Gail, *The Prostitution Prism*, Amsterdam University Press, Amsterdam, 1996.
- Pignoni, M. T., “Conditions de vie et perception subjective d’une expérience prolongée de chômage”, in P. Bouillaguet e C. Guitton (Éds.), *Le Chômage de Longue Durée. Comprendre, Agir, Évaluer*, Syros, Paris.
- Pinto, Graça Alves, *O Trabalho das Crianças*, Celta, Oeiras, 1998.

- Quéau, Philippe, *Le Virtuel. Vertus et Vertiges*, Éditions Champ Vallon et Institut National de l'Audiovisuel, Paris, 1993.
- Rémy, J., e, Voyé, L. (1981), *Ville, Ordre et Violence*, PUF, Paris, 1981.
- Riley, Matilda White, "A Life Course Approach. Autobiographical Notes", in Janet Z. Giele e G. H. Eldre Jr. (Eds.), *Methods of Life Course Research*, Sage Publications, London, 1998, pp. 28-51.
- Robert, Ph., e Kellens, G., "Nouvelles perspectives en Sociologie de la Déviance", *Revue Française de Sociologie*, XIV, 1973, pp. 371-395.
- Roberts, Ken, *Youth and Employment in Modern Britain*, Oxford University Press, Oxford, 1995.
- Rouleau-Berger, Laurence, *La Ville Intervalle. Jeunes entre Centre et Banlieu*, Meridiens Klincksieck, Paris, 1993.
- Rushkoff, Douglas, *Playing the Future*, Harper Collins Publishers, New York, 1997.
- Ryan, P., "The school-to-work transition twenty years on: issues, evidence and conundrums", in *OECD Preparing Youth for the 21st Century*, Paris, 1999.
- Sahlins, Marshall, *Islands of History*, The University Chicago Press, Chicago, 1987.
- Sahlins, Marshall, "Colors and Cultures", in Janet Dolgin (Org.), *Symbolic Anthropology*, Columbia University Press, New York, 1977.
- Sartre, Jean Paul, *L'Être et le Néant*, Gallimard, Paris, 1971.
- Sartre, Jean Paul, *El Ser y la Nada*, Alianza Universidad, Madrid, 1984.
- Savitz, Leonard, e Rosen, Lawrence, "The Sexuality of prostitutes: sexual enjoyment reported by 'streetwalkers'", *The Journal of Sex Research*, 1988, 24, pp 200-208.
- Schmidt, Luísa (1990), «Jovens: família, dinheiro, autonomia», *Análise Social*, vol. XXV (108-109), 1990 (4^o-5^o), pp. 645-673.
- Schopenhauer, Arthur, *El Arte de Tener Razón, Expuesto en 38 Estratagemas*, Edaf, Madrid, 1996 (organização de Dionísio Garzón).
- Schutz, Alfred, *Collected Papers I: Studies in Social Theory*, Martinus Nijhoff, La Haya, 1964.
- Schutz, Alfred, *El Problema de la Realidad Social*, Amorrortu, Buenos Aires, 1974.

- Schutz, Alfred, *Fenomenologia del Mundo Social*, Paidós, Buenos Aires, 1972.
- Schutz, Alfred, *Estudios sobre Teoría Social*, Buenos Aires, Amorrortu, 1974.
- Schutz, Alfred, *Las Estructuras del Mundo de la Vida*, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1977.
- Sennett, Richard, *El Declive del Hombre Público*, Ediciones Península, Barcelona, 1978.
- Sennett, Richard, *La Corrosión del Carácter. Las Consecuencias Personales del Trabajo en el Nuevo Capitalismo*, Anagrama, Barcelona, 2000.
- Shanahan, Michael J., "Pathways to adulthood in changing societies: variability and mechanisms in life course perspective", *Annual Review of Sociology*, 26, 2000, pp. 667-692.
- Shaw, C. R., e McKay H. D., *Juvenile Delinquence and Urban Areas*, The University of Chicago Press, Chicago, 1969.
- Simmel, Georg, *Sobre la Aventura. Ensayos Filosóficos*, Ediciones Península, Barcelona, 1988.
- Simmel, Georg, *Mélanges de Philosophie Relativiste*, Paris, Alcan, 1912, cit. em *Sociétés, Revue des Sciences Humaines et Sociales*, n.º 34, 1991.
- Spencer-Brown, *Laws of Form*, Dutton, London, 1979.
- Spink, Mary Jane (Org.), *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano. Aproximações Teóricas e Metodológicas*, Cortez Editora, S. Paulo, 2000 (2.ª edição).
- Stake, R. E., "Case Studies", in N. K. Denzin e Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research*, Sage, London, 1994.
- Strauss, A. L., *Qualitative Analysis for Social Scientists*, Cambridge University Press, Cambridge, 1987.
- Study Group on Education and Training (Report), *Accomplishing Europe Through Education and Training*, European Commission (Education Training Youth), Dezembro de 1996.
- Sutherland, E. H., *Ladrones Profesionales*, Las Ediciones de la Piqueta, Madrid, 1993 (1.ª edição em Inglês: 1937).

- Thomas, William, e Znaniecki, Florian, *The Polish Peasant in Europe and America*, University of Illinois Press, Chicago, 1984 (1ª edição: 1918).
- Thrasher, F. M., *The Gang*, University Chicago Press, Chicago, 1960.
- Torres, Anália, *Divórcio em Portugal, Ditos e Interditos. Uma Análise Sociológica*. Celta, Oeiras, 1996.
- Torres, Anália, *A Família e a Questão Feminina*, Celta, Oeiras, 1996.
- Tournier, Pierre, *Statistiques Pénales Annuelles du Conseil de L'Europe*, Conselho da Europa, 1999, cit. por Teresa Sá, "Do Estado social ao estado penal", in Janus 2001, Anuário de Relações Exteriores, Público e UAL, Lisboa, 2000, pp. 66-67.
- Urry, John, "O Tempo, a complexidade e o global", *Boletim Informativo da Associação Portuguesa de Sociologia*, série 3, Fevereiro de 2001, pp. 2-5
- Vailt, John et al (Eds), *Insecure Times. Living with Insecurity in Contemporary Society*, Routledge, London, 1999.
- Vanwesenbeeck, Ine, *Prostitutes' Well-Being and Risk*, Vu University Press, Amsterdam, 1994.
- Weber, Max, *Economia y Sociedad*, Fondo de Cultura Económica, México, 1964 (1ª edição em Alemão: 1922).
- Weber, Max, *Metodologia das Ciências Sociais*, Parte 1, Cortez Editora, São Paulo, 1993, p. 139 (1ª edição: 1903-1906).
- Willis, Paul, *Learning to Labour. How Working-Class Kids Get Working Class Jobs*, Saxon House, London, 1977.
- Wuhl, S., *Les Exclus Face à l'Emploi*, Syros-Alternatives, Paris, 1992